



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

UFPE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DOUTORADO EM TEORIA DA LITERATURA

LUIZ ANTONIO DE CARVALHO VALVERDE

O SER E O ALÉM DO SER

NAS NARRATIVAS DE OSÓRIO ALVES DE CASTRO

RECIFE – DEZEMBRO DE 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LUIZ ANTONIO DE CARVALHO VALVERDE

O SER E O ALÉM DO SER
NAS NARRATIVAS DE OSÓRIO ALVES DE CASTRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Teoria da Literatura

Orientador: Prof. Dr. Sébastien Joachim

Recife, dezembro de 2008

Valverde, Luiz Antonio de Carvalho
O ser e o além do ser nas narrativas de Osório
Alves de Castro / Luiz Antonio de Carvalho Valverde.
– Recife: O Autor, 2008.
514 folhas.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CAC. Letras, 2008.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura comparada.
3. Análise do discurso narrativo. 4. Crítica textual. 5.
Castro, Osório Alves de, 1901-1978 - Crítica e
interpretação. 6. Identidade. 7. Literatura - Filosofia.
8. Imaginário. I.Título.

82.09

CDU (2.ed.)

UFPE

809

CDD (22.ed.)

2009-06

LUIZ ANTÔNIO DE CARVALHO VALVERDE

O SER E O ALÉM DO SER NAS NARRATIVAS DO OSÓRIO ALVES DE CASTRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor
em Teoria da Literatura.

BANCA EXAMINADORA:



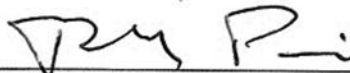
Prof. Dr. **Sebastien Joachim**
Orientador – LETRAS - UFPE



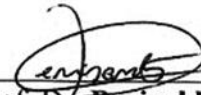
Prof. Dr. **Ermelinda Maria Araújo Ferreira**
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. **Alfredo Adolfo Cordiviola**
LETRAS – UFPE



Prof. Dr. **Rubens Edson Alves Pereira**
LETRAS E ARTES - UEFS



Prof. Dr. **Derivaldo dos Santos**
DCSH - UFRN

Recife – PE
2008

AGRADECIMENTOS

A Celeste, Tércia e Tatiana, pelo incentivo, compreensão e carinho

Ao Prof. Sébastien Joachim, que além de orientador revelou-se um mestre da arte de viver

Aos queridos professores Alfredo Cordiviola, Ermelinda Ferreira, Roland Walter, Luzilá Gonçalves, Sônia Ramalho, cujas aulas deixaram saudades

Aos demais professores da Pós-Graduação e convidados, que abrilhantaram os diversos eventos acadêmicos

À Prof.^a Ângela Dionísio, pelo grande trabalho na Coordenação da Pós-Graduação

Aos funcionários Diva e Josafias, sempre atenciosos e prestativos

Aos colegas de república estudantil Derivaldo dos Santos, Hélio Ferreira e Tânia Lima, pelo carinho, companheirismo e maturidade intelectual

Aos colegas do curso, pela fecundidade das discussões e da convivência

Ao amigo poeta José Lira, sempre um bom papo em sua paixão pelas letras

RESUMO

A presente pesquisa objetivou o estudo do processo de representação do sertanejo das margens do Rio São Francisco, na obra de Osório Alves de Castro. Aí ele é visto buscando a afirmação de sua humanidade, seja na luta por direitos elementares à sobrevivência, seja na ultrapassagem das subjetividades socialmente construídas. Os narradores focam sua atenção nos dilemas humanos, em movimentos de superação dos entraves materiais e conformações simbólicas que reduzem possibilidades de realização. Assim, alguns personagens são vistos em busca da afirmação de uma identidade, enquanto outros empreendem o salto para além de si, abrindo-se para o Outro e o diverso. Mostraremos como esses dois movimentos interferem na configuração das obras estudadas, a depender da filosofia implícita nos diferentes momentos analisados.

PALAVRAS-CHAVE: representação, sertão, identidade/pós-identidade, filosofia/configuração narrativa.

ABSTRACT

The present research aimed the study of the representation process of the interland people at the shores of Rio São Francisco at Osório Alves de Castro's novels. So, we can find them looking for the affirmation of their humanity, having in mind elementary rights for survival, or the surpassing of subjectivities socially constructed. The narrators focus their attention on human dilemmas, by movements of overcoming the material troubles and symbolic conformations that reduce realization possibilities. In this way we are going to see some characters trying to affirm an identity, while others

go beyond themselves, opening themselves to the other and diversity. We are going to show how these two movements interfere in the configuration of the studied novels, due to the implicit philosophy in the different moments analyzed.

KEY-WORDS: representation, interland, identity/post-identity, philosophy/narrative configuration.

RÉSUMÉ

La présente recherche objective l'étude du processus de représentation du sertanejo des marges de Rio São Francisco, dans l'oeuvre de Osório Alves de Castro. Il est vu ici cherchant l'affirmation de son humanité, soit dans la lutte par les droits élémentaires à sa survie, soit driblant les subjectivités socialement édifiées. Les narrateurs focalisent l'attention aux dilemmes humains, dans un mouvement de dépassement des difficultés matérielles et des conformations symboliques qui réduisent les possibilités de réalisation. Ainsi, quelques personnages sont vus en quête d'affirmation d'une identité, tandis que d'autres entreprennent le saut au delà du soi-même, et s'ouvrent à l'Autre et au divers. On va montrer comme ces deux mouvements interfèrent dans la configuration des oeuvres étudiées, selon la philosophie implicite dans les différents moments analysés.

MOTS-CLÉS: représentation, sertão, identité/dépassement, philosophie/configuration narrative.

Sumário

Introdução	1
------------------	---

Primeira Parte

A busca do ser no espaço narrativo

I. O ser na carne, na terra imaginária, na escritura encenação	9
II. Estratégias de figuração.....	16
III. História, memória, reconstrução: a lírica da Osório Alves de Castro.....	27

Segunda Parte

Ser mulher no São Francisco Rio-Mundo

I. Mulher, no coração e no acerto do mundo	36
II. Os apelos do Mesmo e a pequena margem de ser mulher.....	47
III. Maria descendo o rio, rumo ao Horto do Senhor, espanto.....	59
IV. O nascimento do mito.....	68
V. Encontros e descaminhos na confluência do Grande Mundo.....	92
VI. Pai, padrasto, além de si e do tempo.....	111
VII. Maria ante o novo pacto existencial, desbordando o ser na cultura do Outro.....	130
VIII. Caminhos e tropeços do Estado Nação.....	151

Terceira Parte

Ser Nordeste

I. Os embates do Mesmo e do Outro.....	169
--	-----

II. Os filhos do medo – o nascimento do “herói”.....	184
III. Estados coronelísticos a contrapelo do Estado.....	191
IV. O nordestino constrói o mito para além de si e do sertão.....	197
V. O santeiro João rasga a máscara – retorno à temporalidade.....	206
VI. O Ser no pasmo, redobrado aprendizado no maravilhoso.....	209
VII. O herói engatinha, afia as garras para sagrar-se um crítico do mundo.....	214
VIII. O ser e o sonho, alegria dos humildes preparando a queda.....	222
IX. Orindo ressurge homem, de repente sábio, filosofando.....	228
X. Orindo lançado à sorte: o salto para além de si.....	242
XI. Novas territorialidades, velhos desencontros.....	269
XII. Coronéis da vida e da ficção.....	278
XIII. O retorno às origens – a dança das identidades.....	287

Quarta Parte

Ser retirante

I. Orindo além de si, na pele do retirante Bahiano Tietê.....	314
II. O ser flutuante vencendo a correnteza: territorialidades.....	325
III. Os caminhos da desumanização.....	335
IV. Na diáspora: encontros, comparações, estranhamento.....	343
V. Bahiano Tietê, um solitário testando fronteiras.....	357
VI. O sertão para além do humano, terra do mito e do bicho homem, animal à espreita.....	381
VII. O retorno ao centro, novas territorialidades.....	394
VIII. Nos confins do sertão, os estertores de uma civilização.....	412
IX. Bahiano Tietê e as últimas fronteiras.....	419

Quinta Parte

O além do ser na composição da obra osoriana

I Osório Alves de Castro e as imagens do sertão na literatura.....	455
II O ser e a forma no discurso literário.....	468
III O além do ser como estratégia de figuração.....	473
Conclusão.....	485
Anexos.....	491
Fortuna crítica.....	496
Referências	499

INTRODUÇÃO

Focamos essa pesquisa no estudo da representação do sertanejo das margens do Rio São Francisco, nos romances *Porto Calendário* (1961), *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* (1978) e *Bahiano Tietê* (1990), de Osório Alves de Castro. Tomamos como fio condutor o processo de afirmação do ser, enquanto luta por uma identidade e usufruto de direitos. Entretanto, alguns dos personagens nas narrativas tentam a ultrapassagem desses estados de afirmação individual, rumo à realização do humano em sua plenitude. A perspectiva filosófica adotada nesta pesquisa considera o ser em sua contingência, enquanto construto articulado pelo imaginário, como alternativa à impermanência desestabilizadora.

As diversas instâncias narrativas, envolvendo narradores, o autor implícito e personagens, compartilham da busca do entendimento dos sistemas de dominação que passam constantemente pela manipulação do imaginário¹. Os personagens, em sua maioria, estão jogados no mundo em estado crítico e tentam superar heroicamente o espanto. Resistindo à animalização em que as estruturas do Mesmo tentam aprisioná-los, eles avançam no processo de humanização não sem certa dose de imaginação que alarga as suas possibilidades de auto-criação. Nesse processo, a mulher vai estar no centro das articulações visando afirmar a igualdade de direitos e possibilidades existenciais perante os homens. Trata-se de uma luta heróica tendo em vista as barreiras sociais e também as erguidas na convivência conjugal. O percurso crítico adotado tem, nos diálogos e comparações de ordem teórica e estética que buscamos, o intuito da valorização e resgate dessa obra que consideramos das mais valiosas e representativas de nossa formação e identidade cultural nacional.

A orientação dessa pesquisa é temática, estética e ética. Procurou-se o sentido na diversidade os fatos humanos e de seu ambiente cósmico e sobrenatural ou sagrado, ao rastrear as pegadas, os gestos, os dizeres do homem sertanejo em busca do reconhecimento que um deus maligno parece lhe recusar. A problemática existencial está assim no cerne do trabalho. Por isso é que se observou atentamente essa amostragem do ser brasileiro que vive nas fronteiras do absurdo instaurado como

¹ A idéia de “autor implícito”, recorrente ao longo desta pesquisa, baseia-se na concepção de Wayne Booth de uma voz identificável entre os personagens e narradores, que acaba por trair a presença autoral, sua visão de mundo.

sistema social-político-econômico. Nesta perspectiva a função da obra de arte é cognitiva e produtiva. Esta se revela um instrumento de conhecimento cujo espectro sobrepuja aqueles saberes que historicamente se posicionaram como exclusivos detentores da ciência. A obra poética fala de coração para coração, de imagem para imagem, formadas na sintonia entre emissor e destinatário, adiantando procedimentos de renovação social. Instaura uma revolução silenciosa e constante, aqui e ali, hoje e sempre deslocando processos de subjetivação constituídos.

As obras aqui analisadas nos impõem grandes desafios dada sua abrangência enciclopédica. Elas pensam o homem local, metonimicamente lançado para o universal. Essa plurivocidade da escrita osoriana reflete evidentemente suas muitas leituras, mas é principalmente produto de sua enorme sensibilidade artística espalhando-se no entendimento do mundo. Assim, os diferentes pensadores que aqui aparecem têm o sentido de ajudar a clarear o pensamento do autor, valorizando a agudeza e perspicácia com que se debruçou sobre nossa gente e sua história.

Pensadores como Ernst Cassirer dão suporte à opção adotada de operar por imagens para obter uma melhor definição das imagens da densa obra em estudo. Esse filósofo da linguagem simbólica contesta a capacidade da linguagem objetiva em dar conta do “caráter imediato das *coisas*” e ainda menos do “caráter imediato da *vida*”. A linguagem que todos julgam compreender, podada de todas as diferenças do psiquismo real, em vez de ascender às camadas da espiritualidade universal, desce ao comum e ao banal.² Cassirer afirma que o sentido deve ser buscado no interior das formas, no *modus*, e não naquilo que expressam. De forma análoga, Bachelard argumenta que o passado cultural não conta; é ineficaz o trabalho de relacionar e construir pensamentos. O leitor deve estar presente ao instante da imagem, aquelas que em sua novidade aportam uma filosofia.³

Ao contrário da reflexão filosófica, que no pensamento científico requer que a nova idéia se integre no corpo de idéias já aceitas, mesmo que provoque neste um processo de remanejamento, a “filosofia da poesia [...] deve reconhecer que o ato poético não tem passado...”⁴

Assim, podemos afirmar que o trabalho crítico proposto busca descortinar na análise das imagens poéticas a total novidade do mundo narrado. Uma atividade deveras

² CASSIRER, 2001, p. 190-1.

³ BACHELARD, 2003, p. 1.

⁴ BACHELARD, 2003, p. 1.

salutar, que propicia o exercício das capacidades ideativas e da sensibilidade. A escrita de Osório Alves de Castro exige um leitor criativo, capaz de iluminar aspectos teóricos e filosóficos inerentes às obras, no andamento do seu próprio fazer crítico. Não ousou afirmar ser eu este leitor. Foi feito o possível para não desmerecer em demasia a estatura da obra. Ela incita o pensamento a se projetar para além do já proposto pelas diferentes escolas, num pacto de entendimento das estratégias do narrador, articulando novas possibilidades de ser, transformadas em presença por suas personagens. Trata-se de uma proposta ambiciosa, que nos obriga a visitar diferentes teorias, às quais a complexidade do texto de Osório nos convida, contrariando em parte o que estabelecemos acima como norteamento, ao trazer o pensamento de Cassirer e Bachelard. As diferentes contribuições aqui aportadas têm a função de valorizar o processo de criação artística.

Procuramos dar conta da obra de Osório Alves de Castro pelo viés filosófico-poético, operando por imagens, num sistema de analogias com as imagens dos textos estudados. O percurso crítico aqui adotado dialoga acentuadamente com a filosofia, pois é a isso que nos convidam os narradores na obra de Osório: pensar o homem brasileiro e trazer à luz as armadilhas de apreensão do seu ser em subjetividades que reduzem suas possibilidades de realização. Mas a filosofia aqui atua como operador que possibilita descortinar a configuração estética e a dimensão ética, que colocam o romance osoriano na linha de frente da produção literária brasileira. Cumpre, infelizmente, ressaltar o vazio crítico e o esquecimento por parte do mercado editorial a que foi relegada essa obra. Assim, o presente estudo teria a finalidade última de alavancar, a partir das provocações aqui colocadas, o processo de seu resgate perante a crítica e o público.

A obra de Osório Alves de Castro se afigura como um instrumento sensível a fazer ressoar a música do mundo. Pontilhada de imagens carregadas de lirismo, ela incita a uma reflexão sobre a condição do homem. Devido à forma complexa e aos infindáveis fios narrativos que a perpassam, exige um percurso crítico amparado numa multiplicidade de enfoques. Optamos em muitos momentos por realizar uma crítica escrita, no sentido atribuído por Barthes, utilizando-nos de imagens, metáforas que jorram para além do conceitual que acabaria por roubar ao texto literário os atributos de artefato único e intraduzível em linguagem objetiva. Na esteira de Roland Barthes, Leyla Perrone-Moisés define o texto como indescritível por qualquer ciência particular. Ela o vê como subversão da sistemática, “O texto só pode ser descrito (assim como a

escritura, que é a prática do texto) de modo fragmentário, constelado, relampejante”.⁵ Adotando esse ponto de vista, utilizamos uma abordagem crítica que respeita o caráter dialógico dos textos, que assimila estes a uma espécie de rizoma. Nosso principal esforço hermenêutico consistiu em tornar acessíveis as passagens mais caóticas. Seguimos a lógica e a coerência das imagens as mais insólitas, a fim de que um público mais amplo possa apreciar a genialidade do autor.

Os estudos e teorias que aqui comparecem ensejam comparações e diálogos com o mundo que nos salta aos olhos quando da leitura dos romances pesquisados. Procuramos demonstrar, nesse espelhamento entre o universo narrado e sua concepção pelo discurso histórico e pela cultura, a lucidez e lirismo com que o autor através das diferentes vozes presentes no texto apresenta os aspectos mais sutis da condição de ser nordestino e brasileiro. Buscamos também aquilatar como o posicionamento do autor implícito frente aos problemas existenciais ajudaram a definir a configuração artística das obras estudadas. No sentido de situar o romance osoriano na literatura brasileira do século XX, realizamos um estudo comparativo com alguns dos mais expressivos representantes do romance regionalista que tem como foco o sertão.

O trabalho de tese é composto de cinco partes divididas em sub-temas. São elas: A Busca do Ser no Espaço Narrativo; O Ser Mulher no São Francisco Rio-Mundo; Ser Nordestino; Ser Retirante; O Além do Ser na composição da obra osoriana. A primeira trata de aspectos conceituais e formais do processo de representação. Na segunda parte vemos em *Porto Calendário* a valorização e afirmação da identidade feminina. Na maioria das vezes, as mulheres se articulam subterraneamente. Tramam contra os desígnios dos homens, instituindo novos objetos do desejo que as realizem para além dos papéis tradicionais. Se nesse romance a ação das mesmas é muitas vezes velada, em *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* assume um caráter ostensivo e de liderança rumo a um equilíbrio das relações entre os gêneros. A terceira parte aborda o ser nordestino em suas peculiaridades. Observa-se o modo como o sertanejo reage aos fatos originários de uma estrutura de poder que o submete. Busca no maravilhoso e no mito a explicação dos fenômenos. Seu modo de comunicação envolve uma expressividade corporal. Os trejeitos se harmonizam com a fala, dando às passagens uma composição cinematográfica. Na quarta parte, a falta de condições de sobrevivência e realização dos anseios humanos leva principalmente os mais jovens, como podemos ver em *Porto*

⁵ PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 51.

Calendário, à busca de novos horizontes. O sertanejo fora abandonado pelos céus. Descrente das promessas messiânicas colocadas à prova nos eventos de Canudos, agora ele se volta para a melhoria de suas condições sócio-econômicas, não vendo outro caminho senão a diáspora. A temática da migração vai ser então um dos principais fios narrativos do romance *Bahiano Tietê*. Fazemos aqui uma comparação entre a estrutura paternalista, baseada na troca de favores predominante no sertão e a estrutura de exploração impessoal e desumana que o migrante vai encontrar em São Paulo. A quinta parte faz um estudo comparativo dos romances de Osório com algumas das obras mais representativas do mundo sertanejo, buscando constatar os reflexos formais da filosofia osoriana na configuração da sua obra. As subdivisões da segunda, terceira e quarta partes receberam títulos que procuram sintetizar o espírito dos blocos de imagens nas narrativas analisadas. O enfoque predominante nessas partes segue o eixo sintagmático, respeitando a seqüência das imagens mais expressivas. Por seu turno são estas que direcionam os diálogos, apontando aquelas teorias e princípios filosóficos capazes de iluminá-las, valorizando o texto literário.

Tomamos como referencial crítico nessa pesquisa, além dos autores já mencionados, os pensadores Deleuze e Guattari. Aludimos acima ao conceito de rizoma. Referimo-nos também ao longo do trabalho aos agenciamentos corpóreos, em regime de maquinação, e os não-corpóreos, de enunciação coletiva. Isso se justifica ao repararmos que alguns personagens de Osório dedicam o seu tempo a burlar *imperativos* e *intimações*⁶, tentando afirmar a sua humanidade.

Esses imperativos e intimações, em se tratando da cultura brasileira, com recorte no sertão nordestino, serão bem compreendidos se tivermos como contraponto estudos de sociologia, antropologia e história que iluminam os processos de formação do povo brasileiro e de consolidação das estruturas sociais e de poder no país. Entre esses podemos destacar os trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Maria Isaura Pereira de Queiroz, entre outros.

No que se refere aos estudos de teoria e crítica literária que trazemos como referencial, Antonio Candido estabelece relações entre contexto e forma na arte; Durval Albuquerque demonstra o peso da ideologia na conformação da literatura regional nordestina; Roberto Schwarz fala da importação de idéias e modelos sociais, o que vai se refletir na literatura, gerando anacronismos sócio-culturais. Na esteira daquelas

⁶ DURAND, 2002, p. 41, fala do trajeto antropológico, “produto dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio”.

teorias que vêem a idéia de nação como uma construção do imaginário, dado que não passa despercebido pelos narradores das obras em estudo, Sandra Jatahy Pesavento considera o Brasil como o espaço onde o simbólico e o metafórico sobrepujam a realidade.

Ampliando o referencial teórico, elencamos os estudos de Lukács, Terry Eagleton e Lucien Goldmann, que dão ênfase à literatura romanesca como instrumento do desmascaramento das ideologias e estruturas que aprisionam e manipulam o homem. Tais estudos servirão de contraponto crítico à estrutura imagético-discursiva das narrativas em estudo. Enquanto esses teóricos discutem o marxismo como teoria científica das sociedades humanas e da prática de transformá-las, para se libertarem de certas formas de exploração e opressão, os narradores em Osório Alves de Castro (militante comunista não sectário) olham o homem como sujeito de uma *práxis* que ultrapassa os enfrentamentos. Apresentam-nos a aventura humana no fio tênue da beleza, ao equilibrarmo-nos sobre o abismo do trágico que nasce da nossa condição animal em busca do sublime. Esse é o ponto em que o homem dá as costas à sua configuração predatória, a disputar com seus semelhantes, para afirmar o sonho de humanidade. Nesse percurso dos narradores osorianos, a crítica marxista torna-se insuficiente para dar conta de um imaginário que tenta dar o grande salto na ideação de um mundo mais humano.

Outros pensadores vão ajudar a clarear o percurso do homem nordestino em seus pontos de contato com o mundo, fricção por vezes dilacerante que guarda pequenos lapsos, remansos em que a subjetividade consegue respirar. São direcionamentos importantes visando entender o processo de contingenciamento do homem, em que forças sociais, econômicas e da cultura condicionam e delimitam seu espaço de realização. Dentre estes, Ortega y Gasset traz uma importante contribuição para o entendimento do processo de formação, não raro de deformação das identidades ao falar das implicações dos usos e costumes no horizonte vivencial do homem. Ele considera o uso como uma ameaça presente no espírito, uma eventual violência, coação ou sanção dos demais contra cada um.

Aprofundando esta discussão, Michel Foucault vê o poder como uma prática social constituída historicamente, e que intervém materialmente atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos, o seu corpo, que se situa ao nível do próprio corpo social, perpassando a vida cotidiana e a relação entre os seres humanos. O autor fala do poder disciplinar, invisível e discreto, a permear as relações em todos os extratos sociais e que

substituiu o sistema absolutista que fazia inversamente a demonstração ostensiva, brutal e inequívoca do poder real. Ele pensa nessa coerção ininterrupta que mantém o corpo em constante sujeição, numa relação de docilidade-utilidade a que chama de “disciplinas”.

Nikolas Rose, retomando Deleuze e Guattari, – na contramão do que afirma Heidegger, ao considerar a linguagem como a casa do ser, – acolhe a idéia de agenciamentos e maquinações na configuração do “Eu”, em detrimento da linguagem e do discurso. Para esse autor a linguagem e a escrita são elementos de uma técnica, que envolve treinamento, resultando numa montagem.

Heidegger fala da emergência do mundo através da manualidade, o modo de lidar com os instrumentos que se subordina à multiplicidade de referências do “ser para”, trazidas pela conformação dos mesmos e estabelecendo, num diálogo silencioso com as mãos, as instruções de sua utilização. O instrumento teria uma força presencial definidora dos movimentos daquele que o utiliza. Heidegger estaria assim apontando para o que Gumbrecht considera como a superação do paradigma hermenêutico, deixando a fonte de conhecimento jorrar das coisas e fenômenos, na própria fricção dos corpos e no manuseio.

Seguindo então uma linha filosófica que vê o ser de forma mais diluída, em disponibilidade para o diferente tentando realizar um aprendizado de bases que se poderiam chamar fenomenológicas, trazemos alguns pensadores que servirão de contraponto a teorias mais substancialistas. Entre eles, José Gil defende a idéia de se calar a especulação filosófica, para situar-se num ponto de silêncio, de onde jorraria a compreensão da existência. Emmanuel Lévinas argumenta que a ruptura da essência seria ética, numa substituição: do ser em significação, da subjetividade do sujeito em sua sujeição a tudo, tornando-se susceptível, vulnerável, ativando sua sensibilidade.

Tais idéias se afinam com o posicionamento do “herói” Orindo nas narrativas aqui estudadas. Consideramos as pressões terríveis sobre o homem nordestino, que redundarão no salto agônico do “herói” para além do ser. No entanto, esse movimento de fuga, o ímpeto para além de si rasgando as amarras existenciais e do imaginário, conduz constantemente a novas territorialidades.

Não podemos deixar de lembrar a sintonia que guardamos ao longo desta pesquisa com a crítica do imaginário, partindo das teorias do inconsciente coletivo de Jung e dos quatro elementos, de Bachelard, retomadas por Gilbert Durand em sua mitocrítica.

Tomamos finalmente as palavras de Antonio Candido como justificativa de um leque tão aberto de tendências críticas e teóricas aqui referenciadas, quando este afirma que “Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou lingüística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente.”⁷

As teorias que aqui comparecem têm em comum a busca de respostas para o ser e estar no mundo. Essas discussões podem trazer contribuições relevantes para o entendimento do homem brasileiro, tal como o vemos nos romances analisados. As narrativas de Osório Alves de Castro, que aqui estão para serem analisadas, associam prazer estético à reflexão sobre a condição humana, indicando, quem sabe, uma nova postura, um modo de ser do homem para além da subjetividade predatória, constituindo uma *hecceidade*⁸ que o redima ao estado de natureza. Assim sendo, estariam estas histórias cumprindo a tarefa primordial que a crítica marxista imputa ao romance e concomitantemente apontariam possibilidades outras para que o homem avance na consolidação de sua humanidade.

⁷ CANDIDO, 2002, p. 7.

⁸ Segundo Deleuze e Guattari (1995, p. 8), o termo indica o processo de individuação sem sujeito.

PRIMEIRA PARTE

A busca do ser no espaço narrativo

I. O ser na carne, na terra imaginária, na escritura encenação

O ser do homem nordestino tal como o vemos em *Porto Calendário* se desenha numa cadência que envolve o dizer e o expressar em gestos. Falar e viver se resolvem em harmonia. Não se observa a cisão do indivíduo, resultado da separação entre corpo e espírito, entre o físico e o mental, no ratear esquizofrênico da existência. Na abertura do romance, o personagem Pedro Voluntário apresenta-se com força suficiente para revelar o Mundo Nordeste em suas cores as mais intensas. É o típico personagem, na acepção Bakhtiniana de destino que se afirma nas marcas personalísticas e que o tornam inconfundível, radical. Coloca-se ante o mundo numa atitude desafiadora, escandalosa. É tal sua força de expressão e personalidade que se impõe ao narrador, parecendo tomar-lhe as rédeas da narrativa.

Pedro Voluntário-da-Pátria sungava o feixe de lenha, curvado, puxando a rédua de filhos, cada qual com sua carga, rompendo o areão do Cipó.

– É!...Acontece neste fim-de-era. O sertão inteiro, na penúria do estio, tá fazendo muita gente rinchar...”⁹

As alpercatas de Pedro Voluntário matracavam na poeira, estalando compassadas, misturando-se nas conversas cochichadas.

– Firmo desavença devez por todas. Comigo não, minhocão. Tenho represadas na cabeça vozes e vozes confirmando, crescendo aqui no pensamento, como lagamá nas águas. Um dia nem queria saber... e da sua imaginação atormentada, o espetáculo soltava-se nos desabafos marcados pelo delírio, gesticulando e bradando.

Escondidos nas moitas de Peixoto, os meninos gritavam para o desatino do velho.

– Tá falando sozinho... Falando sozinho com o Cão!...

⁹ *Porto Calendário*, p. 13. Doravante representado pelas iniciais *P.C.*

Ansiado, Pedro Voluntário resmungou rebatendo:

– Converso, porque tenho afirmação: vem dos antigos sem rodeios. A velhice é dona de muitos cabedais, e, se falo, falo praus meus aqui dentro – e bateu na tábua do peito sem esmorecer.¹⁰

A narrativa apresenta-se com tal expressividade que assume características cenográficas. O narrador é evidentemente quem conta suas histórias, mas nesse trabalho não deixa de ser submetido pelo personagem. Ele conta pela voz e gestual de Pedro Voluntário. É este finalmente quem guarda o dom da palavra e encanta com seu jogo de cena, o seu gingado. O ser nordestino sobrepuja o autor sertanejo na diáspora paulista, em processo de aculturação. As vozes vêm pelo imaginário, falam o linguajar da coletividade nordestina instaurada enquanto inconsciente. Uma cultura que triunfa sobre as transformações do tempo, mantendo o seu diálogo com o mágico, o arquetípico, o mítico. A narrativa traz ecos de um tempo em que o homem era apenas um animal entre tantos outros. Os filhos do velho são assimilados às bestas de carga. Apesar do conteúdo eminentemente crítico de tal representação, não se deve perder de vista o retorno inconsciente aos primórdios da formação humana. Em diversos momentos veremos que a narrativa apresenta uma sintonia entre homens, animais e a natureza em seu todo.

A voz de Pedro Voluntário fala pelo oráculo saindo das eras imemoriais. O matraquear das alpercatas levantando poeira, se misturando com sussurros do tempo, marca a fusão do homem com o elemento terra; em vozes represadas, “como lagamá nas águas”, faz-se a menção a outro dos elementos primordiais que, segundo Bachelard, falam pelo homem em sua substancialidade material. O personagem é a própria imagem do arquétipo Velho Sábio, a que se refere Jung. Carrega em si a sabedoria dos antigos, cuja voz ressoa com clareza em seu íntimo. O gestual do personagem assume a espiritualidade do ser se fazendo presença.¹¹

¹⁰ P.C., p. 14-5.

¹¹ Para Ernst Cassirer, a psicologia da linguagem gestual distingue duas formas de gestos: os indicativos e os imitativos. O gesto indicativo deriva-se biológica e ontogeneticamente do movimento de apreensão, em que o homem agarra e apodera-se dos objetos. A partir daí surgem transformações de caráter regressivo, “cujas conseqüências constituem componentes importantes de uma progressiva evolução e resultam na primeira e mais primitiva forma de movimentos pantomímicos. [...] Neste processo, o movimento de apreensão se transforma em movimento indicativo. [...] uma das mais importantes etapas no caminho da evolução que conduz do animal ao especificamente humano.” (2001, p. 178-9) Essa apreensão indicativa foi denominada “preensão do distante”, que encerra “um traço típico, um significado geral de natureza espiritual.” (p. 179) Já, o gesto imitativo constitui “o oposto de toda e qualquer forma livre da atividade espiritual. Nela, o eu é um prisioneiro da impressão exterior e de suas peculiaridades [...] As linguagens gestuais mais ricas e diferenciadas do ponto de vista do conteúdo, ou seja, as linguagens gestuais dos povos primitivos, são justamente as que mais nitidamente mostram esta vinculação com a

O personagem Pedro Voluntário da Pátria dinamiza elementos da cultura nacional e do sertão empreendendo o gesto expressivo. Esse vai além do apreendido culturalmente, para se colocar como uma entonação criativa, reunindo possibilidades inusitadas, que marcam o caráter do personagem. Ele fala, mas nas próprias palavras sente-se o balanço da vida, projetando-se para além do símbolo e do signo trazendo a novidade do dizer.

Começou ouvindo chamados aflitos vindos das profundezas da vida – os mesmos, corporificando-se na sua tribulação, fazendo-o gritar, provocante:

– Digam, infames! Digam, covardes, antes que o galo de ferro do cruzeiro da Promessa bata as asas e cante três vezes anunciando o fim do mundo... Umbelino gameleiro, porco, não regateia de mexericar pra todos, esparramando falso e solta: “Pedro voluntário ta ficando varrido, conversando com os arvoredos e os bichos”.¹²

Não se pode negar a forte interferência do mito cristão apropriado sincreticamente nas exaltações do personagem. A figura de Pedro Voluntário assume uma expressão profética tão bem acolhida no imaginário da região Nordeste. O personagem vai ganhando corpo em sua atitude de homem visionário, que prega suas verdades às vezes acolhidas com sarcasmo pelas pessoas, mas que traz em seu bojo a maneira como o sertanejo nordestino é visto por si mesmo. Ancorado no tempo mítico, guarda uma ligação íntima com os animais e a natureza. Trata-se de uma relação dialógica que aponta para a diversidade e o conflito das ilusões. O velho representa a tradição, o respeito do homem perante a natureza, e as crianças, de qualquer sorte, desfazem do seu comportamento.

Pedro Voluntário, enigmático, é capaz de atitudes que inexplicavelmente se contrapõem a qualquer racionalidade. Entretanto, consegue através delas marcar o seu caráter de homem sábio, estribado na transparência de sua maneira de ser.

impressão exterior. Ao lado dos signos imediatamente sensíveis, imitativos, as linguagens gestuais dos povos civilizados habitualmente abrangem, também, uma grande quantidade dos assim chamados “gestos simbólicos”, que, em vez de reproduzirem diretamente o objeto ou a atividade que devem ser expressos, se limitam a designá-los de maneira apenas mediata. [...] Em contrapartida, quanto mais remontamos à substância genuína e autônoma da linguagem gestual, tanto mais os meros “signos conceituais” (*Begriffszeichen*) parecem desaparecer, cedendo lugar aos simples signos que designam coisas (*Dingzeichen*.” (2001, p. 181-2)

¹² P.C., p.17.

Santa Maria da Vitória acordou alarmada: a barca do Deonízio Santo-Sé era uma tocha ardendo sem remissão... Perdoe, Barca: o desvio é um pedido renitente... Fui eu, sim...

O esgotamento ia envolvendo o velho lenhador, confundindo-se nas miragens¹³

O personagem faz uma reflexão sobre o caráter desviante no homem como uma força insistente, a que não se pode resistir. A relação é imediata, o ser se fazendo sem dobras, na superfície das interações, para além de qualquer sentimento de culpa e, no entanto, purificado. Reverencia a Barca, com letra maiúscula, como uma forma de se desculpar. O pedido de desculpas, ou o reconhecimento do engano, como quer Bachelard, seria uma homenagem à perspicácia do espírito, “quando descobrimos em nosso próprio coração o universal humano”.¹⁴ Pelo ato de destruição e a reflexão que se segue, o personagem traz para o âmbito da consciência seus impulsos inconscientes, o que resulta em auto-conhecimento.

Observamos a cada passo a conformação cenográfica da narrativa. O dizer parece ganhar uma conformação tridimensional, dada a força expressiva.

Acredito é no encanto, Sá Catarina Ferro. Se ninguém sabe de onde ele vem e de onde ele é, dá testemunho as cantorias dos abecês afirmando: “*Vem do Porto das Calendas onde tuto-tudo se dará*”.

Sá Flávia tentou repetir a velha cantiga, mas interrompeu de repente. Sá Catarina estava rezando assustada.¹⁵

A cena apresenta-se como uma confissão do ser nordestino imerso no imaginário: “Acredito é no encanto”. Podemos sentir o poder das cantorias enquanto embalo e revelação da vida, modo de acolher as formas de ser e estar no mundo. Mas a relação é dialógica. Há de outra sorte os que se pautam pelo imaginário da expiação terrena dos pecados, do sentimento das culpas ancestrais, senão das próprias. A narrativa é constantemente ultrapassada pela encenação. As palavras consubstanciam imagens com forte apelo à visualização, como “Sá Catarina estava rezando assustada.”

Para Ítalo Calvino,

¹³ P.C., p. 19.

¹⁴ BACHELARD, 1994, p. 147.

¹⁵ P.C., p. 20.

Diversos elementos concorrem para formar a parte visual da imaginação literária: a observação direta do mundo real, a transfiguração fantasmática e onírica, o mundo figurativo transmitido pela cultura em seus vários níveis, e um processo de abstração, condensação e interiorização da experiência sensível, de importância decisiva tanto na visualização quanto na verbalização do pensamento.¹⁶

Seguindo na mesma direção dessa “transfiguração fantasmática” dos fenômenos observados, Bachelard entende que na imaginação predomina a deformação das imagens captadas pelos sentidos.¹⁷ Podemos afirmar que as imagens inovadoras, ao fragmentar e reordenar os sentidos previsíveis que circulam na cultura, trazem em sua força uma potência para ser, marcando presença. Nesse sentido, Bachelard afirma que, “Em sua novidade, em sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio”. Em sua repercussão, “a imagem poética terá uma sonoridade de ser.”¹⁸ A força criadora do artista parece reordenar o universo. O potencial das palavras é despertado na interseção com o pensamento criativo, ganhando vida própria. O mesmo ocorre quando o escultor se depara com o bloco de mármore, conforme podemos ver no poema de Miguel Ângelo comentado por Panofsky. O artista ao mirar a pedra bruta acaba por divisar a figura que cresce em relação à matéria por lapidar: “De uma pedra alpestre e dura/Uma viva figura,/Que cresce mais lá onde a pedra diminui:/Assim certas boas obras,/Para a alma que estremece,/Ocultam a massa da própria carne/Com sua casca inculca e bruta”¹⁹ Assim como as palavras, a pedra guarda essa potência para se fazer em forma e expressão do imaginário. O pintor Dürer, ainda segundo Panofsky, fala do manancial inesgotável do artista genial para projetar o único e inédito, “um bom pintor está interiormente repleto de figuras e, se pudesse viver eternamente, teria sempre algo de novo a extrair das Idéias interiores [...], para colocar em suas obras.”²⁰ No caminho da realização discursiva, as narrativas de Osório Alves de Castro ascendem a essa força presencial, como vimos em “Sá Catarina estava rezando assustada”. O significativo “rezando”, que traduz uma entrega ao criador no caminho da paz interior, é subvertido por “assustada”, comprometendo as expectativas. Podemos evidentemente

¹⁶ CALVINO, 1997, p. 110.

¹⁷ BACHELARD, 2001a, p. 1.

¹⁸ BACHELARD, 2003, p. 2.

¹⁹ PANOFSKY, 2000, p. 113.

²⁰ PANOFSKY, 200, p. 121.

atribuir sentidos variados à realização da cena, mas o apelo mais forte firma-se na materialidade visual que a mesma impõe. Podemos inserir a passagem no que Panofsky chama de “mundo das *formas* puras”, “portadoras de significados *primários* ou *naturais*”, o “mundo dos *motivos* artísticos”, em oposição ao “*conteúdo temático, secundário* ou *convencional*”.²¹ Observa-se uma tendência volumétrica, corpórea, a que associamos a idéia de *cultura de presença*. Esta alicerça-se em outro paradigma para além da simples interpretação dos fenômenos do mundo, buscando a interação das coisas, sua fricção, tangibilidade, o que exige um esforço de superação dos condicionamentos da *cultura de significado*, que ganhou força na Modernidade, a partir de Descartes, tendo a hermenêutica como paradigma.²²

A imagem do desalento, da busca de uma saída, fica marcada na passagem: “—...A cidade dia-a-dia ficando cheia de mulheres chupadas com os olhos estirados nos caminhos. [...] —Desgraçada a terra, juro: que as crianças são geradas na fome e na angústia...”²³ O modo de expressão resulta nessa cena carregada de apelo visual, em que vemos as mulheres esqueléticas, os olhos grudados nos caminhos. A Mãe-Terra é aqui olhada como entidade adversa, que suga a vitalidade de seus filhos. O ser nordestino, assim se afigura não como ser-em-si, mas como ser voltado para a alteridade, para fora dos limites do seu universo, potencializando o ímpeto para o deslocamento. O olhar fixa-se na paisagem distante, idealizada na cidade grande ou nos cafezais do interior paulista transformados em referencial, em foco de enunciação de outro pertencimento imaginário. Assim, mesmo os que não viajam fisicamente, os que ficam, já estão contaminados. As notícias que chegam fundem-se às concepções locais, deslocando probabilidades de ser antes bem estabelecidas. A sociedade transitou de uma conformação endógena, de ser voltada para si, direcionando o olhar para o exterior de sua paisagem social, urbana e agrária. Aqui observa-se um caminho que parece oposto ao que Paul Gilroy aponta nas comunidades negras das Américas, de se refugiarem no passado, como um lar temporário que lhes abriguem das forças que os tentam submeter.²⁴ Os personagens das narrativas em estudo voltam-se para o futuro. São Paulo é o futuro, a civilização que poderá lhes proporcionar um destino diferente. Passa assim a ocupar o papel simbólico de terra da esperança de realização de sua humanidade. Como veremos ao longo desta pesquisa, o narrador aponta para um ir além das

²¹ PANOFSKY, 1995, p. 21.

²² GUMBRECHT, 2004.

²³ *P.C.*, p. 20.

²⁴ GILROY, 2001, p. 354.

limitações. Os personagens fogem aos apelos da vitimização e ao saudosismo, contrariando as tendências do romance regionalista do Nordeste, discutidas por Durval Albuquerque. Procuram sempre recomeçar a partir do infortúnio, perdoando, de outra sorte, o delírio dos que os tentam submeter. Centram sua ação na busca do reconhecimento de sua humanidade. Observa-se aqui um movimento de ruptura com a pátria sertaneja que os abrigara por incontáveis gerações. E, ao contrário do que fala Bouchard, a respeito das utopias coletivas de recomeço que motivaram numerosas sociedades híbridas na América Latina, com vistas à construção de uma nova raça cósmica, de uma nova civilização²⁵, os personagens aqui buscam uma solução que envolve pequenos grupos de migrantes, que acabam por seguir um destino individual, visando ao próprio bem estar e investimento na condição de possuidores. Esse voltar-se para o exterior atestaria o limite, o desespero a que foram levados? Como veremos na narrativa de *Bahiano Tietê*, a migração será o limiar entre a organização social com características comunitárias e a chamada sociedade individualista, que se organiza em classes sociais, expondo o homem a fortes abalos, deslocamentos de seu ser.

De qualquer sorte, essa expectativa para fora e para além de si e das condições presentes pode refletir imaginariamente uma solução diferenciada da crise histórica ligada ao passado vergonhoso da escravidão. Uma solução que se torna simbólica e emblemática do pensamento do autor implícito que aponta para a superação do passado pela assunção de um olhar atento ao momento presente, detentor das reais possibilidades de transformação da existência.

Pudemos verificar, no que tange à forma de narrar, um apelo visual bastante significativo, estabelecendo um vínculo forte entre a palavra e o gesto descrito, que faz com que os corpos ganhem volume. Ao lermos as narrativas de Osório Alves de Castro, somos constantemente confrontados com seres que se revelam para além do signo lingüístico. Gente de carne e osso ganhando vida no sopro das confabulações dramáticas que sustentam os personagens. Da fusão da idéia com a imagem figurativa nasce a impressão de completude e compreensão momentânea, relampejante, dos percursos do homem. Daí ser importante associar a discussão de forma e conteúdo. Sem o pensamento que inove as relações, a palavra é só imitação do já dito. Não se impõe como mundo em possibilidades. Permanece flácida e não perdura.

²⁵ BOUCHARD, 1999, p. 66-7. Trad. Luiz Valverde.

II. Estratégias de figuração

Do processo *de desrealização do real e realização do imaginário*, operações assinaladas por Wolfgang Iser,²⁶ advém o valor formal do romance de Osório Alves de Castro. O autor traz a História para dentro da história, fazendo uma releitura que vai desestabilizar o discurso oficial, por uma estética desviante. A leitura do real e da memória vai assumir a forma poética de dizer o mundo, esboçando uma filosofia. Assim as marcas do real, os seus indícios, vão perder o peso da linguagem pragmática para ganhar outros campos de força pela percepção de realidades que fogem ao senso comum e às limitações da racionalidade dando livre curso aos fluxos do imaginário embalado por ritmos e sonoridades. Tal estratégia leva a uma nova dizibilidade dos possíveis conformada em obra de arte e forçando o leitor, como diria Iser²⁷, a desfazer-se de suas certezas.

Nas narrativas de Osório, o contexto social, a memória histórica e os mitos vão ser elementos estruturantes do enredo. A perspicácia do narrador a tudo penetra em olhares que vão desvendando sutilezas para mostrar não a face naturalizada da gente humilde do sertão, mas colocando na voz dos personagens a agudeza de olhar para o mundo filosoficamente. Tal procedimento é fruto de uma postura atenta diante da existência e afirmativa de uma visão de mundo que rejeita a injustiça e aponta no sentido da utopia.

A escrita de Osório submete os sentidos do discurso ao efeito estético. Como diria Roberto Schwarz em relação a Machado: *tratava-se de significar deliberadamente às expensas do que ficava dito: o verbalizado cede o passo à composição e situa-se num plano de complexidade inferior ao dela.*²⁸ Comparativamente a outros escritores que, na esteira do romance dito regionalista, tiveram como foco as relações sociais no sertão nordestino, a escrita de Osório se destaca por articular o enredo de forma poética. Poderíamos falar de um *primado do procedimento sobre as opiniões*²⁹, como assinala Schwarz em relação a Flaubert, Zola, Henry James, Dostoievski; de *redefinição pelo nexos imanente, em chave de ambigüidade sistematizada e figuração enigmática da*

²⁶ ISER, 2002.

²⁷ ISER, 1980.

²⁸ SCHWARZ, 2000, p. 186.

²⁹ SCHWARZ, 2000, p. 180.

*história contemporânea*³⁰, em relação a Flaubert. Nas narrativas em estudo tem-se como que teoremas a serem desvendados pelo leitor.

– Fiquem sabendo irmãos. As luzes se misturam nas aragens onde há o bafo das águas e o cantar dos passarinhos e juro pra vocês. Chamam de Canudos, que Deus o tenha!... Para lá seguiremos e atenderemos o Santo Conselheiro porque dele temos confirmação. A República assalta as nossas posses, intriga nossos filhos, assassina os nossos irmãos! Quem não sabe? Mataram mil dos milhões em prece dos que levariam os cedros e os vinháticos chegados a Uauá com os quais seriam levantados os altares do Horto Sagrado. “Dominum nostrum” e é o Padre Estêves que prega e não esconde dizer: "Satanás apareceu a Maria José Prego, gente do coronel Martim Branco, senhor da fazenda Itacoterama. Ouviu ele falando do alto do túmulo de dona Janoca, a mártir; da insurreição das virgens e confinção das esposas pelas liberdades afeitas a concupiscência entre a lei e o poder deste, desses, daqueles procedentes. Compreenderam?...³¹

As referências à Guerra de Canudos e à ação da República são facilmente identificáveis. Nota-se, entretanto, a transgressão do contexto referencial pela ação do personagem. Apesar da curta aparição na história, consegue firmar sua personalidade messiânica, falando por parábolas, fazendo cortes na História, fulminando uma opinião política, exagerando em sua teatralidade as cifras. Prevalece o procedimento sobre o conteúdo. A forma de narrar se sobrepõe aos fatos. Na segunda parte observa-se a afirmação do feminino em confronto com a ordem estabelecida. O obscurantismo cristão alicerçado no sentimento de culpa condena os que vão à cata da felicidade, seja numa explosão orgástica, como na rebelião das virgens ou nos prazeres proibidos às mulheres casadas, o que as levam ao confinamento. Numa segunda voz, que se harmoniza e dialoga com o discurso da sexualidade em primeiro plano, tem-se as sutilezas que referenciam os elementos político-sociológicos a falar de uma ruptura da ética e da promiscuidade entre os mantenedores da lei e o poder. A Igreja apresenta-se como sustentáculo do Estado, a brandir o discurso da culpa e da punição visando pela repressão dos instintos a uma produtividade social. Essa representação enigmática da história cheia de lacunas, *lugares vazios*, como diria Iser, leva o leitor a se desfazer de suas certezas e realizar um

³⁰ SCHWARZ, 2000, p. 182.

³¹ *Maria fêcha a porta prau boi não te pegar*, p. 11. Doravante representado pelas iniciais *M.F.P.*

esforço de composição. Poderíamos então afirmar que esse trabalho de composição tem uma força de presença no mundo da vida, abrindo horizontes, propiciando deslocamentos do ser que se rearticula no trabalho de recomposição do texto. Os elementos selecionados ao campo de referência: conflitos sociais, sexualidade, religião, lei, poder, mitos, vão ser rearticulados, redimindo-os à identificação linear com a realidade, *convertendo-os em objetos da percepção*.³²

Em seguimento à cena que acabamos de presenciar, lê-se: *E os três sacudiram as cabeças, num sim silencioso e fatal. Receberam uma ajuda e tudo ficou acertado. A guerra sempre foi um assunto de fácil compreensão, mesmo entre homens em inferioridades totais*.³³ Tem-se essa força de sentidos, potenciada pelo não dito, desde o enigmático e fatal balançar das cabeças à história da humanidade imersa na selvageria fratricida. As palavras fogem à simples comunicação de idéias que pudessem antecipar sentidos, para formarem, em seus agrupamentos, imagens que carregam uma tensão poético-filosófica, elementos surpresa de forma a figurarem, por uma elocução inusitada, coisas por vezes conhecidas, outras subitamente reveladas pelo objeto artístico. Adorno afirma que *os conceitos sociais não devem ser acrescentados de fora às formações artísticas mas devem ser conseguidos mediante a observação exata destas*.³⁴ Roberto Schwarz vai na mesma direção ao afirmar a necessidade de nos atermos às relações sociais próprias à obra, em vez de cairmos nos lugares-comuns da sociologia local ou importada, raramente aplicáveis.

...é preciso ir ao texto e reconstituir com as próprias palavras dele o seu sistema social implícito. Feito isso, rapidamente alguma coisa se diferencia. Nos escritores bons, o sistema se estrutura, escapa ao quadro previsto e entra em terreno conceitualmente novo, capaz de revelações.³⁵

Assim a obra de arte se apresentaria como inspiradora, marcando o advento do novo enquanto presença que instaura diferenciais de ser e olhar o mundo. Se ela tem esse poder de incitamento do olhar, buscando entendimento, ela então seria potencialmente

³² Segundo Wolfgang Iser: Os elementos que o texto retira do campo de referência se destacam do pano de fundo do que é transgredido. Deste modo, os elementos presentes no texto são reforçados pelos que se ausentaram. Assim, o elemento escolhido alcança uma posição perspectivística, pelo que dele se ausenta, o julgamento que o texto fazia de seu mundo. [...] E o mundo presente no texto é apontado pelo que se ausenta e o que se ausenta pode ser assinalado por esta presença. ISER, 2002, p. 961, vl. 2.

³³ *MFP*, p. 11.

³⁴ ADORNO, 1976, p. 343.

³⁵ SCHWARZ, 1999, p. 232.

inspiradora de modificações nas relações entre o “Eu”, o Outro, o mundo dos fenômenos e das coisas. Mas essa discussão ficará para adiante, no que tange a aquilatar os pesos e insuficiências do discurso literário, como agenciador de um novo estado de ser e estar-no-mundo.

Para Iser a *seleção*, como ato de fingir, *encontra sua correspondência intratextual na combinação dos elementos textuais, que abrange tanto a combinabilidade do significado verbal, o mundo introduzido no texto, quanto os esquemas responsáveis pela organização dos personagens e suas ações. A combinação, assim como a seleção é uma transgressão de limites. O significado lexical é apagado para que um outro se ilumine.* Disso advém uma relação entre forma e fundo, com *uma constante alteração de perspectivas.*³⁶ Além disso, *cada relação formada não só muda as posições que nela se inter-relacionam, como sua realização condiciona [...] o que dela se exclui. Cada relação ganha sua estabilidade através do que exclui. O que ela rechaça se oculta sob a relação realizada e lhe dá o seu contorno. Assim, o que se ausenta ganha presença.*³⁷ Estabelece-se desta forma um *campo de co-presença* em que *as relações realizadas incidem sobre sua zona de sombras.*³⁸

Em Osório Alves de Castro há uma perfeita economia textual. O que é dito dialoga com o que se deixa de dizer, iluminando as sombras da História Nacional. A passagem seguinte de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* é exemplar:

Entre a curiosidade e a inocência, a Dió faladeira procurou romper a solidão para achar aquela coisa gozada que se chamava mundo. Excedeu-se e acendeu com a língua um perigo insignificativo que, passando pelos crivos inseguros das velhas oligarquias municipais, transformou-se no terror adiantado na decifração de um equívoco. Nele, a ordem e a segurança, a autoridade ressentia na interpretação dos casos a exaltação dos vencidos. [...]

A República que, para sobreviver, negava sua filosofia, bastou-se nos boatos e alargou seu despreparo: matava. Aceitando a realidade como um desafio e as conseqüências como um equívoco, agia com as sobras fossilizadas de uma Monarquia escravagista de doação e uma República entrosada nas paleografias doutorais.³⁹

³⁶ ISER, 2002, p. 963.

³⁷ ISER, 2002, p. 965.

³⁸ ISER, 2002, p. 966.

³⁹ *MFP.*, p. 25.

Quantos sentidos não brotam da expressão *achar aquela coisa gozada que se chamava mundo?* Transgressão de sentidos traduzida em forma poética, expressando o espírito da personagem que consegue achar graça em meio ao infortúnio, sentir a leveza quando tudo aponta para o trágico. Assim são as personagens de Osório. Muitas delas conseguem atingir um estado de imanência com o mundo, uma serenidade que ultrapassa os contingenciamentos e consegue flagrar a dimensão lírica da existência. A passagem é um desses momentos que bem representam o caráter da gente simples do país que, apesar dos infortúnios, não perde a alegria de viver. Em seguida cumpre ressaltar a idéia do despreparo institucional, das decisões tomadas sem o conhecimento crítico dos fatos, assim como a própria campanha de Canudos, que as tensões do texto evocam, fruto de um total desconhecimento da realidade. No segundo parágrafo, o autor consegue fazer uma síntese da incipiente República, que mandava seus soldados eliminarem a diferença, em vez de efetuar esforços rumo a uma compreensão dos fenômenos sociais. A ação do governo central foi marcada pela emoção e desconhecimento das causas do messianismo e do cangaceirismo. Frases como, *agora com as sobras fossilizadas de uma Monarquia escravagista de doação*, evocam a permanência dos males que assolam o país, apesar de diferentes roupagens com que se veste ao longo da História. O termo *de doação* traz à baila a própria artificialidade de nossa Monarquia, as condições atípicas de sua implantação, a dubiedade de sua efêmera existência. Em *uma República entrosada nas paleografias doutorais*, vê-se essa ambigüidade das elites de verniz liberal, inspiradas nos princípios da ciência, a maquiagem com toque de modernidade a nossa herança escravista e autoritária. Nota-se uma combinação transgressora dos elementos selecionados ao contexto sócio-histórico. Os cortes feitos no fluxo do discurso, os lapsos, colaboram para a formação de campos de força de alta densidade semântica.

Com o apelo à história não contada pela História oficial, que procura narrar os “grandes feitos” da pátria, a narrativa de Osório aponta em direção à sua desmistificação, buscando devassar os meandros da nossa origem, formação, estrutura sócio-cultural e política. Para Iser:

O texto ficcional contém muitos fragmentos identificáveis da realidade, que, através da seleção, são retirados tanto do contexto sócio-cultural, quanto da literatura prévia ao texto. Assim, retorna ao texto ficcional uma realidade de todo reconhecível, posta agora, entretanto, sob o signo do fingimento. Por

consequente, este mundo é posto entre parênteses, para que se entenda que o mundo representado não é o mundo dado, mas que deve ser apenas entendido como se o fosse. Assim se revela uma consequência importante do desnudamento da ficção. Pelo reconhecimento do fingir, todo o mundo organizado no texto literário se transforma em um *como se*.⁴⁰

O mundo representado nas narrativas de Osório é constantemente atravessado pela instância histórica, um passado problemático, que aponta para suas continuidades no presente e que a figura do autor implícito busca discutir. O narrador faz um jogo de cena. Ele repensa nossas origens e formação, assim como os meandros da política e estrutura social, estimulando o leitor, através de metáforas a um reconhecimento e modificação de suas expectativas. A fabulação, o *como se*, vai ter essa característica lúdica, de fazer um jogo que é, por um lado, um ato de conhecimento, uma busca desesperada de leitor e herói, sujeitos à contingência, para mudar estruturas de deformação do ser; e por outro, um reconhecimento, no sentido trágico de desvendar as origens, o que somos enquanto espécie e nação. Iser argumenta que a função da dissimulação pode ser *manter intactos os critérios naturais, para que a ficção seja compreendida como uma realidade que possibilita o esclarecimento de realidades*.⁴¹ Se esclarece realidades, poderíamos considerar que ela, de certa forma, desloca concepções sedimentadas, alterando a compreensão dos fenômenos e, portanto, a dimensão do ser e estar no mundo. A escrita de Osório faz o jogo duplo, no sentido de um esclarecimento de nossa realidade histórica, pois nos apresenta um universo passível de ter acontecido, ao tempo em que esgarça o discurso romanesco, pelo diálogo com a História, tentando mostrar a permanência de nossos males ao longo do tempo e a não modernização de nossas instituições, no bojo de uma cultura arcaica. No entanto o processo de ficcionalização levado a efeito pelo autor procura guardar esse distanciamento entre a ação do narrador e a objetividade. A realidade aí entra, em suas linhas gerais, como fator estruturante do enredo, que vai definir a forma do romance em seus contornos amplos. Concomitantemente, as linhas de força da narrativa vão ser aportadas pelo eu lírico do autor implícito em atos de subjetividade transcendente, que buscam a ultrapassagem do sujeito, estabelecendo uma sintonia com a alma do mundo. Esses elementos vão definir o valor artístico da obra. Na passagem que se segue podemos

⁴⁰ ISER, 2002, p. 972-3.

⁴¹ ISER, 2002, p. 973.

constatar que os cortes no fluxo do discurso criam uma atmosfera de delicadeza e ajudam a compor um horizonte que vai dar visibilidade lírica à tragédia desse existir na fronteira do ser e do aniquilamento, o *locus* de sobrevivência do sertanejo, homem brasileiro entregue à sorte:

Domitília, sem sono no piloto, sem desalentar seu instinto prevenido, já tinha avisado as companheiras de que estavam sendo seguidas, mas alternou-se. [...] Olhou para cima. Noite lisa espelhada numa voanção de luzinhas. As estrelas esfareladas no Caminho de São Tiago lhe faziam pensar em tantas coisas! ... Do velho Tiano – o cego – que de tão amigo, parecia um búzio sem lesma, zonando causos e mais causos. Que tantas histórias, meu São Bom Jesus da Lapa, estão morrendo na boca deste mundo!... Júlia estava dormindo, falando dormindo mas, ela não pôde escutar direito... Talvez estivesse brincando com o filho, que já deveria mexer em sua barriga. As crianças do Araçá sabiam, eram muito vexadas. Tornou a olhar o céu, forçou a marcha e voltou a delirar. Bons tempos aqueles em que todos de lá sabiam o nome das estrelas, uma por uma. Depois, se vai esquecendo e o céu ficando mais longe. Ficaré mais quando vier o Félix Quinto, diz a Donzalesca. Agora, já são as emendas da vida que o velho Timóteo – o coxo – não cansa de repetir e pergunta para nós, meninas: "Quem acaba primeiro, as gentes ou as estrelas do céu e das noites?" Mas, como eu não sabia, aprendia a gostar das estrelas que foram virando outros olhos em mim e aprendi a querer bem as noites estreladas.⁴²

Os cortes no fluxo da narrativa induzem o leitor a exercitar sua capacidade ideacional. Buscam um efeito de suspensão de expectativas não só em relação ao mundo narrado, como ao campo de referência, exterior ao texto. Tem-se na passagem acima a expectativa do perigo que deixa entrever uma ponta de tensão, que vai ser negada, diminuída a seguir, ao sugerir que o lume de tonalidade avermelhada que avistava seria de algum tipo de vaga-lume daquelas bandas do rio. Daí, nova quebra de expectativa, a tensão que ocupava o primeiro plano, o tema, passa a ser horizonte. Ressalta-se, então, a leveza de quem consegue olhar o céu, e pensar nos desencontros da vida. O narrador entra na pele da personagem Domitília, e fala, através do discurso indireto livre. Existe uma multiplicidade de vozes, formando um diálogo interior. Faz um passeio pela

⁴² *MFP.*, p. 27.

memória do Vale, pessoas marcantes, costumes, numa forma de narrar que transita entre poesia em alta tensão e um olhar filosófico que não se exime a um lirismo desconcertante. *Que tantas histórias, meu São Bom Jesus da Lapa, estão morrendo na boca deste mundo!...* E quando o narrador assim fala, há um duplo sentido, pois se refere ao contexto ficcional e por tabela ao universo das tragédias do povo brasileiro. Fala da companheira de viagem, num alheamento do mundo. *Tornou a olhar o céu, fôrçou a marcha e voltou a delirar.* Recai na tensão inicial, o tema volta ao primeiro plano. Apresenta o ato de falar do céu como delírio, nova ruptura de expectativa, pois, ao falar em delírio, desconstrói o lirismo relegando-o ao horizonte. Fala do céu como geografia do existir de outrora e que já não cabe no espaço vital dos cães, os Félix. Nova ruptura. A filosofia ocupa o espaço da protensão, ao se pensar na continuidade dos homens e das estrelas, em oposição ao espaço da saudade. Nova quebra e a personagem recai no tempo poético-filosófico, para dizer que enxerga pelo olhar das estrelas, olhar radiante, que foge à pequenez do olhar temporal. Segundo Iser, *a constante mudança de perspectiva fragmenta o texto em uma estrutura de protensão e retenção, com expectativa e memória, dessa maneira projetando-se uma sobre a outra.*⁴³ O leitor de repente sente-se num emaranhado de imagens, fios narrativos, vozes que trazem essa dimensão lírica, diria heróica, da existência vivida no limite do aniquilamento. Para Iser, *Os signos só ganham sua significação plena através das projeções de um sujeito.*⁴⁴ A imagem é a base da ideação. *Ela se refere ao não dado ou ao ausente, dotando-o de presença. Ela também concebe inovações provenientes da rejeição do conhecimento dado ou da combinação não usual dos signos.* Adorno, por seu turno, afirma que:

...em todo poema lírico, a relação histórica do sujeito com a objetividade, do indivíduo com a sociedade, tem que ter encontrado seu fundamento por intermédio do espírito subjetivo, voltado para si mesmo. E este fundamento será tanto mais perfeito quanto menos o poema torne temática a relação entre o eu e a sociedade, quanto mais involuntariamente cristalice por si mesma esta relação na formação lírica.⁴⁵

⁴³ ISER, 1980, p. 135.

⁴⁴ ISER, 1980, p. 135.

⁴⁵ ISER, 1980, p. 346.

Estas concepções vão ao encontro das idéias de Foucault, quanto ao estatuto da linguagem literária, que contesta a função significante da linguagem em suas determinantes conscientes.

A relação entre lírica e subjetividade abre possibilidades à realização de uma identidade na esfera autoral promovendo entendimentos do ser que se configura no espaço narrativo, como potência de realização e propulsão do imaginário delineando aberturas e motivações no ato de recuperação estética pelo leitor, co-participante do ato de criação. De acordo com Foucault, desde Mallarmé, a literatura busca a realização da linguagem em seu ser mesmo.⁴⁶ A linguagem a partir de então tenta escapar ao paradigma sujeito/objeto, em que o primeiro arbitrava o entendimento e nomeação dos fenômenos da vida. A linguagem, como insinua-se em Mallarmé, desloca a intencionalidade autoral e conquista a liberdade do jogo, enredamento de surpresas que brotam no fluxo da escritura, articulando dizibilidades insuspeitadas, ao sabor de ritmos e coloridos que parecem embalar o ato do poeta pensar e re-apresentar a vida.

A escrita de Osório Alves de Castro faz esse percurso delicado, tangenciando a fronteira entre a história ribeirinha e do país em seu todo. Realiza, ao criar esse mundo nebuloso buscando a claridade em focos inusitados sobre o espaço-mundo, o giro em torno da coisa, como fala Lévinas em sua leitura de Husserl⁴⁷, de modo a revelar perspectivas outras. Veja-se as imagens de que o autor se utiliza em *Porto Calendário* para falar da truculência e da falta de lei como cultura historicamente alicerçada na vida do Vale do São Francisco:

– Traga um 44 para ele.

Pegando a arma Orindo sentiu uma repulsa interior, mas a indecisão e o medo acabaram por dominá-lo. Doutor Joãozinho estendeu-lhe a mão fofa e morna como um pão-de-ló saído do forno. Na outra mão, o cano frio da arma fazia subir até sua consciência a acomodação. Não queria mas consentia. Era bem melhor que a zinga da barca do Capitão Antão.⁴⁸

O narrador traz a cena perante nossos olhos. Ele nada explica. Mostra-nos a injustiça e a truculência que coloca o personagem entre o regime forçado do ofício de remeiro e a vida mais “confortável” na órbita de um chefe como matador e escudo humano. O dado

⁴⁶ FOUCAULT, 2002b, p. 112.

⁴⁷ LÉVINAS, 1967, p. 37-8.

⁴⁸ P.C., p. 249.

histórico fica em segundo plano. Importa o procedimento, o jogo de sinestésias que escancara as possibilidades interpretativas. A economia da imagem permite dizer muito com pouco esforço. A passagem renderia um bom ensaio que talvez não fosse tão convincente em representar a situação paradoxal do homem “livre” do período colonial, comprimido entre os opostos de não ser senhor nem escravo. Na imagem acima, o frio dos embargos éticos contrabalança e perde para o afeto morno daquele que traz o personagem para a sua órbita aconchegante, redundando em pertencimento e territorialidade. O morno da mão fofa pode representar o reencontro com as origens comunitárias da espécie. Num outro pólo dessa entrega e ato inaugural vemos o rompimento da interdição cristã: “não matarás”. Observa-se o dilema do homem perdido entre ser-ninguém, vagando sem dono, e identidade e o seu ajustamento ao figurino que o contexto social lhe reserva. O ser-jagunço guarda no coração sensível do personagem o frio do metal que manipula como mensageiro e artesão da eternidade.

A escritura de Osório resulta dessa imersão do eu na substância trabalhada, brotando com uma naturalidade somente rasurada pelas incursões sócio-históricas mais explícitas a estabelecer fronteiras, embora incertas, entre o mundo referencial e o mundo narrado, avisando ao leitor atento que nada é gratuito, que ele não se perca em fantasias.

O narrador com sua polifonia discursiva realiza ondulações entre figura e fundo. Os fios narrativos alternam-se entre primeiro plano e horizonte, num jogo entre ficção e história que permite olhar em perspectiva a formação do povo brasileiro, apontando com lucidez a origem dos grandes problemas que persistem em nosso tempo e podem comprometer o futuro se não forem enfrentados com objetividade e dedicação:

– ...Quando o curral, carente de pouca mão-de-obra, liberou as suas sobras e a monocultura canavieira no litoral satisfez-se com o braço africano, o homem livre, desvalorizado pela concorrência do escravo e inutilizado pela liberdade, passou a viver à margem das competições. O que acontece a estes excedentes, vindo do estupro secular onde o dominante desfrutava seu rebanho de mulheres nativas e dava menor valor às suas crias do que às das vacas? A história não capenga para dançar. Na Bahia, Minas e São Paulo, a bigamia e o incesto fizeram proliferar, ao lado das castas coloniais enriquecidas, uma classe infeliz a quem só assistia um único direito: obedecer para matar. E assim fizeram para os donos da Colônia, para os Barões do Império e para os coronéis da República, esses ganhando uma promoção caricatural oferecida na solidariedade dada aos donos do poder

central... Agora me digam: Você aí velho Paulo, com sua linha de sapiência... Responda!⁴⁹

O personagem Bahiano Tietê, no romance homônimo, retoma o tema do homem liberado à própria sorte pelo sistema de produção baseado na monocultura canavieira que fizera sua opção pela mão-de-obra escrava. Se, como acabamos de ver, o narrador em *Porto Calendário* segue o regime das imagens condensadas com alto poder de incitação do imaginário do leitor, aqui o enfoque da história se dá de forma mais explícita. Os narradores alternam uma lírica desconcertante com apresentações mais explosivas, que procuram expor as feridas de nossa frágil condição de povo subalterno e constantemente burlado em suas tentativas de auto-afirmação. Elementos importantes são selecionados ao campo de referência, como a luxúria praticada contra as mulheres nativas a gerar um contingente de anônimos que não faziam parte nem da casta de senhores nem da de escravos. Eram os pobres-diabos a perambular sem dono nos vastos espaços do país não tendo outro caminho que não o da acomodação na alçada dos possuidores e detentores do poder. Esse contingente veio a desaguar na estrutura do mandonismo e na ideologia do favor, observada por Schwartz, e que emperra até os nossos dias a modernização do país.

Os narradores de Osório constantemente nos apresentam imagens intraduzíveis, como *a saudade de certos sonhos que nos acordam para sempre*.⁵⁰ Brindam-nos com verdadeiras jóias da arte de narrar poeticamente, afigurando a supremacia do procedimento sobre a idéia, o que resulta numa profusão de sentidos não muito comum na literatura romanesca. A linguagem em Osório seria o que Artaud chama, segundo Foucault, de “violência plástica do choque”, “remetida ao grito, ao corpo torturado, à materialidade do pensamento, à carne;” e que Roussel, ainda segundo Foucault, entende como “pulverizada por um acaso sistematicamente manejado”, e que “conta indefinidamente a repetição da morte e o enigma das origens desdobradas”⁵¹ Ela afirma-se enquanto ser, como chave dessa busca das origens, confrontando o destino inevitável, tentando enquanto arcabouço de existencialidade confrontar esquemas sedimentados de dizibilidade que aprisionam o ser. A linguagem assim entendida apresenta-se como “experiência”, no sentido que Foucault preconiza como ultrapassagem dos opostos

⁴⁹ *Bahiano Tietê*, p. 99-100. Doravante representado pelas iniciais *B.H.*

⁵⁰ *MFP.*, p. 66.

⁵¹ MACHADO, 2001, p. 112 apud FOUCAULT, 1966, p.395.

interioridade/exterioridade, sujeito/objeto⁵², para afirmar-se como ser em processo, realizando-se de forma autônoma. Em sua liberdade artística, abala estruturas, abrindo possibilidades outras de ser.

O texto de Osório constitui-se assim num aprendizado. Simboliza a tentativa de afirmação do homem em seu universo. Saltam aos olhos as estratégias de composição que chamamos bamboleante, com seu gingado de sentidos, numa multiplicidade e simultaneidade que se contrapõe ao relato clássico, linear. Nesse tipo de escrita somente a palavra seguinte, em sucessão contínua, conforme Barthes⁵³, portaria o sentido final a tudo que já foi dito ao longo do discurso. A esse tipo de composição equivaleria uma memória fabulosa, onipresente, que dominaria o universo da narrativa, sem nada esquecer ou deixar para o leitor ou ouvinte imaginar. Os lapsos da memória narrativa configuram a humanidade do viver. Não somos deuses. Somos frágeis e nada podemos fazer ao narrar a não ser sugerir arcabouços de universos em que o leitor vai se comprazer em completar. Levados pela busca de conhecimento do mundo, os narradores osorianos, suas personagens e o leitor estão susceptíveis a uma identidade construída a muitas vozes, se concluirmos pelas miríades de vozes que compõem nosso estado de ser e estar no mundo, moradores que somos de uma casa formada por palavras, como sugere Heidegger. Ao longo do presente estudo veremos como Osório constrói seu espaço de cintilações, para que possamos sonhar acordados, olhar as estrelas que nos colocam em nosso devido lugar de seres titubeantes a beira do nada.

III. História, memória e reconstrução: A lírica de Osório Alves de Castro

...Os rapazes da Tia Gatona, desde o menino Orindo do finado João Imaginário, reunido entre os outros, querendo fugir, passarinho preso na acusação de não ser ninguém.⁵⁴

As narrativas de Osório Alves de Castro vão seguir o tempo nebuloso da memória. O autor retoma na maturidade, há mais de 20 anos vivendo em Marília, interior paulista, o universo do sertão do São Francisco de sua infância e adolescência. *Porto Calendário*, *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* e *Bahiano Tietê* resultam dessa imersão no

⁵² MACHADO, 2001, p. 113.

⁵³ BARTHES, 2000, p. 38-48.

⁵⁴ *Porto Calendário*, p. 172. Doravante representado pelas iniciais *P.C.*

tempo, tentando repovoar o espaço em ruínas, trazendo de volta seus fantasmas. A deduzirmos da voltagem lírica com que nos apresenta os acontecimentos narrados, o autor trai a intensidade emotiva das lembranças que povoam sua mente. Jean-Yves Tadié afirma que a memorização se dá principalmente por repetição, por associação e, de forma preponderante, pelo contexto emocional e afetivo.⁵⁵ O anti-herói Orindo, personagem que revela traços autobiográficos, vai viver uma existência errante, em permanente busca de um sentido para a vida e do reconhecimento de sua pessoa. Uma luta que é do sertanejo e do povo brasileiro, condenado a um existir na fronteira entre o ser e o aniquilamento. A passagem que serve de epígrafe a este ensaio flagra o momento em que um grupo de jovens se prepara para fugir do sertão do São Francisco, rumo à fronteira cafeeira do interior paulista. Devido ao fenômeno da migração, intensificado nas últimas décadas do século XIX, os coronéis da região passaram a proibir tal prática, punindo severamente aqueles que tentassem escapar.

O material de que se serve o autor oscila entre o acontecimento vivido individual ou coletivamente e o que foi incorporado pela memória da coletividade ribeirinha, em suas mediações de ordem histórica, dos mitos e da cultura. Daí resulta todo um jogo de intensidades na ordem das sensibilidades marcadas pelo fluxo afetivo que vai definir o grau de fixação ou apagamento da experiência.

O processo de construção da memória resvala, pois, nessa fronteira entre o vivido ou pressentido, permeado por, e em permanente diálogo com, um aprendizado cultural que engloba vivências e narrativas da coletividade (sejam histórias, mitos, experiências dos antepassados, discurso histórico). Esses elementos vão formar o repertório sobre o qual vai dar-se a ação criativa. Aí interfere a figura do imaginário articulando todas essas instâncias na construção do objeto estético, convertendo a totalidade da experiência em imagens literárias, de viés eminentemente poético. Para Gilbert Durand, “a memória, permitindo voltar ao passado, autoriza em parte a reparação dos ultrajes do tempo. A memória pertence de fato ao domínio do fantástico, dado que organiza esteticamente a recordação.”⁵⁶ A postura assumida pelo “herói” Orindo que deixara sua terra natal na adolescência, para aí retornar adulto como enviado do Governo, tendo a missão de apaziguar os coronéis em constantes guerras, caminha nesse sentido de uma reparação. Ele, o neto da negra Marta, tida como feiticeira, assume uma atitude benevolente, de compreensão dos excessos desses homens rústicos, na verdade crianças sonhadoras sob

⁵⁵ TADIÉ, 1999, p. 104.

⁵⁶ DURAND, 2002, p. 402.

a máscara de coronéis temíveis. Esses relatos, difícil saber o peso auto-biográfico, alcançam elevada tensão lírica e filosófica, extrapolando para a compreensão universal do homem. Ainda segundo Durand, a infância é “o arquétipo do ser eufêmico, ignorante da morte” que mesmo em seu infortúnio não se subtrai ao encantamento do fantástico. “A nostalgia da experiência infantil é consubstancial à nostalgia do ser”, um ser integral que não se dá conta das fissuras e possibilidades de deixar de ser, diante da morte. A infância seria a presentificação do ser *anestésico*, pois em sua despreocupação não necessita de recorrer à arte. Suas recordações “são de imediato obra de arte.”⁵⁷ O narrador afirma-se como confluência da criança com o autor adulto, agenciado pelo espírito atemporal do ser jovem que olha a vida pela via fantástica, trazendo em si o espírito brincalhão que deforma as imagens, para transformar a agonia em beleza.

A memória em Osório assume um caráter onírico ou de devaneio. A atmosfera parece envolta em sombras e a vida se torna insustentável. A luz do dia parece não penetrar nos ambientes, mesmo em se achando as personagens em plena luz do tórrido semi-árido. Isso parece simbolizar a noite em que vivem os homens. Crianças morrem prematuramente, os animais definham, não vingam os seus frutos. Coronéis enriquecem inescrupulosamente mas, como que tocados pela maldição, não conseguem gerar herdeiros do seu poder e riqueza. O mundo nas narrativas osorianas é apresentado como um sorvedouro de almas e ilusões. É uma espécie de delírio dos narradores, como se não bastasse a condição delirante da própria linguagem, na idéia de Foucault, resultado do “vazio” em que se constitui, “estrutura infundada e infundável”, como assinala Ítalo Tronca, em sua leitura daquele pensador.⁵⁸ Entretanto, o delírio nas narrativas se institui como presença, nas possibilidades de um mundo virtual, não inocente, marcado por um objetivo ideológico: alertar o leitor, no sentido de que possa romper com a continuidade da injustiça e suplantar o vazio da existência, a cargo das categorias fixas que a “ética” dos possuidores apresenta como inescapáveis.

O processo de escrita de Osório, marcado por um lirismo desconcertante, povoado pelo inconsciente, atua como estímulo emotivo fazendo aflorar no texto lembranças que se enriquecem em cores atuais, mantendo sua significação. A escrita poética, com seus coloridos e ritmos, produz pelas vibrações musicais um efeito de encantamento que reaviva os indícios, as pegadas deixadas na memória. Ela reativa elementos que vão provocar o aparecimento de imagens vivas, tonalidades em que a música da vida

⁵⁷ DURAND, 2002, p. 402.

⁵⁸ TRONCA, 2004, p. 130.

recriada vai possibilitar o repovoamento da memória com imagens verossímeis, história revivida em forma de arte e que vai causar um reconhecimento, num encontro com a identidade. Tem-se a sensação de vidas não vividas e que vivemos plenamente na narrativa, gerando movimentos de ser a partir do abalo, que coloca a continuidade do existir cotidiano em suspenso. Para Jacques Le Goff, “A memória é elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje...”.⁵⁹ E acrescenta que “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”, esperando que a memória coletiva sirva à libertação do homem.⁶⁰

Os narradores em Osório Alves de Castro, na esteira do autor implícito, podemos dizer que perseguem esse objetivo. A arte deste autor está a serviço do autoconhecimento a ser buscado pelo leitor ao imergir nas narrativas e delas sair renovado. As lembranças que os narradores guardam dos fatos ajudam a compreender a história local e nacional, lançando uma claridade intensa, perante a qual os mitos e mistificações perdem o seu poder sobre o imaginário. Acaba por aflorar das narrativas uma voz estranha ao próprio autor. Ela é capaz de sensibilidades imperscrutáveis e avanços na consciência ética do mundo que jamais viriam à tona não fossem encetadas as narrativas. Os narradores, que atuam em alta voltagem poética, apenas iniciam o processo de maquinação. Os personagens cuidadosamente sonhados, como no conto *As Ruínas Circulares* de Borges, vão aos poucos ganhando vida e acabam por se descolar para trazer, em sua imaterialidade virtual, estranhamentos e idéias-força, distanciados dos complexos existenciais no entorno da subsistência e afirmação do homem escritor. Cria-se um clima, uma atmosfera à revelia dos contingenciamentos da vida que purifica a qualidade do pensamento, fazendo-o avançar, ir além do meramente dado: conceitos, filosofias, representações outras que o precederam. Assim o texto literário rasga o horizonte de expectativas para ser único, momentâneo, extraordinário.

Ítalo Calvino define com lucidez o processo de criação, apresentando a imagem que surge inesperadamente, carregada de significados que podem ultrapassar a capacidade discursiva ou conceitual. Ocorrem dois movimentos. Primeiramente, a imagem surge soberana, definindo os campos de força que vão dar vida ao processo de narrar.

⁵⁹ LE GOFF, 2003, p. 469.

⁶⁰ LE GOFF, 2003, p. 471.

A partir do momento em que a imagem adquire uma certa nitidez em minha mente, ponho-me a desenvolvê-la numa história, ou melhor, são as próprias imagens que desenvolvem suas potencialidades implícitas, o conto que trazem dentro de si. Em torno de cada imagem escondem-se outras, forma-se um campo de analogias, simetrias e contraposições. Na organização desse material, que não é apenas visivo mas igualmente conceitual, chega o momento em que intervém minha intenção de ordenar e dar um sentido ao desenrolar da história...⁶¹

Em seguida, o escritor tenta traduzir as imagens numa narrativa, transformá-las em palavras portadoras de imagens.

Ao mesmo tempo, a escrita, a tradução em palavras, adquire cada vez mais importância; direi que a partir do momento em que começo a pôr o preto no branco, é a palavra escrita que conta: à busca de um equivalente da imagem visual se sucede o desenvolvimento coerente da impostação estilística inicial, até que pouco a pouco a escrita se torna a dona do campo. Ela é que irá guiar a narrativa na direção em que a expressão verbal flui com mais felicidade, não restando à imaginação visual senão seguir atrás.⁶²

Se antes, eram as imagens que direcionavam a narrativa de forma imagética, agora são as palavras que tomam o fluxo em busca de uma convergência entre o visual e o verbal. Cumpre notar que nos dois momentos o escritor fica com o trabalho complementar de ordenar o processo criativo. As imagens visuais e verbais têm um ser próprio, que emerge na confluência das lembranças com a imaginação.

As lembranças, segundo Tadié, têm a função de registrar o contexto em que se dão os fatos a serem memorizados.⁶³ Elas agem como âncoras a partir das quais a capacidade ideativa vai exercer sua liberdade. No momento de fruição da obra, por parte do leitor, ela vai atuar desta forma. Ela cria uma atmosfera, envolvendo o espírito de época, as mentalidades, gravando-os de forma indelével na mente do leitor. Essa atmosfera exerce, fazendo uma analogia com o que fala Tadié, uma função paralela à dos neurotransmissores, de cuja ação depende a boa condutibilidade dos estímulos entre os grupos de neurônios no cérebro. Assim, por esse artifício ficcional, esses mundos

⁶¹ CALVINO, 1997, p. 104.

⁶² CALVINO, 1997, p. 105.

⁶³ TADIÉ, 1999, p. 117.

plausíveis de terem acontecido representam um efeito de suspensão das tensões existenciais, para que uma mensagem aporte ao inconsciente do leitor e ative sua consciência, provocando uma reação, um estímulo à mudança.

Para Tadié a emoção desempenha um papel preponderante, sendo nossas lembranças impressas na memória de forma independente de nossa vontade.⁶⁴ Isto se aplica tanto à voltagem lírica com que o autor vai reportar suas lembranças, mostrando marcas profundas, como vai ser essa emoção a energia com que a narrativa vai deixar profundas lembranças no leitor, levando-o a mudanças de atitude, ativando sensibilidades, abrindo novas possibilidades de ser. A obra de Osório trabalha os elementos da memória individual e coletiva. Lança um olhar crítico sobre a história, ao que acrescenta um alto grau de criatividade. As narrativas transcorrem numa atmosfera carregada de mitos e alegorias, de que os narradores lançam mão para chamar o homem à razão. Executam operações de desnudamento das mistificações a cargo da história e do imaginário popular.

Em sua terra natal, Santa Maria da Vitória, onde se passa boa parte da trama de *Porto Calendário*, constatamos que o autor é tido como um grande mentiroso. A memória afetiva, traduzida em ficção, choca-se com a história monumentalizada, a cargo das narrativas que poderíamos chamar de “oficiais” ou as que correm no imaginário popular. Aqui podemos flagrar duas tendências de aproximação com o passado: a da historiografia e a da memória artística. A primeira fundamenta-se na memória voluntária, memória-conhecimento que, segundo Jacy Alves de Seixas, citada por Ítalo Tronca, despreza a “dimensão afetiva e descontínua das experiências humanas, sociais e políticas, deixando de lado a função criativa inscrita na memória de atualização do passado com vista às utopias do futuro”. Para Tronca, “memória não se confunde com a história” que pode ser “o lugar do apagamento da memória ao privilegiar a memória-conhecimento em detrimento da memória involuntária.”⁶⁵ É nessa última perspectiva que parece se configurar a escritura de Osório, na medida em que ele apresenta o passado nebuloso do povo sertanejo do São Francisco e suas aventuras no exílio como alerta. Segue a linha utópica dos que lançam mão da literatura como processo de intervenção no fluxo dos acontecimentos.

Questionando a idéia de “realidade” dos fatos narrados, podemos falar do mecanismo da memória e sua, vamos dizer, impossibilidade de trazer os fatos, como se

⁶⁴ TADIÉ, 1999, p. 124.

⁶⁵ TRONCA, 2004, p. 129-130.

estivessem depositados em um arquivo indevassável, sem sofrer processo de atualização, um tipo de tradução que preencha os anseios e mesmo os requisitos de inteligibilidade daqueles a quem se destinam a obra literária. Para Bergson, segundo Tadié, a memória não é um reservatório, é ação, projeção, dinamismo, reconstrução.⁶⁶ Para esse filósofo, “a memória não é um reservatório de lembranças fixas, mas antes um elenco de sensações que podem, tocando o teclado de nossas redes neuronais, re-acionar as múltiplas sensações que haviam conduzido à percepção real: é uma imagem virtual evoluindo em direção a uma sensação real.”⁶⁷ O processo artístico reside justamente nesse trabalho, realizado sob os estímulos mnemônicos, seja na ordem histórica, cultural ou do interior povoado de sonhos e devaneios, ativadas por lembranças, fragmentos do próprio passado. O artista dá luz a suas projeções que envolvem possibilidades existenciais de reconstrução do mundo, já que discorda do que lhe é dado no cotidiano. Desta forma, as ofertas da memória se alçam de forma dinâmica, rompendo com qualquer fixidez. Para Durand:

A memória é poder de organização de um todo a partir de um fragmento vivido, como a pequena Madalena do *Temps perdu*.[...] A memória – como imagem – é essa magia vicariante pela qual um fragmento existencial pode resumir e simbolizar a totalidade do tempo reencontrado. E o reflexo – esboço bem humilde da memória – procede, através do que os psicanalistas chamariam “lei do deslocamento simples”, no qual é um estímulo secundário que desencadeia a reintegração e, com isso, ocupa um lugar preponderante no campo das motivações.⁶⁸

Tadié, ao falar da memória afetiva, faz distinções ao nomear a memória romântica, como tentativa de retorno aos quadros, sensações, a que foram confiados nossos sentimentos; a memória imaginativa “que reconstrói a partir da imagem trazida pela lembrança, um sentimento que cremos experimentar nesse momento”; a memória afetiva, “sentimento presente criado pelo choque afetivo da lembrança”; a memória sensitiva (que Proust chamava involuntária), em que somos invadidos por sensações anteriores, sem que a imagem da lembrança se torne consciente.⁶⁹ O processo de criação

⁶⁶ TADIÉ, 1999, p. 59.

⁶⁷ TADIÉ, 1999, p. 61.

⁶⁸ DURAND, 2002, p. 403.

⁶⁹ TADIÉ, 1999, p. 177.

artística em Osório Alves de Castro parece um misto dessas atitudes. Podemos afirmar que há um tipo de romantismo na forma como tenta desbravar o tempo pretérito de sua infância e adolescência, formando uma espécie de âncora existencial. O autor mergulha nesse tempo tentando revivê-lo na escrita. É também memória imaginativa, na medida em que presentifica o pretérito como momento vivo, capaz de criar uma empatia com o leitor. Ela causa, pela atualização dos temas propostos pelas imagens rememoradas, essa sensação de presença que nos desafia a uma mudança. Também não perde a marca da afetividade, pois aquelas lembranças são o sangue que lhe corre nas veias e torna possível sua vida de exilado. E é simultaneamente memória sensitiva, involuntária a que se mesclam as lembranças voluntárias que persistem na consciência. Esse tipo de memória é responsável pela tensão lírica e estranhezas que povoam a escrita do autor sanfranciscano. Tadié estabelece um denominador comum a todas as formas de memória a que chama de “chave”, e que representa “o estímulo que enceta a despolarização de um sistema de conexões sinápticas provocando a descarga que vai fazer aparecer a lembrança...”⁷⁰

A memória e o esquecimento são inseparáveis. Para Valéry, segundo Tadié, o esquecimento “é a adaptação do ser ao momento do espírito”, ao que este acrescenta ser um paradoxo extraordinário constatar que o esquecimento é tão necessário como a lembrança à nossa adaptação ao presente. Sem o esquecimento a vida seria impossível.⁷¹ Nada mais importante para o ofício de contar, seja na historiografia, que tenta escapar a esse destino, seja no ofício do escritor, contador de histórias. Há que se esquecer para poder lembrar. E nesse ato de rememorar, traz-se o passado atualizado pelas cores do presente, sem as quais ficaria ilegível. A chamada “ciência histórica” tentou sem sucesso chegar ao passado sem interferências. Essa postura foi considerada ingênua. A palavra de Croce virou uma divisa para a história da historiografia, como assinala Jacques Le Goff: “toda a história é história contemporânea, e o historiador, [...] tornou-se um forjador de mitos...”⁷²

Retomando a passagem do romance com que iniciamos este sub-tema, “passarinho preso na acusação de não ser ninguém”, sente-se no impulso da imagem poética o aprofundamento da discussão identitária, improvável ao tempo e lugar em que se passam os fatos narrados. Assim, podemos dizer que Osório Alves de Castro ao imergir

⁷⁰ TADIÉ, 1999, p. 206.

⁷¹ TADIÉ, 1999, p. 230.

⁷² LE GOFF, 2005, p. 135.

no passado o atualiza. Observa-o com o olhar crítico do intelectual e militante do Partido Comunista, trazendo a marca da modernidade que povoava o espírito da intelectualidade paulista e da contemporaneidade, entre os anos quarenta e setenta do século XX, período em que as obras foram escritas.

SEGUNDA PARTE

Ser mulher no São Francisco Rio-Mundo

I. Mulher, no coração e no acerto do mundo

A mulher é uma presença constante no espaço narrativo osoriano. Aparece ora em sua grandeza e dignidade, ora como uma divindade decaída, mas que de qualquer sorte se agarra a seu destino de mensageira da eternidade da espécie. Em *Porto Calendário*, a fragilidade da mulher espremida entre a honra e a fome marca essa situação limite, “Remeiro já está desgrançando donzelas a troco de um pedaço de rapadura.”⁷³ Entretanto podemos nos perguntar sobre os trâmites desta submissão em sua complexidade. A imagem é forte. Atesta a barganha uma fragilidade, a incapacidade da mulher de encetar uma luta por sua sobrevivência e dignidade. A identidade feminina teria assimilado a dependência, a despeito de um olhar que coloca a mulher nordestina como uma guerreira incansável? Poderíamos nos perguntar, porque o remeiro? Representaria este o aporte do diferente, do desconhecido com suas seduções e chamados? Ou já estaria faltando o elemento masculino, rarefeito pelas constantes guerras e migrações do sertão? E assim, a mulher ao aquiescer com a oferta estaria acolhendo o macho que a fecundaria. Desta forma o ato seria um encontro com o destino de procriar e a rapadura seria só o ponto em que se desata o nó e se adoça o mel? De qualquer sorte, o narrador aponta para o preço baixo desse bem simbólico muito valorizado ao longo da história das civilizações e que se chama virgindade.

Parece haver um déficit bastante acentuado e abrangente das diversas esferas do ser que impele as donzelas do sertão a uma realização no limite do desespero. Aninha, filha de Pedro Voluntário, quando é estuprada, por um grupo de rapazes, no dia em que desfilara na festa do 2 de Julho, vestida de Liberdade, sente saudades de tudo. “Aninha debatia-se num espaço sentimental, uma vontade de repetir tudo naquela mocidade assediada de chamados. Corria atrás dos sonhos como corria atrás dos passarinhos na

⁷³ P.C., p. 21.

várzea.”⁷⁴ A experiência fora por demais arrebatadora. Desfilando em cima de um carro alegórico, fora admirada em sua beleza. Vivera um sonho. Fora por instantes a detentora dos olhares da cidade aglomerada, instaurando-a como pessoa, utopicamente portadora de um reconhecimento, mesmo que fugaz, mas suficiente para causar um turbilhão em sua existencialidade.

O narrador aponta para uma reviravolta nas entonações discursivas que enquadram o ser mulher no espaço purificado do lar e da família. Assim ela foi vista ao longo dos tempos como um ser portador de aura em vislumbres ancestrais do inconsciente que a entronizaram como detentora do mistério da vida e cuja violação se constitui numa espécie de profanação do espaço sagrado. Aninha subverte esta visão nesses transportes da alma em que busca sua completa realização.

Entretanto, o enfoque dessas sutilezas da adolescente que persegue sua realização como mulher não exime o narrador de uma atitude crítica. Ele condena o estupro praticado pelos jovens como um aprendizado e reprodução das estratégias de dominação que coloca os despossuídos num grau zero do direito à realização. Os filhos de Pedro Voluntário lideram um protesto que vai abalar Santa Maria da Vitória. Eles refazem a cena da Liberdade percorrendo as ruas da cidade num desfile que provoca um escândalo, pelo tom de acusação e clamor por justiça.

Naquela tarde Santa Maria da Vitória fora sacudida por um espetáculo impressionante. Medrado e Aninha Voluntário atravessavam as ruas da cidade com seus feixes de lenha. Seria uma cena comum se não fosse aquela vestimenta da menina.

– Que é aquilo, meu Deus?

As mulheres exclamavam de mão no queixo:

– É a vergonha!

Os homens procuravam certificar, mas recolhiam-se. Por que assim?

– Eles estão cuspidando na cara dos ricos.

– Eles estão sujando as caras dos ricos

E todos procuravam ocultar-se.

Silenciosos, passos curtos cadenciados pela carga, atravessavam a cidade que se ia recolhendo.

– É a vergonha! E agora fizeram o mal para a coitadinha, agora? Quem se levanta? Cadê a honra dos ricos? Cadê a justiça do Coronel Bê Martins?

⁷⁴ P.C., p. 154.

Ernesto Bonfim fechou as portas da loja.

– Vejam, ele tem um parente na culpa. Domingos do Prado e Quinca Queirós também. A cidade está se fechando, gente, com vergonha. A Liberdade do Dois de Julho, tá acusando. Eles vão passar pela Rua dos Alfonsos. Os Alfonsos foram os primeiros. [...]

– Quem pode com esta desfeita é contra nós, – vociferou Zuzu Borba fechando a porta acovardado.

Mulheres e meninos juntaram-se a eles e indiferentes, cantavam...⁷⁵

Através da afronta conseguem ficar bem definidas as posições sociais entre dominantes e dominados. Os pais dos jovens culpados se escondem para não assumirem seu machismo perante as mulheres. Não teriam coragem de contrapor publicamente a acusação a seus filhos pelo estupro da pobre menina. Havia ainda o agravante simbólico de estar ela encarnando a Liberdade, da qual os próprios coronéis são contumazes estupradores, negando condições de sobrevivência aos grandes contingentes populacionais.

E Eustáquio Voluntário começou a gritar os nomes dos coronéis, à medida que passava diante de suas portas, oferecendo lenha, o cortejo engrossando, cantando hinos religiosos. Procurado em seguida pelas autoridades, a fim de que fosse punido, não foi encontrado. O narrador consuma o destino da liberdade de uma forma irônica, denunciando a crueldade daquele sistema para com os desassistidos.

Major Bizinha de Ouro, compadecido, levou Aninha Liberdade para a casa de uma amiga. Sevicou-a, deu-lhe um vestido de chita, uma sandália da veludo, e entregou-a de presente a um cometa da Westfalen.

Da família do velho restava somente Maurícia, a da perna paralítica, que foi morar com a Tia Gatona, mãe dos meninos desvalidos de Santa Maria da Vitória.⁷⁶

O símbolo é bastante contundente do destino que está reservado aos humildes em busca de sua autonomia e direitos. E assim, a Liberdade passando de mão em mão acabaria por certo negociada num prostíbulo. Um triste fim para um sonho carregado de simbolismos. Através da punição exemplar, ou de sua promessa, no caso de Eustáquio,

⁷⁵ P.C., p. 160-1.

⁷⁶ P.C., p. 163.

a tradição, a família e as propriedades estão resguardadas. O poder é sempre cautelar. Procura enquanto é tempo evitar um mal maior.

Entre as mulheres que se destacam no romance *Porto Calendário* podemos nomear Tia Gatona. Ela aparece em cena como a mãe protetora dos jovens desvalidos, perseguidos pelo sistema de aviltamento do ser. Eles tinham nela o amparo e a certeza de uma ajuda em caso de fuga, o que normalmente ia dar em São Paulo, terra que ficou como contraponto de prosperidade e melhores dias para o sertanejo que nada mais podia esperar de seu chão. Nota-se na cena que se segue, que a simples apresentação da personagem contempla os ares do maravilhoso. Porta uma magia, um tipo de distorção⁷⁷ semelhante à que opera Van Gogh, em suas obras inspiradas no pintor François Millet, produzindo fantasmagorias no que antes transpirava a límpida representação de um modelo:

“É uma bruxa, mulher macho de mistérios, mula de sete cabeças, encantada às sextas-feiras correndo sete freguesias aliviando seus pecados”... Tia Gatona limpou o pomar, carregava água, plantou roça no Canta Galo, pediu e tratou os seus meninos. Um dia deu uma surra em Zé da Manga, cabra aleivoso dos Ataídes, por lhe faltar ao respeito e este se vingou. Os homens não gostavam da Tia Gatona.⁷⁸

Assim, às voltas com o mistério se dá ares de vida e funda-se o outro, enquanto subjetividade excêntrica criada pelo discurso. Os valores, sentidos, atribuições que envolvem as histórias que se contam de Tia Gatona fazem dela um ser em estado crítico, arapuca em que caem os pejorativos do Mesmo. Ela toma para si o atributo fálico, transgredindo a idéia basilar do mundo sertanejo assentada na supremacia do homem, que condena a mulher a uma posição subalterna, valorizada apenas em sua capacidade de servir com suas prendas e procriação.

⁷⁷ Bachelard (2001, p. 1) fala da imagem literária que se adapta à linguagem antecedente, para inscrever a novidade. A imaginação, mais do que formar imagens, é a faculdade de *deformar* as imagens fornecidas pela percepção. Sem essa mudança e união inesperada das imagens não há imaginação. Ernst Cassirer (2001, p. 11-42), seguindo um caminho paralelo, toca com lucidez num ponto chave para entendermos os mecanismos de busca do conhecimento pelo homem. Para esse filósofo o espírito humano abriga uma força formadora, não apenas reprodutora, graças à qual os fenômenos adquirem um significado peculiar. Tanto a ciência, como a arte e o mito, vivem através de imagens, criadas de forma autônoma pelo espírito em busca de seus caminhos rumo à objetivação, à sua auto-revelação.

⁷⁸ *P.C.*, p. 165.

Entretanto Tia Gatona não está só. Nessa empreitada transgressora, buscando uma redistribuição dos papéis sociais e simbólicos, observa-se uma rebelião em surdina. As mulheres de todas as camadas sociais, de mulher dama a mulher de coronel, dão apoio às escondidas ao trabalho da personagem.

Agora se via as mulheres de Santa Maria, até Dona Sizu de Kelemente de Araújo tinha vinculado propósito e estavam de acordo em salvar e fazer ir embora para São Paulo, com a turma dos rapazes da Tia Gatona, o pobre filho do finado Pedro Voluntário-da-Pátria. Elas também eram as mães.⁷⁹

Essa saída leva uma ameaça aos domínios dos coronéis. Da “Casa dos Bexigentos” – assim era chamada a casa de Tia Gatona por ter abrigado anteriormente um hospital para os doentes de tal mazela – partiam, na calada da noite, levadas de jovens com destino a São Paulo. As mulheres se insurgem contra a hegemonia masculina, seus privilégios e vícios:

Honra? Só as mulheres sabem o que é a honra deles. Vem de longe imposição, doidas se dizendo necessidade de povoamento onde até a religião fechava os olhos e nenhum senhor e nenhum macho, até mesmo os vigários como Cônego Esperdião e o Padre Oton, têm a casa cheia de filhos na barba do Arcebispo. É mentira? Quem contesta levanta a mão. Inventaram dizer ser dignidade mulher honesta aproveitar o sangue do marido, fizeram valer virtude de esposa criar dentro de casa os filhos que os tais arranjavam nas outras.⁸⁰

As mulheres entram na ordem crítica do contra-discurso, esmiuçando articulações que buscam referendar a concupiscência dos maridos. Os coronéis não imaginam que o barco está a fazer água, a cidadela invadida. As mulheres se levantam, tentam se construir como seres portadores de uma dignidade que não seja a farsa da santa dedicada ao “lar”.

Nesse contexto de subversão do estatuto coronelista, Dona Susu Flores encarna o mito da mulher fatal, devoradora daqueles que a possuíam. Ela também assume na relação conjugal uma concepção fálica. Primeiro como provedora dos bens que fizeram

⁷⁹ *P.C.*, p. 167.

⁸⁰ *P.C.*, p. 167.

a fortuna do casal e depois, por uma sexualidade liberada, atributo apenas dos homens, naqueles sertões. Relaciona-se com quantos homens lhe aprazam, tendo a plena aceitação e até cumplicidade do marido, o coronel Chico Fulô. Em seu papel de “Viúva Negra”, assassina os amantes de uma única noite.

De há muito Susu Flores andava avançada na vida alegre, despejada sem segredo. [...] E o tempo, como uma gente viva, começou a conversar com Dona Né.

– Mas Susu Flores, desenfreada, não se continha. Trocava constantemente de amantes, ninguém lhe resistia. Seu capricho era passar uma só noite com cada um e depois mandar matar o coitado. [...] Ninguém, nem mesmo ele, Coronel Chico Fulô, contrariava Susu, a mulher que Deus lhe botou na vida.⁸¹

O ser se dá enquanto relação. O narrador aponta para um processo de “agenciamento”, na idéia de Deleuze e Guattari, uma metamorfose por conta das novas conexões que se estabelecem.⁸² Tanto Chico Fulô, como Susu Flores são seres colocados na encruzilhada relativizando os papéis sociais. Por conta da interação que os torna diferentes, e a partir dessa diferença, o mundo muda de lugar abrindo-se em novas perspectivas. O estado de presença é a marca do ser móvel articulado pelo instante para tornar-se outro indefinidamente.

Susu Flores é um ser marcado pelos afetos distorcidos e uma profunda falta que a coloca em estado de alteração, no sentido de Ortega Y Gasset⁸³, voltada para a alteridade, num fora quase absoluto. Isto se daria pela ausência de uma vida interior, tentando preencher o vazio.

A solidão é uma fome triste donde nasce outra fome. A insatisfação dá a febre e o útero de Susu Flores era um chão queimado onde só cresciam espinhos e viviam cobras. [...] Foram as mulheres, as mães, quem salvaram Alfredinho das garras de Susu, mulher desgraçada. Brioso e valente ele era, quando disse na cara do Coronel Chico Fulô: “O senhor é um corno velho, sem honra e sem vergonha. [...] Pra que teu poderio, Chico Fulô? Cadê a

⁸¹ P.C., p. 168-9.

⁸² DOMENECH, 2001. p. 146.

⁸³ ORTEGA Y GASSET, 1973.

Valença dos roubos que tem feito, do enriquecimento que tem juntado só para garantir a impunidade de apagar o fogo das carnes de sua mulher com o sangue dos coitados? Com o meu, nunca! Mande me matar, faça o que quiser, mas lhe digo: Nunca!⁸⁴

O comportamento de Alfredinho, com seus ataques e negativa em servir seu sangue para o ritual de Susu, deixa o casal transtornado. O discurso do rapaz representa um retorno à rigidez dos papéis previamente estabelecidos no convívio social, há muito relativizados. Daí uma reação doentia, em que tiveram de intervir as mães de Santa Maria da Vitória.

Varejaram todas as casas, as fazendas, as lavouras e os matos. Nesse instante, diante do todos, autoritária e indomável, Susu Flores gritava: “Que tragam vivo o Alfredinho! Ninguém contraria Susu Flores. Depois eu o matarei com as minhas mãos, quero sentir no meu corpo a quentura do seu sangue para matar a minha febre, para que nasça meu filho maior que Chico Fulô, dono deste sertão”.

Desesperada começou a rasgar a roupa e ficou nua diante dos homens. Sá Né benzeu-se e bateu a mão nas faces e recompôs desalentada. Dizem que a visão do corpo nu de Susu Flores ficou nos olhos dos soldados e dos jagunços como uma cegueira escondendo Alfredinho da vingança do Coronel... Não! Dona Né desdizia-se. Foi alguma mãe como ela que ali estava ali na sua vigília, no seu pendor para salvar o filho de Pedro Voluntário-da-Pátria. Não valeu que Chico Fulô pegasse dois vapores e andasse pelo São Francisco inteiro, com as mãos cheias de dinheiro, com suas armas, jagunçaria e soldados [...] E o Coronel Chico Fulô acabrunhado, destruído no seu orgulho, voltou a Santa Ana dos Brejos e pasmou-se de dor. Susu, sua mulher, tinha morrido de paixão e viu: no seu corpo sobre a mesa não batia nem pulso nem coração, mas estava quente como uma brasa esperando por alguém. Os presentes tiveram dó do Chico Fulô, tão poderoso, abatido, cabisbaixo, chorando diante daquela a quem sempre perdoara tudo, que lhe dera tudo: fortuna, amor... Seus olhos estavam pesados de água e como se nada tivesse acontecido, curvou-se, beijou a boca de Susu, a única mulher que amou na vida... E o corpo foi esfriando, endurecendo na palidez branca da morte lustrada na luz das velas. Puseram-na no caixão, [...] O corpo de Susu Flores desapareceu por encanto e no seu caixão botaram uma

⁸⁴ P.C., p. 171.

tora de bananeira para fingir, mas logo correu a notícia: Susu Flores tinha virado uma onça faminta. E todos acreditavam.⁸⁵

A morte da amada faz com que o coronel saia do campo relacional, para o da fixidez. Entretanto, o fim de Susu Flores ainda guardava uma mobilidade mítica. A personagem somente consuma o trespasse após receber o beijo do amado. A cena lembra o conto *Mandarim Miraculoso*⁸⁶, cujo protagonista, enamorado pela bela sedutora que lhe atraía para a morte, só morre definitivamente no momento em que consuma o orgasmo com aquela a quem desejara.

Os coronéis estão apreensivos com o êxodo que pouco a pouco vai deixando o sertão despovoado. Há um receio que falte mão-de-obra para os tratos das lavouras, das criações e pequenos fabricos. Promovem o chamado confinamento, que prometia punir com severidade aqueles que fossem pegos escapando. Os coronéis erguem barreiras para os que querem ser algo além do que permitem suas leis, truculência e ganância.

– Kelemente de Araújo vai salvar Santa Maria da Vitória. De agora por diante vai fechar com um muro de fogo a estrada da fujança.

Tia Gatona, depois de abraçar e abençoar um por um, desatou o ajoujo e empurrou-o para o largo. E foi abeirando o rio, sozinha, acompanhando e falando consigo a despedida:

– Saudade!... boa sorte, gente do meu coração!

O ajoujo foi se distinguindo no clarear do dia. Tia Gatona consolava-se na tristeza de ficar.

– São dezesseis neste outro, embora me levando também. – E ficou contando no seu choro sem voz: – Dezesseis: Reginaldo Cabo Selado, o condutor, e Anésia, que é sua mulher pelo juramento e pelo filho que levava gerado nas entranhas; [...] Eustáquio Voluntário-da-Pátria, dito na decisão de ver tudo no dia de manhã e Orindo da finada Dilu, [...] levando dentro dum destino inquieto as coisas da vida para muitos portos do tempo... [...] Todos

⁸⁵ P.C., p. 169-172.

⁸⁶ LENGYEL, Menyhért. *O Mandarim Miraculoso*. O conto aborda o tema do prazer no limite da psicose ou, como preferem certos comentaristas, “a inspiração humana que desafia também a morte”. Foi musicado em forma de ballet, por Béla Bartók, tendo gerado restrições infundáveis a sua apresentação, através da Europa. Obs.: esses dados foram retirados do encarte do CD produzido pela Sony, CBS Records Inc., 1990.

migração da Tia Gatona, soltando-se no mundo para ser feliz e voltar um dia.⁸⁷

As mulheres nesses sertões estão a desafiar a lei dos homens. À revelia das ameaças do Coronel Kelemente, mais um grupo é conduzido por Tia Gatona ao exílio, ela mesma com o coração partido, por não ir. Ela sabe do seu papel de mulher a quem chamam macho, parindo dezenas de filhos para o mundo, num outro tipo de nascimento que escancara para os jovens outras possibilidades de existir. Eles vão para além das fronteiras do delírio, demarcadas pelos ditadores da ordem que deixa a maior parte dos homens na penúria do existir. Os jovens têm nela uma segunda mãe, sensível, que chora por eles como se deveras os tivesse parido. Trata-se de um nascimento que simboliza a possibilidade de ser outro, suplantar as limitações do pequeno “Eu” para ir além de si. Os que se vão empreendem uma jornada interior à medida em que rompem os novos horizontes e se colocam abertos para a experiência no mundo. Fogem a esse sertão dos excessos que lhes teria reservado uma vida no limiar entre a fome, o aviltamento de sua humanidade pela miséria material e existencial ou a loucura egrégia que lhes possibilitaria ter o quilate de um Pedro Voluntário-da-Pátria, que já foi apresentado, de um Cipriano Acendedor-de-Lampião, cujas aventuras maravilhosas veremos adiante, ou de Tia Gatona. São histórias diferentes, mas o mesmo desaguadouro. Esses personagens simbolizam, cada qual a seu modo, uma utopia, um viver enquanto poesia, pensando a vida, fugindo à continuidade redutora e forçando, outrossim, a barra do mundo em prol de outras sensibilidades.

Também seu Necão Gomes, um homem rude, mas sensível aos chamados da existência, faz um tributo comovente à mulher.

Está certo esse negócio de mulher nossa não comer na mesa dos homens?

Riram, consentindo desculpa.

– Vocês vão dizer está. Mas não está. Divirjo por outros modos. Já viram uma mulher comer com os filhos? Eu espiava a finada. E um onça também comer com a ninhada? São as duas coisas mais bonitas do mundo. A

⁸⁷ P.C., p. 178-9.

mulher e a onça. Quando comem sozinhas com os filhos perdem toda fraqueza e se a gente quer ser honesto, repete: Elas são as donas da vida.⁸⁸

O narrador retoma a defesa da mulher, e o faz instaurando-a no espaço sagrado das potências geradoras da vida. A voz de Necão Gomes se deixa levar por sensibilidades que tentam contrapor o *status* de inferioridade da mulher, uma visão predominante no sertão do São Francisco. Ele a restitui ao patamar de dignidade. Exalta-a em sua beleza selvagem e magia.

O forte apelo do narrador em ressaltar os atributos femininos, colocando a mulher num patamar de igualdade e mesmo de superioridade idealizada, fica bem marcado no episódio em que o personagem Amâncio debanda com um pequeno grupo de jagunços dissidentes da política dos coronéis que ensaiam nos anos de 1920 uma revolta contra o governo do estado da Bahia. O personagem entende com clareza a estratégia daqueles chefes regionais, cujo levante não é senão moeda de troca para ampliar seus privilégios e poder. O velho Amâncio insiste na sua utopia de mudar realmente as coisas e volta ao estado primitivo dos pequenos grupos em liberdade. Zabelinha, desiludida do amor ao “herói” Orindo que a rejeita, segue com os revoltosos. Ela representa a total transgressão dos papéis sociais estabelecidos e que chega ao limite ao tomar a posição do homem como o guerreiro. O narrador aponta sutilmente essa imersão do grupo nas chamadas liberdades, em um retorno ao indiferenciado, “Velho Amâncio se demudou no perigo, bicho!...”. Agora estava só, desamparado, como nossos ancestrais que banidos dos grupos sociais estariam condenados à morte.

Sociologicamente, o caso dos revoltosos liderados pelo velho Amâncio e acompanhados por Zabelinha, a mulher vestida de homem portando armas e batendo-se bravamente até o fim, poderia ser o símbolo do fechamento de um ciclo. Ela representa o epílogo de uma ideologia machista, anulando as fronteiras entre o ser macho ou fêmea, até então identidades estanques. Nesse ponto só restaria aos homens depor suas armas. Estavam desmoralizados em seu discurso de bravura, e as mulheres já não seriam apenas mães, reprodutoras da raça, confinadas ao ambiente doméstico. Aqui podemos lembrar a sintonia que esses episódios guardam com as cenas finais de *Grande Sertão: Veredas*. Também nesse romance efetua-se a inversão dos papéis atribuídos historicamente como padrão de comportamento dos gêneros, desconstruindo-os.

⁸⁸ P.C., p. 204-5.

Por outro lado, o episódio final, em que Zabelinha e um rapazinho resistem entrincheirados numa gruta até serem asfixiados pela fumaça, é simbólico dos sistemas autoritários, fazendo silenciar as vozes discordantes. O poder costuma se apressar na perseguição e punição exemplar dos rebelados. Desse modo ninguém estaria autorizado a desertar, a buscar sua liberdade e independência, o que coloca um porém no conceito de servidão voluntária, discutido por Joel Birman⁸⁹, e que aqui trazemos como operador da relação jagunço-coronel.

É preponderante o papel desempenhado pela mulher no imaginário osoriano. Ela contrapõe sua sensibilidade no trato com as questões mais prementes da comunidade sanfranciscana ao machismo grosseiro que constantemente conduz ao derramamento de sangue e à usurpação dos direitos inerentes a todas as pessoas.

A última cena do romance transforma-se numa exaltação às suas heroínas.

Da cidade chegava ainda a sinfonia da despedida – as músicas das Bandas, as vozes e o apito da Usina. Orindo juntava à lembrança o sentido de Zabelinha, de tia Gatona e de sua avó a negra Marta, mulheres merecidas...

A frente era a estrada fluvial batida de reflexos. – Dedivera.

Na paisagem do grande vale, o pico da Itapiraçaba é um ubre monumental.⁹⁰

O narrador termina com um tributo à mulher, uma força poderosa capaz de mudar o destino dos homens. O pico da Itapiraçaba representa esse úbere que se projeta da Mãe-Terra, às últimas palavras da história. Trata-se de um recado moldado no magma a corroborar a idéia da mulher como detentora da vida e da eternidade, dando seguimento ao ciclo biológico. Mais do que mera geratriz, a mulher se torna, aqui, a mola mestra para uma sociedade mais justa, na contramão dos desatinos masculinos.

Osório Alves de Castro dedicou seu segundo romance *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* ao enaltecimento do papel da mulher como guardiã da espécie em seus aspectos biológicos, além de sustentáculo moral e ético da sociedade. Os narradores contrapõem suas atitudes equilibradas, perseverança e lucidez aos desmandos

⁸⁹ BIRMAN, 2006, p. 19-27.

⁹⁰ P.C., p. 320.

masculinos que constantemente levam a coletividade a momentos de impasse. Também no romance *Bahiano Tietê* as mulheres vão ter um papel preponderante, encetando uma luta por sua autonomia e igualdade de direitos perante os homens. Mais uma vez são elas que detêm uma visão mais clara dos fatos e são capazes de guiar os homens no acerto das ações.

II. Os apelos do Mesmo e a pequena margem de ser mulher

Se em *Porto Calendário* as mulheres desempenharam predominantemente um papel subterrâneo, trapaceando com as normas rígidas impostas pelos homens nas diferentes esferas sociais, em *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, elas vão assumir o papel dominante nos direcionamentos da história. Os homens aí aparecem em sua maioria como seres titubeantes, agenciados por uma sexualidade conturbada que coloca o falo no centro das determinações existenciais. Dessa postura resultam ações articuladas no binômio poder/sexo, desconhecendo outros operadores da sociabilidade. Essa visão redutora turva o olhar à multiplicidade e a vida se torna mesquinha, barateada nas relações de posse unilateral dos bens, incluindo-se aí a mulher como objeto destinado à consumação da masculinidade.

O narrador abre a história de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* com uma metáfora da planta que dá nome ao romance e que transmite a idéia de tenacidade, do fechamento na intimidade como símbolo de proteção da semente da vida contra as agressões do meio, incluindo-se aí o meio social, de configuração machista. Ele pretende situar o leitor. Tem a exata noção das dificuldades que este irá encontrar ao longo de um enredo fortemente marcado por uma poética, que além de repensar filosoficamente o homem brasileiro, extrapola sua problemática ao pensar a própria condição humana. E, assim explica a origem:

“Maria fecha a porta prau boi não te pegar”, é o nome de uma planta da família das sensitivas, que cresce nas terras de aluvião do rio São Francisco. Quando tocada pelos homens, pelos bichos, pelas águas ou pelos ventos, suas flores e folhas se fecham imediatamente. Por isso, corre de boca em boca, ao longo do grande vale, um dizer repetido: “prevenida que ela é, nem

o flagelo das secas, nem a calamidade das enchentes destroem suas sementes”⁹¹.

Simbolicamente essa planta vai representar a mulher sertaneja que conseguiu, ao longo da história brasileira, em meio às condições mais adversas, perpetuar a semente da chamada “raça brasileira”. A tenacidade da planta vai ser o símbolo de Maria, a heroína do romance. O mundo representado pelo autor tem a marca da plurivocidade. Inúmeros fios narrativos se entrelaçam a falar de mundos que se superpõem e entrecruzam. As relações entre homens e mulheres vão estar bem marcadas. As mulheres vão ter a primazia na condução das ações. Os homens vão ser apresentados, ora em seus excessos, por ações impetuosas das quais muitas vezes se arrependem, ora como seres susceptíveis a envolvimento da ordem do imaginário. Desse modo são facilmente seduzidos por idéias que transcendem a causalidade para imergirem no mundo maravilhoso dos mitos, das histórias mirabolantes, mistificações que carregam a vida para além da contingência, tentando adentrar a eternidade em suas promessas e seduções.

Maria fecha a porta prau boi não te pegar representa o primado do feminino. As mulheres são sensíveis, visionárias e aí estão para subverter a ordem patriarcal. Na própria metáfora daquela planta que protege suas sementes está a idéia de útero, fecundidade, dessa sensibilidade que reage ao mais leve toque dos ventos, das águas, na superficialidade da pele, assim como ao toque dos homens e animais, metaforicamente aqueles que as violam.

O narrador apresenta-nos esses movimentos do imaginário em sua complexidade, enredando-se com os tratos cotidianos da vida. Nota-se um constante diálogo entre as diferentes linhas de força do pensamento que aqui comparecem em intensidades variadas, evocadas em simples alusões ou apresentações mais ostensivas, apontando causas múltiplas e efeitos dispersivos:

Mas, quando o mais velho acendendo uma vela branca começou a falar de coisas sagradas, se benzeram.

Apesar de serem gente daquele pobre e esquecido lugar, não deixaram de sentir, nas notícias trazidas por eles, a volta das profecias, e, com a alegria de

⁹¹ *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, p. 9. Doravante representado pelas iniciais *Mfp*.

não estarem sozinhos, escutaram e aprovaram o que o de barba respeitosa e branca falou.

– Fiquem sabendo irmãos. As luzes se misturam nas aragens onde há o bafo das águas e o cantar dos passarinhos e juro pra vocês. Chamam de Canudos, que Deus o tenha!... Para lá seguiremos e atenderemos o Santo Conselheiro porque dele temos confirmação.[...]

E os três sacudiram as cabeças, num sim silencioso e fatal.⁹²

A cena de forte apelo cinematográfico evoca um mundo imerso na transcendência. Um modo de ser oscilante entre a sobrevivência crua e os escapes no imaginário que espraia-se num espectro amplo de idealizações da existência. Nesse contexto, o Outro-Eu apresenta-se trazendo confirmação “alegria de não estarem sozinhos”. O símbolo marca o momento da entrega do ser perante o Outro, arauto da palavra sagrada que chama para o fim do mundo. Ele é o portador das novas para além da mesmice e do aniquilamento pela fome.

O narrador, entretanto, acaba por mostrar os dois lados da mesma moeda. Apresenta o momento da revelação e a seguir o contrário, o homem premido pela falta, que aceita a primeira possibilidade de sair da inércia e do acanhamento, mesmo jogando a vida numa roleta.

... A guerra estava chegando em Araçá do Mel. Foi Calixto São José do Egito, por ser o mais velho, que primeiro falou:

– Quem desconhece estes? Prometendo com uma mão e tirando com a outra, acontece um dia igualmente como entre o peixe e o pescador. Vem, partiremos e para poupar o que recebemos nada vamos dizer às nossas mulheres e não é bom duvidar. Se a guerra traz proveitos, pode também trazer o pior.

– Concordo, adiantou Gil Barreto. Antigamente, para ser vaqueiro, valença mesmo, só sendo afilhado dos mandatários. Agora, por que desperdiçar a sorte? [...]

– Disto dou testemunho e juro – adiantou João Osso, subindo os ombros.
– Sorte não deixa de ser para quem entrou na ordem de jagunciar. Os favorecidos serão favorecidos. Aqui, no Araçá, má-fé é desculpa que jogam

⁹² *Mfp.*, p. 11.

na cara da gente: de si, neste lugar, nem os santos têm piedade de rogar ao pai do céu por nós.⁹³

Aqui os personagens deixam transparecer o jogo entre a entrega e o preço que poderão pagar. Têm consciência do desastre como possibilidade no caminho que irão trilhar. Se antes foram apresentados como crédulos, assimilados com facilidade pelo encontro entre a promessa e a esperança, agora transitam com desenvoltura em assuntos eminentemente práticos. Lançam um olhar crítico para o tipo que os assediara. Então a entrega deixa de ser um assunto eminentemente místico, para descortinar os difíceis trâmites da sustentabilidade material e psíquica do homem desassistido. Considere-se que os personagens foram abandonados até pelos santos da Igreja e assim atualizam sua fé na concepção de novos ídolos e crenças, que possam falar mais de perto nos encaminhamentos de sua problemática existencial. O diálogo é abrangente, insinuando-se em confabulações do ser jagunço como o limiar da realização. O reino do sertão é mesmo mesquinho em suas ofertas. O arremate da cena vem nas palavras “–Sobra de gente é coisa doida. E quem de nós não está sobrando neste Araçá do Mel?” Eles se reconhecem como excedentes humanos, a quem não resta senão atender ao chamado, entre a busca da santidade e os improváveis lucros de uma guerra sem patrão, que lhes assegurasse um botim ou um reconhecimento. As carências e condições adversas em que se debate o homem solitário, fora da alçada de proteção de um chefe e descrente dos santos referendados pelo cânone cristão, estariam assim na raiz dessa aventura messiânica.

Maria Isaura Pereira de Queiroz⁹⁴ em seu conceituado estudo sobre os movimentos messiânicos afirma que

o aparecimento de crenças messiânicas não deriva exclusivamente da desgraça política de um povo (como admite Max Weber), nem do desejo de renovação religiosa (como parece decorrer dos trabalhos de Alphonse Halévy). A existência de mitos messiânicos anteriores ao contacto com os brancos, entre povos primitivos cuja situação era de independência, faz supor que circunstâncias internas que fomentem insatisfação com as condições

⁹³ *M.f.p.*, p. 11-12.

⁹⁴ *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, 2003.

habituais de existência podem levar à concepção do reino ideal que um enviado divino instalará no mundo.⁹⁵

Para essa pesquisadora, as crenças messiânicas associam a salvação à resolução de problemas da vida prática. Elas podem ficar latentes durante muito, “relegadas para o domínio mítico apenas, avivando-se, de repente, para dar lugar aos movimentos messiânicos, isto é, a uma tentativa ativa para criar realmente no mundo o milênio.”⁹⁶ O messianismo tem noções claras de como corrigir as imperfeições, indo além da passividade e do conformismo, para construir um futuro melhor. O problema para os antropólogos e historiadores seria saber como o mito passa do estado latente para se tornar um “fator de ação”.⁹⁷ Maria Isaura Queiroz identifica três fases na formação dos movimentos messiânicos, comuns em todas as comunidades que estudou.

Forma-se primeiramente, o mito messiânico com elementos tanto da cultura nativa quanto da ocidental, além de outros novos, peculiares à situação que se criou; é a fase da *espera* messiânica. Vem depois a fase da tentativa de realização do paraíso terrestre prometida pelo mito e anunciada pelo messias, que emerge como figura carismática, profetizando prosperidade material, melhoria social, salvação, e é seguida da organização dos adeptos num grupo ou movimento, cujas atividades visam a criar o mundo perfeito.⁹⁸

Podemos observar na cena que envolve o aparecimento dos beatos, esse momento em que o mito latente é novamente despertado. A expressão “a volta das profecias” mostra a articulação dos sertanejos dispersos, pela promessa de realização do paraíso terrestre na Nova Canaã anunciada pelo Conselheiro. Advém então a sensação de “não” mais “estarem sozinhos”. Observa-se aqui as três fases do messianismo: a quebra de dormência do mito, a promessa do Conselheiro na voz dos seus enviados, cumprindo a etapa final de organização do movimento, arrebanhando novos seguidores. E podemos notar os dois componentes básicos do agenciamento messiânico: na primeira cena a ênfase recai sobre o aspecto emotivo de ressurgimento mítico, na segunda observam-se os fatores sócio-econômicos que vão ter um peso decisivo na aceitação do chamado para a “Guerra Santa”.

⁹⁵ QUEIROZ, 2003, p. 36-7.

⁹⁶ QUEIROZ, 2003, p. 37.

⁹⁷ QUEIROZ, 2003, p. 38.

⁹⁸ QUEIROZ, 2003, p. 82.

Sobrevém a saída dos homens para a clandestinidade:

As fugas do elemento masculino, ali, nunca deixaram de ser constantes, mas aquela deveria ter algo a mais de significativo pelo que deixou nos olhos e nos modos dos quatro homens que ainda mantinham laços matrimoniais, aparentemente estáveis no aglomeramento. Ali, os afazeres de suas mulheres traziam, dos tempos distantes, a única ligação com o seu mundo à parte, com o qual mantinham significativas relações históricas: qualificava a antecedência mítica da imensidão brasileira, a quem o tempo e os obscuros conflitos da formação da nacionalidade se encontravam empenhados.⁹⁹

O narrador trabalha no limiar, espaço dúbio que se constrói na fronteira entre uma espécie de crime, a ruptura com a realização prática da vida, em seus aspectos cotidianos e/ou eminentemente biológicos e a concepção messiânica que busca a realização da alma, descolada dos atributos práticos. Aqui fica marcada a dimensão simbólica da mulher como geradora da raça brasileira. O momento é de muita emoção. Eles são os últimos homens aptos à reprodução que habitam o povoado, e sua partida constitui a quebra de uma interdição, uma falha mítica: deixarão aquele universo impossibilitado de sua continuidade, rompendo com o desejo divino do “Crescei e multiplicai-vos”. Por outro lado, buscam a ultrapassagem da miséria, num encontro com o beato Antônio Conselheiro, homem que o imaginário sertanejo alçou à estatura de santo.

Mas, se tratava de um caso de homens, esses participaram sua decisão às companheiras que a receberam com um orgulho indisfarçável. Partiriam para Canudos e nunca foram tão práticos. Arranjaram as linhas, os anzóis, aparelharam a canoa, e adeus Araçá do Mel! Deixaram mais esperanças do que saudade.¹⁰⁰

O narrador incorpora o olhar feminino, que vai dar o tônus da narrativa. Penetra o interior das personagens e desliza à flor de sua pele, sustentando essa visão irônica quanto à serventia dos homens, seres tumultuosos, que têm pouco a ver com o lado prático da vida, e talvez atralhem mais do que ajudem. Por isso não deixam saudades.

⁹⁹ *M.f.p.*, p. 12.

¹⁰⁰ *M.f.p.*, p. 12.

O narrador transborda sua modernidade na subversão das expectativas, olhando o mundo pela ótica dos interesses femininos. Dos homens ficam as esperanças messiânicas na transformação do mundo por um acontecimento numinoso.

O mundo do Araçá do Mel sustenta-se numa espécie de matriarcado, em oposição ao patriarcado histórico, mostrado em sua decadência e desmedida. O comércio local é realizado pelas mulheres oleiras ou as que extraem o salitre. O barqueiro Félix Quarto, como o nome indica, está na quarta geração de exploração do trabalho das mulheres do povoado. Os homens não participam de nenhuma ação que seja significativa para a comunidade: “As crianças ficavam afastadas, e os homens, como sempre, jamais apareciam. Desmoralizados pela inutilidade era-lhes negada qualquer participação nos negócios, medida que os Félix sempre fizeram de maneira irreversível.”¹⁰¹ Aparentemente, o domínio é desse déspota, mas o narrador antecipa que sua falta de sensibilidade para vislumbrar demandas e movimentos do Outro podem trazer-lhe futuras dificuldades, num reverso da situação. “Félix quarto procurava esconder suas intenções, mas não foi capaz de compreender que, entre elas, algumas poderiam inverter a situação, caso continuasse a manter sua velha posição de comerciante duro e irascível”¹⁰². Em seguida, as mulheres dos quatro homens que haviam partido para Canudos resolvem segui-los.

Todas as diligências foram tomadas. O sal, as rapaduras, a quarta de farinha, duas cabaças de mel, jerimuns e as mudas de que dispunham. De uma aclamação entre todos, sem faltar a do velho Timóteo, o cego, reuniram vinte e seis moedas de cobre e seis de níquel. Júlia juntara às que já tinha, planejando para uma fuga, o que de salitre vinha acumulando e quebrou o seu segredo: “Das apanhas do salitre, minhas sobras ficaram minhas e estas irão comigo, para nossos guerreadores serem homens de diveras”.¹⁰³

As mulheres articulam dentro de uma previsibilidade que não deixa dúvidas a sua proeminência perante os homens. A reserva de salitre acumulada por uma delas em segredo as investirá no papel fálico, que lhes está reservado. Elas são as detentoras da chave do *animus*, têm o poder de agenciar os homens, levando-os a cumprir o seu papel masculino.

¹⁰¹ *M.f.p.*, p. 15.

¹⁰² *M.f.p.*, p. 17.

¹⁰³ *M.f.p.*, p. 18

O elemento água aparece como origem e destino, podendo se apresentar revelador para quem maneja os códigos da natureza. Por isso deve ser cultuado.

“Deus risca nas águas o destino”, acrescentou seu Tiago, o coxo, abençoando as quatro e jogou frutas de jurubeba na correnteza, para dar sorte e salvamento a todas e adiantou:

– Elas estão certas: quatro remos e uma canoa, descendo em busca dos seus, nessa guerra de muitos anos sem cessar...¹⁰⁴

O personagem Tiago, em suas carências e personalidade carregada de *anima*, lança seus sortilégios, para que a empreitada tenha sucesso. A expressão “guerra de muitos anos” alavanca sentidos simbólicos para além da Guerra de Canudos. Sinaliza a eterna peleja dos fracos pelo reconhecimento de sua dignidade, que lhes venha a franquear o usufruto dos bens materiais, abrindo o caminho para o paraíso terrestre.

O cozinheiro da barca do Capitão Félix avisa sombrio, como arauto da tempestade que se avizinha:

– Capitão Félix subiu prau forno. O resmungo ficou nos olhos delas todas que para lá se botaram consumidas. [...] A Donzalesca, última a chegar, cismava. Aproximando-se, notou as mulheres, arrebanhadas num canto da latada, tomadas pelo medo. Félix Quarto, no meio da oficina, sapateando sobre os cacos de louças despedaçados por sua ira, virara uma fera. [...] O terror estava nos olhos de todos. Até das crianças, que o tinham acompanhado até ao forno e ao estaleiro, onde as peças estavam terminadas, instintivamente, recuaram logo as iras do barqueiro começaram a pipocar.¹⁰⁵

Os movimentos do barqueiro são filtrados pelo olhar impassível e decidido da personagem Donzalesca. Ela não se altera, antes observa e aguarda. Sabe exatamente onde Félix vai chegar, depois da manha de criança mal educada e arrogante.

Fulo, diante da velha que esperava uma explicação, berrando desaforos, começou a retirar os vasos do jirau, atirá-los no chão e recomeçou a destruição, com uma acha e os pés esmigalhando os destroços. Incontrolável,

¹⁰⁴ *M.f.p.*, p. 18.

¹⁰⁵ *M.f.p.*, p. 19-20.

berrou para a velha, enquanto as oleiras apavoradas fugiam e a possibilidade de conciliação e domínio estava à vista. O Araçá estava faminto e vencido. [...] Todos tinham fugido: mulheres e crianças. Agora, sozinho diante da velha, adiantou maneiroso: – sou um comerciante honesto. Vocês não escondem. São todas criaturas ingratas e merecem ser ressequidas pela fome e o desespero, como os caborges fora d'água pedindo misericórdia aos urubus, desprezando suas carniças fedorentas. Juro, por Deus. Basta! Não criarei cobras para me picar e ... sumam!¹⁰⁶

O personagem transita da fúria para o tom choroso e acaba vencido pelo olhar da mulher, que parece deter poderes sobre sua pessoa, seja por sua personalidade, seja por um segredo que esta parece guardar.

Diante da Donzalesca que o media com os olhos, reanimada por uma força qualquer, que o tocava pelas profundezas de dúvidas horripilantes, sustou as ameaças e... – adiantou para não ceder-se àquele pensamento pavoroso: – vocês não merecem, não merecem – e se foi pelos baixos, até o porto. Na barca bebeu uma garrafa de pinga e, não pela quantidade, mas por ter sido ferido em suas pretensões desejadas. O prejuízo foi estudado e foi o paiol do aprendizado das meninas fornecedor do lastro. Destruídos os cacos das moringas da Maria e os potes da Domitila, por cima do escombros, seu tento não lhe negava e o prejuízo balanceado, entre o tamanho da produção e a qualidade do produto, supria a astúcia de um Félix. Se tinha vindo decidido levar a Maria para ele, tinha nisto seu bom pressentimento. Os Félix tinham, como os nobres, o seu destino marcado por Deus e os Félix não podiam ficar sem herdeiro... Dormiu e acordou, como sempre. Um Félix não podia ser pegado dormindo e ponderou. Inegavelmente seu pedido fora atendido.¹⁰⁷

O narrador aponta para o caráter passional do homem: forte, dominador, destrutivo, cujo ser se atém predominantemente aos apelos da ordem prática, que lhe propiciem a realização fálca através do poder e da dominação. Entretanto essa armadura cede com uma facilidade desconcertante quando vê seus investimentos amorosos baldados. A contra-face do dominador é a imagem da fragilidade diante de questões afetivas, e de

¹⁰⁶ *M.f.p.*, p. 20.

¹⁰⁷ *M.f.p.*, p. 20.

afirmação da identidade. Vive numa atmosfera idealizada alimentando o mito da nobreza de sua ascendência. A explosão emocional deveu-se à frustração de seus intentos, em relação a Maria. O homem é assim colocado como um ser na superfície dos instintos, povoado por sombras de idealizações. Ele sente, no entanto, que fora longe demais. O lado prático o faz perceber que o prejuízo será maior se não recuar, e assim tenta remediar a situação. Aproxima-se sedutor:

– Voltei e vocês vão me perdoar. Os Félix são assim. Batem, para depois chorarem de arrependimento. Mas, se encontramos as graças num esconderijo qualquer, o estouro arremeda os mimos e será como uma noite depois de outras, onde os sonhos têm todas as cores do céu. Tá...? Por isto, as crianças sempre nasceram no Araçá do Mel e o riso nunca faltou na alegria de suas mães.

Apesar de as mulheres não entenderem onde ele desejava chegar, impacientavam-se por uma explicação [...] e a velha o interrompeu.

– Me diga, Capitão [...] gostou ou não das encomendas que conseguimos realizar com as mãos de nossas oleiras? ...¹⁰⁸

O narrador consegue estabelecer com precisão o contraponto entre o homem fragilizado tentando recompor-se e as mulheres, aqui representadas pela personagem Donzalesca. Embora em posição subalterna, ela estriba-se na força de sua dignidade exigindo coerência e um comportamento mais previsível por parte do dominador, que se curva.

– Se gostei? Nem queiram saber. Foi aquela surpresa que me botou aqui para pedir perdão a todas vocês. Tá?... As coisas bem feitas, como o pirão de curimatã defumado, os bons vinhos, e por que não dizer também as mulheres caprichosas, endoidecem os homens e acostumam amalucar elas mesmas.¹⁰⁹

Félix, um caráter venal e sedutor, movimenta-se com desenvoltura tentando reconquistar o terreno perdido. Faz um jogo duplo. Elogia o talento das mulheres caprichosas, mas as coloca concomitantemente como seres frágeis, que endoidecem com facilidade. Essa estratégia tem a sutileza de sugerir que tudo que fizera foi por estar preocupado com o destino das mulheres que viajaram para encontrar os seus maridos.

¹⁰⁸ *M.f.p.*, p. 21.

¹⁰⁹ *M.f.p.*, p. 21-2.

– O que mais me entristeceu foi a loucura daquelas quatro coitadas partirem para se juntar a sujeitos tão desprezíveis, [...] Os nomes destas desgraçadas? (Como a palavra desgraça pesava todas as crueldades que aquele mundo do São Francisco trazia, desde os primeiros dias de seu encontro, todas se benzeram)¹¹⁰

A expressão “todas se benzeram” produz um efeito de presença, carregando movimentos em que o gestual é preponderante. Essas imagens-surpresa são uma constante ao longo do texto, promovendo um aumento da tensão dramática. O narrador costura uma seqüência de cenas em que o personagem Félix Quarto, com seus trejeitos e entonações, a dialogar com as oleiras, produz um deslocamento do foco de tensão, no que consegue enganar a todas as mulheres, exceto Donzalesca, diante de quem parece tremer.

– A Domitilia, sim senhor – e acrescentou: – E deixou prau Araçá três meninas e a mais pequena é coxazinha.
 – Mãe ingrata!... E quem mais?
 – A Júlia de João Osso. Está grávida de oito meses de primeira barriga.
 – Deus que tenha pena dela e do filho! E a outra desmiolada?
 – A Dió do finado Lana Barrosinho e deixou dois gêmeos. Coitadinho do maior, é capenga de nascimento.
 – Nem as cobras abandonam os filhos. E a última?
 – A Maria, o senhor já esqueceu dela?
 – Não!... Como ela, muitos justos perderão seus abrigos se deixarem ser enganados pelas malícias de Satanás, escondendo em suas almas o pecado da traição.¹¹¹

O personagem sabe muito bem conduzir a situação, procurando tocar naqueles pontos sensíveis, de forma a produzir o efeito aterrorizante, com que procura readquirir o controle sobre a situação. Manipula o mito cristão com ameaças de punição aos que buscam uma autonomia do ser, deixando bem marcada a idéia de pecado na esteira de qualquer transgressão das normas estabelecidas.

¹¹⁰ *M.f.p.*, p. 22.

¹¹¹ *M.f.p.*, p. 22.

As velhas horrorizadas, levantando as mãos, começaram a rezar a Ave-Maria, enquanto Félix Quarto, fingindo-se comovido, coçando a cabeça, procurou dar fim na farsa [...] Todas estavam mudas e soterradas em seus espantos, abertas à maldade do barqueiro, decidindo pela sua hipocrisia.¹¹²

A situação de conflito se estabelece entre o dominador – que para manter o sistema de exploração, utiliza-se dos preceitos cristãos transformados em dogmas pela Igreja Oficial – e a força messiânica transformadora que arrebatou as mulheres, levando-as a deixar para trás os filhos pequenos, para embarcarem na luta pela salvação. Max Weber, nas palavras de Maria Isaura Queiroz, afirma que “a religião das camadas privilegiadas tem por função legitimar o *status quo*, enquanto a das camadas inferiores visa a mudança social.”¹¹³ Tem-se aqui um bom exemplo dos *códigos fortes e fracos*, reportando Isaac Epstein. Os primeiros são colocados a serviço dos grupos dominantes, em ordem unívoca, constituindo-se numa gramática normativa dos valores, em oposição às respostas flexíveis, equívocas dos segundos.¹¹⁴

Quanto aos motivos que teriam levado as mulheres a uma tal aventura, atendendo aos chamados do messias, podemos aventar a possibilidade de recuperar uma situação anterior à ordem de exploração econômica. Para Hobsbawm, segundo palavras de Maria Isaura Queiroz, “tais movimentos são específicos de uma situação que poderíamos chamar de choque estrutural, isto é, quando a sociedade definida pelos laços de parentesco ou de solidariedade tribal entra em conflito com a sociedade estruturada segundo os laços econômicos.”¹¹⁵ A situação dos sertanejos do São Francisco estaria apenas indiretamente relacionada com o sistema comunitário de produção, quer seja no regime de parentesco ou tribal, em que um dia viveram seus ancestrais índios ou africanos. Trata-se de uma relação de segundo grau, estabelecida não por vivência própria da qual teriam sido podados pelas relações definidas pelo econômico que as sucederam, mas por uma idealização tomada da cultura empenhada nos mitos que povoam o imaginário e que foram despertados pelas notícias que correm sobre Canudos.

O barqueiro, então, promete pagar pelas peças destruídas, com o que as mulheres concordam.

¹¹² *M.f.p.*, p. 22.

¹¹³ QUEIROZ, 2003, p. 154 apud WEBER, 1944, p. 165, 179, vl. II.

¹¹⁴ EPSTEIN, 1993, p. 81-98.

¹¹⁵ QUEIROZ, 2003, p. 153 apud HOBBSAWM, 1959, p. 2-3.

– Está certo, Félix Quarto – responderam, sem que o gemido abafado da Donzalesca pudesse ser ouvido pelo barqueiro, que a abraçando exclamou comovido: “Obrigado, velha, eu não esqueço que você para mim foi uma segunda mãe.” Advertência, que a velha procurou esconder num riso da boca banguela, a tragédia do seu segredo que para Félix Quarto era a alma dos negócios.¹¹⁶

O narrador insiste num foco de tensão, guardando um mistério a unir Félix e Donzalesca. Existe um movimento pendular em torno de uma culpa que fragiliza alternadamente a um e a outro. Parece existir uma relação de cumplicidade entre os dois, que os deixa em situação de interdependência. A velha mantém o domínio sobre as oleiras, no sentido de que a produção caminhe a contento, mas por outro lado, exige um mínimo de compostura do negociante, que não vá além de certos limites. Como vimos acima, Donzalesca é capaz de imobilizar Félix apenas com seu olhar, fazendo-o recuar, mudar de tom. Mas, em se tratando de barganha ele tem a palavra final. O segredo assim bem plantado constitui-se num elemento chave na articulação da narrativa, despertando a imaginação, na forma de interrogações que deverão ser respondidas pelo leitor atento.

A trama desse pequeno mundo vai entrar em suspenso, tendo em vista grandes articulações que serão postas em marcha, com a fuga das quatro mulheres.

III Maria, descendo o rio, rumo ao Horto do Senhor, espanto.

Poderemos observar nas cenas que se seguem uma espécie de alegoria do que foram os acontecimentos que culminaram na eliminação da comunidade de Canudos. Quatro jovens mulheres, que “inocentemente” partem em busca de seus homens que haviam atendido ao chamado do Conselheiro, vão ser tratadas como uma séria ameaça. O poder local, assim como o nacional, vai agir ao sabor de boatos e narrativas as mais fantasiosas, empregando um aparato despropositado de repressão, mostrando seu despreparo.

¹¹⁶ *Mfp.*, p. 23.

Foi a Dió, numa compra de fumo, em Bom Jardim, que bateu com a língua, sem dizer de onde vinham, mas levavam salitre e recompensas para seus maridos, que guerreavam em Canudos, pela salvação das almas pecadoras. Seu informe era uma medida das promessas na dentadura branca, envolvendo graças e encontros, onde a expressão, como um desejo de viver, seria um encontro com a vida.¹¹⁷

A personagem Dió é flagrada em sua expansividade, alargando fronteiras de ser no contato com o Outro, desconhecido, em que pensa obter confirmação. O sorriso largo buscava no encontro partilhar a alegria dessa viagem cheia de novidades e expectativas. Uma alegria deromeiro, os pés no chão, mas o imaginário assediado por narrativas de eternidade no paraíso que buscam. Tudo no espaço apela para a felicidade. Vão em busca dos seus, numa guerra que promete durar muitos anos, uma guerra pelo domínio do espaço sagrado, voltados para Deus, no usufruto comunitário dos bens. A vida terrena e a eternidade confundem-se sob um mesmo manto de sacralidade. Esse é o primeiro registro, se considerarmos o mundo restrito dessas mulheres, oprimidas pela miséria existencial, comendo nas mãos de Félix Quarto e sofrendo seus desmandos e caprichos. Não lhes resta senão voltarem-se para o tempo mítico da salvação. O segundo registro fica por conta da mundanidade, esse escancarar das instâncias terrenas que para as remeiras, mulheres jovens que pouco sabiam do mundo, não deixava de ser um passo para a liberdade, dando asas ao deslumbramento.

Entre a curiosidade e a inocência, a Dió faladeira procurou romper a solidão para achar aquela coisa gozada que se chamava mundo. Excedeu-se e acendeu com a língua um perigo insignificativo que, passado pelos crivos inseguros das velhas oligarquias municipais, transformou-se no terror adiantado na decifração de um equívoco.¹¹⁸

Nesse pequeno fragmento apresenta-se metonímicamente o equívoco que foi a campanha de Canudos. Trata-se da repetição no microcosmo de tudo que ocorrera no âmbito nacional. A ação do governo central, seguindo o pensamento de Euclides da Cunha, ficou como exemplo de incúria administrativa e de falta de entendimento da vida nos sertões. No trecho acima, a narrativa oscila entre o lirismo arrebatador e a

¹¹⁷ *M.f.p.*, p. 25.

¹¹⁸ *M.f.p.*, p. 25.

elegância do enfoque sócio-político, que em poucas palavras consegue fixar criticamente o espírito das instituições públicas brasileiras, assim como seu *modus operandi*. Os seguidos desastres das expedições militares que buscavam submeter Canudos aguçam o imaginário local, levando as autoridades a uma condução delirante das ações que, no caso das mulheres do Araçá, chegou ao ponto de identificá-las a homens disfarçados.

Antes de alcançarem Juazeiro, as devotas do Araçá do Mel já se encontravam na mira da vigilância local, marcadas pelo travesti com o qual poderiam chegar até as pedras, onde os caminhos para o Horto as esperava. O extermínio da expedição Moreira Cesar, em vez de difundir uma explicação realista, refletiu-se numa sociedade espantada, com as próprias origens vindas da catequese, subestimava a excedência demográfica abandonada e traída na invencibilidade da fera sertaneja.¹¹⁹

Discute-se aqui a nossa formação cultural, centrada no aporte mítico-religioso em detrimento do racionalismo, que apontaria para a problemática dos excedentes populacionais alijados do processo de desenvolvimento, o que os deixa na posição de feras acuadas na luta pela sobrevivência material e espiritual.

Nos episódios envolvendo a comunidade de Canudos, podemos identificar dois focos distintos de agitação social. O primeiro origina-se nas camadas pobres do Nordeste e que já teria há muito achado sua entonação do mundo.¹²⁰ O que não fora atingido ainda seria o reconhecimento de seus direitos de existir e poder afirmar sua cultura híbrida, alicerçada no sincretismo que amolda as influências sofridas, afirmando sua plasticidade. A outra vertente de tensões redundava da crise de identidade entre ser ou não ser brasileiro, híbrido, de origem rústica, ou ser europeu e branco, de hábitos refinados, importando seu imaginário. Aí se incluem as idéias cientificistas, concepções estéticas e filosóficas, elementos que contribuem para erigir uma máscara que impede o homem de ver e entender o que se passa no Brasil real. Esse grupo, formado pelas populações do litoral detentoras da visão de mundo, praticou o chamado “terrorismo” de Estado, encaminhando o genocídio. Assim podemos concluir que a crise de identidade é

¹¹⁹ *Mfp.*, p. 25-6.

¹²⁰ Para Hobsbawm, na fala de Maria Isaura Queiroz, os movimentos arcaicos de agitação social são próprios das sociedades “que não acharam ainda ou estão começando a achar uma linguagem específica na qual exprimir suas aspirações a respeito do mundo”. QUEIROZ, 2003, p. 153 apud HOBBSAWM, 1959, p. 2-3.

um atributo das populações urbanas do litoral. São essas que estão à cata de uma linguagem, uma forma de exprimir-se, olhar-se, apesar do lustre civilizatório.

Maria Isaura aponta o advento da República como uma das principais causas do endurecimento dogmático, por parte do Conselheiro, o que o levou a abandonar o Arraial do Bom Jesus, na comarca de Itapicuru, dirigindo-se para o ermo, onde pudesse estar a salvo do Anticristo, representado pelo novo sistema político. O Conselheiro refutava a separação entre Igreja e Estado.¹²¹ Constatava-se assim a característica conservadora dos movimentos messiânicos, que se voltam para um passado, seja imediato ou imemorial. Era notório o mal-estar causado pelas mudanças na estrutura social e política, num sertão em que a vida dos humildes era cheia de incertezas. Ao longo da narrativa, surge constantemente esse temor à mudança, seja no advento da República ou na passagem do século. O sertanejo vive povoado de fantasmas.

Inocentes de tudo que se passava, as mulheres seguiam sua viagem maravilhando-se com o que viam. O mundo a elas se apresentava em sua eterna novidade. Sentiam-se acariciadas.

Enquanto tais aspectos circulavam dramaticamente pelas cidades administrativas, para as quatro mulheres a viagem tornara-se, simplesmente, um arrebatamento variado na paisagem. [...] Misturavam o diferente com a felicidade e a transformavam em encantamentos os olhos e a esperança. Ali somente o rio, o sol e a relva das ribanceiras não se demudavam naquela oferta de curiosidade. E tudo ia ficando para trás: o tempo, as lonjuras e aquilo que, na andança, mudava a cara e as carícias das coisas. Aquilo que não era nada mais do que a liberdade na terra prometida.¹²²

Deslumbram-se com a cidade de Juazeiro, que gostariam de visitar. O narrador extravasa seu lirismo em ritmos e imagens inesperadas.

Os últimos clarões do dia ainda fogueavam o roxo morno num fim de tarde em Juazeiro. Vultos andantes transavam na sombra rala se indo para o fundo das ruas. Domitília, pilotando a canoa no meio do rio, tinha razões de dizer para as companheiras que, igual a ela, nunca tinham visto cidade grande.

¹²¹ QUEIROS, 2003, p. 226-238.

¹²² *M.f.p.*, p.26.

– Que bom seria a gente ver tudo de perto – adiantou Júlia, que era ainda quase uma menina, com sua primeira barriga carreando a prematuridade do alento para o Apocalipse.

– Deixa de querer, Júlia. Agora, não. Ai de nós, do Araçá do Mel, chegando no meio deles de olhos espantados!... Na volta, sim.¹²³

O trecho não poderia ser mais estranho e impregnado de beleza pictórica, embalada por coloridos e ritmos, formando quadros expressivos de tendência modernista: a imagem dos vultos andantes, as mulheres de olhos espantados diante dos habitantes da cidade. O que se apresenta aos olhos das jovens mulheres à vista da cidade grande tem um poder de deslocamento do ser ao ponto da estupefação. Entretanto a missão obriga-as a uma contenção dos impulsos. Viajam em busca dos seus homens, e para além do afeto, almejam alcançar o Horto Sagrado, a via aberta pelo Conselheiro para as glórias do céu. Por isto necessário é resistir aos chamados da cidade. O olhar daquela que as conduzem, a Domitília, vai mais além, perscruta o infinito, desvendando seus recados e sinais. Para Durand,

o imaginário não é mais que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, como provou magistralmente Piaget, as representações subjetivas se explicam “pelas acomodações anteriores do sujeito” ao meio objetivo.¹²⁴

O pensamento de Durand, assim como de Piaget, aponta para uma concepção da subjetividade na esfera condicional das interações. O que à primeira vista parece delinear uma posição subjetiva foi, num momento anterior, interiorizado, ao longo das interações com o meio social e natural. A narrativa ilustra de forma exemplar esse processo. As meninas do Araçá do Mel, deslumbram-se com a cidade. A mais nova delas, a Júlia faz um movimento de entrega aos “imperativos pulsionais”, no que é contida por Domitília, mais experiente, e que representa as “acomodações anteriores”. Tinham afinal um objetivo maior, na esfera do sublime. Durand denomina esse processo de *trajeto antropológico: a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio*

¹²³ *M.f.p.*, p. 26.

¹²⁴ DURAND, 2002, p. 41.

cósmico e social. E parafraseando Lewin, afirma que “o símbolo é sempre o produto dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio.”¹²⁵ As nossas projeções, “representações”, estariam em permanentes trocas com as nossas vivências, envolvendo o meio social e material. Ainda segundo Durand, há uma “*gênese recíproca*”¹²⁶ que oscila do gesto pulsional ao meio material e social e vice-versa”¹²⁷ Um bom exemplo desse processo encontramos no *Narrador*, de Walter Benjamin¹²⁸. Nesse ensaio, observamos a atitude dos soldados que participaram da I Guerra Mundial, e que voltaram mais pobres de experiência, diferentemente dos narradores viajantes, da tradição oral, que outrora retornavam repletos de novidades para contar. No caso dos soldados, o que viveram foi por demais traumático. A brutalidade que presenciaram demoliu a própria imagem do homem, humanamente construído pelo imaginário nos últimos séculos.

Podemos lembrar, diante desses processos de interação com os estímulos do meio, a forma como o sertanejo se apegava à natureza e aos sonhos, mitos, alegorias para criar uma espécie de entorno imaginário que serve de colchão às agressões. O lirismo da narrativa não deixa de ser a materialização verbal desse viver sertanejo na fronteira entre o belo e o trágico.

Ocorre, então, uma espécie de distensão para falar das saudades dos bons momentos.

Agora, era, ela, Domitília, ali no meio do rio, indo para a guerra, juntar-se aos seus maridos, que gostaria de falar com as estrelas. Elas que guardam os segredos das criaturas e as andanças da saudade. Naquele dia em que me casei com Calixto São José do Egito, elas e a lua estavam nos valendo naquilo que só fiquei sabendo nove meses depois, no choro de minha primeira menina nascendo. Das lembranças ficadas, somente o grito das gaivotas das noites riscando aflitas o liso da correnteza, buscando de-cumer para as ninhadas ou os gralhos das saracuras nos sonhos dos poleiramentos fartados. Por isto o velho Tiano – o cego – não se cansava de dizer, que as crianças que morriam do mal-de-sete-dias nestes confins de águas do São

¹²⁵ DURAND, 2002, p. 41.

¹²⁶ Termo que o autor toma de empréstimo a Piaget (*Épistémologie génétique*, I, p. 36).

¹²⁷ DURAND, 2002, p. 41.

¹²⁸ BENJAMIN, 1996, p. 197-221.

Francisco fogem para o céu, levando a vista dos que ficaram velhos na terra e viram as estrelas acendidas no céu...¹²⁹

O espaço lendário ganha corpo na figura dos recém-nascidos mortos, que passam a habitar o céu noturno na forma de estrelas. O espaço da tragédia, a tensão perante as artimanhas do Outro, fazem contraste com a harmonia entre homem e natureza, articulando sonhos. Foucault fala da *aemulatio*, uma das quatro formas de similitude que enumera ao lado da *convenientia*, da *analogia*, da *simpatia*. A emulação permite às coisas espalhadas pelo universo, sem relação de proximidade, se imitarem. Diferentemente da conveniência, em que há contigüidade – as coisas se tocam, suas franjas se misturam, comunicando movimento, influências e paixões –, a emulação está liberada da lei do lugar, atuando imóvel, na distância.

Um pouco como se a conveniência espacial tivesse sido rompida, e os elos da cadeia, desatados, reproduzissem seus círculos longe uns dos outros, segundo uma semelhança sem contato. Há na emulação algo do reflexo e do espelho: por ela, as coisas dispersas através do mundo se correspondem. De longe, o rosto é o êmulo do céu e, assim como o intelecto do homem reflete, imperfeitamente, a sabedoria de Deus, assim os dois olhos, com sua claridade limitada, refletem a grande iluminação que, no céu, expandem o Sol e a Lua; a boca é Vênus, pois que por ela passam os beijos e as palavras de amor; o nariz dá a minúscula imagem do cetro de Júpiter e do caduceu de Mercúrio. Por esta relação de emulação, as coisas podem se imitar de uma extremidade à outra do universo sem encadeamento nem proximidade: por sua reduplicação em espelho, o mundo abole a distância que lhe é própria; triunfa assim sobre o lugar que é dado a cada coisa. Desses reflexos que percorrem o espaço, quais são os primeiros? Onde a realidade, onde a imagem projetada? Freqüentemente não é possível dizê-lo, pois a emulação é uma espécie de germinação natural das coisas; nasce de uma dobra do ser, cujos dois lados imediatamente se defrontam.¹³⁰

No trecho do romance que há pouco vimos, podemos constatar a figura da conveniência nessa tangência dos universos: a realidade do poder que observa, assim como o

¹²⁹ *M.f.p.*, p. 28.

¹³⁰ FOUCAULT, 2002b, p. 26-7.

malefício dos seus eflúvios, presentes mesmo num recém nascido que morre de fome ou doença; também a guerra em contigüidade com a vida em Juazeiro, distante e presente em seus efeitos, tudo isso se tocando, dialogando com as imagens líricas do rio, da vida de sua gente. Concomitantemente ao que se desenrola no pequeno mundo dessa cidade, o narrador utiliza-se da figura da emulação ao falar dos reflexos cósmicos entre os homens e as estrelas, numa interação fulgurante, que transmuta miséria em beleza e esperança, produzindo o belo.

No que se segue, vemos um peixe que acende o alerta, avisando do perigo eminente que ronda as jovens.

Um peixe saltou a seu lado, deu com o corpo ágil, uma rabanada de estalo, supriu a atenção e não se enganava: Um pingo de fogo queimando rastejava a ribanceira. Mirou segura e confiou: estavam sendo acompanhadas. Não era um vaga-lume, nem curiango tobó e sim um cigarro queimando e apagando e acendendo e rastejando a noite. [...]

As descargas encheram com a sucessão dos pipocos o vale silencioso, com os berros dos comblês e as cargas secas das manuliches.

– Parem, bandidos!... Entreguem-se!... antes que... E a batalha, que era uma caçada, foi tomando o estilo de trator das jagunçarias nas disputas eleitorais, onde as armas de repetição agregaram seus valores eleitorais às proximidades dos poderes ajustados, a violação das leis e das vidas nas distantes comarcas do País.¹³¹

O narrador aproveita para denunciar os métodos político-eleitorais, ao arremedo da lei, em que o poder de convencimento dos candidatos é aumentado na proporção do aparato bélico de que dispõem. Esses momentos da narrativa apresentam-se como metáforas do modo como acontecimentos de pequena monta podem receber uma interpretação que ultrapassa as leis de causa e efeito, para instalarem-se no imaginário das populações. O poder, em seu despreparo e impulsividade, é agenciado e agencia as populações na esfera do terror. Nesse ambiente de instabilidade qualquer indício é uma prova que rapidamente ganha monta, elucubrando narrativas que se apoderam do imaginário. A empresa que buscava assassinar as mulheres suspeitas de serem jagunços disfarçados

¹³¹ *Mfp.*, p. 28.

ativa num lapso os sentidos do maravilhoso, deslizando para a alçada mitificante, precipitando o desastre:

A queda da Domitília, notada por um atirador, o alarmou e perturbado pela propalada ferocidade do fanático, começou a exclamar apavorado: “Eles vêm vindo nadando de mergulho para nos sangrar à faca.” O sargento não vacilou e prostrou o homem com uma coronhada, no fundo da embarcação.¹³²

Os ânimos estão exaltados. O mito dos fanáticos do Conselheiro que dizimam exércitos ganha livre curso no imaginário popular, fazendo subir a tensão.

Maria ficou sozinha. As balas passavam rentes, assobiando e uma chamoscou-lhe os cabelos. Desvairada, meteu a cabeça entre as trouxas e sentiu o cheiro forte da aguardente se desprendendo da trouxa acertada. Lembrou-se que trazia no bolso da saia uma caixa de fósforos e atinou-se. Pôs fogo nos panos. Imediatamente, subiu uma chama que se generalizou nos trapos encharcados de álcool e apressou a combustão do salitre que as mineradoras do Araçá remetiam para os polvristas da guerra santa nutrirem aqueles que bem estavam defendendo e perdoando as almas dos culpados. Maria, precipitando-se, saltou o corpo da Dió, alcançou a proa e atirou-se ao rio. Somente as águas do São Francisco sobravam para ela. As quarenta salvas do penitente de Gameleira, prometidas à glória e santidade do Conselheiro, começaram a estourar e encheram o vale de terror. [...] A precipitação causada entre os atacantes, tomados pelo bombardeio inesperado das salvas retumbantes, não seria um equívoco das conseqüências numa das significativas dimensões da grandeza da tragédia. Entre os desaparecidos daquela sombria diligência, sobraram dois – um de cada parte, para afastar a admissão mítica dos apressamentos que, entre os extremos das hecatombes, o recomeço é uma viável introdução das contigüidades. Todos os atrelados ao comando do provisoriado sargento Remígio, homens recrutados na aridez das caatingas, confinados entre as distâncias do paternalismo eleitoreiro, surpreendidos pelas explosões da bateria, tomados pelo terror supersticioso que a personalidade de Antonio Conselheiro mantinha sobre eles, apavorados, jogaram-se no rio. Oriundos das caatingas

¹³² *Mfp.*, p. 29.

nordestinas, não sabiam nadar e todos pereceram, menos o sargento Remígio que voltou a Juazeiro, com a notícia da diligência exterminada.¹³³

O espaço do imaginário ganha prevalência. Traça a sorte do sertanejo temente às forças da natureza, curvado perante os mitos e vítima da mistificação dos acontecimentos espontâneos ou articulados segundo objetivos bem marcados.

Maria nadou para o lado Pernambuco, chegou até o alto da ribanceira e acompanhou, chorando, a canoa incendiada, descendo ao léu, onde carbonizava o corpo da Dió. O dia foi subindo e ela, acompanhando as águas, parou frente a uma ilhota. Nua, com o corpo retalhado pelos espinhos do calumbizal, aceitava a primeira oferta. Lançou-se nas águas e chegou a uma pequena insularidade da qual tinha ouvido várias histórias de fugidios. Era uma minguada ilha e ali ficou – não atinava quantos sóis – entre os ingazeiros que lhe davam frutos temporões. Na croa ao lado dormia, catava ovos de gaivotas e pescava, com uma pequena rede, que tecera com capim zozó, pequenos peixes na enseada lamacenta, onde o ar era morno e o céu azul.¹³⁴

O narrador constrói uma atmosfera que prepara o nascimento do mito. A personagem sente um certo torpor oriundo do trauma. Reata seus laços com a natureza nesse remanso embrionário, livre dos processos de subjetivação patrocinados pelo meio social. Rompe então com o tempo cronológico, adentrando o tempo mítico.

IV O nascimento do mito

Aqui efetua-se a transmutação. Maria deixa de ser a simples oleira, que saíra em busca do seu homem. Ela vai, a partir de então, estar dentro e fora do seu mundo, fazendo conexões com a história do seu povo, aí incluindo-se o imaginário em suas concepções coletivas e da cultura. As ações cotidianas da personagem vão servir de eco, espécie de síntese de uma estrutura problemática que a gerou. A passagem que vimos acima é simbólica e, assim, só pode ser lida em perspectiva das inferências que vão se

¹³³ *M.f.p.*, p. 29-30.

¹³⁴ *M.f.p.*, p. 30.

dar. Note-se que a gestação do espaço mítico, anula a temporalidade, “não atinava quantos sóis”. Ao longo da narrativa inúmeras serão as referências a Maria como santa, denominação que vai ganhar diversas conotações, enaltecendo ou rebaixando sua estatura moral. Enquanto Maria permanece em sua concha embrionária, de onde sairá para sua jornada “heróica”, o mundo de Juazeiro fervilha em boatos e mistificações do acontecido.

O desfecho da missão, com o aniquilamento dos recrutas do sargento Remígio, reacende o medo e incita o imaginário da população, que anteriormente já tivera experiências traumáticas em confrontos com os seguidores do Conselheiro, a começar pelo episódio de Uauá.

O sargento Remígio, desmoralizado ante seu chefe e consigo mesmo, jamais poderia sentir as divagações da história, que na negação da promessa chegava a perceber sua própria conduta e fazia voltar atrás, num confronto avaliável. Desviavam as finalidades dos compromissos ancestrais, onde a santidade não podia ser um agravamento mas, sim, uma virtude do homem tentando em suas próprias origens, entre a Natureza e a Vida, a fusão das eternidades. [...] Assim, o provisionado sargento Remígio confessou-se, macerou-se e disputou a santidade que, entre os significados das pragmáticas concluintes, acontecem as insinuações desejadas, onde o milagre não pertence a seu criador mas, sim, aos que nele encontram uma compensação,[...] marcado pelas oportunidades se transformara em provisório e passou a difundir com a autoridade que os acontecimentos lhe assistiam disputar uma taumaturgidade que as quatro mulheres exterminadas por ele tinham virado santas. Uma delas – a mais nova – jovem e bonita – solta pelo mundo perderia homens de fartos saberes, ricos e nobres de quem devorava os corações e os arrastava à loucura e à perdição.¹³⁵

Observa-se então o nascimento de um milagreiro, consubstanciado na disponibilidade daqueles que querem acreditar. Remígio passa de algoz a beato. Ele sente o peso da história. Na qualidade de arrependido, vai buscar a santidade maltratando a carne. Os milagres ficarão por conta daqueles que os aceitam, compatibilizando encontros, capitalizando achados. Admite-se como instrumento de poderes divinos, introduzindo

¹³⁵ *Mfp.*, p. 30-1.

suas quatro vítimas no espaço sagrado. O mito de Maria começa aí a ganhar fôlego. Aparece como reencarnação e símbolo da mulher fatal, podendo ser assimilada em seus atributos como interdição à luxúria, ao uso da mulher apenas como objeto de prazer. O narrador aponta para os mecanismos de apreensão do ser a cargo da máquina transcendente, que adia a sua realização nos movimentos da mundaneidade, fugindo ao ciclo da causalidade para colocar-se numa miragem. Entretanto esse percurso, assim colocado, constitui-se numa saída redutora, calibrada por uma sociologia circunscrita ao processo de alienação. Ele por certo está presente, embalado pelas maquinações do poder, como podemos vislumbrar na cena de *Porto Calendário*, quando o beato João Imaginário põe às claras o processo de mitificação de que fora protagonista. No sentido de aprofundar a discussão, achamos oportuno lembrar a teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo elaborada por Jung. Esse pensador vê o inconsciente como uma “psique impessoal comum a todos os seres humanos”, embora manifeste-se através de uma consciência pessoal. A “personalidade supra-ordenada” é o ser humano total, que compreende a alma inconsciente, com suas exigências e necessidades, tal como a consciência.¹³⁶ Jung chama essa personalidade supra-ordenada de “si-mesmo”, da qual separa o *eu*, que abrange apenas “a consciência do *todo da personalidade*, no qual se inclui além da parte consciente, o inconsciente”. A parte inconsciente do si-mesmo só pode chegar indiretamente à consciência, via projeção, por meio de símbolos objetivos e abstratos. São figuras humanas, como pai, mãe, rei, rainha, deus, deusa, e as que representam animais e vegetais.¹³⁷ Há também os motivos típicos, recorrente nos sonhos, sendo os principais as figuras humanas tais como:

a sombra, o velho, a criança (inclusive o menino-herói), a mãe (“mãe originária” e “mãe Terra”) como personalidade supra-ordenada (“demoníaca” por ser supra-ordenada) e o seu oposto correspondente, a jovem e também a *anima no homem* e o *animus*, na mulher.¹³⁸

E afirma a característica das figuras psíquicas serem duplas, ou capazes de duplicação, oscilando o seu significado entre o positivo e o negativo. Um argumento importante para o entendimento dessa escapada mitificante que observamos no personagem Remígio, podemos encontrar na afirmação de Jung de que

¹³⁶ JUNG, 2000, p. 187.

¹³⁷ JUNG, 2000, p. 187-8.

¹³⁸ JUNG, 2000, p. 184.

O efeito vivo do mito é vivenciado quando uma consciência superior, que se regozija com sua liberdade e independência, se confronta com a autonomia de uma figura mitológica, sem poder escapar do seu fascínio, tendo que prestar seu tributo à impressão subjugante. A figura atua porque tem uma correspondência secreta na psique do espectador, aparecendo como um reflexo da mesma, o qual no entanto não é reconhecido como tal.¹³⁹

Diante desses postulados, que olham o homem para além da teoria freudiana do recalque, dos desejos não civilizados mantidos sob o véu do inconsciente, concebido individualmente, podemos ampliar o entendimento sobre a configuração do mito de Maria. Ela é a Mãe simbólica, cuja posse se constitui numa interdição, satisfazendo a necessidade de se re-significar a figura da mulher sertaneja. Ao longo da história, as responsáveis pelo coeficiente de brasilidade na gestação do povo brasileiro foram submetidas a maus tratos. Apresenta-se sintomático esse encaminhamento na trama. Jung coloca a figura da mãe como um dos motivos típicos recorrentes nos sonhos, representando o que ele denomina de “dato anímico imediato”, sem qualquer elaboração consciente e de abrangência coletiva, que constitui o arquétipo.¹⁴⁰ O trauma sofrido pelo personagem Remígio, que comandara o massacre de três mulheres jovens, mães no princípio de sua faina sagrada de propagação da espécie remete ao arquétipo. A geratriz parece protegida por um mecanismo inconsciente que a torna intocável. A personagem, em seu ímpeto transcendente, chama pelo narrador, mas o ovo só é posto por articulação com o autor implícito perfazendo sua imagem-mundo, em última instância por influxo das cordas que vibram na pulsação autoral. Assim, também o homem basal, não social, se faz presente nos ímpetos da enunciação. É bem verdade que o narrador produz, de forma crítica, uma alegoria do processo de mitificação, comum nos sertões, assim como no cotidiano da vida nacional contemporânea, e isso se constitui num valor ético da ação humana que busca pela obra de arte a superação dos entraves sociais. Mas nesse processo, que seria uma re-apresentação das estruturas e percursos do vivido, em suas bases sociais e culturais, assomam motivações bem antigas, na escala do desenvolvimento humano.

¹³⁹ JUNG, 2000, p. 264.

¹⁴⁰ JUNG, 2000, p. 17.

O trajeto antropológico, de que fala Durand, vê com clareza as interações de ordem bio-psíquicas com o meio, que dão lugar ao símbolo. Esse autor percebe em Bachelard o mesmo direcionamento.

Para Bachelard, os eixos das intenções fundamentais da imaginação são os trajetos dos gestos principais do animal humano em direção ao seu meio natural, prolongado diretamente pelas instituições primitivas tanto tecnológicas como sociais do *homo fáber*. Mas esse trajeto é reversível; porque o meio elementar é revelador da atitude adotada diante da dureza, da fluidez ou da queimadura. Poder-se-ia dizer que qualquer gesto chama a sua matéria e procura o seu utensílio, e que toda a matéria extraída, quer dizer, abstraída do meio cósmico, e qualquer utensílio ou instrumento é vestígio de um gesto passado.¹⁴¹

Assim, o trajeto mitificante empreendido pelo narrador é fruto desse regime de reciprocidades entre as imposições de ordem biológica e psicológica e os chamados do meio. Verifica-se a existência de duas vertentes no encaminhamento do mito. Uma que parte meio social, com propensão à concepção transcendente dos fenômenos, e que se transformou num instrumento de apreensão do ser com peso importante na manutenção da ordem estabelecida. A outra emerge do concurso matéria/espírito ante o pasmo da concepção de uma nova vida, em paralelo com o desenvolvimento psíquico do bicho homem. Por esse viés, a mãe deve ter, desde muito cedo, se constituído no instrumento de consagração da vida, associada à Mãe-Terra, que sustenta toda a criação. Ambas trariam em si a síntese dos quatro elementos primordiais: água, ar, terra e fogo, que propiciam a existência da vida, tal qual a conhecemos. Então esses ecos da ancestralidade estariam, concomitantemente, confluindo com os influxos do meio social para estabelecer um tal percurso narrativo. O personagem Remígio chama pelo narrador que vai buscar na animalidade do poeta esse trato com as substâncias vitais, que constituem a base do inconsciente coletivo. Para Bachelard

A imaginação é um princípio de multiplicação dos atributos para a intimidade das substâncias. É também vontade de *ser mais*, de modo algum evasiva, mas pródiga, de modo algum contraditória, mas ébria de oposição.

¹⁴¹ DURAND, 2002, p. 41-2.

A imagem é o ser que se diferencia para estar certo de vir a ser. E é com a imaginação literária que essa diferenciação fica imediatamente nítida. Uma imagem literária destrói as imagens preguiçosas da percepção. A imaginação literária desimagina para melhor reimaginar.¹⁴²

Ela quebra a linha de acomodação do ser cativo, agenciado¹⁴³, propiciando uma abertura para possibilidades mais amplas do ser, escapando aos moldes de sociabilidade que confluem para uma visão estreita e redutora da existência.

E então, enquanto o sargento procura administrar a sua nova identidade, Maria nasce simbolicamente como divindade.

Ao contrário do provisório sargento Remígio, Maria, sem consciência de tempo consumido, viveu como lhe foi possível resistir com suas reservas. Naquela manhã, avistou um pescador escarafunchando iscas na lama da vazante. Consumida pela solidão, sem dar-se por seu estado, nua e confiante, caminhou para aquele ser humano, como se fosse para uma nova vida. Sem nada dizer, foi se agasalhar na sua embarcação, como se fosse um bicho perseguido tentando uma salvação. Espantado, ele abeirou-se da canoa e retirou um encardido cobertor de algodão que o acompanhava nas pescas noturnas a cobriu e remou para a casa. ...

Agora, para ele, pescador sozinho no mundo, Deus voltava seus olhos misericordiosos. Cantando, por dentro, afundou o remo, chegou em casa e, pela primeira vez, falou para ela: “Aqui é que eu moro” e foi subindo a ladeira, com vergonha de olhar para trás. Maria, enrolada no cobertor, o acompanhou sem saber se estava vivendo ou sonhando.¹⁴⁴

Aqui, o mito de Adão e Eva ganha uma concepção sertaneja. Maria vai ao encontro do homem, como quem caminha para sua salvação. Ela, o bicho perseguido que não tem vergonha da nudez; ele, o ser humano representando o agente civilizatório, envergonhado da condição que ela ostenta, irá redimi-la ao estado indiferenciado. Ele canta louvores a Deus, por tê-lo salvo a solidão. Maria parece habitar o espaço dúbio, entre a vida e a morte, entre o sonho e a vigília, próprio dos que sofreram traumas, ou cruzaram o limiar de uma nova existência. Note-se que o narrador situa Maria numa

¹⁴² BACHELARD, 2001b, p. 21-2.

¹⁴³ DELEUZE E GUATTARI, 1995, vol 1.

¹⁴⁴ *M.f.p.*, p. 31-2.

zona intermediária, como a desfazer das imagens estabelecidas, mostrando que a vida pode ser sonho e vice versa.

O rio São Francisco é apresentado como útero gerador da vida no sertão, servindo de inspiração às mulheres, em identidade de atributos. O homem aqui aparece titubeante, e é Maria quem toma a iniciativa para consumir o que desde sempre projeta a raça sertaneja para a eternidade.

Desmanchava-se um mistério e a velha função do rio São Francisco, agasalhador e calado, não desmerece a confiança. Diante de certas indecisões de André, Maria, a quem já cabia a realidade das coisas, adiantou-se nas intimidades que, naturalmente, ajustaram-se em suas medidas eternas.¹⁴⁵

Podemos notar a incidência da metáfora da geratriz. Ela se apresenta na figura da mulher persistente lançando seus frutos, assim como na imagem do rio, fertilizando o espaço árido e promovendo encontros entre os seres esparramados no mundo.

A vida de André transforma-se. Ele parece viver um idílio no paraíso reencontrado. Antes era seu costume vagar pela cidade, “como à espera do algo que poderia ser seu”, talvez o Outro-Eu, a metade perdida, sabe lá quando em eras passadas, uma vez quebrada a unidade do hermafrodita mitológico, uma concepção do ser indivisível em plena realização, ou quando da perda do seio materno, com que aprouvera fundir-se e que deixou abandono. Agora, a busca parece ter tido fim.

... voltava em cima do rasto e tirava o dia para viver a sorte e surtir o pensamento com as coisas que Deus lhe dava, de modo tão pacífico e proveitoso.

A vida na restinga melhorou e o trato do casal, refazendo-se na crença da boa sorte, melhorava, dia a dia. O peixe parecia mais fácil e, até umas peças grandes caíram no anzol do afortunado pescador. Dada a iniciativa da companheira, que construiu e armou um jequi maior e reforçado para o peixes de grande porte. Assim pela primeira vez, o chiqueiro de André contou com uma sobra de mercadoria viva. Outra lembrança que Maria trazia das mulheres de Araçá era a ceva. Apesar do peixe ali não ser tão abundante, como no rio acima, a iniciativa da companheira estendia a

¹⁴⁵ *Mfp.*, p. 34.

estocagem, que no Araçá do Mel à míngua de comércio, a intenção das cevas era uma preferência de paladar.¹⁴⁶

Aqui os papéis se invertem, em relação à imagem anterior, quando do encontro entre os dois no lameiro. Maria passa a incorporar o atributo civilizatório, em contraposição à primitividade do companheiro. Aporta conhecimentos que trazia de berço. Tais conhecimentos melhoram a vida do casal, proporcionando excedentes, fartura e prosperidade. As coisas vão tão bem que o companheiro deixa-se levar por um assomo de negatividade. O sertanejo desgraçado duvida da sorte, fraquejando em ciúmes.

Apesar de seu comércio estar lhe dando o que nunca esperava, Maria, entre a sorte e estima, as estranhezas das dúvidas passaram a voltar em horas incertas para vigiar a companheira, examinando a redondeza do rancho. Ciúme.¹⁴⁷

Maria, curiosa, pergunta sobre a cidade e seus chamados, encenados no conceito de civilização que aproxima os homens do sonho de progresso, enquanto deixa-os distantes dos mecanismos de transformação social. Vimos acima que Maria, em sua simplicidade, é portadora de conhecimentos práticos, capazes de melhorar a vida, seja na captura, seja na conservação e armazenagem do pescado. Mas, no que se segue veremos que André, em suas limitações, é quem à margem da civilização sabe falar sobre ela, como um depauperado sábio. Ele comporta-se como mais um desses excluídos na esfera do progresso que acabam por atrelar a este um destino de mãos atadas, condenado a maravilhar-se, sem poder usufruir. Maria está curiosa por saber as coisas da cidade.

– O que é mesmo esta civilidade de quem você vem repetindo tanto o nome dela?

– O quê? As lojas, as casas de janelas de vidro e estradas iluminadas, sem serem igrejas. O Trem de Ferro, também, que corre mais do que qualquer vapor, no fiapo do rio e como esses, tocado pelo fogo, desembesta terras afora, que nem podemos duvidar dos até de encantamento.¹⁴⁸

¹⁴⁶ *M.f.p.*, p. 34.

¹⁴⁷ *M.f.p.*, p. 34.

¹⁴⁸ *M.f.p.*, p. 35.

O narrador versa o mundo pela ótica do maravilhoso. Traça um paralelo entre progresso e a magia, imagina mundos fantásticos. Consegue, através do olhar inocente do personagem, flagrar o mundo em seu frescor, descortinado por um olhar inaugural, portador de vivacidade que toca o dilema entre o ato de se maravilhar e a paralisia ante o que nos é dado. Retomando a afirmativa de Bachelard, o poeta re-imagina o mundo com elementos-surpresa. Quebra o encanto, libertando os homens das amarras da alienação. Apresenta uma configuração inesperada, para além dos sistemas de dominação.

Maria inocentemente toca no assunto da tocaia que vitimara suas companheiras, sem atinar para os desdobramentos que a colocavam na condição de tabu:

– E das três coitadas que a guerra de Juazeiro matou, você não viu contar?

– Você, Maria, fecha a boca nestes acontecidos. Demais, agora que Satanás anda solto pelo mundo inteiro.

– Tá feito, André, acredito: Satanás sempre andou solto contra os filhos de Deus.¹⁴⁹

André deixa-se impressionar pelas histórias que correm na cidade. Assume aos poucos uma atitude temerosa de todo o bem que lhe trouxera a companheira. Maria, no entanto, age dentro do princípio da realidade e não vê novidade na eterna peleja entre o bem e o mal. Ela se mostra ávida, aberta ao mundo em suas promessas e encantamentos. Busca na simplicidade das relações entender como agem os homens.

Ultimamente, ele vinha falando muito em dinheiro mas, como no Araçá do Mel, os homens falavam também nele, da boca da Donzalesca acontecia elas escutarem dos muitos poderes dados a ele. Quando partiram do Araçá tiveram nas mãos alguns dele, que na hora de viajar passaram para a guarda de Domitília, por ser a mais velha. Iria remediar o Santo Conselheiro e somente de última urgência poderiam meter a mão nele. [...] Foi com eles que, por ter tanta vontade de experimentar pitar um fumo de diveras, que encostaram num comércio e a Dió lhes deu o prazer. Arranjaram um pouco dos seus e ela juntou o seu herdado, sem saber o pecado de ser o prometido ao sagrado em Canudos.

¹⁴⁹ *Mfp.*, p. 35.

Agora, era ela Maria quem tinha muitos deles em suas mãos. André estava em Juazeiro e, ali, podia com eles vadiar e até falar com todos, como as tantas importâncias possuídas estavam em suas mãos. Eram muito falados e André lhe prometera do poder dado a ele ir com ela conhecer de perto o que era uma cidade de verdade, de tantas e tantas luzes e tintas que nem podia pensar... Infantil, foi espalhando as moedas em cima da cama. As notas, não. Eram coisas de homens, sem falas, como folhas murchas, sem tinido, moles e que os Félix delas falavam de serem iguais ao mel, a pinga, a elas até..., a elas as mulheres coitadas. E todas em suas mãos, lembrava da Donzalesca amassando o barro, medindo a força do barro e falando para elas. – O dinheiro, também, é sagrado e se não sei explicar, vejam. De nossas mãos, da forma ao forno, a moringa de esfriar e branquear a água para beber, saída dos fornos do Araçá virou o poderio dos Félix e isto de comer e beber é um canto acertado na vontade de viver. Será que a Donzalesca tinha mesmo boas sabedorias? Digam? ... Um, dois e três. Maria encheu as mãos de moedas de níquel e como um desafio jogou-as para cima e gritou: Digam? As moedas jogadas para o alto, caíram nas latas de querosene vazias e fizeram um ruído estridente, abafado por uma gargalhada e um pedido inocente: – digam? – Como o silêncio dominou o rancho, adiantou, enternecida pelas graças dela mesma: – estão rindo de mim?¹⁵⁰

O narrador consegue fazer dos objetos mais corriqueiros uma potência para desbravar o espírito do mundo. Quanta graça não brota do mundo filtrado pelo olhar da personagem Maria, uma criança no olhar da mulher sentindo em tudo que a cerca o calor e a graça dos valores e significados que se atribuem às coisas. Uma maneira poética com que o narrador brinca, esmiuçando conceitos, relativizando os ícones que sustentam a sociedade.

E o massacre dos seguidores do Conselheiro chega ao fim.

De ponta a ponta, a cidade se abalava, para acreditar na notícia. Os últimos redutos dos fanáticos foram exterminados e os prisioneiros passados pelas armas. André chegara cedo e, como trazia uma boa safra, juntou-se à euforia da população aliviada, no que não deveria ser estranho a um pequeno comerciante. Subiu o preço e ganhou dinheiro. Toda a cidade falava no fim da guerra, sem reaver o que ali acontecia em paridade significativa à

¹⁵⁰ *Mfp.*, p. 35-6.

relatividade de nossas resistências que a mitificação da imensidade do Brasil, antecedia aos valores que a ela se encontravam empenhados. Muitos dos episódios, que tiveram divulgação fantástica, reapareciam desenterrados da imaginação acrescidos pelas cargas das superstições.¹⁵¹

O Brasil é aqui apresentado como o espaço da superstição. Um espaço que contrapõe o mito à realidade, antecedendo a história das resistências. As causas dos levantes e movimentos sociais, que ao longo da nossa formação tentavam superar as injustiças, nunca foram abordadas pelos sucessivos governos com a seriedade devida, mas, outrossim, envolvidas numa aura fantasiosa, com objetivos escusos, para adiar indefinidamente uma solução que diminuísse o fosso entre as classes. Sandra Jatahy Pesavento fala da matriz do “potencial metafórico nacional” arraigada no processo histórico brasileiro. As condições perversas em que se implantou o capitalismo compõem um contexto em que

a representação assume, de direito e de fato, preeminência sobre o real. O peso do simbólico sobrepõe-se à realidade: o parecer tem o efeito de ser e, como tal, é julgado e avaliado. A credibilidade do imaginário se impõe, mesmo que as condições concretas das existência neguem os discursos e as imagens que sobre a realidade se produzem. A aparência e a fachada têm alta significação e o detalhe é tomado pelo conjunto.¹⁵²

E será na literatura, segundo a referida autora, que essa especificidade histórica vai ser expressa, pelo predomínio do simbólico sobre o real. “O Brasil seria, no caso, o terreno fértil para a construção de metáforas e para a realização da metonímia, o contexto por excelência onde a imagem mental ou visual dá à aparência o caráter de essência.”¹⁵³ Note-se que é nessa direção que converge a narrativa, o sertão/Brasil sendo re-apresentado como o espaço do mito, em que os boatos podem atingir um poder de deslocamento do ser para além da percepção mais cuidadosa dos fatos.

Entre as muitas conversas e mexericos que André ouvira, uma não podia lhe enganar. Era o seu caso e o de Maria, que entre o arrependimento do

¹⁵¹ *M.f.p.*, p. 37.

¹⁵² PESAVENTO, 1999, p. 160.

¹⁵³ PESAVENTO, 1999, p. 161.

sargento Remígio, rezando e fazendo milagres em sua capela no Bairro Bonina, no subúrbio da cidade, insistia com seu recuo servir a permanência de um equívoco tolerado pelos ideais republicanos, contra aquele velho mundo a quem desmentiram ser o único e tranqüilo aspecto de uma cultura.¹⁵⁴

O espírito de André se acha conturbado pelas narrativas que agregam fabulação mítica, ao que deveria ser apenas um caso de polícia. A República, traindo seus princípios de laicidade, gera uma relação promíscua entre política e religiosidade. As incursões do homem religioso nas linhas de força das mentalidades torna o imaginário preponderante nos direcionamentos da visão de mundo, traindo subjetividades místicas. Estas vão traçar os rumos da sociedade, produzindo um arremedo de modernidade, em que os ideais republicanos são apenas a nova face de estruturas muito antigas, que temem suplantar o atraso. Assim o sargento Remígio proclama seus milagres e com eles presta um serviço àqueles que preferem que o povo tema os demônios, mas respeitem as continuidades do poder temporal.

Apesar de correr em duplicidade o trucidamento de fanáticos que, vestidos de mulheres, foram traiçoeiramente exterminados pela escolta do sargento Remígio, no baixio da Jurema, outro boato espalhava-se pela cidade. Previa a invencibilidade feroz dos fanáticos abatidos, portadores de farta munição e armas, de não serem homens, mas sim mulheres industriadas vindas dos extremos do vale, que as táticas da patrulha repressiva conseguira abater. Entre essa versão e outras, o boato se refez numa imagem mítica, retificação incasual da realidade ali ofertada, até a transidade obscura da tragédia, confundindo-se na permanência dos eventos, de uma República desavisada de seus ideais, e das heranças de uma Monarquia escravagista de doação.¹⁵⁵

O narrador apresenta-nos o Brasil como espaço do imaginário, em que o que se olha e a imagem mental interiorizada divergem, como se esta sofresse uma distorção. Sandra Jatahy Pesavento, falando desse duplo real da imagem refletida num espelho, afirma que ela “depende do olhar de quem contempla, e, como tal, o espelho pode operar de forma

¹⁵⁴ *M.f.p.*, p. 37.

¹⁵⁵ *M.f.p.*, p. 37-8.

invertida e deformante. Representação sensorial de algo que existe, traduz lógicas de percepção que passam pelos caminhos do imaginário.”¹⁵⁶ E essa identidade refletida, coincidindo ou não com o modelo, não deixa de ser aceita. Segundo a autora, esse jogo de espelho, como sistema de percepção e representação do mundo atualiza-se com o tempo, enquanto construção simbólica, estabelecendo comunidades de sentido e referenciais.

Confirma-se no trecho acima essa idéia de República enquanto representação alegórica de uma modernidade deslocada de seus fundamentos, presa a seu passado escravagista e atravessada pelo sincretismo religioso que servia como único referencial no enfoque dos movimentos da vida no interior do país. No sertão, metonimicamente assimilado ao espaço nacional, os fatos ganham fabulação mítica, adquirindo historicidade. As narrativas passam a agir sobre as pessoas, provocando deslocamentos do ser, fundamentando modos de ver e viver.

Entre as tantas, a do trucidamento das mulheres vestidas de homens. Uma delas, encontrada boiando sobre as águas, era quase uma menina e trazia no ventre aberto um braço de recém-nascido, empunhando uma cruz. Todas elas tinham virado santas e soltas pelo mundo faziam milagres e alertavam sentenças!... – E ai de quem em seus corpos buscarem o prazer! Raivosas, viravam cadelas famintas e comiam o coração dos tantos!...¹⁵⁷

O símbolo cristão aí aparece misturado ao bestiário local, dando asas à interdição da sexualidade desenfreada que rebaixa o homem à escala animal. O braço do recém-nascido empunhando a cruz está aí a acusar os assassinos e estupradores, que violam a infância, assim como os poderes do mundo que aniquilam sem exame prévio e defesa aqueles que apenas insinuam uma ameaça à sua permanência.

Os boatos e narrativas mitificantes do que se sucedera ao trucidamento das oleiras não tarda a produzir deslocamentos no ser do personagem André, levando-o ao desatino.

Estas notícias, que não custaram a chegar ao conhecimento do pescador André do baixio da Jurema, despertaram-lhe o medo e, a respeito o teve de maneira ajustável em seu caso pessoal. Sua primeira idéia foi a de esperar o primeiro trem da noite e atirar-se debaixo das rodas. Mas como a fama do

¹⁵⁶ PESAVENTO, 1999, p. 157.

¹⁵⁷ *M.f.p.*, p. 38.

sargento Remigio devia também uma explicação do certo, tratou de procurar o “novo conselheiro”...¹⁵⁸

O homem aí aparece como vítima do que Nikolas Rose chama de maquinação da linguagem, entre outras tecnologias de subjetivação que, por efeitos de significação, imagens enganadoras, realiza uma “montagem da pessoa”¹⁵⁹. A partir de um atentado contra a liberdade das oleiras, fruto de uma interpretação apressada dos fatos, tendenciosamente distorcidos, todo um aparato discursivo ganha corpo, suprimindo o imaginário das populações no sentido de manipular o entendimento, promovendo uma fuga aos enfrentamentos, na esteira de uma concepção mítico-religiosa dos fenômenos do mundo. O personagem André é capturado nessa rede imagética, que promete destruir a si e a felicidade que lhe batera à porta. Cumpre analisar esse surto de negatividade, processo de vitimização agenciado por uma culpa que balda a alegria de viver.

Frente ao altar, o beato mudo e espectral, mirava pacientemente o rapaz angustiado e falou:

– Aproxime-se irmão e conte-me de sua aflição e eu pedirei a Deus para apiedar-se de seus erros.

De olhos pregados no confessor, André apressou-se:

– Foi eu mesmo que vinha pedindo a Deus e, se agora o pecado pesa em minha alma condenada, eu vos digo tudo. – Emocionado e com a cabeça derreada para o chão, contou como Deus o atendera, encaminhando para sua canoa de pescador uma mulher nova, bonita – tenha pena de minha alma – nuazinha em pêlo, como nunca tinha visto.¹⁶⁰

O beato apresenta-se como vítima e artífice de um discurso em que se erige como santidade. Ele, que fabulara a própria desgraça, como enviado do poder para aniquilar os revoltosos, tão logo se dera conta do engano, articulou a saída mitificante, capturado pela máquina transcendente. Numa alternativa ao crime, coloca-se como intermediário da divindade. Ele passa a apregoar a salvação, ao largo dos movimentos da racionalidade e do estado de direito. Poderíamos aqui trazer o conceito de agência que, segundo Nikolas Rose,

¹⁵⁸ *M.f.p.*, p. 38.

¹⁵⁹ ROSE, 2001, p. 174-6.

¹⁶⁰ *M.f.p.*, p. 39.

é um efeito, um resultado distribuído de tecnologias particulares de subjetivação, as quais invocam os seres humanos como sujeitos de um certo tipo de liberdade e fornecem as normas e técnicas pelas quais aquela liberdade deve ser reconhecida, agenciada e exercida em domínios específicos.¹⁶¹

Imaginemos então as ofertas que se apresentavam ao personagem Remígio, imerso em uma sociedade que gravitava entre o mandonismo personalista dos coronéis, os insipientes elementos de uma estrutura de Estado em formação, a cultura ancestral que liga o homem ao meio natural e a ordenação religiosa de caráter sincrético. Nesse contexto, o recurso ao religioso se transforma na principal máquina de subjetivação, estabelecendo limites que abrangem a totalidade do ser, e que tanto o Estado, quanto os mandões locais vão articular como ferramenta imprescindível à manutenção da ordem. O próprio fracasso da missão, comandada pelo sargento, já se dera por essa maquinação transcendente da subjetividade, que lhes permitira ver em quatro jovens indefesas, perigosos assassinos disfarçados. Os espíritos estão articulados em modo de disponibilidade para o imaginário. A realidade, mesmo que fugidia, é inapreensível em sua linhas mais gerais. As representações são sempre distorcidas, reduzidas aos binômios: culpa e punição, expiação e salvação, carne e pecado, entre outros, que estabelecem os limites da liberdade em formas redutoras do agir.

André, por seu lado, está oprimido pela dádiva. Pedira a Deus, e o atendimento a suas súplicas fora visto como arte do satanás, no rastro das histórias que circularam sobre o acontecimento.

– Ouça-me e acalme-se filho de Deus! Sua tribulação pede salvamento e te confirmo. Proteja seu coração, pois ele é puro e pode guardar os tesouros que Deus presente na tua perseverança de vencer o mal. Aproxime-se dos bons e eleitos. Pode confiar na tua devoção e como pescador que se sente, lembre sempre: Satanás também poderá em seu ofício tirar uma prova com seus sentimentos e te digo: com teu anzol e teu arpão poderá vencer Satanás, desde que nunca se esqueça que a santidade é um alcance de Deus...¹⁶²

¹⁶¹ ROSE, 2001, p. 177.

¹⁶² *M.f.p.*, p. 39.

O beato tenta apaziguar o coração oprimido do pescador. Podemos notar que o narrador assume diferentes identidades no rastro de suas personagens. Sinta-se o tom piedoso e a atmosfera criada nessa cena. André, em seu retorno à casa, retoma o idílio dos primeiros dias, parece ter-se livrado momentaneamente do sentimento de culpa.

O sol entrava pelas frestas do telhado adiantado e André redescobriu o que nos primeiros dias do casal era a felicidade. Uma redoma de luz arrastava-se pelo rosto de Maria. Contemplou-a, pausadamente, e a teve no pensamento como um conselho do seu coração: Até parecia ter esquecido de quando pediu a bênção ao beato Remígio na despedida e ele falou carinhoso: – “Escuta, menina: a Santa Missão de frei Natanael está para chegar nessa sofredora Juazeiro, carregada de pecados e, que a nós venha a bem da nossa luz. “Venha com tua mulher de véu e grinalda e dela faça tua esposa e ganhe a paz para o teu coração e nunca mais temerás da fúria e loucura dos grandes peixes.”¹⁶³

André é um ser agenciado pelo discurso religioso. A bênção concedida pelo beato Remígio, foi o bastante para lhe trazer paz e reconquistar a alegria de viver. Esse momento de distensão parece reconquistá-lo para si. Observa-se em seguida o que Deleuze e Guattari chamam de *linha de segmentaridade dura ou molar*, dos territórios bem determinados, planejados¹⁶⁴, representada pela instituição religiosa e estruturas de sociabilidade. Elas visam garantir uma identidade, orientação esta que mantêm uma relação de tensão com os fluxos espontâneos, a chamada *linha de segmentação maleável ou molecular*. Esta é marcada pela desterritorialização. É formada de matéria inapreensível, molecularizada, “em velocidades que ultrapassam os limiares ordinários de percepção”¹⁶⁵. André reencontra sua felicidade através do discurso referencial, mas parece momentaneamente fugir a essa alçada, num encontro com seu ser natural. Irá, entretanto, prevalecer o agenciamento da máquina religiosa sincrética, abarcando lendas e superstições. Note-se que a partir das palavras do religioso, ele cria a fixação de que irá pescar um grande peixe, o maior que Juazeiro jamais viu, e com ele erguerá sua honra de pescador destemido. Prepara-se para a empreitada e parte. Encontra o velho Soza, amigo de seu falecido pai, a quem conduz ao outro lado do rio. Entre muitas

¹⁶³ *M.f.p.*, p. 40.

¹⁶⁴ DELEUZE E GUATTARI, 1996, vol. 3, p. 67-70.

¹⁶⁵ DELEUZE E GUATTARI, 1996, vol. 3, p. 68.

histórias, o velho acaba por ajudá-lo na pescaria de um grande peixe, ao tempo em que vai destrinchando sabedoria, um conhecimento minucioso dos homens e dos peixes, aproximando similitudes.

– Ah!,,, Os grandes surubins senhoriais para serem arrancados dos peraus profundos não fogem ao desafio. Articulam, metodicamente todos os recursos que lhe são conhecidos e para estabelecer entre eles e os homens uma lealdade cavalheiresca, no ritmo e precisão da contenda. Dado a elementos dispersos, esgrimam em espaços insensíveis, onde as artes da vida e da morte neutralizam golpes, para ajustar no desfecho, a imprevisão dos fatores; que as resistências além dos riscos, refletem no acontecimento imposto como significado dos eternos valores entre os bichos e os homens e acontece. O pescador vive no espetáculo, a antemorte que a planura das águas e o céu limitam nas respostas.¹⁶⁶

O velho Soza sabe ler os indícios que a natureza em seu todo vai semeando no mundo, e com eles tece a narrativa dos homens. Sabe bem o que lhes vai pelo coração.

– ... Quando vi seus apetrechos bati na testa. Este rapaz quer divertir-se, ou está arreliado com a namorada. O pescador que joga uma linha nas águas para comer acaba encontrando um capricho e, entre os muitos, o de tecer um cofo ou se armar de um arpão e um dia poder contar a história de um sonho qualquer.¹⁶⁷

O narrador surpreende constantemente o seu leitor com sua arte de contar, costurar beleza nas coisas mais simples. Sabe manter a tensão poética em alta, filosofando sobre homens, animais, aproximando os mistérios da vida. Essa, tal qual a propõe Osório Alves de Castro é uma grande decifração, em que a poesia alcança a forma superior de pensar os dilemas que afligem o nordestino e a humanidade, buscando um horizonte de liberação das amarras que afetam sua expectativa de realização, individual e coletiva. “Os grandes peixes, tal qual os homens importantes se deixam perder pelas variações que acontecem não serem estranhas a nós outros a quem a felicidade dá as mínguas do

¹⁶⁶ *M.f.p.*, p. 47.

¹⁶⁷ *M.f.p.*, p. 48.

pensamento.”¹⁶⁸ O recado está dado: que os poderosos não menosprezem o olhar acurado da gente humilde, que tem por vezes na felicidade simples nascida da vibração com as coisas e fenômenos um instrumento de decifração, que ultrapassa a razão. Por olhar na amplitude, com a sisudez de quem domina o mundo, os grandes podem perder detalhes importantes.

Os dois pescadores, sensíveis aos mais tênues sinais que o rio lhes envia, estabelecem diálogos. Lêem nas águas os movimentos com que um grande peixe se anuncia.

A expectativa de André, amparada pela prosa do Soza, deteve-se por um desvio limitado, mas, não enjeitou. Atravessavam o Jurema, afundou o remo nas águas e alcançaram o meio do rio e a caçaria começou. O Soza que já tinha prendido ao anzol as iscas vivas, foi soltando a linha rio abaixo e a canoa, cedendo à pujança do remador articulava as tramas da oferta, enquanto o velho balançando a linha, ilustrava confrontações.¹⁶⁹

O velho pescador desafia o peixe, incita-o como um toureiro ao touro, em compreensão mútua, diálogo que se revela enquanto dobras de um aprendizado do eu no encontro do mundo. “André afundava o remo, enquanto, funcionando a linha, o Soza, numa variedade ativa dos aspectos, dava força, poder às dúvidas que, entre os peixes e os homens, não seriam variáveis.”¹⁷⁰ O narrador usa a metáfora da pescaria para desvendar os artificios dos dominadores que dão trelas às indecisões de suas presas, no sentido que se mantenham dispersas, o que facilita o jugo. As certezas podem ser perigosas, deixam os homens centrados, atentos a seus sonhos e utopias. Através delas os homens se afirmam e resistem a outras verdades que lhes queiram impor. O poder alimenta certezas, fazendo a montagem de um referencial que tenta universalizar, ao tempo em que não abre brechas para que o Outro erga-se em tom afirmativo.

A pescaria prossegue. E o narrador traz filosoficamente essa visão da vida, em que as pessoas sábias, assim como os animais idosos, convergem para um encontro, sintetizando o grande mistério.

¹⁶⁸ *M.f.p.*, p. 48.

¹⁶⁹ *M.f.p.*, p. 48.

¹⁷⁰ *M.f.p.*, p. 48-9.

– É ele – gritou o velho, pondo-se de pé. Enlouqueceu!... E do desempate à lealdade, o velho sentiu, na temeridade do peixe, a proximidade de um ajuste sentimental, sem promoção para os dois naquele final que, entre a vida e a morte, era uma diligência de encontros. Foi soltando a linha, advertindo o timoneiro num desafio teatral de um combate sem vencido nem vencedor.¹⁷¹

O embate final entre a vida e a morte apresenta-se como um encontro entre destinos opostos realizados na aproximação do caçador e sua presa. Cada qual cumpre o seu destino. Importa apenas a lealdade e o ajuste da ação, buscando escapar ao comprometimento subjetivista, como atores de um teatro, que saem de si para chegar ao outro, o personagem agônico, ante quem a platéia se curva num processo de identificação.

De pé, como um toco de mastro cortado pela tempestade, o Soza resistia e chorava para sentir, entre ele e o peixe, a classificação dos anônimos ali no correr da tarde e o apanhado do sol aquela confluência de paridades que, a invulgaridade da tragédia valendo o sentido das lutas pelas demandas da perseverança. Disparado rio abaixo, o peixe, a trinta braças acima, fecha a grande curva e seu lombo lustroso e negro brilhou, num trato de ouro e treva dos profundos ocasos nordestinos.¹⁷²

Presencia-se em sua beleza esse embate de anônimos, o grande peixe e o homem, em seu afã, sob o sol que os iguala em grandeza. Nesse confronto entre grandes forças, o homem e o sertão, apurando sensações e podendo chegar a uma revelação, aqueles que sabem olhar e meditar nos arrebatamentos de um por de sol, com tudo que tem de simbólico e ocaso. Na seqüência, o velho Soza, no lado pernambucano, consegue alugar dois ajudantes para auxiliarem André na travessia.

Partiram cedinho e Soza, depois de abraçar o rapaz o beijou na testa, consideração dispensada àqueles a quem o velhos adiantam um juramento. A impressão que tivera André, do Soza, começou a turbar-se, quanto mais aproximava-se de casa. O ajudante em trânsito para Bahia, onde iria noivar

¹⁷¹ *M.f.p.*, p. 51.

¹⁷² *M.f.p.*, p. 51.

com uma prima, passou a alargar os muitos mistérios que a guerra sertaneja habilitava.¹⁷³

O tempo começa a se fechar para André. O narrador aporta mistério nesse beijo simbólico. Soza, que lê nas entrelinhas dos mínimos sinais, teria antevisto um destino trágico, tão próximo? André, um ser em crise, é a todo momento esgarçado pelo que volta e meia tange no seu destino o desrespeito à uma interdição. Ele não se conforma no papel de marido. Aproxima-se muito mais do mártir, que sem saber profanara a inviolabilidade da santa.

A cruel e desastrosa mutilação da promessa missionária de formação de uma pretendida civilização cristã resultava um genocídio que, antecedendo um perigo estruturado, dava a uma tosca imitação de Cristo, o sentido incalculável de uma tragédia nacional. Agora, o que acontecia para André – o pescador – era a imagem da própria República, assistida pelo infortúnio. Enquanto contava as mais extravagantes histórias do trucidamento coletivo e, entre elas, a das quatro moças que viraram santas, emocionado e crente, o Ajudante falou da mais jovem e bonita que se transformava em uma cachorra faminta e devorava o coração de todos aqueles que usaram de sua fraqueza e a inocência das virgens desprotegidas.¹⁷⁴

O narrador sintetiza em poucas pinceladas a história do Conselheiro, arremedo de Cristo, que tentara implantar no sertão nordestino uma comunidade em moldes igualitários, mais próxima do modelo socialista pretendido no cristianismo inicial e pouco ou nada aplicado pela igreja institucional. Assim como a República, André também é vítima de rumores, que antes de aproximá-lo de uma visão clara dos acontecimentos e suas causas, seguem uma interpretação delirante que o levam ao caminho da perdição.

André, silencioso e triste, remava para casa, medindo seu desespero no encurtamento da travessia. Na variedade tenebrosa do seu drama, as prédicas do beato Remigio, falando dos peixes e das pescas, o ligavam a uma tangente de terrores, onde o Soza, fingindo-se de amigo do seu pai, era

¹⁷³ *M.f.p.*, p. 52.

¹⁷⁴ *M.f.p.*, p. 52-3.

simplesmente uma encarnação do Satanás. Chegaram. Os dois se despediram e o mais comunicativo, disse amistosamente, num disfarce da juventude:

– Cuidado com as Santas, amigo! Elas são a encarnação de todas as culpas. Tá?...¹⁷⁵

André, fragilizado, entra num caminho sem volta, entrecruzado por narrativas que dão fabulação à própria tragédia. Os companheiros parecem ter percebido as disposições sombrias de seu espírito, que parece vergar o corpo sob o peso de uma culpa que lhe assenhorara no reverso de uma felicidade em que não se cabia. Ele é a imagem do nordestino agenciado pelo discurso da miséria que lhe destina o espaço da fome, de todos os padecimentos que deverão ser purgados pela penhora do ser ante o altar dos desgraçados. O deus que preside o sacrifício do Homem é a imagem do padecimento. Tem o coração sangrando, símbolo do masoquismo, como constata Gilberto Freyre.¹⁷⁶ Para Durval Albuquerque, o Nordeste

é uma máquina imagético-discursiva que combate a autonomia, a inventividade e apóia a rotina e a submissão, mesmo que esta rotina não seja o objetivo explícito, consciente de seus autores¹⁷⁷, ela é uma maquinaria discursiva que tenta evitar que os homens se apropriem de sua história, que a façam, mas sim que vivam uma história pronta, já feita pelos outros, pelos antigos; que se ache “natural” viver sempre da mesma forma as mesmas injustiças, misérias e discriminações. Se o passado é melhor que o presente e ele é a melhor promessa de futuro, caberia a todos se baterem pela volta dos antigos territórios esfacelados pela história.¹⁷⁸

Mas, esses mecanismos de apreensão e formatação do ser, de que fala Albuquerque, não são um construto, algo extraído *ex nihilo*, a partir do surgimento da idéia de Nordeste. O narrador em Osório aponta para uma maquinaria perversa que ganhou vulto durante o Brasil colonial, por conta da imposição religiosa, do mandonismo e do escravagismo. Trata-se de uma herança que permanece viva na contemporaneidade, instrumentalizada

¹⁷⁵ *M.f.p.*, p. 53.

¹⁷⁶ FREYRE, 1998, p. 87.

¹⁷⁷ O autor refere-se às narrativas que predominaram com o chamado romance regionalista que, a partir dos anos de 1930, acabaram por ajudar a fixar no universo discursivo nacional um Nordeste como espaço segmentado, regionalmente portador de características que o marcam pela selvageria, pela primitividade no trato com a religião ou questões de ordem social e política, o que entra em contraste visível com o Sul civilizado e desenvolvido.

¹⁷⁸ ALBUQUERQUE, 2001, p. 85.

pelos diversos regimes políticos e práticas cotidianas, sob verniz de liberalismo e outros discursos modernizantes. É nesse sentido que aponta a narrativa: mostrar, como quer Lukács, os mecanismos de alienação do homem. Esse pensador das formas literárias faz uma topografia do espírito transcendente na cultura ocidental, cujo paradigma repousa na integralidade do homem, que desconhecia a cisão entre alma e ação, atitude que reporta aos tempos heróicos da Grécia, de que tomamos conhecimento pelas narrativas homéricas. O espírito aí desconhece um interior ou exterior a si, “toda a ação é somente um traje bem-talhado da alma.”¹⁷⁹ Na tragédia, vemos um homem cuja a vida perdera a imanência com a essência.

No destino que dá forma e no herói que, criando-se, encontra a si mesmo, a pura essência desperta para a vida, a simples vida aniquila-se perante a única realidade verdadeira da essência; para além da vida, foi alcançado um nível do ser repleto de uma plenitude ricamente florescente, diante do qual a vida cotidiana não serve nem sequer de contraste. [...] O herói da tragédia sucede ao homem vivo de Homero.¹⁸⁰

Para Lukács a filosofia vai desenvolver-se como esse “sintoma de cisão entre interior e exterior, um índice da diferença essencial entre eu e mundo, da incongruência entre alma e ação.”¹⁸¹ Nesse vácuo de transcendência, a Igreja instaura uma “nova *polis*”, e

do vínculo paradoxal entre a alma perdida em pecados inextinguíveis e a redenção absurda mas certa originou-se um reflexo quase platônico dos céus na realidade terrena, do salto originou-se a escala das hierarquias terrestre e celestial. E em Giotto e Dante, em Wolfram de Eschenbach e Pisano, em São Tomás e São Francisco o mundo voltou a ser uma circunferência perfeita, abarcável com a vista, uma totalidade: o abismo perdeu o perigo das profundezas efetivas, mas todas as suas trevas, sem nada perder da luz sombria, tornaram-se pura superfície e assim se inseriram à vontade numa unidade integrada de cores; o apelo à redenção tornou-se dissonância no perfeito sistema rítmico do mundo e possibilitou um equilíbrio novo, embora não menos colorido e perfeito que o grego: o das intensidades inadequadas e

¹⁷⁹ LUKÁCS, 2000, p. 26.

¹⁸⁰ LUKÁCS, 2000, p. 32-3.

¹⁸¹ LUKÁCS, 2000, p. 25-6.

heterogêneas. O caráter incompreensível e eternamente inacessível do mundo redimido foi assim trazido para perto, ao alcance da vista.¹⁸²

Os dogmas cristãos desconsideram o ser no mundo e o desenvolvimento da subjetividade. O contato imanente com os fenômenos da vida, seja em estado de fruição ou de observação meticulosa, foi declarado um desvio das verdadeiras metas da vida, a busca da redenção. A vida espiritual cria e alimenta a cisão do ser-no-mundo. Torna-se ao longo dos séculos um instrumental para a perseguição e aniquilamento das diferenças. O personagem André vive o dilema entre ser feliz no estado natural, aquém dos discursos e interações corpóreas no meio social, ou se deixar envolver nos chamados *agenciamentos coletivos de enunciação*, que incidem sobre os *agenciamentos maquínicos* dos corpos, discutidos por Deleuze e Guattari.¹⁸³

... André tinha voltado. Antes de ser percebida, valendo-se da sua argúcia de mulher, atendeu à juventude irrequieta e foi vestir a roupa nova, para agradar o seu homem.

André, angustiado, andava em frente da canoa, dando pontapés na areia e, gesticulando como se rebatesse um falso testemunho, pasmou-se e assim ficou, até que Maria o chamasse.

– Andrezim, vem aqui.

Curvado e obediente, atendeu e foi subindo a ladeira. Diante do rancho estacou-se à frente da companheira e exclamou, deslumbrado, dando um passo apara trás. – Maria, você está tão bonita que até parece... – e engoliu a palavra, como se lhe sufocassem pelas costas. Abatendo-se parecia uma planta tenra tomada por uma labareda, até tornar-se imóvel.¹⁸⁴

A tragédia parece iminente. André não consegue encarar a vida em sua realidade prática, sem intermediações. A felicidade, tudo de bom que a vida de repente lhe oferece – a ajuda de amigos insuspeitáveis, assim como o espírito jovial e inquieto de Maria, trazendo-lhe praticidade no trato com as coisas, – é visto como artes do demônio. Age no reverso dos adjuvantes e da sorte, pretendendo fazer sangrar em si todas as culpas do mundo.

¹⁸² LUKÁCS, 2000, p. 35.

¹⁸³ DELEUZE E GUATTARI, 1995, vol. 1 e 2.

¹⁸⁴ *M.f.p.*, p. 55.

– André, você está doente? – E caminhou para ele.

– Não me toque Maria, eu já sei. Você e suas amigas viraram Santas. Triste é minha sina e juro: não tenho culpa. Rodou, sem fitar a companheira e voltou para o porto. Sentou-se no chão, pôs as mãos na cabeça, demonstrando grande perturbação. Maria, notando que existia uma presa no cofo, dirigiu-se para lá. Levantando-se André gritou, furioso e ameaçador.

– Pare Maria, não se aproxime deste peixe. [...] – Foi Satanás que pescou este monstro, grande demais para as minhas forças e eu lhe digo: defenderei a pureza de teu coração. [...]

– Você ficou doido André?... – E começou a chorar cobrindo o rosto com as mãos.

Instintivamente, Maria foi se afastando. Teve medo, não escondia! Ele estava louco. De mãos levantadas, André implorou: “Salve Rainha, mãe de misericórdia ...”

Maria tentou amparar o rapaz que, reagindo, precipitou-se no rio. Arrastado pela corrente, veio três vezes à tona e, depois, desapareceu para sempre.¹⁸⁵

Maria é a imagem do desconsolo. Ela não consegue, em sua simplicidade que abarca a vida em seus fluxos e facilidades, concatenar com o caráter desviante, adejando lucubrações complicadoras. Os acontecimentos caminham no sentido de dar confirmação ao mito da santa inviolável, que reserva um destino trágico aos homens que dela se servirem, levando-os à loucura e à morte, como apregoam as histórias a seu respeito. André torna-se assim a primeira vítima do messianismo reformador do beato Remígio, que espalhou a boataria mitificadora das “quatro” mulheres assassinadas.

Pregados no vácuo, os olhos de Maria foram se turvando na solidão. Diante de si, o mesmo rio, pesado e silencioso, desamarrava os nós das contradições. Vinha de longe, ali rendendo e esvaziando no destino de seus filhos, a temeridade de viver.

Aflita, Maria ainda gritou: – André! – E só ouviu o pio comprido de uma alma-de-gato – passarinho do desconsolo – voando por cima do macegal penteado pelas virações do nordeste. [...] O descampado a atendia e sentia,

¹⁸⁵ *Mfp.*, p. 55-6.

novamente, o que lhe seria mais próximo. Era ele, aquele mesmo rio São Francisco, criando as plantas, os bichos e as pessoas, também ele, que levou o seu primeiro André para a guerra; o seu segundo transiado pela doídice, para a escuridão sem fim, que a recebia ali, sozinha, guardando na vida as sementes dos dias esperados.¹⁸⁶

O rio São Francisco fica confirmado como gerador de vida, mas é também o destino, em que tudo se esvai. As águas dão e tiram, desfazendo enganos. Ao ponto a que André chegara, só ao rio conciliador caberia uma resolução e o reverso de um aprendizado distorcido por crenças que muito mais satisfazem aqueles que as propagam e aos poderes a que servem. Nesse contexto, resta ao crente a permanência nessa fronteira límbica, agenciado inconscientemente pelos interesses de terceiros, que dificilmente conduzem a uma realização que ultrapasse a miséria do ser.

V Encontros e descaminhos na confluência do Grande Mundo

Maria não se delonga em sentimentos de perda por seus homens que se foram. Do primeiro André, que partira para a Guerra Santa de Canudos, não pede nem dá notícias. É um rastro apagado no vendaval. Do segundo, obnubilado e perdido na esfera do maravilhoso mundo mítico, teremos apenas algumas referências ao longo da história. A existência exerce seus chamados inexoráveis que não lhe deixam fôlego. O presente é seu elemento, marcado evidentemente por uma História de maus agouros para sua gente e em especial para a mulher. Os homens têm importância minimizada. Interessam os filhos, uma geração livre das injustiças que o passado e o presente tentam perpetuar.

Maria passa por um processo de aprendizado na cidade Juazeiro da Bahia, um microcosmos que reflete as distorções nas estruturas sócio-econômicas da totalidade do país. Encontramos uma cidade dominada política e economicamente por um grupo familiar. Os donos do poder acham-se maquinados pelo imaginário patriarcal e coronelista que resulta em atitudes intempestivas, tendo como parâmetros a própria vontade e interesse. Entretanto, esses chefes vão estar constantemente em xeque, acionados pelo gênero feminino, uma força emergente que busca sua autonomia e igualdade de direitos.

¹⁸⁶ *Mfp.*, p. 56.

Nos momentos que se seguem à morte do companheiro, Maria, traumatizada, não se dá como perdida. Consegue, apesar do espanto, ter a dimensão exata da tragédia que a atinge.

As horas caminhavam cegas na aflição de Maria. Vultos apagados zanzavam em seu pensamento. Seria a culpa? Culpa de quê? Domitília, a Dió e Júlia que, ainda era quase uma menina e levava um filho no ventre? Por quê? Íamos ao encontro dos nossos, que partiram armados com os ensinamentos vindos dos fundos das eras em salvação de nossas almas! Agora, ali, só contava com seu próprio nada. De seu sobrava o quê?¹⁸⁷

Maria desqualifica o mito a seu respeito, estribando-se de forma mais ampla no mito cristão, que pela sua permanência nas sucessivas gerações, já se firmara com força de realidade, com potência suficiente para livrá-la de qualquer sentimento de culpa que se pudesse imputar à sua maneira de ser e estar no mundo. Entretanto, ela vai mais longe e cai no próprio nada, como fruto dessa vida sempre em alteridade. Habita um fora, de si, interiorizando narrativas de deuses e santidades, receitas de se dar e receber no intercurso com a alteridade, articulando modalidades de ser. A constatação “só contava com seu próprio nada” torna-se emblemática para a personagem, no sentido de assumir sua humanidade com virtudes e defeitos. Busca o autoconhecimento para além das ilusões e palavras de ordem emitidas pelo poder. Ela coloca-se como um ser em disponibilidade para o mundo. Espera no fio da vida, na lâmina do Rio, caminho do desconhecido, o que lhe pudesse advir. Reúne seus pertences e se dirige de canoa para Juazeiro. Atende aos chamados da cidade grande, de que tanto ouvira falar e aonde pretende vender o grande surubim que afirma ter pescado. “Ela teria o prazer de conhecer aquela tão falada cidade, cuja fama, até no Araçá do Mel jamais fora esquecida.”¹⁸⁸ O companheiro de viagem, um remador que empreitara, desenrola sua filosofia de gente simples, mas que guarda um entendimento apurado do convívio social na cidade grande:

– A senhora, moça, é muito espícula e se nisto, quem avisa amigo é, me desculpe por favor. Tome cuidado. A cidade grande é uma adivinhação. Portanto, se compreende. Lá, ou onde chegar, a mulher bonita é uma fruta do

¹⁸⁷ *M.f.p.*, p. 57.

¹⁸⁸ *M.f.p.*, p. 58.

paraíso. Se a lordeza é um chamado o impossível vira uma pergunta que até santo custa a responder. [...] A sorte é um serelepe e, como o raio que se cria nas alturas, tem suas temeridades que entre as sementeiras e a colheita vira o cabimento das esperas...A menina me entendeu?¹⁸⁹

As imagens que o narrador insinua no falar do remeiro alcançam um valor gustativo, apontando Maria como o supra-sumo do mel que dá vontade de provar. Ao tempo em que alerta para os perigos do luxo fácil que lhe possam oferecer na cidade, insinua a impossibilidade da moça ter conseguido pescar tamanho peixe, mas enfim, como a sorte é buliçosa, tudo é possível. A pergunta final constitui-se numa verdadeira delícia da arte de narrar. O remeiro destrinça sua catilinária filosófica, de deixar qualquer um zozinho, e ainda pergunta à moça simples se ela havia entendido. Maria responde com um sorriso.

Em sua chegada a Juazeiro, Ápio Fontes, mentor intelectual da cidade e líder político, apressa-se em ajudar a moça, providenciando a compra do pescado e proferindo um discurso de improviso em que enaltece sua iniciativa, coragem e qualidades heróicas em pescar o maior dos peixes já visto por aquelas bandas. Prontifica-se a alojá-la na casa de sua irmã, dona Ângela. Aí, Maria é apresentada à sociedade local, por ocasião da comemoração do fim da guerra de Canudos. Com desenvoltura ela filosofa:

Os senhores e senhoras sabem que as águas se juntam, como as gentes e as plantas, para serem uma coisa só?...O rio Corrente de viação menor é verde e claro como um vidro. Léguas acima joga-se no maior de todos e, tudo ali, se vê nas cores e nas andanças como um fecho de sol em sombras e serranias. Perdendo largura, não perde a clareza, até ficar tão fina como um fio de cabelo e faz viver nas águas e nas ribanceiras o esbanjo dos seus tesouros!...E tudo se enxerga sem demudar: no vulto das piracemas e nas cores das escamas nos lustres das folhagens e na cor e no cheiro das flores, até onde o São Francisco retoma suas margens e continua como um abraço na terra, se indo... se indo...¹⁹⁰

A imagem alerta para a união das pessoas que, assim como o São Francisco, que é grande porque recebe as águas dos pequenos córregos, deveriam se unir para o

¹⁸⁹ *M.f.p.*, p. 59.

¹⁹⁰ *M.f.p.*, p. 64-5.

engrandecimento geral. Aplaudida, pedem que continue. Ela fala dos peixes, seus hábitos, mostrando sensibilidade, um olhar atento para os fenômenos da existência.

– E como se nós meninas do Araçá do Mel já adivinhássemos tudo. Víamos os peixes nadando ansiosos, numa lida dada pela árvore de frutos madurados nas correntezas natais. Eram os grandes peixes surubins manhosos e negros do lodo justo às profundezas onde não chegam as flechas pontiagudas dos bicos dos tuius, nem as rondas carnívoras das lontras e a fome canina das piranhas aproveitando o remate das tragédias. ...¹⁹¹

O mundo de Maria, o Araçá do Mel, apresenta-se como um éden de memória arcaica em que a vida pulula entre a beleza e os desenlaces arrebatadores. Trata-se de uma região límbica e ao mesmo tempo útero gerador de toda a vida. A personagem demonstra a sabedoria de quem sabe ler no legado dos elementos. Ela percebe a simbologia dos grandes peixes, inatacáveis em sua grandeza espriada nas profundezas que os perigos comuns não conseguem afrontar. A fala de Maria passa um recado para os incrédulos que desafiam, sorrateiros, o que foge à compreensão imediata de seus ímpetos articuladores da maldade, colocando no pedestal a incapacidade da mulher, às quais erguem preces de cinismo.

Sem deter sua malícia, o Coronel Sampaio, esperto e miudinho, comentou, ante o espanto de todos: – Foi atendendo essa história que atentou a senhorita pescar e humilhar um grande peixe, para dar o que comer aos habitantes de Juazeiro?...

Sacudiu a cabeça negativamente. O impacto que se alastrou nas caras atingia o seu primeiro objetivo. Seus olhos cruzaram com os de Laura Emerenciano, numa previsão ajustada que um sinal acertado entre elas e dona Ângela, antecipando aquilo que ficara, entre elas, dentro de um sorriso, que não seria mais do que uma denúncia dos inocentes, caricaturizando nos aplausos a irresponsabilidade dos vitoriosos.¹⁹²

¹⁹¹ *M.f.p.*, p. 65.

¹⁹² *M.f.p.*, p. 65.

As mulheres entendem-se no olhar. Demonstram conhecer a natureza dos homens, cuja arrogância leva-os a desconhecer as possibilidades de realização feminina. Julgam-nas incapazes de grandes feitos.

A seguir, Dona Ângela sugere a ida de Maria para a casa do Coronel Emerenciano, o que parece interferir nos planos que Ápio traçara para a moça.

Aqui, para nós, Dona Delfina é uma velha encasquetada, sobrelotada de taras e mania de nobrezas que jamais existiram por esse nosso fandango de currais e jagunçada, onde a escravatura feminina foi sempre um fator de tratos domésticos que, às vezes, saltavam da cozinha para a cama.¹⁹³

O narrador, nas palavras de Ápio Fontes, desconstrói pretensões nobiliárquicas por conta dos grandes daqueles sertões. Reduz a todos à estatura de vaqueiros e jagunços, cujas escravas eram comumente objeto da luxúria de seus senhores. Essa observação do personagem revela-se uma estratégia, para que Maria permanecesse em casa da irmã, onde poderia usufruir da sua beleza, de forma concedida ou roubada. Homem casado, ele estava de amores com Laura Emerenciano e tudo que não queria era que Maria fosse para lá, pois isso complicaria seus planos lúbricos, que entre tantas aventuras atenderiam todos os possíveis transbordamentos. Observamos, pelas palavras de Ápio, que a personagem Dona Delfina foi capturada numa esfera discursiva em que o ideário das vivências está para além dos sentidos. Ela estabelece um espaço de transcendência do imediato num rol de idealizações que envolveriam um passado de nobreza, com raízes prováveis no velho continente. Há no caso uma predominância do agenciamento coletivo de enunciação, numa sintonia que abrange a camada da população que, tendo seus pés plantados na senzala, vive imaginariamente no mundo dito civilizado das principais metrópoles da Europa. Como afirmam Deleuze e Guattari, os agenciamentos se ligam uns aos outros, formando rizomas, redes de interações impossíveis de se rastrear em suas especificidades e fluxos, muitas vezes inconscientes. O delírio esquizóide de Dona Delfina parece ignorar a fricção dos corpos maquinados pelo desejo carnal, como vemos nos ímpetus de Ápio Fontes articulando a posse de Maria. Ele comporta-se como o macho escravo dos hormônios, em estado de natureza. Mas, é também um ser agenciado pelos discursos da macheza que articula comportamentos predatórios em relação à mulher na cultura nacional.

¹⁹³ *Mfp.*, p. 66.

...Mal a velha penetrou na Matriz, ele se deu, portas adentro, pela casa da irmã. [...]

E tomando um ar de intimidade: – Você já teve um namorado?

No olhar senhorial de Ápio Fontes, a perversidade de Félix Quarto se fez presente, como um aviso sinistro. Pôs-se de pé e seus olhos brilharam, como se algo explodisse nas profundezas de suas premências.

– Assustou?

– Não!

– Então vai me contar uma coisa. Você já teve um namorado?

– Tive meus maridos.

Sem esperar que a moça, embaraçada, completasse a informação, Ápio fontes aproveitou-se da emoção da mesma e, da indagação, passou à ação e denúncia:

– Ah!... nos enganou. Então és mesmo uma mulher, com esta carinha de inocente?

Maria continuou com os olhos pregados no chão, enquanto Ápio Fontes teve a certeza de que um flanco abria-se para sua estratégia. Para ele todas as mulheres viviam o enigma de sua condição e, se algo de compromisso afetuoso ou convencional existisse ou não, a violência atendia um encontro consigo mesmo. [...] O amor sem perigo passa a ser obrigação dolorosa, como a saudade de certos sonhos que nos acordam para sempre. – Atacou e...!¹⁹⁴

Ápio Fontes faz a apologia do amor como uma estação de caça às mulheres, seguindo uma estética do desejo que apraz contemplar ambas as partes no esbanjamento das delícias. De outra sorte, haveriam inibições prejudiciais a este que é o ato ancestral de conquista do infinito desconhecendo interdições. A própria mulher, como nos fala Ovídio¹⁹⁵, não se contém, na ânsia de ser possuída, seguindo instintivamente a sua função reprodutiva. Maria estaria aqui agenciada pelos chamados fisiológicos, hormonais, a contrapelo das interdições e discursos que tomam corpo no meio social em prol da autonomia feminina. E é desse conflito que o personagem se aproveita. Após o desmando, ele recompõe-se sedutor, lançando seus planos audaciosos.

¹⁹⁴ *M.f.p.*, p. 67-8.

¹⁹⁵ OVÍDIO, 2001.

– Maria, se eu não fosse casado levaria você para viver comigo para sempre, num lugar bem distante, entre o mar e as montanhas!

Aquele “se eu não fosse casado” desatendia a função mística de ter ela caminhado nua e faminta para um outro homem que findara em outra tragédia desalmada e sem conta. Agora, era como se ouvisse a voz da Donzalesca falando para as meninas do Araçá do Mel, da mão de Deus, que conduz as mulheres pelos mesmos caminhos e distâncias das águas e do mundo, onde em sonhos, tal qual a relva nas várzeas sobra sempre uma flor e uma semente para a vida continuar. E o estupro que, nem os irracionais aceitam sem lutar, calou-se ali para o comportamento das aparências. Deixando-a sobre o chão Ápio fontes se compôs e fugiu.¹⁹⁶

A hipótese do casamento seria uma queda na temporalidade e seus derivativos de luta pela sobrevivência. Romperia com o ideário mitificante e mistificador que envolvera os episódios em torno do trucidamento das mulheres e o subsequente ato de caminhar nua para o pescador André, tentando re-fundar o mundo. É importante ressaltar a insistência do narrador em reiterar a existência simbólico-transcendental da personagem. Isto envolveria um componente ideológico e outro com forte apelo inconsciente, visando à recuperação do *status* de respeitabilidade da mulher e o consequente reconhecimento de seu papel. Maria está sempre a renascer, buscando ser outra. Ao ser resgatada do brejo em que ficara por um tempo sem conta, recomeça uma nova vida, sem pensar em continuar a viagem para Canudos. Não pranteia as companheiras mortas. Não fala em nenhum momento do marido a quem iria encontrar. Este parece uma imagem distante, sem nenhuma relevância em sua vida. Suas lembranças, como as de agora, referem-se à matriz existencial, o Araçá do Mel, e não chegam a ganhar uma visibilidade intensa. Enfrenta uma nova existência, sem pensar no segundo André. Esbanja uma potência, um ímpeto para alcançar sempre a vida, com a missão de projetá-la para a eternidade.

O narrador não mostra, num primeiro momento, o abalo sofrido pela personagem Maria, como se fosse irrelevante, ou historicamente assimilável, enquanto acontecimento preponderante ao longo da formação do povo brasileiro. Maria, numa representação mítica de todas as Marias mães da nacionalidade, traz com seu silêncio o símbolo de quatrocentos anos de história. Fica-se sabendo que houve uma reação,

¹⁹⁶ *Mfp.*, p. 69.

através de seu agressor. Ápio apresenta-se em sua pretensiosa identidade de canalha, com todo o conhecimento de causa.

Porta afora do solar da velha irmã, recuperou a calma que o hábito da impunidade refletia em si a agressividade das táticas sucessórias, e foi diretamente para o Escritório.

Meia hora depois, bateu na testa, deixou a poltrona e subiu o dedo. Tinha um plano e... Foi olhar sua cara no espelho e disse, de si para si: – Quem te fez assim, Ápio Fontes?¹⁹⁷

Ele mesmo assusta-se perante sua imagem. Tenta de forma folgazona entender as origens do seu ser tumultuoso e incontido. Faz um balanço das mulheres que violara.

A reação de Maria não passou despercebida para ele, acostumado a esses instantes de relações apostas por um aceite, onde a idéia do definitivo nunca deixa de ser uma dimensão da vida, frente à sua própria realidade. Quanto atentara contra Toninha, só existia uma reciprocidade de confirmação: a concepção e esta não se seu. Com Laura foi uma reação de impunidade para quem as responsabilidades estavam abaixo das relatividades de classe que o instinto justifica proporcionalmente a condições paralelas e tornava-se um caso à parte sob o conhecimento de todos, menos do grupo familiar diretamente atingido.¹⁹⁸

Não gostou da reação de Maria. Contava com uma aceitação concomitante ao ato violento, garantindo a impunidade a que se acostumara. Considerava aqui a condição inferior da mulher, colocando-o a salvo do que seria uma temeridade, recalcando soluções. O caso com Laura via como um jogo de contemporizações que as classes altas sabem bem administrar sem admoestações, em vivências que extrapolam a moralidade. O único problema seria a reação familiar, quando viessem a saber.

Armado desses conceitos e de muitos outros, que o assunto mantinha em relação ao atormentado código das diligências da honra e da moral, Ápio já tinha estruturado o seu plano, onde, servindo de relator e a velha irmã de

¹⁹⁷ *M.f.p.*, p. 70.

¹⁹⁸ *M.f.p.*, p. 70.

juiz, o escândalo abrigava-se resguardado pela personalidade de Hans – homem rico e prestimoso – e findaria “ad libitum” na itinerância invejada que os portadores do dinheiro e do poder conseguem agasalhar na desmemorização dos apressados.¹⁹⁹

Nessas últimas palavras o narrador faz um desses percursos sutis, em que, sem sair do fio de sua história, traz um dado relevante do caráter nacional que tende a um rápido esquecimento das faltas daqueles que detêm o poder econômico e político, e de quem, em princípio, poderão advir favores. Opera-se por um caminho já apontado por Schwarz, ao analisar o romance *Senhora*, de José de Alencar, e a obra da maturidade de Machado de Assis. Naquele romance, os figurantes que gravitam ao redor de Aurélia, obtendo seus favores, parecem ter nesses um ópio às suas consciências.

Ápio surpreende-se com o comportamento de Maria e arma uma intriga perante a irmã, contando-lhe fatos escabrosos de trapaças e prostituição, fazendo-a acreditar ser a moça uma perdida. O plano de Ápio envolve como que uma cessão de propriedade. Maria iria para casa do comerciante Hans, o homem mais rico da cidade e, pelo que se depreende, acostumado a tratos eventuais e temporários com mulheres interessantes.

É esta a mulher que temos de botar porta afora, silenciosamente e que indubitavelmente não logrará embasbacar o Hans que dará cabo dela, como deu de outras, sem perder sua dignidade de homem rico, solteiro, prestável e bom amigo desta cidade inteira...Confere?...²⁰⁰

A referência não poderia ser mais ambígua, quanto ao que espera por Maria. Não se sabe até o momento da personalidade do comerciante. A expressão “dará cabo” envolveria maus tratos, assassinato, ou usar e abusar e depois deitar porta a fora, abrindo o caminho da infeliz aos prostíbulos, sem que este deixasse de gozar do bom conceito da sociedade? A passagem é nebulosa. E essa tensão vai ser mantida por algum tempo. A atuação da personagem Clotilde é enigmática. O leitor, à primeira vista, vai oscilar entre vê-la como preceptora ou uma espécie de cafetina, que prepara as presas para o desfrute desse homem requintado. O personagem Hans entra em cena:

– Te juro, Clotilde, acredite mesmo: estou com vergonha dela!

¹⁹⁹ *M.f.p.*, p. 70-1.

²⁰⁰ *M.f.p.*, p. 72.

– Bem...Bem. O certo é quando os dois se sintam assim um do outro. Eu esperava isto e, por tal, já preparei sua cama no quarto dos hóspedes. Amanhã, suma cedo e se almoçar fora requer cabimento, me obedeça. Não apareça para o almoço, nem para o jantar e à noite lhe espero às dez, na biblioteca e...

– E o que Clotilde?

– Ficaré sabendo o que irá fazer e fique avisado que, entre um homem civilizado e um homem índio, há certos momentos em que para os dois não existem duas medidas. Estou certa? Depois de amanhã, almoçarão e jantarão juntos,tá? Talvez ficará sabendo que as sensibilidades de uma criatura afastada da civilização, tenha em si receptividades mais atuantes para uma visão confluencial da vida do que os acometidos pela viabilidade dos desempates.²⁰¹

A velha Clotilde prepara a cena do encontro entre os dois, de forma cuidada, guardando direcionamentos românticos. Alerta Hans para a forma como as pessoas chamadas não-civilizadas dão melhor curso ao pulsar da existência, sendo mais receptivas e atuantes no que concerne ao amor. Sugere sutilmente que ele, independentemente da posição social, terá de dar trelas ao animal que o habita e honrar assim a sua condição de macho. Tal recomendação consagra uma visão estereotipada que considera o comportamento mais contido do europeu, comparado ao sensualismo atribuído aos habitantes dos trópicos. Essas maquinações discursivas deslocam as pessoas em sua existencialidade. Atuam como “palavras de ordem” relacionadas com seus “pressupostos implícitos” que remetem não somente aos comandos, “mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma “obrigação social” [...]A relação entre o enunciado e o ato é interior, imanente, mas não existe identidade.”²⁰² O que se pode advir de tais afirmações teóricas é que Maria, pela sua presença corpórea carregaria em seu ser enunciados que têm a ver com o fato de ser mulher, jovem, bonita, negra, portadora de uma filosofia e de uma cultura desenvolvida pela sua gente no isolamento, ou talvez receptáculo de todos os vícios, que pela sua condição, lhe possam ser atribuídos socialmente. Hans, por seu turno seria portador de atributos como a frieza, comedimento, racionalidade. E esses enunciados inscritos nos corpos de forma aprioristicamente atuariam como palavras de ordem.

²⁰¹ *M.f.p.*, p. 76.

²⁰² DELEUZE E GUATTARI, 1995, vol. 2, p. 16.

A palavra de ordem é, em si mesma, redundância do ato e do enunciado. Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é “necessário” pensar, reter, esperar, etc. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas – o que é bastante diferente – transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado.²⁰³

Vemos aí uma inter-relação entre ato e enunciado, o caráter abstrato da comunicação entre as linhas de informação e subjetivação. Para esses pensadores “Não existe significância independente das significações dominantes nem subjetivação independente de uma ordem estabelecida de sujeição. Ambas dependem da natureza e da transmissão das palavras de ordem em um campo social dado.”²⁰⁴ Pelo que se pode concluir, o campo social define o valor das enunciações em paralelo com o estabelecimento dos papéis a serem desempenhados pelos agentes envolvidos no processo comunicativo. Pressupõe-se um código de enunciados normativos das relações ao nível dos signos, assim como uma máquina de subjetivação que definiria o peso dos atores, num processo de distribuição de poder. Note-se que os enunciados da narrativa, as relações entre os personagens, estão a revelar essas tensões, submetidas aos aparatos normativos de enunciação e processos de subjetivação.

Maria assusta-se com a forma de Dona Clotilde falar.

Terminado o café, a velha adiantou maneirosa.

– Agora, menina, você vai comigo até o quarto onde tem de ficar.

– Onde eu tenho de ficar?

– Aqui nesta casa, onde a menina vai ser muito feliz.²⁰⁵

As primeiras impressões da cena sugerem um destino nebuloso para a “heroína”. Seria Clotilde uma cafetina, de quem Maria estaria refém, para objetivos escusos? A velha toca num ponto obscuro, ao falar em felicidade, o que desperta lembranças e elucubrações na “menina”.

²⁰³ DELEUZE E GUATTARI, 1995, vol. 2, p. 16-7.

²⁰⁴ DELEUZE E GUATTARI, 1995, vol. 2, p. 17.

²⁰⁵ *M.f.p.*, p. 77.

Como no Araçá do Mel, a felicidade era um termo muito vago, não chegava a despertar suspeições. Nela as similaridades entremeiavam lembranças e significados que não lhe eram estranhos.

Felix Quarto falava, também, de vez em quando desta coisa que aparecia nos ditos de certas pessoas importantes como a Dona Ângela daquele... e mordeu o beijo. O homem que lhe ajudou trazer o peixe até Juazeiro, lhe falou também da tal felicidade. A Donzalesca também, quando falava das noivas na fazenda da Torrinha com seus véus brancos, com nuvens das chuvas de manga, clariadas pelo sol.²⁰⁶

Maria, com sua inteligência instintiva, vive um permanente processo de aprendizado das coisas do mundo. Tudo para ela desperta curiosidade. Acha o mundo engraçado, cheio de mistérios e novidades a serem conhecidos. Agora, a tal da felicidade volta, na forma de uma promessa. Pode-se vislumbrar nas entrelinhas, com a força lírica que enfeixa a narrativa, esse viver secundado pela tristeza, em que os humildes do país não conseguem nem mesmo imaginar uma alternativa, o outro lado desse viver sofrido que desconhece a boa fortuna e acha-a uma coisa distante.

A primeira reação que ela pôde juntar à sua voluntariedade, foi a de escapar mas, infelizmente, nem todos os caminhos do mundo estavam abertos à sua inquietação, até que o sol entrando pela janela pegava de cheio o tapete do assoalho, onde aparecia uma criança com asas. Era um anjo do céu que, a ela vindo de eras distantes, deixava entrever nas asas, o que no Araçá do Mel, o que as lidas da catequese antecipou a promessa para ser a heresia do pecado e a suficiência da escravidão. Instintivamente, desviou-se para não pisar no anjo e deu seu rosto no espelho. Espantou-se e parou naquela inocência sem dono.²⁰⁷

O narrador é inesgotável em sua capacidade de surpreender o leitor com um lirismo depurado e consistente, que deixa todos os excessos para soar com limpidez na profundidade do espírito. “Espantou-se e parou naquela inocência sem dono.” Maria está lançada no mundo, ao infinito em seu compasso de espera, procurando em si

²⁰⁶ *M.f.p.*, p. 77.

²⁰⁷ *M.f.p.*, p. 78-9.

resoluções, ancoragem do ser lançado no abismo. Um anjo se lhe interpõe no caminho. Fugir, seria apenas uma possibilidade que agora silencia ante a cristandade, o caminho da resignação, segundo Nietzsche, religião do escravo. Acatou o aviso na figura do anjo. Entregou a face para ser sacudida pelo espelho revelador.

Olhou para seus pés, suas mãos, a roupa e tudo ali, menos o “porquê” irrespondido de ser ela o de *divera* só. Ela, Maria, sem mudar e ter o mesmo rosto que nunca cansou de olhar no espelinho de santo, que ganhou do seu segundo André, sem medo de todos que, sendo de outras bandas lhe encontravam na mesma atenção? [...] Os travesseiros: o dele e o dela, naquela decifração conjugante contra todas as pausas. Voltou-se para o espelho. Era ela, mesmo uma mulher perdida nos embaraços da esperança. Seus olhos, que já iam se desavexando num desentranhado de raízes e sementes abriram-se e soltou-se na fofa poltrona e, como se fizesse o seu primeiro roubo, benzeu-se.²⁰⁸

Maria não teme o Outro, a esperança é um legado estonteante que a deixa sem alternativa, senão a própria vida lastreada na utopia. O ato de sentar-se fez soar o alerta, traduzindo o aceite do luxo. Fez a ultrapassagem de uma interdição cristã que condena os ricos como indignos do céu. A acomodação a uma vida de necessidades fez aquele gesto desprezioso parecer uma fraude contra sua consciência.

A velha Clotilde ensina-lhe boas maneiras, o uso de objetos da civilização como torneira, garfo e faca. Não admite que ela faça qualquer trabalho em casa. Mas Maria prefere a simplicidade. Reluta a embarcar no sonho. Foge, na intimidade do seu ser, ao padrão das bonecas de consumo ou das pobres donzelas que nos contos de fadas são resgatadas por príncipes, esbanjando felicidade. O narrador usa de ironia, ao chamar a vítima de todos os enganos, de “fada desencantada”. Ironiza a história em seus rituais de acobertamento do estupro. Por seu turno, Hans parece não querer uma mulher “moralmente rebaixada”, ele a quer inteira, e para isto busca “reergue-la em sua dignidade”, seguindo um ritual. Esse processo não caminha sem fissuras. Impõe-se a Maria uma nova conceituação do mundo. Efetua-se a sobreposição de um modelo cultural euro-centrado, com todo o seu aparato normativo dos significantes em relação a significados estritos, com a conseqüente redistribuição nos modos de subjetivação.

²⁰⁸ *Mfp.*, p. 79.

– Seu Hans, desculpe-me. A confiança que me dispensa, favorece-me o adiantamento de lhe ser franca. Quero continuar acreditando na bondade e nos bons sentimentos que tenho encontrado no senhor; confio na sua dignidade e na pureza e inteligência desta moça. Ela encontrará a humildade e a sabedoria para aprender que o certo não é aquilo que muitos prezam, mas sim o que enfrentamos para realizar, no alinhamento da nossa consciência, as necessidades de viver, resistir e atravessar os tempos que, nos conflitos da formação, retratam o empenho das nossas natividades.²⁰⁹

Estaria a velha sendo irônica, ao falar na dignidade de Hans? O início da transação com Ápio, envolvendo Maria, não nos levaria a trilhar essa pista? Até o momento, não sabemos que destino aguarda a heroína. No momento, Clotilde adota um tom filosófico, que transparece uma preocupação quanto ao desenrolar dos acontecimentos. Ela dá a entender que as crenças da maioria, suas utopias, contariam pouco nos enfrentamentos da existência. O espírito deve estar sintonizado com o lado prático, consagrado nas lutas, dentro de princípios éticos, para que se alcance a permanência ao longo do tempo, fugindo a facilidades imediatistas, que comprometam a formação da nacionalidade. A velha Clotilde espera que as relações entre o patrão e Maria superem as limitações que, tendo em vista as desigualdades de classe, garantam a barganha entre o poder e a beleza, acomodando facilidades. O narrador utiliza-se, no final da fala de Clotilde, de um mesmo estilo. Nota-se o tom filosófico já esboçado em outros momentos, no que concerne à origem e formação do povo brasileiro. Essa coincidência de tom representa uma queda no universo autoral, a comprometer o estabelecimento de diferenciais lingüísticos e de pensamento entre as personagens. O tom aqui trai o autor implícito, comprometendo a ilusão de autonomia das mesmas, tão bem afirmada em muitas ocasiões. Balda-se assim o dialogismo fundado em diferentes registros de fala, como quer Bakhtin. De qualquer sorte, a fala de Clotilde trai um agenciamento que a afasta de suas origens populares, para colocar-se na camada dos poucos que pensam o país criticamente. Aí residiria, de forma verossímil, um regime de deslocamentos corpóreos e discursivos, fruto da convivência entre o alemão-brasileiro e sua governanta negra, resultando num entrelaçamento rizomático apagando fronteiras. Entretanto, as ponderações arrazoadas de Clotilde falam de dentro do infortúnio de sua gente.

²⁰⁹ *Mfp.*, p. 82-3.

Maria não compreendia o que a velha recomendava mas, sentia no brilho desusado dos olhos de Hans, naquilo que lhe era negado, a condição humana de ser o que a velha dele lhe dissera de ser um homem educado. O que seria mesmo um homem bem educado? Seus olhos encheram-se de lágrimas que, numa cosmovisão da vida adiantava uma conclusão significativa e prática, em procriação constante entre todos os andantes do mundo.²¹⁰

Maria busca no olhar de Hans a condição do homem que superara o estagio da agressividade animal, propalada nos sertões, acalentando esperanças de civilidade. A emoção da personagem reflete um sentimento coletivo, pelo destino de todas as mulheres, historicamente submetidas aos abusos masculinos. Ela sente vicariamente todos os excessos em quatrocentos anos de obscurantismo.

Trancou-se no quarto e sua preferência foi a grande cômoda ao lado do guarda-roupas. Peças e mais peças foram passando em suas mãos, recordando nomes que a Toninha repetia quando ia alisando com o ferro de engomar, alertando os que não lhe eram estranhos à memória, trazidos do Araçá: lençóis, fronhas, e... este que agora em suas mãos era uma presença atinente de algo que estava em seu entendimento: o cobertor. Sentia agora que tinha entre elas, este outro igual e macio como aquele do quarto de dona Ângela que lhe dissera ser um cobertor e começou a chorar!... – Porque ele, grosso e enodado, cobrindo as iscas vivas de pescar, tinha o mesmo nome daquele com o que o seu segundo André cobriu seu corpo nu e faminto e chegou até ali, onde as coisas do mundo se misturavam nas diferenças desta solidade com a qual as águas do São Francisco lavavam as ânsias das criaturas?... – Parou, diante da cama e não teve dúvida. Ali a vida e a morte se unem com as gentes nos sonhos e as águas na terra pedindo uma resposta que o tempo dá na sina das vivências.²¹¹

Maria em seu aprendizado toca numa das questões mais importantes para a compreensão do mundo, a sua nomeação. Fala também da serventia da cama, como ponto de encontro entre a vida e a eternidade, confluência dos sonhos e limiar dos

²¹⁰ *M.f.p.*, p. 83.

²¹¹ *M.f.p.*, p. 86-7.

enigmas a que a vida vai dando respostas. Em *As Palavras e as Coisas*²¹², Foucault fala do elo de semelhança estabelecido entre o signo e a coisa designada, com que o homem do Renascimento aportava o conhecimento de si e do mundo. A partir do século XVII, vai haver uma separação entre as coisas e as palavras. A semelhança vai estar ligada “à imaginação, às repetições incertas, às analogias nebulosas”, constituindo-se numa “gênese que ascende dessas formas rudes do Mesmo aos grandes quadros do saber desenvolvidos segundo as formas da identidade, da diferença e da ordem.”²¹³ A idade clássica representa uma reorganização da cultura. Passa a vigorar a arbitrariedade do signo e nada, a não ser a literatura, a partir do século XIX, vai repor a linguagem em seu ser. Diferentemente do Renascimento, em que havia a palavra primeira, inicial, “pela qual se achava fundado e limitado o movimento infinito do discurso; doravante a linguagem vai crescer sem começo, sem termo e sem promessa”²¹⁴, nos movimentos da literatura. O narrador está atento a essa perda de substância nas conjurações do signo, pela qual a diversidade é nivelada na generalidade, que permite nomear de forma isonômica objetos tão diferenciados. A personagem Maria, por sua cultura primitiva, tende a uma nomeação do mundo que adota o critério da semelhança, em que o signo se sustentaria nos atributos da coisa nomeada, traduzindo-se em fonte de conhecimento. Ela está a estranhar os novos protocolos, que ensejam uma re-apresentação dos fenômenos da vida, e não deixam, assim, de re-apresentar o homem a si mesmo, em passos e compassos de deslocamento do ser.

Hans, em combinação com a velha, pretexta uma viagem, para que tudo fosse preparado por esta última, para no seu retorno encenar as bodas com Maria.

O narrador lança um véu de mistério sobre a relação, fazendo o leitor por vezes acreditar que Maria estaria sendo usada para algo inconfessável. Talvez articule uma trapaça com a história buscando a transformação do homem condenado de outra sorte aos abismos que lhe abrem as articulações do Mesmo. O fato inusitado está a caminho: o casamento de uma negra formosa – que o destino consagraria como escrava do sexo, objeto de todas as agressões e instrumentação aética – com um rico senhor descendente de alemães, a quem comportariam todas as facilidades, aquém de qualquer ritual que pudesse igualar os homens na conformidade dos destinos.

²¹² FOUCAULT, 2002.

²¹³ FOUCAULT, 2002, p. 98.

²¹⁴ FOUCAULT, 2002, p. 58-61.

Outro participante da encenação seria o fotógrafo que, sendo amigo de Hans e tendo um filho encaminhado na sua firma, aceitara, com respeito, a incumbência com que era dignificado e atenderia, em relação com seu ofício, às normas preestabelecidas pela velha caseira. Com carta-branca de Hans, para sacar e deliberar o que de interessante julgasse necessário no tramitamento de uma opção histórica que desaterraria da obscuridade dos empenhos, singularidades comutáveis, Clotilde tomava a sério sua tarefa. O afastamento de Hans não dispensara todas as providências programadas pela velha para resultar um desejado encontro com a felicidade que a eles viria trazer recompensas insuperáveis.²¹⁵

Entretanto, o encaminhamento é dúbio. Na mesma forma que o narrador sugere o malfeito, uma encenação, acena com possibilidades históricas de ser Maria reconhecida em sua dignidade de mulher, símbolo dos deserdados que, geração após geração, povoaram os vastos espaços do país de excedentes, a quem são negadas todas as possibilidades de realização.

Aquele seria o último dia em que a fuga de Hans e a prevenção da Clotilde, teriam de completar o plano combinado, para um reencontro de cujo aprendizado, velhas purificações confrontantes esperavam confluír, no apuro dos séculos e das distâncias, a receptividade das confirmações. Tudo fora atendido: o aprendizado para o qual as maneiras ajustáveis do instinto retinham em sua primaridade a inocência que os vôos dos passarinhos, a curiosidade dos homens encontram nas tragédias das ilimitações entre o tempo e as necessidades e a regularidade que a vida jamais desatendeu em suas ofertas.²¹⁶

Maria passa por um processo de educação, que tem por objetivo diminuir as distâncias culturais, buscando a confluência de uma pureza original que trazia em seus mistérios o poder de magnetizar os homens, com as prendas e limitações de ordem social.

Logo que o vestido ficou terminado, a antecedência do uso se fez para uma fotografia que Hans, em sua especulação de homem letrado, assistia pela intimidade universitária a suficiência das pesquisas e a Maria a

²¹⁵ *M.f.p.*, p. 88.

²¹⁶ *M.f.p.*, p. 89.

perseverança escondida nos valores, que a velha negra Clotilde ajustava a retidão dos imprevistos, modificando as coisas e os comportamentos.²¹⁷

Estaria Hans envolvido em alguma pesquisa sócio-antropológica, ou apenas saboreando os limites do ser em expansão, na confluência dos contrários, a exemplo dos conceitos de imanência e transcendência, a cultura de Maria *versus* a cultura urbana? O narrador aponta para a “insuficiência das pesquisas”, que entre nós se encontram muito aquém de uma compreensão dos fenômenos e estratégias para desfazer as armadilhas de captura do ser. Haveria aí uma crítica às instituições universitárias, que não promovem uma ação transformadora partindo do entendimento da problemática das sociedades periféricas, e desenvolvendo instrumental teórico específico, no sentido que possam com eficiência alavancar as transformações sociais. E aqui se abre um flanco para futuras discussões a respeito do processo de aculturação. Ele se dá por deslocamento radical dos modos de subjetivação em que os dominados são alijados de seus princípios e crenças através do descrédito e substituição por outros valores que se apresentam como anteparas do ser civilizado em conformação unívoca.

Tanto a velha Clotilde, como a Dona Eunice, a modista, como seu Cosmo, o fotógrafo, acreditavam que tudo daria certo. O aprendizado para Maria jamais a ligaria aos protocolos estilizados dos supridos. Valeria, em sua intuição, o que entre uma sociedade disciplinada pelas convenções, a vida tinha um único apreço: continuar em si mesma.²¹⁸

Clotilde faz um trabalho de modelagem. Tenta esculpir a mulher ideal, preservando-lhe a natureza interior, com acréscimos de civilidade, que entretanto não a fariam absorver o espírito da classe dominante. Todos sabiam que entre as convenções amparadas na lógica dos possuidores e a vida, em sua espontaneidade, Maria escolheria esta última.

Maria de tal, ali empenhada numa readmissão sentimental de afetos, rompendo travessias de sangues e esperas alcançadas. A mandolina destravada encheu a sala silenciosa com a mesma sinfonia nupcial que Maria passou a ligar o que o velho Cosmo estava novamente repetindo diante dele e dela, acendendo aquela luz violenta e rápida que ela viu brilhar, numa

²¹⁷ *M.f.p.*, p. 89.

²¹⁸ *M.f.p.*, p. 89.

lágrima dentro dos olhos da Dona Eunice e no pasmo andante na cara de Clotilde, como uma marcha das tempestades notívagas, ferindo as trevas e as distâncias ao encontro com as madrugadas, [...] ela era a noiva, ali voltando em suas lembranças para lhe dar a antecipação que o passado soterrava na violência e na loucura. A noiva de diveras das eras e das medidas rendendo mundo e inventando cantigas, de quem as oleiras do forno do Araçá do Mel, cuidando aprenderem amassar o barro e modelar as louças. Podiam contar elas que já tinham ido a uma romaria na gruta santa de São Bom Jesus da Lapa e que, dentre as sobradas, a Donzalesca e a velha Siana Marreca não cansavam de dizer, sobre as noivas sabiam. [...] Instância mística, num encanto que a felicidade favorece as demandas dos inocentes e a alegria dos simples.²¹⁹

Maria, em uma cerimônia íntima que fora orquestrada pela velha Clotilde, juntamente com o noivo, realiza o sonho feminino do casamento. A heroína resplandece como um sol rompendo as trevas. Acende a esperança nessa alegria das coisas simples, mas que guardam um sentido importante para a sensibilidade feminina. O narrador carrega esse ato com toda a força simbólica da fusão racial para além dos conflitos que marcaram a história nacional. Não se trata apenas da união de um homem branco com uma mulher negra, mas de um novo contrato social buscando o respeito e a paz entre as pessoas, não importando as etnias.

Dirigindo-se para a sala, acompanhada dos dois amigos, ali se serviriam do jantar que a abertura sonora da marcha nupcial rodada por Clotilde na mandolina advertia compensações. Preferências das idades remarcadas pelos giros dos imprevistos, onde a presença das civilizações acentuava a mítica da exclusividade: – a mãe – que ali não seria somente um símbolo ocasional. Refletia no fundo de suas origens uma revelação constante que, dentre as aparências conflitadas nas incógnitas da História passara a viver um paralelo de continuidades ofendidas, que a cinderela do barro, da guerra e do peixe denunciava a intransigência dos absurdos.²²⁰

Mais uma vez o narrador retoma a simbologia de Maria, como Mãe, vinda das eras passadas para redimir a memória dos ofendidos, das mães anônimas que propagaram na

²¹⁹ *M.f.p.*, p. 90-1.

²²⁰ *M.f.p.*, p. 91.

obscuridade dos maus tratos a semente da raça. Ela incorpora a temporalidade da carne com a ancestralidade dos desafetos na submissão do gênero feminino ao serviço da procriação, muitas vezes violenta, seguindo a lei do silêncio imposta pela condição de escrava.

Por esses percursos narrativos, podemos observar que o narrador está atento aos processos de uma nova síntese, um outro contrato social, que possa melhor aproveitar o impulso endógeno dos elementos formadores da nacionalidade, tendo em vista as imposições civilizatórias da cultura européia, assim como da conformação machista da sociedade.

VI Pai, padrasto, além de si e do tempo

O personagem Ápio Fontes vai cumprir seu destino simbólico, de pai da nacionalidade. Sua incontinência fálica o conduz a uma vida sexual intensa e sem limites. Esta vai ser metaforicamente associada aos atos do poder político revestido em seus desmandos e incoerências pela fachada republicana. Apesar da aparência de modernidade, perpetuam-se os desmandos. Os poderosos submetem as populações com o mesmo ímpeto e audácia com que os homens usurpam direitos e liberdades às mulheres, num desrespeito à sua condição humana.

Ápio Fontes afirma sua personalidade que não conhece limites. Encarna o homem ante o impasse de seu próprio mito, a que não é possível recuar, mesmo arriscando a vida. Os direcionamentos unilaterais capturados na esfera indevassável de sua subjetividade acabam por levá-lo a uma situação de insolvência, vítima do imaginário em que foi capturado.

A falta de notícia de Laura e a situação em que se encontrava, passaram a instruir Ápio Fontes de que, entre a desgraça e a astúcia, o limite era uma obsessão de vencidos e, nem ele, nem Antonio Conselheiro cabiam nessa ilustração de fugitivos.²²¹

A imagem acima mostra o coronel Ápio movido pela idéia do homem superior, sem limites no domínio e exploração do Outro, assim como no extravasamento de sua vida

²²¹ *Mfp.*, p. 95.

pulsional. Também o Conselheiro fora possuído pela desmedida, secundado pela ilusão de que poderia fazer a revolução das expectativas, contrariando modelos sedimentados que se impuseram como hegemônicos. Deu o salto sem volta, maquinado pela idéia de salvação de um mundo ao qual não caberia outra saída senão a vida em comunidade, na simplicidade do espírito votado ao culto cristão em sua essência.

A narrativa segue essa linha de fronteira entre a vida das personagens e a história nacional. Os fios narrativos entrelaçam-se num movimento de fuga, no sentido musical do termo, alternando a figura do primeiro plano com o fundo.

Tomado pela emotividade, Ápio Fontes convergiu à mobilidade de suas artimanhas de condutor de homens, limitados pelas emergências dos acasos e articulou suas razões. Virou-se na cama e auto-indagou-se: – Por que não me denunciar? O genocídio de Canudos por mais comprometido que estivesse com as práticas republicanas dos donos da situação, antecedia na participação dos sufrágios uma abertura compulsiva, que somente, as demandas do poder satisfaria.²²²

Aqui, Ápio Fontes, como condutor dos rebanhos humanos e estuprador compulsivo, interroga-se em relação à sua desmedida, que deveria ser exposta à execração e julgamento público. Do mesmo modo que Maria, a Mãe, esse coronel pode ser assimilado ao Pai da nacionalidade, perdido em seus excessos. Nota-se aqui a duplicidade e entrelaçamento dos fios narrativos. Ápio, ao tempo que pensa seu dilema particular, lança-o para a esfera da política nacional, revestido de toda uma simbologia. O poder caminha ao toque dos impulsos fálicos em que o povo seria a donzela fácil a ser possuída por ímpetos e fraudes. A abertura do jogo, tanto no seu caso amoroso como na política republicana, causaria um pasmo a ser capitalizado na afronta da audácia que não deixa de maravilhar e submeter os fracos.

Ápio, voltando seu pensamento para Laura, que esperava um filho seu, interroga-se: “Quantas crianças foram sacrificadas monstruosamente em Canudos?” [...] Pulou da cama, foi lavar a cara e voltava ser aquele Ápio Fontes “das horas de carregar defuntos””.²²³ O ato de lavar o rosto desperta-o do devaneio, em que se ampliava como consciência cósmica, confrontando os desmandos do poder de que participa e as

²²² *M.f.p.*, p. 95-6.

²²³ *M.f.p.*, p. 96.

armadilhas de apreensão do ser brasileiro. O personagem reincorpora seu legado trágico, de bebedor do sangue dos inocentes. Vai ao encontro de Laura, e dá o veredicto:

– Temos que fazer imediatamente o aborto.

– Não matarei meu filho, aconteça o que já deve estar em começo. [...]

Emancipei-me, por uma lei natural, concebendo um filho e, com ele no ventre, terei a coragem para enfrentar qualquer situação: a do pai, a dos avós, a dos irmãos, parentes e da sociedade inteira, também.²²⁴

Laura evoca a lei natural, com sua primazia ante as leis dos homens, para defender-se dos ataques que poderiam advir dos seus e da sociedade em geral. Assume sua identidade feminina, enquanto dona do seu corpo e do destino que escolheu, marcando uma reviravolta nos direcionamentos de uma cultura em que apenas o macho tinha a palavra. Uma revolução está a caminho nos sertões. Laura projeta-se para além do ser-submisso-mulher. Esgarça os discursos de subjetivação que maquinam identidades subalternas e dominantes, delimitando os papéis sociais. Ela não quer para si o figurino da matrona infeliz, arregimentada na alçada doméstica e social como mãe geradora do clã dominante. Ela prefere a imanência, o estar colado nas leis naturais e do coração, numa explosão de sentimentos e afetos que buscam afirmar uma alteridade exemplar, que restitua o ser feminino em sua profundidade e ambivalência.

– Qual a desonra que está pesando sobre a minha dignidade, Ápio? Ter um filho do homem a quem me entreguei? Apaixonei-me pela tua audácia; a tua vivacidade e o sangue-frio, manobrando uma sociedade, aproximou-me de você e chegamos até a beira do inevitável onde algo, mais do que um abismo, abre-se entre nós dois. [...] Laura fechou a porta sobre Ápio auto-acusando-se: Enganei-me.²²⁵

Laura aspirava a um amor heróico, que arrebatadoramente a defendesse, assim como ao filho, contra tudo e contra todos. O ídolo ruiu, mostrando a face crua do egoísmo.

Aquela tendência para o heróico em Laura foi uma descoberta sua. Usou-a para todas as imprudências que ela lhe oferecia, como um desafio esportivo

²²⁴ *M.f.p.*, p. 97.

²²⁵ *M.f.p.*, p. 97.

de sua juventude sedenta de vida e vertigens. O perigo, sempre, a apaixonara e nunca se detinha.²²⁶

Agora resta afirmar sua autonomia, à revelia dos papéis estabelecidos socialmente, assumindo a condição da mãe solteira que irá sacudir as bases do atraso. Subverterá os valores simbólicos assumidos artificialmente por uma sociedade que relegava a uma vida obscura os filhos e mães que divergissem do figurino, banindo-os do convívio social.

Ápio fontes, também, era um coronel e, sendo, exceder-se supriria sua motivação para quem o amor próprio era a característica reativa dos que confiam em si, antes de tudo, e ativam deslumbramentos aos deslumbrados. Passou a articular outra saída e a encontrou, sem preconceitos. O escândalo, articulado como espetáculo público, diante dos grandes e dos pequenos, importa uma calibragem de emoções que a autonomia dos recalques dá o merecido a seu dono. Abandonaria a família, roubaria a moça do Hans e passaria a viver com ela em concubinato público, enfrentando Juazeiro corroído pela voluntariedade do seu licenciamento amoral. Hans era considerado o homem mais rico da cidade. O abandono ruidoso da esposa chocar-se-ia com o amor próprio de Laura e acomodaria o orgulho, numa área reservada onde teriam uma piscina probática, para lavarem as mãos e testarem a superioridade de sua grei, acima de um delito de irresponsáveis: a filha e o traidor.²²⁷

Ápio Fontes tem consciência que os seus excessos provocam expectativas no público. O narrador aí aporta a idéia do endeusamento dos poderosos pelos fracos, no sentido de que realizam ideais de grandeza que estariam na ordem do imaginário desses últimos. Ele, entretanto, amplia a área de abrangência dos recalques como um atributo também dos grandes, que por vezes se cobrem como o manto de dignidade a impedi-los de ir muito longe. Ele pretende um escândalo de tal monta que o delito de Laura passasse como um deslize irresponsável, saindo-se impunemente perante a família dela. Propõe um percurso para além do bem e do mal, contrabandeando com quaisquer resquícios de dignidade coronelística. Dá o salto para o nada que está além de si, para tentar renascer

²²⁶ *M.f.p.*, p. 97-8.

²²⁷ *M.f.p.*, p. 98.

outro, para lá de qualquer moral, o ser absoluto em seus delírios. Mas ocorre o oposto de suas expectativas. A família Emerenciano caminha para um encontro com os culpados da exposição de sua estirpe aos descaminhos da honra. “A solidão das esperas desabava sobre todos, pesada como um sepultamento de culpas, naquele amanhecer, entremeando contingências. Os Emerenciano estavam chegando.”²²⁸ O narrador consegue criar uma atmosfera carregada de interdições, culpas e punições, num espaço-tempo imerso em sombras densas, como nas tragédias clássicas.

O hábito de comandar lhe compensa juízo e provas que pedissem e ele Ápio sabia explicar. Se Canudos foi uma desgraça, quem não sentiu?... Em torno do acontecido, a República era um sonho pesado na casmurrice dos Conselheiros, barganhados com as chefias municipais e votos pelo prestígio. Um negro o reconheceu ao entrar pelos fundos, levantou o braço e gritou: “Viva os Emerencianos!...” E o coronel resmungou desconfiado: “O que estará acontecendo mesmo, em Juazeiro?”²²⁹

Temos mais uma vez o entrelaçamento da narrativa com a história. Congelando a imagem acima em apenas alguns compassos, em que se interrompa o fluxo precipitado da melodia, pode-se dizer que a composição em movimento de fuga cede lugar a uma estrutura de palimpsesto ou veladura. Nestes, o que está grafado ou pintado dialoga com o que sobressai do fundo que fora insuficientemente apagado. A escrita de Osório faz a todo momento esse movimento com a história. Quando se pensa que o personagem Ápio está imerso em sua tragédia individual, esta não é apenas dele, pois encarna como o herói clássico o infortúnio de sua coletividade. O narrador obtém uma aclimação misteriosa na trama que caminha em surdina, causando um efeito aterrador. As palavras com que um negro saúda os Emerencianos aguçam no imaginário do leitor o sentimento de tensão, quanto à vingança. Trata-se de algo que todos esperam e temem, como a uma briga de gigantes que fará tremer as bases da sociedade. E como sua personalidade de coronel prima pelos excessos, em sua expansividade tumultuosa, Ápio vai aos poucos complicando-se.

...E pronto: tomaria a nova mulher do creso das pelarias e com ela, sem recuar do escândalo público que o afastaria dos filhos, dos amigos e

²²⁸ *M.f.p.*, p. 102.

²²⁹ *M.f.p.*, p. 103.

inimigos, cobriria a recusa do aborto de maior gravidade do que um infanticídio preventivo, sem ônus para o código penal e a moralização da sociedade.

A tudo isto, juntaria a importância da Reunião, que empenhada na suficiência histórica em relação às resistências e o massacre de Canudos articulavam uma epopéia, de quem os panos para mangas seriam seus. Mesmo que o aborto tivesse o resultado que tivesse, o amor próprio dos ofendidos jamais enfrentaria uma decisão para a qual toda participação seria o alargamento da vergonha. Diante dessas conclusões, Ápio Fontes, favorecido pelas impunidades que as velhas oligarquias municipais nutriam com as promoções habituais do poder, o trunfo teria por todo País a regalia dos efeitos.²³⁰

Ápio pretende a quintessência dos escândalos, de modo a tornar-se tão asqueroso, que ninguém lhe queira tocar as mãos, sob pena de um rebaixamento moral irreversível. Ele encarna o asco velado às oligarquias que abortaram Canudos, um destino que tentara impor a Laura, enquanto assassina da nacionalidade. O personagem estaria no foco de todas as rejeições, espelhando a todos que aí mirassem, tornando-se inatacável. Seria o poder do nojo, que não se remove para não feder e expor a todos como comensais do banquete em que se sacrifica a pátria. E tenta pôr em prática seu plano, rumo à última fronteira, entre o ser e o nada, sempre num salto para além de si.

– Você, minha bela Maria, já deve ter adivinhado o que me trouxe até aqui. Vou te levar para uma casa que mobiliei como somente uma criaturinha bonita como você merece para ser o que é. Ali passaremos a viver felizes a vida inteira. E lá, minha querida Maria, deixará de ser uma criada, para limpar pratos e dormir com um sapo fedorento, que te suja todas as noites e lhe traz o fedor dos seus couros...

– Não!...

Levantou-se para agarrá-la e acender-lhe aquilo que ele pensava ter como poder sobre as mulheres, teve de saltar ágil para um lado e livrar-se da travessa que Maria arremessou sobre ele e despedaçou-se na parede. A velha Clotilde empunhando a faca o intimou resoluta e franca.

– Saia desta casa, sêo Ápio, antes que eu o mate.

²³⁰ *Mfp.*, p. 107.

– Pensa que Juazeiro inteira desconhece até onde chegou a tua infâmia e traição, contra seu benfeitor e sua velhice? Ninguém fala, nem amigo nem inimigos dos Emerenciano, mas toda a cidade está revoltada com tua traição e fique sabendo que ninguém age, mas todos sofrem.²³¹

Maria não se deixa envolver naquilo que Ápio se julga irresistível e reage. Com a ajuda de Clotilde, desarma o espírito do agressor, não por ameaçá-lo com uma faca, mas no que profere, fazendo-o sentir o buraco em que se metera. A cidade rejeita o seu comportamento como o rompimento de uma interdição. Diferentemente das outras que possuía, usando de diferentes estratégias, Laura era moça de família rica e estaria impedida de ser uma continuadora do poder daquele clã. Isso se constitui numa tragédia para todos, como se o “reino” estivesse ameaçado. Pelo que se fala acima da indignação e do sofrimento de todos, amigos e inimigos dos Emerencianos, podemos concluir que a perda dos grandes parece ter efeitos bastante significativos no imaginário das sociedades, alcançando a magnitude de uma tragédia. Por isso mesmo, para haver tragédia, torna-se necessário que o ser em crise seja um rei, um príncipe, alguém de cujo destino dependa o destino da comunidade. Como veremos mais adiante, a falha de Laura vai ter repercussões no destino de sua família e no conseqüente reagrupamento de poder regional.

Perplexo, ante as duas mulheres, Ápio Fontes, tomando consciência do que já era do domínio comum, menos dos ofendidos – exclamou abatido.

– Perdão, Sá Clotilde, perdão, Maria. Preciso me descobrir. Jamais pensei existir nesta paridade negativa de auto-incontenção, não sei não!

Fugiu corredor afora. “Por que sempre lhe atiraram pelas costas?”... E saiu levando aquilo que ainda pôde encontrar de diferente nos olhos das duas mulheres apiedadas, com sua desgraça. [...] “Não seria o mesmo olhar de sua mãe, que a febre puerperal matou, quando ele veio ao mundo? Porque esta insistência dominante de exceder-se sempre no bem como no mal?...” Mas, se isso o acompanhava na inconformação frente à realidade que defrontava, o imprevisito, que modifica os homens e a história, recolocava-o à margem de si mesmo para atender o imediato de uma obediência servil, que era menos sua do que daqueles a quem ele aceitava servir e deslumbrar?... [...]

²³¹ *Mfp.*, p. 108.

Levava consigo algo que já não poderia defrontar, nem capacidade para recobrir a farsa da qual era portador, ...²³²

Ápio encarna todas as incontinências: a do macho desenfreado e a do político dominador de rebanhos que se curvam deslumbrados com sua ousadia. Acuado, ele num repente promete voltar-se para o interior de si, tentando entrever-se. A seqüência é forte, povoada de imagens de alto teor poético, como aquilo que leva do olhar das mulheres, apiedadas. É notório também o tom filosófico ao falar do imprevisto que coloca o homem à margem de si, capturado nas armadilhas daqueles a quem busca deslumbrar. Há uma fricção entre os corpos, um agenciamento maquínico, de acordo com o pensamento de Deleuze e Guattari. Para além dos gestos e ameaças e das palavras de ordem que conformam “agenciamentos coletivos de enunciação”, o discurso mudo do olhar comporta o tumulto nos processos de subjetivação. O Coronel Ápio Fontes, um ser transbordando para além da moral em que julga construir o ser absoluto, centrado em suas pulsões, é repentinamente deslocado pelo olhar piedoso das mulheres que o fulminam, fazendo-o refluir a um estágio anterior à máscara que se imputara como senhor do mundo.

Agora, ali, diante do rio, largo, escorrendo à destra de Juazeiro da Bahia, angustiado sob um luar raliado pelos ventos agrestes, bafiando calamidades nordestinas. Espetáculos e testemunhos para ele Ápio Fontes enfrentando seu delito, naquela noite de cinzas, sem relâmpagos e sem vaga-lumes. Instâncias dos infortúnios chamando os aflitos em tratos com os casos consumados. Levantando testemunhos dos fundos erosados dos êxodos seculares, palmeando fronteiras e liberdades, donde ressuscitam os insepultos esquecidos pelos cemitérios da esperança e ele, Ápio Fontes, respondendo presente para aquelas vozes que vinham dos escombros da promessa: Herondina, Laura, Toninha e... Maria.²³³

A natureza toda se fecha ante a tempestade eminente. Ápio busca o testemunho da história, que o acolhe como filho e continuidade das liberdades irrestritas, fazendo suas vítimas. E o inocente Caio, irmão de Laura, conversa com Ápio, fazendo confidências. A cena mostra o quanto o sistema dos coronéis é hermético e temido. Pelo que se deduz,

²³² *M.f.p.*, p. 109.

²³³ *M.f.p.*, p. 110.

ninguém na cidade cometeu a temeridade de adiantar aos irmãos de Laura o que se passara. Tal iniciativa poderia redundar em execução sumária, por difamação, antes mesmo que pudesse terminar o relato. Divisa-se aí uma técnica narrativa visando manter a tensão num crescendo. O segredo é o artifício utilizado para elevar a pressão até o limite do insustentável, preparando a explosão de forças irracionais.

Ápio à parte acendeu o cigarro e Caio continuou.

– O Hans, filho de uma mãe. Ficou mesmo com a menina e não se incomoda de sair com ela pelas ruas da cidade, desafiando o bom conceito que Juazeiro inteira faz de sua pessoa. E que bela mulher!... Hoje te conto. No dia da festa do peixe, fiz meus planos, mas não deram certo. Pior para ela e para ele também. Com a talzinha o gringo, ah!... não está se comportando como fizera com outras bem vestidas e tratadas e bebidas acabava sempre chutando as coitadas que se iam carregadas de desenganos e senão como aquela do Brejinho das Oliveiras que acabou botando fogo na roupa, no consulado da Bibiana Boca de Ouro. Mas, com esta não, papagaio! Levou-a para o seu rico solar da Praça; contratou uma professora e a talzinha ao lado dele é um Deus-nos-acuda. Você não acha que isto é de deixar um Emerenciano com o sangue fervendo?²³⁴

Caio traz à tona o que já se insinuara anteriormente. Hans tem um histórico de dissimulação e volubilidade em suas relações amorosas. Após satisfazer seus desejos, descarta sem cerimônia aquelas a quem conquistara, levando-as não raro a um destino trágico. Aí também fica claro o trabalho cuidadoso e profissional que a velha Clotilde desempenhava preparando aquelas que serviriam aos apetites do patrão. Instruía-as, refinando os hábitos, para que tudo se saísse a contento. No trecho acima, Caio desnuda-se em seus ímpetos de sensualidade associada ao sentimento de macheza, um traço diferencial e fundador do sistema de poder no universo do sertão. Ele chega ao ponto da exaltação, fazendo uma promessa peculiar. “– Te considero, Ápio Fontes, de todo o coração. Vou te confiar um segredo para mim muito importante. Tenho vinte e três anos e não chegarei aos vinte e quatro, sem botar uns chifres na cabeça do Hans.”²³⁵ O personagem nota a frieza do amigo e ao se despedir desfecha o que pode ser considerado uma facada no coração pesado de Ápio Fontes: “– Não se esqueça de

²³⁴ *M.f.p.*, p. 113.

²³⁵ *M.f.p.*, p. 113.

amanhã, bem cedo, chegar a nossa casa e levar seu abraço ao velho, que o considera um filho do coração.”²³⁶ Uma frase curta, que aporta o sentido dos códigos coronelistas, erigindo afinidades e criando laços entre os homens. Pelo que se sabe do coronel Ápio Fontes, é fácil entrever o caráter do patriarca dos Emerencianos. Elegeram valores e modos de comportamento que, por ironia, voltam-se agora contra seus mentores.

Os excessos da libido, extravasando pulsões do inconsciente que encontram regalo na idéia de desempenho do macho, a exhibir com desenvoltura os seus troféus – a relação das mulheres possuídas e desencaminhadas –, fazem uma vítima no coração desse poder sem limites. O agravante vem do fato do traidor ser justamente alguém que era tido como um filho. Tudo isto vai pesar como uma maldição, propiciando repensar a ética ancorada em tais valores, talvez a proposta basilar deste romance, assim como do conjunto da obra de Osório Alves de Castro. Seus narradores estão sempre a tomar o partido do feminino, colocando a mulher no patamar mais elevado da escala social, enquanto geradora de uma descendência e portadora de uma ética de preservação do homem naquilo que tem de mais substancial, a sua humanidade.

O personagem Hans profere uma frase que envolve movimentos de historicidade, em que o homem, apesar das peias da história, tenta sobrepujar as forças do seu tempo, promovendo ajustes no processo civilizatório: “– Por que não? Ganharemos da História o que continuam nos negando. Isto conforta e alerta a validade de uma civilização ajustando-se em suas lutas e valores.”²³⁷ A civilização, assim, confirmaria sua validade pela sensibilidade com que fosse capaz de ajustar-se às demandas dos diferentes segmentos sociais.

O narrador, numa espécie de solilóquio, aproveitando um momento de silêncio no diálogo entre os personagens Hans e Biquiba, faz uma crítica aos processos de fabulação a cargo dos entendimentos que as sociedades local e nacional promovem dos fatos.

Os mantos da sacralidade caricata dados às mulheres fuziladas numa tocaia, em busca da ordem, davam a quarta que se salvou e reapareceu, por acaso, trazendo, entre sua inocência, um aviso incompreendido a uma velha sociedade desintegrando-se supersticiosamente a serviço de uma República

²³⁶ *M.f.p.*, p. 114.

²³⁷ *M.f.p.*, p. 116.

enfatuada de liberalismo importado, comprometida com assassinos vulgares, para quem as leis ficavam abaixo de suas proclamadas intenções.²³⁸

Ele vê no viés mitificante das interpretações um serviço que a conjuntura local presta ao sistema de poder nacional, de inspiração alienígena, ele também uma farsa que, sob a aura de modernidade, repete antigas práticas que envolvem assassinatos, à revelia do estado de direito. Adiante, o diálogo entre Hans e Anísio Biquiba rende mais uma dessas tiradas filosóficas de Osório, que através da poesia alarga-se no entendimento do mundo, tangenciando a sabedoria.

– Bem, atalhou Hans, procurando um desvio mais apaziguante. Estamos cansados de arrastar as imponderabilidades dos desesperos, mas como as fugas são fartas na busca dos muitos caminhos que nos levam ao roubo, Deus nos guarde.

– Que roubo?

– Ora!... A História que é a mãe e a sogra de todas as conseqüências e da qual não nos é possível afastar, é um roubo sagrado, sim, que nos salva de todos os delitos.²³⁹

A visão histórica como condicionante de valores e mãe dos fatos é apresentada como uma falsa consciência do mundo, passível de ser mudada. O homem, por esse viés histórico, seria considerado uma vítima, negando as condições de historicidade que o colocaria como interveniente a desestabilizar os processos de subjetivação, espécie de Ulisses em luta contra os desígnios divinos, ou o que Durand chama de “imperativos biopsíquicos” e as “intimações do meio”²⁴⁰. O narrador surpreende, agracia mais uma vez o leitor com esse espanto, ao falar de um “roubo sagrado”, que roubaria ao homem a sacralidade de mudar sua história, de outra sorte erigindo-a em categoria supra-humana, estribada nos arcanos do destino imutável.

A narrativa de Osório está povoada de símbolos, nem sempre seguindo os atributos que lhes são peculiares, como o galo do Dr. Arlindo, que em vez de suas atribuições

²³⁸ *M.f.p.*, p. 117.

²³⁹ *M.f.p.*, p. 118.

²⁴⁰ DURAND, 2002, p. 41.

solares, relativas ao nascer do sol, trazendo bons augúrios, parece anunciar desgraças de grande monta, a que o associa o budismo tibetano, enquanto símbolo nefasto.²⁴¹

Ruídos estranhos aceleravam a inquietação renitente da cidade sem sono e sem respostas. Um galo cantou fora de hora e até onde chegou o aviso sinistro, todos o avaliaram. Era o canto do galo músico do quintal do Dr. Arlindo – o juiz. O mesmo que anunciou a desgraça no dia em que a caldeira do “Rodrigo Silva”, no baixio do Taboleiro Alto, estourou e afundou o maior “gaiola” do qual nos orgulhávamos. E também de quando acertamos na tocaia do Uauá, os devotos de Canudos, vindos em procissão, penitentes, para transportarem os cedros e os vinháticos do Corrente para a construção dos altares do Horto Sagrado, foram cruelmente dizimados.²⁴²

O canto do galo está então a antecipar o que todos sabem: a desgraça eminente, fruto da vingança dos irmãos Emerenciano, que deverá se abater sobre aquele que todos consideram um traidor. Na seqüência, o personagem Biquiba desconstrói esse tipo de crença, baseada em sinais premonitórios, fulminando: – Nisto, são Hans, acredito que o dia de amanhã é um surdo-mudo que aprende a falar em horas que não pertencem a ninguém²⁴³ Cumpre notar que esta fala é um tipo de resposta que o personagem dá ao que o narrador informara, a respeito do galo, e contempla as idéias deleuzeanas de conjunção dos fluxos, intensidades, desejos, que interagem nas articulações maquínicas em movimentos de desterritorialização e agenciamento, assumindo formas muitas vezes imprevisíveis devido ao caráter inconsciente deste último.²⁴⁴ Na sentença do personagem Biquiba, atesta-se o movimento de dessubjetivação, desenraizamento, desfazendo por um lado da idéia de centramento do sujeito e de sua autonomia alicerçada na concepção binária do Eu perante o mundo dos fenômenos, numa relação de vontade e submissão. Por outro lado, desacredita o mundo das essências submersas conformando o caráter sincrético do sertanejo em busca de transcendência. Assim desativando esquemas de compreensão prévia, que visam assegurar o processo de subjetivação e previsibilidade, o narrador vê o homem confrontado com a multiplicidade imprevisível dos acontecimentos que o tornam diverso, homem-rio heraclítico. Hans, em estado de alheamento, responde com a idéia dos ajustes

²⁴¹ *Chevalier e Gheerbrant, p. 457.*

²⁴² *M.f.p., p. 119.*

²⁴³ *M.f.p., p. 119.*

²⁴⁴ Deleuze & Guattari, 2004.vl.1, p. 50; vl. 3, p. 24.

históricos, pensando no seu caso sentimental, o que Biquiba por seu turno não consegue entender. Hans mergulha no universo de Maria, tentando entendê-lo.

Agora, a revolta de Hans, ante o confronto do que seria o erro daquela menina, entre a vida e o pecado, habilitava-o a similaridades preciosas! “Maria não era uma Santa a quem a sublimação maternal atendia à progressão das Natividades, conforme a sobrevivência da espécie humana, ao largo dos tempos e das distâncias em suas anunciações da vida nos espaços sem medidas e nas luzes com recusas. Seria a mãe comum de todas as antecêdências ali ofertadas!...”²⁴⁵

Maria é assimilada aqui à mãe da raça brasileira projetando-se para a eternidade, não como o mito de Maria, mãe de Jesus, recebendo a Anunciação, recusando luzes, mas a mãe comum, marcada pela violência dos homens e do sistema, rompendo séculos de fome e necessidades.

Hans devaneia num mono-diálogo interior, em que turbilhonam vozes. Entre elas volta obsessivamente o caso de Maria, personagem a quem se atribui, nos vários substratos narrativos, primeiramente a condição de santa, uma fabulação articulada para desviar o foco das atenções do trucidamento das mulheres inocentes. Num outro plano, ela incorpora simbolicamente o destino de todas as Marias mães do São Francisco, ao longo da história do Vale. Para além de qualquer santidade, ela representa quatrocentos anos de violência contra a mulher, que a isso soma-se a condição de negra e escrava.

Maria Campinho, ali, somente nisso que ela trazia de todos aqueles aglomerados de sinas largadas pelas dores e esperanças. Não... Maria não seria a Santa empreitada para silenciar a traição de uma caçada de inocentes que os rebentos das natividades alargaram nas Marias de muitos nomes: Maria das Cruzes, Maria das Lágrimas, Marias Quer Ser. Marias Dadas e outras tantas como estrelas no céu e nomes nas águas e nas vidas pelos caminhos, agora, ali, no seu coração!...”²⁴⁶

Maria é a imagem do sofrimento das mães sanfranciscanas. Sua história é a síntese do seu povo, encarnando suas dores e utopias. O narrador em Osório Alves de Castro

²⁴⁵ *M.f.p.*, p. 121.

²⁴⁶ *M.f.p.*, p. 123.

utiliza-se de uma técnica deslizante, que constantemente faz o caso particular patinar do específico para o geral, adstrito à tradição e à história. No segmento, “Maria não seria a Santa empreitada para silenciar a traição de uma caçada de inocentes que os rebentos das natividades alargaram nas Marias de muitos nomes”, note-se que o particular encerra-se em “inocentes”. Quando o narrador introduz o restante da frase, a presença da heroína já vai se fazendo abrangente de um universo atemporal, “alargando-se” para todas as Marias, entidades cósmicas como a infinidade de estrelas no céu ou as águas que correm pelo mundo.

O galo reaparece em sua simbologia arrevesada, anunciando tragédias. Se a vingança que está a caminho representasse uma reordenação do caos, poder-se-ia imaginar que o galo estaria mirando para além dessa noite tenebrosa, quando o sol de um novo tempo nasceria para iluminar os caminhos do mundo. Mas não é isso que se prenuncia no curto prazo. Haverá uma vingança bárbara, cujo processo vai apressar a decadência dos Emerencianos, mas estes serão substituídos por outros mandões, com as mesmas práticas, assegurando continuidades. Do ponto de vista das práticas sexuais abusivas, assim como da reprodutividade desassistida, podemos dizer que a punição de Ápio Fontes, no rastro da negativa de Laura em abortar o filho para abafar o escândalo, será exemplar. Representará uma reviravolta na distribuição dos papéis sociais e no equilíbrio das relações entre os gêneros. Nesse sentido o galo manteria seus atributos, de arauto da luz, em oposição às entidades ctonianas do mundo subterrâneo, que simbolizam a noite.

Às vinte e três e treze, um galo cantou fora de hora no quintal de Doutor Armindo, o juiz. Ao redor de uma mesa no solar do venerando chefe Manoel Emerenciano Pedroso, ele, seus cinco filhos varões e sua Irmã viúva Dona Batina Emerenciano Guimarães – a convocante – de pé, cabeça branca e voz firme deu começo a revelação. [...]

– Laura – sua filha, minha sobrinha e irmã de vocês todos – vai ter um filho de um homem casado. [...]

– Maldito seja ele e ela, filha do meu sangue. Procurou reagir, levantou a cabeça branca e teve diante de si, o infortúnio de todos os ofendidos e traídos pedindo-lhe vingança.

– O nome desse traidor e canalha, mana Batina!

– Primeiramente, exijo um compromisso de honra: Ninguém tocará em Laura e em seu filho, nem com o desprezo e nem com o isolamento.²⁴⁷

Note-se que as mulheres estão se organizando para contrapor o machismo, que lhes negava quaisquer direitos, mesmo em se tratando de uma mulher de posição elevada, como tia Batina. Ela coloca condições em que exige respeito à sobrinha e ao filho, o que representa um avanço importante, num sertão em que as mulheres não se sentavam à mesa com o restante da família, só o fazendo após os homens terminarem as refeições. Mas seu caminho não será fácil. Ela, então, prossegue.

– Ápio Fontes.

– Quem?... tia Batina!

– Miserável traidor, – urraram todos abismados.

Recobrando-se, o Coronel Emerenciano levantou o busto, olhos incendiados, descarregou os punhos na mesa e rosnou, como um bicho ferido de morte: – mataremos a ele e a ela!

Dona Batina atirou seu rosário de prata no meio da mesa. [...]

– Escute, meu irmão Nezinho. Para que tua ira seja total volte a mesma para mim. Se incrimino Laura, não será por ela ter aceito um caminho sem fim para que a vida vive os proveitos da eternidade. E lhe digo. Ai das mulheres que pecam: as ricas e as pobres, as culpadas e as inocentes a quem as graças da natividade não lhes serão deslustradas pelas águas missionárias deste nosso amoroso mundo do rio São Francisco. Laura gerou no seu ventre, um neto do Coronel Manoel Emerenciano Pedroso. A vida deste ente não pertence, nem a nós, nem à sociedade que o assinala e é mais do que um inocente: é um filho de Deus e do Brasil. Me desminta, mano Nezinho. Os Emerenciano, vindos das obscuridades trágicas da fundação desta Nação, tiveram filhos e filhas bastardos, que nasceram e cresceram e morreram humilhados. Quanto mais vivas eram neles as nossas feições, mais desprezível se tornava a condição dos que não tiveram a culpa de receberem nas veias o sangue de um homem que traía a seu Deus e negava a si mesmo. Quando propus à Laura o aborto, como maneira de evitar um escândalo público, ela o recusou. Ápio Fontes fez o mesmo e ela rompeu com ele todos os laços que os prendiam. Não seria uma infâmia, vocês, os amigos e eu também, associados, denegrirem a sua consciência de mãe, com um crime

²⁴⁷ *M.f.p.*, p. 131-2.

tão infamante, igual somente à guerra e à covardia dos impuros, desencadeada contra os fracos e iludidos? Ela, sinsenhores, a mãe que leva para os dias de amanhã as medidas da eternidade, não podia aceitar.²⁴⁸

O narrador apresenta a mulher no auge da sua força moral. Ela simboliza uma ética que busca respeitar a vida, articulando a eternidade no ato mesmo de propagar a espécie. Laura e Batina são mulheres autônomas, que decidem sua condição de mãe. A elas cabe a palavra definitiva, não aos homens. A tia vai buscar na história o contingente de anônimos, que desprezados pelos genitores e pela sociedade viveram uma existência nas sombras, como os filhos do mundo, sem pai, a quem eram negadas todas as possibilidades de ser. “Um silêncio pegajoso marcou nas caras pasmadas o surto das diligências comprometidas...”²⁴⁹. Neco Emerenciano sentenciou:

– Cevara-se no nosso abrigo e audacioso como é, vai resistir, teatralizar sua traição, mas, nós iremos a seu encontro esteja onde estiver. [...] O mataremos!... Se algum de nós for ferido e morto, sabemos e ave! A morte é o vizinho mais próximo da honra dos homens!²⁵⁰

O coronelismo apresenta-se aqui em suas cores mais vivas. Os princípios de honra e bravura que elegeram estão no centro de sua ética, a que não podem faltar, sob pena da perda de identidade. Uma ética que atende aos anseios e impulsos dos poderosos, que tudo podem contra a vida dos deserdados ou dos que, mesmo possuidores, fogem aos padrões do coronelismo armado, em sua prática do estupro e toda a sorte de desrespeitos, como o que Caio planejava em relação a Hans e Maria. Mas, em se tratando das mulheres da família, a exemplo de Laura, esses liberais com a honra alheia voltam-se para a defesa do clã. Isso se configura numa atitude política de afirmação da natureza indevassável do grupo familiar. Trata-se de uma afirmação pública e inequívoca de quem manda e da inviolabilidade de seus membros. Hans, considerado o homem mais rico da cidade, foge ao padrão básico, estabelecido pelo “grupo de referência”²⁵¹. É originário da Alemanha, e apesar de ter um histórico de conquistas e abandonos de mulheres, sem o devido respeito à condição humana das mesmas, não se

²⁴⁸ *M.f.p.*, p. 132-3.

²⁴⁹ *M.f.p.*, p. 133.

²⁵⁰ *M.f.p.*, p. 133.

²⁵¹ Paterson, 2004, p. 17-38, apud Landowski, 1997, p. 45-86.

alinha aos padrões de homem violento, estuprador, possuidor de armas e jagunços, ou sedutor de mulheres casadas ou amasiadas.

Ápio Fontes, como fruta que cai de maduro, não opõe resistência. Ele chegara ao ponto de degradação moral, em que o ídolo esfacela-se com um sopro. Disso dera-se conta pela reação de Maria e as palavras de Clotilde, em que ficou paralisado. Rasgara-se a máscara do homem poderoso, que a todos deslumbrava pela ousadia e ímpetos, que se julgava irresistível perante todas as mulheres. Laura, Maria e Clotilde colocaram-no em seu lugar, de homem corrompido, que desdenhara de todos os princípios que não fossem os seus, articulados pela desmedida, que o projetava para além de quaisquer limites. Quando, naquela manhã, ele caminhava rumo ao porto, não era mais que um espectro. Seu ser já se diluíra numa zona de neutralidade, para além do macho empedernido que fora. Há aí um desnudamento, para se tornar o que Deleuze chama “autômato purificado”, ou segundo Alain Badiou, “uma superfície cada vez mais porosa à modalização impessoal do ser”.²⁵² Os Emerencianos dariam cabo de um cadáver moral. O sedutor havia chegado à insolubilidade de seu ser ante os excessos que praticara, mas desejava passar com sua morte um recado, e nesse sentido se tornaria um “criador”, ainda segundo Badiou, lendo Deleuze, “no ponto em que toda categoria entra em pane”²⁵³.

Ao contrário do que esperavam, Ápio Fontes, em vez de caminhar ao encontro do grupo e, frente a frente, entregar-se à possibilidade de se defender, deu as costas ao inimigo e erecto, sem precipitação, dirigiu-se altivo rumo ao porto, sem alterar a tocaia que, tomada de espanto, se abalou às ordens de Neco Emerenciano, exigindo:

– Defenda-se, traidor infame que... – e os primeiros pipocos se qualificavam numa conduta antecipada de honra por honra, na qual a morte não deixasse em dúvidas referendos justificáveis nos disparos para o ar do revólver do Coronel Dionísio – o mais velho.

Impassível, sem aumentar nem diminuir os passos, Ápio Fontes, desmilitava-se numa transfiguração do pasmo coletivo alargando o fôlego das decisões.²⁵⁴

²⁵² BADIOU, 2000, p. 164, In *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. (Eric Alliez, org.).

²⁵³ BADIOU, 2000, p. 164.

²⁵⁴ *M.f.p.*, p. 134.

Ele articula uma encenação. Ao virar as costas para aqueles que o interpelam, desdenha da chamada honra ferida de seus agressores, desqualificando e esgarçando os códigos que regem aquela sociedade. Laura, afinal, sabia muito bem com quem estava de namoro. Apaixonou-se justamente por ser ele portador daqueles valores que os grandes da terra admiravam. Porque a honra ferida, se todos eram coniventes com as práticas de sedução, traição, estupro? As previsões do personagem Neco Emerenciano realizam-se apenas em parte. A reação de Ápio, foi a não reação, teatralizando sua morte como fora previsto. Tenta fazer dela um ato político, promovendo descontinuidades, deslocando os aportes da previsibilidade e assim afirmando o aleatório e o momentâneo, num mundo direcionado por regras muito rígidas. Negando-se a um enfrentamento, ele desconsidera a legitimidade dos irmãos de Laura para fazerem justiça. Poder-se-ia pensar em uma busca de vitimização, transformando o duelo pela honra num assassinato brutal que ficaria na memória ribeirinha, apontando de outro modo para a necessidade de mudanças na mentalidade local. Nesse ponto a neutralidade aponta uma retomada de uma subjetividade transfigurada, que no instante da morte se afigura inovadora, desestabilizando o sistema simbólico sertanejo. O personagem passa por um desnudamento que o leva nos instantes finais a ser capturado por uma nova auto-referencialidade, um ser na fronteira de todos os absurdos em seu salto para além de si enfrentando o nada.

– Defenda-se, traidor – ... Ordens que se confundiram num terror macabro de desajustes herdados das manhas e violências dos domínios editado na fuzilaria da honra como prevenção, desfazendo a vida naquela doação pública de maldades e desperdícios. O arranco da assistência e a viabilidade caricata dos desfrutes reajustaram-se na temeridade do adiantado e se não fosse mais um embuste, refazia-se numa covardia aceita no espetáculo inamistoso com a própria história daquele povo para o qual a curiosidade foi o escárnio de todos contra a servidão do pecado original.²⁵⁵

O narrador aponta no sentido da condenação ao ato bárbaro dos Emerencianos. Denuncia a fuzilaria com que eliminam Ápio como “doação pública de maldades e desperdícios”. Fala do escárnio da população pelo que chama “servidão do pecado original”. Aí vive-se uma liberdade que só conhece o limite imposto pelos donos do

²⁵⁵ *M.f.p.*, p. 134.

poder. Quer dizer que a contenção do instinto, em prol da civilização, como aponta Freud, estaria longe de ser uma obsessão naqueles sertões. Melhor falar numa cultura falocêntrica buscando realizar-se em sua plenitude, a ponto da “covardia” de Ápio ser apontada como “espetáculo inamistoso com a própria história”.

Atingido, sem olhar para trás, Ápio Fontes, acertado na cabeça, tombou fulminado. Ajustava-se potencialmente numa dimensão anteposta pela lealdade em honra do seu violado mundo, arfando congenitamente de sua própria limitação. Juazeiro desenterrava andamentos de repulsa. Vivia o alastramento silencioso de suas raízes pelas áreas recalçadas das ancestralidades onde a honra de viver e morrer tinha na interpretação paralela uma pergunta acertada nas lutas dos seus filhos, em paridade reavida dos obscuros conflitos da formação e da determinação da grande Pátria brasileira. Indulto: o sertão tinha no seu delírio o íncubo do sol e das águas, para o qual o espetáculo antecedia a superação dos crepúsculos.²⁵⁶

O comportamento de Ápio viola a ética do homem que tomba em combate defendendo sua honra. Ao negar-se ao enfrentamento, fere os princípios que direcionaram durante séculos a vida nos sertões e, por extensão, as lutas de formação do povo brasileiro, carregadas de heroísmo. O narrador acaba por apontar o sol e as águas, elementos incubadores do mundo-sertão, que oferecem a cada dia o espetáculo do crepúsculo. Simboliza assim a cultura do espetáculo, condenável na atitude de Ápio, por privar o imaginário ribeirinho de façanhas que muito iriam render para a posteridade em repentes e cantorias.

Os Emerenciano, sem desviarem o trajeto, foram disparando – menos um – a última carga dos seus revólveres sobre o corpo de Ápio Fontes tombado na sarjeta.

Um silêncio profundo pesou sobre a multidão apavorada. Somente um grito de mulher, que talvez guardasse no ventre um ser palpitante para nascer, gritou para que todos ali escutassem:

– Assassinos! – Grito que ressoou surpreendendo o povo, atento às distâncias e à sua história!²⁵⁷

²⁵⁶ *M.f.p.*, p. 134.

²⁵⁷ *M.f.p.*, p. 134-5.

O narrador guarda mistério, mas somente Laura Emerenciano teria autoridade para proferir tais palavras sem a imediata punição. Seu grito, chamando os irmãos de “Assassinos!” rendeu ecos na alma daquele povo, acostumado à aclamação dos vencedores de tais torneios de honra. Associado ao comportamento de Ápio, sua reação corrobora uma denúncia da barbárie, causando estranhamentos. A partir daí Juazeiro já não seria a mesma.

VII Maria ante o novo pacto existencial, desbordando o ser na cultura do Outro.

Veremos no que se segue o choque entre a cultura primitivista onde nasceu Maria e a cultura urbana. Se em seu meio a personagem se voltava para as coisas simples, observando atentamente os sinais da natureza, onde aprendeu a ler, extraindo uma sabedoria, na cidade ficará exposta a influências as mais diversas. A personagem vai enfrentar um sério dilema ao ser iniciada pelo marido na chamada alta cultura. Ela desenvolve-se intelectual e artisticamente, chegando mesmo ao virtuosismo na execução do harmônio. Entretanto a súbita falta do companheiro precipita-a numa crise que a leva a contestar a validade dos conhecimentos. Mais uma vez podemos constatar o olhar atento do autor que através das instâncias narrativas engendradas pelo texto provoca a discussão de temas da maior importância para a formação das identidades.

As tensões presentes nas relações amorosas voltam constantemente à baila. Formam uma espécie de baixo-contínuo sobre o qual ressoam as vozes do mundo. A velha Clotilde afeiçoa-se a Maria.

Aquela dedicação pela moça era mais do que sentimental. Restabelecia na velha em relação com suas crenças, o retorno de todos os seus sonhos. Para Hans, que não desconhecia a história de sua filha morta, aquele afeto maternal satisfazia-lhe felicidades esponsais. De sua parte, estava decidido a fazer de Maria, não uma obra de arte, nem tão pouco a mulher ideal em que o amor deixa de ser uma crescente afinidade de emoções, para ser uma fantasia desfrutável que se esgota como uma garrafa de licor saboroso. Não

queria ela para ele e sim a paz para os dois, preenchendo o cansaço das fugas parasitárias que arruínam os casais.²⁵⁸

O narrador aponta para uma reviravolta no convívio conjugal em que prevaleça a igualdade de direitos entre os parceiros, mostrando que as relações duradouras se constroem em cumplicidade, “afinidade de emoções”. Com isso o narrador faz uma crítica às relações em que prevalece uma sensualidade que por um lado idealiza a mulher como objeto de consumo, numa concepção estética do feminino que se esgota mais tardar com as primeiras rugas. Por outro lado esse procedimento vem normalmente associado à situação de dependência da mulher, em que acaba por não realizar suas potencialidades.

Hans convida Maria para ir a Salvador e a Sabará, ao que Maria retruca.

– I... Tenho vergonha de ir, Hans. Não quero andar por lá, diferente assim de ser gente do Araçá do Mel. Lembra, de quando cheguei em Juazeiro? Tinha vergonha de minha roupa, dos pés calçados, da cara no espelho, de tudo e de você e de Clotilde, das gentes... Agora não. Agora sim, também de muitos ditos que ouço e se somem no ser das coisas como as águas do rio nas areias das coroas!²⁵⁹

Maria quer fugir aos modos de dizer o mundo que não se sustentam “no ser das coisas”, próprio das culturas de estrutura simples. Nas culturas complexas, a visão sobre as coisas e fenômenos é constantemente atravessada por idéias que muitas vezes foram geradas em outros contextos, ou sobre influência destes, e que não se prendem a uma vivência íntima entre o corpo e o mundo. A heroína traz a simplicidade sertaneja no modo de expressar, mas que se alastra numa compreensão vigorosa do ser-no-mundo entrelaçado em suas linhas de força. Para Merleau-Ponty,

Quer se trate de uma coisa percebida, de um acontecimento histórico ou de uma doutrina, “compreender”, é reapoderar-se da intenção total – não apenas aquilo que são para a representação as “propriedades” da coisa percebida, a poeira dos “fatos históricos”, as “idéias” introduzidas pela doutrina –, mas a maneira única de existir que se exprime nas propriedades

²⁵⁸ *M.f.p.*, p. 145.

²⁵⁹ *M.f.p.*, p. 147.

da pedra, do vidro ou do pedaço de cerca, em todos os fatos de uma revolução, em todos os pensamentos de um filósofo. [...] Em cada civilização, trata-se de reencontrar a Idéia no sentido hegeliano, quer dizer, não uma lei do tipo físico-matemático, acessível ao pensamento objetivo, mas a fórmula de um comportamento único em relação ao outro, à Natureza, ao tempo e à morte, uma certa maneira de pôr forma no mundo...²⁶⁰

A fala de Maria ilumina a cisão que experimenta entre seu mundo original e primitivo, vivido em sua plenitude²⁶¹, e esse mundo que lhe vem de fora, carregado de conceitos que desfocam a relação imediata e intensa com as coisas e acontecimentos. Para Merleau-Ponty, “Buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em idéia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização.”²⁶² Maria diz um não humilde à cultura urbana, cruzamento do diverso e insustentável no fio do discurso desviante em que verdades e representações se sobrepõem e se anulam. A vivência da personagem se cola a um movimento de intensidades interiores desenvolvidas na comunidade nativa. Nesse processo os membros do grupo adquirem uma consciência coletiva que os coloca em sintonia de ideais e objetivos. Encontram-se voltados para si. Segundo Merleau-Ponty, “Ser uma consciência, ou, antes, ser *uma experiência*, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles.”²⁶³ Aí reside o diferencial entre o que Buber chama comunidade e sociedade, se pautando a primeira pela ação harmoniosa de seus membros com objetivos e ideais comuns, em contraposição à justaposição individualista e predatória entre os componentes da última. Esse parece ser o cerne da questão levantada por Maria. Ela teme a difusão do imaginário em apropriações outras, que fujam ao contato imediato com as coisas e com os seus. Ela age com cautela na apropriação do diverso. Assemelha-se a uma criança que vai aos poucos e alegremente desvendando o mundo dos adultos. Tudo quer saber.

– Hans, me diga, de divera. O que é o amor? Já perguntei à Clotilde e ela me disse que era como as águas do São Francisco abraçando as terras do Brasil. [...] – No dia em que a Dona Ângela me levou à Igreja, me mostrou

²⁶⁰ MERLEAU-PONTY, 1999, p. 16.

²⁶¹ Para MERLEAU-PONTY, 1999, p. 155, “A doença, assim como a infância e o estado de “primitivo”, é uma forma de existência completa...”

²⁶² MERLEAU-PONTY, 1999, p. 13.

²⁶³ MERLEAU-PONTY, 1999, p. 142.

Jesus na cruz e disse piedosa: “É Nosso Senhor Jesus cristo, crucificado, nos amparando com seu divino amor.” Hans, você me fala sempre e até me diz “amor, amor lembra?” Por isso, não quero ir à Capital, eu que não sei nem o que é amor – uma coisa tão falada e tão misteriosa.²⁶⁴

Maria está às voltas com a definição conceitual dos atos fundadores da sociedade. Para ela é preciso saber dessa força de que todos falam e que parece a tudo movimentar. Para Clotilde, o amor é essa potência da natureza que unifica os mundos. Para Ângela, o amor é a sublimação do homem que se assume como deus, propalando a supremacia do espírito sobre a carne. Mas ela não aceita conceitos prontos, quer mesmo entender. A força da cena reside na disjunção entre conceitos e vivências, o que escapa à compreensão da personagem curiosa por desvendar a chamada civilização.

– Agora, me diga mesmo o que é o amor? – Hans cochichou algo no ouvido de Maria que repeliu enojada.

– Mentiroso! Isto, não senhor! As cabras fazem, os peixes, os passarinhos, as moscas, as gentes e também as nuvens donde nascem as águas do céu, sabem os meninos do Araçá do Mel!

– Não, tolinha – e cochichou novamente ao ouvido de Maria que, tomando uma posição repreensiva, protestou:

– Hans, isso é uma coisa porca mesmo. Você me ensinou que lhe chamasse de sujo, quando limpasse o nariz na manga do pijama. Por mim, lhe digo. Nunca mais limpei no vestido e vem agora com tais que no tempo certo, como as chuvas regando a terra, o fruto e o mel são um encargo sabido.

Suspendendo-a nos braços, foram dormir.²⁶⁵

O narrador nesses diálogos incorpora o Eu feminino em sua espontaneidade sertaneja. A personagem fala e seus trejeitos têm força de convencimento. Ela desfaz da idéia de amor enquanto sexo, concebendo este como um encargo da natureza, em processo de geração da vida. Faz a separação do ato reprodutivo, que todos os animais efetuam no tempo certo e os meninos do Araçá do Mel prematuramente, daquilo que poderia ser o amor. Maria tenta superar os conceitos culturais estabelecidos sobre o amor, aquilatando

²⁶⁴ *M.f.p.*, p. 148.

²⁶⁵ *M.f.p.*, p. 149.

sentidos tão diversos imputados a um mesmo signo. Ela busca compreender a essência do ato, purgado de suas contradições. O vazio conceitual que se estabelece, deixando a resposta a seus questionamentos no ar, tem o sentido de uma interrogação sobre as sociabilidades que prevaleceram naquele mundo ao longo da história. Não saber encontrar o fio de sensibilidades que abarca o termo transforma a imagem poética em signo do desamparo e agenciamentos malignos em que foram capturadas as populações do sertão. Por outro lado, o gesto de Hans carregando Maria para o quarto aponta para uma resposta parcial às indagações da personagem, atestando de outra forma a incomunicabilidade do signo lingüístico. A intensidade do ato supera a insuficiência da linguagem. Se a saída de Maria de seu ambiente natural para a cidade representa um processo de desterritorialização, a atitude de Hans, aqui, representa uma reterritorialização, um tipo de ancoragem do ser até que novos elementos venham abalar sua continuidade. O trecho acima poderia ser visto como ilustrativo do trajeto apontado por Foucault, segundo Deleuze e Guattari, em que “Não cessamos de passar das palavras de ordem à “ordem muda” das coisas [...], e vice-versa.”²⁶⁶ A discussão entre Hans e Maria sobre as concepções do amor são como que roubadas pelo ato dele tomando-a nos braços, conduzindo para a alcova. Aí o discurso se projeta para um segundo plano, para deixar prevalecer um regime de simpatias e o entrelaçamento mudo dos corpos em produção de presença na convivência animal. Interpretando Deleuze e Guattari, poderíamos chamar o momento de *agenciamento maquínico de corpos*, tentando ficar à margem do que esses autores chamam *agenciamento coletivo de enunciação*. Para eles,

As formas, tanto de conteúdo quanto de expressão, tanto de expressão quanto de conteúdo, não são separáveis de um movimento de desterritorialização que as arrebatam. Expressão e conteúdo, cada um deles é mais ou menos desterritorializado, relativamente desterritorializado segundo o estado de sua forma. [...] Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos: um de conteúdo, o outro de expressão. Por um lado, ele é um *agenciamento maquínico* de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; por outro lado, *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos. Mas, segundo um

²⁶⁶ DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 28.

eixo vertical orientado, o agenciamento tem, de uma parte, *lados territoriais* ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte, *picos de desterritorialização* que o arrebatam.²⁶⁷

Por esse viés, o agenciamento corpóreo não se descolaria do agenciamento discursivo. Então veríamos nossos personagens enredados fisicamente, mas capturados numa mesma malha discursiva que condicionaria, estaria dialogando com os transportes físicos. Seria o reconhecimento recíproco do ser de cada um na ordem discursiva, recebendo uma valoração cultural que definiria o tônus da relação corpórea. Assim sendo, a relação puramente animal estaria relegada a uma hipótese para nunca mais? Gumbrecht, em *Production of Presence*²⁶⁸, *contrapõe* a cultura de presença, que tem o corpo como auto-referência, à cultura de significado, que tem a mente como auto-referência. Ele conclui pela miscibilidade entre os dois estados de posicionamento com o mundo, em proporções variáveis numa convivência marcada por tensões.

Observamos em Maria a predominância da cultura corporal, sensitiva, ao passo que seu companheiro prima pelo enfoque conceitual, voltado para o conhecimento interpretativo dos fenômenos. Entretanto, Hans busca a confluência entre seu mundo e o de Maria, superando preconceitos, sem podar-lhe a naturalidade e espontaneidade.

A diminuição das simplicidades, que caracterizam nas populações isoladas uma rotina liberal, sofre com a ausência de certas maneiras da avaliação íntima, o sentido mítico de sua primitividade. Isto acontece ao impor intimamente regras que nos fazem voltar a sentir no mel e no sal amparos convincentes e que quem sabe, Clotilde?... A velhice é o tempo presente do homem sonhando consigo mesmo, acredita?²⁶⁹

E assim, a fala do personagem estabelece uma separação entre o mundo primitivo, expandindo-se com naturalidade e o mundo dos conceitos e regras, em que a espontaneidade perdida desperta no homem que perdeu a pureza inicial um sentimento religioso sobre aquele passado, a que começa a atribuir uma dimensão mítica. Nesse sentido, a velhice seria essa perda de vitalidade endógena, um enfraquecimento do

²⁶⁷ DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 28-9.

²⁶⁸ GUMBRECHT, 2004.

²⁶⁹ *M.f.p.*, p. 149.

ímpeto natural, devido às forças civilizatórias que o fazem voltar permanentemente sobre si, tentando definir-se.

O enredo confirma a opção do narrador pela exaltação dos atributos femininos: a pureza e naturalidade em Maria, a força de caráter e determinação em Laura, o espírito maternal e dedicação em Clotilde. O diálogo entre Clotilde e Caio, irmão de Laura, atesta essa tendência.

“...Sou uma admiradora de Dona Laura, no que toca à sua dignidade, coragem e inteligência. Tapou a boca de uma cidade inteira e atualmente se tornou uma das pessoas mais respeitadas de Juazeiro da Bahia.”

– ...sei que a senhora, como ainda, minha irmã Laura, são as pequenas águas que nutrem os grandes lagos e a perenidade dos rios.²⁷⁰

A narrativa aponta para uma vitória das mulheres sobre o preconceito, promovendo uma reviravolta na concepção estática dos papéis sociais atribuídos aos gêneros. A fala de Caio acena com esse reconhecimento, alçado a uma dimensão simbólica naquele mundo, que tem seu ser consubstanciado nas águas.

A problemática da dizibilidade do mundo ressurge como uma obsessão, apontando para uma perda de substância entre as imagens-mundo visibilizadas pelo narrador e a possibilidade de sua conversão em imagens poéticas. De outra sorte, as imagens verbalizadas podem representar miragens em relação ao que fora visualizado.

As teias miraculosas das pequenas coisas, por onde transitavam emoções, abriam miragens nos ditos, fugindo do dia presente, para encontrarem aquilo que os habilitariam ampliar o que lhes acenavam dos lastros de intimidades inquestionáveis.²⁷¹

O narrador imerge em seu minimalismo virtuoso, como nas pequenas obras-primas que carregam uma profusão de sentidos, ampliando a compreensão do local e imediato para uma visão mais universal. A escrita de Osório tem essa potência de abrir, sim, “miragens nos ditos”, para muito além dos horizontes narrados.

²⁷⁰ *M.f.p.*, p. 153.

²⁷¹ *M.f.p.*, p. 154.

... Lulu Arvoredo, pressentindo que a velha notara o súbito retraimento do rapaz, procurou explicar e amenizar a fria despedida do mesmo.

– É um pobre moço. Depois que se deu a desgraça na família, ficou assim. De alegre, demuda-se de repente, como se fossem as penas de um rabo de pavão que têm medo do sereno e de uma nesga de sol.²⁷²

O narrador adota a forma lírica, em que pode dizer mais, envolvente beleza. Assim vai de passo em passo saboreando leveza de ser o mundo encarnado na letra, alfabetizando o leitor no trato maneiroso com a vida. E isso ele faz para apenas nos dizer que a família Emerenciano perdera seu poderio e Caio ficara meio afetado, assustado com a forma mesma da natureza dançar.

Os Emerenciano discutem seu retorno à política e para isto terão de passar certos episódios de seu passado recente a limpo, incluindo o perdão a Laura. Tal proposta causava, entretanto, sérias resistências por parte de alguns dos membros do clã decaído.

Podemos vislumbrar aí a força do preconceito contra a mulher que resolveu seguir seu coração, deixando de lado toda uma história de submissão ao homem. Elas não obstante reagem. Cássia, mulher do Coronel Wanderley, insurge-se contra o marido, defendendo Laura. “– Ela nunca foi uma cadela, Wanderley. Laura é simplesmente uma mulher como nós todas que parem filhos do homem a quem amam, mas, também, do que lhe é imposto pela valia ou pela miséria.”²⁷³ O mundo do São Francisco rompe com a tradição machista. As mulheres insurgem-se contra a dominação dos homens, portadores de todas as liberdades e franquias, enquanto aquelas apagavam-se na obediência estrita aos seus ditames. O coronel está como que ferido em seu ser, com a manifestação independente da mulher.

Apavorado com a intervenção da esposa, Coronel Wanderley era um bicho atirado que perdia o rumo do seu fojo, onde esperava esconder-se. Caio Emerenciano, alentado pela ascendência moral que o distinguia, cruzou os olhos com seu irmão Nezinho e avançou calmamente. [...]

... A filha de Laura crescia marcada pelo nosso orgulho – a negávamos para dar uma satisfação à uma sociedade de amigos e inimigos, esperando e cultivando há anos o escândalo como um desempate de posições. E o que aconteceu?... Associamo-nos a estes para punir nossa irmã desgraçada e

²⁷² *M.f.p.*, p. 154.

²⁷³ *M.f.p.*, p. 163.

desfazer a participação de um crime histórico pela partilha do poder. E o aceitamos contra o destino de uma região, de nós todos desavisados de nossas origens para viver as resistências transcendentais das natividades desse mundo do São Francisco.²⁷⁴

É como se todos esquecessem suas origens, pautadas pelas liberdades que presidiam a formação do povo, para instituir o que o narrador chama de natividades transcendentais, baseadas numa moralidade introduzida e que redundava em desprezo do próprio sangue para satisfazer os anseios de inimigos e amigos empenhados numa disputa de posições.

Uma das provações que Laura teve de enfrentar foi diante do juiz, na qualidade de herdeira dos bens da tia Batina, quando sua filha já contava sete anos. Diante de uma cidade escandalizada, a personagem teve um diálogo que ficou na memória do povo, reavendo para si e sua filha a estima e o respeito de todos. As coisas assim se passaram:

– Solteira.

– Quantos filhos tem?

Laura, tomada de surpresa, baixou a cabeça e o auditório, desfrutando do constrangimento da informante, não pôde conter o riso. O Juiz advertiu a assistente e Laura, sem levantar os olhos, respondeu:

– Uma.

– Uma só?... – indagou o magistrado, carecendo de esclarecimentos.

Imperturbável Laura pediu-lhe licença e se levantou para depor. Já era outra mulher.

– Obrigado, senhor Juiz, pelo zelo que dispensa aos filhos de mães-solteiras – sem pais – que, aos milhões vivem renegados pelas leis, espalhados por este Brasil inteiro. Cabe à Vossa Excelência, como defensor das leis e das crianças abandonadas à mercê dos preconceitos, esclarecer sobre as denúncias que correm, nesta cidade, a meu respeito. Juro: tenho somente uma filha e, na minha condição de mãe-solteira, asseguro à sociedade de Juazeiro: caso minha barriga venha a subir, não farei como da primeira vez. Sairei às ruas para mostrar à minha cidade que ela é a minha liberdade.

²⁷⁴ *Mfp.*, p. 164.

– ... E a imagem de Laura Emerenciano e da filha era como uma barra de madrugada, desoterrando dos retardamentos o dia “Sim” do homem itinerante.²⁷⁵

A denúncia de Laura ecoa pela história do povo brasileiro, descobrindo a ferida da infância abandonada por todos os cantos do país e que deveria ter o amparo das leis, buscando superar o preconceito e a impunidade do abandono. Laura ergue-se então como símbolo do ser-mulher, em sua luta por autonomia e respeito aos sentimentos e frutos que daí possam advir.

Finalmente, a família Emerenciano reata suas relações com Laura, reconstituindo a unidade familiar visando “o fortalecimento das virtudes políticas e humanas concentradas no grande enigma desse sertão.”²⁷⁶ Esta frase sintetiza essa retomada das manifestações de base da cultura regional como diretriz dos encaminhamentos políticos e sentimentais no sertão, deixando de lado os moldes externos de ingerência que acabam por produzir monstruosidades na compreensão e reação aos fenômenos. Aqui o narrador aponta, metonimicamente, para um caminho que deveria ser trilhado pela nação, buscando ser em profundidade, no respeito ao que suas raízes afro-indígenas alocam de substancialmente humano, em suas vertentes culturais e parâmetros convivenciais. Foram estes que serviram de base a sua realização. Ele condena os modelos civilizatórios copiados como figurino justo, que acabam por levar à perda da vitalidade endógena, produzindo o que Homi Bhabha chama de mímica: uma falsa encenação do eu que acaba por deixar o vazio atrás da máscara.²⁷⁷

Em seguida, o narrador fala das compensações que premiam os cônjuges que se buscam, em interações de conhecimento mútuo, abrindo as portas ao ser.

Assim, se passaram os primeiros dez anos do casal, atento a curiosidade sentimental que a vida oferece aos eleitos das correspondências. O aprendizado de Maria ultrapassara a tudo que Hans desejava acontecesse. Libertara-se das suas primeiras dúvidas do ser ou não ser dos conhecimentos. Alfabetizada, passando pelos diversos cursos que foram da culinária à costura, às letras, à música, à literatura e às línguas, que tiveram

²⁷⁵ *M.f.p.*, p. 165.

²⁷⁶ *M.f.p.*, p. 167.

²⁷⁷ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. P. 129-138.

em Hans a prospecção inicial, chegara a funções plásticas para ganhar o laurel em uma Exposição de Artes Nativistas.²⁷⁸

Se a princípio Maria lia o mundo de forma empírica, num processo de interação física centrado na experiência e embalado na cultura oral que lhe fora passada por sua comunidade, com seus mitos, lendas, costumes e tradições, agora chegara à aceitação do diferente. Isso propiciava-lhe novos conhecimentos e modos de ver e se posicionar perante o mundo, atingindo uma abertura em processos de deslocamentos do ser em permanente devir. Antes, o aporte ao mundo dava-se pela percepção e expressão das relações com os seres e coisas, sendo as vivências intermediadas por ritos, técnicas e narrativas que, pela longa maturação e adequação aos anseios e problemática existencial, já haviam se tornado elementos fundadores de sua cultura, com força de presença no mundo. Maria estava imersa em seu universo, numa unidade indissolúvel em que o ser se realizava em profundidade, porque de forma unilateral com o sistema da vida, através de mediações consagradas em códigos e princípios. Era oleira, vivendo explorada pelo comerciante inescrupuloso, definindo o mundo numa fatalidade e predestinação. Estava imersa no limbo do sistema de produção de tendência escravista, condições estas que parecem aproximar o homem do entendimento com a natureza, seus sinais, ao abrigo dos mitos que comportam a tradição, apontando para uma libertação dos padecimentos. Agora, um terceiro elemento adicionava-se, propiciando a intermediação crítica das relações, pela intervenção de outras culturas, que tornam relativo o seu mundo tradicional.

As dúvidas de Maria sobre o “ser ou não ser dos conhecimentos” aportam a controvérsia entre vida empírica, com seus códigos implícitos ou interiorizados, conformando práticas com força de ser, e o universo de conhecimentos gerados em outras culturas e vivências, que deslocam o ser do processo de imanência, não raro promovendo deformações e alienação.

Hans, satisfazendo os anseios de Maria, cria uma fundação em Araçá do Mel, tentando estabelecer novos parâmetros existenciais para aquele povo, que rondava o primitivismo mutilado.

O Araçá avançava lentamente, realizando com certa dificuldade o plano estruturado, cuja finalidade seria a recuperação dos elementos da região: o

²⁷⁸ *Mfp.*, p. 170.

homem desvalorizado pelo primitivismo e o afastamento da sua potencialidade...²⁷⁹

Temos nesse trecho justamente a luta do homem subalterno, tendo em vista uma nova postura, com que possa resgatar a integralidade do seu ser, tendo na comunidade o princípio e fim de sua humanidade. O termo “primitivismo” aqui aparece como sinônimo de embrutecimento e conseqüente alienação de suas reais possibilidades. O investimento do narrador numa forma revolucionária de organização social e de produção revela o lado de militante comunista do homem Osório Alves de Castro. A estrutura coletivista montada pela fundação sugere uma alternativa à exploração pseudo-capitalista nacional, baseada no escravismo. Aqui o capitalismo distancia-se do modelo original por não investir no aprimoramento da mão-de-obra, confiando, antes, numa oferta de braços inesgotável, o que resulta numa baixa qualidade do serviço prestado e no aviltamento das condições de trabalho. O narrador passa com isto um recado não sectário de que o país poderia trilhar um outro caminho. Há muitos possíveis que poderiam ser tentados, no sentido de se buscar um modo de produção mais justo e propiciador da felicidade e realização humanas.

Hans estava quase completando os quarenta e cinco anos. Seus negócios protegidos e as disposições que garantiam a Fundação que, acontecesse o que acontecesse, sua finalidade refletiria a prospecção da vida de uma mulher e chegava a ser mais do que uma condição. Iria além dos acidentes naturais para viver o significado de suas resistências. Sabia. Ninguém estaria mais a par do que se aproximava para os dois do que ela. A intemporalidade das coisas jamais afastou da perenidade de nossas lutas a imagem da felicidade.²⁸⁰

A fundação buscaria o sentido das resistências através dos tempos, tendo na mulher o suporte da eternidade. O narrador aponta para o tempo imensurável do universo, em sua consecução cósmica que anula a noção de tempo, contrastando com o tempo que se precipita no cronômetro para fazer pulsar o sofrimento, congelando-o. Aqui a utopia aparece como salvaguarda do ser em perigo de dissolução. Não fosse o sonho guardado como um segredo do coração, as pessoas não suportariam a vida atçada ao infortúnio.

²⁷⁹ *M.f.p.*, p. 170.

²⁸⁰ *M.f.p.*, p. 173.

Dez horas em ponto, a sociedade juazeirense estava a postos. A nave da velha Matriz de Nossa Senhora das Grotas confluía-se na temporariedade dos ajustes aquém do Poder. Ali, no começo das disputas vivia um entrevero sombrio ante juízos dos imprevistos, de dente por dente, ressoando nas profundidades de uma comunidade fraturada pelo afastamento de si mesma.²⁸¹

O narrador aponta para esse encontro da sociedade local num acerto de contas com a história. Mais uma vez surge a questão do tempo, agora fixado no tempo antes do tempo. Este seria instaurado pelo poder, como armadilha que paralisa o ser e nega sua substancialidade em movimentos de realização. Maria, ao órgão, toca com virtuosismo. Nesse momento, as lutas pelo poder parecem cessar, diferentemente de outros tempos em que mesmo a igreja era palco de disputas, seguindo a lei de Talião. Então o corpo comunitário era atingido de forma irreversível. O tempo nasce como tempo da individualidade, condicionante fatal que rompe com a eternidade a se projetar nas gerações sucessivas, atingindo o espírito comunitário. No advento da sociedade, cada ente torna-se um sarcófago em que confina sua individualidade entre o primeiro sopro e o suspiro final, alheio à alteridade. Para Hannah Arendt, a vida individual “intercepta o movimento circular da vida biológica. É isto a mortalidade: mover-se ao longo de uma linha reta num universo em que tudo o que se move o faz num sentido cíclico.”²⁸²

E o personagem Hans encerra sua temporalidade ante a perenidade que espera de sua obra, Maria. Ela poderá abrir caminho a uma nova circularidade em que se afirme a raça brasileira, numa espécie de retorno ao espírito comunitário.

Às dez e quinze, o templo foi tomado por uma sinfonia larga e mansa, como uma barra de sonhos e meditação. Todas as vozes eram perguntas irrespondíveis, agasalhando-se como uma espera nas profundezas interiores da culpa e do perdão.

Hans inquietava-se. Pegou a mão de Clotilde a seu lado e sentiu o sangue da velha aceso pelas emoções, transmitir-lhe o calor levando-o a avaliar a gelidez em seu corpo. Procurou reagir, estabelecendo um autodiálogo, entre a conformação e a necessidade de viver, mas logo o momento e a música

²⁸¹ *M.f.p.*, p. 178.

²⁸² ARENDT, 2007, p. 27.

passaram a ser a purificação do seu medo. Jamais poderia avaliar o tempo gasto com a execução da partitura famosa. Amenizou-a com uma imagem literária e a rearticulou na circulação do seu sangue cansado, como se fosse o tropel guerreiro de um clã em fuga precipitada, com seus homens derrotados. Ela era também a honra de sua promoção, vertendo-se das sensibilidades de Maria, dos seus dedos em contato com o órgão, numa conexão de possibilidades das quais ele se sentia o criador compensado, naquela sobra de tragédia humana.²⁸³

Hans sente que completara sua obra. Maria tocava admiravelmente. Seu coração cansado, o sangue fugia como as velhas oligarquias derrotadas nas expectativas do preconceito e do atraso. Maria estava ali para atestar a igualdade dos homens em seus talentos e possibilidades, assim como o tamanho da tragédia, em se considerando o batalhão dos rejeitados e o que poderiam render em arte, vivências, conhecimento para o bem de todos. Hans sente, na vertigem dos moribundos, o tempo acelerado que o leva em retrospectiva, fazendo uma espécie de síntese de todos os chamados da vida. Sente a mão de Clotilde, a mãe emprestada pelas antecedências históricas, arregimentando a preponderância do sentimento de maternidade para além do dizível e do imaginável. E sobrevém a morte com o desmoronamento do que pudera ser a felicidade: “A viuvez de Maria foi se tornando assim. As primeira visitas, pouco a pouco, foram-se distanciando, não penalizadas mas surpresas ante a situação inconsolável da moça.”²⁸⁴ Podemos então notar o preconceito como expectativa de conduta. Talvez, pela sua origem, mulher jovem, bonita, e herdeira de uma fortuna, a opinião pública esperasse um extravasamento em sensualidade, desperdícios, busca desenfreada de prazeres. Entretanto, ela aprofunda o seu drama.

A voz do órgão de Maria deixava de ser um segredo para tornar-se uma suposição não menos dolorosa. A coitada estava às portas da loucura. Maria executava os clássicos e os interpretava admiravelmente.

Maria procurava a solidão, embriagando-se. ...

Naquele dia, começou a beber pela manhã. Não quis almoçar e foi para a biblioteca, onde a procura deixou um testemunho contrastador. Todas as estantes sofreram uma devastação desproposital. Livros atirados pelo chão,

²⁸³ *M.f.p.*, p. 179.

²⁸⁴ *M.f.p.*, p. 180.

outros com as páginas rasgadas, indistintamente alheios a uma correção de procura, mostravam o grau de perturbação que a dominava. Às duas horas, sentou-se na banquetta do órgão e começou a sinfonia e foi até a noite.²⁸⁵

A busca do ser na cultura e no conhecimento, não poderia receber imagem mais expressiva. Maria devassa todas as fronteiras, tentando achar a resposta. Os livros esgarçados e a execução obsessiva simbolizam as dúvidas que alimenta desde os primeiros tempos sobre “o ser ou não ser dos conhecimentos” e a capacidade que teriam os bens culturais para se instaurarem como anteparas da existencialidade. O comportamento de Maria seria uma resposta eloqüente aos que acreditam que os bens culturais pertencentes a outros sistemas de significação e culturas adquiram valor e sustentabilidade do ser; que possam ser interiorizados enquanto fundamentos e força para as travessias tumultuosas e dilacerantes. Maria questiona a capacidade da cultura hegemônica, que norteara sua convivência com Hans, continuar dando respostas, sentido a sua existência. O narrador aponta na cena para o perigo do Brasil aculturar-se, sob o auspícios de uma estética, de uma epistemologia e ciência que desconheçam suas peculiaridades e tradições. Aquelas deveriam ser fruto de um amadurecimento: na vertente cultural, de suas vivências e sistemas de significação; e na vertente científico-tecnológica, do conhecimento e estratégias de superação dos desafios locais. Em se falhando em buscar tais instrumentos de afirmação da nacionalidade e das peculiaridades regionais e locais nos diversos brasis, estaríamos fragilizados, minados em nossas possibilidades de desenvolvimento de uma epistemologia, de uma estética, que traduzissem o olhar em estado puro, dando fluxo às miríades de possibilidades de articular os sentidos com os aportes ao mundo, traduzidos em presença.

Maria, constantemente embriagada, constitui-se em preocupação para Clotilde e Laura: “Faltando a bebida, temos que atender a coitada em casa e detê-la o que fatalmente a levaria a buscar o vício na rua o que seria chegar até as rochas instintivas de sua liberdade.”²⁸⁶ As dúvidas articuladas pelo narrador, tendo em vista o papel formador da cultura, ganham aqui uma visualização dramática, tendo em vista o risco de involução da personagem a uma escala instintiva. O autor implícito manifesta em forma de imagem uma preocupação quanto aos danos da aculturação, em que as habilidades da cultura de referência podem ser desenvolvidas sem, entretanto, constituírem-se em

²⁸⁵ *M.f.p.*, p. 181.

²⁸⁶ *M.f.p.*, p. 182.

fundamentos do ser. O aprendizado assim se constituiria como lustre artificioso, que pode ruir quando cessarem os estímulos e comprometimentos. Aqui, a presença de Hans a mantinha num agenciamento que foi bruscamente interrompido pela sua morte. Desde o princípio, Maria fora colocada ante o dilema da fragilidade de sua cultura em contraposição à da cidade de Juazeiro e à do companheiro, de origem européia. Ao sair do Araçá, achara graça no mundo, com suas novidades e chamados. Sua inteligência permitiu-lhe uma aproximação e rápida assimilação do diferente que, entretanto, permanece sempre como o diferente em si, dialogando com a matriz cultural de sua pequena comunidade. Os avanços não se deram por uma evolução natural, aflorando em multiplicidades. Foi um processo externo que parece não ter atingido a matéria radicular de conformação do seu ser. O narrador alerta para o perigo de que, quando retirado o contingenciamento, tudo pode rapidamente voltar a um estágio, que pela força de acomodação em busca do princípio, pode chegar a um estágio anterior à cultura de formação. Jung alerta sobre o risco de involução, presente nos processos de abandono das bases culturais.

Maria fez uma pausa, pondo em ordem a biblioteca, podou os bugarinheiros e como o relógio tinha parado, ela o indagou como se falasse com uma criança buliçosa reinando traquinagens. “Até você?” Arrastou a cadeira, deu-lhe corda e entrou naquele diálogo que, entre as coisas e os homens, acerta criar momentos que têm a face da felicidade.²⁸⁷

Maria recompõe-se. O ato de arrumar a biblioteca simboliza uma trégua com a cultura da chamada civilização ocidental. O acerto do relógio marca o seu retorno ao tempo cronológico. Faz as pazes com o seu tempo e lugar, sentindo a presença das coisas que aportam no ser o sentimento de substancialidade, propiciando uma sensação de conforto.

– Hoje, você vai procurar aquele empregado do trapiche... São Anacleto, lembra-se? Pede a ele para me trazer já um saco de argila daquela que sempre me serviu. Tá?... Vou tentar a escultura e fazer o possível para

²⁸⁷ *M.f.p.*, p. 182.

esculpir um busto de Hans. Conseguindo umas certas expressões que espero, talvez possa escapar deste vácuo sem fim que se alarga entre nós.²⁸⁸

Maria vai tentar a fusão dos dois mundos, o da oleira e o do companheiro morto. Ao tentar fixar o espírito de Hans, estaria promovendo uma síntese do seu ser.

A reabilitação de Maria, em qualquer circunstância, não seria para ela, como também não fora para Hans, um fenômeno indecifrável. A decisão, confundindo-se, entre a luta e a consciência, transcendia a realidade de suas próprias origens.²⁸⁹

Reabilitar o homem importa aqui suplantando o binômio marxista alicerçado nos princípios de consciência e luta. Por esse caminho, talvez fôssemos jogados num mesmo caldeirão de ancestralidades retumbantes que nos confinariam à esfera animal. Cumpre então entender a diversidade dos aportes que se diluem em manifestações expressivas e que para valer têm de estar de braços com a multiplicidade. Isso implicaria numa abertura do coração, um salto para além da individualidade.

Em meio ao pensar o mundo, com seus desvios e estruturas de aprisionamento do ser, o narrador surpreende o leitor com suas tiradas de surpresa, que tiram o peso dos aprofundamentos filosóficos, dizendo simples poesia para que o leitor não esqueça que a arte de contar tem um importante componente musical. E, assim, “– Ah!... Como te vejo! Parece uma jovem monja que, ciuando da lua, procura o rosário perdido na sombra alcoviteira de uma nuvem!”²⁹⁰ Puro lirismo, que transcende qualquer interpretação, como se fosse a poesia uma adereço para enfeitar o dia-a-dia empobrecido na luta das pessoas pela sobrevivência.

E Maria persiste obsessivamente na tarefa de fixar a imagem de Hans segundo certa expressão.

– Ah!, querida, já se vai uma semana que estou em luta com o barro para conseguir, com minhas mãos de oleira, um pouco dos meus tesouros perdidos. Encompridar rodeios é uma maneira de mentir para nós mesmos. As viúvas são silenciosamente hipócritas. Quando a saudade se veste de

²⁸⁸ *M.f.p.*, p. 182-3.

²⁸⁹ *M.f.p.*, p. 183.

²⁹⁰ *M.f.p.*, p. 188.

branco, para detê-la, o melhor é botar o dedo na boca e dizer “psiu!” para nossos desalentos.²⁹¹

A narrativa mantém o mesmo tom lírico, não deixando entretanto de pensar a condição humana, o homem em constante luta contra a impermanência, tentando a cada virada da sorte recompor o que se perdera. Mas é preciso, nesse processo de reconstrução da existência, não sucumbir à memória articulada na fixidez e saber agenciar os tesouros do passado na conformação do seu tempo e lugar, trazendo o diferente para sair renovado.

Maria busca captar a memória de Hans, fugindo à idealização. “Tenciono realizar o busto de Hans e dar ao mesmo uma expressão que não transcenda para refletir a vida em medida emocional do canto e da forma que assessoramos as coisas eternas.”²⁹² Tenta escapar aos investimentos afetivos que deformam o caráter imanente das coisas. Deleuze e Guattari discutem a transcendência como doença européia em oposição à imanência, oriental. A estes conceitos os autores acrescentam que no Ocidente a forma arborícola plantada nos corpos endureceu e estratificou até os sexos, em contraste com a forma rizomática, de liberação sexual, que tem na erva o símbolo do transbordamento e é “quem diz a última palavra”, porque finalmente, “tudo retorna ao estado de China.”, que “os historiadores chamam comumente de trevas da Idade Média.”²⁹³ A passagem acima vale por uma crítica às representações de tendência romântica e as que se valem de artifícios com que se costumam erigir em memória monumental. O que há de permanecer já se basta em seus atributos, bastando uma percepção aberta, depurada de subjetividade, sendo obsessivamente crítica.

E o narrador fulmina uma frase lapidar: “– Sim, os homens só morrem por que deixam de ser amados.”²⁹⁴ Um dizer carregado de espírito, servindo de alerta para que os vivos tornem-se amoráveis, sob pena de se tornarem defuntos, assombrando o mundo com seu horror. As obras de arte também só morrem, ou hibernam, quando deixam de dar respostas aos homens do seu tempo ou das gerações futuras, deixaram de ser amadas.

O narrador faz assim esse jogo entre lirismo e filosofia, buscando clarear nas imagens as armadilhas de contingenciamento do ser. Alarga seu campo de visão na

²⁹¹ *M.f.p.*, p. 188.

²⁹² *M.f.p.*, p. 188.

²⁹³ DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 29-30, vl. 1.

²⁹⁴ *M.f.p.*, p. 188.

fricção entre pensamento e poesia, emitindo alertas que vão muito além da problemática local, mostrando que os algozes podem ser suas primeiras vítimas, num reverso de sua maldade.

Hans arrancou-me de um primitivismo caluniado, onde a promessa do homem branco fora sufocada pela servidão total; deu-me o conhecimento das coisas do mundo e, por que eu agora deva me privar de sonhar, cantar para uma criança uma velha canção dos primeiros dias do nosso povo?²⁹⁵

Observa-se aqui o quanto a sociedade local foi afetada pelo contato com o colonizador. O elemento exógeno àquele universo criou a utopia de uma fraternidade que não se confirmou. Predominou a exploração servil que desconhece fronteiras e diferenças, ao adotar um discurso que se pretendia detentor de uma verdade e referência. O elemento dominador em conformidade universalista aporta o grupo para fazê-lo sangrar em sua imanência. Assim, a cultura local perde sua pureza original. É atingida em seu ser pelo discurso que se arvora em padrão do pensamento e representação, como único modo de ver e pronunciar-se. Mas quando o narrador fala em “promessa do homem branco [...] sufocada pela servidão total”, tem-se a dimensão da natureza ambivalente dos agenciamentos. No processo de aniquilamento do Outro, o colonizador é deslocado de sua condição humana, para ser o algoz do diferente, a fera que afirma o humano em seus atributos de racionalidade e ao mesmo tempo se perde como predador que pratica o genocídio em escala global. O trecho acima retoma a discussão anteriormente encetada sobre o “ser ou não ser dos conhecimentos”, nessa visão de fronteira entre o local, que comporta com força de presença o sentido da existência dos nativos, e o universal, alheio ao que faz bater o coração do sertanejo. Maria como que se desculpa, empreendendo ao mesmo tempo um protesto educado, para voltar a seu mundo repleto de sonhos e fazê-lo vibrar aos ouvidos sensíveis.

Maria procura obsessivamente, e sem sucesso, fixar certa fisionomia de Hans.

Maria voltava ao atelier e mais uma vez se abismou diante da fatalidade de procurar. Precisava, sim, e passou a viver o alargamento do vácuo, onde a imagem desejada de Hans diluía-se numa penumbra luminosa. Os dias foram se passando e a luta de Maria continuava. A fuga do inesgotável precipitava-

²⁹⁵ *Mfp.*, p. 188.

se pelas pontas dos dedos da artista se sucumbindo na angústia dos desajustes.²⁹⁶

A cultura européia, que tarde entrara na vida da personagem, possibilitando-lhe um conhecimento diversificado da vida e dos homens, está em conflito com o mundo do sertão em sua concepção mágica e sincretismo religioso. No mundo do Araçá do Mel as relações oscilam entre o primitivismo e a obscuridade da escravidão que fora o lastro de sua organização econômica. A imagem de Hans numa “penumbra luminosa” sugere a cultura ocidental com seus clarões deformantes dos focos de atividade artística nos meios subalternos. A luz não consegue resgatar as sombras. Ilumina sem produzir um brilho próprio no que é iluminado. Parecem faltar as zonas de transição para o contato não agressivo, estimulante e não excludente. A interação de culturas requer um tempo de assimilação e transição diluída de elementos compatíveis. Um tempo deveras longo a exemplo do processo de acomodação que o cristianismo sofreu na composição com as crenças de origem afro e indígena para formar o sincretismo religioso que opera o imaginário do sertão. Assim também teria ocorrido na culinária, nas artes, entre tantos pontos de encontro das culturas envolvidas. Mas no momento, Maria sente o impasse, os influxos das culturas que resistem ao amálgama se lhe esvaírem pela ponta dos dedos na culminância dos “desajustes”.

A velha acompanhava aquela labuta paciente e dolorosa, horas e horas, sem esmorecimento e sem encontrar onde se escondia a negação da imagem procurada. Parecia-lhe que estava diante de Hans, vivo e sorridente, no que mais profundo transparecia na aflição de Maria.²⁹⁷

Maria dá vida à forma, mas não lhe transmite o espírito.

– Ontem, acordou cedo e foi trabalhar no busto. Logo que começou, deu um grito e como se tomada por uma força indomável começou a destruir o trabalho a golpes de martelo. Procurei ampara-la e a levei até a poltrona. De olhos parados, me disse: “Não posso, Clotilde!... Eu não sou uma santa”. E adormeceu. [...] Hoje acordou mais tarde, foi para o banho, tomou café e botou-se para a biblioteca. Começou a leitura e meia hora depois, como se

²⁹⁶ *M.f.p.*, p. 189.

²⁹⁷ *M.f.p.*, p. 189.

discutisse com alguém, começou a delirar e nem queira pensar, Dona Laura! Tal qual uma fera, passou a despedaçar o livro com os dentes.²⁹⁸

Maria sente a impossibilidade do milagre. As culturas envolvidas chegaram ao ponto em que teriam de dilacerar-se para ver o que sobreviveria. Maria rejeita a colonização do imaginário. Destrói o que seria a visão européia do homem em vias de perder o contato consigo mesmo. Para sobreviver, ela, a personagem símbolo da nacionalidade, teria de matar a cultura hegemônica, a fim de que sua gente pudesse nascer para si mesma, realizar-se em sua dimensão simbólica, cultural.

Maria é comparada por Clotilde a uma criança habitando o espaço natural, à margem dos conflitos sociais que criariam impedimentos e rejeições, comprometendo a espontaneidade.

– ... E eu lhe digo: Maria chegou às mãos de Hans como uma preciosidade. Valendo a infância de sua primitividade, vivia a distância dos obscuros conflitos da formação e transformação deste País. À margem da sociedade só dispunha como compromisso a transitoriedade de suas emoções naturais.²⁹⁹

Assim, Maria apresenta-se como a pureza em horas de sorver o mundo e se encantar. Não tivera tempo de sentir o peso da sorte. Talvez fosse uma alma de artista olhando folgazona para o mundo e achando beleza mesmo no infortúnio, sem ser tocada pela amargura que em fúria pediria justiça.

E o narrador subverte a idéia que se tem de tradição, sob a ótica do colonizador.

– Compreendo, Jesuíno, e discordo do teu juízo. Você quer dizer que Maria é uma mulher sem tradição, mas se esquece de que ela hoje é uma mulher educada e desfruta uma situação ainda do seu talento e, mais, das resistências de suas origens, atualmente identificando serem as matrizes de nossa nacionalidade.³⁰⁰

²⁹⁸ *M.f.p.*, p. 190.

²⁹⁹ *M.f.p.*, p. 191.

³⁰⁰ *M.f.p.*, p. 193.

A Maria “sem tradição” é a história viva que vem das origens, dos pequenos agregados populacionais perdidos no ermo, fazendo como a planta Maria fecha a porta prau boi não te pegar, fechando-se diante do agressor, para que sua semente ganhe a eternidade, preservando sua espécie. Além da raiz nacional, Maria, pela educação refinada que lhe fora proporcionada pelo marido, realiza a fusão das vertentes local e européia, que procura obsessivamente sintetizar, com sua sensibilidade.

Clotilde também fala desse estar aberto à vida, de forma que só os espíritos superiores atingem, permitindo ir além da individualidade redutora, para olhar os avanços conseguidos como dádivas do gênero feminino.

– Se eu fosse uma desavisada das coisas da vida diria com uma certa vaidade. “Despertei em Maria a curiosidade de se apaixonar em termos da realidade.” Acredito que isto, Dona Laura, é uma faculdade dada a nós as mulheres, através das freqüentes desilusões. No entanto, fiquei surpresa quando tive a compensação de assistir ela se voltar para si mesmo e destruir a solidão.³⁰¹

A personagem ressalta o lado prático e objetivo das mulheres, fruto de um amadurecimento atingido ao preço das desilusões. E conclui filosoficamente, falando desse voltar a si como superação da solidão, o que equivaleria a dizer que está só aquele que não consegue estar consigo mesmo; ou ainda que, para ir ao Outro, necessário seria quebrar o gelo interior, buscando a unidade do ser para assim vibrar em harmonia com o diverso.

VIII Caminhos e tropeços do Estado Nação

O romance *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* persegue a busca de entendimento da problemática individual e coletiva, ou seja, os entraves que nos impedem de nos realizarmos subjetivamente e enquanto nação. A escritura de Osório Alves de Castro é articulada como metáfora. Os personagens adquirem dimensão simbólica. Acabamos de ver o dilema de Maria povoando o espaço duplo da sua cultura e a do colonizador em movimentos de aproximação, estranhamento, acomodação. Ela

³⁰¹ *Mfp.*, p. 195.

segue esse destino ambíguo entre o papel dramático na história e a representação metonímica de um legado que remonta ao contencioso racial, cultural e da ordem da relações de gênero e das estruturas de poder no país. Também, como todos os personagens marcantes nas narrativas do autor, ela encarna o próprio dilema humano entre o animal, o nada e as pretensões a uma realização no sublime.

É obsessiva a busca de afirmação do feminino. O narrador aponta para a manutenção da mulher como um animal acuado, a serviço dos desmandos masculinos. Sem o respeito à mulher, sem o resgate de sua dignidade a nação parece fadada a um destino nebuloso, onde impera a injustiça e a exclusão de parcelas consideráveis da população do usufruto de bens e direitos elementares.

Maria clama por uma relação civilizada, que fuja aos padrões da sexualidade agressiva, que vê a mulher como um animal a serviço do homem.

– Sim. Será que nasci para nunca ter um namorado? Venho de minha descendência, há quatrocentos anos, passando de mão em mão para parir filhos que se repetem na fertilidade de um mundo compassado nas lutas pela eternidade. Nós, mulheres do Araçá do Mel, nunca tivemos um namorado. O deslumbramento vinha no canto de um vaqueiro ou na cadência dos remos ou nas zingas cruzando nas coxias das barcas o corpo nu dos remeiros lustrados de sol e suor. Ali, a natividade é o sem fim da espécie, nos dando as sementes de todos os frutos. Os doces e os amargos que trazem em suas polpas os segredos da eternidade do homem!... E, assim, amigas, cheguei até às mãos de Hans! Ele deu-me a consciência de ser mulher e, a seu lado, sentir que o amor não era uma casualidade, nem uma fantasia mas sim a liberdade de viver e aprender. Contigo, Laura, foi tudo diferente. Você desfruta a existência heróica da tua tragédia! E eu? A lembrança é uma corrosão de ocasos.³⁰²

Assim, Maria se coloca como a mãe atemporal, que vem sangrando há séculos para semear o destino dos brasileiros. Uma mãe, como destino de todos os orgasmos, de vaqueiros ou remeiros, sentindo a sorte, sedução ou estupro, e nada mais por alento. Em contato com o diferente, desvelou o olhar, chegando à consciência e ao prazer de ser mulher. Agora sonha realizar-se, erigindo-se em objeto a ser acariciado, admirado, num impulso que chama pela prática da cortesia, tão distante do consórcio amoroso nos

³⁰² *Mfp.*, p. 196.

sertões. O Araçá do Mel traz em seu próprio nome a idéia de fruta doce, genitália, o lugar sagrado onde se deu a gênese do povo brasileiro. Uma história de violência contra a mulher a ser possuída, fecundada e largada ao acaso para parir seus filhos, seguindo o moto contínuo em que as meninas, mal despontando na puberdade, já estariam sofrendo os assédios, nem sempre concedidos, mas sempre consumados.

As narrativas de Osório Alves de Castro trabalham na fronteira do preconceito contra a mulher, procurando desfazer a idéia de inferioridade perante os homens. Soa como um canto à liberdade, à inteligência, à capacidade de muitas vezes fazer melhor, dignificando as pessoas. O narrador aqui insiste em sua estratégia de mostrar as mulheres articuladas, segundo planos coerentes e doando-se com alma para realizar o que desejam, em oposição aos homens, movidos por paixões e preconceitos, no que levam desvantagem perante aquelas.

O narrador surpreende, nas palavras de Maria, com sua lucidez no encaminhamento de questões cruciais, como a da idéia de diferenciação racial. “– A raça é uma captação visual de aspectos que a imaginação personaliza e a literatura empresta aos iluminados para recriar os mitos que o poder sestra repetir e os fracos desejar.”³⁰³ Ele afirma a igualdade de todos, ficando as diferenças consubstanciadas nos aspectos visuais, que a imaginação julga serem características raciais. Esse erro de interpretação acaba por gerar mitos que vão ser manipulados pelo poder, satisfazendo o desejo dos desavisados, que precisam acreditar em falácias para sobreviver. Assim, o personagem Caio embarca na idéia de especiação como origem da superioridade do comportamento de Hans, o que deixaria o brasileiro, mestiço, como raça condenada à inferioridade.

– Você não acredita na raça?... Seja franca. Quem de nós poderá duvidar que foi essa particularidade a razão de Hans ter sido um espírito superior em todas as atitudes?

– Hans foi um místico, como você e eu...³⁰⁴

Maria iguala os homens, atribuindo o diferencial das atitudes à lucidez do espírito.

– Ah!... Maria você é uma Santa!

³⁰³ *M.f.p.*, p. 203.

³⁰⁴ *M.f.p.*, p. 203.

– Não, Caio, sou simplesmente uma mulher como todas as outras às ordens de uma maternidade e de todos os encantamentos que ela nos anuncia. Que entre você e Hans existe a mesma magnificência das águas na terra, existe. Da fonte que se confluência com o rio, e do rio com o mar, vivendo a unidade de todas as coisas e a imagem da vida... desta vida que parte de todos nós, Caio.³⁰⁵

A fala de Maria aponta para uma solução dos impasses raciais que em nosso país podem oscilar perigosamente entre a continuidade da discriminação e um revanchismo, que não ajudará a construir a nação. Isso só se concretizará dentro dos parâmetros da justiça e igualdade entre os homens. O narrador aponta para uma destituição das falácias da diferenciação racial, colocando todos os homens como pertencentes a um mesmo caudal, realizando-se no oceano da existência. A imagem tem apelos budistas, ao usar a metáfora oceânica para designar o cosmos a que o homem está unido indissolavelmente. Nesse contexto, cada vida assemelha-se a uma gota d'água, que parte do mar pela evaporação, ou nascimento, para aí retornar, extinguindo a individualidade.

A explicação de Maria, estribada numa abertura do raciocínio buscando iluminar os caminhos para a superação das distorções históricas, com vistas a aniquilar o preconceito, soa na disparidade do enfoques anunciando deficiências estrategicamente articuladas e credulamente assumidas na compreensão fácil do mundo promovendo continuidades. O narrador sintetiza o pensamento cheio de restrições e deficiências do coronel Caio, como fruto do seu olhar, voltado sempre para si, instituindo-se como o centro do mundo: “... mas um Coronel de verdade sempre é de si mesmo.”³⁰⁶ Caio, com suas manias de grandeza e fixação em questões genéticas como chave do desempenho na criação de animais, havia investido uma fortuna na sua “Fazenda Modelo”. Com o advento da I Grande Guerra, associado a uma seca destruidora, tudo se transformou em pó. De tudo restou apenas o coronel afogado em suas lembranças, delirante e altivo, respaldando humanidades distorcidas, poeticamente inspiradoras.

Maria, a Mãe magnânima, cederá a fortuna, como é próprio das mulheres que chamam a si os atributos de nutris, pagando a realização megalômana de Caio. Segue direção oposta àquelas que preferem o controverso papel de bruxa. Grande cartada da Mãe, que realiza-se nas tentativas de apaziguar anseios, propiciar realizações, mesmo

³⁰⁵ *M.f.p.*, p. 203.

³⁰⁶ *M.f.p.*, p. 205.

que contrariando os parâmetros da racionalidade. Para Maria, o grande lucro é continuar sendo Maria, incontestavelmente o caminho para a realização da humanidade. No mais, resta essa paisagem de fim de mundo, ou princípio, o que é sempre o destino do sertanejo em eterno recomeçar.

Maria, sob a orientação de Hans, criara uma fundação em Araçá do Mel. Trata-se de um modelo de produção coletiva que tenta articular as relações produtivas visando a uma melhor distribuição dos recursos entre aqueles que participam do processo. Com isso o narrador estaria muito mais colado à ideologia comunista defendida pelo autor. Este se constitui num momento único na escrita osoriana, em que os investimentos ideológicos do autor implícito ganham contornos tão claros. No mais temos a elegância de sempre no expressar e o cuidado para não deixar a tensão lírica decair em discurso.

O personagem Félix IV retorna à cena. Ele representa as forças retrógradas, em sua investida contra a modernização das relações. Na seqüência, Caio vai representar as cenas finais de sua epopéia sertaneja. Traz as lembranças do fundo das eras de formação do Vale, em que o rio e suas criaturas, notadamente os homens que amamentou em suas margens, vão ser marcados pela desmedida.

Caio, montado em seu cavalo alazão, era um sintagma associado naquele alvorecer, valendo o seu próprio destino, ali junto ao velho para exceder-se e viverem o desajuste do mundo que os criou. Garboso e forte, expressava um misto do passado e do presente naquela alegoria. [...] Laura chorava e o velho que desejava explicar-se, quando Caio, frente à presença dos desavisados, antecedia, a mitificação da imensidade a qual a realidade do seu destino de se exceder já estava empenhada. Seus olhos pareciam lentes duplas de uma câmara fotográfica focalizando os vazios da memória assaltada.³⁰⁷

Poder-se-ia dizer que Caio não endoideceu, apenas deixou a temporalidade para adentrar o tempo mítico, no qual se aninhou para viver a grandeza que só os poetas da vida sabem, traçando poemas no ar, desenhando linhas de vento. Conta memórias esquecidas no tempo, atento com a antigüidade de seus alentos e só o que pensa é a realidade em que volta a brincar. E se pensou em honra, cavalaria andante, narrativas de bravura, é tudo o que sabe sonhar.

³⁰⁷ *Mfp.*, p. 219.

Ouçam e não se desatinam. No meio deste zuar, mais alto do que a voz da tempestade é claro e sibilante o pio aflito do tempo seco, passarinho do flagelo. [...] E vejam bem: a terra é grande e cabe inteirinha dentro do coração de um homem. [...] Vejam na terra passos do retirante, tiro sem pontaria acertado nas estrelas das noites solitárias.³⁰⁸

O poeta Caio adentra o limite entre poesia e história, na santidade do sertanejo, rico ou pobre, sem domínio da sorte, sofrendo o que der do destino cantar. Mistura vida, história, delírio, imaginação, em tudo que vibra, sentidos buscar.

– Os Emerenciano estão saindo do fundo da terra, raízes desencarnadas que viraram laudas de papel, onde amigos e inimigos podem, sem receio, juntar suas assinaturas.

Aprumando-se no ágil estilo das campeações, Caio Emerenciano refazia-se na chefia resoluto de um senhor de destinos. Fustigou a montaria e, num trote seguro e dirigido, rédeas detidas e a guiada em riste apoiada no estribo, reunia a petulância da classe e da ética que o atendiam. Fez o curro e chegou até o fundo da clareira onde levantou o braço, deu um grito e disparou rumo ao abismo e precipitou-se no canon, para apagar-se como uma zelação mergulhada nas rumorosas águas do velho rio aquela itinerância heróica, digna de um Coronel sãochicano desaparecendo.³⁰⁹

Caio buscou o limite de ser fazendo da lida poesia, para a posteridade encantar-se com seu ser Quixote do Vale do São Francisco em guerras, o campeador sem trelas alando-se no canto das cachoeiras, buscando corredeiras para o seu sangue acalmar e silenciar um erro, todos os erros do entendimento de uma vida em que foi mais forte o mito, eivado pelas narrativas de fé na bravura dos homens em permanentes lutas, cometendo diabruras para os cantadores nas feiras entoarem de improviso a grandeza nordestina que se dá mesmo no estio de homens e plantas em que tudo parece secar.

Podemos notar que Caio, mesmo quando se dizia são, era chegado a um mote para lá das emendas da sina, avivando encenações. Acreditava que poderia mudar a sorte misturando a vida com o sonho. Não se sabe o que viu na fazenda do Soza. O fato é que

³⁰⁸ *M.f.p.*, p. 219.

³⁰⁹ *M.f.p.*, p. 219-20.

pensou que poderia reeducar o gado para engordar apenas com os eflúvios que lhes traziam o ar.

– O Soza, sim, da Ribeira da Malva, que desde o dia que Caio em seu juízo são veio me procurar e certificar de como conseguira privar do uso d'água e dos pastos os bichos gordos e sadios de minha criação. Viu, provou e louvou-me, apertando minhas mãos e falou: “Velho, virei ficar perto de você para aprender mudar os hábitos e a sina dos animais, tirando o proveito das plantas, dos ares, como acabo de certificar.”

– E voltou mesmo. Trouxe recursos e esperanças, mas mudar só se satisfaz no tempo e na coragem de acreditar num sonho acordado, onde a liberdade e a vida andam de mãos dadas. [...] e ele teve apagado em uma esperança que conseguira ir além da loucura e terminar numa luta sem fim, entre o homem e os abismos que chegam a nos encantar.³¹⁰

Caio transmuta o sonho em presença. Vive à margem da vida numa realidade só sua, que lhe aprouvera criar, talvez para não sucumbir à tragédia que acaba por atingir ricos e pobres, lavrando a maldição de quem tem além do limite, abocanhando a porção de quem não tem, seres em permanente falta, mas no fim, todos procurando se reinventar. Caio marcou sua diferença desde o momento em que se negou a disparar como os seus irmãos contra Ápio Fontes. Rompeu com a ética coronelística e seus códigos de honra, o que, segundo os seus, tivera maior significado que o romance de Laura na desonra familiar, levando o velho Manoel Emerenciano à morte.

Em virtude da viuvez, provavelmente a quarta, sem considerarmos o personagem Ápio Fontes que a estuprara, Maria decide-se por retornar ao Araçá do Mel, onde manda construir uma residência. “Quando a casa residencial de Maria, no Araçá do Mel, estava em fase de acabamento, Raimunda, que ainda não tinha um ano na olaria, já tinha sucedido à velha Donzalesca...”³¹¹ Raimunda era filha única e órfã de um rico fazendeiro, cujo marido dilapidara seu patrimônio, levando-a finalmente à prostituição. Assim, Félix Quarto a conhecera e, com más intenções, a levava para o Araçá do Mel onde seria usada na consecução de seus planos sinistros.

Maria chega ao Araçá do Mel, acompanhada de Laura Emerenciano e a filha. Esta “Vendera uma de suas fazendas em Juazeiro e estava disposta a tentar uma nova revisão

³¹⁰ *M.f.p.*, p. 221.

³¹¹ *M.f.p.*, p. 223.

para o pastoreiro e a mulher Laura se misturou naquele mundo dado a todas as Marias.”³¹² O narrador usa de ambigüidade ao detalhar essa idéia de revisão do sistema de pastoreio, que seria desnecessária não fossem as inferências que daí podem advir, indo além do simples trato com o gado, para apontar para uma nova ética das relações humanas. Isso se confirma na idéia de que Laura imergira naquele útero do São Francisco, abrigo simbólico de todas as mães brasileiras.

Maria fala aos políticos que compareceram ao Araçá do Mel, com objetivos politicamente comprometidos com as continuidades. Félix Quarto teria insinuado às autoridades de Juazeiro do aparecimento de um novo foco de messianismo no sertão que deveria ser extirpado antes que fosse tarde.

– Nossa Fundação tem como finalidade aproveitar as resistências em potencial deste primeiro núcleo de encontros, entre o homem branco da Europa e as tribos que o receberam pacificamente na escalagem da espécie. Aqui, entre aceites pacíficos, os conflitos ativados pelos estranhos, pelas distâncias e o tempo, surgiram as matrizes de nossa nacionalidade. Estamos empenhados em realizar, no menor tempo possível, o encontro com a civilização. Para isto, diversas aberturas, a artesanal, a agrária, a pecuária, estão em aprendizado e em práticas satisfatórias e rápidas.³¹³

O Araçá do Mel representa esse ponto de confluência, uma encruzilhada em que os diversos elementos se encontram e fundem-se, para formar a nacionalidade brasileira. A passagem fala da hospitalidade com que os colonizadores foram recebidos, o que depois demudou em conflito e exploração desumana. E a Fundação tem exatamente a missão histórica de dar uma solução político-econômica e social aos conflitos que dilaceram a nação, fazendo surgir vários brasis, fortemente desiguais.

– Não haverá enganos. Nossa posição é bastante definida. Estamos erguendo um velho e semimorto povoado, que nunca recebera dos políticos a menor confirmação de sermos a mesma gente, com os mesmos direitos por eles apregoados. Abandonados, continuamos atravessando os séculos recuados

³¹² *M.f.p.*, p. 225.

³¹³ *M.f.p.*, p. 226.

em nós mesmos para acreditarmos numa promessa que continua as areias dos desenganos, à espera das transcendência, como prêmio aos proscritos.³¹⁴

A Fundação representa a revolução do pragmatismo e da racionalidade como um recado ao povo brasileiro dos encaminhamentos que está a dever a si mesmo. Na afirmação “Não haverá enganos”, o narrador está a dizer: não seremos uma nova Canudos. Não prometemos os céus, mas sim trabalho árduo de transformação dos modos de produção, visando resgatar a auto-confiança, o auto-respeito, a auto-estima, do homem brasileiro. Não somos contra ninguém, mas a favor do homem que está cansado de esperar por uma felicidade e realização que só lhe adviria depois da morte. Nesse trecho do romance, o autor implícito faz valer o ideário do autor, um militante comunista, perseguido pelos órgãos de repressão da ditadura que se instalou no Brasil após 1964. Ironicamente cumpre notar que também foi expulso do Partido Comunista Brasileiro por sustentar idéias não sectárias. A voz que se ouve ao longo do romance, como aqui, nas palavras da heroína, aponta para uma posição socializante que, longe dos radicalismos, busca o entendimento entre os homens. Revela uma grandeza de espírito somente possível a alguém que tenha transcendido as particularidades do sujeito individualizado, além de qualquer obsessão egocêntrica, para pairar em alturas a que só são admitidos os que possuem uma visão superior da existência, sejam filósofos ou poetas. Os narradores em Osório costumam focar os mecanismos de agenciamento do homem, os processos pelos quais se dá uma tomada de posição, em vez de afirmarem verdades ou assumirem uma postura ideológica.

Os interlocutores de Maria apegam-se a expressões como “acreditarmos numa promessa” e “à espera das transcendências, como prêmio aos proscritos”, e insistem na comparação dos objetivos da Fundação com a missão de cunho messiânico do Conselheiro: “– A senhora quer dizer, igual aos que o Antonio Conselheiro prometia?”, ao que Maria responde:

– Não, senhor. A cerâmica é também uma arte indígena. As oleiras do Araçá do Mel trazem do fundo de um artesanato primitivo uma maneira de tratar, formar e cozer o barro. Com ele resistiram ao isolamento, à guerra, ao estupro e cederam à condição humana de serem mães e se tornarem as matrizes maternas da nacionalidade brasileira. Sob o opróbrio, conviveram

³¹⁴ *M.f.p.*, p. 226-7.

com os que deram o seu sangue e seu Deus aos próprios filhos e continuavam escravos e lhes digo; estamos aqui para provar que a natureza se alia aos homens, quando estes estão decididos a se erguerem com os recursos que ela lhes oferece neste testemunho de iniciações.³¹⁵

A personagem fala das mães que ao longo da história, sofrendo coações as mais ignominiosas, possibilitaram a formação da nacionalidade, lutando contra os que impunham seu sangue e um Deus que não os livrava da condição escrava. Ela deixa passar a idéia do deus a serviço da dominação e, portanto, estaria longe de oferecer a transcendência cristã ou qualquer outra. Em vez disto, segue um caminho que passa ao largo da idéia de deus, buscando a interação com as forças que regem o universo. Afirmar assim, enfaticamente, que o homem quando decide se erguer, as forças da natureza conspiram a seu favor.

A indiferença com que ouviam à dona da casa, apesar de a considerar desprezível, era inquietante, enquanto ela prosseguia.

– Não importamos salvação. Manteremos as agregações como estágio de nossas resistências, em relação com a atualidade. Serão um compromisso de abertura para facilitar os suprimentos às diversas necessidades, capaz de habilitar um desenvolvimento ascendente e organizado.

A franqueza da Maria esmoreceu os emissários que acabaram desaceitando o convite para visitarem as dependências da Fundação.³¹⁶

E Maria reafirma que não está disposta a seguir modelos de salvação – o que se constitui numa ironia contra o poder colonial que aqui aportou o cristianismo, impondo-o com uma agressividade e arrogância que eram a antítese dos dogmas –, mas sim alavancar os meios de produção dentro de princípios técnicos disponíveis no momento, visando suprir as necessidades do homem. A base do trabalho da Fundação reside na força do sertanejo, capaz de uma resistência com que se impôs através dos séculos, buscando sua realização, apesar das forças que desdenham de sua sorte, considerando os elevados excedentes. Na despedida, o encarregado do contato tenta cooptar Maria como cabo eleitoral, ao que ela responde:

³¹⁵ *M.f.p.*, p. 227.

³¹⁶ *M.f.p.*, p. 227.

– Nós, aqui, estaremos com todos que, iguais a nós, procuram resolver seus problemas fundamentais. [...] Aqui, a terra, o arame para a cerca móvel, os grampos e os postes são gratuitos. Plantam, colhem, beneficiam e vendem o produto à Fundação que os comercializa. Dois anos depois, retiram a cerca, protegem a nova derrubada, repetem, deixando a capoeira como pasto para o gado. [...] Dentro dessa cidadela, terá seu forno e sua roda de farinha, seus pilões; guardará o seu dinheiro, terá seu paiol, seu curtume e rezará para seu santo e votará em quem quiser. Uma coisa exigimos: ao chefe, ali dentro, cabe dispor de sua autoridade para respeitar e cumprir com todas as obrigações que a República e as Leis estabelecem, os políticos divulgam e desrespeitam ao mesmo tempo. Nós, aqui na Fundação, a temos e a defenderemos também como um dever sagrado da continuidade da ordem e Progresso que foge à realidade histórica e humana deste nosso rio São Francisco.³¹⁷

A voz da personagem está, por esse viés, a dialogar com todos os implicativos geradores da boataria que aguçou os medos do poder, provocando a reação que esmagou Canudos. O discurso de Maria contempla os pontos nevrálgicos que foram o motor da ação contra o Conselheiro. Descarta motivações religiosas numa escala messiânica, ou seja, que busque desestabilizar o sistema atual de poder, com seus pilares Igreja e Estado, visando retornar a um hipotético sistema do passado de que se sentissem órfãos. Considera que a religião e a política são assuntos da consciência de cada um. Ela foge à idéia de arregimentação política, religiosa ou ideológica. Afirma o respeito à República em seus aspectos institucionais e legais, aproveitando para alfinetar a classe política que cria leis para o Outro, mas que eles, os Mesmos, são os primeiros a desrespeitar.

O narrador explica os últimos acontecimentos no Araçá do Mel, lançando clareza sobre práticas e argumentos comumente usados no enfrentamento de problemas localizados, em nichos populacionais do vasto território ao longo da história. Esses acabam sendo sobrevalorizados, despertando temores de desestabilização do sistema nacional. A prática do boato associada à denúncia é rapidamente acionada por componentes do sistema de dominação em vias de perder vantagens e posições. No que se segue podemos constatar esse artifício.

³¹⁷ *Mfp.*, p. 228.

Devia-se a vinda da delegação ao Araçá do Mel à uma séria denúncia que chegara ao Comitê Revolucionário dos Coronéis do São Francisco, um disfarçado centro de resistência contra o movimento que forças estranhas criaram no centro do País. Era o Grande Perigo como em todos os tempos se estendera entre os deuses e os demônios. O desfrutado na disputa pelo Poder, onde a impunidade sempre se associa ao dominador, as palavras se cruzam num caleidoscópio de embargos.³¹⁸

A resposta imediata ao alerta sobre o perigo eminente de desestabilização segue a interação maniqueísta, em que o poder se coloca a serviço de deus, da justiça e da estabilidade, enquanto aqueles que oferecem ameaça à continuidade são pintados como forças diabólicas ou subversivas que irão precipitar o caos. E assim, os dominadores agem com desenvoltura, salvaguardados pela impunidade e pelo domínio eloqüente de discursos que criam circunvoluções no imaginário dos remediados e agregados do poder, deslançando a grita que provocará a punição exemplar. E tem-se, então, a súmula desse processo, em suas origens e motivações:

Félix Quarto levou a vantagem até Xique-Xique e dali se estendeu até à beira do mar. A ascensão dos lucros e enriquecimento dos gordos anos da guerra cessou de repente e assombrador! A Paz era o perigo, emprestando novas dimensões aos donos da situação.³¹⁹

O barqueiro Félix Quarto, segue a lógica das potências hegemônicas, como se constata em nossos dias, quando a guerra movimenta a economia dos grandes, multiplicando os mercados oficiais e paralelos de armas e suprimentos. Desta forma, articulam-se discursos de ameaça à paz, para que se possa oficial e impiedosamente quebrá-la. A paz representa prejuízo financeiro e de posições aos Senhores da Guerra, que assim patrocinam a instabilidade e o Terror de Estado. Confirma-se por esse viés o poder conservador dos possuidores, que rejeitam quaisquer mudanças. O narrador faz um alerta vibrante, desnudando os mecanismos e motivações da guerra, deixando no ar a dúvida de que um dia venhamos a ter paz na terra.

Enquanto Félix Quarto trama a derrocada da Fundação, que representa a paz e a justiça social entre os homens, as mulheres articulam-se para consolidar posições e o

³¹⁸ *M.f.p.*, p. 228.

³¹⁹ *M.f.p.*, p. 228.

poder de deliberar sobre o destino de sua gente, o que passa pela destruição daquele pária.

A personagem Raimunda confessa sua participação no assassinato da Donzalesca. Ela havia se dado conta do jogo perverso do barqueiro, que a estava instrumentalizando para seus objetivos escusos. Tramou o assassinato do seu filho como forma de “fechar seu cerco sobre o meu destino [...]. Compenetrado de que a morte do menino refletiria sobre minha consciência, como uma maldição de Deus...”³²⁰ Ela conta a Maria e demais membros da fundação os planos de Félix Quarto para apossar-se dos bens da Fundação, articulado com políticos de Juazeiro.

– O plano já se encontra detalhado e, logo a barca alcance o meio do rio, o estouro da boiada, levaria tudo de roldão. O desastre ocasionaria a morte do piloto, fosse ele a Dona Maria ou são Anísio – a Santa ou o Tísico como Félix Quarto os chamava. [...] Aproveitando o pânico despertado pela catástrofe, ele Félix e seus homens, armados de rifles, desfechariam o golpe. O Lucas, do outro lado, faria o mesmo e tudo não passaria de simples acontecimento que a sorte e a política de mãos dadas deixariam por conta da vitória.³²¹

Trata-se de um plano bem arquitetado, que sintetiza os procedimentos golpistas, largamente utilizados no país. Desta forma os crimes dos vencedores, articulados com a política dominante, serão apagados, deixando prevalecer a vitória da ordem, das instituições e sobretudo dos princípios religiosos sobre as forças “demoníacas”, articuladas para desestabilizar o país, destruir as propriedades e a família. Um golpe de periferia que retrata no microcosmos os mesmos princípios, estratégias e motivações que permearam os acontecimentos de 1964 no Brasil.

Félix Quarto traça uma imagem peculiar de Maria e, ao fazê-lo, caracteriza muito mais a si. Traz à baila os modos de pensar e agir com que se produz a dominação da gente desamparada do sertão.

– Melhor seria que fosse a Santa. Tenho contas antigas a acertar com aquela putinha. Ela me trata como nunca tivesse botado os olhos em minha cara. Mas, continuo a ver nela a mesma Maria Campinho desmiolada que

³²⁰ *M.f.p.*, p. 233.

³²¹ *M.f.p.*, p. 234.

pegou uma trouxa e eu muitas vezes matei a fome. Enfim!... Está em nossa mão. Meio macho, como gosta de ser, não vai enjeitar a prova.³²²

Ele a chama ironicamente de santa, desfazendo das histórias que circularam a seu respeito, como senhora das interdições amorosas, a que viera ao mundo para punir os que praticassem a desmedida, buscando nela, representante de todas as Marias, mães que geram uma descendência de anônimos, os prazeres proibidos. Félix a desqualifica, afirmando sua benevolência e magnanimidade, como “pai dos pobres”.

Cumprir notar as diversas caracterizações de Maria ao longo da narrativa. Tida como santa por uns, linda e sedutora por outros. Em determinado ponto da narrativa, quando da viagem à Alemanha com Hans, foi sugerida sua incapacidade para gerar filhos. Isso teria a ver com o *status* simbólico a ela atribuído, na qualidade de Mãe da Nacionalidade. Assume um destino coletivo, não restrito ao pequeno mundo familiar da procriação, o que a ligaria à temporalidade. Agora o barqueiro-negociante apresenta a versão do “meio macho”, o que confirma seus atributos de guerreira e heroína. Não podemos deixar de ver uma dose de despeito nos epítetos, pois não conseguiu seus favores.

Raimunda toma nas mãos o destino da empreita. Afirma-se perante o maldoso companheiro como portadora de uma visão clara dos fatos, sabendo escolher o que é mais acertado.

– Escuta minha cabeça, homem. Lembra de quando dei sumiço na Donzalesca? Você queria que eu fugisse daqui. Bati o pé e nada aconteceu. Por que, agora, vamos deixar as coisas no meio do caminho? Hoje te digo. Se eu der um grito na olaria todas as mulheres me acompanham. Duvida? Quem amansou elas pra você nesta Araçá senão eu?³²³

A afirmação da mulher na narrativa segue num crescendo. Raimunda joga de igual para igual, deixando claro seu domínio da situação. Está longe de ser uma inocente. Revela, ao molde dos políticos, habilidade na manipulação dos rebanhos humanos. Pode-se notar ao longo da história que os homens só sobrepujam as mulheres em maldade, nos desvarios, em toda a sorte de excessos. As ações firmes, para recompor a ordem do

³²² *M.f.p.*, p. 237-8.

³²³ *M.f.p.*, p. 238.

mundo, são levadas a cabo pelo sexo feminino. Na cena a seguir, é Clotilde quem comanda os homens na rendição dos capangas de Félix. Maria lidera as mulheres, repetindo escaladas nos ajustes sociais, que a história deixa de contar.

Clotilde, com um rifle na mão, acompanhada de Oclides e os trabalhadores da Serraria armados fizera render os cabras que Félix trazia camuflados de remeiros. Maria descia para o porto à frente das mulheres da olaria que não tardaram e o velho e generoso vale do São Francisco repetia-se na obscuridade de suas lutas e transformação.³²⁴

Raimunda, fitando Félix, abre o diálogo no enfrentamento final. Estão agarrados a um boi, descendo a correnteza do rio, após o estouro da boiada na balsa:

– Pronto, Capitão – Os olhos turvos de Félix Quarto eram frios e nodosos como os de uma cascavel com a espinha fraturada. A sutilidade do riso feminino no canto da boca de Raimunda expressava um desempate de situação. Aquele convite ao balanço era o ato humano do Araçá do Mel, surgindo do tempo inconsumível, numa crespção de vultos movediços historiando desvendamentos.³²⁵

Raimunda chama Félix Quarto para um acerto de contas com a história. Este se apresenta como um ato de dignidade humana, culminando as resistências de heróis anônimos, após séculos de exploração e subserviência. Félix tenta seus últimos lances, procurando seduzir a companheira revoltada. “Seremos tragados pela força da correnteza. Me dê sua mão. Quero fazer as pazes contigo e ainda seremos felizes nos anos restantes que Deus nos vai dar.”³²⁶ Raimunda nega o perdão. E o diálogo segue tenso, numa atmosfera dramática.

– Não, Félix Quarto. Tuas palavras são um frasco de veneno. [...] – Se o perigo está aqui, porque pensa que não devo conservar a minha arma? – Eu já contei à Dona Maria que fui eu, a seu mando, a envenenadora da Donzalesca. Agora, tenha coragem de confessar. Quem envenenou meu filho e picou o pé do coitadinho com a ponta do punhal para insinuar a marca dos

³²⁴ *M.f.p.*, p. 239.

³²⁵ *M.f.p.*, p. 241.

³²⁶ *M.f.p.*, p. 242.

dois dentes da jaracuçu papo amarelo? [...] – Menté Félix quarto. O jaracuçu papo amarelo é uma cobra ágil e valente e perseguida ataca mas não tem veneno. [...] O que pretendia fazer com o que está dentro deste vidrinho, aí no bolso de sua camisa que estou vendo e conheço? Diga! [...] As esposas dos Félix estão enterradas nos segredos das distâncias deste sertão vivido.³²⁷

A cada interpelação de Raimunda, o personagem adquire a postura de vítima, amigo e benfeitor, injustiçado e traído. Muito do que se lhe atribui são calúnias de mal agradecidos. Mas, vendo o fim aproximar-se e não conseguindo convencer, parte para imprecações e ofensas. Afirma em seguida a pureza da raça dos Félix e o seu papel histórico na eliminação da mestiçagem.

– Os Félix vêm dos tempos longínquos e seu sangue não se misturaram com o sangue dos macacos. Minha mentira é um sacramento e uma força. Duvida?

– Tenho de cumprir o meu destino e acabarei com todos vocês. Pensa que ignoro quem é esta Maria? Que teve altas lições de feitiçarias para sujar gentes de provadas nobrezas? Que virou Santa, curtida na lama, na fome e no horror de Canudos? Bruxa que encanta de sabedoria para devorar o coração dos homens, para lhes roubar a fortuna, as dignidades e honrarias, para aliar-se depois com os vermes como você?...³²⁸

Ele associa as narrativas mistificadoras da trajetória de Maria, desde que esta saiu do Araçá do Mel com destino a Canudos, a uma dose de imaginação maldosa para chegar à versão que se enquadra em seus propósitos: colocá-la como uma ameaça que precisa ser eliminada. Félix oscila entre choro, falando de suas qualidades, do seu amor por ela e, arrebatado, proferindo impropérios contra todos. Um final patético, que mostra o caráter móvel, não confiável do mesmo.

– Lembra do que me falou ontem, a respeito de Dona Maria? [...] De ser ela uma sua velha conhecida? Daqui do Araçá do Mel? Mas que não a temia pelos poderes das feitiçarias que fizeram dela uma rica, para se tornar uma

³²⁷ *M.f.p.*, p. 242-3.

³²⁸ *M.f.p.*, p. 243.

Santa, até encantar-se numa cadela faminta e comer o coração daqueles que usaram ou desejaram o seu corpo?

– Ela sempre foi uma coisinha à-toa. Se desejei, você sabe. O Capitão Félix é um homem de fortes poderes amorosos.³²⁹

O Capitão, mesmo em situação periclitante não perde a verve do discurso machista, jactando-se de suas capacidades amorosas. A declaração, pela surpresa e elegância no contexto trágico que a envolve, tem força suficiente para despertar o riso, ao tempo em que se fotografa esse ser em sua poética desvairada. Ele perdeu-se em discursos que englobam sentimentos de nobreza, supremacia do europeu e do homem sobre a mulher. Tem sua força consagrada na impunidade que acolhe os que têm poder econômico e fático. Estes, protegidos sob a auréola da Igreja e em paridade com os grupos dominantes, formam redes de influência e cerceamento de quem não faça parte do seu estrito grupo. E assim, à revelia da ética que não seja a do proveito próprio, as elites guardam o código de silêncio sobre os crimes que praticam. Mas, novos tempos apresentam-se. As mulheres estão a tomar o fio das ações, com vistas a transformações importantes.

– Agora, Félix Quarto olhe para trás à esquerda, veja e me diga de quem é esta voz que está me chamando? [...] veja quem de nós se aproxima.

– Ah!... É ela a cadela que deseja devorar meu coração! Isto não acontecerá. Nunca fartarei a sua luxúria. Tenho altos poderes que vieram do meu Rei das outras bandas do mar. Somente a eles os Félix honraram e obedeceram. Eles que me ditam ser ou não ser proventório destas terras do São Francisco.³³⁰

Félix Quarto segue proferindo vitupérios contra Maria, retomando os mitos que correm sobre esta para desqualificá-la, assim como àqueles que neles acreditam. Vive um delírio de nobrezas de além mar, os únicos limites que conhece e a única verdade possível, à qual está ligado por traços de afinidade e de sangue.

Desesperado com o crescer das vozes, procurando se proteger, passou à frente do boi ao qual na sua luta contra as águas, Félix Quarto se agarrará

³²⁹ *M.f.p.*, p. 244-5.

³³⁰ *M.f.p.*, p. 245.

nos chifres zagaiudos e um grito rouco, acompanhado de uma franja de sangue, se perdeu no liso da correnteza.

O boi, movimentando-se no nado angustiado, rasgara com os pés o ventre de Félix Quarto. Naquela improvisação catastrófica do animal vencendo o ocupante.³³¹

E assim se acaba, pelas mãos femininas, um domínio de quatro gerações da “estirpe” dos Félix, desdenhando da igualdade de direitos entre os homens.

O embate final traz a simbologia do instinto animal vencendo o homem. Não por acaso é o touro – que na conformação do símbolo é puro estômago, assim como Félix Quarto que pautara sua existência pela satisfação dos desejos primários e noturnos, – que consuma o ato final, esgarçando com sua pata o receptáculo de sua ambição e devolvendo-o à natureza. Ele desdenhara do homem racional e espiritual, alijando-se de sua humanidade. Ao se negar à sublimação do instinto animal, dera as mãos aos que ousam submeter ao regime de exclusão e dominação parcelas significativas da humanidade, sob a ilusão ou artifício de se julgarem superiores. A razão aqui aventada tem inspiração em Hegel, conformando o tipo de ação que visa a preservar a vida, não causando quaisquer danos ao Outro e à natureza que nos sustém, porque fazê-lo seria voltar-se contra si mesmo, marcando o tempo da morte.

Assim pudemos caminhar com os narradores osorianos no entendimento dos percalços e artimanhas urdidas por aqueles que ao longo da História se apossam do Estado brasileiro, administrando-o como quem administra um engenho colonial. O país tem sempre um dono ou uma classe dominante que se outorga todos os direitos e poderes em detrimento da maioria subtraída ao usufruto dos bens econômicos, culturais, tecnológicos e humanos. Nesse quadro a constituição da Nação fica sempre protelada. Quando os modelos de dominação, mitos e ideologias perdem validade são imediatamente substituídos por modismos de última geração. Mudam-se as aparências para nada mudar. No rastro dessa protelação das reais transformações, o Brasil espera sempre o seu messias. O inconsciente coletivo interiorizou a figura do salvador. É nesse ponto que a escrita de Osório toca com ênfase, mostrando que a mudança deverá vir com trabalho e persistência, ao largo de qualquer salvação. O povo deverá tomar as rédeas do seu destino.

³³¹ *M.f.p.*, p. 245.

TERCEIRA PARTE

Ser Nordestino

I. Os embates do Mesmo e do Outro

Observamos nesta parte da pesquisa como os narradores de *Porto Calendário* dão visibilidade ao processo de formação e afirmação das identidades do povo nordestino em suas manifestações mais vibrantes. Constatamos o emaranhado de discursos que povoam o imaginário local, tentando dar conta dos fenômenos. Essas narrativas acabam por se constituir em elementos fundadores, agenciando o modo como o homem interage e se afirma no mundo. Podemos aqui destacar o discurso da bravura e lealdade, assim como aqueles que confluem para um sincretismo religioso a olhar o mundo como uma terra de expiação. Nesse nicho de pensamento, fruto do isolamento secular, o homem nordestino marca sua presença de uma forma que se poderia dizer performativa. Para isso concorrem os trejeitos e entonações de acentuada musicalidade. Na seara sociológica, observa-se eloqüentemente a estrutura de poder e dominação que reforça ou cerceia os modos de pensar e agir necessários à manutenção do sistema, sendo a chave para o que se pode considerar Ser nordestino.

Logo às primeiras páginas do romance, o leitor se depara com um problema crucial, que está na base de estruturação do ser: a concentração da produção e de seus frutos nas mãos de poucos. A falta das condições mínimas de sobrevivência é um entrave ao desenvolvimento de outras instâncias do ser e estar no mundo. A miséria em excesso se apresenta como impedimento ao desenvolvimento de uma auto-imagem favorável, fruto da auto-confiança, do auto-respeito e da auto-estima, deixando a pessoa em situação de debilidade, o que pode levar à miséria espiritual e intelectual.³³²

³³² Axel Honneth (2003) aponta três formas de reconhecimento e que consistem nas instâncias afetiva, jurídica e solidária, o que resultaria respectivamente em auto-confiança, auto-respeito e auto-estima.

– A fome, meus amigos, é uma sombra de quem não sei, mas é uma sombra. Quando não chove, ela atormenta: mata os homens e o gado; seca os rios e torra os campos. Mas se chove, a terra dá tudo. Entretanto, a fome continua. Quando foi que em Santa Maria da Vitória já deixou de existir fome?...

– Sombra de quem, seu Asclepiades? Deixe de falar grego. Não será a sombra das cinqüenta léguas das terras do Coronel Alfonso ou das unhas sujas do Conrado Sessenta?³³³

Vemos aqui a origem dos males do sertão na concentração dos meios de produção nas mãos de poucos. Quer chova ou não, a comida não chega à mesa dos pobres. Há uma falha estrutural na conformação da sociedade que faz com que o produto do trabalho muitas vezes se perca, sem que atenda às necessidades de grandes parcelas da população. A sociedade gira em torno da lógica do lucro que tem seus fundamentos na individualidade e na idéia esquizofrênica da vantagem pessoal mesmo ao custo inimaginável da vida humana. Para entendermos as raízes desse mal aqui trazemos as palavras lúcidas de Martin Buber, para quem “A comunidade é fim e fonte de Vida. Em uma comunidade pura nada podemos criar que não intensifique o poder, o sentido e o valor da Vida. Vida e comunidade são os dois lados de um mesmo ser.”³³⁴ Estas são idéias que relatam o trato sistêmico da convivência que deve harmonicamente se voltar para a vida em seus procedimentos viscerais tendendo a uma ecologia humana.³³⁵ Elas mostram um caminho a ser pensado como proposta de outra vivência, que retome um certo conceito de comunidade, no sentido de superar o individualismo que mina a dignidade da pessoa.

³³³ P.C., p. 27.

³³⁴ BUBER, 1987, p. 34.

³³⁵ Para Buber: “Afirmar que a moderna cultura ocidental percorreu um caminho da comunidade à sociedade, e que o tipo mecânico de vida em comum impregnou e dissolveu o tipo orgânico, representa a mais moderna compreensão da nova sociologia, entendida como um autoconhecimento genético da humanidade contemporânea. A comunidade é a expressão e o desenvolvimento da vontade original, naturalmente homogênea. A sociedade é a expressão do desejo diferenciado em tirar vantagens, gerado por pensamento isolado da totalidade. [...] Comunidade é a ligação que se desenvolveu mantida internamente por propriedade comum (sobretudo a terra), por trabalho comum, costumes comuns, fé comum; sociedade é a separação ordenada, mantida externamente por coação. [...] A sociedade é uma unidade organizada com aparência mecânica, mas que é, na realidade, uma massa. [...] “Os homens não podem mais retornar ao impulso da natureza, ao estado originário ou à condição primordial”. [...] Nós que passamos pela era do individualismo, pela separação da pessoa de sua interdependência natural, não podemos mais voltar para aquela vida em comunidade. Nós não podemos retornar à totalidade primordial; podemos, no entanto, avançar para outra totalidade, produtiva, que não se desenvolveu como a primeira.” (BUBER, 1987, p. 50-2.)

Os personagens falam da seca da década de 1860, em que a personagem Conrado Sessenta teria se tornado o homem mais rico da cidade. “Foi quando as solas dos sapatos velhos foram apanhadas nos monturos para se comer, e a honra de uma donzela era oferecida por um punhado de farinha.”³³⁶ Volta a questão do ser feminino nessa sociedade. Agora seriam os próprios pais que fariam a barganha, trocando a virgindade das filhas pelo alimento? Um bem tão precioso, a honra, chave para o ser-no-mundo, perdida em troca de uma sobrevivência nas sombras? Com que sociedade estaríamos nos defrontado? Os filhos estariam rebaixados à esfera da animalidade e como quaisquer criações seriam negociáveis? Que tipo de honra guardariam as famílias, passíveis de entregar suas filhas como moeda de troca? Porque não buscar uma saída através do conflito que contrapusesse um outro modelo de produção e assenhoreamento do espaço vital, em vez de guardar obediência à ordem estabelecida, resguardada por leis injustas? Seria preferível entregar as filhas aos abutres? Para Hegel, segundo Axel Honneth, a honra é uma condição afirmativa do homem para consigo mesmo, ligada à uma aceitação intersubjetiva.³³⁷ Os grupos dominantes nas diferentes sociedades impõem limitações ao reconhecimento, restringindo-o a uma faixa de valores e características físicas e comportamentais eleitas como paradigma no seio de uma sociedade, excluindo pessoas e grupos que não se enquadrem. Isso fere-os em sua dignidade, impedindo-os de uma auto-realização, uma vez que suas capacidades não são consideradas. Assim os pais que barganham suas filhas agem como sombras de sua humanidade, limitados pelo medo, pela falta de valoração positiva de si próprios, pelo desconhecimento de suas possibilidades. Estariam, devido ao rebaixamento moral e pela ignorância, incapacitados para uma reação?

³³⁶ *P.C.*, p. 27.

³³⁷ Segundo Axel Honneth, “Se a primeira forma de desrespeito está inscrita nas experiências de maus-tratos corporais que destroem a autoconfiança elementar de uma pessoa, temos de procurar a segunda forma naquelas experiências de rebaixamento que afetam seu auto-respeito moral; isso se refere aos modos de desrespeito pessoal, infligidos a um sujeito pelo fato de ele permanecer estruturalmente excluído da posse de determinados direitos no interior de uma sociedade. [...] para o indivíduo, a denegação de pretensões jurídicas socialmente vigentes significa ser lesado na expectativa intersubjetiva de ser reconhecido como sujeito capaz de formar juízo moral; nesse sentido, de maneira típica, vai de par com a experiência da privação de direitos uma perda de auto-respeito, ou seja, uma perda da capacidade de se referir a si mesmo como parceiro em pé de igualdade na interação com todos os próximos.

Por fim, em face desse segundo tipo de desrespeito, que lesa uma pessoa nas possibilidades de seu auto-respeito, constitui-se ainda um último tipo de rebaixamento, referindo-se negativamente ao valor social de indivíduos ou grupos; na verdade, é só com essas formas, de certo modo valorativas, de desrespeito, de depreciação de modos de vida individuais ou coletivos, que se alcança a forma de comportamento que a língua corrente designa hoje, sobretudo com termos como “ofensa” ou “degradação”. (HONNETH, 2003, p. 216-7)

Em *Bahiano Tietê*, deparamos-nos com uma cena em que esboça-se uma tímida reação. “Encolerizado, o Professor avançou, mas a velha o deteve, jogando o conteúdo de leite na cara. Estourou uma gargalhada, ruidosa como uma vaia.”³³⁸

Hegel, segundo Axel Honneth, fala dos atos de destruição como formas de um crime. Atos que se definem como “um exercício negativo da liberdade abstrata”. Nos escritos teológicos do jovem Hegel, tais atos são vistos como uma ação que está ligada a um fator de indeterminação da liberdade jurídica do indivíduo. Na ação criminosa os sujeitos fazem um uso destrutivo de sua liberdade. Com a subtração de um bem, através do roubo, o sujeito é privado de um direito, assim como é atingido em sua pessoa como um todo. O ato de defesa que se segue ao crime desencadeia o processo que Hegel entende como “luta”, no qual o primeiro, o sujeito agredido, tem “prevalência”, porque ele “faz da lesão pessoal a causa de sua personalidade inteira”.³³⁹ A reação seria a tentativa da vítima convencer o agressor de que sua pessoa é digna de reconhecimento, demonstrando a disposição de pôr em jogo a sua vida.³⁴⁰

Poderíamos admitir que tais princípios filosóficos não estariam aptos ao entendimento de outras realidades? O sertão seria, então, um mundo a parte, que deve ser entendido a partir de seus elementos constituintes próprios? Que ética presidiria o ser submisso, que se curva ante os possuidores e entrega o fruto do próprio ventre à rapina? Ou o ser-sertanejo já não seria mais que um ser em frangalhos, a que a miséria extrema teria levado a tudo relativizar? Gilberto Freyre fala da formação sado-masoquista da sociedade brasileira, alicerçada na economia centralizada na figura do patriarca, que leva a mulher à posição de “vítima inerme do domínio ou do abuso do homem...”³⁴¹ Para esse pensador de nossa formação social, é sintomática a força entre as mulheres do culto masoquista ao Coração de Jesus.³⁴²

Os narradores em Osório Alves de Castro sabem muito bem situar esse processo de recolhimento do ser, que leva o sertanejo a se mover antes pela fé que pelas armas, que o pudessem libertar. Em compensação, o poder de polícia parece bem mais apto a defender os possuidores, contra aqueles que nada possuem:

³³⁸ *B.T.*, p. 53.

³³⁹ HONNETH, 2003, p. 51-4.

³⁴⁰ HONNETH, 2003, p. 56.

³⁴¹ FREYRE, 1998, p. 51.

³⁴² FREYRE, 1998, p. 87.

Lembro-me como se fosse hoje quando os retirantes amotinados avançavam para assaltar o comércio....

A turba faminta avançou decidida e ao defrontarem as portas dos depósitos de Fernando Sessenta, os jagunços e os soldados abriram fogo. Morreram os dois irmãos Gondin, um com dezesseis e o mais velho, que levava na mão a bandeira do Divino Espírito Santo, tinha dezenove....

– Diga se estou mentindo?... E é sabido. No outro dia trovejou, as chuvas vieram e o povo acreditou. Foi as almas dos dois irmãos que trouxeram a bonança, e, de lá para cá, quando o sol estorrica e secam os pastos, as cacimbas enxugam e o gado começa morrer, os fazendeiros vão fazer novenas no Cruzeiro dos dois Irmãos e invocam para que as chuvas tragam o salvamento.³⁴³

A ética dos possuidores orienta-se de modo a tirar sempre vantagem, seja dos bens materiais, seja dos espirituais. Estes últimos são sempre instrumentalizados, não sem trair uma certa vulnerabilidade do sertanejo, independentemente da sua posição social, diante do desconhecido. Os donos daquele mundo vivem no mesmo caldo de cultura povoado de mitos e mistificações. São capazes de fuzilar os famintos, mas em seguida, se os mortos são admitidos como milagreiros, vão acender velas e pedir em seus túmulos para que façam chover. A situação é paradoxal. Envolve a estratégia do poder que, ao santificar os pobres martirizados, inserindo-os numa eternidade que é o lenitivo para os padecimentos, trabalha com a certeza do paraíso futuro como recompensa pela vida de privações de boa parte das populações. Mas, por outro lado, esses poderosos fazem nos momentos difíceis uma demonstração do regime de incertezas e obscuridade em que vivem, apelando para os ídolos que ajudaram a entronizar. Sagacidade e fragilidade parecem ser as duas faces de um mesmo ser em regime de exceção, considerando esses homens que se apartam dos demais açambarcando a riqueza que seria de todos.

Na cena que presenciamos na estação do trem estão presentes os elementos da interação conflitante. O professor, representante subalterno do aparato de opressão, recebe o incipiente produto da revolta. Uma desproporção muito acentuada entre o volume de opressão e a subsequente reação. Muito aquém da revolta, apresenta-se como uma emoção passageira que logo dará lugar à calma e à continuidade da obediência.

³⁴³ P.C., p. 28-9.

Podemos interrogar se as causas dessa passividade estão no messianismo, no aviltamento das dimensões do ser fruto da miséria e opressão ao longo dos séculos; no temor inconsciente do efetivo e competente aparato de repressão, na interiorização da ética dos possuidores que com seus artificios acabam por colonizar o imaginário naturalizando a desigualdade e a segregação? Muitas questões e o silêncio letárgico dos agregados humanos subalternos.

As narrativas de Osório Alves de Castro nos mostram o ser brasileiro com sutilezas só possíveis numa escrita eminentemente poética. Poesia em seu mais alto patamar, que não se exime de filosofar sobre a nossa condição subalterna de povo arrebanhado para servir de massa de manobra, dentro de uma visão utilitária do mundo em que os fins a tudo justificam. A sociedade brasileira, tida como de homens felizes e solidários, – felizes porque sabem sorrir acima da miséria, e solidários porque aprenderam a dividir amarguras e migalhas que lhes deixam – esconde contradições e conflitos que se perpetuam. Hegel nos fala de um “aprendizado prático-moral” durante o conflito, fruto de um “aumento de saber sobre sua própria e inconfundível identidade”, considerando o processo uma “dimensão evolutiva” que faz os envolvidos passarem ao estágio de “pessoa inteira”.³⁴⁴ Nas narrativas de Osório, à exceção de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, não se dá esse crescendo da tensão, fruto de um esclarecimento, de um “aumento de saber” que desaguasse numa ação transformadora mais enérgica. Observa-se um estado de letargia que redundava se muito na fuga dos deserdados, em *Porto Calendário*, ou no ser de fronteira, abstraído em um limbo, em *Bahiano Tietê*. Aqui, os personagens são engolfados no turbilhão da existência. As imagens do romance nos falam com intensa força lírica dessa tragédia de um povo no confronto com o outro, por vezes desconhecido, que o manipula inescrupulosamente, negando-lhe o reconhecimento que lhe é eticamente devido. O Estado que seria o supremo juiz, fazendo valer uma lei universal, está praticamente ausente. Nota-se sua presença apenas no braço armado disciplinar, impondo com o poder de polícia a vontade da elite de cafeicultores que se assenhorara do poder. Os migrantes compõem a imensa reserva humana de braços escravos, utilizáveis quando necessário. No mais são deixados ao abandono. São muito prolíficos e isso dispensa qualquer cuidado, que implicasse no reconhecimento de sua dignidade. Por certo o narrador aponta outros caminhos, que

³⁴⁴ HONNETH, 2003, p. 57.

levem a um outro patamar de realização, ao largo do “Eu” egocêntrico que atearia fogo às relações, buscando afirmar pela força, o que as leis não amparam.

Axel Honneth afirma que:

Nem em Hegel nem em Mead havia-se encontrado uma referência à maneira como a experiência de desrespeito social pode motivar um sujeito a entrar numa luta ou num conflito prático; faltava de certo modo o elo psíquico que conduz do mero sofrimento à ação ativa, informando cognitivamente a pessoa atingida acerca de sua situação social. Gostaria de defender a tese de que essa função pode ser cumprida por reações emocionais negativas, como as que constituem a vergonha ou a ira, a vexação ou o desprezo; delas se compõem os sintomas psíquicos com base nos quais um sujeito é capaz de reconhecer que o reconhecimento social lhe é denegado de modo injustificado. Em relação à experiência do reconhecimento: para chegar a uma auto-relação bem-sucedida, ele depende do reconhecimento intersubjetivo de suas capacidades e de suas realizações; se uma tal forma de assentimento social não ocorre em alguma etapa de seu desenvolvimento, abre-se na personalidade como que uma lacuna psíquica, na qual entram as reações emocionais negativas. Daí a experiência de desrespeito estar sempre acompanhada de sentimentos afetivos que em princípio podem revelar ao indivíduo que determinadas formas de reconhecimento lhe são socialmente denegadas.³⁴⁵

Tomando como referência a tese de Axel Honneth, seria bom nos interrogarmos sobre esse “elo psíquico” entre o sofrimento e a ação reparadora da situação social de desrespeito à integridade física e moral da pessoa, situação contornada “por reações emocionais negativas, como as que constituem a vergonha ou a ira, a vexação ou o desprezo”. Não caberia aqui interrogar se tais operadores da revolta estariam faltando ao povo brasileiro? O personagem Bahiano Tietê sente as pressões existenciais e faz delas um aprendizado, um exercício para a revolta:

Agora já não era somente aquele ódio vingativo que o dominava. A fragmentação do seu drama dia-a-dia ia lhe esclarecendo novas perspectivas.

³⁴⁵ HONNETH, 2003, p. 220.

Por que entre os remeiros e os vaqueiros do São Francisco quase animalizados pelo isolamento e pela miséria existia ainda uma reação criadora?³⁴⁶

O personagem pergunta-se, cheio de dúvidas, se ainda haveria uma saída, uma “reação criadora”. A narrativa do romance se apresenta como uma metáfora da epopéia do sertanejo em busca de reconhecimento da sua condição humana. Imagens de extrema beleza e força trazem à presença do leitor esse viver no limite entre o ser e o desaparecer, tragado pelas engrenagens de um sistema de produção problemático, que mescla escravismo, liberalismo, concentração dos meios de produção, intervencionismo estatal, coronelismo. Revela-nos o ser brasileiro em sua fragilidade, carente do reconhecimento que conduziu as pessoas a uma atitude positiva e afirmativa de sua subjetividade perante o mundo. Axel Honneth aponta três formas de reconhecimento e que consistem nas instâncias afetiva, jurídica e solidária, o que resultaria respectivamente em auto-confiança, auto-respeito e auto-estima.

Hegel, segundo Axel Honneth, entende a experiência do amor como a primeira etapa de reconhecimento recíproco, restrita a um pequeno número de pessoas: relações sexuais, de amizade, entre pais e filhos. Nessa linha, a pesquisa psicanalítica no pós-guerra avançou “em oposição ao modelo estrutural do Id e do Ego da teoria freudiana, para a importância duradoura das experiências interativas primevas e pré-lingüísticas”, tendo como foco as experiências da criança pequena “no relacionamento afetivo com seus primeiros parceiros de relação”³⁴⁷ Seguindo nessa linha de pensamento, cumpre indagar sobre a relação de pais e filhos entre os excluídos de nosso país, no que tange ao afeto e condições materiais mínimas, como fatores decisivos para que a criança adquira uma atitude positiva frente ao mundo, crescendo no sentido da autonomia da pessoa como portadora de direitos; ou estariam essas crianças sendo confirmadas em sua inferioridade pela reprodução social da miséria, configurada na dependência dos pais aos donos do poder e dos meios de produção de bens e instâncias do imaginário. Em *Porto Calendário* encontramos cenas de profunda miséria e denegação dos direitos básicos da infância pobre nas caatingas do São Francisco. Crianças subnutridas, ainda pequenas, são vistas a catar lenha para ser vendida. Em outro momento o herói Orindo, o nosso Bahiano Tietê, então criança, enfrenta na escola os filhos dos coronéis e é

³⁴⁶ B.T., p. 74.

³⁴⁷ HONNETH, 2003, p. 161-2.

expulso, mesmo tendo razão. Nesse sentido, há algo a ser pensado sobre esse aprendizado da miséria que vai culminar nas passagens de *Bahiano Tietê* acima apresentadas em que, apesar da opressão, as pessoas não vão além de algumas palavras ríspidas, gritos, um quase nada como reação diante da ofensa.

Seguindo o processo de ampliação do reconhecimento, deparamo-nos com a etapa do reconhecimento jurídico, baseado em leis de aplicabilidade universal, isto é, indiscriminadamente abrangente a todos os membros, seja no âmbito da comunidade ou da sociedade em seu conjunto, que conduz a pessoa à experiência do auto-respeito. Segundo Hegel, nessa instância, “os sujeitos se reconhecem reciprocamente como portadores de pretensões legítimas à posse, [...] se constituem em proprietários.”³⁴⁸ De sua parte, a narrativa de Osório nos apresenta um mundo às avessas, em que a lei está a serviço de um sistema de poder oligárquico que lança ramificações pelos diversos extratos sociais. Cumpre ressaltar que nessa estrutura viciada os encarregados da aplicação das leis agem movidos por impulsos e interesses pessoais que extrapolam o regime legal, seguindo a lógica da brutalidade e cometendo desmandos.

A terceira etapa de reconhecimento consiste no sentimento de aceitação pela comunidade, que atribui relevância social à ação do sujeito. Para George Mead, ainda segundo Honneth,

Um sujeito só pode adquirir uma consciência de si mesmo na medida em que ele aprende a perceber sua própria ação da perspectiva, simbolicamente representada, de uma segunda pessoa. [...] Com a categoria “Me”, Mead designou [...] a imagem cognitiva que o sujeito recebe de si mesmo, tão logo aprenda a perceber-se da perspectiva de uma segunda pessoa. [...] O indivíduo aprende a se conceber, desde a perspectiva de um outro generalizado, como o membro de uma sociedade....³⁴⁹

Assim, o indivíduo assume o patamar que Mead chama de “dignidade”. O indivíduo está seguro do valor social de sua identidade.

Na seqüência da cena anterior, na estação, presenciamos um momento de reconhecimento do valor intrínseco da vida. A solidariedade entre os desassistidos alarga possibilidades de ser:

³⁴⁸ HONNETH, 2003, p. 50.

³⁴⁹ HONNETH, 2003, p. 131-6.

O funcionário do carro de leite voltava com a esposa e atalhou com sua oferta:

– Dona já que não posso lhe servir com o leite dos latões, trago minha mulher para amamentar o pequeno. Conceição pegou o menino e rompendo entre os curiosos botou-o nos braços da preta. As conversas silenciaram enquanto a preta, sentando-se num caixote, tirou o peito, mas a criança já não pegava. Estava agonizando.³⁵⁰

O funcionário, agindo na órbita do Mesmo, consegue driblar as restrições para atender ao chamado do Outro, de forma espontânea, imediata, recuperando numa atmosfera de desalento generalizado o valor da vida. Para Martin Buber, este seria o caminho para a personalidade autêntica, “que se realiza na relação com os outros [...] jorra para fora do indivíduo.” Para esse autor, o que importa não é o indivíduo, no sentido de individualismo, “mas a pessoa, ou a personalidade. [...] A pessoa estabelece uma relação autêntica, real e total com o mundo e com os outros. [...] a personalidade se realiza na relação com os outros.”³⁵¹ Temos nessa cena um momento fulgurante de humanidade, um lapso de integração Eu-Outro. Em seguida as pessoas vão ser reembarcadas no trem como animais. Seus desejos não passam de balbucios da consciência individual a ressoar timidamente nos momentos de desespero.

A todo momento vemos o “herói” a perscrutar-se, encetando um diálogo interior em busca da auto-afirmação. Diálogo que perpassa a história e traz na simultaneidade do tempo, eterno presente, a encarnação simbólica do bandeirante que partira cheio de certezas, havia três séculos, para as minas, acabando por ocupar o Vale do São Francisco. Nesse retorno em frangalhos, nas ruínas de uma epopéia que rendera uma descendência problemática, vemos o homem brasileiro tentando ainda sua auto-afirmação.

A incerteza tomava conta de Bahiano Tietê, naquele dia de decisão. A mudança não traz um objetivo, mas, sim uma exigência. Os choques com os imprevistos o levam a um estado de exaltação: negativa ou positiva, jamais foge às características do seu destino continental. É o mesmo complexo de bandeirante afeito à loucura e ao bom nome. Barbeado, metido num terno

³⁵⁰ *B.T.*, p. 53.

³⁵¹ BUBER, 1987, p. 106.

azul-marinho, ali, diante do espelho do reservado para homens, media suas oportunidades. A cidade o atraía. Estava confiante. Conseguira despejar-se do seu meio. Acidentalmente continuava perdendo tudo. Quando recebeu do governo da Bahia a missão de restabelecer a paz em Santa Maria da Vitória, aceitou a metamorfose idealista de ser ou não ser ele a mesma pessoa para satisfazer o equilíbrio entre o poder e a impunidade....³⁵²

O narrador aborda a problemática da usurpação crônica dos direitos do povo brasileiro, por parte das elites, através de imagens de múltiplos sentidos. Olha os acontecimentos através do olhar atento de Bahiano Tietê que torna-se sua consciência do mundo. O personagem move-se por uma filosofia do desnudamento das coisas, lastreado por uma poética que traz em sua brandura um olhar atento. Este não se exime a pensar o mundo em sua novidade inaugural, plena de frescor, trazendo o homem renovado a cada vivência. Olha-se ao espelho, tentando entrever-se. Bahiano Tietê sente em suas veias o pulsar da história viva ante seu destino continental, em que se confunde com o Brasil. Tem-se a sensação do homem mediado por sua história, tecida a cada instante da experiência. Não obstante esse fardo, o personagem traz, simultaneamente, o passo leve dos espíritos que, por sua imaterialidade, conseguem bem sentir o contato e o assédio das coisas. Bahiano Tietê é como uma criança, aprendendo o mundo. Tudo traz a marca da novidade, tentando encontrar os motivos da desigualdade e caminhos para o entendimento entre os homens.

Nesses troços do povo brasileiro em sua luta por reconhecimento, nada mais significativo que a fala envolvente de Pedro Voluntário. Com a força de seus ímpetos e personalidade, alça grandes vôos na esfera de ser entre a vida e a poesia:

O velho Pedro Voluntário, que se conservara calado, jogou o toco de cigarro para um lado, levantou os olhos, passou a mão deformada sobre os cabelos desgrenhados, como se tentasse arrancar um tumor, e tomou a conversa. Seus olhos estavam injetados de sangue como se sofresse uma desfeita. Apertou a camisa encardida sobre o corpo enervado, crispou os dedos e disse, medindo as palavras:

– Compreendo sim... Acabo de aprender mais uma coisa. Saibam todos: tenho aqui três feridas sobre o meu corpo, três feridas secas. Apanhei as três brigando com o Lopes. Quatro anos de Paraguai, como vocês sabem. Sempre

³⁵² *B.T.*, p. 58.

escondi as minhas feridas. Em todas três, botei um nome. Uma chamou-se Princesa Isabel; a outra Correntina, minha terra natal; à terceira dei o nome de Isaltina, uma moça que deveria ser minha esposa, quando terminasse a guerra. Na minha ausência, Isaltina foi violentada pelo Coronel Magalhães. Quem descobre amor, também descobre ódio. O imperador pregou uma cometa da Ordem das Rosas no peito do Coronel Magalhães, e o soldado Pedro ficara com o direito de viver e arranjou outra mulher. Nasceram as minhas primeiras filhas e eu fui mudando o nome das feridas que a guerra pusera na minha pele. A primeira chamou-se Izídia; a outra Angélica e a terceira, a que fica bem perto do coração, sangrada em Lomas Valentinas, era a Clarinha... Sim, era quase uma criança quando o barqueiro Anselmo desgraçou a pobrezinha...

As cabeças voltaram emocionadas para o velho lenhador, que procurava clarear tudo:

– Se a explicação de Flávio rocha é uma verdade, como a minha consciência reconhece, quem pode tapar a boca do velho Pedro Voluntário-da-Pátria de dizer: – Grandes são os poderes de Deus!...³⁵³

O personagem toca num problema crônico da sociedade brasileira, que já fora apontado por Antonio Vieira, no sermão da Santa Casa de Misericórdia, pronunciado em 1642, em Salvador, em que o religioso denunciava os vícios inerentes ao poder que condecora e promove os covardes, os que fogem às batalhas, enquanto aqueles que se arriscam nos combates são freqüentemente esquecidos. Mas a questão que salta aos olhos na passagem é essa espécie de grau zero da autonomia da pessoa em que além das condições materiais necessárias à sobrevivência, institucionalmente sonegadas por um modelo de concentração de poder político e econômico, também são violados naquilo que seria a última fronteira do ser: a família. Pedro Voluntário, com sua presença teatral, protesta contra a ignomínia. Mais uma vez o apelo visual é muito forte:

Tomado por uma decisão rude, saltou sobre o cavername da barca, como se ganhasse um assalto. Era um cerne enrugado, endurecido, encardido de anos. Esticou o pescoço como um pombo selvagem, abriu os braços num gesto dominador para os presentes e advertiu como se arrojasse uma carga:

³⁵³ P.C., p. 32.

– Foram as abelhas que inventaram a vingança. Por isso ela é doce como o mel! Há homens que se engrandecem ofendendo e destruindo a tranqüilidade dos humildes. E as filhas dos pobres, dos desprotegidos, são arrastadas para o gálico e para a morte! Onde estão as bocas que se fecham diante da desgraça do fracos? Mas o prazer da carne dura pouco. Dura menos que um canto de galo, enquanto a podridão do sangue caminha sobre as gerações, como um fogo que a justiça acendeu. Eu o compreendi Flávio Rocha...

Apossado de uma alucinação súbita, foi enfurecendo-se diante do grupo espantado:

– As barcas do São Francisco estão levando para mais longe de onde chega o sal e as rapaduras, as infelizes. Onde estão as filhas de Chico da Lages? Onde chegaram as de Vitório com o ventre carregado de filhos e a vagina apodrecida de cancos? E as do fiscal Egídio que foi esfaqueado pelo cabo Honório porque pediu punição para a honra da filha? Acaso elas não sabiam também rezar a Ave-Maria, como as filhas do Coronel Alfonso e dos Queirós? Onde estão, covardes, as filhas do velho Pedro Voluntário-da-Pátria, que já criou três famílias, que brigou no Paraguai, e deixou o sangue e o alento pelos campos de batalhas? Minhas filhas, como todas as outras, estão aqui nas feridas secas que trago na minha carne. Elas são a guerra, também, e estão matando... Matando com a doença, com a podridão, com o rebanho dos filhos uivando sobre o sossego dos poderosos...³⁵⁴

Os pobres-diabos foram feridos de morte, usurpados no limite do ser. Perderam o poder de espelhamento do Eu ante os próprios olhos. Sem a possibilidade de reconhecimento, fica totalmente perdida a autonomia do ser ante o mundo. O ser pacificado, ou alienado, deixa-se levar pela esperança de uma vingança dos céus, de olho no paraíso prometido. Aqui na terra nada podem fazer que não seja esconjurar que caia a maldição sobre os usurpadores da vida, enquanto aguardam complacentes, como fantasmagorias, o dia da libertação. A narrativa apresenta-se como metáfora do destino de nossas mulheres: gerar uma descendência bastarda, sofrendo a violência dos homens. Assim a narrativa mostramos o estupro, a gravidez prematura de nossas meninas, como práticas que estão entre as origens do contingente de excluídos que iria formar a base do povo brasileiro.

³⁵⁴ P.C., p. 32-3.

Pedro Voluntário continua a transbordar sua presença com personalidade acentuadamente dramática. Em meio às discussões, irrompe a figura de Conrado Sessenta, acompanhado de seu neto, sendo cortesmente acolhido pelo mestre construtor da barca. Este é mostrado como um desses seres submissos que, em todos os sistemas de dominação, fazem a corte aos poderosos de plantão. Todos silenciam, exceto Pedro Voluntário que conclui seu pensamento. Segue-se uma cena de forte dramaticidade, que se poderia dizer shakespeariana, em sua economia e cortes precisos, aumentando a voltagem. Essa, aliás, é uma das características mais marcantes do escritor.

Fazendo uma afirmativa com a cabeça despediu-se. O neto soltou um gemido aflito e prolongado. O grupo foi se desfazendo, e cada qual foi tomando o seu lugar no serviço. A zoadá do trabalho encheu os estaleiros com o ruído das ferramentas cortando a madeira. Zé Bocado desceu a ribanceira desabafado. Sem deixar a barca, o velho Pedro Voluntário-da-Pátria acompanhou Conrado Sessenta com os olhos até sumir na Rua do Fogo. Teve vontade de insultá-lo, mas recuou instintivamente. Nunca fora um covarde. A desgraça começou a confundi-lo. Pensou em correr atrás de Conrado Sessenta e alcançá-lo, mas o que lhe poderia dizer? Levando a mão ao peito sentiu qualquer coisa e resmungou: são três... E, como se estivesse ouvindo um toque de silêncio, repetiu para si: Izídia, Angélica, Clarinha.³⁵⁵

O narrador estampa-nos perante os olhos imagens múltiplas, como cachos de sentidos. De tudo que foi dito anteriormente, o gemido da criança, seguido do silêncio dos presentes que vão retornando a seus postos de trabalho, tem um poder de falar desse mundo perdido em configurações tais que não deixam a mínima esperança de mudança. O próprio personagem Pedro Voluntário é muito forte em seu murmúrio, um balbucio que o deixa trancado em suas mágoas, sendo qualquer reação baldada pela desesperança, que chega como um vento gélido em seu coração. A expressão “...mas o que lhe poderia dizer?” carimba esse espaço do impasse. Os homens chegaram à beira do colapso. Resta o pasmo, o congelamento do ser na paisagem. Próxima ao velho lenhador, uma figurante cochicha para a outra:

– Quanta gente ficando doida neste mundo...

³⁵⁵ P.C., p. 34.

Doquinha Peste-Bubônica, esbaforido, vinha chegando com a última notícia:

– Agora mesmo João Sola salvou uma mulher que se jogou no rio. Seu João Imaginário levou a coitada para casa... Está em véspera de dar à luz, se via...³⁵⁶

Aos olhos das mulheres que observaram a cena, Pedro Voluntário não passa de um doido. Essa atitude embute uma estratégia de poder que leva os que se diferenciam, que protestam, a serem vistos como alienados e excêntricos. O personagem, um estrangeiro em seu próprio berço natal, é um ser deslocado, pois não aceita a dimensão alienante que o sistema de dominação tenta lhe impor. As mulheres, ao recitarem esse discurso, estão apenas reproduzindo um formato que lhes foi induzido por instâncias superiores, que não deixam escapar quaisquer elementos de dissidência. Janet Peterson lembra essa configuração do Outro no romance do Quebec, a quem são atribuídas o ilícito, o irreal ou a demência.³⁵⁷

As esferas de influência do poder estão bem estabelecidas. Os poderosos ostentam seus bandos de jagunços, medindo forças. Os deserdados, entre os quais alguns que são críticos do sistema, formam o vasto batalhão dos excluídos, o imenso reservatório de braços ociosos que vão baratear o valor da mão-de-obra pelo país afora. Os que se colocam na esfera de proteção dos coronéis apostam numa via de mão-dupla. Ao tempo em que se oferecem como escudos e põem em jogo a própria vida, sentem-se valorizados em sua condição de braço armado do poder, o que lhes oferece um reconhecimento, uma sensação de identidade e segurança baseada numa ética machista de brutalidade. Além destes, tem-se os artífices, pessoas que poderiam gozar de certa autonomia. Mas, se observarmos a cena completa da discussão no estaleiro, anteriormente citada, veremos que Mestre Cornélio procura agradar de forma subserviente o dono da barca que está construindo. De outra sorte, pessoas como Pedro Voluntário, que não se alinham em uma esfera de proteção e cooperação, vão formar o batalhão dos pobres-diabos, gente sem arrimo que vive de biscates, pequenos serviços mal remunerados, dado o excesso de oferta já aventado. Na posição de autonomia que adota, acaba por ficar sozinho, restando um joguete nas mãos dos que estão a serviço da truculência.

³⁵⁶ P.C., p. 35.

³⁵⁷ PETERSON, 2004, p. 35.

Assim desenha-se o quadro bastante limitante às possibilidades de realização do ser, que vai servir de estímulo à migração, estribada em uma onda de narrativas que surgem a partir de alguns relatos de sucesso no exílio em terras paulistas. Veremos adiante que esses fugitivos de sua pátria sertaneja vão encontrar uma estrutura social igualmente restritiva às suas possibilidades de realização, com o agravante da perda de contato com o Mesmo, que vai se apresentar impessoal e inatingível, apenas se fazendo sentir nos aparelhos de repressão e domínio.

II Os filhos do medo – o nascimento do “herói”

Corre na narrativa de *Porto Calendário* que uma mulher grávida, em desespero, tentara pôr um fim a tudo. Seria a miséria levando mães ao suicídio, uma forma por elas encontrada de não propagarem o sofrimento, não passar adiante o legado? Adiante saberemos que a suicida é a mãe de Orindo, o “herói” em gestação como duplo habitante do elemento água. Sua gestação representa uma *mis en abime*, uma vez que se acha mergulhado no líquido amniótico do útero materno e agora é lançado ao Rio São Francisco, considerado o útero da raça sertaneja. O narrador nada revela no momento. Só de uma leitura atenta, a *posteriori*, poder-se-ia intuir tal realidade. A mãe tenta a morte. Mas essa atitude em verdade constituir-se-ia numa espécie de batismo daquele que iria trazer um olhar diferenciado sobre o mundo. O banho no rio seria o último ato de formação do ser que se coloca em disponibilidade para os grandes fluxos, rompendo com os liames da subjetividade. Pouco depois, no casebre de Pedro Voluntário, mais uma vida vem ao mundo:

...Um grito de recém-nascido corria pela calada, avisando:

– Tens mais uma vida para cuidar, – sussurrou o velho Pedro como se começasse uma conta. E sentiu uma vontade de chorar...

– Doze bocas para comer, meu pai do céu...

Maria dos Reis apareceu atarracada, contente, inclaridada na candeia de carnaúba.

– Benza-te Deus, compadre, é uma menina: sãzinha, perfeita!...

– Que Deus a abençoe...

Da cidade ecoavam os ruídos, pipocos dos estalos da foguetaiada. Os sinos das três igrejas começaram a repicar. Tiros de clavinotes e de rifles, batiam descargas cerradas. Os Alfonsos e o Coronel Bê Martins faziam seus jagunços disparar, como prova de poderio. A Filarmônica começou o hino...

[...]

– É o tal de Século, Pedro Voluntário-da-Pátria.

– Ela nasceu junto com ele, Maria dos Reis.

– E será muito feliz...

O velho lenhador, amargurado, replicou compadecido:

– É pecado, Maria dos Reis, os pobres falarem da felicidade...é...³⁵⁸

Os filhos do medo estão acuados pelas condições mesquinhas a que a estrutura de poder os relega. Chegam ao ponto de conceber a felicidade como um pecado. O imaginário está voltado para o vale de lágrimas cristão como lenitivo de seus padecimentos e salvo conduto para o paraíso que aguardam ansiosamente. O trecho acima mostra o contraste entre o mundo eufórico e ostensivo dos mandões em demonstrações pirotécnicas de poder e o minimalismo a que foram relegados os humildes. E esse mundo trabalhado no ideário cristão dos primeiros dias incorpora as tradições locais em sintonia com as forças do imaginário em seus apelos arcaicos à união do homem com a totalidade da criação. Essa fusão de crenças e mitos propicia uma cena de natalidade bem peculiar.

Repetindo um velho costume da terra, Pedro Voluntário foi buscar seus trastes. Pôs junto à pequenina, seu facão, sua garrucha de cano comprido e o seu machado de lenhador. Puxou até a mulher o velho cavalo e o fez cheirar com suas ventas largas a recém-nascida erguida nos seus braços.

– Olha gente, ele ta mirando ela como um conhecido, – disse, abrindo num sorriso a boca banguela como uma cumbuca de goiaba.

Depois foi buscar o cachorro.

–Lambe, Mimoso, lambe ela...

O cão, obediente, passou sua língua úmida sobre as carnes da menina.

– Foi assim que eles fizeram quando nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo.

³⁵⁸ P.C., p. 36.

Bezinha começou tocar as moscas. Num arroubo de solidariedade, o velho reprovou:

– Deixa as moscas, Bezinha. Desde que o mundo é mundo elas sempre viveram com os pobres.³⁵⁹

Presencia-se uma espécie de batismo ancestral do homem instaurando-se na zona de confluência por onde perpassam os fios da existência dos seres vivos, conformando uma grande comunidade. Aí comparecem os animais, que servem aos humanos, assim como as ferramentas que garantem seu sustento. Esses elementos são chamados a compor o ritual de iniciação do nascituro na esfera laboriosa que faz do homem um ser que age sobre o meio, para garantir sua sobrevivência. Esse ritual simboliza as ferramentas com que os pobres têm de contar ao longo da existência, marcando a dignidade do seu existir periclitante. Nesse sentido as moscas aí estão a antecipar o foco da decadência a que a menina estará exposta. Deixam claro que é tudo muito passageiro. Também é simbólica a choupana do velho Pedro, “Toda aquela montoeira de cãibras, esteios, especando pedaços de taipas e tábuas em torno do tronco imenso do juazeiro centenário, era a sua casa.” O personagem vive no limiar entre a terra e o céu. Sua casa está atrelada ao tronco da grande árvore símbolo da união com as energias cósmicas, estabelecendo a fronteira do ser que se projeta para além da materialidade.

Há trinta anos curtia o seu cansaço, suportava seus vexames com a cabeça sobre aquelas raízes descarnadas. Era onde dependurava seu Bom Jesus da Lapa, seu facão e o seu machado de lenhador, com o qual botava vida dentro das tripas da filharada... Foi agarrada nos seus nós, que sua viola abandonada calara para sempre.³⁶⁰

O narrador insiste, no símbolo da árvore, como o altar, onde o lenhador deposita todos os objetos que lhe são sagrados e, além deles, sua cabeça cansada, como que a colocar-se disponível para as luzes ou raios que possam advir das alturas, clareando a jornada ou ceifando a vida.

Em relação ao nascimento do “herói”, o personagem Doquinha Peste-Bubônica aparece para atizar um pouco de mistério, opacidade à narrativa: “– Alguma coisa

³⁵⁹ P.C., p. 38.

³⁶⁰ P.C., p. 39.

estranha começou na nossa cidade.”³⁶¹ Doquinha é um personagem híbrido. Por vezes lembra a figura do Corifeu, que na tragédia grega representa o advento da lucidez. Em seus curtos aparecimentos, dá conselhos, insinua pistas, orientando o desenrolar da trama. Outras vezes aparece como doido, com seus surtos de claridade, dizendo repentinamente coisas importantes. Mas, diante dessas qualidades, parece predominar o dom da esperteza que engabela os desprevenidos, inventando histórias que logo têm curso na mitificação.

Doquinha era afilhado de João Imaginário, santeiro que adquirira a fama de milagreiro. Ele vinha há algum tempo achando o padrinho reservado. Servia-lhe como uma espécie de secretário, recebendo presentes que nem sempre chegavam a seu dono, acomodando os devotos. Nesse dia, ao se aproximar da casa, Doquinha sente que o padrinho fecha bruscamente a janela. Mesmo assim o malandro, passa a receber os romeiros que vêm se aproximando. Oferece-se sem sucesso para tomar conta dos presentes que aqueles trazem. Inicia-se então uma discussão acerca de sua desonestidade. Ante a confusão, João Imaginário abre a janela e se dirige de uma forma que deixa seus adoradores atônitos. Faz uma última pregação heraclitiana, em que apresenta a vida como fluxo, em eterno devir. Aconselha ponderadamente ao marido, cuja mulher estava doente, que a levasse ao médico. Ele pagaria a conta. A outro, que lhe trazia uma cabra, ordena:

– ...Volta com sua cabra. Sei da sua pobreza e nem sempre é farto o leite de tua mulher... Para todos eu peço e imploro [...] Voltem para vossas casas, e continuarei rezando para todos. É o meu fim. [...]

– Misericórdia, padrim João... Tem dó, misericórdia para nós no desespero. [...]

– “Olhai para a liquência das cabeceiras entre a areia branca e a sombra dos buritis, onde nascem as águas dos rios. A vida é assim também, caminhando para frente...”³⁶²

O santeiro fecha devagar a janela. Os romeiros, lastimando, tomam a direção do porto. Doquinha aproveita a deixa e inventa uma história. Visa com isso desviar para sua casa as oferendas que os brejeiros traziam para João Imaginário:

³⁶¹ *P.C.*, p. 62.

³⁶² *P.C.*, p. 64-5.

– Parem, irmãos das almas! Ai de nós! Pobre padrinho João. Está nas escrituras e no dito dos padres santos das missões. Satanás sairá do inferno vestido de anjo para perder as almas dos justos. Viram com seus olhos, escutaram com seus ouvidos. Não estou inventando. Ouviram o choro da criança? Contarei toda história: na casa do padrinho chegou, não se sabe com que artifício, uma mulher estranha. Tempos depois nasceu-lhe um filho e desse dia em diante tudo se foi mudando no mundo. Está escrito: – “O Anti-Cristo virá na forma de uma criança e ai de nós!...” [...]

A história supersticiosa tomou conta do grupo e começaram chorar, enchendo a cabeça de terra.

– Irmãos, paciência, paciência!... Logo que o sol chegar no meio do céu, padrinho João vai falar de novo não viram sua angústia, quando começou ouvir o choro do menino?³⁶³

Ressaltamos a forma bem articulada do narrador compor os diversos fios da história, não de forma linear, mas dando ao leitor o tempo e trabalho necessário para juntar o quebra-cabeça. Nessa passagem presenciamos o processo de mitificação do neto da negra Marta, a feiticeira, cujo nascimento marca uma ruptura do tempo cronológico, para a inserção no tempo mítico, pois é tido como o “Anti-Cristo”, portador de desgraças. Esse ser, mal chegado ao mundo já recebe o estigma que será a marca de sua ação, investido na condição do “herói” Orindo Brotas no romance *Porto Calendário*, e que muda de identidade, passando a chamar-se Bahiano Tietê, no romance homônimo. Cumpre lembrar que a mãe do menino é a mulher grávida que foi salva de uma tentativa de suicídio nas águas do rio, às vésperas de dar à luz, e que João Imaginário levava para casa.³⁶⁴ A chegada da mulher e o subsequente nascimento do menino, representam, inversamente ao processo de mitificação que acabamos de presenciar, a ruptura do tempo mítico para o personagem João Imaginário, com sua reinserção no tempo cronológico. Ele rompe com sua imagem de santo. Orienta os romeiros para que tomem as decisões mais acertadas, baseadas na racionalidade. Esta atitude é logo assimilada como um desvio de conduta a cargo das inspirações diabólicas maquinadas pelo recém nascido.

Adiante temos o drama de Mamédio Brotas, avô paterno do menino, cujo pai Francisquinho, segundo palavras do velho, o teria desonrado ao casar-se com a filha da

³⁶³ P.C., p. 65.

³⁶⁴ P.C., p. 35.

feiticeira. Um dia este retorna à fazenda paterna e se depara com dois irmãos prestes a se matar, ante o velho impotente. Francisquinho se interpõe entre os irmãos e leva uma facada no coração. Espira pedindo ao pai que perdoasse o filho que estava para nascer. Assim a genealogia de Orindo é traçada de forma fragmentada, exigindo atenção do leitor.

Na seqüência, Doquinha Peste-Bubônica, que assistira Mamede Brotas contar a tragédia de sua derrocada de homem rico e respeitado a pobretão desonrado, insinua-se jocoso, dizendo-se saber de onde vem a maldição que se abateu sobre o infeliz. Aqui Doquinha é tratado como um bobo da corte, que vai entretanto envenenar a todos num aporte de histeria coletiva, mostrando as facilidades com que se constroem e alimentam os mitos:

– Fala com dignidade ao menos esta vez, senão mando arrancar tua língua...

– Juro meu coronel e amo. Por todo este mundo do Corrente do Formoso do Arrojado e do Rio das Éguas se sabe: corre pra mais e até na carreira grande do São Francisco onde chegou o crime da negra Marta, a feiticeira, ninguém esqueceu. Ela levava com seu malefício e aflição e o prejuízo. Estou mentindo? [...]

– A filha da negra Marta, a criminoso vive hoje nesta nossa Santa Maria da Vitória e provo. Está na casa do padrinho João Imaginário e não é mais segredo. Pobre dele também, foi sempre um santo homem caridoso, bom para os ricos e pobres e hoje todos perguntam: “O que está acontecendo com ele?” Foi a mulher do filho de Mamedio Brotas que rematou pras Cortezias a repetição de Caim e Abel. Agora vive e traz renovação da praga eterna pra Santa Maria da Vitória. Frei Nataniel pediu misericórdia, irmãos: o Anti-Cristo voltará na juventude de um anjo e será o fim... Padrinho João está criando esse menino nos seus braços, crescerá e ai de nós, os pobres, os ricos, todos, meu Coronel. [...]

– Cala... Cala, miserável. [...]

Aterrado, o Coronel olhou para todos os lados. Havia angústia na feição do aglomerado.³⁶⁵

³⁶⁵ P.C., p. 74.

Doquinha traz os brejeiros, para que testemunhem o que teriam visto naquela manhã. Antes que estes falem, faz um preâmbulo tendencioso, segundo o qual, João Imaginário teria enxotado os visitantes como cachorros, recusando a cabra como se fosse roubada. Faz uma cena teatral, em que rasga os trapos do corpo conclamando: “– Piedade para esta nossa terra! A bruxa feiticeira não poderá permanecer nem mais um dia, nem mais uma hora. Sua maldição cairá sobre nós todos.”³⁶⁶

Feita a intriga, Doquinha começa a se arrepender:

...e se estivesse cometendo um desatino? Anos e anos atravessara a vida com sua pobreza e quando tudo lhe era negado sentia desejo de fazer uma coisa e falava. Espalhava e aumentava as notícias e sentia no boato o desejo de não guardar nada para si. Ninguém acreditava nele, mas quando ameaçava com o futuro tinham medo.

– Os Alfonsos estão com medo do futuro

Andou nervoso, calado no meio da multidão agitada, ouvia os grandes e as coisas foram esclarecendo na sua cabeça. Pensou em Zidorim. [...] Precisava explicar, precisava evitar, tudo foi uma invenção, um rancor nascido da sua miséria, crescendo ali no povo, aglomerado em favor da mentira.³⁶⁷

O personagem Doquinha oscila em sua maneira de ser, mostrando-se como um cruzamento de diferentes vivências que o deixam perdido. Apresenta-se por vezes com uma clareza desconcertante, em tiradas como: “Os Alfonsos estão com medo do futuro”. Esta sentença define com precisão o modo de ser e estar no mundo daqueles que detêm o poder, e cujo ser se dobra ante as evidências do já estabelecido, a que devem suas prerrogativas e privilégios. Para os poderosos o futuro é incerto e assustador. Tal receio os cega, a ponto de se deixarem envolver pelo novidadeiro inescrupuloso que é. Outras vezes o personagem apresenta-se como um ser perdido em suas maquinações, tentando superar o peso da miséria, diante do que apela para toda sorte de vilanias. A condição de Doquinha vai ser definida com precisão pelo próprio narrador que aponta para sua “inteligência instintiva e tumultuosa”.

Assim o nascimento de Orindo vai se constituir num acontecimento extraordinário. Vai exigir do seu padraсто, João Imaginário, uma enorme habilidade para desarmar o

³⁶⁶ P.C., p. 76.

³⁶⁷ P.C., p. 77.

preconceito, as idéias equivocadas, as narrativas que predisõem o homem a embarcar para além da razão, transitando na esfera do imponderável que abarca a predisposição à mistificação e fabulação mítica dos eventos.

III Estados coronelísticos a contrapelo do Estado

A presença do Estado é tão temida naqueles sertões sem lei, ou melhor, que tem uma articulação própria das relações, que a notícia da chegada de um batalhão do exército fez uma debandada na cidade.

–É a reculuta! É a reculuta! – Mais do que um estouro de boiada. Foi um estouro de “Cristãos”! [...] – De homens ficaram os lojistas, os velhos perrengues e meninos de peito no colo das mães! Tudo fugiu para o mato: as autoridades, os filhos de ricos e pobres, de todos os lados.³⁶⁸

Temia-se por um lado o recrutamento, que já ocorrera na região, por ocasião da Guerra do Paraguai e da Campanha de Canudos. Por outro lado, a chegada da tropa, acompanhada de um novo juiz, em princípio desagradou aos coronéis.

O novo juiz, Doutor Alvarez, promove uma reunião com os próceres da cidade, incluindo o cônego, em que explica seus objetivos:

– Estou aqui com uma missão de paz. Depois dos trágicos acontecimentos onde a República e a autoridade foram feridas com a agressividade bárbara do Conselheiro e seus adeptos, os responsáveis pela Nação resolveram voltar a vigilância contra qualquer surto de rebelião. Reconheço existir nestas paragens uma sociedade pacífica, mas as próprias contingências do meio podem precipitar novos acontecimentos incompatíveis com a segurança e o progresso do país.³⁶⁹

A narrativa em Osório Alves de Castro vem pontilhada de elementos da história nacional, para que sejam repensados. Na passagem acima, vemos nas palavras do juiz a versão institucionalizada dos acontecimentos de Canudos, que em outros pontos da narrativa vai ser apreciada de forma crítica, sem entretanto cair no sectarismo. O autor

³⁶⁸ P.C., p. 47.

³⁶⁹ P.C., p. 49.

planta essas pistas, no sentido de servirem de contextualização, ancoragem do romanesco no tempo histórico, atendendo ao critério da verossimilhança. Num outro sentido, essa inserção vai de molde à figura do autor implícito, que busca discutir a problemática sócio-política que envolve historicamente a configuração de nossa sociedade. O Doutor Alvarez faz referência ao temperamento pacífico do povo da região, mas adverte sobre as contingências do meio. O narrador, ante a pintura que já fizera das condições desumanas em que vivem as pessoas humildes, coloca na voz do juiz palavras com sabor de reprimenda aos excessos dos coronéis. As “contingências do meio” alertam para esse homem comprimido como pólvora entre o clima nem sempre favorável – mesmo em época de fartura as colheitas se perdem nos armazéns, consumidas pelos carunchos –, e o regime de truculências que sonega aos desamparados a mínima possibilidade de uma vida digna. Nesse contexto, o Estado tenta fazer-se minimamente presente, senão com uma melhoria das condições de acesso aos bens de produção, na época a terra, ao menos com seu aparato repressivo. “Estamos aqui, não para punir ou afastar, e sim para criar um clima de ordem e de paz onde todos possam viver tranquilos sob a proteção da Lei”³⁷⁰ Mas os chefes regionais não parecem gostar nem um pouco dessa intromissão do governo.

– O Coronel Tônico discordou das explicações: tudo podia ser, menos a paz com Correntina, com Chico Flores e Bê Martins, negro sujo e traidor. Nem com a República; detestava tudo que vinha das suas mentiras, da sujeira dos Magalhães. [...]

– Você vai nos dizer, Zidorim. Que veio mesmo fazer aqui este juiz com sua tropa, oficial, corneteiro e tudo? Assustar? Sou franco como, graças a Deus, sou Gorgonho Oliveira, sapateiro e pai de sete filhos. Ouvi o doutor Santos Cunha dizer: o juiz novo vem trazer a ordem e a paz para este sertão e evitar outro Canudos. Está certo? Se aqui tivermos guerra, a guerra era nossa. Confesso: fomos em Correntina; desfeita com desfeita se paga e o que vale é a honra. Tomamos a vila, matamos e morremos. Clementino Lima comandando tomou a casa grande dos Magalhães, enfiamos as camisas de suas mulheres manchadas de menstruação na ponta dos nossos ferrões e fizemos procissão pelas ruas... ... Enterramos os nossos mortos e botamos fogo no povoado, até que um dia acordamos cercados. A guerra era nossa e

³⁷⁰ P.C., p. 49.

Santa Maria da Vitória pagou com a mesma moeda. Por acaso, por isto temos alguma coisa com Antônio Conselheiro?

– Canudos foi outra coisa, primo Gorgonho.

– Zidorim, temos o mesmo sangue, mas Canudos foi uma invenção. A República que o fez, que o coma.³⁷¹

O narrador fulmina sua sentença, quanto ao episódio de Canudos, uma invenção do governo central, fruto da compreensão emotiva do episódio. Fica clara a voz do autor implícito, em seu posicionamento crítico do episódio, refletindo leituras de Osório como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Intui-se da passagem que as guerras dos coronéis por ampliação de poder ganham uma identificação apaixonada em meio à população, como se fossem torneios esportivos. O personagem Gorgonho Oliveira se exalta contra a presença da autoridade, como se todos desejassem permanecer naquele estado de barbárie. O obscurantismo é de tal ordem que a causa dos coronéis passa a ser a causa daqueles que vivem em sua esfera. É o sistema de favor, de que tão bem fala Roberto Schwarz, muitas vezes atrelado ao compadrismo, abordado por Darcy Ribeiro, que fazem com que homens declinem da própria vida, em defesa de seus chefes e protetores.

Na seqüência, observa-se a identificação do sertanejo com os fanáticos que atenderam ao chamado de Canudos. “– O juiz novo está dizendo também: “Eles são daqui e daqui saíram para fazer uma guerra”,...”³⁷². O juiz não percebe que o sertanejo como um ser em processo, aprendendo com sua história, sensível aos chamados do momento. Ele está de tal forma imbuído de suas certezas, que não percebe que o sertanejo, após os eventos de Canudos, não imagina a constituição de outra comunidade religiosa, mas a fuga para São Paulo, onde todos esperam encontrar dias melhores, poder comprar a dignidade e o reconhecimento que em seu solo natal não conseguiram obter por meios políticos.

As histórias inventadas por Doquinha Peste-Bubônica acabam por incendiar os ânimos da população, bastante sensível a tais elucubrações do imaginário. A cidade está em pé de guerra. Querem eliminar a filha e o neto da feiticeira, poupando apenas o velho João, considerado um homem santo e vítima das artes do satanás. Doquinha, alucinado, temendo as graves conseqüências de seus atos relata ao juiz o que acabara de se dar. Este reúne os homens.

³⁷¹ P.C., p. 50.

³⁷² P.C., p. 51.

A tropa mobilizou-se; à frente, Doutor Alvarez, tendo ao lado Doquinha Peste-Bubônica andrajoso, pequenino, ereto, marchando na imponência da sua inteligência instintiva e tumultuosa. Sentia uma alegria ilimitada, ele, Doquinha Neves, que falava para não morrer abafado, para sentir aquilo que não sabia explicar e lhe trouxe o nome da peste; porque tinha recurso de apontar as coisas saídas de sua rebeldia nesta sua Santa Maria da Vitória, porto velho das eras perdidas, neste sertão do São Francisco, era um macho. Sentia a areia entrar nos seus sapatos rotos, fria; o vento chiar nos seus bigodes e ele marchando diante da tropa conservando a felicidade, sua consciência pela vida dos fracos como ele... [...] O corneteiro tocou sentido. Os Alfonsos vinham pra guerração rezando o Kirieleison comprido, lamentoso nas vozes grossas dos homens.³⁷³

Doquinha revela-se um tipo sertanejo em que se balanceiam, nas devidas proporções, perspicácia, inteligência brilhante, leitura aguçada do seu meio natural e social. Essas qualidades vêm mescladas a impulsos que incorporam uma negatividade perante a vida, que freqüentemente se perde em seus direcionamentos, por conta de um desconhecimento das causalidades. Isto o leva a ações desconexas, descambando para reações festivas, num misto de embate social, apelo religioso, expansão de desequilíbrios interiores, fruto da miséria acachapante das possibilidades de ser. Podemos dizer que esses direcionamentos tumultuosos não são senão a busca desesperada por ser-reconhecido. Em contraposição, os Alfonsos, na esteira do que o próprio Doquinha já afirmara, de que são temerosos do futuro, apresentam-se dentro do figurino conservador. Desta forma unem a tradição religiosa, relações de direito estabelecidas no exercício cotidiano da dominação e sujeição de tudo que se arvore em dissidência, visando à manutenção do domínio dos meios de produção, o que exclui a maioria da população.

No embate que se segue podemos vislumbrar o ser-jagunço, apresentado de forma eloqüente. Trata-se de um ser perdido no discurso da valentia, espécie de *Areté* sertaneja, em que o homem prefere morrer a recuar ante o perigo.

Um urro ecoou apavorador. A tropa avançou de baioneta calada;
Doquinha acompanhava o juiz.

³⁷³ P.C., p. 80.

– Alto! – gritou o magistrado.

Zidorim Alfonso veio ao encontro do juiz com o braço levantado. Adiantava contra os seus para negociar uma rendição.

– Precisamos evitar, doutor Alvarez! Não é mais possível. E virando-se para a multidão, indeciso, gritou: “Voltem todos para suas casas”.

Chiquim da Joanhina olhou para trás. Zuzu Borba e Capitão Zé Nascimento traziam a ordem de fogo. Onde estavam eles, e o Major Queirós, Marcelino Lino e Gorgonho Oliveira? – Os homens com seus papos amarelos na mão? Quando o jagunço perde os olhos e a voz do amo desnorteia-se na capacidade de ser. E com *seu* Zidorim fazendo aquele surpreendimento, desconjuntando o trato do Coronel Tônico, se é...Velho Demétrio e Chico Preto, Zé Cubu com a bandeira do divino, suspendida, era um abismo... Ser jagunço na última hora do destino estava ali; não era pra morrer e matar. A desfeita tava ni *seu* Zidorim entregando-os como se fossem um nada naquela sina de obediência injusta...³⁷⁴

Vemos o jagunço em crise. O discurso que interiorizara como eixo de sua dimensão de ser-no-mundo passa bem ao largo dessa composição melosa, que constantemente faz os poderosos recuar, devido mesmo à capacidade de aquilatarem os lucros e perdas das investidas. Os poderosos sabem muito bem avaliar o momento da ação ou retirada, baseados na ética do lucro político e econômico. O jagunço, ao contrário, é pura paixão. Segue uma ética baseada na honra, que guarda elementos da chamada *Aretê*, dimensão ética que dominava o espírito dos nobres nos chamados Tempos Heróicos da Grécia, e que Homero entende como qualidades morais ou espirituais. A justeza e perfeição da ação são associadas a uma coragem e respeito pelo confrontante, o que coloca o guerreiro nesse limiar em que o que menos importa é a própria existência. A ênfase recai na própria ação harmoniosa que confere grandeza ao ato, bastando-se em si mesmo.³⁷⁵

O Doutor Alvarez ordenou a entrega das armas, no que foi atendido:

A tropa dos Alfonsos galinhava. [...] Os grandes se entendem. Jagunço de condição nascia da vida como flor de bromélia, parasita roxa na paixão de ser ninguém, de não ter raiz na terra, mas tinha brio. Morria sem lastimar,

³⁷⁴ P.C., p. 80-1.

³⁷⁵ JAEGER, 1995, p. 25-7.

não traía dentro do perigo e ia até o fim sem medo de governo, de arma, de repetição, mesmo que a força fosse grande como do Tenente Melo ou as da República, arranchadas com canhão e tudo na frente de Canudos de mão limpa.³⁷⁶

O narrador apresenta de forma lúcida, com sua habitual economia simbólica, o espírito do ser-coronel, possuidor, e do ser-jagunço, esse ser-ninguém agenciado por uma ética que o faz enfrentar lutas incansáveis, tão logo se lhe apresente um chefe que o capte num relevo de simpatias, para que nada mais reste senão sua vontade cega de servir. Vemo-lo como um ser-ancorado em outro ser, em disjunção de horizontes. Um volta-se para o lucro e poder, o outro como fiel escudeiro, serve de escudo-humano. Eram muito raros os assassinatos a traição no São Francisco. Jagunço matava e morria em igualdade de condições, numa luta que segue atributos de lealdade e respeito pela bravura do confrontante. A narrativa reporta o heroísmo dos seguidores de Antonio Conselheiro, como paradigma do ser-jagunço, essa vida que transcende qualquer apego ao individual, para vislumbrar a universalidade sertaneja do ser-discurso-da-bravura. Na esteira de tais acontecimentos, o Coronel Tônico adoeceu. Considerara uma traição a rendição de seu sobrinho, Zidorim. “Caiu de cama e desde o dia não fala, não come, não bebe. Vai morrer o velho de paixão.”³⁷⁷ O poder local, historicamente insubmisso e sem limites, sente o peso das restrições desse poder que se coloca como entrave ao poder personalista que engolfa a vida daqueles sertões, para submetê-lo ao poder nacional. Na seqüência dos acontecimentos, os coronéis de toda a região que gravita em torno de Santa Maria da Vitória, muitos dos quais arquiinimigos, contendores de lutas que vêm de gerações pela posse da terra e hegemonia regional, se apressam em dar apoio ao coronel “afrontado” por um poder que queria se intrometer em seus negócios:

– Somos inimigos e se derrarmos o nosso sangue por nós é para que os estranhos não metam o bico em nossa terra. [...]

– Desrespeito como estão fazendo aos Alfonsos voltará contra nós todos... Se o governo quer a guerra, conheça: nascemos machos para morrer ou viver.³⁷⁸

³⁷⁶ P.C., p. 81.

³⁷⁷ P.C., p. 82.

³⁷⁸ P.C., p. 87.

Os coronéis olham o mundo a partir de suas limitações, e ignorância. O isolamento por três séculos naqueles ermos os deixou arredios a qualquer intervenção. Tivessem uma noção mais ampla, se uniriam para tentar consolidar um Estado independente, mas a visão é imediatista. Querem estar livres de qualquer julgo, para se matarem uns aos outros, se assim pedir o rumo dos acontecimentos. Para eles, o sertão é um mundo a parte, “...nossos mortos vão se levantar das sepulturas e dizer: este sertão é nosso.”³⁷⁹. Cada coronel é senhor absoluto de seu pequeno mundo. De todos os lados apareciam adesões à causa dos Alfonsos, todos dispostos vingar a ofensa que fora imposta ao patriarca daquela família. O Doutor Alvarez, ciente da impossibilidade de chegarem reforços para conter o levante, resolveu capitular.

IV O nordestino constrói o mito para além de si e do sertão

O fracasso do movimento messiânico liderado pelo Conselheiro, em contraponto com algumas histórias de sucesso por parte de migrantes nordestinos em São Paulo, desencadeia uma revolução das expectativas nos sertões. Diferentemente das promessas de salvação como recompensa a uma vida de privações e recolhimento pio, o imaginário das populações descrentes de qualquer mudança da estrutura social do sertão natal se volta para a melhoria das condições materiais em terras distantes. Mas, como é do ser nordestino transmutar o mundo em fantasia, embalando sonhos, tratando do desconhecido na alçada do mito, logo veremos que o mais simples acontecimento pode render histórias, insinuando movimentos que deixarão alerta os donos da situação.

A cena que se segue marca bem o chamado desse horizonte que se abre promissor. Na agência postal cheia de gente, com a chegada do Correio, o que ocorria a cada quinze dias, o carteiro vai dizendo os nomes dos destinatários:

– Inês Francisca da Trindade. [...]

– Deve ser dinheiro de São Paulo. O filho da negra Inês, a tintureira, foi há muitos anos para o sul.

O velho Salustiano, perplexo, apalpou o envelope duro e flexível estranho, nas suas mãos honradas. O silêncio precisou a assistência abatida pela surpresa.

³⁷⁹ P.C., p. 87.

– É dinheiro de São Paulo! – tornaram exclamar com um suspiro.³⁸⁰

Juntou-se uma comitiva, inclusive um fiscal, para ir entregar a correspondência na casa de Inês, o que atraiu uma multidão de curiosos. Aberto publicamente o envelope, com excessos de zelo e de forma solene, verificou-se ser apenas um retrato de família, em que o filho de Inês aparecia vestido com o uniforme de ferroviário, ao lado de uma mulher branca, bem vestida, acompanhados de dois meninos vestidos de marinheiro. Ao fundo uma locomotiva compunha o quadro:

Mãos nas bocas, pasmadas numa contemplação angustiosa, as mulheres procuraram entrever:

– Benza-te Deus, Sá Inês. Ela parece uma santa.

– Quem diria, o Izídio! Tive aqui nos meus braços. (A velha Lica benzeu-se e estirou os braços compridos, pretos como mão de pilão...) – Aqui. E hoje, importante de farda e boné. [...]

– Bem disse Sinfrônio de Almeida: Bahia pra criar, São Paulo pra render!³⁸¹

Pode-se aquilatar a exata dimensão da crise, do patamar de humildade a que essas pessoas se acham condenadas. Pela magia e os mitos que a cidade grande acalenta, chegam a se emocionar por acharem uma dádiva o simples fato de Izídio ocupar um posto em que é necessário o ritual disciplinar de usar boné e fardamento. “Passando de mão em mão, a fotografia ia despertando desejos e conclusões.” E na seqüência, sobrevém o inusitado. Vejam o corte surpreendente, uma característica da escritura de Osório ancorada numa idade arcaica, povoada de fantasmagorias que brotam da mente em devaneio, seguindo as linhas de força do imaginário.

Seu Ciríaco, o dicuadeiro, cambaleou; fincou a mão larga no peito cabeludo e ficou rodando no pensamento. Confundido, cambaleou pelo terreiro e cismou, avexado:

– E aquela coisa ali atrás? Não lhe era estranha não!

Estancou no aflito para endireitar a cabeça, sossegou e fez firmeza no pensar... Decifrava na desventura aquela fumaça. Era ele no retrato e benzeu-

³⁸⁰ P.C., p. 53.

³⁸¹ P.C., p. 55.

se. Não era doidicimento na febre, de repente lhe queimando o corpo. Sim: era o Dragão ali na figura do trem de ferro lançando seu bafo de fogo por detrás do retrato do negro Izídio.

– Nós negros, não podemos ser felizes. O Dragão não deixa.

Sabia do malefício de quando o sujo fugia de luz onde vivia preso na lança de São Jorge, e descia na terra pra fazer mal as criaturas. O Dragão não gostava dos negros: comia suas carnes, chupava seu sangue e estava por todos os cantos do mundo. Onde não tinha negros, comia os brancos; mas as carnes dos pretos eram mais doce para ele. Os barqueiros botavam o Dragão nas carrancas de suas barcas, os feitores no cabo do chicote e os praças no cabo de latão dos refes. Cambaleando, *seu* Ciriaco foi sentar-se no areão do caminho de Correntina.³⁸²

A narrativa ganha tal força de expressão, a reboque da tensão mito-poética, conferindo à passagem a característica visual de uma cena em que se vê com clareza o seu desenrolar de forma cinematográfica. Note-se que as personagens em Osório, mesmo ocupando lapsos na narrativa em aparição efêmera, trazem aquela característica escandalosa que Bakhtin apontou em Dostoievsky, marcando sua personalidade.

E seu Ciriaco prossegue numa atitude de disjunção entre corpo e espírito, este o cavaleiro e dominante. “– Até ni São Paulo, onde um dia pensava levar meu corpo, ele estava arranchado.” O personagem fala pela voz dos feiticeiros, espalha-se numa espécie de transe, em que estaria separado de seu corpo, para enxergar melhor.

Não atinava. Fechou os olhos, demorou na escuridão, perguntou tempo e tempo como se perdesse a luz da vista e nada... Revolveu; abriu os olhos, entrou na claridade e mudou.

– Que Deus me perdoe o pensamento. O negro Izídio virará São Jorge e matará o Dragão. Dizem: muitas coisas vão acontecer.

O rancho de Sá Inês foi tomado por uma romaria constante. [...]

Maria Quer-Ser sonhou que olhava para a lua quando viu sair por detrás da mesma um braço tendo uma rosa na mão. E uma voz encheu o firmamento dizendo: o filho de Sá Inês é um aviso dos céus, e está confirmado. “Nem Jesus Cristo foi profeta em sua terra”.

³⁸² P.C., p. 55-6.

– O retrato dá sorte a quem se fixa nele: o prodígio está na vida do negro Izídio, ficando roxo na condição.

Doquinha Peste-Bubônica decifrava sermãozeando:

– Só existe romaria existindo o vexame.

Da curiosidade dos primeiros dias passaram à imploração. Sobre uma mesa, com uma toalha branca coberta de flores com velas acesas, estava a fotografia para a veneração.³⁸³

O personagem Doquinha Peste-Bubônica – nome, aliás, bastante significativo dos atributos desprezíveis que caracterizam a sua ação ao longo da trama – vem com uma dessas tiradas que, na narrativa de Osório, parecem deixar o leitor no ar. A surpresa advém de sua aparição efêmera, pronunciando repentinamente uma sentença que, se olhada atentamente, carrega tal potência de significação, lançando um foco de luz sobre tudo o que está a se passar. O “vexame” seria o acontecimento inusitado, introduzido em sua força pela surpresa de um transe que suspende o fluxo previsível dos acontecimentos. O espírito é capturado no encaminhamento de afetividades submersas, insuspeitáveis, ativando-se num crescendo que se afigura como revelação. O homem, ser religioso por excelência, quando incapaz de um encaminhamento ante os problemas que a vida lhe coloca, quando se sente premido, insustentável, apóia-se nas forças inconscientes que do fundo da ancestralidade podem sustentar o vazio. A cena que acabamos de presenciar traz-nos o acontecimento espetaculoso, com força de endereçamento aos motivos do inconsciente que tangenciam as necessidades da sobrevivência. A partir de uma necessidade premente, o homem invoca e não perde tempo em validar a epifania, o acontecimento numinoso que faz sua inserção no objeto sagrado a ocupar a posição de ícone, que se transforma no ponto de contato entre as forças divinas e o objeto que a necessidade aponta como tábua de salvação. O “vexame” é o momento supremo da invocação, a manifestação estrondosa em que o espírito navega para além do corpo e da causalidade, encontrando motivos de entrega. É o momento de suspensão do tempo, para o recomeço a partir do acontecimento extraordinário, materializado num objeto. Aqui a foto constitui-se como ícone, objeto de ligação que se estabelece como ponto de confluência das diversas esferas, papel análogo ao da *axis mundi*, de que fala Mircea Eliade, cuja base se acha no inferno, projetando-se

³⁸³ P.C., 56-7.

para o alto em sustentação do Céu e da Terra.³⁸⁴ O acontecimento numinoso se casa com a necessidade, para obter reforço na empreita. Assim se funda o ritual, sob a garantia e garantindo a validade do ícone que irá assegurar, perante as forças do além, o sucesso do empreendimento. É como a pele de animal da espécie a ser caçada, com que o homem ancestral vestia um tronco para assim atrair a caça. Ao sertanejo nada resta senão a fuga. Já se criara entre as populações o mito da São Paulo terra-prometida. Veja-se a cena na agência de correio e, na seqüência, no rancho de Inês. O clima é de intensa curiosidade e maravilhamento ante a possibilidade de um envelope cheio de dinheiro, coisa tão rara por aquelas paragens, onde prevalecia o regime de troca de favores e mercadorias. Tal fato atestaria uma história de sucesso. Porém a figura de Izídio teve significação muito mais intensa. O retrato ganha interpretação mítica por apontar a solução. Assegura ao homem a possibilidade do salto que o levará do inferno do sertão para o céu das utopias em terras distantes.

E, a todo momento somos parados com imagens que transbordam em sentidos. Veja-se a figura de Maria Quer-Ser, que traz no nome um dos apelos mais eloqüentes da obra de Osório Alves de Castro, a realização da mulher na amplitude do seu ser. A personagem tem o sonho revelador de um futuro esperançoso, seja no socialismo, se imaginarmos uma rosa vermelha como chave para os problemas do sertanejo, seja no símbolo da paz entre os homens, no caso da rosa branca. De qualquer sorte, a visão aponta para Izídio como guia espiritual que mostra o caminho que o rebanho de excluídos deverá seguir: São Paulo.

Os homens estão cansados daquela barbárie sertaneja. A inocência foi rompida, as porteiras do sertão escancaradas pelas primeiras histórias de “sucesso” dos migrantes que se foram para São Paulo. O isolamento de três séculos começava a ceder numa nova integração. Abrem-se para o homem sertanejo, especialmente os jovens, horizontes antes insuspeitáveis.

Contardo Calligaris fala da distinção hegeliana entre “desejo” animal e desejo propriamente humano – mantida pela psicanálise. O desejo animal ou pré-humano visa um objeto que ele anula e consome se satisfazendo. O desejo humano começa com a história, ou seja, quando o desejo interroga e deseja outros desejos, quando ele pára de perguntar: onde está o objeto? E começa a perguntar: como será que o outro (me) deseja? O desejo humano trata de conquistar o desejo do outro, o seu reconhecimento.

³⁸⁴ ELIADE, s/d, p. 50.

Para Hegel, segundo Contardo Calligaris³⁸⁵ “o desejo humano começa com o desprezo pela simples sobrevivência, isto é, na luta pelo prestígio, pelo reconhecimento”. A vida rural representa a luta pela simples sobrevivência, em contraposição à vida urbana, que insere o homem na topografia do desejo. Assim, o surgimento da cidade coincide com o começo da história especificamente humana. Calligaris fala da sobreposição das três plantas básicas de uma cidade: a planta dos sintomas conjugais e conviviais, a planta dos percursos pelos quais o desejo sexual se afirma desnaturado, separado da finalidade reprodutiva, e por isso símbolo do desejo citadino, e a planta dos monumentos, dos lugares e dos percursos aos quais a cidade atribui o mágico poder de outorgar significação especialmente cívica aos sujeitos em termos psicanalíticos: a planta fálica: lugar onde o cidadão descansa um pouco da tortuosa questão do desejo e pode esperar relativo consolo do valor público ao qual lhe é consentido participar.

Para Raymond Williams:

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação.³⁸⁶

Essas contraposições fizeram com que o olhar do homem instituísse zonas de idealização, criando pólos de divergência do imaginário. No sertão do São Francisco e em vastas zonas do agreste durante o período de isolamento secular, o homem imergiu no seu meio e este se apresentava como o único *topos* de produção e fixação imagética, confluindo na univocidade das estratégias de ser-no-mundo. O homem aí imergiu num estado próximo ao natural. Fragilizado perante as forças poderosas da natureza e submetido a um regime social problemático, que apontava para uma submissão dos mais fracos aos mais fortes como estratégia de sobrevivência, o sertanejo patinava num estágio inferior de sua humanidade – não como potencialidade, mas enquanto actante subalterno –, em que viver já seria uma glória. As cenas que se observam em *Porto Calendário* apontam para um fenômeno que começara há algumas décadas no Nordeste

³⁸⁵ CALLIGARIS, 1994, p 87-97.

³⁸⁶ WILLIAMS, 1989, p. 11.

brasileiro, a partir da seca de 1877, apontada por Gilberto Freyre, segundo Durval Albuquerque, como o marco da decadência da economia nordestina, ao provocar o deslocamento para o Sul de um grande contingente de escravos, assim como da elite intelectual.³⁸⁷ Essa derrocada está, por outro lado, associada ao florescimento da agricultura cafeeira de exportação em São Paulo, com reflexos no enriquecimento e desenvolvimento das cidades paulistas, principalmente sua capital, que se coloca como grande pólo de atração e captura do imaginário. Nesse momento aguça-se no país a polarização campo/cidade. Segundo Raymond Williams, ela já está presente na literatura num período que remonta ao século IX a.C., em *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo ou mesmo, segundo esse poeta grego, a um período bem anterior, sob a influência do mito da Idade do Ouro. O poeta aconselha a agricultura prática, justiça social e sociabilidade como práticas que podem “libertar uma comunidade industriosa da “vida de dor””.³⁸⁸ Podemos afirmar que essa polarização aponta de certo modo para um processo de entropia, colapso do sistema pela perda de sua sustentabilidade material e simbólica. O olhar do homem do campo é atraído pelo halo da cidade, enquanto o homem da cidade sonha com o *locus amoenus*, o lugar da paz e bucolismo ancestrais. Seguindo essa tendência universal de projeção dos fatos da vida na esfera do imaginário, criando esses *loci* de enunciação imagética, Sandra Jatahy Pesavento aponta o nosso país como o lugar em que isso se dá de uma forma preponderante. Para a autora:

O Brasil seria, ousaríamos dizer, o reino da representação social, o terreno fértil para a construção de metáforas e para a realização da metonímia, onde o peso do simbólico se sobrepõe sobre a realidade e onde o “parecer” tem o efeito de “ser”...³⁸⁹

Por outro lado, Adrián Gorelik afirma que

as idéias e os climas culturais demonstram viajar mais rápido que os objetos e processos a que se referem, e nisso radica boa parte da riqueza potencial de uma história cultural local, na possibilidade de explorar esse

³⁸⁷ ALBUQUERQUE, 2001, p. 58.

³⁸⁸ WILLIAMS, 1989, p. 28-9.

³⁸⁹ PESAVENTO, 1999, p. 25.

desajuste permanente, para notar que seus resultados não podem ser senão originais e específicos.³⁹⁰

Em *Porto Calendário*, o narrador consegue bem flagrar as especificidades, o impacto com que a população de Santa Maria de Vitória recebe as notícias da cidade. Basta lembrar o estado de transe do personagem Ciríaco ao vislumbrar a foto do maquinista Izídio ao lado da locomotiva. Um acontecimento trivial na cidade grande recebe coloração mítica no espaço do sertão, atestando o descompasso cultural entre os dois mundos. E essa atitude vai causar expressivos desdobramentos, aguçando ainda mais o desejo da população pela busca do desconhecido.

A peregrinação à casa de Sá Inês, como toda manifestação popular de vulto, começa a incomodar os Coronéis. Teme-se por parte dos donos da terra um êxodo tal, que os deixassem sem mão de obra. A rejeição a qualquer intromissão em seu mundo é tal que surgem suspeitas de que o movimento popular teria sido incitado pelo juiz “arrepublikano professorando liberdade do povo”. O Coronel Alfonso não se contém, “se tivéssemos só em nosso chão, era fácil”³⁹¹ Eles reclamam de uma perda de autonomia, ante a presença do juiz com seus soldados. A força do mito é tal que mesmo entre os coronéis repousa certa dose de respeito e temor ante a fotografia de Izídio. O personagem Zidorim minimiza o temor e desconstrói o mito:

– Por que tamanha preocupação por uma coisa tão insignificante? [...]

– Aquela locomotiva que está no retrato tem também um dono, da mesma maneira que as nossas vacas e bois da Lagoa Seca. O negro Izídio o que faz é pôr a máquina em movimento, como nosso vaqueiro Zé Cubu trata do nosso rebanho. Ambos têm a sua mulher e seus filhos...

– E o boné, a farda com os botões amarelos?

– Zé Cubu também tem um chapéu de couro e a guiada com ponta de aço reluzente. Acima de tudo isto está nosso direito de ser dono.

– Você fala certo, Zidorim. A propriedade e a lei. Se as respeitamos acima de tudo, é porque sobre elas pesa a vontade de Deus. Portanto justo se torna reagir o mal sem esmorecimento e concordar. Esse retrato do negro Izídio nos traz desassossego. [...] Temos de acabar com o malefício.³⁹²

³⁹⁰ GORELIK, 1999. p. 59.

³⁹¹ *P.C.*, p. 57.

³⁹² *P.C.*, p. 59.

O narrador tem a maestria em fixar o espírito dos grupos sociais. Veja-se as sutilezas. Primeiro, coloca os coronéis como imbecis, passíveis de acreditar em contos da carochinha, ou seja, em locomotivas como dragões mitológicos e um simples fardamento enfeitado com botões dourados como algo ritualístico, de grande importância. Precisou Zidorim dizer o óbvio, para desmontar a aura mistificadora em torno da fotografia. Mas, em seguida, novos mistérios vão surgir. O juiz Alvarez, convencido do perigo que o tal culto oferecia à ordem estabelecida, mandou seus soldados prenderem Sá Inês e apreenderem o retrato. A primeira parte foi feita com toda a desenvoltura e truculência esperada. A soldadesca espancou a pobre negra sem, entretanto, conseguir botar as mãos na fotografia. Ela foi presa e, diante dos maus tratos, faleceu sem dar solução sobre o paradeiro do retrato que, a essas alturas, por acerto com Dona Mariquinha Alfonso, a esposa do Coronel Alfonso, tinha sido trazido para a casa desta. Interessante notar que durante a cena anterior, em que os coronéis discutiam na casa de Alfonso as medidas a serem tomadas contra o culto ao retrato, o narrador anuncia: “Do fundo da casa vinha o canto triste das mulheres entoando a Salve Rainha.”³⁹³ As mulheres se aliam pela fé contra as maquinações dos homens no poder, levando sempre vantagem. A afirmação feminina ocupa lugar de destaque no horizonte ideológico do autor implícito, estabelecendo-se como elemento preponderante de figuração criativa nos romances de Osório Alves de Castro.

Retomando à polarização campo/cidade, o autor implícito, imerso nessa convivência do mundo-sertão que os narradores nos apresentam em seu lirismo, tenta dar voz ao expatriado Osório, que escreve em sua maturidade na diáspora do interior paulista, rememorando um mundo que se perdera nos idos de sua infância e adolescência vivida na beira do Rio Corrente. Malcolm Bradbury clareia esse processo de escrita do migrante ao dizer: “Gertrude Stein formulou a frase adequada – “os escritores precisam ter dois países, um a que pertençam e outro onde realmente vivam” [...] O outro país curava o patente materialismo do primeiro, dava forma à matéria;...”³⁹⁴. É provável que a escritura de Osório Alves de Castro beneficie-se dessa desmaterialização, que causa um distanciamento mais que estético, lembrando Croce, que lhe permite levitar naquele patamar de sensibilidades que tange a “idéia pura”, de que nos fala

³⁹³ P.C., p.59.

³⁹⁴ BRADBURY, 1989. p 81.

Schopenhauer. O distanciamento no tempo e no espaço aviva a dimensão afetiva, multiplicando o efeito de idealização, dando, outrossim, total liberdade de imaginação.

V O Santeiro João rasga a máscara – o retorno à temporalidade

Resolvida a queda de braço entre os coronéis e o representante do governo, os chefes se voltam para a ameaça que se constitui para Santa Maria da Vitória a presença da filha e do neto da negra Marta em suas fronteiras. Como representantes das forças do mal eles representam um risco eminente de calamidades e outros castigos dos céus, que deve ser afastado. Diante de uma comissão formada por Doutor Alvarez, Coronel Bê Martins, Zidorim Alfonso e outros, que foram a sua casa pedir a expulsão da negra e seu filho, João Imaginário desconstrói sua condição de santo. Conta toda a história de como fora considerado portador de tais atributos.

Quando ainda jovem o santeiro se apaixonara por Naninha Alfonso, amor que ficou apenas nos seus sonhos. Além da impossibilidade de consumir os seus desejos, em virtude de sua pobre condição, a moça veio a falecer prematuramente, vítima da febre negra. João Imaginário, que a avistara apenas em três ocasiões, foi tão fortemente tocado por seu semblante, que este ficou indelevelmente gravado em sua memória. A esse tempo fora encarregado de esculpir a imagem da Virgem Padroeira para a igreja matriz. Ao esculpir a imagem, acabou por fixar no semblante da santa a figura da menina Naninha.

Quando a imagem foi para veneração, logo descobriram: “Ela tem o semblante da Naninha Alfonso”, e correu a lenda. Quando o santeiro trabalhava era tomado pela visão e acontecia o milagre. Com isso cresceu o prestígio da família e o moço santeiro, como participante transcendental, começou uma nova vida. Tornava-se um instrumento para o serviço dos poderosos, e chegou até aqui tolerado e paciente ante a impunidade e a ignorância. Isso senhor juiz, afirma-se: é santidade.³⁹⁵

A desconstrução do mito vem acompanhada da exposição dos artificios do poder para se consolidar, ampliando sua esfera de influência. O personagem deixa às claras o uso da

³⁹⁵ P.C., p. 89.

religião como *sistema simbólico estruturante*.³⁹⁶ Denuncia as estratégias e subterfúgios daqueles que fazem a exploração comercial da fé, assim como se incumbem da produção e distribuição dos bens de salvação apoiados na figura de um profeta, como diria Bourdieu.³⁹⁷ O santeiro pensa num caminho para a religião que a desvincule de interesses espúrios, separando-a do comércio e da sua instrumentalização com vistas ao poder:

...Lembra-te, amigo Bê Martins, um dia me disse persuadido: “Ajude Santa Maria da Vitória”. Canudos era uma tapera e um dia uns vendeiros deram-lhe um novo destino. E tu, Bê Martins, implorou-me convencido: “Faça um milagre também e como Canudos, Santa Maria da Vitória crescerá no seu comércio, virão de todas as partes em busca da salvação e trarão o dinheiro [...] Quase fui tomado, Bê Martins, pela tentação e pensei: Por que não deixam os Santos serem donos de si mesmos?”³⁹⁸

Duas vezes aqui se fazem notar: a do comerciante, que demole o mito do Conselheiro-Santo, colocando Canudos como um acontecimento sócio-econômico que dinamizou a economia local; e a voz do santeiro, que exorta os coronéis a desvincularem a fé dos interesses políticos e comerciais.

Todos estavam pasmos, Bizinha de Ouro arvorou-se:

– Seu João, eu te digo: manda essa mulher e esse menino embora de sua casa, de Santa Maria da Vitória. Eles farão a desgraça de todos nós.

O velho João Imaginário sorriu, rodou em si mesmo tranqüilo, entrou para dentro, e logo voltou com a criança nos braços.

– Aqui está ela! Quando Jerusalém se viu estremecida no seu poderio, um velho rei pensou: “É preciso acabar com a juventude para salvar o meu reino”. E matou os inocentes. Ele está aqui em meus braços à vossas ordens e poder. Para vós, – doutor Alvarez, que tem o poder do governo e da lei; para vós também, os Magalhães de Correntina e os Alfonsos do Corrente, que sempre tiveram a carta e a ordem vinda de cima; para ti, Bê Martins também, mudado na condição... E a ti também, Bizinha de Ouro. Nasceste pobre e desvalido. Desconhece, cabe ser o mais cruel, e aqui está o menino.

³⁹⁶ BOURDIEU, 2005, p. 45.

³⁹⁷ BOURDIEU, 2005, p. 60.

³⁹⁸ P.C., p. 90.

Executa a punição para a segurança procurada nesse pavor de vós, pedindo vingança.³⁹⁹

O personagem desconstrói a postura de superioridade de alguns de seus interlocutores, apontando sua origem humilde, ao passo que coloca em xeque a própria histeria daqueles ante a inocência e fragilidade da criança que detém nos braços, disponibilizando-a para seus algozes.

A criança, estranhando as pessoas, começou chorar. Dilu, apreensiva, chegou à porta da sala. Trigueira, ativa, tinha a cabeça levantada como uma pomba selvagem assanhada pela ninhada.

– É ela a mãe! – apontou Jove de Magalhães endoidecido pelo inesperado.

Seu João Alves de Sousa, como se nada tivesse acontecido, tomou a criança e foi levá-la para Dilu Brotas. E tudo se paralisou no acontecido. [...]

Nos estaleiros do Tamarindo de Cima mudaram-se as conversas e como do seu feitio, Zé Bocado começou desenterrar lembranças e estas cresceram deformadas. Alarmantes até o dia que estourou a última notícia.

– Seu João Imaginário botou os papéis de Casamento no Civil, e mais!... Cortou as suas barbas brancas de santo e de profeta...⁴⁰⁰

O primeiro parágrafo da citação tem, por seu lirismo surpreendente, a capacidade de suspensão momentânea da tensão presente na cena. A imagem apresenta de forma relâmpago e com alta tensão poética a personagem Dilu, em sua total dignidade e beleza. O efeito relacional, Eu-Outro, provoca um sobressalto, pulverizando identidades preexistentes em sua fixidez e como consequência observa-se uma distensão no ser rígido dos coronéis e agregados, cujas certezas foram sendo abaladas ao longo da argumentação de seu João. A frase “E tudo se paralisou no acontecido” mostra muito bem esse ponto de virada, em que João Imaginário consegue desmontar uma operação de exclusão movida por forças pré-lógicas, engenhosamente articuladas. Elas representam esse trâmite do aleatório referendando as mistificações que tornam o Estado brasileiro refém de minorias que o tomam de assalto, privatizando as instituições estatais que colocam a serviço dos interesses de grupo. A última parte da citação marca

³⁹⁹ P.C., p. 91.

⁴⁰⁰ P.C., p. 91-2.

a ruptura do tempo mítico e a instauração do tempo cronológico, sujeito às contingências. O “santo” desce do pedestal para finalmente enfrentar a finitude. Acaba por rasgar o discurso artificioso que serve de emoliente à política de vampirização desenvolvida pelos coronéis. Mostra a todos que é apenas um mortal, indo na contramão da política desses chefes, baseada na tradição e na propriedade. Esses resguardam como a um tesouro toda a sorte de crenças, cuja sobrevivência é vital para a manutenção da estrutura de dominação das populações. Enquanto os miseráveis se perdem num devir nebuloso, abraçando a certeza de uma imortalidade condicionada a uma vida de privações e sofrimento, os donos do mundo ficam livres para cuidar dos problemas temporais e ampliar os seus domínios.

VI O Ser no pasmo, redobrado aprendizado no maravilhoso

O narrador abre parênteses para contar uma história dentro da história, a do velho Cipriano Acendedor-de-Lampião, um pescador de grande habilidade, cujos ganhos não davam para sustentar a família numerosa. Com a modernização da cidade, após o advento da República, a mesma foi cercada para evitar que animais pastassem pelas ruas e praças. Foi então criado o sistema de iluminação pública a querosene e Cipriano passou a ser o acendedor dos lampiões. Com a volta do Coronel Tônico Alfonso ao poder, sendo contrário à modernização, este mandou arrancar as cercas, para que os animais retornassem às ruas da cidade. Mandou também destruir a iluminação, fato que deixou Cipriano desempregado, pois não queria voltar à antiga profissão.

Meio alucinado, andava pelas ruas com a pequena escada de acendedor nos ombros. Encostava-a em qualquer poste onde deixassem, e logo era cercado pelos meninos e meninas que procuravam ouvir as histórias dos bichos encantados que viviam nos rios e nas trevas das horas mortas: dos minhocões, dos caboclos d'água, dos caiporas e das almas penadas virando tudo – flor, passarinhos, luzes, fugindo e se escondendo por detrás das estrelas do caminho de São Tiago.⁴⁰¹

⁴⁰¹ P.C., p. 93-4.

O lirismo em Osório constrói um mundo de puro encantamento, como se os mais humildes seres que aí transitam compensassem a iniquidade a que são submetidos por um tipo de transcendência através do viver na fronteira da morte, de braços com a beleza aguçada pelo desprendimento. Trata-se de um ato de coragem, de resistência contra a opressão que diz: vocês, os ricos e poderosos perdem sua vida. A vida é trilhar a beleza possível, arte possível de viver que esquece a fome, para sonhar com pássaros, flores, viver nas estrelas. Fome que deixa a alma e o corpo leve, para que a vida leve, leve, em constante vir a ser, enquanto os ricos, devoradores, por excesso de peso não alçam o vôo. Permanecem no enjôo, paralisados na incidia que é ufanar-se em dono da vida, no ato mesmo em que a perdem, deixando passar o momento que flui em sua beleza exaltada. O personagem Cipriano traz a escada, símbolo ascensional com que há de estar mais perto do céu. É soberano em sua corte feita de sonho, pureza, crianças. Será ele o alucinado ou os coronéis que matam, matam-se. Algo nocivos, perderam-se no caminho. Querem ser donos dos outros, quando não podem ter nem a si mesmos. O narrador vai além das metáforas, criando imagens de força a partir da experiência de estar colado no mundo. Ele se aproveita dessa potência configurada na justeza das palavras, mas tenta ir além das palavras para recriar o mundo através de imagens que em sua beleza têm a força de redefinir, de lançar na contingência uma nova dizibilidade, pretendendo um esclarecimento. A arte assim se apresenta como conhecimento e superação de limitações. O acendedor, pelo que se depreende, tem suas dificuldades, seus algozes, capazes de não deixá-lo se abancar em qualquer poste. Há por certo quem o tema. Com seu viver “turbulento” provoca primaveras. Apresenta-se como um ser explosivo, subversivo, poder-se-ia dizer rompendo o cotidiano das idéias mortas, que deixa o homem escravo, louco ou domesticado. E, Cipriano Acendedor-de-Lampião é um desses personagens em estado de devaneio, que crescem na narrativa para rasgarem a cena com lapsos de lucidez, apontando o ridículo da ordem estabelecida. O fim trágico da família de Cipriano resume em parte a história do povo sanfranciscano, nordestino sim.

O infortúnio de Cipriano não tinha fim. As duas filhas aguadeiras foram levadas rio abaixo por um barqueiro de Petrolina; os dois rapazes se alugaram numa barca e ser remeiro era como se as criaturas perdessem a condição; os dois menores já pescavam, e ajudavam, mas veio a reculuta do Vianinha e foram para as tropas de Canudos e nunca mais. Ficaram os três

menores. A mulher para ajudar fez farinha de mucunã, mas perdendo a contagem da lavação se deu o pior: envenenou-se com os filhos e a tragédia do velho Cipriano perdeu-se na miséria de Santa Maria da Vitória como sendo uma fatalidade prometida por Deus.⁴⁰²

Então, deu-se o inesperado. A mangueira de seu quintal, no topo do Tomba Surrão, era avistada de longe. No tempo de sua filharada nunca conseguira ter suas mangas amadurecidas, pois eram previamente devoradas pelos meninos famintos. E agora, que todos se foram, a surpresa:

Um ano depois a cidade alvoroçou-se com um espetáculo inesperado; a mangueira de Cipriano Acendedor-de-Lampião estava carregada de frutos maduros; uma chita de ouro enfeitando o cocuruto do Tomba Surrão. Cantarolando, velho Cipriano desceu até o cais com um saco cheio às costas e como se fizesse uma oferenda, jogava as mangas no rio e gritava um nome.

– Velho Cipriano enlouqueceu de todo – e assistiam penalizados enquanto ele ia chamando:

– Atanázio de seu Faustino, Zé Preto, Pedro Neves de seu Maurício Banda Vermelha, Pedro Castro, Quinca Caxeiro, e para cada nome atirava uma manga nas águas e voltava contente para voltar com nova carga. E ia repetindo:

– Ovídio Galo Cego, Antonio Couro Cru, Maximino Botão Crispim, Nelson de Sá Maria Eugênia, Medrado Voluntário, Pedro Afonso... e a safra da mangueira do velho Cipriano era pouca para todos os moços que se foram para sempre de Santa Maria da Vitória.⁴⁰³

O personagem encarna a tragédia sua e de seu povo, com a forma brincalhona dos loucos, ou poetas, olharem para o infortúnio com uma serenidade que redime o sofrimento no ato de ser leve. Poder-se-ia dizer que o fazem com rasgos de eternidade que fazem o sábio sorrir e dizer aos homens: olhem o que fazem, a vida está a se perder, Santa Maria da Vitória perde seus jovens. O que há de mais querer para fazer gritar fracasso do modelo? Ele seria o louco, ou a própria lucidez na forma do oráculo? A imagem da mangueira iluminada, “uma chita de ouro enfeitando o cocuruto do Tomba

⁴⁰² P.C., p. 94.

⁴⁰³ P.C., p. 94-5.

Surrão” caminha na direção dessa composição outra, simbólica, que fala evocando sensibilidades, para dizer que a chamada razão é um desastre. As histórias que Cipriano contava para a criançada, trazendo um conhecimento dos “mistérios da vida”, serviam de inspiração aos carranqueiros, ao esculpirem as carrancas que iriam proteger a proa das barcas, contra os perigos vindos das águas.

As narrativas de Osório Alves de Castro carregam esse espanto do homem ante o nada. Estão repletas de surpresas. Num momento captam-nos com o fulgor da mangueira reluzente no alto, com a força de um cometa lançando um fecho de luz na paisagem, escancarando uma janela para o maravilhoso. Em outros momentos, observa-se a transição brusca das coisas, os poderosos em movimentos de ascensão e destronamento. O Major Conrado Sessenta, foi esmagado pela enorme barca, a “Século Vinte”, sob cuja quilha se atirara agarrado ao neto, durante a solenidade do seu lançamento às águas. Os Alfonsos, cruéis e dominadores, estão falidos, “Os Alfonsos, arruinados, entram num estado desolador de decadência: vendiam tudo, rezavam, bebiam cachaça. Só um estava de pé, medroso e avarentado.”⁴⁰⁴ Coronel Bê Martins estava em alta, se tornou “um dos guardiães das sete chaves do Tesouro Sagrado” da gruta de Bom Jesus da Lapa. Essa sucessão dos poderosos de plantão aponta para o fluxo devorador e renovador da vida, sempre em transformação. Para o leitor de primeira viagem em *Porto Calendário*, a narrativa já vai avançada, alcançamos a primeira centena de páginas e o foco da história claudica entre uma e outra personagem, numa sucessão indefinida. Procura-se um herói, a ocupar a ribalta, mas não há heróis. É a própria vida que transcorre assim, contida em si mesma, apreendida na experiência de contato, “manuseada”. Heidegger fala desse ponto de emergência do mundo através da manualidade:

O modo de ser do instrumento em que ele se revela por si mesmo. [...] A visualização puramente “teórica” das coisas carece de uma compreensão da manualidade. O modo de lidar com os instrumentos no uso e no manuseio, porém, não é cego. Possui seu modo próprio de ver que dirige o manuseio e lhe confere uma segurança específica. O modo de lidar com instrumentos se subordina à multiplicidade de referências do “ser para” (Um-zu). A visão desse subordinar-se é a *circunvisão*.⁴⁰⁵

⁴⁰⁴ P.C., p. 105.

⁴⁰⁵ HEIDEGGER, 2005, parte I, p. 111.

Abrem-se assim novas possibilidades de interação e conhecimento dos fenômenos sem passar obrigatoriamente pela linguagem enquanto discurso e apreensão teórica da existência. Há outros tipos de saberes e inteligências imanentes ao próprio corpo se orquestrando com o mundo dos instrumentos, aprendendo com o instrumento o modo de ação apropriado, desenvolvendo uma *circunvisão*. Para este filósofo, “quanto menos se olhar de fora a coisa martelo, mais se sabe usá-lo, mais originário se torna o relacionamento com ele e mais desentranhado é o modo em que se dá ao encontro naquilo que ele é...”⁴⁰⁶ A vida, assim, está para ser olhada de dentro do processo de se viver, em sua substancialidade imanente, que vai aos poucos estabelecendo possibilidades endógenas de entendimento e variações. A profundidade parece assim brotar da superfície, no raso das interações, em uma atmosfera relacional que desentranha a profundidade que nasce à flor da pele e a ela retorna em experiência. Para José Gil:

É preciso calar a especulação filosófica, é necessário situar-se num ponto de silêncio (de onde jorra a visão), para compreender como a “existência” é ao mesmo tempo esse “sentido” no qual o ser se diz univocamente, e o que faz surgir a coisa nela mesma, na sua singularidade, despojada de qualquer significação.⁴⁰⁷

A estratégia do narrador do romance parece se pautar por esse deixar ser das coisas, pessoas e fenômenos, sem direcionar, tomar na intenção a pauta do discurso a fim de escrever um destino para o homem. Ele se porta como observador privilegiado, nesse “ponto de silêncio” em que deixa a vida acontecer. Mesmo seguindo um possível plano narrativo nas linhas de atuação das personagens e da ancoragem na história, em límpidas anotações à margem da história romanesca, a narrativa enviesa-se, multiplica-se em cachos de sentidos. Brota diferenciada, em seu impulso para ser única. Ela apossa-se de uma potência para ser, que aflora a muitas mãos no ato de modular a escrita, ela mesma alçando o vôo. O “ser para” da escrita, com “seu próprio modo de ver que dirige o manuseio”, causa erupções, movimentos tectônicos do interior do ser coletivo, ativando a memória arcaica que aporta saberes, visões lúcidas, inusitadas.

⁴⁰⁶ HEIDEGGER, 2005, parte I, p. 110.

⁴⁰⁷ GIL, José, 2000. p. 27.

Assim provoca efeitos de suspensão da paralisia, do total abandono a que foi relegado o ente humano na sociedade moderna, causando outrossim uma reação criadora, recriadora da obra, com reverberações no próprio ser do leitor. Para os que desacreditam nesses efeitos da fruição da obra de arte, podemos afirmar que ao menos no ato de leitura há uma suspensão da linearidade cotidiana. O ficcional aporta uma duração de tempo virtual no tempo do relógio, resgatando o leitor à correnteza corrosiva dos processos de *subjetivação*, que lhe impedem a ancoragem em *subjetividades*⁴⁰⁸ estruturantes do ser, possibilitando justamente esse reencontro com seus fundamentos. A obra de arte dá ao ser agônico uma sobrevida.

VII O herói engatinha, afia as garras para sagrar-se um crítico do mundo

A narrativa de *Porto Calendário* se faz presença nesse vórtice de elucidação do mundo sertão. Embalada pelos mitos, que tentam uma ancoragem na matriz do homem religioso, tem como foco de fabulação o ser diluído entre um passado fundador e um futuro remissor. O presente fica em suspenso. Essa operação tenta dar um sentido ao indefinível da existência. Também aí atuam os chamados do inconsciente coletivo, consubstanciados nos arquétipos, formando uma base pré-lógica. A vida transcorre tosca, num aprendizado que reproduz os padrões típicos: os ricos se agarram às estratégias de ter e para isso agenciam, ou são inconscientemente agenciados por definições bem marcadas pelos argumentos infalíveis da lei, da religião e da força bruta; os pobres redistribuem a miséria, reproduzindo nos filhos a arte de sobreviver nesse compasso de espera da misericórdia final, tempo de recolher migalhas, servir ao poder temporal e celestial, “sob a acusação de não serem ninguém”. A vida assim é esse permanente fluxo de interação: o homem não é, o homem está preso a sua temporalidade. Tudo se configura no rastro dos discursos, das narrativas. Dessa forma, João Imaginário agiu como contraponto ao obscurantismo que toma inequívocos fatos das relações sociais, dando-lhes fabulação aterrorizante, como no mito da negra Marta, relegando sua descendência à condição de seres amaldiçoados. O velho santeiro talvez tenha servido de pedra de toque ou ponte para vivências mais estáveis no âmbito da

⁴⁰⁸ O sentido dos termos *subjetivação* e *subjetividade* está em consonância com a discussão encetada por Hélio Rebello Cardoso, 2005. p. 188-9, e que será discutido mais detidamente adiante.

temporalidade, entendida como o tempo das relações críticas, em que os fatos não surgem por acaso, como de um encantamento, movido por forças das trevas. Há causas precisas que movimentam os transtornos: a miséria extrema também gera seus monstros. Quando se dirigiu ao grupo que fora a sua casa numa tentativa de queimar ou expulsar da cidade a “bruxa”, seu João tocou em pontos nevrálgicos das estratégias dos coronéis em aguçar o imaginário das populações, incentivando concepções fabulosas dos acontecimentos mais simples. Ele ousou desmontar publicamente seus artificios. Houve aí uma força de interação que se afirmou como amostragem do seu poder. O narrador deixa para o leitor imaginar as tramas em que se afirmam sua autoridade. O fato é que agora o vemos entre os convidados do coronel Bê Martins, compondo a mesa do banquete oferecido pelo coronel Tonhá, de Bom Jesus da Lapa, a todos os poderosos daquele vasto mundo. Entre eles vemos o legendário Horácio de Matos, da Chapada Diamantina. Comemora-se a festa do Bom Jesus. Nessa ocasião, os novos guardiões do templo recebem as chaves sagradas.

João Imaginário ficara entre o Major Guedes, um chefe de Umburanas, e o coronel Doca Medrado. Dali poderia ver o seu menino, um homenzinho na sua roupa azul-marinho. Quem diria!... entre o Coronel Antônio Cândido no seu traje de gala, e o cônego Esperidião Reis!...⁴⁰⁹

É a primeira aparição do “herói” Orindo Brotas. Note-se a transição da condição de perseguido e herdeiro da maldição, para o lugar que agora ocupa no almoço festivo, posicionado simbolicamente entre os representantes do poder temporal e divino. João Imaginário saudou Coronel Tonhá e o mestre Louro da Cidade Barra, por terem recuperado as imagens do Santuário. Foi muito aplaudido. Orindo também foi chamado a falar e declamou um poema ao São Francisco:

*Longe, bem longe dos cantões bravios,
Abrindo em alas os barrancos fundos;
Dourando o colo aos perenais estios,
Que o sol atira nos modernos mundos;
Por entre a grita dos ferais gentios,
Que acampam sob os palmeirais profundos;*

⁴⁰⁹ P.C., p. 107.

*Do São Francisco a soberana vaga
Léguas e léguas triunfante alaga!*⁴¹⁰

Um poema que fala do exílio, que um dia seria o caminho do menino e muitos dos seus companheiros, rumo a esses “modernos mundos” iluminados pelo sol. A gente bravia metaforicamente pode ser essa vaga do velho rio que alaga com suas águas, com sua gente, terras para muito além de suas margens. Veja-se a reação a essa declamação:

...quando terminou, o frenesi dos velhos coronéis tornou-se alucinante.
[...] Coronel doca Medrado chegou até o pequeno, enrolou-lhe a cabeça com suas barbas brancas e predisse:

– Serás um homem tão grande como Manuel Martiniano, como o Cotegipe.

Comovido *seu* João Imaginário abraçou o filho chorando:

– Serás um homem, meu filho. São Bom Jesus te ajudará.⁴¹¹

As relações no sertão seguem essa instabilidade. Hoje aclamado, amanhã enxotado, hoje amigo, amanhã trançados na faca, nas guerreações. A própria arrumação da mesa do almoço levou em consideração a presença de antigos desafetos, evitando uma proximidade que viesse a causar atritos. As relações se dão à flor da pele, na exterioridade do espaço tangível como fricção, interação do distante, evitando o amálgama ou entrelaçamentos duradouros. Como pensa Deleuze, a subjetivação se dá na órbita da conjunção que articula a multiplicidade.⁴¹² Mas essa multiplicidade interior a uma cultura envolve interfaces de um mesmo agenciamento. As subjetividades elegidas não passam de papéis contínuos estabelecidos culturalmente e que serão seguidos condicionalmente, sob a aparência de liberdade e livre escolha. Os movimentos autênticos parecem ser mínimos.

Assim, o papel do homem bruto, dominador, é seguido à risca. O outro não é um ser da mesma carne. É erigido no asco, suspenso momentaneamente enquanto se pode angariar vantagens. A paz aqui seria uma pausa alicerçada na conveniência, atrito nas entrelinhas ganhando posições no discurso enquanto não se vai de fato às garras.

⁴¹⁰ P.C., p. 115.

⁴¹¹ P.C., p. 116.

⁴¹² DOMÈNECH *et al*, 2001, p. 122.

Digno de nota é a presença dos jagunços de cada coronel em um segundo plano, confraternizando, eles que em muitos momentos já estiveram em lados opostos das trincheiras,

Muitos deles já tinham se defrontado em tiroteios sangrentos, mas o jagunço só se torna inimigo de outro quando luta por conta própria.

Cada qual procurava engrandecer o seu amo, quanto à fortuna, à quantidade dos armamentos e das mortes.

– Uma coisa é carecer, outra é manifesto, eu digo: juntando todas as mortes que estes nossos amos têm mandado fazer, dava para construir uma vila tão grande como Pilão Arcado.⁴¹³

Impera a ética da brutalidade. O jagunço teria um déficit de ser a preencher vicariamente na órbita de um mandão. A própria estatura do jagunço oscila na proporção do poder que goze o chefe. Note-se o uso da palavra “amo”, a relação é de total submissão.

Passado algum tempo, vamos encontrar Orindo na escola, onde revela a integridade do seu caráter. Em poucas palavras, o narrador faz o retrato de Otílio, o diretor da escola: “– Gosto é de rosas-amélias, vocês sabem. Nunca mais me tragam cravos brancos, detesto esse perfume oleoso.” Aí está a figura afeminada, nevrótica, personalista, “orgulhava-se de ser a pessoa mais elegante da pequena cidade”. Ele aplica seus princípios e normas com rigor condizente com a posição social do faltoso. Seu lema era “...instrução e ordem. Isto seria rigorosamente aplicado, sem prejudicar certas particularidades internas exigidas pela condição social de cada aluno, tendo o pagamento no fim de cada mês, como base essencial do seu programa.”⁴¹⁴ Veja-se a relatividade com que barganha seu estar-no-mundo. Ele talvez seja a síntese corporificada da subjetividade móvel, sem raízes profundas, seguindo o rumo dos ventos, que aqui e ali faz com que os donos do poder tentem se manter à tona, administrando com presteza seus cabedais.

E Orindo presencia uma afronta que seus colegas bem aquinhoados fazem a um estudante pobre da escola, num momento de ausência do professor.

⁴¹³ *P.C.*, p. 107.

⁴¹⁴ *P.C.*, p. 116-7.

Empertigando-se, Joãozinho Borba ordenou: – Venha até aqui, seu Albertinho. Agora o senhor vai me responder. Você é republicano?... Não?

Albertinho conservou-se calado com a cabeça baixa.

– Outra: agora vai nos dizer quem é seu pai.

Albertinho enrubescou e continuou de cabeça inclinada.

– De onde vem esse Cunha do seu sobrenome?

(Como recurso ministrado pelas próprias mães, os meninos de Santa Maria da Vitória estavam armados com os mais variados escândalos íntimos, para se digladiarem).

– Ele foi feito numa moita de Peixoto na Quixabeira, a troco de três côvados de chita.

– Responda-me, quem foi seu pai, seu Albertinho?

Sucumbido, com a voz trêmula pela humilhação, respondeu chorando:

– Meu pai é Deus!

Estourou uma gargalhada sacudida pelas batidas das réguas nas carteiras.

(Nos sertões do São Francisco, Deus é o pai de todos os filhos naturais).⁴¹⁵

Assim, as crianças das famílias humildes são rebaixadas, desde cedo, em sua auto-imagem perante o mundo. Orindo, também envolvido no episódio, não se deixa dominar. Parte a cabeça do agressor, bem maior que ele, com uma régua pesada, feita de jacarandá. Com isso é expulso e recambiado exemplarmente a seu domicílio, com direito a cortejo pelas ruas da cidade, ele desgrenhado e abatido, seguro por um sargento. O personagem mostra sua personalidade forte. Com apenas dez anos enfrentou um rapaz de quinze, botando para correr os demais que o assediavam, todos de classe abastada. Assim agindo, realizou um cruzamento de fronteiras perigoso, na ordem dos aprendizados. Os que são treinados para dominar foram submetidos por aquele que estaria no molde da subserviência. A retirada momentânea do diretor da escola proporcionou um regime de flutuação das normas estabelecidas. Desta forma tivemos uma amostragem das regras que movem a formação naqueles sertões. De um lado vemos o aprendizado da truculência orquestrado pelos que mandam. De outro, observa-se a didática da submissão, administrada pelo próprio diretor da escola. No falatório dos meninos ricos, pairou um desdém pelo momento de notoriedade que Orindo desfrutara por ocasião da festa do Bom Jesus da Lapa. É essa a norma que rege as relações sociais: os que não possuem bens materiais e reconhecimento não devem ultrapassar os seus

⁴¹⁵ P.C., p. 118.

limites. Isso paira como uma interdição. Os pobres estão aí para servir e se contentar com a miséria, não para ocupar um espaço que pertence por lei universal aos possuidores. Assim é sonogada qualquer possibilidade de vir a ser. Isso se transforma numa regra de ouro, estabelecendo fronteiras entre os homens.

Os acontecimentos que atingiram Orindo precipitaram a decadência de João Imaginário que sofreu um derrame. O menino de início era proibido pelo padrasto de se envolver com os trabalhos de produção dos santos em sua oficina. “De maneira nenhuma aceitava a hipótese de que o filho viesse a ser um santeiro”⁴¹⁶ O “pai” talvez sentisse a farsa de que era protagonista e não desejava semelhante destino para o enteado. Este agora, com sua doença, ganhava liberdade para fazer o que desejasse. Começou por concluir alguns trabalhos já iniciados pelo santeiro e saiu a vendê-los, conseguindo também barganhá-los por mantimentos, até que:

– Seu Martiniano Lino, não quer comprar um santo?

Depois de ajeitar os óculos, Martiniano Lino puxou a toalha e espantou-se:

– Menino, onde encontrou este Jesus Cristo? Parece ter metido a imagem num banho de sangue. Todo vermelho assim, que Deus me perdoe, parecendo uma erisipela! [...]

Martiniano repôs a toalha, benzeu-se e agitou a mão [...]

Poucas horas depois a notícia se espalhava, sacudindo o torpor da pequena cidade.

– Vi com estes olhos! É uma blasfêmia. Nunca se viu Jesus Cristo daquele, tão magro, tão doído, feito a propósito.

– Sabemos da tal Dilu, gente, a mãe, passa a vida embiocada repassando a feitiçaria nos achados prau mal dos outros; coisas feitas com intenção acreditada. Fazer um Jesus tão magro, doente, malefício.[...]

À noite o caso se agravava: Martiniano Lino fora acometido de uma dor no peito, foi perdendo o fôlego e ficou branco como um madraço. Quando disseram a Vitorino médico ter ele avistado o santo, Vitorino começou a se benzer. Ele que conhece doenças! [...]

– Lá vem o menino do Jesus Cristo!

⁴¹⁶ P.C., p. 123.

– Aqui tem, Maria Virgem. Crianças inocentes, afaste de nós, ó menino!⁴¹⁷

Os fiéis reagem ao símbolo que marca o quão sofrido está o Cristo, diante da infidelidade dos homens. Não aceitam mudanças nos padrões de representação. Interiorizaram uma imagem, e para seu conforto, para que não tenham dispêndio intelectual, fica aceito somente aquilo para o que a cultura produziu adestramento. O que foge aos parâmetros passa a ser condenado. E a hostilidade por parte da população volta-se contra Orindo e sua mãe. Seguindo a iconografia de Panofsky⁴¹⁸, podemos afirmar que a temática cristã do homem deus, figurada pelo jovem aprendiz de santeiro, chega a uma realização subversiva dos motivos. Ele foge aos padrões convencionais aceitos pela cultura ao extrapolar o grau de sofrimento impingido ao Cristo. A imagem excessivamente magra, o corpo transformado em chaga, aproxima-se daquilo que Panofsky chama de arte como sintoma, que pode revelar, por trás da intenção autoral, a problemática social, no caso, o dilema de uma sociedade que se extraviou. Simbolicamente, trata-se de uma sociedade que continua a flagelar o deus, em suas atitudes desmedidas. As cenas mostram que houve o chamado estranhamento ante a novidade da representação, obrigando as pessoas a uma atualização do repertório. A saída do impasse deu-se, como se verá, nos moldes já consagrados pelos preceitos conservadores: acusações de blasfêmia, bruxaria, maldição, assim como suas resultantes de perseguições e punição exemplar aos infratores.

Nesse ínterim, o velho João Imaginário falece. O povo comovido invade sua casa. O velho beato foi pranteado por toda a cidade, que o tinha na condição de santo. “– É um morto suspenso sobre seu destino sentido na santidade angustiada que está lá...”⁴¹⁹ Observa-se na narrativa essa tendência do nordestino em transcender a problemática cotidiana, buscando ancorar o ser na possibilidade de uma salvação, superando os desastres através da realização mística da existência. E aí se tem um duplo aporte. De um lado, os que nada têm buscam suprir a falta com a plenitude do ser que se resolve como projeção para além da vida. Do outro, vemos os que usurpam os pobres, negando-lhes as condições mínimas de realização enquanto seres humanos. Aí, a religiosidade talvez seja sobrevalorizada por conta de um vazio de ser, sentindo reverberações da

⁴¹⁷ *P.C.*, p. 124-6.

⁴¹⁸ PANOFSKY, 1995, p. 19-37.

⁴¹⁹ *P.C.*, p. 126.

memória ancestral, em que o homem se resolvia no seio da coletividade, numa atitude de respeito e veneração à natureza. Esse distanciamento do ser coletivo imprime um sentimento de culpa que os possuidores tentam resolver pelo assistencialismo, doações à Igreja e também por uma fé conturbada. São afinal seres fragilizados que tentam suprir sua enorme falta com a acumulação desenfreada. Temos aqui um ser que mata e se benze, numa situação limite. Um ser que usa o misticismo como estratégia, mas que diante do fervor alheio se dobra sobre si, relativizando a descrença ou acreditando na própria mentira. A idéia do “morto suspenso sobre seu destino” sintetiza bem a força dos agenciamentos. A vida e morte do santeiro sofrem esse impacto do imaginário buscando o extraordinário como explicação e fim da existência.

O coronel também encorpa um ser de fronteira. Entre a religiosidade e a ambição, premido pelas forças que se revezam no poder local, estadual e nacional, está sempre no limiar, sentindo tendências para tirar proveito: seja de uma possível eternidade, seja da manutenção e ampliação do poder temporal. O narrador bem resume o que é ser coronel, “...um Coronel está sempre com seu governo.”⁴²⁰. Ele se coloca como um intermediário entre as populações do interior e os que têm o poder de mando e a chave dos cofres. Essa relações se estendem a todos aqueles que podem aplinar o seu caminho, seja o padre ou qualquer outra autoridade. O coronel é um ser se avizinando do ter e aí é capturado em sua gula. Quanto ao jagunço, o narrador em sua clareza o define como “conseqüência de serviço num sonho de ser gente.”⁴²¹ Ele mata, mas o que busca é um reconhecimento, que advém pela presteza e bravura com que o serviço é prestado ao seu senhor. Ele também é fruto de uma falta em busca de uma plenitude, tentando pertencer a um grupo, que faça dele um ser publicamente reconhecido.

É nesse contexto que o “herói” vai tecer seu aprendizado das relações, estabelecendo-se enquanto consciência crítica que lhe permite um fora quase absoluto. Ao longo das narrativas encontraremos pistas a insinuarem suas muitas leituras como causa de sua atitude meditativa e constante deslocamento ante os chamados do mundo. Por certo essas serviram de fundamentação a uma sensibilidade que o colocará à margem dos agenciamentos que regulam dominantes e dominados.

⁴²⁰ P.C., p. 134.

⁴²¹ P.C., p. 143.

VIII O ser e o sonho, a alegria dos humildes preparando a queda

Também os pobres-diabos vivem nessa fronteira entre a falta e o impulso interior para ser, o que os torna sensíveis ao mais leve sinal de reconhecimento que possa recuperar e afirmar uma auto-imagem positiva. E essa ânsia pelo preenchimento do vazio vai levar Pedro Voluntário-da-Pátria e sua filha Aninha a percorrerem o espaço exíguo entre o sonho e a queda que os conduz à ruptura em efeitos inesperados.

Pedro Voluntário-da-Pátria tinha os olhos parados como um nó. Não podia desviar. Aninha, sua filha, era a Liberdade. [...]

O carro passava diante da Casa Grande dos Alfonsos. Pedro Voluntário não era mais nada, não sentia nem o sapato roendo-lhe os pés incendiados. Era só o ajuntamento das lembranças como um caminho sem fim, como o rio. O rio lá embaixo correndo também não vê o Dois de Julho dos grandes, nem a farda de chapéu de bico do Major Bizinha [...]

A música o acordava, estavam entrando na praça do Conselho. Zidorim Alfonso lhe disse: “Você é um comandante”. [...]

Aninha, lá em cima, bonita como uma princesa, sangue do seu sangue. Sentia agora voltar os dias passados. A guerra tinha acabado e desfilavam pelas ruas da Corte. D. Pedro II era branco como Coronel Severiano Magalhães e tinha a mesma barba, parecidos. O povo gritava: [...]

O carro passou, e Aninha olhava para trás como se pedisse: “Pai!” Compreendia a liberdade. [...]

O préstito parara e Pedro Voluntário, nas suas confabulações, nem viu quando levaram Aninha...⁴²²

Pedro Voluntário entra numa espécie de transe. Seu mais forte desejo, a ascensão a uma dignidade em que fossem reconhecidos seus méritos de herói da Guerra do Paraguai, é momentaneamente realizado. Sente-se recompensado ao ver a filha desfilando em carro aberto, ante a admiração da população que lotava as ruas da cidade. Retorna ao momento fugaz em que experimentara a glória de desfilar ante o imperador. Passa por um processo de transmutação em que se apaga o ser miserável e desconhecido. Nem mesmo sente a dor dos pés apertados no sapato. Ressurge em sua integridade, cheia de esperanças, num momento anterior ao revés, em que o herói retornara com suas

⁴²² P.C., p. 148-150.

cicatrizes da guerra. Quando o narrador anuncia, “Pedro Voluntário não era mais nada”, refere-se certamente ao fato de ter-se descolado de sua identidade de lenhador miserável, imerso eternamente em suas lembranças do passado em que fora lutar contra Solano Lopes. No momento presente perde o contato com a realidade, anestesiado pela visão da filha que, para ele, chegara à glória de ser admirada em sua beleza e candura como uma princesa. Aninha também triunfa sobre o fato de não ser ninguém. Nota os olhares de todos, principalmente dos jovens cavaleiros que a seguiam. Mais tarde, depois do desastre, iria reviver esses momentos com certa ternura, tal fora a intensidade da experiência.

Da venda de João de França os rapazes puxaram para a rancharia defronte o velho Pedro Voluntário-da-Pátria, desacordado pelo álcool. Tinham um plano: roubariam a Liberdade.

Antes mesmo de amanhecer, o velho Pedro Voluntário-da-Pátria foi se recobrando. Cabeça pesada, pernas doendo e os sentidos despregados nos acontecidos. Olhou, era a rancharia. Apalpou-se, reconheceu a farda branca, a faixa verde e amarela amarrotada. Perdera as botinas... Tinha bebido demais! Levantou-se e saiu.

Mariona estava examinando o vestido branco de Aninha, amplo, com a sua variedade de pequenas estrelas prateadas.

– Onde está Aninha?

Mariona não respondeu. Cabeça baixa, apalpava o vestido como se procurasse fugir de uma angústia.

– Onde está Aninha?

– Chegou chorando. Foram todos pai... Os moços ricos.⁴²³

Depreende-se aqui o plano de negação das possibilidades de ser que passa irreversivelmente pelas relações do Mesmo com o Outro. O grupo dominante ou de referência, como vimos anteriormente, outorga-se poderes e estabelece valores numa escala que contempla o reconhecimento apenas dos indivíduos a ele afiliados. Os que não pertencem à classe dos eleitos, no caso as populações abandonadas nas sertanias, vão ser tratados como animais de serviço. Serão manipulados na articulação de soluções políticas, na esfera dos mitos ou simplesmente como objeto sexual, dando livre curso às taras.

⁴²³ P.C., p.152-3.

Quando suas duas primeiras filhas se perderam, Pedro Voluntário as esbofeteou e disse: – “Fora sás cachorras. Vocês me desonraram”. A terceira não, era a sorte. Quando viu Mariona no caminho da lenha com um negro, escondeu-se e conformou. Aninha fora estuprada e tinha somente 14 anos. Lembrou-se de Zé Bebem e foi cobrir a filha com o vestido rompido.

No outro dia Santa Maria da Vitória comentava. Viram o fim da Liberdade? Coronel João Alfonso tinha razão: os moços são homens e sempre foi assim...⁴²⁴

Observa-se a seqüência do aprendizado do ser-pai-sertanejo, que se desloca da atitude rígida do pai que exige que as filhas mantenham-se virgens até o casamento, para uma posição de relatividade e compreensão de que elas seriam vítimas da opressão de uma cultura machista. Nesse contexto o homem tem o direito e é reconhecimento publicamente pelo exercício de suas prerrogativas e deveres de varão. Esses agenciamentos discursivos excluem evidentemente o desejo feminino. Assim podemos aquilatar o dilaceramento do ser do personagem Pedro Voluntário. Ele transborda para além de si, movido por um violento impacto. Esgarça o ser rígido que vive à sombra de uma concepção de honra, assumindo enfim uma compreensão aberta e ampla dos processos vitais e sociais, confirmada na ternura com que embala Aninha, um ser também deslocado de seu centro por tudo que lhe sucedera nas últimas horas.

Aninha debatia-se num espaço sentimental, uma vontade de repetir tudo naquela mocidade assediada de chamados. Corria atrás dos sonhos como corria atrás dos passarinhos na várzea.

– “Vamos pegar fogo – pagou de asa quebrada!... Se a gente tivesse asas como os passarinhos!” (os meninos todos pensam que um dia poderão voar). Era tão bom ir bem no alto do carro, o vento, os olhos, todos aqueles moços com seus cavalos... E quando a luz elétrica do Coronel Kelemente acendeu, ela nem viu. Tava rindo do palhaço lá embaixo, com a cara pintada de tinta branca. Depois foi aquilo, ela foi a Liberdade, tinha vontade de viver, tinha vergonha e queria repetir, caminhando como o carro do Dois de Julho, cantando o hino.⁴²⁵

⁴²⁴ *P.C.*, p. 153.

⁴²⁵ *P.C.*, p. 154-5.

O grande Outro, indefinido, fizera seu trabalho. Esse ser em apuros, carregando lenha como animal de carga, sem o direito a um olhar que não fosse fruto da concupiscência despertada por suas formas de mocinha que se arredondavam, tivera seu momento de esplendor. Ela fora a Liberdade, assemelhada por uns a uma princesa e fruto máximo do desejo, enquanto outros associavam o branco e as estrelas prateadas de seus trajes a uma santa. Fora engolfada nesse turbilhão de emoções em que transitara do ser-ninguém para uma ilusão deformadora do que é o estado de ser-no-mundo, mas que na cabeça da jovem adquirira a força do cruzamento de fronteiras. Por momentos trilhara o caminho da anulação e total negatividade para o centro do seu mundo e além deste, para brilhar no firmamento da ilusão. Vira o mundo do alto e fora vista pelos “súditos” e admirada. O vestido branco com estrelas prateadas doara-lhe o objeto necessário, conforme argumenta Domènech⁴²⁶, seguindo as pegadas de Serres⁴²⁷, para que vislumbrasse uma subjetividade, a chave para uma personalidade marcante. Depois veio a queda, “fogo-pagou de asa quebrada”. Mas, apesar do espanto, o que ficara do sonho mostrou ser maior que o pesadelo, estabelecendo-se como um aprendizado. Provocou um deslocamento do ser para tornar-se outro. O abalo por certo aquietou-se no inconsciente tendo em vista a realização da fêmea adorada: “Era tão bom ir bem no alto do carro, o vento, os olhos, todos aqueles moços com seus cavalos...”. Ela representa a deusa da fertilidade em sua carruagem nupcial, conclamando os pretendentes, “os meninos todos pensam que um dia poderão voar”. Ela alçou o vôo para além de si. Foi simbolicamente a fêmea, como a concebia o poeta Ovídio, que com seus uivos e chamados atrai é o macho que a irá possuir. A sua candura e deslumbramento, vestindo ares de princesa, não deixou de despertar a lascívia nos herdeiros do poder coronelista.

Na seqüência, Pedro Voluntário parece ter entrado numa outra dimensão, a bem de diluir-se entre as coisas do mundo, num tipo de encantamento em que tudo ganha vida. Conversa com uma árvore morta que tantas vezes vira florida e que vai, nesse tempo de passagens e transgressões, finalmente cortar. Conversa também com o machado, companheiro de longas jornadas na busca do sustento da família:

O pai ia longe. Estava mudado, penitente, zanzando, os olhos soltos no ar. Velho Pedro miudava os passos, conversava alto embrenhando no

⁴²⁶DOMENECH, 2001, p. 128.

⁴²⁷SERRES, 2003.

carreiro acipoado. Fervilhava recordações debatendo firmeza. Coisas passadas aglomerando assuntos, persistindo como um calo de serviço. “Que pode me restar da vida? Obrigação. Venhamos. Gosto de falar consigo, machado, olho a olho. [...] Você não era meu amigo nesse tempo. Era o fuzil. Quantas e quantas vezes conversamos também... Mas tudo ficou pra trás. Lembra também de Bezinha, minha mulher? Quando fazia feijoada, dizia: “Velho, o osso do corredor para você”. [...] Coitada de Bezinha! Morreu, ficou dura, branca como um monte de cal no luar. Se ela fosse viva perguntaria: velho, veja só o que eles fizeram com nossa filha! Mato. Enterrarei o teu corte na cabeça de malvado e você, como eu, sentirá o doce da vingança.

Golpeou os cipós com o machado, apalpou o tronco e falou comovido:

– Pau d’arco, se eu pudesse não lhe derrubaria. Mas você está morto. Irei também com você. Não tardará, sei, me diz pressentimento pensado.

O tam, tam, do machado começou bater seco, compassado e só o rangido dos serra-paus misturava-se no compasso dos golpes. Na cabeça de Pedro Voluntário-da-Pátria o tumulto dos diálogos perdia-se nos abismos. A história era-lhe como a cachoeira grande do Rio das Éguas, despejando-se na terra negra polvilhada de ouro e húmus. Lascas voando como pequenas moscas douradas e o cheiro balsâmico da madeira ferida, aliviando o delírio. O velho tronco bambeava. Ritmando saltos batidos no vaivém do corpo suado, cabeça branca, o tórax nu, osso e pelo na sua briga agitada vencida na morte.

– Depressa, eles poderão fugir.

Estrondando, o tombo da árvore seca misturou-se com um gemido surdo, perdendo-se no silêncio da mata.⁴²⁸

O velho Pedro faz uma retrospectiva alucinada. O tempo da memória acelera-se. E todo aquele diálogo interior que travara consigo desde jovem ressoa simultaneamente num turbilhão. Num lapso, revive o tempo múltiplo e simultâneo dos moribundos. A vida do velho lenhador retorna em perspectiva, mas parece estancar no pasmo do presente. Aponta para o futuro apenas criticamente, enquanto alerta de uma falha que deve ser corrigida. Se, para Aristóteles, a “substância” toma o sentido do *agora*, uma certa presença em que repousa a idéia do tempo, que garante a permanência, tornando o

⁴²⁸ P.C., p. 156-9.

passado e o futuro contínuos,⁴²⁹ para Bachelard, o tempo é descontínuo. Está contido no instante, rompendo com o passado e a idéia de futuro⁴³⁰. Para Bergson, a multiplicidade e simultaneidade apontam para uma duração onde passado e futuro estão unidos indissoluvelmente⁴³¹. Já em Pedro Voluntário, o passado turbulento de suas eternas recordações morre na miséria do presente. O tempo virtual do passado fornece substância ao presente que torna-se um grande vazio. Agora, mais vertiginoso do que nunca, devido ao delírio, vem-lhe a existência cheia de enganos, povoada pelas grandes mentiras de sua pátria, a quem se doara sem receber o devido reconhecimento. Tudo teria ficado apenas nas promessas do governo. Passara por um bronco de idéias fixas que, no entanto, soubera olhar além do pequeno mundo de Santa Maria e, sobretudo, amar o seu país. Mas a vida apequenara-se. Não conseguira existir além de si e do círculo restrito de sua família, em que se debatia por uma sobrevivência. Percorre a linha bastante tênue que o separa do não-ser, a grande impermanência que parece mais visivelmente assediá-los aos pobres. Os possuidores procuram contornar esses limites assegurando-se em seus muitos cabedais.

Mariona encontra o pai esmagado pelo pau d'arco e entra numa espécie de delírio, que não perde, entretanto, a dimensão poética que transita entre a vida e o mito:

– Pai, você morreu mesmo de morte tão triste? Pai acabado assim por que, Deus do céu? Morto sem Luz.

A terra embebida de sangue atraía as moscas.

– É preciso de luz para as moscas deixarem os que morreram sem confissão.

Mariona pegou a capanga pendurada em um galho, tirou o binga e procurou acender fogo. Juntou as pequenas lascas, foi desfiando e as chamas – não tardaram – foram crescendo. Fez um pequeno facho.

– A luz pra iluminar o caminho do céu, praus mortos de Jesus. Pai escuta. Perdoe Aninha, pai. Eu também não tenho culpa, pai.

Ao redor o fogo alastrava-se. Mariona estava insensível: – Deus castigará todos, pai.

Feia, horrível, enrolada nos trapos, cabelos desgrenhados, olhos ensangüentados pelo pavor, sentia misturar no tumulto da tragédia a aproximação de um sonho. O incêndio a envolvia. Resistia no delírio. As

⁴²⁹ FELÍCIO, 1994, p. 2 apud ARISTÓTELES, *Física*, IV, 10, 217b, 32-218a 6; IV, 13, 222a, 10-12.

⁴³⁰ FELÍCIO, 1994, p. 2 apud BACHELARD, *L'Intuition de l'instant*, p. 21.

⁴³¹ FELÍCIO, 1994, p. 2 apud BERGSON, *O Pensamento e o Movimento*, p. 1409-16; 197-207.

seriemas cantavam ao longe, espantadas pelo fogo. Era um canto de homem ajudando Mariona morrer sufocada pelas chamas.⁴³²

Mariona incorpora nas chamas o seu fogo interior, sua ânsia pelo elemento masculino de que tanto carecia. Consegue fundir-se com o pai na mesma fogueira, um sonho que talvez acalentasse. O desejo é tamanho que, como não bastassem as chamas, o seu elemento, foi necessária a voz de um homem para que finalmente sucumbisse, num transporte do desejo com a eternidade, de que se torna símbolo enquanto espécie se perpetuando. A cena lembra o conto do Mandarim Miraculoso, que enfocaremos adiante, quando da morte de outra mulher, dona Susu Flores. São mulheres sensuais que só morrem definitivamente quando tocadas pelo elemento masculino. A morte, passagem para o desconhecido, se dá num entrelaçamento sensual da dor com o desejo, completando-se na união das impossibilidades.

Enquanto esses acontecimentos têm lugar, culminando a vida trágica do herói nacional no ostracismo, seus filhos Eustáquio e Aninha, protagonizam as cenas já comentadas anteriormente na Segunda Parte desta pesquisa, tendo como desfecho previsível a caça e punição aos culpados. O rapaz consegue escapar, mas Aninha, a Liberdade, tem simbolicamente o destino dos prostíbulos, onde parece confinada até nossos dias, representando a ausência da democracia em sua plenitude, que redundaria na melhor distribuição do saber e da riqueza em nosso país.

IX Orindo ressurgue homem, de repente sábio, filosofando

A narrativa dá um salto. Desde a última cena, em que vimos o menino Orindo envolvido na produção e venda de imagens que acabaram por aterrorizar a cidade, passaram-se muitos anos. Homem quase feito, ele chega a Bom Jesus da Lapa com um grupo de migrantes, fugitivos do sertão. A empreitada é organizada às escondidas por Tia Gatona. O destino dos jovens é São Paulo. A cidade santuário está em festa. É tempo de romaria à gruta do Bom Jesus.

Orindo, concluído seu aprendizado incógnito, apresenta-se como consciência crítica daqueles sertões, do país e da condição humana. Não se sabe em que livros e com que

⁴³² *P.C.*, p. 159-160.

mestres se iniciara. As leituras provavelmente não são tantas. A visão sensível e a lucidez de pensamento talvez se devam a sua aguçada sensibilidade de sertanejo.

E na romaria que se inicia, o “herói” depara-se com uma cena típica desse sertão da loucura. Trata-se de um mundo arcaico, transbordando em seus ritos, mitos aterrorizantes que abrem por vezes chagas na alma.

Arrastando-se, protegida por dois homens armados e um casal, uma mulher limpava com a língua as lajes sujas da igreja. De quando em quando molhava a boca dilacerada com um pouco de água.

– É Dona Cassimira. Vem das Lavras, da família dos Matos. Malvadez e falso testemunho, mas Ele tem piedade de todos.⁴³³

A passagem mostra o mundo sertão em seus excessos liberando culpas milenares que aqui culminam em situações constantemente explosivas. De repente não mais se sabe se a cena se passa em Argos, na leitura existencial que Sartre faz em *Les Mouches*⁴³⁴ da peça *Electra*, de Eurípedes, ou na Gruta do Bom Jesus da Lapa, à margem direita do Médio São Francisco, onde os romeiros de todo o sertão nordestino vão pagar suas promessas ou desabafar suas culpas. A cena é um primor. Representa o ser em seus estertores, vomitando o mal pela boca como um esgoto, na confluência entre o homem religioso e o profano. Um ser que é capaz de aniquilar o semelhante, negando-lhe o sumo da vida, e paradoxalmente passar uma procuração para que Deus efetue a salvação.

“São Bom Jesus da Lapa não é um santo nem um Deus na comparação das crenças. Ele é a presença e o amparo atendendo a salvação. Nas grandes aflições nunca faltou e vem encarnado na ajuda esperada, sentida por todo aquele mundo sofredor do São Francisco”.

Um romeiro velho, vindo do Rio das contas, sustentava convencido:

– Ele é como o sertão; é a sustança. Sai do sofrimento e iguala-se na realidade acudindo sem escolha. Não tem homem mau pra São Bom Jesus da Lapa. A vida é dura para quem não acerta e ele acode. Como a terra, São Bom Jesus se transforma em tudo para salvar seus filhos: em vento, em

⁴³³ P.C., p. 183.

⁴³⁴ SARTRE,

chuva, em enchente, e até em peste, se me perdoa, pra fazer justiça como se deu no Riacho Santa Ana. [...]

– Certo – emendou um vizinho. – Às vezes, até disfarçado no cão pra converter, e feliz de nós se Ele nos bota um dia o cabo da faca nas mãos.⁴³⁵

A fé sertaneja apresenta-se bastante flexível. Deus atende diferentes maneiras de ser: a quem é lesado e a quem peca, ao opressor e à vítima. É cultuado como aquele que presidiria uma luta de morte entre dois cabras trançados, tomando partido. Também é figurado de forma telúrica, um deus que aleita como a Mãe Natureza. Melhor seria dizer que é um deus humanizado, por que está perto do homem em suas situações indefinidas, assumindo as rédeas da existência. Apresenta-se movediço, se fazendo na oportunidade, de acordo com o que exija o fluxo das interações.

A Igreja tolerava. Três séculos de isolamento e resistência tinham misturado o povo do sertão do São Francisco com São Bom Jesus da Lapa, e eles se confundiam diante das forças estranhas lutando pelo domínio. [...] Anos e anos o sertão perdido no isolamento reabilitava naquela demonstração de força instintiva aprendida no rigor da terra selvagem, reprodutora das gentes, vivendo ali a graça e a presença de São Bom Jesus da Lapa, irmão mais velho dos homens.⁴³⁶

Trata-se de uma fé viva, que acompanha o desabrochar da vida, em paridade com a luta do homem, seguindo suas paixões e assim mantendo a validade.

Orindo compreendia a sanção aglomerada no explícito do sim louvando. São Bom Jesus da Lapa era mesmo diferente. Lidou com outros santos descidos na profundidade aliviando angústias, finando nas dúvidas doídas. São Bom Jesus não. Virava o sertão inteiro para ser mesmo como a terra, as águas, as criaturas, os ventos e os bichos, resumindo no tempo presente ali nele, nos companheiros, na romaria inteira afirmando a vida. Orindo debruçado na amurada mirava o rio, coalhado de embarcações vindas do Sul e do Norte. Sobre a planície da vazante, a cidade provisória de lama e palha, agasalhando uma população de comerciantes, jogadores, prostitutas e

⁴³⁵ P.C., p. 184.

⁴³⁶ P.C., p. 184-5.

aventureiros de toda espécie na cata dos pequenos recursos escamoteados dos romeiros vindos de todos os cantos do Brasil.

Enquanto Orindo perdia-se nos seus sonhos, tocado pela variação vinda da planície fofa de macegas, os companheiros formavam-se na crença confortadora dos louvores.⁴³⁷

Orindo filosofa. Abstrai-se, para que o distanciamento clareie o olhar. Transita em regiões oníricas e esse afastamento descomprometido propicia-lhe uma visão depurada. Poder-se-ia dizer que desnuda os processos de apreensão do ser. O personagem aos poucos delinea seus contornos estabelecendo seu modo de ser e estar no mundo. Ele se constrói, ao tempo em que dá substancialidade à figura do autor implícito. Do intercâmbio entre essas duas instâncias narrativas aos poucos vem à luz uma epistemologia. O autor implícito traz do ser autoral um conhecimento que se revela nas escolhas de repertório e direcionamentos que vão sendo dados à narrativa. Mas o personagem serve com sua presença marcante de catalisador das imagens de força que trazem poeticamente um pensar a existência, em seus fluxos e incessantes transformações. Sem a cola existencial do personagem, talvez ficassem travadas as possibilidades de tantos encontros de caráter poético-filosófico. Causa surpresa a teoria que aflora em passagens como “Enquanto Orindo perdia-se nos seus sonhos, [...] os companheiros formavam-se na crença confortadora dos louvores”. Essas imagens parecem antecipar o pensamento de Deleuze e Guattari, quanto à formação da subjetividade, a cargo de “conexões cambiantes”, segundo Nikolas Rose⁴³⁸. Verifica-se na passagem esse deslizamento do sujeito fruto da interação do que os companheiros “eram” até então, com a nova região de força, esse contexto estridente – debilitante de subjetividades outras, anteriormente fixadas – que envolve o inconsciente e os arquétipos na fronteira da conformação mítica. Orindo, aqui atua enquanto consciência exterior aos chamados imperativos psíquicos e intimações do meio. Consegue se manter numa posição crítica, não na acepção cartesiana, mas no influxo de um devaneio que aporta saberes pressentidos, sensibilidades que atritam e dialogam com a realidade configurada socialmente. Os pensamentos do personagem se assemelham a essa visão que tem dos barcos: chegam do Norte e do Sul, aportando contrários. Ele evita essa calma-histeria de almas que se entregam no holocausto da vida vivida às avessas,

⁴³⁷ P.C., p. 185.

⁴³⁸ ROSE, 2001, p. 146.

temente em romaria e curvadas aos sentimentos de culpa. Orindo não se entrega. Vive a vida ele próprio, tentando diálogo incansável com o deus-natureza. Busca o homem na aparência antropomórfica do *macaco nu*, predador temível. Anda à cata de indícios que o possa instruir nos mistérios e dança no ritmo que quer a natureza-destino brincar de esconder e ele achar possíveis dúvidas com que possa sonhar.

O espanto toma conta do personagem. Ante a morte de um companheiro, Lesbãozim, devorado pelas piranhas, “Orindo procurou uma resposta, mas sentiu-se incapaz. O medo pressentia. Tinha a superstição de sua raça reanimada na continuidade inexplicável dos fracassos...”⁴³⁹ O narrador incorpora-se ao pensamento de Orindo para com ele esclarecer a concepção negativista, que implica num fracasso perante o Outro, que em suas maquinações desvia para o desastre natural, para os elementos, as origens dos males que afligem os homens.⁴⁴⁰

Na seqüência da narrativa, o personagem Necão Gomes fala de Clara Dendê, uma mulher de serviço da fazenda, cuja função estrita era se deitar com os trabalhadores solteiros, assim diminuindo tensões e evitando problemas de ordem funcional e sentimental:

– Duvido neste São Francisco existir quem faça um surubim de manta ou de roda como ela. Não é só isso, sabe cumprir sua obrigação, pega as suas barrigas e nunca diz de quem são os filhos. Cada um é uma cara, mas Clara trata de todos como um dono de sua posse; é mãe. E assim o Brasil vai ficando como ovo de anum, pintado de todas as cores, caminhando pra frente.⁴⁴¹

⁴³⁹ P.C., p. 192.

⁴⁴⁰ Durval Muniz de Albuquerque em *A Invenção do Nordeste e outras artes* discute o processo de *vitimização* do nordestino. Ele se dá no bojo da fixação de alguns traços sociológicos, históricos e geográficos selecionados ideologicamente em meio à multiplicidade de possibilidades para dar visibilidade ao ser-nordestino e à paisagem regional. Esses elementos são aprisionados numa visão deformadora que elege a selvageria, a religiosidade, a seca, e seus sucedâneos no cangaceirismo, messianismo e na fome, como características tipo daquelas populações e de uma região com ecossistemas e culturas bastante diversificados. Durval Albuquerque (2001, p. 58-9) fala das maquinações levadas a efeito pelos poderosos decaídos, em função da seca de 1877, que desencadeia um forte fluxo migratório em direção ao Sul, apressando a abolição da escravatura. A partir daí, os coronéis e senhores de engenho criam o espaço da vitimização como estratégia de poder e de obtenção dos recursos federais necessários à manutenção de seus privilégios. Para esse autor, ao discurso sobre a seca se somam as demandas acionadas pelo cangaço e pelo messianismo, reforçando a necessidade de investimentos e modernização. Essa opção ideológica vai operar um negativismo desviante que erige o Nordeste como espaço do coitadinho, em detrimento de uma negatividade articulada como força que se poderia contrapor ao discurso estruturante da sociedade, buscando transformações de base.

⁴⁴¹ P.C., p. 197.

Note-se que Clara Dendê é um ser configurado no estreito das relações que lhe são permitidas. Afirma-se como mulher de todos e de ninguém. Sua posse são os filhos de diferentes pais, que suas relações vão rendendo, símbolo do povoamento do Brasil pela mestiçagem, gente cujo ser claudica no deslanchar das entonações discursivas. O discurso, como um dos pilares do ser, causa essa cisão entre os portadores de uma genealogia afirmadora, que sirva de anteparo, e aqueles que desconhecem a própria origem, o que resulta num déficit irrecuperável, tendo em vista a configuração tradicional da sociedade. Para Benveniste, segundo Rose, “É através da linguagem [...] que os humanos se constituem a si próprios como sujeitos...”, a linguagem possibilita ao falante estabelecer-se como sujeito.⁴⁴² Como foi mostrado na página 149 do romance, o personagem Albertinho é um ser humilhado, alvo de injúria e constrangimentos pelos colegas por declarar-se, diante da paternidade desconhecida, filho de Deus.

O personagem Joviano, companheiro de Orindo em suas andanças, desde o momento em que se apartaram do grupo que ia para São Paulo, mostra esse dilema da criança ver sua mãe possuída por outro homem, que não seu pai. Enquanto Orindo aceita ir com Clara para o areão do rio, Joviano se nega.

Joviano não aceitou. Gostava de brincar com as crianças de Clara Dendê, mas sair com ela para o areão nunca tentara. A princípio Clara estranhou, depois calou-se e, como não havia outro homem solteiro na fazenda passou a ser somente de Orindo. *Seu* Necão achou esquisito e tentou prevenir:

– Você está deixando o outro se adiantar, a mulher está aí para todos.

Joviano foi franco:

– Tenho pena das crianças, seu Necão. Quando meu pai morreu e vi minha mãe com outro homem chorei a noite toda. Não sabia por quê, e agora compreendi. Não posso não ser Major Necão.⁴⁴³

A cena expõe o mistério que envolve a figura da mulher. Por um lado ela é apresentada como a fêmea luxuriosa que se entrega sem delongas, e de outro expõe o arquétipo Mãe. Esta é associada enquanto nutriz à Mãe-Terra, que alimenta a vida e estabelece-se como interdição. Na cabeça do personagem a figura da mãe estabelece-se como o Outro feminino inviolável. Por ter sofrido a perda da imagem sagrada, ao ver a própria mãe ser

⁴⁴² ROSE, 2001, p. 148-9 apud BENVENISTE, 1971, p. 224.

⁴⁴³ P.C., p. 198.

possuída por outro, Joviano, uma eterna criança, não vibra senão com seus pares no reino dos pequenos ofendidos.

Na outra face do processo de geração “espontânea” nos sertões, em oposição ao dilema de Joviano, vai estar o personagem Orindo que, em sua iniciação no mundo adulto, não suspeitava do drama que se avizinhava.

Clara pegou a mão de Orindo e pôs sobre seu ventre. [...] É uma coisa à-toa. Eu queria saber: é... Já tem três meses. Quando nascer ainda não chegou a salga. Este é seu, juro. Sente? Já mexe. Está vivo e vai ser bonito como você... E como vai se chamar? Se for menina terá o nome de sua mãe. Se for menino, acho tão bonito chamar de Júlio. Eu pensei: “É tão engraçado se gritar: Julinho!...” Por que você está calado?

Orindo, com a mão pregada sobre o ventre de Clara Dendê, amedrontado, ia caindo num estado de pânico. [...]

Aquele ventre frio [...] Trazia nas suas entranhas a continuação de sua sina.⁴⁴⁴

Orindo está, mais uma vez, dentro e fora dos acontecimentos. Foi como que fulminado por um raio. De repente se torna protagonista da história de seu povo, no meio do turbilhão gerando mais uma vítima. De observador descomprometido, passa agora a coadjuvante da desgraça do povo brasileiro. Ajuda a engrossar os batalhões de excluídos, pobres diabos que irão ter sua existência tolhida no bojo de operações discursivas que extraem aura à *via crucis* dos penitentes. Ser “filho da puta” seria a sina, a menos que houvesse uma improvável operação de desmonte nos fundamentos da cultura. O ser assim recebe uma carga de subjetividade deformada, numa fase da vida que vai ser fundamental à maneira como a criança vai se projetar para a vida adulta e perante o mundo. O personagem tem a exata medida dos perigos que envolvem a nomeação do mundo. Já vivenciara essas delegações de um *quantus* de energia negativa veiculada pelas palavras. Fora muitas vezes chamado de o “neto da feiticeira” e também de “filho da puta”, por seus colegas na escola. O lugar que as relações discursivas irão reservar para seu filho na sociedade, um *topos* de insegurança, situa-se no mais baixo patamar da escala social, ao lado dos ladrões e assassinos. A criança virá ao mundo

⁴⁴⁴ P.C., p. 199.

deformada em sua expectativa. A auto-imagem se formará depreciada. Para Mary e Kenneth Gergen:

“As narrativas são, na verdade, construções sociais, sofrendo alteração contínua à medida que a interação avança [...]. A autonarrativa é um implemento lingüístico construído pelas pessoas, em relações para sustentar, reforçar ou impedir uma diversidade de ações [...]. As autonarrativas são sistemas simbólicos utilizados para propósitos sociais tais como justificação, crítica e solidificação social”.⁴⁴⁵

As “autonarrativas” são, para esses autores, “estórias sobre os eus culturalmente fornecidas” para a interação social entre as pessoas. Essas narrativas são reducionistas, pois estabelecem um número limitado de possibilidades, em que procuram classificar miríades de tendências, pois cada ser humano seria em princípio uma narrativa. Mas isso tornaria a vida de relações impossível, pois antes de nos dirigirmos a uma pessoa desconhecida, teríamos de tentar analisá-la, entendê-la, para então podermos dizer algo sem que se corresse o risco de generalizar, aportar categorias impertinentes, perdendo-se as peculiaridades. No entanto, a prática mostra uma tendência reducionista. Condensamos em alguns tipos a diversidade incomensurável. De um lado, essa prática reduz o estado de ser-no-mundo a categorias tangíveis, quantificáveis. Por outro, possibilita estratificações do conjunto social favorecendo o discurso de poder, mediante a eleição de características dominantes, as que se aplicam aos dominadores. Nesse contexto, aqueles que não as possuem são excluídos da divisão dos produtos materiais e simbólicos de um dado grupo ou nação. A fragilidade da autonarração se define em virtude dessa colonização do imaginário pelos discursos pré-existentes e eleitos como portadores dos atributos “universais” que todo ser, para ser aceito deverá trazer como salvo conduto, para seu livre curso na sociedade. Eis o dilema de Orindo em relação a seu filho. Esse carregará o peso de sua ascendência. Sua mãe terá como atributo principal o fato de ser uma mulher a serviço das demandas sexuais masculinas dos trabalhadores solteiros da fazenda onde mora. O pai é um pobre-diabo que carrega uma maldição de ser neto da negra Marta, feiticeira. Ambos têm apenas o dia, a noite e esse sertão de todas as injustiças, numa escala que não resta senão a fuga a seus habitantes desafortunados. Esta pode ser física, como os rapazes de Tia Gatona que foram para São

⁴⁴⁵ Rose, 2001, p. 154-5 apud GERGEN & GERGEN, 1988, p. 20-1.

Paulo em busca de melhorias materiais; religiosa, em sua configuração messiânica; ou existencial, como no caso de Orindo. Ele enfrenta o estar-no-mundo em estado de flutuação. Visa aquilatar, com relativa independência em relação às interferências de ordem da subjetividade ou dos discursos fundadores da sociedade, os influxos que atingem o homem. Tenta entender, pela imersão descomprometida no caudal da existência, os pontos de captura em que o homem se perde a si mesmo.

Levantou a cabeça para pedir conselho à terra. Lá embaixo o São Francisco. Os velhos lhe diziam: “Quando estiver desesperado olhe o rio escorrendo dia e noite, anos e séculos e diz pra gente – Agüenta!” [...]. Puxou a mão do ventre de Clara e saiu correndo para o lado do rio. Tinha vergonha. Dezesesseis anos e iria ser pai. O instinto de conservação do indivíduo voltando-se contra a própria vida. Sentia naquela existência em formação uma ameaça. Sentou-se num tronco e começou a chorar. No seu pensamento tomado pela covardia de homem domesticado, fervia uma só idéia: fugir. Logo, antes que o ventre de Clara soltasse aquela criatura que já lhe dominava pelo medo. Voltou para o rancho. Agora acreditava em assombrações.⁴⁴⁶

O rio é o símbolo e síntese eraclitiana da vida. Ele que traz esse recado de eras passadas tornando ínfima nossa curta existência, que se pode dizer inútil e da qual nada se guardará na memória. Por isso é um bom conselheiro, silencia com seu marulhar nossas angústias, é tudo muito transitório. Orindo pensou nos gatos e onças que, por vezes, devoram seus filhotes. Assim também ensinara sua avó. Mas entre seu legado e a maldição se interpõe o que ele mesmo chama de domesticação do homem, a impedir que mate seu filho. O corte da cena vem abrupto, digno das tragédias shakespearianas: “Agora acreditava em assombrações.”

Mesmo, quando aparentemente o narrador baixa o tom filosófico, distanciando-se daquele lirismo que tensiona o olhar para o mundo, trazendo imagens surpreendentes da vida, e passa para um tom mais agressivo, vislumbrando um embate que possa erradicar a origem da opressão, acaba por clarear ainda mais o entendimento da problemática do ser-no-mundo.

⁴⁴⁶ P.C., p. 200-1.

A luz estava acesa na casa Clara. Melhor seria que lá estivesse outro macho, pensou com desaforo. E a criança? Os vaqueiros na vaquejada espojariam em cima dela. A mãe estava ali para isso. Necão Gomes tinha como uma propriedade para satisfazer os homens que tratavam do seu gado e aumentavam sua riqueza. Começava saber. Este *seu* Necão Gomes era um filho da puta. Compreendia, culpado. Por que aquele pensamento de acabar com a criança quando podia enterrar a peixeira na pança do bicho e acabar com tudo aquilo? Ele é o pior. Não adiantava? Coronel Bê Martins, homem de bom coração, tava ali, mas sabia-se que no livro de suas contas tinha o veneno das cobras. Seu velho pai também como lhe queria bem, tão santo, mas dizia: “Nosso dia chegará e veremos” falava com cheiro de sangue. Eustáquio Voluntário contava: “Meu pai teve na guerra do Paraguai e nos repetia: foram as abelhas que inventaram a vingança e por isso ela é doce como o mel. De que serviu? Consertou? Seu Necão Gomes também tem bom coração, mas é um dono. Também eu... Tenho um filho que vai nascer, mas não posso e quero matá-lo porque sou dono.”⁴⁴⁷

O narrador adota um tom áspero, fala de morte, vingança, mas até em sua aspereza, a narrativa não deixa o tom filosófico suavizado por uma visão poética da existência. Aponta como o grande mal do mundo o sentimento de posse. Essa idéia remonta a Rousseau, que considerava como o início dos males da humanidade o momento em que o primeiro homem delimitou um pedaço de terra, dizendo: esta terra me pertence. Mesmo nesse discorrer prosaico sobre a agressividade, as injustiças e a possessividade, reina uma atmosfera predominantemente lírica. Há sentimento profundo intercambiado pela personalidade do personagem. O autor implícito está contaminado por ela. Fala ideologicamente, mas é enlaçado por essa presença forte, que não tem para o mundo senão o olhar da sensibilidade.

Terminado o almoço, o personagem Necão Gomes levanta-se, chamando todos para a varanda e fulmina, se dirigindo a nosso “herói”: “Orindo, vou lhe decifrar um dia, pensa?”⁴⁴⁸ A frase é forte. Aponta para esses caminhos da inextricabilidade da natureza humana, potencializada no personagem em seus enigmas e difusões do ser, em sua maneira de ser arredia, enigmática mesmo. Tais atributos excitam a imaginação do fazendeiro, um entendedor da beleza selvagem, nordestino estribado entre o perigo e a

⁴⁴⁷ P.C., p. 201.

⁴⁴⁸ P.C., p. 205.

exaltação da vida, como se desvela a seguir. Conta a história do cavalo Azulão, um ser quase mítico em sua beleza e insubmissão, adorado e respeitado por todo o sertão pela sua altivez e inacessibilidade.

O que seria deste mundo se não fossem os cavalos? Conto pra vocês também. Meu pai era um vaqueiro pobre nos confins do Angical. Naquele tempo existia por aquelas bandas um cavalo levantado famoso. Era um bicho selvagem, bonito e nunca um cristão conseguiu lhe pôr um laço. No entanto ninguém já vira um animal tão grande e veloz. Os criadores dos arredores levavam suas éguas para ele cobrir e foi assim que a sua raça tornou-se falada no sertão inteiro. Meu padrinho me deu uma eguazinha e logo crescida puxei a bicha de várzea em várzea atrás do Azulão... Os vaqueiros já me conheciam e diziam caçoando: “Lá vai o menino do cabaço”. Uma manhã saí na várzea das Rolas, duas léguas de casa, e bem no meio o Azulão rinchou, escoiceou e chamou como se fosse uma gente. Soltei a melinha e ele se aproximou. Aquele cavalo indomado que nunca deixou uma criatura se encostar estava diante de mim. Falei com ele a língua que os vaqueiros sabem dos animais. Sem corda e sem nada passei a mão sobre o seu pelo lustroso como um vidro preto. Foi nesse momento: apareceram uns vaqueiros no pontal e viram tudo. O Azulão rinchou, empinou e partiu levando a egiinha. Se acasalaram e nunca mais foram vistos. Correu a notícia por todo o sertão da Ribeira e vieram de todos os cantos gente para me conhecer. Fiquei homem e a seca estava matando até jumento. Um dia chegou a nova: o Azulão está caído na várzea das Rolas. Tibertino Inxu era um vaqueiro prosa e covarde. Bazofiava e mentia pabulando de fazer cair a cara de um homem e disse: “Agora vou tirar o orgulho daquele peste”, e foi para lá. O Azulão estava morrendo. Ao redor, de tanto se bater, a terra tinha formado uma sepultura. Tibertino gritou: “Foge agora, amaldiçoado” e laçou o pobre. O cavalo deu um gemido ouvido muito longe e morreu. Desse dia em diante Tibertino Inxu começou ser repudiado por todo sertão da Ribeira e acabou fugindo para o sul. A Bahia arruinou e também me fui para São Paulo.⁴⁴⁹

Essa história dentro da história, aberta como um parêntesis, mais do que caracterizar o personagem Necão Gomes, apresenta esse traço nordestino que reverencia a natureza,

⁴⁴⁹ P.C., p.205-6.

em suas manifestações de força e beleza. A insubmissão é uma característica que marca essa maneira de ser, tida como a chave entre os que desafiam a precariedade do homem ante o meio social e natural que o tentam submeter. A história do Azulão é um emblema do herói sertanejo que não entrega os pontos, enfrentando todos os obstáculos. Aquele animal representa, como já fora dito por Necão, a força e beleza selvagens como a das mulheres e onças a cuidar de suas crias. O sertanejo apresenta-se como um deslumbrado com a bravura e destemor dos seres em sua luta pela vida. Tais atributos são assimilados ao conceito de belo e confirmados como sua essência. Qualquer atitude que rompa com essa ética, que acaba por envolver uma estética das relações sociais e sua representação simbólica, é tida como uma afronta à sacralidade dos seres em sua vivência projetando-se para a eternidade.

Necão se ajeitou na rede como na prevenção de brigar: “Foi ni Franca. Entrei no botequim do Geremoabo e dei com a cara de Tibertino. Nesse tempo ele era capanga dos Carvalhos, ajudava os patrões a ajustar as contas com os patrícios com o cano do 38. Não me conheceu. Fui num negócio, comprei um cabresto, meti a faca na cinta e saí atrás do cabra. Dei com o bicho no bordel da Ritinha Oriza. Entrei no reservado e comecei cantar a cantiga do cavalo Azulão. “Quem tá cantando esta merda, quem?” gritou Tibertino resolvido. Eu tinha a faca no colo e como se não desse atenção fui cantando:

*“Azulão, Azulão,
A Ribeira não lhe esquecerá,
Cavalo de opinião...”*

– “Já não disse para acabar com a merda dessa cantiga?” Não parei e Tibertino investiu com o rabo de tatu suspenso. Aí, meninos, nem sei como foi, dei um bote e entrei com o sujo no ferro. Durou pouco e Tibertino ficou estirado. A mulherzada entrou na gritaria. Peguei o cabresto, enfiei na cara de Tibertino e arrastei o bicho para a rua como um jegue morto. Chegaram os soldados, resisti à voz de prisão. De posse do revólver do morto endureci e disparei. Quando dei por mim, paciência, estava esburacado de tiros. Não andei. Tive que contar minha história direitinho e o Capitão delegado me falou: “– A força Pública de São Paulo precisa de gente como você”. Livrei-me e botei a farda do governo nas costas. Foi aí que

comecei falar comigo mesmo: “Neco, o que estão fazendo com você? Ser captura do governo para imitar Tiburtino Inxu? Não.” Fiz uma promessa a São Bom Jesus da Lapa e desertei. Nasci por estas bandas, voltei a ser vaqueiro, cheguei aqui e vocês vão continuar.⁴⁵⁰

Tendo em vista a ética sertaneja e a posição do cavalo Azulão no imaginário local, a atitude de Tiburtino não poderia despertar mais do que esse sentimento de profanação do animal mítico, justo no momento em que estava mais fragilizado. A covardia é inaceitável para o caráter destemido do nordestino. Este tem na bravura um de seus princípios inegociáveis. Daí serem, no tempo da narrativa, praticamente inexistentes os casos de assassinatos por emboscada no vasto sertão do São Francisco, como nos contam as narrativas de Wilson Lins, um autor nascido de dentro do coronelismo, a enaltecer esse lado leal e heróico do sertanejo, incapaz de uma traição. A revolta e vingança de Necão bem ilustram essa maneira de ser do homem diante dos elementos da natureza, olhando os animais, as árvores, os rios, em uma dimensão que transita entre religiosidade, filosofia e arte. A natureza para o sertanejo traz uma didática, uma poética e uma epistemologia. A constatação do personagem, “Neco, o que estão fazendo com você?”, serve como um alerta ecoando no espírito humano. É preciso estar atento para que as forças sociais, incluindo o poder dos discursos disciplinares e pedagógicos, não nos obscureçam os sentidos e nem corrompam as sensibilidades. Estas são o que trazemos de melhor, enquanto possibilidade de estamos abertos ao mundo, atinando com seus sinais, verdadeiros ensinamentos. A questão que o narrador coloca nas palavras de seu Necão antecipa o questionamento foucaultiano “que estamos fazendo de nós mesmos?”. Hélio Rebello Cardoso Jr., em sua leitura do processo de subjetivação, em Foucault e Deleuze, afirma:

De fato, cumpre enfatizar que *subjetivação e subjetividade* são conceitos rigorosamente distintos no plano filosófico foucaultiano-deleuziano. A subjetivação é o contato da dobra do si com as forças cósmicas; ao passo que a subjetividade são nucléolos que surgem no interior da dobra como desaceleração do processo de subjetivação.

Um “eu”, uma “identidade”, outros nomes da subjetividade, se, por um lado, são pontos de parada no processo de subjetivação, por outro lado, são

⁴⁵⁰ P.C., p. 206-7.

ancoradouros que garantem a navegação desse mesmo processo. Por isso, é muito perigoso desfazer uma subjetividade, já que se corre o risco de por a perder todo o processo de subjetivação. [...]

O processo de subjetivação é uma torrente onde forças se compõem vertiginosamente. Mas o sujeito é seu segredo, porque nele, uma força põe-se a relacionar-se consigo mesma, enovela-se, adaptando ou conservando a criação ou transformação do modo de vida, que é uma subjetivação.

Sendo assim, e para terminar esta parte, pode-se dizer que há dois perigos que uma certa prudência ética precisa evitar. São “regras concretas de prudência extrema”, na expressão de Deleuze.

Em primeiro lugar, a perda da subjetividade pode precipitar-se numa subjetivação desatada, onde a captação de forças se torna impossível e onde uma força não encontra mais o recesso para dobrar-se sobre si mesma. Na precipitação, é a própria “dobra do si” que não pode mais dobrar-se, fazendo-se flácida ou complacente. Neste caso, o processo de subjetivação torna-se vazio e a perda da subjetividade se esvai em uma “linha de morte ou de “destruição” e o “governo de si” se dissipa.

Em segundo lugar, a subjetividade pode sufocar-se. Neste caso, a “dobra do si” fecha-se em torno da subjetividade ou confunde-se com ela. O sujeito endurece, infla e perde o contato com as forças da subjetivação. Desta feita, o que ocorre é que, na subjetividade, a força se relaciona consigo mesma de modo falseado, fechando-se sobre si mesma ou voltando-se contra si. O governo de si torna-se simplesmente a clausura de um território conquistado...⁴⁵¹

Assim, no questionamento “Neco, o que estão fazendo com você? Ser captura do governo para imitar Tiburtino Inxu? Não.”, o personagem sente o arremedo da sorte querendo bloquear sua maneira de ser, jogando-o num turbilhão em que se dissolveria para não mais tomar pé em sua subjetividade libertária. Perderia para o poder disciplinar castrador todo o sonho e a maneira de ser sertanejo sensível, esparramado na beleza e estribado numa ética que abarca a vida e desdenha da vida se for para vê-la diminuída em sua grandeza de ser simples como as coisas mais simples e naturais. Apresenta-se como um ser que se humilha, sofre, rasteja, se houver grandeza na causa; se falar mais alto a força do mito, da identificação vicária com o Outro ou o Mesmo. É afinal um ser

⁴⁵¹ CARDOSO, 2005, p. 190-2.

para grandes ajujos em viagens pelo desconhecido. A profissão de soldado causa-lhe um estranhamento, paralisando-o na empreita de tolher a liberdade alheia. “Ser capitura do governo” seria a sua perda para os processos desenfreados das subjetivação, seria estar na torrente que não deixa espaços, possibilidade de ancoragem do “eu”, tornando-se irreconhecível a si mesmo. A volta ao sertão representa o reingresso no remanso, braço do rio tormentoso. Aí, ele toma pé na vida, renascendo em seu jeito de ser, conseguindo “dobrar-se sobre si mesmo”.

Orindo foge da fazenda, de Clara Dendê e principalmente de seu filho. Sua fuga representa uma reação contra os mecanismos de subjetivação que ultrapassam a sua interioridade. Não se reconhece como participante do processo histórico de geração de uma massa de excluídos. Permanecer seria a territorialidade redutora. Perderia a perspectiva, a condição de outsider olhando criticamente os processos de agenciamento, de captura das pessoas em aparelhos redutores de suas potencialidades.

X Orindo lançado à sorte: o salto para além de si

O salto do “herói” para fora do pequeno mundo da fazenda Lagamá-Mirim o projeta num regime de interação periclitante com o Outro e o Mesmo. Habitar um fora a todas as instâncias de apreensão do ser, fugir à alçada de proteção de um chefe e aos nichos de proteção e identificação subalterna, coloca o personagem como alvo de toda a negatividade social. A sua fuga, negando-se a assumir a paternidade do filho que gerara, insere-se simbolicamente como representação da exclusão social em sua forma mais íntima, por se dar a partir daquilo que seria a célula familiar. Este seria um importante foco de reprodução da miséria no país, ao criar-se um ser fragilizado, sem a auto-confiança oriunda dos cuidados parentais. Haverá por certo um déficit nas interações e espelhamento perante o outro masculino em virtude da ausência paterna. Por seu turno, o pai que foge, à revelia de uma ética que o condenaria a permanecer, territorializar-se num “para sempre” ou enquanto o filho se fizesse homem, é um ser cindido. Carregará para sempre essa culpa, uma falha trágica que o coloca na fronteira entre um dentro e um fora crítico. Essa projeção para além de si em devir, em paralelo com a parcela âncora que dele ficará no ser em gestação, se estabelecerá como síntese do mal-estar. A violência que sofrerá do grande outro, como diapasão que afina as

relações a partir do topo em direção à base social, vai ser apenas uma faceta de seus males, enquanto personagem que encarna o ser-brasileiro.

O “herói” ao chegar em Juazeiro é preso, espancado por desacato à autoridade policial e negociado com um barqueiro, para trabalhar na profissão de remeiro.

– Vou lhe adiantar dinheiro para comprar uma calça e uma camisa. Sou bom pra quem é bom comigo.

Orindo aceitou e aquela noite dormiu melhor. Tomou um banho no rio e deitou sobre a tolda, olhou para as estrelas e perguntou: “De que tamanho estará a barriga de Clara Dendê? Teve vergonha das estrelas como se fossem umas criaturas, e botou a mão nos olhos para não ver o céu.”⁴⁵²

O ser sertanejo em interação com os elementos tenta se rearticular. Tenta achar-se nos escombros da memória diante da nova experiência. Orindo banha-se nas águas. Este é um gesto simbólico, purificador dos ultrajes que sofrera. Imerso na corrente, origem e fluxo, tenta renascer. Aliás, essa vai ser uma prática de cada momento: a recriação de si. Interroga as estrelas sobre o filho. Sente vergonha de sua condição de pai fugitivo. A situação é paradoxal. Pertence a uma espécie que sonha com as estrelas, mas que por vezes não consegue dar um passo além de si, enquanto ser entrecortado por discursos e contingenciamentos que reduzem, senão anulam a possibilidade de uma ação, que seja condizente com sua condição pretensamente humana. Sente sua insignificância, o brinquedo que é perante as forças de engendramento dos fatos, assim como dos discursos que criam fatos.

O ato de tapar os olhos traz a chave de uma escrita cinematográfica, fechando a cena e, por sua força imagética, tornando-se inspiradora de discussões importantes a cerca da condição humana. Basta lembrar os chamados “descentramentos do sujeito cartesiano”, a que alude Stuart Hall⁴⁵³, para lançarmos uma certa luz sobre as interações que passam

⁴⁵² P.C., p. 210.

⁴⁵³ Ao falar dos descentramentos do sujeito iluminista, Hall se refere aos seguintes pensadores: Karl Marx, em relação à infra-estrutura econômica e social e como condicionante do sujeito; Freud e os processos psíquicos e simbólicos do inconsciente que estão na base de nosso ser-no-mundo; Saussure e os condicionamentos da língua enquanto sistema social e cultural, que traz ao falante uma carga semântica prévia; Foucault e a idéia do poder disciplinar de regulamentação e vigilância individual e coletiva. Além destes, Hall considera o movimento feminista que desloca conceitos como humanidade, fragmentando-o, pulverizando a idéia de identidade nos diferentes gêneros, etnias, focos de interesse, profissões, entendidos em sua mobilidade. Essas condicionantes do sujeito vão se constituir, de outro modo em empecilhos ao chamado conhecimento científico, que visa à compreensão dos fenômenos de forma isenta de subjetividade. HALL, 2002, p. 34-46.

ao largo da chamada autonomia do sujeito. Na mesma direção aponta o pensamento de Bachelard, na leitura de Vera Lúcia Felício, ao vislumbrar os impedimentos na alçada da subjetividade, que tornam inevitável uma *psicanálise* que possibilite “desvendar o fetichismo do real”, as “fixações do espírito científico em relação ao pré-científico”⁴⁵⁴.

Diante das intermediações operadas pela cultura, pelo poder, ciência, religiões, meios de produção, saberes e crenças populares, pela língua e pela arte, que se antecipam, restringem, desencaminham o aporte das sensibilidades, que poderiam garantir uma ação aberta perante o objeto que se busca conhecer, o caminho parece ser o iluminado por Bachelard. Esse pensador aponta no sentido de que se exerça uma negatividade, não no sentido de anular, mas de multiplicar as diferenças, os enfoques, tentando fugir à imobilidade do pensamento, mantendo-o em estado de vigília⁴⁵⁵. Essa posição requer uma maior abertura na auto-imagem alicerçada na subjetividade. O homem enquanto individualidade tenta ser. Acalenta a esperança de uma substância, um “dobramento” da superfície em direção a uma profundidade que assinale sua “essência”. Essa posição cria obstáculos à chamada “abertura bachelardiana”, que se contrapõe à identidade alicerçada no *cogito*. Bachelard vê a mobilidade do pensamento em contraposição ao imobilismo alicerçado em verdades aparentes que acabam por aprisionar o estado de ser. Essa inquietude do pensamento coaduna-se com a idéia de gênio, atribuída por Schopenhauer àqueles que se comportam “apenas intuitivamente”, que conseguem “se perder na intuição e arrebatam o conhecimento [...] abstrair por completo de seu interesse, seu querer, seus objetivos, despojar-se por um tempo inteiramente de sua personalidade para permanecer como *sujeito puro do conhecimento*, límpida vista do mundo...”⁴⁵⁶.

Nesse sentido, a autonomia do sujeito – em vez de centrar-se em torno dos valores iluministas da individualidade, baseada no empirismo ou na racionalidade que o destacasse dos demais enquanto subjetividade, – contemplaria justamente um afastamento pelo menos momentâneo desses agendamentos previsíveis que paralisam o ser. Assim faria valer as sensibilidades, instâncias mais ágeis e etéreas do pensamento. No sentido iluminista, a “autonomia do sujeito” representaria uma dependência dos

⁴⁵⁴ FELÍCIO, 1994, p. 19.

⁴⁵⁵ Felício, 1994, p. 6-12.

⁴⁵⁶ SCHOPENHAUER, 2000, p. 37.

dogmas racionalistas, que conduzem ao bloqueio das percepções e sensibilidades. Por esse caminho, o homem, a partir da idéia de autonomia, perseguida e praticada com obsessão num momento em que a coletividade deixou de ser a força orientadora, em que a religião já não parecia garantir-lhe a eternidade, vai em busca desesperada da imortalidade exemplar através de atributos que lhe pudessem franquear a presença no panteão. Hannah Arendt fala da idéia de eternidade como uma descoberta dos filósofos gregos. Faz a distinção entre eternidade e imortalidade. A natureza e as divindades são eternas, em contraposição ao homem que é mortal. “Os homens são “os mortais”, as únicas coisas mortais que existem porque, ao contrário dos animais, não existem apenas como membros de uma espécie cuja vida imortal é garantida pela procriação.”⁴⁵⁷ O homem venceu a barreira do ciclo biológico, com sua existência datada e linear. E como ser egresso da natureza, pelo processo de humanização e individualização, não lhe resta senão buscar uma imortalidade através de suas ações e obras que possa outorgar-lhe tal sentimento. A queda do Império Romano abalou essa certeza, propiciando a escalada do Cristianismo e sua idéia de eternidade individualizada, conseguida através da vida contemplativa. Para a autora, nem o advento da modernidade, conseguiu trazer de volta a busca da imortalidade baseada na *vita activa*.⁴⁵⁸

Essa ênfase do homem ocidental cristão na eternidade conseguida por uma vida de recolhimento, distanciada dos chamados da materialidade ao pautar-se por uma vida de sacrifícios generosamente recompensada, pode constituir-se num dos operadores relevantes nesse processo de submissão do homem nordestino.

As instâncias narrativas em Osório apontam para uma busca do entendimento do chamado revés. A voz que se ouve através de Orindo tem o atributo da polifonia. Faz falar o mundo, os homens e as estrelas, buscando a diversidade do entendimento. Os caminhos são muitos e todos aportam beleza, sabedoria, diferentes maneiras de ser e estar, com suas razões e comprometimentos. O personagem flutua nas torrentes da vida, tentando encontrar o homem universal em sua abrangência e generosidade. A tudo tenta compreender com toques de genialidade, no melhor sentido schopenhaueriano. Fala como os grandes poetas, os que não vieram para brincar com as palavras, mas fazer falar os enigmas do homem em seus embates contra as armadilhas que o tentam aprisionar, reduzindo sua dimensão.

⁴⁵⁷ ARENDT, 2007 p. 26-7.

⁴⁵⁸ ARENDT, 2007, p. 26-30.

O narrador, em *Porto Calendário*, consegue em sua interação com o personagem Orindo atingir um grau de depuração da escrita portadora de uma leitura que se descola de qualquer modelo dado, adquirindo uma dicção própria dos fatos da vida nordestina. Através de seu olhar o leitor atento consegue ir além do espaço-tempo para fazer falar as pedras, as águas e o que é ser das pedras a natureza dos homens que, no entanto, se tornam como os rios, fluxo incessante pela eternidade.

E a barca, em que Orindo fora engajado como remeiro, zarpa de Juazeiro, rumo ao Corrente. “Demudando toadas as vozes ajudavam o serviço duro.” Os homens cantam enquanto remam, assim conseguem dar ritmo ao serviço. Ernst Fischer⁴⁵⁹ fala dos sons guturais ritmados utilizados pelo homem primitivo para coordenar os trabalhos, freqüentemente muito duros, que lhe garantiam a sobrevivência. Tal mecanismo é apontado por esse pensador como estando nas origens da linguagem e da poesia. Trata-se portanto de um elemento relevante no processo de humanização. As cantigas dos remeiros falam do rio como útero e também da cultura machista. Esse enredo de bravatas traz provavelmente um componente antropológico, ligado à sobrevivência do homem. A força bruta e a coragem são ferramentas de enfrentamento do meio hostil. O proeiro puxa a cantiga:

*“Rio Chico, reconheço,
É água santa, amém.
O que tu é de verdade,
É home macho também...”*

E as vozes ressoavam sonoras:

*“Nós somos filhos do rio,
E os homens machos também!”⁴⁶⁰*

O imaginário regional é centrado na idéia de macheza, com a redução subalterna de tudo que é feminino. Até a força geradora desses bravos, o rio que engendrou essa raça de heróis, é do gênero masculino. O símbolo é válido no que a água reporta ao líquido amniótico no útero materno. Mas aí também se coloca a idéia de formação do sujeito

⁴⁵⁹ FISCHER, 1987.

⁴⁶⁰ P.C., p. 211.

como fruto do que Heidegger chama manualidade. Aqui depreende-se o processo secular de viver com o rio, com ele permanentemente a dialogar e dele extrair o sustento, alcançando um aprendizado, uma sabedoria de viver. Nesse processo o ecossistema do rio passa a ser um agente formador de uma subjetividade ribeirinha, “*Nós somos filhos do rio*”. A vida se dá e se mantém numa estreita relação com esse topos. Foi aí que chegaram, no início da colonização, os primeiros colonizadores portugueses subindo o São Francisco a partir de sua foz, ou mais tarde os bandeirantes paulistas que o desceram, a partir de suas nascentes em Minas Gerais, acabando por se fixarem. E nesse período, que vai do século XVI ao início do século XX, quando se passam os fatos da narrativa, ocorre um aprendizado, privilegiado pelo isolamento a que foram submetidos os colonizadores e seus descendentes. A região se constitui num amplo laboratório em que o homem foi se construindo numa clara zona de fronteira que se estabelecia na confluência do rio doador de vida e a caatinga seca, por vezes mortal. Entretanto, ambos os elementos carregam seus contrários: a terra, que alimenta fartamente durante os períodos de chuva, a tudo aniquila nas estiagens prolongadas; o rio que é pródigo em pescados também destrói e mata nas enchentes, sendo que esse também é um ciclo que aporta uma explosão de vida. As terras inundadas, quando a enchente reflui, recebem a dádiva da fertilidade pelo húmus aí depositado, assim como pela fartura de peixes facilmente capturáveis nas incontáveis lagoas deixadas para trás.

Em seguida vê-se a idéia de um sujeito autônomo, “Doer doía, mas a opinião faz o homem, e ninguém se queixava: cantava.”⁴⁶¹. O ser auto-determinado pelo advento da vontade e de suas utopias traz, em contrapartida, os efeitos de um aprendizado a cargo de discursos e práticas econômica e culturalmente estabelecidas, que lhes dão substância e validade. Na contramão do que afirmam Heidegger e Lacan, Nikolas Rose acolhe a idéia de agenciamentos e maquinações na configuração do “Eu”, em detrimento da linguagem e do discurso. Para esse autor a linguagem e a escrita são elementos de uma técnica, que envolve treinamento, resultando numa montagem. Pela linguagem se chega a uma “analítica da inscrição”. Ele compreende as práticas de subjetivação por meio de “complexas interconexões, técnicas e linhas de força”, sendo as maquinações, “as operações pelas quais somos reunidos em uma montagem, com instrumentos intelectuais e práticos...”⁴⁶² Para Rose, a agência é “um efeito, um resultado distribuído de tecnologias particulares de subjetivação, as quais invocam os seres humanos como

⁴⁶¹ P.C., p. 211.

⁴⁶² ROSE, 2001, p. 175-6.

sujeitos de um certo tipo de liberdade e fornecem as normas e técnicas pelas quais aquela liberdade deve ser reconhecida, agenciada...”⁴⁶³. A subjetivação é “o nome que se pode dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar [...] o ser humano em variadas formas de sujeito”, o que advém de sua própria ação ou da ação de outros sobre ele.⁴⁶⁴ Ao afirmar que está na hora de “questionar toda a tirania da “linguagem””⁴⁶⁵, o autor estabelece um novo paradigma para a constituição do sujeito.

A argumentação de Rose abre a possibilidade de olhar a linguagem falada e escrita, a cavaleiro de ideologias, filosofias enquanto maquinação, assumindo uma expressão definidora do ser e estar no mundo, de uma forma que se apresentou hegemônica, banindo sensibilidades, possibilidades infinitas de interação entre os seres, que seriam então mais dispersos, em relação a qualquer centro de dogmatismo e apreensão da existência em moldes rígidos. A palavra, de início, foi um fator de agregação de forças no sentido de superar os enormes desafios e perigos que ameaçavam os seres individualizados. Daí, sua grande virtude e defeito, porque, passado o primeiro momento, ela se constituiu num elemento de estratificação social. Surgia a divisão de trabalho no momento em que o feiticeiro, o guardião da palavra sagrada, deixou de ir pessoalmente à caça, para se encarregar dos rituais mágicos que buscavam apreender espiritualmente o animal a ser caçado. Pelo exercício de sua *mise en scène*, de seus trejeitos e esconjuros, se torna portador da palavra mágica, o que o diferencia dos demais membros do grupo. Desde então a palavra não mais cessou de ser o instrumento de poder e dominação por parte de seres e grupos, que através dela direcionam as relações e os papéis sociais, estabelecendo códigos de convivência redutores da diversidade. Por isso deve ser olhada com cuidado, tendo sempre em mente a possibilidade de uma contraproposta ou de uma desconstrução. Mas voltemos a *Porto Calendário*.

A barca fez uma parada ao entardecer, para que todos descansassem:

Só Orindo velava. Cadê o sono? Tinha uma tempestade na cabeça [...].
 Descobriu a cabeça e botou os olhos no céu. Tantas estrelas por que? [...]
 Gozado! E o professor Otilio? Se lembrava, dizia: “O Cruzeiro é do Brasil”. Isso de ser dono tinha fundamento. Se Capitão Antão era dono da

⁴⁶³ ROSE, 2001, p. 177.

⁴⁶⁴ ROSE, 2001, p. 143.

⁴⁶⁵ ROSE, 2001, p. 157.

“Boa Paga”, seu Necão Gomes de três mil cabeças de gado, por que o Brasil tão rico não podia ser, também, dono de quatro estrelas no céu? Coitada de Tia Gatona, era de opinião oposta: a única coisa da gente é o coração pra se querer...Que coisa, meu Deus, pensando... também, está na minha mão dizendo. A barriga de Clara sentia como uma bola grande, fria.

– Está mexendo dentro de minha cabeça. Tenha pena de mim, meu São Bom Jesus da Lapa.

Orindo levantou-se, olhou ao redor. Todos dormiam. Não sabia se fora um sonho ligeiro. Pensou em fugir. Para onde? [...]

A barra do dia era uma gengiva rosada e úmida abrindo-se.⁴⁶⁶

A cabeça do “herói” é um turbilhão. Inúmeras questões o abalam, mostrando este ser dividido que metaforicamente traz, em poucas pinceladas, a problemática do apoderamento a cargo de homens e nações. O Brasil aí comparece em uma metáfora da desigualdade de direitos entre as nações: umas com tantas estrelas no firmamento simbólico das relações internacionais, outras sem posição de relevo, como o nosso país. Percebe-se também o confronto da espiritualidade de Tia Gatona com a idéia marxista da posse dos meios de produção como ancoragem do ser. Essa personagem aponta para a revolução do espírito, promovendo uma abertura nos corações. Enquanto isso Orindo vê no céu essa gengiva úmida e rosa, que mais parece uma vagina-símbolo das gerações que se sucedem na beira do rio-sertão, o útero do Brasil, contribuindo para a construção nacional, tanto em braços disponíveis como em espírito indomável, fornecendo a têmpera do homem brasileiro.

Passaram em Remanso, andaram pelas ruas da pequena cidade das badernas e dos crimes horrendos. Pilão Arcado tinha um galo de ferro no Cruzeiro que vai cantar quando acabar o mundo, Xique-Xique, o soube no canto de Madeira Seca, a história de Bento José de Brito que fugiu do forte de São Marcelo e abalou o São Francisco com a mandinga e valentia, Icatu Serra, de areia branca e cachaça “que intê peixe diverte”.⁴⁶⁷

O São Francisco é apresentado como um mundo a parte através das narrativas e cantorias que se tornam fatos da vida numa figuração que desconhece a fronteira entre o

⁴⁶⁶ P.C., p. 211-2.

⁴⁶⁷ P.C., p. 214.

mito e a realidade. Remanso aparece como a cidade imersa na penumbra dos crimes e desmandos, enquanto Pilão Arcado é associada ao galo, um símbolo solar universal, pois anuncia o nascimento do dia. Na cultura francesa, segundo Chevalier e Gheerbrant⁴⁶⁸, o galo representa a altivez; nas tradições nórdicas, a vigilância guerreira; na cultura grega é consagrado a Zeus e Apolo, deuses solares, e a Latona e Ártemis, deusas lunares. A figuração alcançada por Osório das cidades de Remanso e Pilão Arcado coincide em certos aspectos com os romances *Os Cabras do Coronel*⁴⁶⁹ e *Remanso da Valentia*⁴⁷⁰, de Wilson Lins. Tais narrativas heroificam o personagem Coronel, figura legendária que tem seu reduto em Pilão Arcado, cidade apresentada como símbolo do poder regional. Ele é o chefe de muitos homens em armas, que o defendem não como mercenários, mas como homens livres. São pequenos proprietários que se necessário largam seus afazeres para se engajarem numa luta “justa” pelos interesses do coronel. Em contrapartida, o coronel de Remanso é apresentado como vilão.

A passagem acima prima pela concepção fragmentária, até mesmo agramatical. Apresenta uma riqueza de aspectos que impõe ao leitor a cada passo um desafio. A agramaticalidade nas narrativas osorianas apresenta-se como fator estruturante de um outro modo de alavancar sentidos. Figura assim o espaço nebuloso da brutalidade ancestral envolta em mitos e alegorias, tirando efeitos expressivos dos ritmos e sonoridades que encorpam frases entrecortadas, abandonando a previsibilidade das seqüências e a concordância.

A marca do “herói” é o medo.

A lua subia amarela. Derreados nas esteiras, ensangüentados, corpos retalhados pelos facões da polícia, quinze homens dormiam numa ilha despovoada ao lado do patrão prepotente e desesperado, que há pouco mandara espancá-los. [...]

Somente Orindo não podia dormir. Tinha receio dos companheiros, aproximavam-se de Lagama-Mirim e tinha medo do seu destino.⁴⁷¹

⁴⁶⁸ CHEVALIER e GHEERBRANT, 2000, p. 457-9.

⁴⁶⁹ LINS, 1964.

⁴⁷⁰ LINS, 1967.

⁴⁷¹ P.C., p. 223.

Capitão Antão, o barqueiro prepotente que mandara a polícia surrar seus trabalhadores, dorme ao lado destes. Veja-se que os papéis sociais são bem estabelecidos. Os possuidores tudo podem contra aqueles que nada têm. Em nenhum momento o patrão deixa transparecer o receio de que seus homens se rebelem. Em vez disso a vida transcorre dentro da normalidade. Os conceitos de desamparo e masoquismo, discutidos por Joel Birman à luz da psicanálise, podem ajudar a entender o processo de subjugação do homem sertanejo entregue à sua sorte. O autor fala do desamparo como um legado da modernidade, um preço que se tem, tragicamente, de pagar por termos rompido com a sustentabilidade do Eu que se dava pela submissão ao divino, dentro de um aprisionamento teológico. Essa ruptura no período do Renascimento teve como legado o sentimento de desamparo, do qual o homem não conseguiu se livrar, senão ao preço da submissão ao Outro.⁴⁷² Para Birman, o sentimento de desamparo é a “marca eloqüente da falta de fundamento do sujeito na modernidade”.⁴⁷³ Na busca de uma proteção, o sujeito acaba por submeter-se ao Outro, num processo de servidão voluntária, mediante a entrega do corpo, numa relação de caráter obsceno. Por esse caminho, o protetor fará o uso que bem lhe aprouver do corpo alheio, infligindo-lhe maus tratos, numa clara relação masoquista. Nessa relação, o protetor não deixa ser também um desamparado, que através das perversidades julga triunfar sobre sua condição. A condição do desamparado se apresenta como paradoxal uma vez que a marca do homem moderno é autonomia do sujeito alicerçado na razão.⁴⁷⁴ O mitos de Prometeu e seu correspondente no cristianismo, Adão e Eva, ilustram o processo de afirmação do humano em relação à natureza e à divindade protetora, idéias que vão impulsionar o Renascimento. O homem então adquiriria autonomia e ensaiaria seu aprendizado de feiticeiro, ou seja, seria o criador e dono de seu destino, manipulando as forças naturais. Onde então buscar as causas do revés? Diante da liberdade que conquistara aos séculos de submissão de seus desejos à religião, o homem vê-se agora presa de um sentimento de orfandade que o subjugua. Segundo Birman, Freud, em o *Mal-estar na civilização*, aponta que “o desamparo crescente seria o preço que o sujeito teve e tem de pagar pela aposta que fez no projeto da modernidade. [...] o desamparo seria a outra face da modernidade, a sua face escandalosa e desgrehada...”⁴⁷⁵ Para Lacan, ainda segundo Birman:

⁴⁷² BIRMAN, 2006, p. 19-27.

⁴⁷³ BIRMAN, 2006, p. 27.

⁴⁷⁴ BIRMAN, 2006, p. 19-29.

⁴⁷⁵ BIRMAN, 2006, p. 47.

A emergência da psicanálise como discurso seria o correlato da *humilhação* que havia sido infligida à figura do *pai* no Ocidente. Se na modernidade a figura do pai foi severamente humilhada, a constituição do discurso psicanalítico é a sua contrapartida, pois visa não só à sinalização dos efeitos dessa desordenação simbólica, como também a reorientar o sujeito em direção ao pai.⁴⁷⁶

Birman afirma em seguida que, “se a psicanálise não pode ter a pretensão de fazer a restauração da figura aviltada do pai, pode ao menos realizar a gestão de seus efeitos terríficos sobre a subjetividade.”⁴⁷⁷

Na Modernidade, o poder, articulado com o saber, se valeu de estratégias discursivas, como “mediação da vontade dos homens [...] de forma a se tecer as novas modalidades de servidão”, como argumenta Birman.⁴⁷⁸ Numa sociedade que tem a individualidade como valor supremo, o poder se alicerça pela persuasão. Aí podemos considerar a importância dos mitos, entre outras narrativas, que têm esse efeito de jogo discursivo para suprir as carências do ser. Eles extraem seu modo não da experiência direta, mas mediados por um discurso fundador que faz a ação e reação do homem perante o mundo deslizar dentro da previsibilidade. Michel Foucault⁴⁷⁹, por seu turno, fala do poder disciplinar, invisível, discreto, que permeia, condiciona e observa o infinito das relações em todos os estratos sociais, e que substituiu o sistema absolutista que fazia, inversamente, a demonstração ostensiva, brutal e inequívoca do poder real.

“A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito.”⁴⁸⁰

Foucault fala dessa coerção ininterrupta, que mantém o corpo em constante sujeição, numa relação de docilidade-utilidade a que chama de “disciplinas”, desenvolvidas ao longo dos séculos XVII e XVIII. Esse pensador discorre sobre os diferentes modos de

⁴⁷⁶ BIRMAN, 2006, p. 48.

⁴⁷⁷ BIRMAN, 2006, p. 48.

⁴⁷⁸ BIRMAN, 2006, p. 24.

⁴⁷⁹ FOUCAULT, 2005a.

⁴⁸⁰ FOUCAULT, 2005a, p. 121.

submissão: a escravidão se apropria dos corpos; na domesticidade, tem-se a dominação “global, maciça, não analítica, ilimitada” de acordo com a vontade do patrão; na vassalagem observa-se a “relação de submissão altamente codificada” que se atém mais ao produto do trabalho e à obediência ritual, que ao corpo; o ascetismo e as “disciplinas” de tipo monástico “têm por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade”, e que visam ao “domínio de cada um sobre seu próprio corpo”.⁴⁸¹ Segundo esse filósofo, o aprimoramento do saber sobre o homem, levando a um conseqüente aumento de poder e domínio, não se deu repentinamente, é fruto de um desenvolvimento contínuo em instituições como a escola e o exército. Cumpre ressaltar que o saber se articula e insere-se de forma silenciosa nas práticas de poder. Ele age sobre os vetores do comportamento, obtendo seus efeitos sem que se fira a noção de autonomia e as chamadas liberdades em que se estribam o sujeito moderno.

Munidos dessas teorias que envolvem instâncias do inconsciente que desembocam na servidão voluntária, tanto quanto desses saberes articulados para um aumento de poder dos Mesmos sobre o Outro, retornemos à cena em que o Capitão Antão está dormindo tranquilamente com seus homens, a quem mandara a polícia surrar, sem que tema por qualquer represália. Tomando as idéias articuladas por Birman, os homens agiriam como carne da mesma carne no destino que têm a cumprir encenando a figura dos filhos perante o pai, numa esfera de mútua proteção e afirmação. Estão unidos como seres perdidos, tentando suprir o desalento. Um resolve sua insegurança pela posição afirmativa de chefe, os demais pela submissão dolorosa, cuja dor é bem menor do que serem como cães sem dono. Tomando as idéias de Foucault, o comportamento dos homens recende a uma interiorização dos papéis sociais, articulados pelo sistema disciplinar, cujo braço policial há pouco os alcançara, fazendo valer uma didática que relembra o poder ostensivo e espetaculoso dos monarcas, como nos fala esse filósofo. Mas cumpre ressaltar que no sertão sanfranciscano impera uma ordem social híbrida. Um sistema que mistura características feudais, escravistas, coronelismo, banditismo, presença pálida do Estado, que tenta se institucionalizar, e da Igreja, em luta contra o

⁴⁸¹ FOUCAULT, 2005, p. 118-9. Esse filósofo afirma que o momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil. [...] O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer [...]. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2005, p. 119)

sincretismo, que faz uma adaptação ao meio da fé cristã. Trata-se de uma sociedade que aos poucos emerge do isolamento. Os vapores já circulam pelo São Francisco, ligando todo o Vale, de Pirapora, em Minas Gerais, a Juazeiro, na Bahia, cidades estas ligadas por trem, a primeira à capital paulista, a segunda à capital baiana. O intercâmbio de pessoas acelera a circulação de idéias, costumes, modos diferentes de ser e estar. Cumpre decifrar esse emaranhado de linhas de força que perpassam a submissão voluntária e involuntária. A chamada submissão voluntária é uma categoria problemática, pois como nos aponta Foucault, ela já se acharia comprometida pelas insinuações do poder na consciência, que aí aloca sentinelas avançadas, sutilmente posicionadas. Elas tanto inibem como sugerem opções. Cumpre também lembrar os apelos do inconsciente individual e coletivo, como nos fala Jung, que ligam o estar-no-mundo a instâncias de ordem mitológica e arquetípicas.

Podemos notar o peso do chefismo como uma dessas sentinelas avançadas no espírito das populações ao constatarmos o medo de Orindo em relação a uma reação dos homens para com ele. O personagem teme pelo fato de ter sido o emissário do barqueiro, para acionar a polícia contra os remeiros reticentes em retornar ao serviço antes do combinado. Segundo o trato, teriam três dias de folga em Barra, a fim de atualizarem o lado sentimental e se entregarem à embriagues. Teme porque está fora dessa relação de contorno masoquista e de obediência, podendo ser alvo da cólera, destino de uma catarse que não ousa dirigir-se contra o chefe.

Na passagem que se segue, aí está o Capitão no pleno uso de seus poderes, imprecando contra seus homens, que se esforçam no limite contra a corrente que quer levar a barca rio abaixo.

– Redobrem os baques, cadenceiem o serviço, gente frouxa. Dia a pino, sol fervendo dando penitência se varejando que dá dó, mas é preciso.

Pasmado, olho no velame, Capitão Antão roxeava acalundunzado. Tinha desgosto; a barca lesmava enfiada no baixio alisado. [...]

Desgoelada, a vista da terra abria-se trazendo o rio. *Seu Chico*, pai de nós todos, recuando nesga suja de vazantes verdes, entoiceradas achatando no mais longe onde a coroa branca era uma poeira de cinza. Só as varas batiam como conversas estraladas no cascalho do fundo do rio, socado de ferrões, franjando águas, fazendo chuás moles... e a barca rastejava. [...] Se a correnteza vence e arrasta para baixo a embarcação, mesmo soltando sangue e rebentando o peito, o remeiro demuda. Mais que a mão na cara, mais do

que chamar de filho da puta e do que refe de soldado. A toa é desfeita. Reage firme e a barca não pode parar.⁴⁸²

A cena carrega o simbolismo da luta da criatura contra o elemento gerador de vida, o rio. Seus filhos lutam contra essa força que teima em arrastá-los em seu destino. O São Francisco é o motor desse universo, mas os filhos para serem em sua autonomia relativa têm que sangrar o peito, se revoltar contra o elemento doador de vida e que pode significar a morte, tanto física como simbólica. Aí está o sertanejo se superando, como já o descrevera Euclides da Cunha, em *Os Sertões*. Luta contra a natureza e contra o Outro que o oprime, bate-lhe na cara, xinga, chama a polícia para dar corretivo. A cena condensa com economia e precisão a vida e a têmpera do nordestino. Os homens estão concentrados no limite de suas forças, porque o contrário seria desfeita. Agora vencer é um capricho levado às últimas conseqüências.

Orindo é uma total exposição à existência, sem fronteiras, certezas ou dogmas. Atina com a condição humana em todas as trincheiras e limites. Vive em sintonia com o mundo, sentido na pele o sofrimento esparramado, que não respeita classe ou fortuna. “Orindo teve pena do patrão. Tava assim: de manhãzinha melhor, depois ia se arruinando nervosado, olhos vermelhos, falando sozinho dia inteiro, riscando com lápis, contas no papel. Coitado!”⁴⁸³ Essa é a posição do poeta, que paira em regiões sublimes, que lhe permitem olhar a vida como espetáculo, sem ganhadores ou perdedores, todos enfim a mesma lástima, jogados pelo mundo em que foram esquecidos pelo criador. O possuidor, que amealha poder e riqueza, é talvez o mais espantado e carente, que tenta pela posse e domínio suprir o estado de orfandade e abandono. O narrador, em suas confabulações com o autor implícito, traz essa filosofia, quase uma religião, do perdão e do entendimento entre os homens.

Segue-se uma cena hiperbólica que é a própria alegoria do inferno. O personagem Berto Nunes poderia ser comparado a Caronte, o barqueiro que conduz as almas ao Hades. Trata-se este de um senhor impiedoso, que não dá trégua a seus súditos, tendo seu nome sido assimilado na mitologia grega ao lugar por ele dominado, as zonas infernais. Assim sendo ir para o inferno pode ser, tomando a idéia de Sartre, encontrar esse Outro diabólico que está em toda parte.

⁴⁸² P.C., p. 225.

⁴⁸³ P.C., p. 226.

Apesar da fama cruel de Berto Nunes, nunca faltaram desgraçados para as coxias de sua barca. Bois de carro, cavalos de vaqueiros e jegues de carregar água podia amuar. Os remeiros de Berto Nunes nunca. Se adoeciam tombavam no sal. Paz a sua alma! Doença demorada não aceitava. Mandava encostar a barca e repetia:

– Tive um sonho mau com ele, não escapa mesmo, e Deus já disse: “Encurtar o sofrimento é caridade” – e mandava cavar a sepultura.

Os remeiros diziam escutar gritos aflitos vir vindo das ribanceiras: era dos remeiros que Berto Nunes mandara enterrar vivos. [...]

– Não quero cantigas, estou dizendo, canto chama preguiça. Não consinto.

Arrouxeadas pelos espancamentos, as costas dos remeiros mostravam os riscos das cicatrizes endurecidas pelo sol.

Caxabumbando no cordão, o batuque das varas açoitadas pela correnteza assurdinava pragas cochichadas.⁴⁸⁴

O São Francisco transformou-se no Érebo, o rio de fogo, em que os danados gritam das margens, atolados em seus pecados e remorsos. O barqueiro, acompanhado de seus fantasmas, segue incólume, proibindo cantigas, brandindo o chicote. O mistério reside nesse entregar-se deliberadamente ao mal para servir de expiação. Existe aí uma força inconsciente de animal domesticado que se submete pelo conforto de ter um guia, mesmo que este seja o diabo, um ser além de quaisquer fronteiras.

Podemos associar o comportamento desses remeiros ao pessimismo estóico, que chegou ao Ocidente por conta do expansionismo de Alexandre. Este, ao difundir a cultura grega, abriu canais para a entrada do pessimismo reinante no Oriente. Segundo Will Durant, a morte de Alexandre em 323 a.C. mergulha a Grécia num período de decadência. Os canais que o jovem conquistador havia aberto para a expansão da cultura e produtos gregos serão os mesmos que possibilitarão a entrada do pensamento estóico introduzido em Atenas, cerca de 310 a.C., pelo mercador fenício Zenon. Essa apatia vai ser contrabalançada pelo chamado epicurismo que é a superação do pessimismo, do sentimento de derrota coletiva, pela busca do prazer. Cumpre ressaltar que Epicuro (342-270 a.C.) defendia o prazer superior do intelecto mais do que o dos sentidos, e nesse sentido não seria epicurista.⁴⁸⁵ Levados para Roma, pelos conquistadores de

⁴⁸⁴ P.C., p. 229.

⁴⁸⁵ DURANT, 2000, p. 109-111.

Heléia em 146 a.C., esses princípios filosóficos vão se tornar os pólos do pensamento no período do Império, perpassando toda a Idade Média e chegando à Idade Moderna, como vertentes do pensamento que traduzem o ato de ser e estar no mundo, ora pendendo para um lado, ora para o outro. Coincidentemente, tais tendências correspondem à divisão tipológica estabelecida por Karl Jung⁴⁸⁶ entre o caráter introvertido e o extrovertido do ser humano. São como princípios ativos que estão na base de elaboração do ser e regem a ação do homem no mundo. Observamos que o extrovertido tende ao domínio material. O introvertido assume uma atitude crítica passiva ou de submissão.

O narrador carrega suas imagens de cores sombrias como forma de levar o leitor a esmiuçar as causas dessa letargia que move o sertanejo. Estariam os remeiros imbuídos do espírito de sacrifício e, quem sabe, no supremo gozo de seu sofrimento como numa *via crucis* que os levaria impreterivelmente ao paraíso além da vida? Isso nos faz lembrar o personagem Augusto Matraga, de Guimarães Rosa, que se submetia a qualquer sacrifício enquanto caminho para a bem aventurança. O texto de Osório nos leva a um mundo de especulações. Talvez essas acomodações se dêem por conta de uma combinação de estoicismo, cristianismo, do sentimento de desamparo e a conseqüente busca de proteção. Cumpre também considerar a anestesia do espírito ao cabo de gerações submetidas à brutalidade, ao clientelismo, à instituição do favor e do compadrismo, de que fala Darcy Ribeiro⁴⁸⁷.

Na seqüência da narrativa dá-se uma disputa entre barqueiros concorrentes no comércio ribeirinho, peleja esta que lembra os embates no tempo da antiga cavalaria. Enquanto nesse tempo os cavaleiros lutavam por questões de honra ou por ideais, aqui os barqueiros travam uma disputa comercial. Competem para ver quem chega primeiro aos entrepostos, onde serão vendidos os produtos que transportam.

Trêmulo, o Capitão Antão respirava com dificuldade. Já se via o vulto da “Lealdade” avançando na encosta do barranco. Vicente, o proeiro, pisou na chumadeira e virou-se para os outros ainda na terra:

– Gente, o que Berto Calamidade quer fazer não nos importa, mas importa de outro lado. É desfeita. A barca não é nossa, nem o sal, nem as varas, nem nada, eu considero. No dia em que não existir mais remeiros no

⁴⁸⁶ JUNG, 1987.

⁴⁸⁷ RIBEIRO, 1996.

São Francisco as barcas sumirão também. Nós e elas, a inácia, gritamos na honra. Remeiro, por mais que se diga, é gente, e, a “Boa Paga” não pode ser desfeiteada. Qual o vaqueiro que quer ver seu cavalo apanhar na corrida? A barca se não é nossa prau mando, é pra subir... Sei que não voltarei mais na Barra, sou corrido na justiça com crime contra os soldados do governo, mas quero provar. Vamos tirar a pabulagem de Berto Nunes, malvado.

Vicente, o proeiro, apontou o rio. – Olhem a refrega arrepiando, vamos soltar pessoal.

Vicente puxou uma toada. Capitão Antão acalmou-se, chamou Orindo e mandou distribuir reino. A cantoria engrossou o vozeado no compasso do embalo: as cordas correndo nos carretéis, rangindo, o chuá da proa chocalhando a correnteza, todos os passarinhos do São Francisco piando.⁴⁸⁸

Podemos observar que diferentemente do dono da barca, os remeiros têm seu código de honra a ser defendido. Enquanto o patrão está preso à ordem prática, ao lucro, os remeiros comparam-se aos vaqueiros que preservam o bom nome de seus cavalos, buscando a posição de vencedores. Em contrapartida à sua miséria material, ascendem a um patamar de nobreza em que o ideal sobrepuja assuntos ligados à mera sobrevivência e aos problemas de ordem pessoal. E a natureza parece conspirar a seu favor. Remam ao ritmo das toadas, acompanhados pelos passarinhos como num encantamento. O efeito visual é intenso. A narrativa tende a uma dramaticidade encorpada pela visão cinematográfica. Note-se o impacto causado pela frase “o vulto da “Lealdade” avançando na encosta do barranco.” A sensação é de mistério, quase terror. E a seguir, o diabo carrega mais uma de suas almas.

Jasmim de Cachorro, um dos homens da “Lealdade”, vítima da fúria do Sargento Bim-Bim, com o ventre perfurado, abandonado, morria aos poucos no porão do sal. Berto Nunes tentou reabilitá-lo, insultando-o e ameaçando-o sem reconhecer a gravidade do ferimento. Jasmim de Cachorro abria os olhos brancos e batia a boca seca tostada pela febre num sussurro incompreensível. Delirava e falava nomes de mulheres, de bichos e de lugares. Os companheiros achavam graça e ridicularizavam o coitado. Não poderia haver piedade para quem estava no sal.⁴⁸⁹

⁴⁸⁸ *P.C.*, p. 231.

⁴⁸⁹ *P.C.*, p. 232.

Jasmim de Cachorro soltou um gemido alto e dolorido. Tudo calou. O São Francisco era um caminho, e a “Lealdade” subia estropiada.⁴⁹⁰

Fazendo novamente o sinal da cruz, mestre Damião foi para seu posto. Quando encostaram abriram uma cova no lameiro e enterraram o corpo sem mortalha. Não existia ao redor uma árvore onde pudessem golpear na casca uma cruz. Mestre Damião pegou duas folhas de capim zozó e cruzou na sepultura.

O cozinheiro não tardou em anunciar a bóia:

– Tragam as cuias.

A tripulação comeu como todos os dias: silenciosos, animalizados, tocando os mosquitos com a mão como o gado faz com o rabo.⁴⁹¹

As cenas são dramáticas, não há piedade. A vida perdeu o seu valor intrínseco, para guardar apenas o valor de uso, em que os homens são vistos como animais de serviço que são descartados ao fim da vida útil. A religião é o bálsamo que os redime ao desespero. Note-se que a preocupação dos tripulantes se volta para o sacramento. É necessário colocar a cruz diante da sepultura, mesmo que seja feita, em sua fragilidade, de capim. O homem cristianizado volta seu olhar para o além. Aqui nada importa. Assim Beto Nunes é o caminho certo para um desfecho breve, seguramente traçado nos piores sofrimentos como garantia para a vida eterna, “O São Francisco era um caminho...” Uma vez cumprido o ritual, sem mais delongas, voltam-se animalizados para a tarefa básica de comer, para que façam render sua força de tração. Na expressão “a “Lealdade” subia estropiada”, associa-se a barca a um animal de serviço que está dando o que pode. Há também a idéia da lealdade sertaneja. Nesse caminho do rio, o homem fiel ao seu destino utópico segue buscando pertencimento, secundado pela abnegação. Na barca de Capitão Antão, vemos a mesma luta do ser nordestino no limite.

Enfurecida pela luta e pelo álcool, a tripulação ganhava, na disciplina do controle, a seguridade. Não eram mais homens e sim autômatos articulados na necessidade de repetir.

Só Orindo afastava-se. Estava se aproximando do Lagamá-Mirim. Gostaria de subir sozinho mais depressa, queria mais do que Capitão Antão

⁴⁹⁰ P.C., p. 234.

⁴⁹¹ P.C., p. 236.

pra defender seu dinheiro, queria fugir. Na cadeia de Juazeiro tinha mais liberdade, não compreendia.⁴⁹²

Aqui desponta o mito de Santo Antão, sintomaticamente o nome do proprietário da barca. Conta-se que o santo, que fora preso, ao ser declarado livre argumenta que não se julgara em nenhum momento privado da liberdade. O carcereiro sim era o prisioneiro de suas ilusões e desejos, como os espíritos não devotados ao criador. Contrariamente, Orindo apesar de livre sente o peso das correntes que o ligam ao filho e a todos os irmãos brasileiros que já viveram e os que estão por nascer sob o peso da opressão. Esta o coloca, através do filho, em estado de suspensão. O ser utópico pede uma moratória para deixar passar o cortejo fúnebre, ele levando simbolicamente o mundo dos desvalidos de que se tornou de repente coadjuvante. Observamos nesses acontecimentos o processo de codificação cruzada atestando a dimensão onírica da narrativa. Orindo assume o destino do santo, em contraposição ao comportamento predominantemente pragmático daquele que se chama Antão. Apesar de exigente, este trai sua emotividade sertaneja, revelando uma outra face.

Capitão Antão se emocionava. Via Orindo, trabalho seguro, certo, sabia. Bem se diz; deve ser os livros. Lembrou-se do seu tempo de moço. Arre! Tá, tá, tá, pra mim é... Pegou fogo na cabeça, no corpo velho revivendo de alegria dentro do pelejamento. Voltava, a barca era do rio, de Deus, do Coronel Otacílio, credor filho de uma jega fedida a angústia... Tá mesmo. Arrancou a camisa, as calças, ficou só de cueca, pegou a vara e saltou no contra, fê na chumaceira... Um urro selvagem estourou na goela da tripulação, saudando.⁴⁹³

Até o velho capitão, vendo a luta dos remeiros, a obstinação de Orindo contra a correnteza, cai na luta, o que é motivo de uma fricção orgástica, por parte da tripulação. Dir-se-ia que a cena traz um toque de sensualidade. Vemos o homem em seus atributos fálcos, sob a investidura de chefe, quase despido tomando da vara para afundar no leito uterino do rio.

⁴⁹² P.C., p. 237.

⁴⁹³ P.C., p. 237.

Berto Nunes enfrentava o Meleiro com a tropa esmorecida, mas teria de dar um couro no velho Antão.

– Ele tá quebrado, sei, vai doido atrás do preço do sal.

Pegara dois remeiros na ribanceira. Um deles sabia o serviço, e outro era um negro forte de dezesseis anos, sobra das lagoas pesqueiras.⁴⁹⁴

O narrador traça, indiretamente, o perfil de Orindo. Note-se que já se vão mais de dois terços do romance e não se tinha uma descrição mais precisa da figura do “herói”. O narrador trabalha na contramão dos tipos predominantes na inteligência nacional, justamente para anular o preconceito da chamada inferioridade racial. Orindo, um negro, é a figura mais sensível. Enxerga em profundidade os problemas que afetam a sua gente e que turbilhonam em seu espírito como uma obsessão, por vezes deixando-o pasmo, petrificado no instante mesmo em que se dá conta das aberrações. E a senha é dada em diversas passagens ao longo da narrativa, em que a postura do “herói” é atribuída a suas muitas leituras. Com isso, vem à tona um lado ideológico do autor implícito que parece apontar a educação como o caminho para a igualdade entre os homens e a superação do obscurantismo.

Damião conhecia o céu, o vento, acreditava... e entrou para a tolda. A remeirada desarticulava-se nos pegos arriscados, cruzando as varas desalentadas contra as águas indomáveis. A barca descia; era a toa. Mutuca, o proeiro, subiu no murundu e falou:

– Moçada, quem já viu tanta desgraça? Em que porto as mulheres abrirão suas portas para os remeiros da “Lealdade” logo vão dizer: “Foi no Meleiro!” Homem é homem nas suas forças. Caçoarão de nós. Vi Maria Pacu dizer prau proeiro da “Humaitá” por via duma desta: Calixto Berimbau veste a minha saia e aconteceu. O coitado bebeu até derriar no Porto do Tamarindo de Baixo do Corrente, e morreu afogado desgostado da sina. Vamos matar esta égua encharcada; peso de sal não é opinião e se desgrama, dá recebimento, machos nós somos.⁴⁹⁵

A honra, segundo Hegel, é um pressuposto básico para a afirmação do homem no meio social. Ele não poderá sobreviver sem honra, sentimento instaurado na subjetividade e

⁴⁹⁴ *P.C.*, p. 238.

⁴⁹⁵ *P.C.*, p. 238.

fruto de um reconhecimento das peculiaridades individuais. Pela defesa da honra o homem se lança em uma luta de vida e morte.⁴⁹⁶ Na passagem, o alerta do proeiro tem um impacto forte sobre os companheiros que não aceitam ver sua macheza ser colocada em xeque. O exemplo de Calixto Berimbau é emblemático. Ele preferiu o retorno simbólico ao rio doador da vida, a ser rebaixado moralmente em sua condição de homem dominador do seu espírito e das forças da natureza. Uma morte em que se torna um emblema, afirmando assim os atributos do ser nordestino que tem como fundamento uma vontade inquebrantável, que não aceita a derrota. Mas o referencial moral do nordestino aqui abre um flanco precioso no que tange aos valores incorporados como norteadores de sua existência. O desafio será entender como o nordestino aceita o grande fracasso, o “Eu” dominado pelo “Outro” que o rebaixa em sua condição de ser humano, negando-lhe as mínimas condições de uma sobrevivência digna. Porque ele não reage, se empenhando numa luta de morte para que tenha seus direitos reconhecidos? Essa luta se dá entretanto no plano simbólico. Poderíamos pensar que a peleja entre os remeiros das duas barcas, agora comprometidos visceralmente numa competição cujo resultado, se titubearem, poderia significar a desonra pública, funciona como um sucedâneo ao plano de tomada de poder e dos meios de produção. Articula-se numa catarse, como resultado de um processo em que os torneios e manifestações lúdicas de representação dos embates do plano real podem ser instrumentalizados pelos aparelhos disciplinares. De outra sorte, a não reação parece ser resultado de um aprendizado, uma interiorização, geração após geração dos papéis socialmente aceitáveis. Capitão Antão mandou a polícia surrar seus homens, que na cidade de Barra, apenas tentavam fazer valer um acerto prévio, que lhes daria direito a três dias de descanso. Eles não reagiram devidamente ao desmando, encetando uma luta que poderia aos poucos inverter o equilíbrio das forças sociais nos vastos sertões. A submissão foi visível. Tinham como oponentes o barqueiro e a polícia, instituição a serviço dos possuidores que forma juntamente com a Igreja, a chamada “ordem” institucionalizada. Os remeiros a serviço de Berto Nunes são enterrados vivos pelas margens do rio, quando se tornam imprestáveis, e não reagem à opressão. Estão submetidos a forças interiorizadas em sintonia com os mitos e mistificações, que complementam o serviço da alienação. A passagem a seguir mostra esse ser imerso num mundo submetido a forças mágicas.

⁴⁹⁶ HONNETH, 2003, p. 56.

O rio empretecia no sopro da refregação. Sabia que a tripulação de Berto Nunes estava arrebetada. [...] antes de começarem a janta, Mutuca, o proeiro, advertiu:

– Antes precisamos rezar, cristãos, para a alma de Lalau Bem-te-vi, foi ela que trouxe o vento. As almas dos coitados trazem alívio, ajuda os companheiros, pra nós da “Lealdade”, também praus da “Boa Paga da Lapa” e assim será té um dia...⁴⁹⁷

O homem espera dos poderes supremos que ponha em movimento as grandes forças da natureza em seu socorro nos momentos de aflição. Pede, sem fazer discriminação aos adversários, numa referência clara à natureza solidária do nordestino.

A Boa Paga chega finalmente a seu destino. Orindo se despede do barqueiro. Este o trata com uma agressividade condescendente. Por certo acalentava o direito de propriedade sobre o jovem remeiro. Mas, tendo ficado apenas num estouro verbal, parece entender que esse está em busca de outro caminho. Seu destino é esparramar-se pelo mundo, tentando um encontro. E lá vai ele, atender ao chamado de Deraldo Mesquinhiza, um canoeiro, positivo, que ia rio abaixo, rio acima, cumprindo mandados, levando encomendas. Este empreita Orindo como remador em uma viagem à cidade de Barra. E vai contando suas histórias.

– Vê aquela mala ali? Leva mais de cem contos do patrão, mas enquanto estiver em minhas mãos é do perigo. Confiava. No São Francisco nunca houve um assalto, um roubo. Matava-se por muitas coisas: entre os ricos, pela posse das terras, do gado e do poder; entre os pobres, pela posse também das mulheres, da amizade dos amos, pela fama de ser um macho empedrado.⁴⁹⁸

O narrador faz uma síntese do ser nordestino, fiel a seus princípios, o que envolve o conformismo com a pobreza e as injustiças praticadas pelos mandões, de quem paradoxalmente disputam o afeto, num regime de proteção mútua e troca de favores que dá ao desvalido um sentimento de pertença. É feita a distinção entre as categorias sociais. Os ricos têm sua vida direcionada na esfera do ter, marcada pela ética dos

⁴⁹⁷ P.C., p. 239-40.

⁴⁹⁸ P.C., p. 243.

possuidores. Os pobres disputam bens na esfera emotiva, marcada pelo reconhecimento do amo e das mulheres. Estas, não obstante, também são tratadas como posse, numa ultrapassagem dos afetos. O culto à macheza se desloca em duas vertentes. Se em relação ao chefe o sertanejo tem o porquê e o limite sua bravura, em relação às mulheres se dá a culminância de sua concepção fálica da existência.

O sertanejo humilde é um ser à margem dos processos globais, em virtude do seu isolamento. Certamente não foi tocado pelas idéias de autonomia do sujeito, assim como não chegou ao ponto crítico da polarização: capitalismo, marxismo, visando discutir a partilha dos bens de produção e seus frutos. São idéias que deram a tônica do pensamento ocidental na modernidade. Ele vive nos padrões de uma sociedade pré-capitalista e pré-industrial sem, entretanto, possuir atributos essencialmente feudais. Segundo Arnold Hauser⁴⁹⁹, na Idade Média de sistema feudal, as classes que compõem a sociedade têm significado intrínseco próprio, resultado de uma ordenação divina, o que tornaria a ascensão social impossível, “uma rebelião contra a vontade de Deus”. “A finalidade da vida é a posse de bens eternos, não a atividade mental em si”. A vida se tornou agrária, tendo as cidades perdido sua atração. A produção se limita à subsistência, “economia de vazante”. O comércio vai aos poucos se extinguindo. A posse da terra, a partir do século IX, dá-se pela concessão real – como recompensa por serviços militares e burocráticos –, inicialmente por um período estipulado, depois hereditário. O autor argumenta que é explicável que “um espírito pré-individualista esteja de acordo com uma economia pré-capitalista e pré-racionalista [...] na medida em que o individualismo já contém em si o princípio de competição.”⁵⁰⁰

Podemos aqui nomear mais alguns traços que poderão ensejar uma compreensão do ser-nordestino, buscando entender sua passividade ante as afrontas que sofre. Por certo se trata de um espírito pré-individualista vivendo em harmonia com a natureza, com a qual desenvolve suas sensibilidades e uma religiosidade que vai ser uma atualização do mito cristão às características locais, no que tange à cultura híbrida, aos meios de sobrevivência e sua problemática. Estes elementos se associam a resquícios da organização comunitária baseada no clã, com seu chefe. É notório nas narrativas do sertão, seja em Osório, Guimarães Rosa, José Lins, Wilson Lins, entre outros, essa característica solidária entre as pessoas humildes, que se socorrem nos momentos de necessidade com uma presteza fraterna. Há entretanto diferenças marcantes entre o

⁴⁹⁹ HAUSER, 2000.

⁵⁰⁰ HAUSER, 2000, p. 178-183.

feudalismo e o regime político, econômico e social do Nordeste brasileiro ao tempo em que se dá a ação do romance. Aqui, o acesso à terra é restrito a uns poucos que dela se apossaram, normalmente pelo uso da força, e assim a mantêm. A esfera econômica, essencialmente agrária, está embasada na herança do sistema escravista, em que os trabalhadores nada recebiam pelo trabalho, eram propriedade de um senhor. É forte a ambivalência. Na esfera do poder, a economia tende a um capitalismo concentrado, sem classe operária, em que os donos lucram enormemente e os trabalhadores pouco recebem, podendo ser o pagamento em dinheiro, em víveres ou favores. Na esfera do imaginário, os possuidores têm uma atuação dúbia que mostra muito bem o perfil de sua personalidade. Garantem a posse dos bens temporais, ao tempo em que buscam assegurar um lugar no paraíso. Isso fica por vezes estabelecido com clareza como uma atitude bem pensada. Em outras ocasiões apresenta-se como resultado de uma fragilidade do ser arrogante, que repentinamente perde a carapaça do homem duro e desnuda a criança presente no inconsciente, buscando sustentação no transcendente. Já os deserdados têm uma atuação que perpassa a visão medieval de existência voltada para os bens espirituais da herança cristã. Mas a isso se junta uma imersão inconsciente nos meios social e natural, extraíndo daí uma religiosidade peculiar que se mescla a influências de religiões e mitos de origem africana e indígena. E todos esses elementos se misturam num sincretismo que atualiza os preceitos e crenças, formando uma religiosidade viva que traduz os anseios e dilemas da comunidade em seu momento histórico.

O positivo Deraldo Mesquinhiza conta uma história que bem ilustra as articulações do poder agenciando o imaginário das populações. A visão maravilhosa desvia o foco das apropriações dos fatos, impedindo uma explicação racional. Podemos ressaltar o artifício do narrador ao colocar como interlocutor justamente aquele que sente na pele os efeitos dessas articulações.

– Você que é moço deve olhar bem longe. Enfastia felicidade. Dizeres são bastantes mas se subimos em cima dum serrote pode esperar: o lado de lá é diferente. Em pulso de mulher cabe tudo. Destrincho. Quem não sabe de uma ? dizem: foi nas Barreiras, outros contam ni Pedra dos Angicos, foi acontecido. Quinca Simões era um barqueiro protegido endinheirado e chegou com a carga completa pegando a alta do sal e do querosene. Tinha chegado na cidade, não se sabe donde, uma mulher bonita, traquejada e bem

vestida. Sabendo da sorte do barqueiro Quinca Simões propositou. Fez uma bandeja de tudo: frango assado, arroz com açafrão, frigideira de maxixe e uma compoteira de doce de limão. O propósito entregou com um bilhete dizendo a casa e a hora. Barqueiro batizado, Quinca Simões maginando discedio, jogou o presente no rio e foi dormir sossegado. Sabida planejou. Deixou a porta aberta, vestiu uma camisa rendada, derramou oriza no corpo e na cama. Deitou. A luz do candinheiro com tubo de vidro azul, encantava tingindo os móveis, as flores da mesa. Esperou. Já era tarde quando pressentiu que alguém entrava. Era ele. Na comida, a mandinga resolvia: fechou os olhos e fingiu. Logo sentiu sobre o seu corpo um outro corpo frio e fedorento. Perto do seu rosto babando, boca aberta mostrando os dentes afiados, esturrava enlouquecido. Era um jacaré. Devorou a comida atirada ao rio pelo barqueiro tomado pelo achado e foi procurar a feiticeira. E aí?! Apavorada, a mulher começou gritar por socorro e foi abafando, abafando... A fera doída de cio querendo mais amor estrangulava a macumbeira. O bicho apertava a capeta nos braços, fungava com os dentes enfiados na garganta e teve...

Quando apareceram os primeiros acudindo era tarde. A mulher ni uma poça de sangue abraçada pelo jacaré ainda querendo estava morta. Castigo. A morta tinha mudado de feição, era uma preta velha. Perdera o encanto e disseram: “É a negra Marta, a feiticeira.”

Orindo, pasmado, ouvia a história.

– Rema, rapaz, ta com medo da feiticeira? Você também acredita nestas histórias?... Pois eu lhe digo, é uma mentira. Dizem que esta negra Marta descobriu um remeio que fazia as escravas moverem os filhos para não nascerem escravos. Vogou pelos sertões do São Francisco perseguida, destruindo sua meizinha, e se tornou tão odiada pelos donos de escravos e pelas autoridades que tudo fizeram e inventaram para destruírem a tal. Assim continuam fazendo com todos os que se insurgem contra seus privilégios e maldade. Como os pobres acreditam e aumentam tudo o que é do gosto dos poderosos, contam dela outras coisas. Seduzia um pai de família na Manga e deixou louco e pobre o coitado; foi moça do Capitão Joaquim Telles, perdeu o velho bem casado, que acabou dando um tiro ni ela e outro no ouvido. Na hora do enterro o corpo da mulher desapareceu e todos disseram: “É ela, a negra Marta.” Desconfia: depois a história da mulher com uma criança nos braços, arrastando para o pecado e a morte o velho João Imaginário do

Corrente, homem Santo de verdade... E assim, de malvadez em malvadez, perdeu o encanto nos braços de um jacaré!⁵⁰¹

O sertanejo é então apresentado como um ser que se realiza, paradoxalmente, em uma atmosfera mítica, em que o maravilhoso tem papel preponderante no conjunto de sua existência, condicionando a vida prática e suas relações. Cumpre ressaltar que a discordância do positivo Deraldo quanto a esses artificios do poder colonizando o imaginário tira um pouco da tensão narrativa, mas, de outro modo, mostra o universo sertanejo em sua configuração polifônica. Afinal o “herói” não é o único a esmiuçar criticamente os modos de alienação e dominação das populações. A sentença “os pobres acreditam e aumentam tudo o que é do gosto dos poderosos” sintetiza esse viver na esfera do mandonismo. Os que vivem na órbita de um poderoso assumem como suas as preocupações daquele. Sem procurar entender as reais intenções que envolve os fluxos de interação com o Outro, apreendem apenas o plano figurativo, naturalista, em conexão com o imaginário expresso nas histórias e lendas. Não atentam para o significado profundo, intrínseco, que no dizer de Panofsky, analisando temas humanísticos na arte renascentista, revela “a atitude básica de uma nação, uma época, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica – assumidos inconscientemente por um indivíduo e condensados numa obra.”⁵⁰² Os sertanejos em sua maioria atêm-se apenas à esfera mítica, à qual dão fabulação, no fio das capacidades de visualização e imaginativas, associadas a seus próprios traços psicológicos e dilemas. E é nesse vácuo de pensamento crítico que se espalha o “herói” Orindo:

... Mas as crianças do São Francisco continuam infelizes como as nascidas nas senzalas... Clara, a mãe, é branca e livre e se acaba dando as carnes e o útero para fazer render e manter a propriedade de *seu* Necão Gomes. Eu queria compreender tudo, mas não posso meu Deus! *Seu* Necão é bom, mas tem a propriedade e exige... Joviano vai ser proprietário e me disse: “Mano, eu trato da criança, juro...” Não sei não sei... Remo, pra fugir mais depressa; seu Matinhos vai me ajudar, vou ser um alfaiate, ter umas roupas bonitas e ir para mais longe desconhecido...⁵⁰³

⁵⁰¹ P.C., p. 244-5.

⁵⁰² PANOFSKY, 1995, p. 22.

⁵⁰³ P.C., p. 246-7.

O narrador dá visibilidade às grandes questões nacionais, através de imagens repentinas, às quais retira o peso conceitual. Aporta uma visão lúcida dos fatos, no bojo de frases curtas, artisticamente configuradas em sua leveza, lirismo sem abrir mão da profundidade. Assim procura desvendar os entraves que comprometem o Brasil, no sentido de que possa um dia poder ser considerado uma nação. Nessa mesma linha, Roberto Schwarz alerta para o tripé que constitui o sustentáculo de uma nação: o social, o econômico e o cultural, dos quais o país apenas alcançou este último, principalmente através de sua maturidade literária.⁵⁰⁴ O autor implícito deseja alertar para o atraso crônico em que vivemos, por não darmos solução à questão social. Os gargalos se perpetuam, desde o tempo da narrativa, passando evidentemente pela atualidade do problema à época da escrita do romance e chegando ao século XXI, em que o vemos, sem que se afigure uma solução definitiva. O ideal de nação permanece uma fábula distante, sem conseguir se concretizar.

O personagem se desespera diante de suas limitações. Talvez quisesse ser divino para a tudo compreender, mas se reconhece meramente humano. O narrador faz novamente, através da voz interior de Orindo, uma ponte de entendimento entre ricos e pobres. Compreende a figura bondosa de Necão, prejudicada pelo fato de ser possuidor e assim ter de agir como tal. A imagem sinaliza para a condição do homem, ligada a seu tempo, lugar, condições econômicas e sociais como preponderantes na moldagem de sua subjetividade, definindo a amplitude de sua visão e qualidade da ação. E o personagem, sempre deslocado, termina a passagem vislumbrando o sonho de conseguir ir mais longe, usando melhores roupas que iria aprender a fazer. Essa imagem, assim como a anterior que se reporta ao caráter do fazendeiro, afina-se com a teoria marxista que vê o homem condicionado à infra-estrutura disponível, aos meios de produção.

⁵⁰⁴ SCHWARZ, 1999. p. 46-58.

XI Novas territorialidades, velhos desencontros

Orindo vai estar exposto a novos deslocamentos, que vão representar a síntese dos processos de agenciamento do ser na esfera do mandonismo. Chegando à cidade de Barra, Orindo encontra-se com o Sargento Bim-Bim. Este o conduz ao Doutor Joãozinho, chefe local, que por simpatizar-se com o rapaz ordena a Hildo Bunda-de-Ferro, seu capataz, que traga uma arma para o “herói”.⁵⁰⁵ A cena flagra o momento do desencontro das expectativas. Podemos ver o estranhamento causado pela dupla repulsa: o frio da arma desaguando no matador e o morno da mão acalentando uma nova subjetividade. A mão é capaz de revelar um homem de caráter acolhedor como um útero, tentando dar nascimento a outro pacto existencial, uma nova vida. Salta aos olhos a consciência do narrador para esses aspectos da subjetividade no encontro com a alteridade. Ele usa a palavra “acomodação” que designa o Eu se fazendo na interatividade com o Outro, dilacerando-se para poder sobreviver. A posição de Orindo não deixa dúvidas. Como poderia ele negar-se a pegar a arma? Seria uma desfeita de conseqüências imprevisíveis. A esses argumentos captados pela sensibilidade, ajunta-se a lembrança da dura profissão de remeiro à qual não pretendia retornar.

Os acontecimentos que se seguem confirmam essa esfera dos agenciamentos corpóreos e discursivos que bem ilustram o modo pelo qual o sertanejo é capturado na esfera do mandonismo, assumindo o ofício de matador.

Hildo Bunda-de-Ferro começou falar:

– Tá chegando a hora, moçada. A onça bebe água se tem sede e se não tem água bebe tudo. Não convém explicar. Jesus disse: “Quem não é por mim é contra mim”. Certo. Portanto, se alguém não quiser topiar o sossego levante o braço na afirmação.

A garganta de Orindo foi tomada de secura. Olhou ao redor e tornou aceitar. Todos estavam satisfeitos e dispostos. [...]

O sertão continuava com suas sobras humanas morrendo e matando na luta pela sobrevivência: “Jagunciar era um serviço dos mais desvalidos, mas quando a sorte ampara, ele é como um pé”. Orindo refletia, ficava longe, mas teve de repetir:

– Viva!...⁵⁰⁶

⁵⁰⁵ P.C., p. 249. Ler a passagem e comentários na página 17 desta pesquisa.

⁵⁰⁶ P.C., p. 250.

As dúvidas e titubeios do personagem são eloqüentes ao falar dessa barbárie que compunge o homem “livre” a territorialidades totalizantes. A situação o coloca entre o desvio da consciência, aceitando o que se lhe apresentam, e os caminhos perigosos do lançar-se em devir rompendo com as amarras e chamados. Aceita a oferta, mas tão logo se lhe apresentem uma situação paradoxal, ele vai trair seu interior alimentado por uma lógica diversa, de vocação humanista, guardando um respeito quase religioso aos livros e ao conhecimento que estes aportam.

... Jagunciar tem ciência, explico: alcançando a Rua das Lojas cada qual deve gritar e responder: viva o nosso chefe Doutor Joãozinho Mariano! Se quiserem podem dar também ao cunhado dele, ao Padre Canilas e até ao Humaitá e ao Curuzu.

– E ao São Bom Jesus da Lapa? – apartou um cabra levantando o rifle.

– Não convém meter São Bom Jesus. [...] Quebrem a tipografia, queimem os livros, arrasem tudo direitinho. Só santo, mulher e menino de peito deve ser respeitado. Depois eu torno dizer: “É tempo de murice... e cada qual enche seu saco.”⁵⁰⁷

A cena ilustra a prática da sebaça, amplamente utilizada nos conflitos da região, que franqueava aos vencedores saquearem os bens dos derrotados. Normalmente o interesse dos coronéis se atinha à posse da terra, gado, posições políticas, deixando aos jagunços a partilha dos objetos de menor valor, como móveis, utensílios, animais domésticos, entre outros. Aqui o desencanto é total. Na gráfica de fundo de quintal do advogado Dandão só encontraram livros, que consideram uma coisa imprestável.

– Nesta casa miserável, moçada, só existe mesmo uma coisa: são livros. Vejam! – mostrou, desapontado com o cano da repetição, o velho Amâncio.
– Trastaria excomungada. De que serve? Prau fogo? Lenha de ariticum cangão esquenta água pra lavar as putas do porto do Major Quirino. Mas isto? – Desembainhando o facão, começou retirar os grossos volumes e cortá-los ao meio. – Gente, perdição é que é. Se protestante e doutor de lei vivem com eles, credo e Deus Padre! Olé, olé... Rum, rum... Sapateia pra tinir! [...]

⁵⁰⁷ P.C., p. 251.

– Pra que isso com os livros?

Abrindo-se numa gargalhada bestial um negro, empurrando-o com a coronha do rifle, exclamou:

– Moçada, escute ou dou um tiro. Este está pedindo. No que parece é carregador de pinico de doutor – e jogando o saco vazio na cabeça de Orindo, adiantou sobre a chacota de todos: – Tome meu saco e enche já que eles servem pra limpar as traseiras.

Tomado por uma força instintiva, Orindo começou catar entre os destroços os livros que não foram cortados.⁵⁰⁸

Orindo mostra a sua força moral reagindo contra o desrespeito àquilo que se constitui um dos fundamentos do seu ser, a leitura de livros, a despeito de uma sensibilidade para o texto do mundo, disponível nas linhas da natureza e nos acontecimentos da vida. Esses são os pontos de sustentação do personagem, mostrado por comentários de terceiros e por suas tiradas sutis, em que transborda conhecimento dos homens e dos fenômenos, ao longo da narrativa. Aqui ele supera o temor à brutalidade dos jagunços. A civilização que representa se insurge contra a barbárie. A cena serve como alegoria do descaso a que foram relegados os livros e a educação no vasto território brasileiro, talvez a cargo de um sistema educacional que distancia o saber das coisas práticas e da sobrevivência do homem comum. Se o sistema educacional deixasse o esnobismo de lustre europeu e elitista para tentar ajudar na melhoria das condições de vida, talvez houvesse maior respeito pelos livros e pelas instituições educacionais. Mas a cena mostra o contrário. Sua utilidade se resumiria a papel higiênico, nem mesmo servindo como substituto da lenha no aquecimento d'água para o banho das prostitutas. O narrador carrega nas tintas. A figura do autor implícito faz soar uma voz que é uma consciência dialogicamente construída entre autor, narrador e personagens, tentando traduzir os dilemas e entraves do universo em que, em última instância, o autor se acha inserido. Mais uma vez, a narrativa aponta para um despertar da consciência nacional para os obstáculos que travam o desenvolvimento social. A passagem seguinte tem fortes indícios biográficos do autor.

O alfaiate Venceslau deixara, aos quatorze anos, a sua cidade. Ouvira a história dos que partiram e foram felizes. Fugiu. No Rio entrou na Marinha e

⁵⁰⁸ P.C., p. 252.

depois de viver um regime de arrocho, desertou, refugiou-se numa tenda de alfaiate onde aprendeu a profissão. Durante os dias da ilegalidade lia e costurava, o que lhe resultou um ofício e a paixão pela leitura. Lia tudo: os velhos romances franceses, os livros despejados no Brasil, até que resolveu voltar à terra natal. Doutor Joãozinho constantemente visitava Mestre Venceslau, onde podia beber uma boa cachaça e comer uma moqueca de peixe entre as apreciações sobre as personagens de Anatole France e as afirmações filosóficas de Schopenhauer.⁵⁰⁹

A biografia do mestre Venceslau resume em parte a trajetória de Osório Alves de Castro. Este também fugiu do sertão sanfranciscano, indo parar no Rio de Janeiro. Lá incorporou-se à Marinha, de onde desertou. Aprendeu o ofício de alfaiate, mudando-se a posteriori para a cidade de Marília, no interior paulista onde monta a alfaiataria Rex. Então, passa a dividir seu tempo entre a profissão e as letras. Sua alfaiataria se transforma num ponto de encontro de intelectuais que aí discutiam política, literatura, uma espécie de academia de letras informal. Podemos aquilatar as semelhanças entre a vida e a ficção nas passagens seguintes.

Orindo tornou-se apreciador daqueles floreios onde o prato, a garrafa e as letras arrastavam para a prática democrática o mais representativo filho da velha e nobre família do São Francisco. Era na casa do Mestre Venceslau onde doutor Joãozinho podia sentir-se à vontade, sem a presença dos adutores, dos sujeitos rastejantes dizendo sempre sim com a cabeça e com a boca. Ria!...⁵¹⁰

A cena realiza a utopia da igualdade de direitos dos homens perante o intelecto, sem exclusões, em que apenas a inteligência, a sensibilidade, o saber e as habilidades têm relevância e são considerados como virtudes. Aí, o personagem doutor Joãozinho, um coronel de muitos homens em armas, vai testar os limites de seu ser, despindo a máscara do mandão para estabelecer relações mais produtivas. O narrador insiste no caráter plural e multifacetado do ser, na linha de uma subjetividade móvel, fruto de interações, que fazem aflorar ou refluir padrões de comportamento e identidade vivenciados ao longo da existência, redundando numa interioridade movediça, devido ao atributo

⁵⁰⁹ P.C., p. 259.

⁵¹⁰ P.C., p. 259.

deslizante da memória. Esta, como vimos em Tadié, é formada não por imagens congeladas num arquivo morto, mas por lembranças e padrões de comportamento pulsantes, que se transformam, ou que são reprocessados de acordo com a intensidade afetiva e pulsional do estímulo. A qualidade do estímulo é que traz à consciência as diferentes lembranças e esquemas comportamentais, em intensidades variáveis, que vão se encaixando, na medida em que se tornem operantes. Do inconsciente do coronel Joãozinho, brota o jovem dedicado às letras, às discussões intelectuais e políticas, que por certo foram o acalento e sonho de sua juventude. Bastou surgirem as condições para ele se esparramar em sua magnanimidade adolescente.

Dois anos depois, Orindo já era oficial. Fazia calças, paletós e tomava parte nas discussões com o doutor Joãozinho e Mestre Venceslau sobre os diversos assuntos onde a literatura, a ciência e a política podiam ser debatidas com a mais franca liberdade. Doutor Joãozinho sentia naquele meio, onde o instinto da inteligência do Mestre Venceslau e de Orindo lhe proporcionava a intimidade com a decência, incapaz de existir onde todos o aplaudiam incondicionalmente. Suas visitas à alfaiataria tornavam-se mais freqüentes, com cada qual defendendo seu ponto de vista. Podia desfrutar a fuga daquele mundo onde era obrigado a manter seus direitos de senhor absoluto.

Orindo ganhara sua amizade, e entre as muitas franquias podia dispor à vontade da Biblioteca Pública, fechada por certos interesses políticos.⁵¹¹

O narrador mais uma vez como que perdoa a fragilidade do opressor, buscando o entendimento do ser em sua contingência. Seríamos então vítimas da temporalidade, que coloca cada indivíduo de unhas afiadas contra os demais, num movimento que faz o homem retroceder em direção ao chamado “estado de natureza”? Axel Honneth analisa a formação do individualismo na sociedade moderna a partir de: a) Maquiavel, que prepara a concepção do sujeito individual, em oposição à idéia do homem comunitário que prevaleceu desde Aristóteles até a Idade Média, através do direito natural cristão⁵¹²; b) Tomas Hobbes, que pensa a essência humana de forma mecanicista, o homem sendo uma espécie de autômato que se empenha em garantir seu bem estar futuro. Tal comportamento leva a uma “atitude de intensificação preventiva de poder em face do

⁵¹¹ P.C., p. 260.

⁵¹² HONNETH, 2003, p. 33.

próximo”, que redundaria na conflagração de todos contra todos, só evitável pelo poder coercitivo do estado⁵¹³; c) Hegel, que retoma as idéias de seus antecessores, olhadas sob a ótica do direito. Influenciado pelo pensamento de Kant, concebeu uma sociedade baseada na ética, partindo de sujeitos isolados, “purificados de todas as inclinações e necessidades empíricas da natureza humana”, mediante ações racionais. Estaria assim livre das disposições egocêntricas que conduzem a atitudes aéticas.⁵¹⁴ Na sentença “Podia desfrutar a fuga daquele mundo onde era obrigado a manter seus direitos de senhor absoluto.” nota-se o que Hobbes denomina de “intensificação preventiva de poder”. O personagem Joãozinho vive esse dilema entre o acerto de uma vida descontraída, em meio a seus pares intelectuais, e a compulsão psicológica que o leva a uma busca de segurança sobre os demais, traduzida pelo acúmulo de bens e poder.

Orindo mais uma vez se mete em encrencas, ao apaixonar-se por Zabelinha, amante de doutor Joãozinho. Este, por estar velho, ao saber do caso, escreve-lhe uma carta pedindo que ficasse com a moça e que fossem felizes. Não acreditou em tal generosidade, outrossim, se sentiu um traidor do amigo. Aproveitou a chegada à cidade de pelotões de jagunços chefiados pelos coronéis Horácio de Matos, Chico Leoba e Franquilino, em guerra contra o Governo da Bahia, e se alistou.

– A Barra deu um voluntário para a revolução.

Doutor Joãozinho recebeu a notícia comovido e compreendeu:

– Ninguém pode acreditar nos onipotentes, muito menos uma pessoa como Orindo.

E ficou em casa sozinho, trancado no escritório. Não bebeu e não desesperou: o mundo deveria tomar outro caminho, sim...

Com os olhos vermelhos de chorar, Zabelinha foi falar com Mestre Venceslau:

– Também vou-me embora.

E a cidade da Barra só soube do seu destino muito tempo depois quando, nas cantigas do povo, sua história era repetida pelos cantadores do Rosário, rio acima, rio abaixo por todo o São Francisco, dos corgos e das gentes destemidas daquele sertão duro, sustentando: Zabelinha mulher valiosa, na condição de ser e de amar...⁵¹⁵

⁵¹³ HONNETH, 2003, p. 34-6.

⁵¹⁴ HONNETH, 2003, p. 39.

⁵¹⁵ *P.C.*, p. 265.

A sentença “– Ninguém pode acreditar nos onipotentes...” coloca-se como uma sacudidela no leitor. Um desses petardos que o narrador dispara, suspendendo a continuidade serena do discurso para ativar potências de significados. Constitui-se numa figuração enigmática, arrebatadora, a colocar o leitor no círculo do espanto para pensar significados outros. Coloca-o na roda do mundo, em que tem de sangrar. O que se poderia pensar de tal expressão? Orindo é um ser em suas sobras, rendendo admoestações aos homens desnordeados? Ele é a síntese do processo civilizatório, buscando sempre a sublimação dos instintos primários? Guarda a “palavra” e se transforma no oráculo apontando caminhos? Doutor Joãozinho apresenta-se como um ser superior. Abre mão da amante, numa atitude impensável naquele universo de configuração machista, que vê a mulher como a uma propriedade. O velho coronel deu o salto do ser para além da possessividade, numa atitude paternal. Via em Orindo aquele que poderia viver a felicidade com Zabelinha. Entretanto, este não soube ver no ato a magnanimidade do ser que se desprende de suas armadilhas, para pairar em alturas insuspeitadas. Seria demais, mesmo para ele. O coronel ultrapassou a medida, foi além dos limites do humano, onde começa a serenidade, além do ter. Coronel Joãozinho rasgou o código dos possuidores, que nivela a mulher a outros bens e animais de serviço. Há ainda o agravante de ser esta a “propriedade” que tem maior peso na auto-estima porque, mais do que as outras, tem a capacidade de ancorar a masculinidade e, como sucedâneo, o desejo de acumulação e poder, no sentido de que se amplie a segurança do ninho.

A mulher Zabelinha também dá o grande salto para ser, seguindo o caminho dos que “saem da vida para entrar na história”. Abandonada por Orindo, que se engajara nas hostes dos coronéis revoltosos contra o governo do estado, ela se bandeia para o grupo do velho Amâncio, que quer dar seguimento à revolução popular. Ela também subverte os papéis sociais, estabelecidos no conjunto da cultura. Torna-se uma revoltosa, saindo da submissão doméstica para enfrentar o poder opressor representado pela polícia e pelos jagunços dos coronéis em composição com o governo.

O “Prudente de Moraes” voltava ao quartel revolucionário em Pilão Arcado. Não foi possível aprisionar o “Mata” que fugiu à toda força para Minas Gerais. Aglomerados na segunda, os cabras ouviam o velho Amâncio alisando a coronha da manuliche.

– Gente! Se esta guerra é, que seja nossa. Eu lhes digo: muitos grandes tenho ouvido. Certeza só o sol de manhã, mas eles estão repisando: “Esta guerra é a revolução! Vocês sabem o que é Revolução?” E sacudia a capanga de balas. [...]

– Acreditam? Desconfiado morreu de velho, e se alguém antes do combate anima, eu lhes previno e considero. Bala não tem juízo e por onde ela passa só Deus tapa o buraco. Sobra prau jagunço tão pouco como a vida dele e nunca dá pra encher um embornal. Coisas: o apurado reverte praus grandes e vira aliança e governo, sei disso.⁵¹⁶

O personagem Amâncio se mostra em sua personalidade diferenciada, expressiva de um ser de muitas andanças. É um homem surrado pela vida, cansado das artimanhas dos poderosos que envolvem o povo nos movimentos, tangenciando avanços sociais que ficam depois apenas no vamos ver das promessas. Assim, Velho Amâncio tenta conflagrar seus companheiros, mas o que se vê é a descrença. Fala mais alto o poder disciplinar embutido no silêncio que se segue a sua proposta. O poder quando age não deixa saudades. Procura extirpar de vez quaisquer caminhos que levem ao desrespeito do que foi estabelecido. O velho alerta para as balas traiçoeiras que podem vitimá-los. Convida sua gente a tomar as rédeas da sua história, sem o que sua vida, seus trastes e o que recebem será sempre de pouco valor. Ele desconstrói a condição do jagunço submisso e sempre desvalorizado, servindo de joguete nas mãos dos chefes. E continua filosófico:

... Dizer o pensamento não merece castigo. Se a Revolução é como este São Chicão, rogo: ninguém tira mais as armas das mãos do velho Amâncio, considero. O mundo está lastrado de injustiça; é só demorar o olho nas coisas e sentir. Acham?⁵¹⁷

São palavras de grande expressividade, em que o ser sufocado pela negação do direito à voz se exalta. O rio gerador de vida seria o inspirador da revolução, esparramando vitalidade, transformações importantes. O personagem convoca os companheiros a olhar o mundo com atenção para que possam chegar a um aprendizado das coisas. Nisso repousa uma educação do olhar para que se aprenda a ver, como esclarece João

⁵¹⁶ P.C., p. 266.

⁵¹⁷ P.C., p. 267.

Barrento: “Olhar é uma arte, e a cidade quer ser vista com olhos de ver.” Este também cita Hoffmann, “olhar que verdadeiramente vê”, e Rilke, “Aprendo a ver”⁵¹⁸. Fernando Pessoa, através de seu heterônimo, Alberto Caeiro, em *O guardador de rebanho*, também nos ensina aquele olhar inaugural, que flagra o movimento das coisas, como um bebê que olhasse pela primeira vez a novidade do mundo. A criança traz o olhar depurado dos contingenciamentos discursivos e estratégicos que deformam a visão, levando a uma interiorização distorcida dos acontecimentos e possibilidades, o que desvia o ser de sua rota de auto-realização. E o personagem continua:

Se vamos acabar com o governo e entrar na cidade da Bahia, grave acontecerá? Eles vão nos dizer: voltem pra o sertão e esperem. Sempre foi assim. E quem ficar vivo terá outra guerra e um dia dirão: “Bem o velho Amâncio pressentia”. Antônio Conselheiro dizia pra os deles: “Rezem e agüentem”. Cadê seu povo e Antônio Conselheiro? E a jagunçada resistidora da Barra do Mendes? Sumiram, e o Coronel Militão ficou senhor pra disputar eleição e esperar pras viradas. Se é que resolvimento dá condição, me abro. Todos eles perseguem o cangaceiro. Por que? Nunca entregaram suas armas e se a prova que São Bom Jesus tenha pena de todos eles. Consertar, como vai? – e sacudiu a mão desconsolado. – Nunca!⁵¹⁹

Fica aí configurada a continuidade desse viver subalterno que coloca o homem no dilema entre eternizar-se como ser mutilado ou resistir, lançando-se no cangaceirismo, que é a forma independente do homem nordestino se desfazer das peias de qualquer poder e ter sua vida “livre”, no entanto, à margem da lei e da proteção oficial. Cangaceiros e jagunços guardam semelhanças quanto à natureza do ofício: dar proteção, ameaçar, saquear, matar. Os últimos vivem sob a proteção de um chefe, o coronel, que lhes garante a legalidade através de composições com o governo. Os primeiros levam uma vida de proscritos, considerados à margem da lei. Prestam serviços eventuais a um ou outro chefe ou político sertanejo, mas não abertamente. São considerados bandidos de vida errante, fugitivos da polícia e dos jagunços a mando dos coronéis, como resultado de uma troca de favores entre esses últimos e o governo.

⁵¹⁸ BARRENTO, 1987, p. 85-6.

⁵¹⁹ P.C., p. 267-8.

Orindo compreendeu a intenção de velho Amâncio, mas achou melhor não entrar na dita. A situação era obscura para ele, açoitado por um caso individual. Acontecia a continuidade da fuga para a qual sentia a primitiva afirmação mística da discriminação. Dos conhecimentos que adquirira somente a precipitação para acelerar o fenômeno se robustecia, por isso o contato da realidade com aqueles homens o repugnava.⁵²⁰

Orindo foge às suas responsabilidades e por isto ele seria o anti-herói. Enquanto o velho se engaja num movimento de contestação que poria em risco a própria existência, ele exime-se, imerso em seus dilemas existenciais. Mais uma vez mostra-se como um ser em permanente deslocamento, fugindo de todos e do encontro consigo mesmo. Pela primeira vez deixa transparecer a questão étnica que enquadra como mistificação e origem da situação migrante de seu povo, nele representado. Sente repugnância pela sua gente. Empreende a fuga para dentro de si.

XII Coronéis da vida e da ficção

Veremos aqui a história de alguns dos coronéis do São Francisco e suas lutas pelo poder econômico e político. A sua ação conta com a conivência do Estado, que através desses mandões preenche a ausência do poder público nas regiões mais inacessíveis do vasto território, utilizando-se do seu poder de polícia. Nesse acordo tácito, institucionalizado com as nomeações para a Guarda Nacional⁵²¹, o governo central

⁵²⁰ P.C., p. 268.

⁵²¹ Segundo Victor Nunes Leal, 1975, p. 213-5, a Guarda Nacional, criada em 18 de agosto de 1831, visava defender a Constituição, a liberdade, a independência e a integridade da Nação. Seus oficiais, inicialmente escolhidos por eleição dentro dos quadros da corporação, passaram a partir de 1850 a ser nomeados pelo poder público, o que degenerou em distribuição de patentes somente a correligionários. Assim, o governo prevenia-se contra as rebeldias e premiava as devoções. Esse artifício garantia o governismo dos chefes locais. Aos coronéis era atribuída a nomeação de delegados e subdelegados, com o encargo de “fazer justiça” aos amigos e “aplicar a lei” aos adversários. (p.217). O autor conclui que o compromisso entre o poder privado decadente e o poder público fortalecido, o chamado “compromisso coronelista”, presumia um certo grau de fraqueza de ambos. A abolição do regime servil seguida da proclamação da República, estendendo o direito de sufrágio ao volumoso contingente de trabalhadores rurais despreparados, segundo o governo, para o exercício consciente de sua missão política, conferiu aos condutores desse “rebanho eleitoral” um papel preponderante na condução do referido eleitorado. Assim o compromisso coronelista revela a fraqueza do poder constituído (p. 252-3), ao usar o poder privado, formado por senhores de visão estritamente local, mas que não oferecem perigo ao sistema central. Os municípios têm suas finanças rigidamente controladas pelos poderes superiores, deixando seus gestores dependentes dos favores advindos do poder estadual, que ganha assim uma estabilidade precária que bem revela as origens de um sistema vicioso de poder (p.254).

acaba por fechar os olhos para os crimes e desmandos desses chefes regionais que não raro usam de seu poder como instrumento de pressão para obterem mais vantagens.

Chegaram em Pilão Arcado. A pequena cidade era um punhado de casas chatas esparramadas como uma borbulha na planície árida. Estava em pé de guerra. Os exércitos libertadores do Coronel Chico Leoba, do Coronel Frankolino Ruivo, de Abílio, e do Doutor Carneiro de Xique-Xique esperavam as ordens de Horácio de Matos pra marcharem organizados sobre a capital.

Coronel Frankolino Ruivo, bebedor de cerveja e fanfarrônico, era o comandante. Antes fora barqueiro e viveu o comércio minguaado do sal e da rapadura, sem grande êxito. Entrou para a política, associou-se na prática sanguinária das apropriações e problemas. Tornou-se um dos donos do São Francisco. O poder dos coronéis desde o taciturno e cruel Chico Leoba indo até a agressividade indomável de Kelemente Araújo do Corrente crescia com o crime onde os políticos das capitais os encontravam para a associação no domínio e na impunidade.⁵²²

O coronel Frankolino Ruivo, de Pilão Arcado, é a figuração do coronel Franklin Lins de Albuquerque. Este é apresentado pelo seu filho escritor Wilson Lins nos romances: *Os Cabras do Coronel*, *Reduto* e *Remanso da Valentia*, como o personagem Coronel, ou Coronel Franco. Na visão desse autor, o coronel é um homem heróico e magnânimo, querido de sua gente. Tem como antagonista o coronel Torquato Thebas, que encarna o coronel aqui denominado Chico Leoba, liderança da cidade de Remanso, à época dos acontecimentos narrados. O narrador, em *Porto Calendário*, apresenta a ambos como sanguinários e ávidos por poder e riqueza, destoando da visão idealizada com que Wilson Lins, adulto, apresenta pelo olhar da criança aquele mundo imerso na barbárie. Em suas narrativas, o Coronel Franco é apenas um observador e espécie de guia espiritual de seus jagunços, assemelhados mimeticamente aos heróis homéricos ao se lançarem numa luta em que prevalece a excelência, a honra e a beleza da vida que desconhece o temor, a covardia, a traição. Uma visão parcial e maniqueísta, em que Franco representa o bem e a justiça, enquanto o opositor Thebas, representa o mal a ser extirpado.

⁵²² P.C., p. 269.

No trecho acima constatamos o aparecimento do coronel Kelemente. Trata-se de uma apresentação bastante eloqüente do caráter desse coronel, como veremos adiante. Observamos na seqüência dessa antologia do crime “organizado” dos coronéis um dado importante quanto à continuidade do poder e o destino reservado aos que destoam do receituário apresentado pelos mandões de plantão. Referimo-nos ao coronel João Duque, que apronta das suas peripécias e “contravenções” e que adiante vai ter sua cidade assaltada e saqueada pelo coronel Kelemente de Araujo, perfeitamente alinhado com o governo estadual.

João Duque lutava contra o governo criando espetáculos românticos de popularidade, enquanto as hordas de Horácio de Matos saqueavam as cidades e fazendas das grandes chapadas. Como motivo de agitação política, todas essas forças, criadas no isolamento e robustecidas nas oportunidades de enriquecimento, advindo da guerra na Europa, se propalavam senhores de tudo. [...] A idéia do saque dominava tanto os cabras como os chefes.⁵²³

O narrador abre um flanco no discurso ficcional para falar de forma clara e insofismável das práticas coronelísticas de enriquecimento e luta pelo poder. Ele é crítico dos que buscam, tanto nas práticas populistas ou na usurpação aberta e desenfreada dos direitos alheios, formas de aumentar seu poder e influência.

A seguir, uma cena desperta a curiosidade ao atestar o impulso à mitificação, por parte do homem sertanejo, daqueles que os governam.

Enquanto os homens conjeturavam numa algazarra incontrolável, no palanque uma cena chamava a atenção de todos. Soterão, cabra fiel do Coronel Frankolino, deu um pulo no palanque e caminhou até o patrão. Soterão berrava grosso como um marruá e foi dizendo:

– Patrãozinho do meu coração. Aqui estou pra lamber seus pés, fiel toda vida se Deus quiser. Confia, meu amo. Vale a vida neste mundo? Quero provar. Me mate, meu amo, tire meu sangue, tira minha vida pra ficarem sabendo: Soterão foi fiel e soube ser do seu senhor até o fim.

Coronel Frankolino, comovido, abraçou o cabra enquanto a turba, silenciando-se, apreciava, suspensa. Soterão voltou-se para os companheiros:

⁵²³ P.C., p. 269-70.

– Vocês estão me vendo? Vão dizer: ele sim! – e tirando o punhal, enterrou-o até o cabo no coração.

Houve um tumulto entre os ocupantes do palanque, enquanto os cabras justificados na praça esperavam uma explicação. Coronel Frankolino chegou no gradeado. A cara vermelha não era só de cerveja, tava “era de sentimento também”. Tinha que falar, mas não sabia engasgava num choro sem sair e resolveu: começou rasgar o fardamento, jogou fora o boné de plumas, tirou a espada da cintura, e atirou-a sobre o corpo de Soterão, estrebuchando-se na morte. Curvando-se sobre o morto, pegou o seu rifle, enfiou no cinturão o seu punhal, deu um passo pra frente, levantou a arma, e gritou:

– Viva Soterão!... Por sua alma! – e disparou.

A jagunçama urrou feroz diante do sangue do companheiro respondendo ao viva que Fidelcino deu ao Coronel Frankolino. Velho Amâncio, enfiando seu chapéu de vaqueiro no cano da manuliche, gritou:

– Viva a nós todos!... – E seu tiro foi acompanhado de uma descarga total.⁵²⁴

A cena mostra uma versão inusitada do amor ao chefe, que Wilson Lins tanto enaltece em seus romances. Que os cabras estejam dispostos a morrer pelo chefe é explicável, mas praticarem suicídio, como prova dessa fidelidade, cai no imponderável da condição jagunça. Chega-se ao limiar em que a barbárie se confunde com a alienação e a loucura. Deixamos de ser, ou “nunca fomos humanos”? A auto-imolação de Soterão se transforma num ritual de sangue e paixão. O Coronel Frankolino deve ter chegado ao último dos orgasmos a que podem chegar os fanáticos pelo poder. Os religiosos de Canudos se sacrificaram ao Bom Jesus. Aqui o deus é o próprio coronel, cujo servo não agüentou a espera pela tão desejada morte em combate e preferiu o espetáculo grandiloquente, de fricção orgástica, um tipo de insolvência sexual que se anula imolando-se. Primeiro joga-se aos pés do coronel. Quer lambê-los. Deseja que este o mate, como prova da fidelidade e dedicação. Age como a mulher que quer a posse num transpasse histórico. Enfia a faca fállica no peito e morre aos pés do ídolo. Tem algo mais no ar nesse São Francisco arcaico, que se dobra para si mesmo, perscrutando arquétipos, vivendo nessa turbulência da alma coletiva tentando encontrar a luz. Há algo além dos exageros heroificantes das narrativas de Lins. A chamada Tróia de taipa, numa das passagens de *Os Cabras do Coronel*, é um mundo verossímil. O chamado

⁵²⁴ P.C., p. 273.

isolamento do homem do São Francisco por três séculos rendeu os seus fantasmas no imaginário.

Numa outra leitura da cena, tomando-se a declaração “Soterão foi fiel e soube ser do seu senhor até o fim.”, tem-se a afirmação desse mundo de relações moveidças, em que a fidelidade é problemática. Nada é tão líquido e certo. Possa ser que ante a possibilidade de uma traição, o jagunço Soterão, agenciado pela idéia de entrega incondicional do ser ante os desígnios de um chefe, tenha se resolvido pela exemplaridade. Dá mostras de uma fidelidade absoluta, ao tempo em que se livra do receio de um dia percorrer caminho inverso, o da traição.

A plurivocidade é a marca do narrador, que nos apresenta um emaranhado de fios narrativos, a exigir a atenção do leitor. O narrador nunca segue a linearidade. Seu fraseado é ambíguo, abrindo simultaneamente várias frentes discursivas que se entrelaçam num movimento de fuga, semelhante ao que ouvimos nas composições de Johann Sebastian Bach.

O governo do Seabra galinhou e tá pedindo água. [...]

A notícia desagradou a cabraçada e o saque na cidade tomou novo aspecto. A violação abrangeu até as mais pobres habitações. Tudo ia sendo devastado enquanto os chefes confabulavam. Não tardou a nova notícia. O “Prudente” iria partir, mas somente com os coronéis. Parlamentariam com os emissários do governo a respeito de um entendimento proveitoso para o Brasil.⁵²⁵

O governador Joaquim Seabra cede à pressão dos coronéis do sertão, chefiados por Horácio de Matos. Estes ameaçavam tomar a cidade de Salvador. Prenuncia-se nessa cena o que o velho Amâncio já alertara. Os chefes estão em vias de fazer mais um dos habituais acordos que lhes garantiriam mais poder, enquanto aos demais restariam apenas as promessas de melhorias. Por esse viés, aliado ao desconsolo de verem ir por terra a investida contra a capital estadual, com o rico botim que uma vitória ali lhes traria, os jagunços se irritam e partem para o saque indiscriminado da cidade de Remanso, não poupando nem os mais pobres. Observa-se aí reprodução dos papéis socialmente apreendidos. O jagunço oprimido passa à condição de opressor dos que não têm valimento. É a pirâmide social da brutalidade que se organiza num aprendizado

⁵²⁵ P.C., p. 274-5.

dinâmico. Forma uma cadeia ilógica em seus seqüenciamentos e inversões. Quanto ao “entendimento proveitoso para o Brasil” o narrador está sendo irônico. “Proveitoso” é uma forma de dizer da barganha em que os coronéis jogam alto, em proveito próprio, tentando tirar o máximo de vantagens da fragilidade do Estado Brasileiro. E a seguir:

Velho Amâncio estava resolvido a estirar-se no seu propósito. Orindo procurou explicar. Tinha ficado como encarregado da praça e as atitudes de *seu* Amâncio o inquietavam. [...] Velho Amâncio agrupava os que queriam continuar a revolução. Sem ter o menor conhecimento sobre a mesma, desejava-a de um modo instintivo como se fosse a comida e a água. Orindo pôde persuadir um certo número de homens, lembrando o feito de Soterão e dando-lhes a certeza do reconhecimento dos coronéis, já de volta com o triunfo. Fizera ver a incerteza de poder conservar os rendimentos do saque de Remanso se atentassem numa aventura sem a proteção dos chefes. Perderiam, talvez, tudo e a incerteza pelo futuro os fez aceitar a nova condição do acordo. Esperariam pelos homens: os chefes eram os chefes.⁵²⁶

Orindo joga com os sentimentos dos comandados. O choro do coronel Frankolino contaria muito sobre sua condição de pai e protetor dessa humanidade perdida em armas. Num mundo carregado de incertezas e insegurança, participar do destino de um bravo coronel representa uma ancoragem do ser num porto seguro. Afinal, os líderes desse mundo bárbaro são justamente os que se destacam pela ferocidade e acerto das ações. Sintomaticamente, o “herói” alerta para o que poderia acontecer àqueles que agissem por conta própria, sem a autorização do coronel. O destino do jagunço está dessa forma atrelado ao destino e vontade do chefe. Sem este, o futuro é incerto. Seria o desamparo inapelável. Isto confirma a idéia de um ser nordestino em situação de pré-individualidade. Trata-se de um ser gregário, submetido à impossibilidade de tentar outras associações em termos que não sigam os padrões estabelecidos. Uma tentativa de contestar o modelo de concentração dos meios de produção nas mãos de poucos – no caso do Nordeste, os coronéis latifundiários que se dedicavam à criação extensiva de gado e os senhores de engenho, que se dedicavam à cultura canavieira – renderia fatalmente uma perseguição policial com a ajuda da jagunçada dos coronéis, para punir, prender, assassinar os revoltosos. O discurso do poder os trataria como bandidos e

⁵²⁶ P.C., p. 275.

desordeiros fora-da-lei. Tudo isso está implícito na expressão “aventura sem a proteção dos chefes”

...Logo correu um novo boato. O “Prudente” vinha trazendo a força de Linha para garantir a vitória dos revoltosos. Coronel Frankolino, Chico Leoba e doutor Carneiro voltaram donos de todo o sertão do São Francisco dado à combinação com o governo. Velho Amâncio contava com dez companheiros e uma moça que se juntara ao bando. Vestida de homem, pediu uma arma, e todos juraram:

– Tão grande como este rio, somos nós na união – e sumiram. – Velho Amâncio se demudou no perigo, bicho!...

Orindo informou tudo de como pode debelar, sem sangue, a rebelião do velho cabra debandando pra o cangaço.⁵²⁷

Os coronéis vitoriosos impõem uma ajuda oficial, materializada no envio à região de forças legais, que irão formalizar a aliança e apoio do governo à ação dos chefes locais. Esse aparato ostensivo passa um recado bem claro da impossibilidade de transformações sociais. O velho Amâncio insiste na sua utopia. Volta ao estado primitivo dos pequenos grupos em liberdade. Eles têm agora com que sonhar. A mulher inspiradora e centro agregador do imaginário, Zabelinha, desiludida do amor de Orindo que a rejeita, segue no grupo. Ela representa a total transgressão dos papéis sociais estabelecidos e que chega ao limite ao tomar a posição do homem como o guerreiro. O narrador aponta sutilmente essa imersão do grupo nas chamadas liberdades, em um retorno ao indiferenciado, “Velho Amâncio se demudou no perigo, bicho!...”. Agora estava só, desamparado como nossos ancestrais que banidos do grupo estariam condenados à morte. É o que nos parece dizer o narrador. Ele tem a perfeita noção do destino sombrio que se reserva a Amâncio e seus seguidores. A atitude de Orindo é característica do ser mutante, na conformidade dos eventos. Ele agora fala pelo mundo dos coronéis. Aí foi jogado pelas circunstâncias e se mimetiza, como argumento da narrativa abordando o ser em permanente zona de fronteira. Orindo havia argumentado com os cabras revoltados, buscando demove-los, o que representa uma contradição do papel tradicional do herói. Em vez de subverter a ordem podre que submete o homem, o personagem garante a continuidade da ordem, o que, entretanto, não representa um não-

⁵²⁷ P.C., p.276.

engajamento, mas sim a certeza do esgotamento do ciclo das chamadas revoluções populares que povoam a História do Brasil. Todas elas tiveram como desfecho o massacre dos revoltosos por parte das forças legais. O personagem caminha para uma posição bem mais diluída, em sua atuação contra as forças do atraso. Sem se deixar submeter, sem macular seu espírito livre, ele se disponibiliza como cobaia a quem vai observar. Orindo é um ser laboratório, que se coloca sob a própria lupa para se ver acontecer.

A normalidade restabelecia-se com a entrega dos municípios do interior da Bahia aos coronéis rebelados. De posse do poder em coligação com o governo, prepararam as eleições, foram eleitos e passaram a residir na capital.

Orindo tornara-se secretário dos coronéis vitoriosos e gozava a vida fácil e irresponsável em companhia dos mesmos, pelas pensões e casas de tolerância de São Salvador. Horácio Matos, Frankolino, doutor Carneiro, Abilim. Só Chico Leoba ficou no sertão e mandou seus cabras com os soldados da polícia baiana, atrás do velho Amâncio. Apanharam-no na fronteira do Piauí e com a ajuda da força daquele Estado, acabou com todos. A mulher e um rapazinho resistiram dentro de uma gruta, mas foi fácil. Acenderam uma coivara na entrada, a fumaça penetrou, e os tiros cessaram. Foi só. A coragem é uma mão do mundo; empata com qualquer roupa – repetiram...⁵²⁸

A passagem representa o momento histórico em que a figura dos coronéis em armas é substituída por aqueles que fazem política, se mantendo no poder não mais essencialmente pela lei do gatilho, mas por força do eleitorado que arrebanham. Cumpre notar que historicamente esses fatos são separados por um lapso de 10 anos. Os coronéis do sertão, liderados por Horácio de Matos ameaçam tomar Salvador em 1920, segundo Edgar Carone⁵²⁹, e o desarmamento dos coronéis do sertão, promovido pelo exército, ocorre em 1930. Como consequência dessas transformações os coronéis passam a viver nas capitais, deixando aos seus jagunços o papel de cabos eleitorais.

⁵²⁸ P.C., p. 276.

⁵²⁹ CARONE, Edgar. *A Primeira República*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.

O narrador coloca Orindo nessa encruzilhada que moralmente se estabelece como um divisor de águas. Ele o “herói”, que deveria ter se rebelado, arrastado consigo numeroso contingente de jagunços nos eventos de Remanso, tomara uma posição conservadora, negando o que se esperaria de sua posição: empenhar-se numa luta de morte para recolocar o universo nos trilhos. Não o fez, e agora o narrador aparentemente não o perdoa, apresentando sua promoção e reconhecimento como negociador hábil e útil aos grandes do Estado em simultaneidade com o aniquilamento dos revoltosos, incluindo Zabelinha, a mulher que amara e odiara, numa situação de conflito passional.

Orindo soube da notícia, mas fazia tempo. Naquele dia fora chamado pelo Coronel Horácio de Matos:

– Falei com o governador. Melhor do que você, impossível. Tem que ir para Santa Maria da Vitória como emissário oficial. A cidade está em vista de se desgraçar. [...]

A promoção deu a Orindo Brotas um conforto assustado.

... Os dias passados carregavam contagem, e, ali estavam duvidando de tudo. Menos pior era fugir; era sumir no desvio da consciência e parar. Dali poderia ver o mundo; os olhos emendam a satisfação – diz um ditado... Estava realizando-se o que seu velho pai desejava. Se ele fosse vivo bem bom seria!...

– Não ligo, não ligo; aceitei, não me arrependo. O governador me falou pessoalmente, quem diria?... Em palácio e disse-me tão confiante: “É seu dever, meu jovem amigo, ajudar manter a paz em Santa Maria da Vitória, sua terra natal.” Por que esperar? A espera também é perda de liberdade. Estou certo ou estou errado?⁵³⁰

A passagem é de muita sutileza. Está como que cobrando à consciência do personagem o tamanho de sua covardia. Mas Orindo não é um carreirista, comprometido com o seu sucesso, simplesmente. Regozija-se em parte, por ter atendido ao desejo de seu pai já falecido, que via nele um futuro promissor e para isto se empenhara. No fundo ele estava assustado. Gostaria de fugir, mostrando a todos que ali chegara por um desvio da consciência. Seu espírito ainda não estava conspurcado, mantinha a clareza das coisas. Entretanto, para aceitar a proposta, precisava auto-afirmar-se, desdenhando da consciência tumultuada, “Não ligo, não ligo....” E aceita, deixando-se levar pela

⁵³⁰ P.C., p. 276-7.

argumentação do governador, que via a importância de sua ajuda para restabelecer a paz em Santa Maria da Vitória.

XIII O retorno às origens – a dança das identidades

O “herói” retorna ao berço num ato final em que a identidade primeira é colocada sob o signo do estranhamento. Estabelece-se o paradoxo entre o que os olhos das pessoas vêem e o que os discursos oficiais conclamam, ou mesmo exigem como apreensão dos fatos. Orindo aceita inicialmente o jogo de não ser ele o neto da negra Marta. Permanecerá nessa zona em que sendo, não poderá declarar-se, causando comoção e transtorno no aporte ao mundo por parte dos seus conterrâneos. Assim, transformar-se-á numa sombra a ameaçar a sua gente, temerosa da maldição asseverada pelo mito que se criara em torno de sua pessoa. Porém, se é essa a imagem que ele há de inspirar à população, interiormente viverá um processo de dilaceramento do eu. Ele aceita a farsa na esperança de que seu sacrifício possa, de qualquer modo, suspender as hostilidades entre os coronéis, poupando vidas e sofrimento a todos. Emmanuel Levinas chama a atenção para a possibilidade de realização da humanidade tendo em vista a superação da idéia de sujeito voltado para si. Ele explica que: “O caráter excepcional, extraordinário – transcendente – da bondade, se sustenta nessa ruptura com o ser e com sua história”.⁵³¹ Assim a “ruptura da essência” seria “ética”.⁵³² A assunção da “responsabilidade pelo Outro” leva a uma passividade em que o sujeito se expõe, de uma forma sincera. Ao falar desnuda-se como quem perde a própria pele, oferecendo-se ao sofrimento. Assim torna-se todo signo, se significando.⁵³³ Será essa a trajetória do personagem Orindo, ao longo da encenação de seu novo destino. As tensões hão de chegar ao insustentável provocando um tipo de catarse coletiva no cair das máscaras, atingindo-se momentaneamente à tão sonhada paz. Mas sigamos os passos do “herói”.

O personagem enfrenta mais uma série crise de identidade após sua indicação pelo governador para o cargo de emissário do governo, com o fim de pacificar os coronéis rivais de Santa Maria da Vitória.

⁵³¹ LEVINAS, 1978, p. 36. « Le caractère exceptionnel, extra-ordinaire – transcendant – de la bonté, tient précisément à cette rupture avec l'être et avec son histoire ». Para esse pensador, ater-se ao ser e à sua história anula a bondade.

⁵³² LEVINAS, 1978, p. 30.

⁵³³ LEVINAS, 1978, p. 31.

Orindo se sucumbia; não era o medo nem a dúvida com o exterior ali na realidade das coisas. O homem que estava em si desconhecido e insatisfeito, apavorava-o. Ele tinha retirado a ponte feita com as mãos da sua infância, e a força de sua inocência. Agora lhe chamava para a felicidade do lado de lá.

Duvidar mereci: vergonha tinha, não escondia. Duro era enfrentar o certo surgindo de surpresa, indefinida ali no seu alarma interior.⁵³⁴

O lirismo é a ferramenta usada pelo narrador para dizer coisas importantes, humanamente tristes como aqui essa ruptura do sonho infantil no entrechoque com o que na maturidade pode significar felicidade. O homem adulto, pulando para o lado da felicidade e do sucesso, acaba por matar a criança que pela vida a fora sonhara com a beleza, expressa na paz e compreensão entre os homens. O sucesso pode ser um dilema para os seres sensíveis, que vivem no lado utópico à margem da realidade.

Revestido de todos os poderes, Orindo embarcou. Ao aproximar-se da velha cidade da Barra, entrou para o beliche, e dada sua autoridade, preveniu ao Comandante não lhe apresentar. Ficou olhando pelas venezianas, e a cidade o impressionou. Voltou para cama, cobriu-se, e perdeu-se nas interrogações... Tinha receios, arrependimento! ... Vergonha da saudade e da lembrança de Zabelinha. O vapor soltou e um novo pressentimento o abateu:

O que lhe estaria reservado o que? ... Olhou a paisagem aberta no convite.

O São Francisco, escorrendo na terra imensa, era um abraço, ali, marcando o destino das criaturas.⁵³⁵

Orindo, conforme já dissemos, é um ser aberto à observação de si mesmo. Imerge em seu passado para fazer falar tudo o que perdeu, amores, os grilhões que não rompeu, as batalhas não travadas. Vê-se eternamente fugindo a um encontro consigo. Permanece aberto ao desconhecido, ao dia a dia do que se revela nas aparências e aparições, desbravando os fantasmas que assustam sua gente. Tenta adivinhar o que o São Francisco lhe reserva, esse rio destino.

⁵³⁴ P.C., p. 277.

⁵³⁵ P.C., p. 278.

O “próprio” de Carinhanha chegou desrebuçado trazendo contingência séria na explicação do telegrama. A notícia vinha dirigida, ordenando aplicável tanto aos amigos do Coronel Bê Martins, como aos do Coronel Kelemente de Araújo: Santa Maria da Vitória inteira, desde as gentes importantes, homens, mulheres e crianças, até o povo todo dos pobres e desvalidos, tinha de saber um segredo. E este segredo seria revelado custasse o que custasse, a uma pessoa que em breve chegaria à cidade, como enviado especial do governador estadual. E não escondiam no edital: o emissário era de todos conhecido. Tinha o mesmo nome, a mesma cara e vinha da mesma mãe, da mesma avó. Entre nós nasceu, cresceu e foi motivo de grandes tribulações; mas para efeito da honra, da paz e da prosperidade do município, apesar das aparências não se tratava de modo algum de tal pessoa. Qualquer leviandade a respeito, seria tratado o desobediente na forma da lei.

O aviso foi divulgado, e a pequena cidade abalou-se com mais um caso na sua vida atormentada pelos desmandos, e pelo isolamento. Só a particularidade do documento vir assinado por Bê Martins e Kelemente de Araújo, comprometia. A primeira impressão foi de pânico e os boatos tornados de uma histeria contagiante, desdobraram-se em absurdos cada qual mais intermitente.⁵³⁶

A cena tem o efeito de ondulação próprio da pintura de Van Gogh, com suas igrejas e ciprestes, feito chamas. Causa abalos aterrorizantes como os acordes dissonantes na música dodecafônica exumando os mortos, assim também como os gritos de socorro de os *Retirantes* de Portinari, tão calados. Terror no ar. A cidade imersa em seus mitos e mistificações relincha como o cavalo estropiado de *Guernica*. Já não suportam tantos sobressaltos. Agora estão proibidos de desabafar suas angústias. Teriam de ver, ouvir e calar. O mal que parecia banido retorna em seus aspectos mais demoníacos a ponto de atar as mãos num acordo os dois coronéis arquiinimigos. Era demais tribulação para os desesperados habitantes de Santa Maria da Vitória. Famintos, indigentes, agora chega ao cúmulo a anulação. Estão amordaçados. Terão de suprimir a base de sua religiosidade, que se resume em extravasar através de suas crenças, rituais, conjuros e, sobretudo, com muita falação e histórias, o temor que os habita diante da natureza e principalmente dos homens. Essas representações acalentam-lhes a vida. O acordo

⁵³⁶ P.C., p. 278-9.

equivale à proibição do misticismo, do sincretismo que fez do cristianismo uma religião viva, adaptável aos dilemas e apreensões do homem sertanejo. Ao proibir de falar e se manifestar sobre o neto da negra Marta, possuído pelas forças do mal, ficam tolhidas as possibilidades de ser abrangente nas interpolações que fazem fluir a vida cósmica, as instâncias mágicas, crenças e rituais em variações da mitologia cristã que dão compensação à miséria. A declaração de princípios “para efeito da honra, [...] apesar das aparências não se tratava de modo algum de tal pessoa.” aponta para o limiar de dois mundos. O arcaico, imerso no sincretismo religioso, e que deve ser sufocado, e o mundo do progresso e das relações pragmáticas que passarão a vigorar. Aguardemos o desfecho.

Dr. Santos Cunha, preso no seu reumatismo, foi consultado e apressou o esclarecimento:

– Deve ser um golpe de Estado, simulado em hipóteses profundas de desentendimentos abismais.

Mas ninguém entendeu o Dr. Santos.

Para Acúrcio, o crente, os dois tinham se unido para acabar de uma vez com o sossego dos pobres.

O Cônego Oton divergia: trama da maçonaria, jurava... [...]

Os lojistas acautelavam: seus interesses conservadores reconheciam aceitar. Bê Martins era um chefe piloto na cana do leme; Major Bezinha vestiu a farda branca e disse: sou da amizade...⁵³⁷

O narrador sabe colocar as palavras certas, com as devidas sutilezas a caracterizar com muita graça o espírito daqueles que as proferem. Os comerciantes rapidamente aceitam o que vem de cima, a fim de salvaguardar posições. O Cônego revela-se temeroso da concorrência na ordem do imaginário. O crente sai em defesa da sua clientela. O intelectual hermético não se faz entender. O sargento declara sua neutralidade como estratégia para estar sempre por cima. Na cena seguinte vemos a tão temida e esperada chegada de Orindo Brotas.

Dando-se a atracação apareceu no gradil o grande esperado. Houve um silêncio profundo; diálogos interiores travaram contra a possibilidade da

⁵³⁷ P.C., p. 279.

surpresa. Era ele; todos reconheciam, o menino do velho João Imaginário, mesmo, fiel na temeridade do mistério.

– Coitada de Santa Maria da Vitória! – e as cabeças foram se descobrindo. [...]

Orindo estava constrangido. Sentia um desejo incontrolável de fugir daquela comédia dolorosa. Olhava para o povo, para todos, e as cabeças se abaixavam tomadas pelo terror. Quando apertou a mão do Major Bezinha, estava frio como um defunto. Doutor Santos relutava-se e reagia, o caso consumado. Era o emissário do governo.⁵³⁸

Observamos a potencialidade visual das seqüências: “e as cabeças foram se descobrindo” ou “Olhava para o povo, para todos, e as cabeças se abaixavam tomadas pelo terror”. As palavras transcendem sua condição de mero veículo de significados estabelecidos pela cultura, adquirindo uma força imagética e de movimento em suas combinações. Isso leva o leitor a ultrapassar a mera relação significante-significado verbal, para entrever a plasticidade dos corpos em sua performance aterrorizante. Há nas passagens selecionadas um ímpeto de movimentos e desdobramentos cenográficos, aliados à atmosfera geral do romance que carrega a narrativa muito mais para um cenário de tragédia. Podemos ressaltar que as combinações de palavras se dão com baixo teor de ruído e grande força de sustentação da tensão, assegurando movimentos precisos.

As visitas realizavam-se mais próximas, discutiam assuntos variados onde a remoção do passado tornava-se para ele interessante jogo de mistificação. Não era somente um estranho; o repúdio crescia como uma injustiça coletiva. Os rumores iam sendo abafados drasticamente. Zinza, o novo delegado, dava à reação um rigor preventivo e cruel. [...]

Sá Quitéria, a piladeira, andava desalentada na angústia. Sono pra que lhe quero? Não pregava os olhos, imaginação supitada contando as vozes dos tempos-seco gritando nas horas mortas enfiava os ouvidos na noite, e só os latidos dos cachorros, o batido da sineta da cadeia relojeando pra prevenir: ele não é o neto da negra Marta, mais é.⁵³⁹

⁵³⁸ P.C., p. 280.

⁵³⁹ P.C., p. 281-2.

O tónus alcançado pelo entrelaçamento de ritmos e estranhezas articulados melodicamente reserva surpresas ao leitor sensível. São verdadeiras jóias do dizer literário, com evoluções para entendimentos psicológicos do homem brasileiro e universal, com bifurcações no sociológico, antropológico e filosófico. Tantas vezes que se leia as narrativas, as surpresas estão ali, inesgotáveis. Esse parágrafo de Sá Quitéria é um desses primores de imagem. A personagem enfia o ouvido na noite, a sineta “relojeia” para prevenir. Ao final ouvimos o veredicto jocoso: “não é o neto[...], mais é.” Trata-se de um mundo mágico em que a metáfora e, além da metáfora, a imaginação criadora se materializa, para que o leitor consiga ver. O desalento da personagem confirma aquela atmosfera de pesadelo, em que os sentidos acordados não se conformam com o que lhes chega, trocando dia pela noite, sonho e vigília num fluxo indiscernível. Apenas fica claro o recado da sineta da cadeia, porque é para lá que irão os desobedientes. No parágrafo anterior, Orindo se diverte com o jogo de apagar o passado a que foi submetida sua imagem. Percebe as artimanhas dos formadores de opinião, servindo de alerta ao que fazem os meios de comunicação em nosso tempo, a negar o que os nossos olhos vêem. De outra forma apontam coisas que não existiram como pura verdade, a depender dos interesses de burlar biografias e fatos, rebaixar ou erguer ídolos. O poder trapaceia com as imagens e sentidos dos acontecimentos, para o que não é possa ser e vice-versa. A seguir, mais indignação:

...Nem duvidar é mais da gente, por que? Santa Maria da Vitória tá represada no segredo. [...]

– Certo é, minha gente. Alguma coisa vai acontecer. Penso mesmo. Os grande nem direito dão mais aos nossos olhos. Ele é o menino do finado João Imaginário, reconhecemos, e somos obrigados a dizer não é. Só na consciência se afirma. Por isso tia Gatona não cansa de repetir o dito de Sinfrônio de Almeida: “Gente, é preciso fazer uma trincheira na consciência, pois nela não chegava nem força de fardado nem lei de formado.”⁵⁴⁰

O personagem “nos” aconselha uma blindagem da consciência, como forma de nos protegermos contra o assédio de informações distorcidas, parciais, feitas na intenção de formar uma má-consciência.

⁵⁴⁰ P.C., 282-3.

O sargento Sigisfredo à frente de seus homens se aproxima de um grupo de mulheres que confabulava:

– Velhas lagartas pretas, desentupam os ouvidos e tu vai parar esta matraca aí, para ouvir melhor. Estamos sabendo do zum-zum fervendo por baixo, entre voceis. O homem está aí. Acontece como nas pedras e nas criaturas. Às vezes se parecem, tem a mesma cara, o mesmo nome mais não não é ele. Doutor Santos Cunha é um sábio e não cansa de dizer: o ser é a onipotência. Portanto, venho lhes prevenir. Último aviso. Furem os olhos, e vejam como é preciso que seja visto. Encurtem as prosas, e falem como os homens mandaram falar senão lhes corto a língua. Ele é o emissário do governo, vem de lá... Compreenderam?

Para reforçar o aviso, soldado Sancho desembainhou o rifle, e cortou as meadas do tear de Sá Deodata. As linhas açoitadas pelo golpe alcançaram a velha, e cobriram-na com seu colorido berrante. Achando graça, os praças soltaram uma gargalhada sacudida. Uma cachorra embolada no terreiro começou ladrar. Arrancando o revólver, Sargento Sigisfredo deu dois tiros no animal, matando-o.⁵⁴¹

O sargento mistura truculência com filosofia. O narrador coloca em sua boca expressões que dão muito que pensar a exemplo de “o ser é a onipotência”. Ele lança ante nossos olhos a imagem da prepotência do homem colonizado pela ilusão de que o ser é um atributo que emerge dos que se arvoram em subjetividade exemplar. Em maior ou menor escala, essa idéia parece ser um dos pilares do ser que acha que pode governar a si e aos outros, disseminando sua maneira de pensar e ver o mundo. Uns pela truculência, outros pela religiosidade, filosofia, ciência ou pelo seu próprio medo da solidão que os induzem a achar que aquilo em que acreditam é o melhor para todos. E aí, vão à cata de adeptos, súditos, escravos, em que possam se esparramar. Essa parece ser a lógica dos donos do poder em Santa Maria, seguindo direcionamentos vindos do governo estadual. O litoral dá as caras no interior abandonado por séculos, tentando fazer impor vendas e mordanças, passando por cima da cultura e do imaginário sertanejo, tentando anular este ser coletivo que seguira outros caminhos no isolamento. O segundo parágrafo da citação traz outra dessas surpresas. Pela truculência do sargento, os fios do tear envolvem Sá Deodata, resultando numa imagem, que em sua qualidade

⁵⁴¹ P.C., 283-4.

cinematográfica, lembra um arco-íris revelador de um dom, uma bondade que poderia advir dos céus, numa explosão de vida, ou comunicação com os deuses, como em muitas culturas ao redor do mundo. Mas se houve a revelação, pode ser em termos de reforçar a serenidade ante as atribulações e os males que estão sempre a bater à porta dos pobres. Aqui vislumbramos a brutalidade com que o animal símbolo de uma pureza e assim chamado melhor amigo do homem é abatido. A cadela foi, assim como Garcia Lorca, o símbolo da inocência sacrificada para mostrar que os ditadores são “onipotentes” e que as pessoas não acaltem ilusão. O mundo é governado pela besta, sem nenhuma ética e sem deixar esperanças.

A cidade se alvoroça com a chegada do coronel Kelemente, que voltava de Carinhanha, localidade que acabara de saquear, em nome do “restabelecimento da ordem”. Lembre-se que o coronel João Duque estava fazendo das suas peripécias, ufanando-se em uma autonomia que acabaria a qualquer dia suprimida. “João Duque lutava contra o governo criando espetáculos românticos de popularidade.”⁵⁴² Nada mais natural, portanto, que a expedição de Kelemente para acabar com o mau exemplo.

Os altos, as janelas, e a praia encheram-se de curiosos. A tropa vitoriosa de Kelemente de Araújo voltava carregada com o saque de Carinhanha vencida. Zinza Oliveira indo de um lado para outro, mobilizando os amigos, afobado se revivia no delírio. Era o seu dia presente, dando vigor à velha raça dos Alfonsos, esmorecida. Graças a compadre Kelemente, saído de sua sina confiante, empedrada na vontade ser, resistindo, rendendo, encompridando a coragem com os favores de Deus, sozinho e das risadas alegradas nos pipocos das armas de fogo.⁵⁴³

É dessa têmpera que se faz um coronel como Kelemente: um ser cristalizado em sua vontade, insensível aos assédios da má sorte, ávido por riqueza e poder, e além de tudo confiando num deus que em última instância está a seu lado. De outra forma, os acólitos em sua órbita trilham o caminho da dedicação subserviente, do elogio desmedido, capitalizando as sobras e favores, com uma boa dose de euforia delirante e sectarismo, como vemos aí Zinza de Oliveira, tentando salvar-se do naufrágio que assolou sua gente. Na seqüência:

⁵⁴² *P.C.*, p. 269.

⁵⁴³ *P.C.*, p. 285.

Chico Preto andava no meio dos companheiros com seu saco às costas, imponente e superior.

– E tou!... comando mesmo. Metido numa velha farda da Guarda Nacional, alamares azinhavrados, vivos descoloridos, rodava pabulo, arrastando a comprida espada, – espada de Chico Temóteo cabraiada galinheira da peste!

Apalpava os litros de conhaque estufando os bolsos do dólmã e da calça comprida amontoada em cima do sapatão roto.

Subindo numa mala, gritou forte:

– Pra não ser contrariado desempato: nós vamos é para igreja da Santa Virgem da Vitória. Antigamente quando a gente ganhava uma guerra o primeiro lugar que se ia era a igreja. Mudou. Também, rezar com a boca cheia de sangue ou de cerveja dá no mesmo. Os chefes falam e ouvem os discursos. Pipoco de arma de fogo também é falação e si jagunço confirma na fê ser cristão me ajoelho...

Ninguém: nem o vigário nem o Doutor Santos Cunha dava notícia certa do lado de lá da morte, e por isto a fala do rifle é perigosa, e o medo é um só, repiso: quem tem cu tem medo, portanto, bom é rezar e sei dizer padre nosso que está no céu...

Voltando-se para os cabras, berrou:

– Vale?⁵⁴⁴

O personagem Chico Preto demonstra estar no auge do prestígio com o chefe. Acabara de vencer uma guerra, que aumentava o poder e a riqueza do coronel Kelemente. Assim ele se apresenta em toda sua intensidade, como uma figura quixotesca, caricatura do Brasil institucional. Demonstra o quanto este estava longe de se fazer presente, aplicando a lei de forma universal. Traz a farda da Guarda Nacional esfarrapada, o dólmã acobertando os litros de conhaque, ele provavelmente embriagado. O conjunto assume a forma delirante do braço armado do Estado no interior do país, traçando um perfil do que seria a justiça naqueles rincões. A exortação do personagem para irem à igreja representa a busca da sacralização, numa tentativa de obter respostas e confirmação aos atos. Os crimes foram praticados, os homens trazem o sangue e a embriaguês que os impediria de adentrar o templo. Estão perdidos entre os céus e a terra. Não têm nenhuma certeza, e nem os mais sábios lhes poderiam afiançar, sobre o

⁵⁴⁴ P.C., p. 287.

caminho após a morte. A ordem de Chico Preto traz de volta do passado a tradição, em que havia comunhão dos poderes temporais e religiosos enquanto instituições que se unem para salvaguardar os respectivos interesses e posições, seja em vida, seja tentando amarrar o futuro incerto. Nesse contexto de dessacralização, em que ninguém dá garantias de uma vida futura, fica o espocar dos rifles como o limiar ritualístico entre a bestialidade humana e o silêncio tumular da eternidade. Assim a fala da personagem é um alerta para esse mundo que desembesta, sem lei, religião ou um sentido maior. Esse *non sens* da existência fica confirmado no que se segue.

Os cabras pegaram os trastes e acompanharam Chico Preto. O filho de Cirilão puxava encantado um velho velocípede. No rabo do préstito outros puxavam cabras, carneiros, duas vacas e o negro Perilo montava, selada, uma mula que tomou de um contrário derrubado com um tiro nas costas. Entre os outros, satisfeito, um mulato quase menino não escondia a felicidade ganha com seu achado. Trazia nos braços dois cachorrinhos brancos, felpudos, que acariciava sorridente. À frente, Chico Preto “mostrou si ser”: abriu o saco, tirou um vestido de renda, enfiou-o na espada e olhou no vento. Rosnou de alegria no pensar somente vendo colar no corpo da mulher branca – Dona Cinha, carne lisa, cor-de-rosa-amélia – Satanás fecha os olhos para ser feliz. Ai! Tudo diferente indo prau corpo fedorento e mole da nega.⁵⁴⁵

Os jagunços se comportam como crianças que houvessem recebido, maravilhadas, presentes com que tanto sonhavam. São cenas que chocam tanto pelo lirismo, como pela falta de sentido na existência. Entre elas chama atenção a figura do menino-jagunço que não cabe de felicidade com seus cachorrinhos brancos, traduzindo uma infância que não se completou e que, entretanto, já está disponível para o ofício de matar. Também podemos sentir a falta de sentido na ação do negro Perilo, que matara pelas costas o dono da mula em que vem montado. Trata-se de um ato gratuito, que nega a dimensão heróica em que se tenta colocar o sertanejo. Chico Preto é o símbolo da irreverência. Mostra o vestido que trazia para a sua nega. O narrador não perdoa, ao falar que a personagem “mostrou si ser”. Assim confirma uma atitude crítica que marca a posição do autor implícito, atento à condição do ser nordestino se derramando em sua

⁵⁴⁵ P.C., p. 287-8.

sexualidade muitas vezes desenfreada. Nesse cruzamento de fronteiras mostra o dilema do personagem entre o devaneio da mulher branca perfumada e a sua negra fedorenta, dois mundos no limiar do vestido estendido na ponta da espada e um desejo incontrolável expresso num rosnar. Lembre-se que ele representa a autoridade. Está vestido com o uniforme desbotado da Guarda Nacional. Em vez de trazer na ponta da espada, ou dum estandarte, a bandeira nacional, traz o vestido, um símbolo inequívoco de que sua bandeira é a da sexualidade, que tem seu ideal na mulher branca. Associe-se a isto a imagem do menino-jagunço, embevecido com os dois cachorrinhos brancos e felpudos, ambos os personagens num devaneio com a maciez que a brancura representaria. Seu imaginário se acha refém do ideal de branqueamento, assinalado por Darcy Ribeiro⁵⁴⁶, que assolou o país no século XIX, a reboque da distorção europeísta.

Entraram na igreja. O jagunço não se afoita pela oração. É a escala. Pede ao chefe. Ajoelha-se, atira-se ao chão, e o êxtase o transporta onde cessa tudo: o bem e o mal. Confunde-se, obedece e sonha, para matar e viver. Não é somente um produto do meio, é da história. Continua paralelo aos amos, formando todos os disfarces para ajudá-los manter o poder e a impunidade.⁵⁴⁷

A cena retrata o jagunço perdido entre o céu e a terra, confluência de dois mundos. Pede ao chefe e entrega-se ao Criador, o ponto onde tudo se anula. No encadeamento de idéias: “Confunde-se, obedece e sonha”, observa-se a queda do sertanejo, assumindo o ofício de matador. Estabelece-se primeiro a confusão mental. Na falta de perspectivas outras, o sertanejo abandonado à sorte se submete a um chefe, a quem passa a dever obediência estrita. A partir daí entroniza no imaginário a figura do chefe como realização de seu destino, entre matar e morrer, dando seqüência à história de impunidade, na proporção em que aumenta o poder daquele para quem trabalha. Nessa lógica perversa, justamente aqueles que poderiam reverter essa máquina de submissão de muitos para o engrandecimento de poucos, são os que a sustentam.

Chico Preto chegou detardezinha na Pitombeira. Palavreou com os conhecidos, fez de conta repetir às brigas nas conversas misturadas com

⁵⁴⁶ RIBEIRO, 1996.

⁵⁴⁷ *P.C.*, p. 288.

pinga. Com o vestido jogado ao ombro, farda desabotoada começou ciscar o terreiro com a espada, desafiando.

– Onde está esta cornada roncôia da Pitombeira? Cadê os machos? Cadê as fêmeas? Arribem o dedo...

Sá Quitéria puxou-o para dentro do rancho. Trôpego e cansado, cedeu; sentou-se no pilão, xingando e ameaçando. Sá Quitéria lavou os pés do Nego com água morna, trouxe o café enquanto Chico Preto precisava se mostrar.

– Veja!... Tudo é teu, negra ruim. Conhece? Sendi fogo na goela do rifle e tu vai gavar teu macho. Acha ruim, pestiada? Tutano esperdicei na moleza de João Duque, mas sobrou. Duvida?

Puxou a espada, e berrou autoridade:

– Velha fedorenta, negra como uma barata – e começou espancar a companheira. – Glorieia, peste! Apanha com o ferro de um guerreiro.

Escondida, a negra torcia-se nas chanfradas. Gostava do seu homem.⁵⁴⁸

Aí está o “herói” baderneiro promovendo arruaça, submetido apenas pela mulher, diante de quem nada valem seus feitos. Esse domínio envolve um transbordamento do ser para além dos maus tratos. As espadeiradas que Chico Preto lhe aplica é o desespero dos vencidos em represália, sabendo de resto que suas armas nada valem contra a abrangência do ser feminino, uma dimensão outra de amar, que se espraia para além das pancadas, numa região que só a mulher compreende, e que talvez possa ser chamada de plenitude. Em contraposição à serenidade da mulher que é para si, no mais íntimo, útero e acolhimento, o guerreiro sente uma necessidade de mostrar sua valentia. Chico Preto parece um revoltado contra seu mundo. Entretanto, seus excessos de brutalidade parecem apontar na direção de uma doçura impossível de se manifestar. Poderíamos pensar que ao chegar, vestido aos ombros, estaria o valentão, em verdade, querendo vesti-lo. E ao riscar o terreiro com a espada, sugerindo uma dança, como nos rituais de acasalamento no reino animal, fere com o ferro fálico a face da terra mãe, natureza prenhe. O personagem se apresenta como uma encruzilhada de paixões e comprometimentos na esfera dos mitos e mistificações. Na passagem que se segue, a presença de Orindo o assusta.

Insistindo, Orindo replicou, amistoso:

– Veja se recorda de mim... Sou o menino do finado João Imaginário.

⁵⁴⁸ P.C., p. 288-9.

Benzendo-se, Chico Preto crispou-se num transe angustiado, recuou, braços estirados como se repelisse uma desgraça, e começou invocar aterrorizado:

– Credo em cruz se lhe vejo mesmo... O galo tá cantando, Jesus tá perguntando... Pedro! Pedro! Pedro!... A areia da vazante tá tingida com menstruo das curicacas... Padre Nosso pequenino de diante para trás, sujo, solto, teu encanto vai acabar; teu poder extinguir... Meu nariz sente cheiro de enxofre, Satanás; meu ouvido ouve teu estouro, Satanás!... [...] A histeria dominava Chico Preto, contorcendo-se na mágica transida, afastando-se apavorado. A imploração supersticiosa do velho jagunço não comoveu Orindo. Em São Salvador, onde as tradições religiosas africanas iam se comercializando, assistia sempre com os coronéis amigos tais demonstrações de sincretismo.⁵⁴⁹

Orindo não se deixa impressionar pelas invocações espirituais do jagunço. Ele observa tal comportamento na esfera da cultura e como objeto de exploração comercial. Vemos aqui o ser-jagunço no limiar, convivendo entre os imperativos da existência e o espaço mítico em que mistura cristianismo, espiritismo, rituais de origem africana, aplicados e modificados pelas vivências no sertão. Talvez, seguindo essa disposição de atribuir dons sobre-humanos a quem quer que seja, derive a posição de semideus de muitos coronéis, temidos como se possuidores de poderes transcendentais. O homem nordestino parece um ser fragilizado ao ponto de ser facilmente envolvido em mistificações que o fazem temer ou adorar, a depender dos direcionamentos que se dêem aos fatos e relações. Isso fica bem marcado na passagem do jagunço Soterão com o seu chefe, o coronel Frankolino, em contraposição ao que acabamos de presenciar entre Chico Preto e Orindo. A posição do narrador é de desconstruir essas mistificações agenciadoras do ser nordestino. Mesmo o envolvimento de Orindo com a moça chamada Lili, que poderia se tornar um princípio de namoro, acabou tendo uma relevância acima da normalidade dos fatos. Orindo sente o rumo que as coisas parecem tomar e isso o assusta: “Orindo saiu impressionado. Começou sentir nojo, enquanto o povo se apaixonava pelo caso sentimental de Orindo e Lili Latanjeira.”⁵⁵⁰ Note-se que o povo está carente de circo. Isto é o que a narrativa aponta. Seja como representante do diabo na terra ou como enamorado, as pessoas precisam acreditar em algo. Assim fica fácil para os

⁵⁴⁹ *P.C.*, p. 290.

⁵⁵⁰ *P.C.*, p. 298.

manipuladores do imaginário. É só espalhar a notícia. O autor implícito tenciona mostrar, na fragilidade do homem, o ponto de alavancagem em que os aventureiros têm suas estratégias de aprisionamento do ser bem sucedidas.

As manobras do coronel Kelemente, com o objetivo de se tornar o senhor absoluto na política e no comércio dos principais gêneros no município, acabam por causar a revolta dos comerciantes contra Orindo, acusando-o de traição. Ele reage com firmeza:

– Os senhores estão enganados. Quando cheguei aqui a minha intenção não era negar meu passado. Quem não conhece nesta Santa Maria da Vitória o menino filho de seu João Imaginário? Queria mostrar que tudo neste mundo pode mudar. Antecipadamente vocês planejaram a negação desta realidade. Aceitei e vim com a intenção de destruir uma mentira supersticiosa e premeditada, e dizer: Eu sou o neto da negra Marta e vim fazer a paz para todos. Se algo de contrário existe, vem do governo para quem todos voltam para se associarem na impunidade e na exploração dos pobres e dos humildes. Estou aqui para acompanhar os acontecimentos e esperar até segunda ordem, e vou esperar. Uma coisa lhes afianço. Nada mais me resta para deliberar, nem pelos senhores, nem pelos outros.⁵⁵¹

O personagem enfrenta o caráter mistificador dos entendimentos entre o governo e seus coadjuvantes locais, no sentido de manipularem as populações, que devem ser mantidas à margem do poder e riquezas. Sente, entretanto as limitações de sua atuação. As pessoas não acreditam em seu potencial para serem além da conformação estabelecida. “Queria mostrar que tudo nesse mundo pode mudar” é a senha do “herói” em devir.

E o narrador segue filosofando. Com sua visão clara dos acontecimentos, consegue situar o leitor numa rota crítica.

...– Só Zinza Oliveira, bafejado na espera da herança, e na força do amigo se glorieia:

– Acredite quem quiser: Santa Maria da Vitória é uma suposição. Se Coronel Kelemente solta o berro, Deus me defenda. Tomou conta do resto. Só a loja de Bê Martins se sustenta; bem se diz: o deve e haver é como corpo de minhoca. Vai e vem na conviniência da minhoca e há quem diz: maçonaria, seu Temóteo. Acredito, Aristides Estrela Preta. As coisas estão

⁵⁵¹ P.C., p. 299.

se tornando como folhagem de canafista: Uma cai e outra nasce logo para cair.⁵⁵²

A declaração do personagem tem o peso de um tratado, “Santa Maria da Vitória é uma suposição”. Podemos reportar à idéia de nação que nos mantém coesos. Somos vários povos, com formação e interesses diversos e que, entretanto, estão unidos por um discurso de ficção chamado Brasil. Para Ernest Renan, “a essência de uma nação é que todos os indivíduos tenham muito em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas”.⁵⁵³ Para Homi Bhabha, “As origens das nações, assim como das narrativas, perdem-se nos mitos do tempo e apenas na memória seus horizontes se realizam plenamente.”⁵⁵⁴ Ainda para esse autor a nação, “como forma de *elaboração* cultural (no sentido gramsciano), é um agente de narração *ambivalente* que detém a cultura em sua posição mais produtiva, como uma força tanto para “subordinar, fraturar, difundir, reproduzir – tanto quanto produzir – criar, forçar, guiar”⁵⁵⁵ Já para Benedict Anderson, “O que acontece com as pessoas modernas é semelhante ao que acontece com as nações. A consciência de estar inserido no tempo secular, serial, com todas as suas implicações de continuidade [...] engendra a necessidade de uma narrativa de “identidade”.”⁵⁵⁶ Assim, a declaração do personagem, “Santa Maria da Vitória é uma suposição” marca a fragilidade do discurso que envolve sua fundação como comunidade instaurada no tempo, se direcionando para um futuro. Quer dizer que “Se Coronel Kelemente solta o berro, Deus me defenda.”, o mundo acaba. Rasgam-se os contratos e o um novo-velho discurso surge com sua novidade para dizer o mesmo de outra forma. Aquele microcosmos, metonimicamente assimilado ao Brasil, é uma invenção, a nação ainda não foi concretizada.

Enquanto o povo de Santa Maria aceitava devagar pelos acontecimentos, Orindo perdia-se na contemplação. Não era mais a dúvida, inquieta, no seu pensamento espedaçado pelas contingências. Estreitava-se e crescia na força e na profundidade de si mesmo como uma garganta de rio encachoeirado.

⁵⁵² P.C., p. 305.

⁵⁵³ RENAN, 1997, p. 20.

⁵⁵⁴ BHABHA, 1997, p. 48.

⁵⁵⁵ BHABHA, 1997, p. 55 apud Said, 1983, p. 171.

⁵⁵⁶ ANDERSON, 1997, p. 94.

Estava ali sozinho, vivendo a condição do seu drama. O exterior e o interior era como uma paisagem da madrugada.⁵⁵⁷

A população vai se refazendo dos abalos, recompondo a auto-narração. Assim também o herói, renascendo do que lhe restou, alijado das dúvidas, sente avolumar-se, depurado como a madrugada, exibindo promessas.

Tirando do bolso o último bilhete de Lili, leu-o em voz alta como se estivesse fazendo uma denúncia das suas próprias leviandades “Meu querido: agora certifico que seremos muitos felizes. Todos aceitam: até a tia Chiquinha que era mais dura. Não acredito no que estão dizendo; que você tem no peito uma mancha de vara de remeiro do São Francisco...”⁵⁵⁸

Orindo é um ser estigmatizado. Primeiro foi segregado por sua origem, como neto da feiticeira, história que ele desmistificou. Agora surgem outros boatos, pelo fato de trazer no peito o calo produzido pela pressão da vara que os remeiros usam para propulsionar as barcas rio acima. Essa mancha, segundo o narrador, não se apaga, fica gravada para sempre. E constitui-se num traço rejeitado socialmente. As sociedades acautelam-se criando restrições à ascensão social. Estabelecem as características físicas, comportamentais, filosóficas, religiosas, de gênero, entre outras, para afunilarem a pirâmide, e assim dificultar o acesso ao poder e aos bens que a comunidade possa oferecer. Cumpre notar que essas características serão forçosamente aquelas dos detentores do poder, sendo a diferença rejeitada, numa configuração eminente política. Para o entendimento desse processo, Janet Peterson utiliza o conceito de *grupo de referência*, emprestado de Landowski⁵⁵⁹, para designar aqueles que estabelecem o código e determinam os parâmetros que vão reger o social, o cultural e o político. O grupo de referência é normalmente o grupo dominante, que “fixa o inventário dos traços diferenciais que servirão para construir a representação do Outro”⁵⁶⁰

A essas alturas, pelo que já se conhece de Orindo, imagine-se o que não lhe vai pelo espírito. Depara-se com mais um preconceito a ser levantado contra a sua pessoa.

⁵⁵⁷ P.C., p. 306.

⁵⁵⁸ P.C., p. 306.

⁵⁵⁹ PETERSON, 2004, p. 23, apud Landowski, 1997, p. 45-86.

⁵⁶⁰ PETERSON, Janet, 2004, p. 23-5.

Orindo apressou os passos – de cômodo em cômodo na casa vazia e silenciosa. A solidão era um agravo e ele rolava para seu próprio interior como águas engrunando-se. O tumulto endurecia lembranças. Zabelinha voltava a seu drama. As últimas palavras que ouvira dela se repetia agora na incógnita das novas precipitações: “Tenho uma coisa para lhe dizer...”

O que Zabelinha tinha para me dizer?... Se cem anos eu vivesse teria de suportar o drama terrível desta decifração. É como uma pedra de fogo dura, indestrutível, dentro do meu coração... Tenho vinte e dois anos e herdei a velhice do mundo!⁵⁶¹

A narrativa oferece gratas surpresas, pequenos espantos, carregando poesia em aprofundamentos nos dramas da vida. Orindo carrega um mundo de injustiças que o faz vergar como a um ancião. Fica no ar o que Zabelinha tinha para dizer, provavelmente a notícia de que carregava no ventre um filho seu, eterna dúvida. Assim, seu sentimento de culpa não teria limites. Tanto quanto Orindo, o leitor vai ficar no dilema. Essa é uma técnica que o romancista maneja com maestria. Sugere encaminhamentos, enquanto possibilidades abertas, como se apenas esboçasse as cenas, deixando para o leitor o exercício de suas capacidades imaginativas e protelando com isso o desenrolar da ação. Aqui, pode-se fazer uma paradinha e imaginar as cenas do que se passou entre os dois, projetando possibilidades.

Ouviu um barulho; pensou que era Zidorim chegando. Não era; era o gato e pensou: “Se este gato crescesse um metro a mais seria uma onça e eu teria medo... Seu Necão Gomes do Lagamá-Mirim disse para mim e Joviano, que a mulher e a onça são as coisas mais bonitas do mundo... “Zabelinha era uma onça. “Tenho uma coisa para lhe dizer...” O que seria? Talvez o mesmo que Clara Dendê me disse: “ponha a mão aqui, já mexe, é seu filho!” Orindo sentiu na solidão da casa o frio da barriga de Clara Dendê e teve medo. Medo do passado que lhe fez fugir do filho concebido; que lhe fez fugir da felicidade que só lhe deixou aquele sonho vago que o seu velho pai lhe legou para alimentar o indivíduo insaciável.⁵⁶²

⁵⁶¹ P.C., p. 206-7.

⁵⁶² P.C., p. 307.

Orindo apresenta-se como um ser em total expansão de possibilidades. Pensa a vida como um espaço aberto ao novo, ao inusitado. Chega ao ponto de pensar uma sobrenatureza, um gato do tamanho de uma onça, idéia que aproveita para introduzir as confabulações de seu Necão sobre a mulher, “Elas são as donas da vida”⁵⁶³. Tais idéias aqui comparecem, enquanto metáforas com que o narrador não cansa de enaltecer as mulheres.

Orindo começou olhar ao redor. De que valia ambicionar tudo, de ficar com o direito de sonhar e a tarefa romântica de encher com ele o vale dos desesperados? Zabelinha sim: decidiu. Juntou-se ao velho Amâncio, e quando a Revolução Libertadora do Sertão se tornou uma farsa, no acordo dos políticos contra o povo ela caiu lutando por sua liberdade... O que ela teria para me dizer? ... Justo. Um tiro dentro da noite!⁵⁶⁴

O personagem contrapõe seu sonho “romântico”, de uma melhor compreensão entre os homens, ao cabo de uma revolução do espírito, à atitude de Zabelinha, mais decidida. Caberia aqui pensar os diferentes tempos em que se dá esse confronto ideológico dos personagens.

Considerando primeiramente o contexto político-social reinante nos sertões, talvez a opção de Zabelinha fosse a mais cabível, desde que tivesse uma maior adesão popular. Podemos lembrar que concomitantemente ao tempo em que se dão esses acontecimentos da narrativa, os anos de 1920, tal apoio foi negado a Luis Carlos Prestes. Ele partiu do Rio Grande do Sul, chegando ao Nordeste sem obter adesões significativas. Ao contrário do esperado, foram os coronéis dessa última região que aderiram, mas à sua perseguição, prestando um serviço ao governo federal. A situação insustentável levou a Coluna Prestes a uma retirada que a conduziu ao território boliviano.

Numa outra perspectiva, podemos tomar como referência o tempo em que o autor conta suas histórias, entre 1942 e 1945. Esse período pode ser estendido até 1961, quando da publicação da obra, com suas prováveis modificações de percurso. Trata-se de uma época em que ocorrem mudanças substanciais nos paradigmas humanos. No pós-guerra, uma infinidade de produtos industriais vai alterando o modo de ser e estar-

⁵⁶³ P.C., p. 205.

⁵⁶⁴ P.C., p. 307.

no-mundo, deslocando a ênfase das relações do homem consigo mesmo e com o Outro. Ocorre um deslizamento do “ser” em direção ao “ter”, provocando um certo enfraquecimento, uma diluição do ser. A crise provocada pela Segunda Grande Guerra contribuiu para fragilizar ainda mais a idéia de racionalidade e da autonomia do ser cartesiano em direção à técnica e ao progresso. Aí estão as condições, que podemos associar ao que argumenta Stuart Hall ao falar dos deslocamentos do sujeito iluminista, para o surgimento do ser pós-moderno, atravessado por tantas vertentes do pensamento e possibilidades de existir que dele fazem um ser “perdido?”, “rarefeito?”. Por certo delinea-se um ser de menos espiritualidade, centrado agora no corpo e suas demandas, como bem discorre Michel Serres. Assim, Orindo sofre todas as incertezas do mundo. É um ser paralisado, atônito ante os dilemas, verdadeiras encruzilhadas em que se perde, sem que consiga escolher um caminho. A marcha dos acontecimentos o atropela e, nesse limiar dos enfrentamentos interiores, acaba sempre por fugir. Em contraposição ao caminho revolucionário, calcado numa ideologia norteadora, a batalha de Orindo é interior. Enfrenta o dilema de seu país, que não precisa travar guerras para se afirmar como nação, mas talvez, psicanalisar-se: falar intensivamente de seus males para chegar a um manejo civilizado das relações. O personagem segue esse caminho. Incorpora com sua sensibilidade a epopéia do seu povo, podendo ser considerado o próprio povo brasileiro personalizado em uma encarnação simbólica. Narrativa e história nacional são diferentes vozes de um mesmo existir na margem.

O narrador, em *Porto Calendário*, mostra com sua alegoria que os tempos são outros. Antecipa o fim das ideologias do enfrentamento, apontando para uma revolução do ser, batalha interior.

Cumpre ainda notar, sobre a passagem anterior, que as confabulações de Orindo são repentinamente cortadas por uma frase solta, com sua carga de mistério, “Um tiro dentro da noite!”. Trata-se de um artifício do narrador para evitar delongas insustentáveis e, de outra forma, aumentar a carga dramática numa atmosfera já tão conturbada.

Orindo já não se contém, exalta-se como se lecionasse sua própria indecisão. Instintivamente abriu as janelas como se fossem ouvidos abertos para suas divagações e continuou:

– Kelemente de Araújo sim, é um sonhador! Como Joviano, pensando da vingança, meio de salvaguardar a dignidade humana e castigar os maus...

Como seu Necão Gomes, amigo dos cavalos, companheiros e irmão dos homens ofendidos... Quem é esse Kelemente de Araújo? Um louco? Parece. Tomado pela obsessão da grandeza excede-se. Não teve filhos, seu intento fixo é reproduzir-se nas propriedades, nos empreendimentos, no dinheiro, nos crimes e no delírio... Avança e desde que seja reconhecido como o primeiro, vai até ao absurdo para ser leal e humano para quem o cerca e o reconhece.⁵⁶⁵

O personagem Orindo, em seus acertos expressivos com o narrador, está sempre a maravilhar-se com a natureza humana. Fala como um deus magnânimo, que compreende muito bem os desvios de suas criaturas. Sempre uma palavra compreensiva no intercurso com a poesia. Consegue ser lírico, mesmo ao falar dos excessos de Kelemente, na realidade uma criança malcriada, com seus traumas e sensibilidades mordidas pela vida. Pela carência de ser, inclusive pai, procura suprir a falta com a brutalidade e acumulação desenfreada, o que mascara o déficit e mesmo certa vergonha machista de se mostrar sensível. Não se torna demais ressaltar essa interseção do autor implícito nos conceitos filosóficos concatenados nas narrativas osorianas e que apontam para uma anterioridade do dizer, aquém de qualquer ideologia. A bondade que transpira a cada momento das narrativas aponta o caminho inevitável da superação do ser em direção a um fora quase absoluto, como defende Levinas⁵⁶⁶, para além da realidade do real, tendo em vista essa alteridade que nos imprime uma carga de indigência e fraqueza.

E o personagem segue em suas elucubrações, ativando sensibilidades no entendimento do mundo.

Orindo olhou o relógio e pensou. Conformava-se. Santa Maria inteira vai dizer amanhã: Orindo Brotas esteve reunido entre os Alfonsos! Quem diria?

– Os Alfonsos também já foram poderosos. O Coronel, quando é destruído, torna-se como uma tapera contada nas histórias das saudades e das assombrações. Espalham na vida como as enchentes nas várzeas; se infiltram na terra ou voltam ao caudal.⁵⁶⁷

⁵⁶⁵ *P.C.*, p. 308.

⁵⁶⁶ LEVINAS, 1978, 32-7.

⁵⁶⁷ *P.C.*, p. 308.

Lindo poema para dizer que a roda da fortuna gira sem parar e os que estão acima, os coroados, podem cair e desaparecer ou ressurgirem renovados. *Porto Calendário* é assim, os poderosos se revezam. Como há de ser na natureza e na curta existência dos homens, está sempre a se transformar e nada permanece. A seguir, um pouco mais de luz sobre os coronéis e o seu percurso de ascensão e queda do poder:

São todos um produto romântico do isolamento. Saem tanto das velhas famílias tradicionais como das mais baixas camadas do povo, e na sua forma de continuidade, a impunidade é um recurso. Dentro desta soma ele é antes de tudo um rebelado variando-se num sentimentalismo patriarcal, que vai do crime à solidariedade extrema para com os que o reconhecem. Quando param é porque desapareceram no conjunto dos seus próprios sonhos; da liberdade e do engrandecimento da terra de quem são filhos.⁵⁶⁸

Assim os coronéis como os homens seriam máquinas de sonhar em devir permanente, reinventando-se. Quando param é porque se deixaram capturar pelo próprio sonho, no que ficam paralisados. No sertão, em regime de isolamento, desenvolveram-se esses estados gerais no espaço do sonho, que é o espaço da esquizofrenia. O emparedamento em uma realidade, como única fonte do saber e diálogo com o mundo, em que não cabe a diversidade oxigenadora, gerou a figura patriarcal do chefe, depois galardoado coronel, que castiga ou premia de acordo com sua percepção dos acontecimentos. Com esse isolamento, que reduz as possibilidades existenciais, o narrador compara o litoral, zona de fronteira com o resto do mundo, onde aporta a diversidade geradora de abalos. “O homem da beira do mar olha para fora e Zidorim tem razão: e por isso eles pensam diferente.”⁵⁶⁹

Orindo comparece a uma reunião na casa dos Alfonsos. A cena reflete a decadência da família, que antes dominara a região. Apesar da antiga pompa do salão ter sido mantida, com sua grande mesa e comida farta, havia alguns familiares que nem sapato tinham para calçar. O narrador caracteriza essa decadência no discurso pastoso dos personagens em que a linguagem não flui, em contraposição à vivacidade das falas dos que, ricos ou pobres, têm uma visão clara da existência. O discurso dos Alfonsos é pesado, utilizando-se de uma retórica que o faz se arrastar.

⁵⁶⁸ *P.C.*, p. 309.

⁵⁶⁹ *P.C.*, p. 309.

A voz de Gorgonho era grave e dominava:

– Quem por aqui não conhece a história do Morro Pintado? Ninguém. Se ela me alenta, repitirei. [...]

– “É um Morro encantado, no cimo do planalto onde das liquencias das cabeceiras escorrem as nascentes. Dizem: nos seus arredores o ouro e as pedras preciosas são abundantes, encontradas entre as raízes das grammas e do arvoredos; [...] Feliz de quem encontrar o Morro Pintado! Será rico e poderoso. Esta história meus caros se revive nas quadras das calamidades. Quando o flagelo das enchentes, das secas, da peste e das guerreações, empobrecem as populações; grupos se formam amigos e inimigos e se vão em procura da fortuna encantada!”⁵⁷⁰

Verifica-se aqui o recurso à heteroglossia como ferramenta ficcional a ser usada na literatura, conforme estudos de Bakhtin⁵⁷¹. Tal estratégia consiste em caracterizar, mediante diferentes registros da fala, os extratos sociais e posição ideológica que ocupam os personagens, definindo fronteiras. Aqui o tom arrastado e pastoso da fala, serve para caracterizar a decadência de um clã, que anteriormente dominara a política e os negócios regionais e que, justamente pela falta de leveza e agilidade, talvez não tenha acompanhado a evolução do tempo.

A reunião de Orindo na casa dos Alfonsos rendeu uma intriga, por parte de Zinza, querendo afastar Orindo. Este se tornara um obstáculo a seus planos de casar com Lili Latanjeira e se apossar de suas terras. O coronel Kelemente é influenciado por aquele e dá um ultimato ao nosso “herói”:

– Vim aqui a mando de compadre Kelemente dizer. Você vai deixar a cidade o mais depressa possível então...

Deixando o jornal que lia, Orindo respondeu calmamente:

– Diga a teu amo que irei. Não pela ameaça que você me traz. Recebi pelo último correio um ofício do governador chamando-me com urgência. Participei que seguiria no primeiro vapor caso não seja assassinado a mando de Kelemente de Araújo e seu laçao Zinza de Oliveira, sim? Não tenho medo de vocês. Infelizmente deixei-me arrastar por uma conviniência sentimental e aceitei representar esta comédia inacreditável. Mas de hoje até

⁵⁷⁰ P.C., p. 311-12.

⁵⁷¹ BAKHTIN, 2006.

minha ida, irei dizer a todos que sou o neto de negra Marta, o menino do finado João Imaginário e um Brotas também... E direi a todos que Zinza de Oliveira é um Caim, que está traindo os seus irmãos, desonrando o sangue leal deste povo do Corrente.

Zinza levantou-se para sair, mas foi detido.

– Fica e me ouça, seu covarde; você tem um revólver e um punhal na cinta e eu estou desarmado mais tem de ouvir. Onde está o corpo da Tia Gatona que você mandou assassinar somente porque tentou romper o segredo do Bomba e vir se encontrar comigo?

– Não... Não fui eu. Foi o compadre que deu ordens porque ela estava levantando os outros trabalhadores para fugirem prau São Paulo.

– Mentira, Zinza! Kelemente de Araújo, obsedado pela idéia fixa de passar à frente de tudo, deixa-se envolver pela tua perversidade.⁵⁷²

Orindo, finalmente, age com firmeza enfrentando a maldade e caráter traiçoeiro do vilão. Pelo espírito da sua fala, o “herói” parece até perdoar o coronel, mas não perdoa seu sequaz perverso, que induz o amo crédulo e magnânimo ao erro.

O relato de Zinza ao coronel Kelemente, de tudo o que lhe dissera Orindo, rende a este elogios por sua macheza, o que deixa o primeiro ressentido.

Enfim, tem-se um final quase feliz. Orindo conseguiu a paz com sua gente. A postura do “herói” revela o espírito sertanejo, que perdoa as fraquezas dos fortes, mas não tolera a perfídia e o comércio ilícito com os bens da consciência. Houve festa em Santa Maria, com palanque, foguetório e banda de música. Orindo foi de casa em casa se despedir das pessoas. A convite de D Sizu, foi almoçar com o casal:

...Coronel Kelemente tinha uma satisfação infantil e falou de muitas coisas, de si, de uma maneira que só a terra ensinava.

– Meu gosto é a música. Ela vem de fora pra dentro de mim. Quando to danado canto baixinho e me alivia e ganho. Olho pra Sizu e ela fica... Você já gostou de uma mulher? Sizu é a música. Bestage de poesia dizer ser melhor o anjo. Tou lhe lendo. Tua cabeça tem tudo como o sertão, para apurar e se conhecer. Comigo foi diferente. Segredo. Meu primeiro ganho deu pra comprar um violão, e o pai me disse: – Kelemente você não sabe que músico só dá pra cachaça e perdição?... – e quebrou o coitado. Senti, e cedo

⁵⁷² P.C., p. 314-5.

saí de casa e dos primeiros resultados comprei uma sanfona. Tocando num baile, o rolo se embalou e veio os soldados, prenderam os músicos e me rasgaram a sanfona. Deste dia comecei pensar em ser um Coronel, e me fiz. E agora? Tenho de ser como goiabada de cascão: dura por fora e mole por dentro. Hoje vou lhe dizer. Tenho minhas quizilas, mas se ando é como o ciúme: quero só para mim, para virar marimbu, para ser como as cabeceiras de onde nascem os rios.

Meu pai me disse quando voltou do Sul: vi e quase represei na nascente com estas mãos as águas do São Francisco. Vê o São Francisco no Mucambo do Vento e diga. Você acredita que as mãos de Kelemente de Araújo podem represar o dia de amanhã? Triste é mesmo, se pensar sem entender, mas um dia vão confirmar: esse Coronel Kelemente foi um sujeito doido, mas resolvido, – e lhe abro. Precisando de mim é só levantar o dedo. Dona Sizu estava radiante. Esperava que alguém pudesse um dia compreender e penetrar naquele interior rude e sensível.⁵⁷³

E assim fica bem marcado o sentido ideológico da narrativa, alinhavado às expensas do autor implícito que marca o papel predominante da mulher na formação da sociedade nordestina. O ser nordestino seria o fruto da negociação entre a macheza respaldada na brutalidade, no tom heróico que se imprime à existência, e a vontade feminina que marca uma presença forte nos direcionamentos da vida nos sertões. É isso que sugere o Coronel Kelemente. Ele manda no mundo, mas a mulher amada é quem manda em seu coração, aliviando a carga existencial e abrandando por vezes seus ímpetos destrutivos. A mulher é o contraponto e, não menos, a razão de ser de tanta luta. É ela, afinal, quem garante a eternidade, como vimos anteriormente na contemplação da mulher se alimentando com seus filhos, por parte de seu Necão. E também a ela parecem intimamente dedicadas as vitórias, conquistas que asseguram o ninho e garantem em geral a perpetuação do clã.

Na seqüência desse tributo prestado à mulher, as palavras de Kelemente se dirigem a Orindo, “Tou lhe lendo. Tua cabeça tem tudo como o sertão, para apurar e se conhecer.” Orindo aí aparece, como já vislumbrara-se anteriormente, como síntese da identidade sertaneja. Olhar para Orindo é ler sobre o homem do sertão em suas marchas e contramarchas. Mesmo sem ter o letramento do personagem, o homem do sertão consegue ler no grande livro da natureza, aí incluindo-se evidentemente a natureza

⁵⁷³ P.C., p. 318-9.

humana. A própria natureza dessa obra, em seus trâmites poético-filosóficos, atesta essa visão diferenciada do sertanejo, aqui, o autor Osório Alves de Castro em sua simplicidade, sem afetações ou intelectualismos, mas atingindo aquele aguçamento das sensibilidades, em direção à idéia pura, fruto da contemplação, em que o “puro sujeito do conhecimento” se acha assim livre da individualidade e da vontade, seguindo o pensamento de Schopenhauer⁵⁷⁴. Orindo, assim como Osório, representa esse sertanejo atento, que lança um olhar depurado em direção aos movimentos dos seres e fenômenos. Executa a repetição obsessiva do gesto para daí fazer vingar a originalidade da representação, segundo os direcionamentos apresentados por Michel Serres, em relação ao processo de hominização. O autor é capturado na órbita do narrador, agenciado pela figura do autor implícito que fornece o ideário, espécie de fio terra para que não se perca o contato com a realidade histórica. Também os personagens, seguindo um efeito narrativo apontado por Bakhtin, acabam aqui por adquirir vida própria, ajudando a conduzir com sua personalidade erigida em campo de força os direcionamentos da narrativa.

Finalmente, na passagem acima se mostra com o habitual lirismo e beleza cênica o nascimento de um coronel dos mais ferozes. Trata-se na realidade de uma criança, a quem a história roubou os brinquedos, atributos da arte e da representação da beleza que nasce a cada dia, em cada olhar para a natureza, aportando uma leitura artística dos percursos existenciais. A vida, marcada pela cultura da truculência, ideologicamente conduzida, acabou por gerar esse ímpeto de subjetividade distorcida, um Eu que joga agora as próprias cartas, numa maneira personalística de ser e estar que se estabelece como paradigma do mundo.

...Kelemente de Araújo se perfilou diante da Banda e logo que o vapor passou à sua frente pediu ao maestro:

– Toquem o hino para Orindo Brotas.

O apito do vapor misturou-se com a canção da saudade cantada por centenas de bocas ao longo do cais. Coronel Kelemente arrancou o revólver, deu seis tiros para o ar, e jogou a arma no rio. A seu lado, Chico Preto tirou a espada da cinta e fez o mesmo.⁵⁷⁵

⁵⁷⁴ SCHOPENHAUER, 2000, p. 32.

⁵⁷⁵ P.C., p. 320.

A cena é simbólica do progresso e desarmamento do sertão. Doravante as ferramentas de poder vão transitar da imposição da vontade dos poderosos pelo argumento das armas para o sistema político baseado no voto, o que muda as estratégias. Orindo Brotas parece que conseguiu selar uma paz, ainda que frágil. Corrobora isto o fato de Sá Quitéria ter-lhe dado uma pena azul de pássaro, amuleto que fechava o corpo contra bala e baioneta, pertencente a Chico Preto, e do qual ele agora não mais necessitaria, pois conseguira o emprego de apitador na Usina do Coronel Kelemente. São os últimos acordes de uma sinfonia sertaneja em que a paz, em seu sentido mais amplo deve habitar o espírito humano, como a forma madura de ser-no-mundo. Orindo é esse exemplo de Ser que se apaga para fazer brilhar o Outro como estrela radiante. Orindo paira na eternidade dos filósofos que contemplam o mundo, fugindo à tentação de uma imortalidade pessoal, linear, em contraposição à circularidade da espécie, de acordo com o pensamento de Arendt⁵⁷⁶

Na janela dos Alfonsos entre as outras mulheres, Orindo reconheceu Lili sacudindo seu lenço branco e deteve-se. Na história dos homens existem grandes forças capazes de mudar de um dia para outro a face das coisas.

Coronel João Alfonso sentia a palavra liberdade vinda no canto e na alegria do povo como um pouso novo dos caminhos...

Da cidade chegava ainda a sinfonia da despedida – as músicas das Bandas, as vozes e o apito da Usina. Orindo juntava à lembrança o sentido de Zabelinha, de tia Gatona e de sua avó a negra Marta, mulheres merecidas...

A frente era a estrada fluvial batida de reflexos. – Dedivera.

Na paisagem do grande vale, o pico da Itapiraçaba é um ubre monumental.⁵⁷⁷

O narrador termina com um tributo à mulher, idéia que marca reincidentemente ao longo da narrativa, uma força poderosa capaz de mudar o destino dos homens. O pico da Itapiraçaba representando esse úbere que se projeta da Mãe-Terra, às últimas palavras da história, corrobora a idéia da mulher como detentora da vida e da

⁵⁷⁶ ARENDT, 2007, p. 26-30.

⁵⁷⁷ P.C., p. 320.

eternidade, dando seguimento ao ciclo biológico. Mais do que mera geratriz, a mulher se torna, aqui, a mola mestra para uma sociedade mais justa, na contramão dos desatinos masculinos.

QUARTA PARTE

Ser retirante

I Orindo além de si, na pele do retirante Bahiano Tietê

A narrativa do romance *Bahiano Tietê* apresenta o ser diluído nas fronteiras com o Outro e o Mesmo. Há um duplo dilaceramento do migrante que se alija de todo referencial. Ele sofre um abalo total nos fundamentos do ser, o que abrange mudanças culturais e sociais. No sertão as relações eram pautadas no regime de proteção mútua, na solidariedade, seguindo uma ética que valorizava o homem destemido, oscilando entre os desmandos e a generosidade. Guardava-se uma proximidade entre as partes mesmo em posição antagônica, o que proporcionava um extravasamento das tensões e por vezes sua superação em movimentos de identificação. Agora as relações se apresentam desprovidas desses “abrandamentos humanitários”. São relações impessoais, marcadas pelo distanciamento e mesmo invisibilidade daqueles que dominam. O trabalhador perde todo o referencial. É tratado como uma peça numa engrenagem. Recebe o pagamento de um feitor, por quem é manipulado no limite da animalização. Não se relaciona com o patrão, a quem por vezes nem conhece. A polícia, aliada dos possuidores, é utilizada como força dissuasiva de quaisquer pretensões transformadoras ou até mesmo das mais simples reivindicações visando suprir necessidades básicas e vitais.

No exílio há uma sensível mudança na estrutura social e de produção. Passa-se do sistema tradicional de dominação, com resquícios comunitários – baseado no parentesco, que envolvia não só as relações de sangue, mas também as de trabalho, incluindo na órbita familiar os agregados, artesãos, serviçais –, para a esfera de um capitalismo matizado de escravismo que elimina os últimos sinais humanidade do sistema anterior.

A narração retoma a seqüência dos fatos que tiveram início na fazenda Lagamá-Merim, de Seu Necão Gomes, em *Porto Calendário*. Aí, Orindo chegara acompanhado do amigo Joviano, sendo contratados para o serviço do pastoreio. O “herói” envolve-se

amorosamente com Clara Dendê. A notícia de que esta estaria esperando um filho seu foi suficiente para desestabilizar sua existência, levando-o a um movimento de fuga que se constituiria no centro de seu estar-no-mundo. Participava agora da tragédia de seu povo ao gerar um ser que não teria direitos. Destino diverso teve seu amigo. Joviano caiu nas graças do patrão. Casou com sua filha, tornando-se herdeiro da enorme fazenda Lagamá-Jusan.

O narrador inicia sua história, falando das lendas, mistérios, lutas e assassinatos que marcavam a posse dessa terra que seria a da promessa, não fosse a cobiça que despertava.

A sesmaria reduzida nas dez léguas de terra da fazenda de gado e pesca do Lagamá-Jusan não desmentia: vinha de longe. No seu velho curral cercado com cepas de aroeira, medindo quatro palmos de topo, repetiam:

“Vagavam, nas horas mortas da noite, fantasmas de antigos fazendeiros, fazendo zuar cincerros de cobre, espantando flagelos e rebatendo desentendimentos”.⁵⁷⁸

O estilo é nebuloso, seguindo uma economia textual que faz valer tensões e protensões do mundo em aberto, projetando-se para amplitudes do dizer só possível no domínio lírico da palavra que se acasala com o latente em conjunções alvissareiras de muito sugerir no minimalismo em que se propaga. No trecho acima, com a habitual economia textual, o narrador conta a história dessas almas cheias de ambição, repentinamente ceifadas nessa terra que insiste ser de ninguém, razoável na aceitação do desmando como súmula da impunidade. Entoa-se então o presságio em que se pode tremer pelo destino dos novos ocupantes daquele espaço fronteira entre o paraíso e a eternidade.

Também o notário Lula Determinado, durante os procedimentos de abertura do testamento do falecido Necão Gomes, fala da vocação nômade do povo sanfranciscano como um prelúdio dos acontecimentos que serão dados a conhecer na narrativa de Bahiano Tietê.

– O mesmo sonho dos criadores de gado de dois séculos atrás revive gora nas fazendas de café de São Paulo, onde camaradas e proprietários, como

⁵⁷⁸ *Bahiano Tietê*, p. 15. Doravante este romance será indicado pelas iniciais *B. T.*

aqueles de antigamente, embriagados pela ânsia de multiplicar, se vão para os dias de amanhã tomados pelas promessas da imensidão.⁵⁷⁹

As palavras do tabelião soam como o arauto do destino desbravador a que estão fadados os brasileiros. Por um lado a esperança, de outro uma condenação, no vazio que fica. Ele, que registra o nascimento e a morte dos habitantes da comarca, um pequeno mundo que resguarda a azáfama e movimentos do macrocosmos, tem a autoridade oracular para proferir palavras que ressoam à sentença de um destino. Fala dessa disponibilidade do brasileiro ante os chamados do desconhecido, buscando um sentido qualquer, melhor que a permanência no agravo, a vida já sabida dos que sofrem a sina em seu solo natal. E essa partida tem o apelo simbólico dos que se vão desta vida, da pátria ribeirinha, para dificilmente voltar. Esta é uma perda, igual à morte que ceifa, privando a vila que míngua sem os braços, laços de convivência e da inteligência do homem, o que faz o sertão sangrar.

A seguir assistimos o solilóquio de Clara Dendê, viajando com Joviano e família. Iriam tomar posse da fazenda que este herdara.

No meio da tropa, a velha Clara, escanchada nas trouxas, “tava” diferente. Sentia a mudança do mato, do chilreio da passarinhada serelepe da boca do gerais. Seus cabelos estavam brancos: não era bem a idade que a velhice apressada lhe satisfaria na troca de vida. Iria ser a parteira da fazenda, que viraria um “comércio” como tava na vontade do finado, seu Necão Gomes... Não teria ali a incumbência de ser a mulher de servir com seu corpo aos homens que viessem dar seu trabalho ao patrão. Não teria mais de parir e ficar com saudade de alguém. Seu compadre Joviano prometeu. Logo que as coisas se arrumassem, traria as suas três meninas e casaria todas, graças a Deus. Do menino, que ficara também com a dona Leonida, tinha esperança: era o pai, coitado!... Clara ia e vinha nos pensamentos.⁵⁸⁰

Inúmeras são as referências intertextuais. Quando Clara diz que “Não teria mais de parir e ficar com saudade de alguém.”, logo nos lembramos de Orindo, que inexplicavelmente se lançou ao mundo para não mais voltar. Ele – pela sua força propulsora para se dissolver no Outro, capacidade eminentemente feminina, como nos

⁵⁷⁹ *B.T.*, p. 15.

⁵⁸⁰ *B.T.*, p. 17.

autoriza Ortega Y Gasset, aliado ao espírito do homem sertanejo, leal, sensível, sensual, – seria provavelmente o objeto dessa saudade, um sentimento de perda e vazio. Outra provável alusão a Orindo estaria na parte final do segmento, quando fala do filho que deixara para trás: “tinha esperança: era o pai, coitado!...”. O menino teria a inteligência e o olhar sensível em disponibilidade para o outro, à semelhança do pai. Assim, a mãe teria motivos de sobra para esperanças e aflição. Os escravos e conformados entregues às lidas sofrem menos. Os homens que vivem a liberdade do pensamento são uma chaga aberta em permanente diálogo com o mundo, buscando o entendimento. E a personagem vai aos poucos tornando mais claras e emotivas as referências ao amado. “Procurava lembrar os machos que serviu, e nem dos muitos que lhe botaram filhos na barriga dava presença. Só de um sim: dele que lhe esfriou as carnes e ficou parado na sua cabeça alvejando os cabelos.”⁵⁸¹ Orindo gelara, transmitindo a Clara uma onda de choque quando esta colocara sua mão sobre o ventre dizendo, “Este é seu, juro.”⁵⁸² Sente-se na passagem acima uma transmigração do gelo do corpo dele para a cabeça dela onde o “herói” ficou congelado, precipitando pela paixão seu envelhecimento precoce. Cumpre ressaltar o forte apelo visual das imagens verbais acelerando intensidades em ares do maravilhoso. E Clara lembra do velho Lula, boa prosa, cujas palavras traçam um perfil da vida sertaneja, em sua reproduzibilidade quase biológica.

Estou escutando ele dizer: Clara, você e a vaca representam. Se cabimento dão as coisas antigas, esta nunca saiu de mim. Você, a mulher e a vaca, porfiaram anos e eras inteiras, este mundo do São Francisco. – “Eu?” – Os outros mataram seus homens, ficaram você e fizeram filhos que nasciam cativos. Depois, trouxeram as vacas praus varjames, e foi só: pare-mulher, pare-vaca, pare-mulher, pare-vaca, ali, que gente foi sobrando no curral, foi ficando à toa, se espalhando sem valer nada, só tendo por amigo o rio, a terra e o céu pra perguntar. Pobre Lula Determinado, dizem que a alma do finado Necão Gomes chamou-o depois de ler o segredo... e tudo ia revirando, se encaifando ... Quem vale mais mesmo? A vaca ou a mulher, Deus do céu?!

⁵⁸³

⁵⁸¹ *B.T.*, p. 17.

⁵⁸² *P.C.*, p. 199.

⁵⁸³ *B.T.*, p. 18.

O personagem faz um breve relato da civilização curraleira do São Francisco. Os homens morriam nas guerras e confrontos. As mulheres animalizadas pariam como vacas. Davam origem ao rebanho de excluídos, seres não incorporados à estrutura social, ao sistema de produção e serviços. Formavam um contingente que sobrava, perambulando entre o céu e a terra, comprimidos entre o céu do messianismo e o inferno do cangaceirismo. À pergunta colocada pelo personagem Lula, sentiríamos concluir que em tal contexto, forçosamente uma vaca teria maior valor que uma mulher, alerta que podemos atualizar para os dias que correm, em que as condições da nossa gente parecem não ter melhorado.

Um bando de araras vermelhas passou gralhando sobre suas cabeças. Nas tochas solitárias dos buritizeiros, arredondava a alvissara verde dos marimbus perdidos.

Chegavam. Uma cunha cinzenta ladeada de coqueiros esfiapados de ventanias, era a casa grande achatada nos gerais.⁵⁸⁴

Podemos tomar a saudação do bando de araras como um presságio, não muito animador do que aguarda os novos moradores do Consulta. A imagem não é gratuita. Na simbologia maia, a arara simboliza o fogo e a energia solar. No Brasil ela é um elemento solar, “um avatar do fogo celeste, difícil de conquistar”⁵⁸⁵ O fogo celeste, que representa a luz do saber, a clarividência, a luz da razão humana, talvez seja mais difícil de ser conquistado. Muito mais fácil seria o atributo negativo do fogo que simboliza a destruição e a guerra,

Segue-se um diálogo entre Orindo, que reaparece surpreendentemente sendo chamado de doutor, em companhia do Sargento Imperador Carlos Magno. Este segue em missão oficial, servindo de escolta ao “herói” até Bom Jesus da Lapa, onde este embarcaria para São Paulo, misturado com a gente da migração.

Sargento Imperador Carlos Magno regalou o pensamento numa risada aberta nos dentes de ouro.[...]

– O Doutor acredita no Cão? Ih!... Eu também não, mas ele é maneiroso. A gameleira é uma árvore excomungada; não tem cruz nem rumor, e o Cão, ninguém duvida. Toda sexta-feira faz audiência no seu copado... Me abona

⁵⁸⁴ *B.T.*, p. 18.

⁵⁸⁵ CHEVALIER E GHEERBRANT, 2000, p. 72-3

seu Doutor, lhe confesso: foi debaixo da gameleira que se deu. Sendo eu soldado, exemplo merecia, e casei-me com a menina... Sim. Dois anos depois este seu criado não tem vergonha de dizer: eu era um corno manso! Matei os dois e a justiça não falhou. A honra se lava com o sangue. Hoje me escanfinfo e pergunto. De que valeu? Falo prau senhor que é compreendido. O Cão é ardiloso e das propriedades, a saudade é a renegada. Tira-nos tudo sem dá nada de volta...

E ficou calado... Mas recomeçou. O Doutor satisfazia-se com suas conversas: todo aquele sertão fervilhava nas suas narrativas como a quebra de um encanto.⁵⁸⁶

O trecho lembra os diálogos de Riobaldo e seu interlocutor anônimo na narrativa de *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Aqui, o narrador extravasa seu lirismo na compreensão do mundo sertão como um universo mágico, que vai brotando das conversas. Tem-se, para começar, uma convergência paradoxal, que provoca risos, quando o personagem diz não acreditar no Cão, para em seguida afirmar que ele é maneiroso. O Sargento segue sua narrativa, abordando temas caros às histórias de cordel e que bem traduzem o imaginário nordestino. Tais sejam: paixão, traição, vingança, inspirados pelas artimanhas do demônio.

A empreitada que hora se encerra traz um enigma a ser decifrado. Orindo Brotas, enviado especial do Governo da Bahia, saíra de Santa Maria da Vitória consagrado como um mediador eficiente, que conseguira acalmar os ânimos das principais correntes em constantes conflitos pelo poder local. Sua atuação levou o feroz coronel Kelemente de Araújo, numa das últimas cenas de *Porto Calendário*, ao ato simbólico de jogar seu revólver ao rio, após uma salva de tiros para o ar, atitude copiada por Chico Preto, seu lugar tenente, que fez o mesmo com a sua espada. Agora aparece ele com um segurança militar que guarda seu rifle na casa de um amigo, vestindo-se de vaqueiro antes de entrar com o Doutor na cidade, “para dissimular a missão”⁵⁸⁷.

Sargento Imperador Carlos Magno pulou do cavalo, benzeu-se e beijou o chão. Estavam chegando. [...]

⁵⁸⁶ B.T., p. 19.

⁵⁸⁷ B.T., p. 19.

– Ordem cumprida, seu Doutor, e pode seguir tranqüilo, misturado na migração, botando tinta no papel.⁵⁸⁸

Ele vai embarcar incógnito, como se fosse um enviado do Governo em missão secreta. Esse “misturado na migração, botando tinta no papel”, talvez se refira a um relatório sobre o esvaziamento do Vale, ou não passe de uma farsa, uma trapaça do narrador. Pelo que se sabe de Orindo, seria mais fácil ele estar sendo deportado, na qualidade de crítico sutil do sistema de dominação que alija as populações do direito a uma vida digna. Já, a cena que se segue aponta um outro caminho.

– Agora – pensava o moço com a mão fincada no queixo, o “Doutor” deixou de existir. Já era um homem livre soltando-se no mundo, sem pretensões, disposto a entregar-se a uma sociedade com a qual desejaria se transformar e tornar-se irreconhecível.⁵⁸⁹

O personagem parece fazer de si um permanente laboratório. Coloca-se constantemente em estado de observação, fugindo aos primeiros indícios de que esteja sendo envolvido numa teia que o capture nas entonações de seu tempo e lugar, de forma pragmática. Está constantemente rasgando sua filiação a qualquer grupo que represente um estelionato contra sua consciência. Quer estar livre para ser das multiplicidades cambiantes que trazem as vozes do mundo clamando justiça. É aí que ele quer permanecer, jogado ao mundo com a gente sem rumo, tentando transformações que o possam engolfar. Ele sonha emergir com seu país numa nova feição.

Precisava fazer cessar de uma vez aqueles conflitos terríveis de ser ou não ser que se chocavam em si como uma guerrilha. Levantou-se e dirigiu-se para a venda. Precisava beber. Pediu cachaça, e uma mulher, adiantando-se, interrompeu-o:

– Bahiano, paga também um trago para a velha.

Era uma criatura devastada pelo álcool e humilhações. [...]

– Como foi que a senhora adivinhou o meu nome? – perguntou o moço para matar o tempo.

⁵⁸⁸ *B.T.*, p. 19.

⁵⁸⁹ *B.T.*, p. 20.

– Didivera mesmo? Você também se chama “Bahiano”? Deus do céu! Abrindo-se numa gargalhada, estirou o copo e pediu mais. Arregalou os olhos, mediu o líquido, e gritou atirando a bebida no chão.

– Não sou senhora e entenda bem, sim? Baiano não é nome de pessoa...Baiano é gente largada no mundo, sendo tudo, não sendo nada. Escuta só: é como o rio na vazante, virando lama, virando febre, criando os mantimentos nas ribanceiras, dando de beber aos bichos e ao sol... Tá certo? [...] Meu filho se chamava Aloísio, até o dia em que um vermelhão lhe disse: Baiano, você quer ir comigo e ficar rico em São Paulo? [...] – Baiano, Deus que lhe deixe misturado nas coisas do mundo.⁵⁹⁰

Se Bahiano Tietê tinha qualquer dúvida quanto ao ser ou não ser, a velha dirimiu de pronto seu dilema, ao dizer que ser baiano é não ser ninguém, gente esparramada no mundo, que pode ser tudo e não ser nada, como a lama nas vazantes da vida, que em sua obscuridade propiciam colheitas que nutrem e fazem viver. Seria a terceira via, que mescla ser e não ser, “misturado nas coisas do mundo”, sem verticalidade, apenas multiplicidade em entrelaçamento rizomático, molecular, libidinal, inconsciente, intensivo, de acordo com o pensamento de Deleuze e Guattari⁵⁹¹. Assim fugiria às totalizações, à unidade, raiz, mão única de pensamento em pares opostos, para afirmar ou negar. Na concepção dinâmica do diverso, os contrários podem conviver sem se excluírem mutuamente. É nesse sentido que parece se direcionar o pensamento da velha, para o múltiplo e o diverso em simultaneidades a que não seria permitido escolher definitivamente entre o ser e o não ser, uma vez que o próprio ato de ser já incluiria o seu oposto, assim como na lama em decomposição já estariam implícitos os elementos fertilizantes que fazem a vida renascer, transformando-se em germinal.

De repente, o Professor Ermelino Neves julga reconhecer Bahiano Tietê, que desconversa e procura afirmar sua nova identidade.

– Bahiano Tietê, às suas ordens! ... O repente, que tinha uma intenção de ruptura, acabou no seu subconsciente. Espantou-se com o velho exclamando: – Belo nome! Grande fiança, e vai valer como as raízes... Disto tenho experiência. Nunca ouvi, e se a família é como a terra...⁵⁹²

⁵⁹⁰ *B.T.*, p. 20-1.

⁵⁹¹ *Mil Platôs capitalismo e esquizofrenia*. P. 46, vl. 1.

⁵⁹² *B.T.*, p. 21.

A idéia de ruptura, de declarar-se diverso para fugir a uma identidade que se erguia em molde de deformação de suas próprias expectativas, apresentando-se como outro, traz movimentos de territorialização que assustam o personagem. O nome em si tem essa potência de agregação, de criar raízes, o que causa certo mal estar. Pelo que se percebe, Bahiano Tietê busca uma abertura total para além de qualquer individualidade. Ao negar seu nome e origem, tentando anular qualquer peso, entonação, comprometimento com o passado que o pudessem ancorar, ele cria outro nome, que instantaneamente passa a concatenar forças, agenciando multiplicidades outras em que poderá perder-se.

Bahiano Tietê parece compreender os movimentos do mundo, trilhando o caminho da anulação das territorialidades. Ele parece franciscanamente antecipar-se, para que não venha a ser podado nos embates com o Mesmo, em curvas de perversidade, como o que esboça-se na cena: “ A mulher que trazia o cachorro nos braços foi barrada brutalmente. – Não senhora! Pare aí – advertiu o Comandante. – Jogue este bicho no rio por favor. Era só o que faltava, transformar o navio em Arca de Noé!”⁵⁹³ O cachorro representa a posse mínima, o amigo e bem último que pudesse representar uma relação substantiva nos moldes sujeito e objeto, investindo a velha na condição de proprietária de algo, uma âncora do ser ante a despersonalização necessária. O representante da ordem tenta banir esse elemento de imprevisibilidade, que representa uma transgressão em si mesmo e nas expansões de afetividade do possuidor. “Jogue este bicho no rio” representaria o aniquilamento, a perda do norte e do faro, atributo do cão simbólico. Veremos adiante que a velha vai a São Paulo à procura do filho que se perdera de seus olhos nas andanças da vida. Ele se fora do sertão e não mais tivera notícias dele. O cumprimento da ordem do comandante representaria o assassinato como espetáculo. Seria o poder ativando delírios de mando. A morte gratuita dos inocentes traz em si um espasmo da besta estabelecendo o rito, que se diga disciplina de ferro e que ninguém se engane. Mas a reação à altura do absurdo impediu o pior. Pegando no gancho da arca bíblica de que o comandante falara, a velha apagou o pavio do que seria o diabo no mundo encarnado.

– E já não é? – rebateu a velha furiosa. – Perseguição sim senhor! Os cachorros sempre foram amigos dos homens, reconheça. Quando Jesus,

⁵⁹³ *B.T.*, p. 22.

Maria e José fugiram para o Egito, onde encontraram uma vasilha para beber água? No crânio do cachorro, e sustento: esta com meu bicho é injusto.[...]

– Entra com o seu bicho. Valeu ser valente e é o que eu aprecio.⁵⁹⁴

Percebe-se o peso do discurso cristão nas confabulações inconscientes, desatando nós e promovendo desempates. De outra sorte, o comandante elogia a prontidão e firmeza da resposta, outro ponto de articulação das identidades do sertão. Cumpre notar que em outros momentos da narrativa, veremos o poder inabalável fazer cumprir o regulamento, mesmo que seja uma criança inane, diante dos latões repletos de leite que não poderiam ser tocados para salvá-la da morte irremediável. Não seria provavelmente a braveza da velha que iria demover o comandante. A força do mito transformado em alegoria teve força de agenciamento revertendo as expectativas. Falou mais alto o respeito ao animal divino em apropriações sincréticas. O disfarce do comandante atesta que Canudos já havia sido uma empresa árdua. Caberia ocultar tendências a tal deslumbramento. Enquanto no barco o discurso da devoção salva a situação:

Em São Bom Jesus da Lapa, Sargento Imperador Carlos Magno, vestido de vaqueiro, na cabeça da mesa da casa de jogo de Zé Besta Brava, rebentava a banca. [...] A fama de pauta com Satanás danava os parceiros. Dou-lhe uma e... A sorte do velho não esmorecia. Besta Brava, Júlio Lauvista, o Dr. Xiquim, se amarguravam na má dita. Cantou um galo. Capitão Zelindo, já sem dinheiro, tirou do bolso um rosário de ouro, jogou-o na mesa, fez o sinal da cruz, e esperou o estouro enxofrado. [...] A trinca tentou a última parada. Debalde: a sorte pendeu para o afortunado e ninguém mais duvidava. Satanás estava na sociedade.⁵⁹⁵

Aqui a trama se complica, por conta das artes do Satanás. A ação dos homens nestes sertões assenta-se na explicação religiosa do mundo. Qualquer fenômeno a que não consigam dar solução em suas causas e efeitos segue facilmente o caminho do mito. A boa surra que o Sargento lhes pregara foi logo enviesada como obra do Tinhoso, o que rendeu dois tiros na calada e ainda a explicação para lá de transcendente de que do pistoleiro, pelo retrato falado não adiantava ir atrás, e benziaram-se, numa clara alusão de

⁵⁹⁴ *B.T.*, p. 22.

⁵⁹⁵ *B.T.*, p. 23.

que o assassino fora o diabo. Uma outra explicação, oficial, dava conta que o militar fora visto com um elemento suspeito:

... interpelado confessou ato de deserção da Força Pública do Estado. Repellido, resistiu e na troca de tiros com a patrulha [...]. Entre os pertences [...] – dinheiro, um rosário de ouro – estava uma carta em que se lia: “Venha logo. São Paulo nunca foi tão bom como agora pra se ganhar dinheiro e ficar rico”.⁵⁹⁶

Esta versão aponta para uma queima de arquivo, retomando o mistério que envolvia a viagem de Bahiano Tietê até aquela cidade, escoltado pelo Sargento Imperador Carlos Magno, o único que sabia de tal missão. Sua morte, sem uma justificativa razoável, pois não desafiara nem ofendera a quem quer que fosse, lança um pouco mais de opacidade à narrativa, deixando esse fio por aí a desenrolar-se suscitando conexões. Ele talvez se constituísse na única testemunha da morte simbólica de Orindo Brotas, um ser espraiando-se no não-ser, numa experiência de alto risco para a segurança do Estado. Aquele que era deixou de ser, para continuar sendo um ser à deriva, especulando com a sorte em estado de experiência, como um cientista que injeta-se uma droga poderosa para aquilatar em si os efeitos. Ele, que fora o enviado do Governo da Bahia para mediar os conflitos entre os coronéis do São Francisco, seria agora uma espécie de historiador-jornalista, nos moldes de Euclides da Cunha, lançado de volta, hipoteticamente empreitado por algum intelectual esquizóide nos meandros do poder, interessado em saber o que faria o homem religioso do nordeste agenciado na esfera temporal da modernidade sem deus? Empreitado ou não, este parece o destino simbólico do personagem, o relato do ser-nordestino na diáspora paulista.

⁵⁹⁶ *B. T.*, p. 25.

II O ser flutuante vencendo a correnteza: territorialidades

A medida que sobe o rio, Bahiano Tietê deixa atrás de si tudo que fora a configuração de um imaginário articulando modos de ser e estar diante do mundo. Vai contra a corrente de subjetivação em busca de outras águas. Ele opera um apagamento da identidade passada. Flutua em disponibilidade frente ao diverso, para ser outro, sempre além de si. Tem um pesadelo:

E fui sendo arrastado para as profundezas do rio por um “Caboclo d’água” que exigia ansioso: [...] Por que tu queres esconder a tua marca? Diga?... Eu não sabia explicar e eles começaram a me estrangular, gritando: traidor, traidor!

– Foi quando a mulher do porto da Lapa, transformada em “Mãe d’água” veio em meu auxílio e ordenou:

– Larguem o Bahiano para que ele cumpra a sua sina.

Solto sobre a corrente, pouco a pouco fui-me libertando do pesadelo, até acordar.⁵⁹⁷

Este sonho tem o caráter simbólico de um oráculo, articulando um sentido de missão em sua trajetória. Talvez seja o escolhido para desfazer o gravame que pesa sobre aqueles que um dia foram remeiros. Tal ofício deixava no peito a marca da vara que tocando o leito do rio propulsionava as embarcações contra a correnteza. Formava-se então um calo que permanecia como um estigma para aqueles que desempenhavam essa humilde profissão. Era uma espécie de *fleur de lis* a marcar indelevelmente os condenados. O sonho parece ter tido o efeito de uma premonição, um aviso de que este seria seu legado: vencer e ser respeitado apesar de sua marca. Desfaria a maldição. Talvez por isso, no que se segue, ele tenha tido uma atitude de confronto e exposição da chaga.

Bahiano Tietê tornava a se perturbar. Entre as pessoas, descendo a escada, vinha a sua conhecida. Seu primeiro intento foi refugiar-se na privada ou meter-se debaixo da lona das máquinas. Travava uma luta desesperada com o seu velho mundo convencional que despertava feroz e exigente. Teve um repente decisivo: arrancou a camisa, sentou-se na rede pernas dependuradas, pés descalços, a barba crescida e os cabelos

⁵⁹⁷ B.T., p. 24.

desgrenhados, seria um teste com sua nova identidade. Lembrou-se da mancha de remeio gravada para sempre no seu peito e, decidido, arrancou a camisa como quem entrasse numa disputa.⁵⁹⁸

A passagem apresenta a identidade individual como um campo atravessado pelo diverso. As várias identidades com que nos apresentamos ao longo da existência provocam efeitos de recorrência que vão depender das intensidades afetivas que as acompanharam, como nos lembra Tadié. Bahiano Tietê vinha de renunciar à convivência na esfera do poder. Negara-se, como se depreende ao final de *Porto Calendário*, em compactuar de praticas que desatendessem a seus princípios éticos e visão generosa na interação com o Outro e o Mesmo, sabendo avaliar defeitos e virtudes inerentes à humanidade. Referências não faltam de sua convivência com os poderosos na capital baiana, onde levava uma vida mansa e confortável. Resistiu. Não se deixou conspurcar pelas facilidades em troca de comprometimentos que lhe levariam fatalmente a uma perda do estado de ser aberto para o mundo em sua pureza e desligamento, numa configuração para além da subjetividade “arborecente”, que finca raízes e fortifica o ego. Sendo assim, o seu súbito aparecimento, escoltado, às primeiras cenas deste romance, na cidade de Bom Jesus da Lapa, revelaria as preocupações de um poder desejando mantê-lo à distância. Ele seria provavelmente detentor de muitos segredos, tendo capacidade política para causar dificuldades ao sistema de submissão das populações. Esta não deixa de ser uma questão em aberto. O que temos no momento é este ser na encruzilhada, entre seu passado ressentido, querendo resistir, e sua interioridade insubmissa em vias de encenar o homem natural. Ele despiria a máscara para ser no estado simples apenas um filho do sofrimento, como toda aquela gente que o acompanha rumo ao exílio, forçados pelas iniquidades a que são submetidos em seu torrão natal. E dá-se na retina do outro o reflexo, a exposição do que se passava com Bahiano Tietê, o dilaceramento do Eu no conflito das identidades.

A senhorita da comitiva de repente reconheceu o passageiro da rede e recebeu um choque violentíssimo. Aquele cara, aquele ali desafiando. No peito aquela marca execrável. Um suor frio inundou-lhe o corpo, a face que ele beijara tornava-se uma chaga ardente pela maldição do pecado.

⁵⁹⁸ B.T., p. 30.

Humilhada, não suportou a violência da descoberta. Explodiu! Começou a gritar e a debater-se.

– Não! Não! Não estou enganada. Ele é o Diabo, não me engana, está marcado. Ajudem-me, por amor de Deus! Arranquem ele dos meus olhos, de minha carne contaminada. Me joguem no rio. [...] Bahiano Tietê, a única pessoa que poderia dar uma explicação verdadeira ao caso, ficara calado. Entre os dois erguia-se o abismo das convenções e se firmavam as contradições de uma sociedade roída e devastada pela mentira. Bahiano Tietê sentia uma piedade enorme por aquela querida criatura, mas nada podia fazer. [...] As diferenças de classe jamais lhe fizeram pensar num epílogo tão doloroso.⁵⁹⁹

A nova identidade de Bahiano Tietê não poderia ser marcada de forma mais dolorosa. A degradação de sua imagem perante a mulher que um dia fora a amada tem a grandeza de um ascetismo, uma guinada monástica rumo ao dissolver-se. Esgarçara o mais íntimo do seu ser ao expor à conhecida sua condição aviltada, habitando o mais baixo patamar da escala social. Esconder-se teria sido estar na esfera do Mesmo, com vergonha da condição que os humildes ostentam. Ao expor-se deixou visível o abismo que separa as pessoas nos diversos estratos sociais, marcando com clareza sua posição no mundo. Ele testa sua nova identidade. Realiza uma operação de desnudamento do ser, despojado de mascaras. A reação da jovem que o divisa lembra a revelação fulgurante que faz de Édipo um cego. Ela não arranca os olhos, como aquele, mas implora que o façam. Sente-se como aquele homem, que na tragédia *Les Mouches*, de Sartre, se lança de joelhos ante Júpiter e se declara um esgoto. Ela quer ser jogada às águas para a purificação. Para Dilthey, segundo Ricardo Bins di Napoli:

A continuidade da vida psíquica é dada pelo fato de que, em cada pequeno momento temporal, uma síntese é consumada. (GS XIX, p. 141)

O sentimento desempenha um papel na consciência, é a medida de valor das mudanças de estado que temos na consciência, e desempenha um papel na unidade da consciência, pois liga um estado anímico atual com o anterior.⁶⁰⁰

⁵⁹⁹ *B.T.*, p. 30-1.

⁶⁰⁰ NAPOLI, 2000, p. 89 apud DILTHEY, 1979, p. 141.

Porque nós não podemos ter consciência do mundo sem autoconsciência, e, sem a autoconsciência, o mundo não nos seria dado, só se pode determinar a autoconsciência em relação com o mundo. Esse contato entre a autoconsciência e o mundo é a vida. A vida não é um constructo teórico, mas expressa-se para o homem na vivência. Através da pressão e de uma reação contrária a ela, também uma pressão, no prazer e na dor, no medo e na esperança e nas outras vivências, forma-se o “eu”. Esse não está como um espectador diante do palco, mas vivencia as ações e reações dos outros homens como um ser que age.⁶⁰¹

Dilthey parte da idéia de que cada sentimento, enquanto ato psíquico, inclui uma interiorização do ato mesmo. O contrário se passa com outros atos psíquicos, como pensar e perceber, que não são necessariamente acompanhados por uma interiorização do ato, mas podem vir acompanhados. O pensar é acompanhado por uma tensão ou um sentimento obstrutivo, quando o conhecimento é desejado, mas não alcançado. Na percepção, por exemplo, nota-se um movimento (GS XIX, p. 160). O sujeito experiencia o “estado da consciência imediata”. Com ele, o que é interiorizado não pode ser separado do próprio ato de torná-lo nosso. Ele é o “fato primário de ser-para-si” (GS XIX, p. 161) que funda a vida. [...] Para o homem, seria impossível, sem a interiorização, tomar o eu enquanto objeto e o eu enquanto sujeito reunidos em um só. A interiorização dos impulsos volitivos e a vida afetiva dão ao homem o caráter. Sobre esse fundamento é possível distinguir o mundo do sujeito do objeto (GS XIX, p. 161). O sentimento de si é a raiz da autoconsciência, pois, através daquele, constitui-se o meu, o nosso, a vida como um todo.⁶⁰²

Assim, o personagem volta para si suas lentes, colocando-se como objeto de sua ação, a ser observado e compreendido. Vive o conflito, entre o eu e o mundo. Tenta entrever-se, despindo a máscara. Procura a autonomia do ser no olhar do outro, aqui a mulher, que poderia ser a companheira, o outro feminino, de que nos fala José Ortega y Gasset, com suas formas corpóreas de “delicadas curvas”, em contraponto às “arestas do varão”; feito de “clareza subjetiva”, enquanto a mulher é “constitutivamente secreta”, “crepuscular”, mas só ela “sabe e pode amar, isto é, desaparecer em outro.”⁶⁰³ Bahiano

⁶⁰¹ NAPOLI, 2000, p. 91 apud DILTHEY, 1979, p. 153.

⁶⁰² NAPOLI, 2000, p. 97 apud DILTHEY, 1979, p. 160-1.

⁶⁰³ ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 163-173.

Tietê entretanto silencia, sente a moça desmoronar ante o Outro, ele, agora reconhecido como desprezível figura. Isso a mutila em sua auto-estima, uma vez que anteriormente justamente através dele, havia sido reconhecida como objeto do desejo, elevando sua auto-imagem. A identidade dessa mulher fica em suspenso. Algumas referências serão feitas posteriormente, mas deixando-a no anonimato, criatura enigmática, a marcar a fugacidade desses amores que se animam numa noite para viverem uma eternidade nas sombras, entre o esquecimento e a apreensão de possibilidades não concretizadas e que incitam a imaginação do leitor. Bahiano Tietê sofre a pressão do pensamento. Sente a obstrução do seu ser pela identidade que lhe é negada. Insurge-se contra a norma dominante que estabelece um padrão de comportamento, em detrimento de outros modos de sociabilidade, estratificando a sociedade. Essa vivência provoca sentimentos que são interiorizados, dando substancialidade ao ser de fronteira. Elabora-se um existir em conflito, eternamente mediado pelo outro invisível, consubstanciado no uso, instaurado como afirmação corrente em que não se identifica a autoria.

O personagem vive em confronto com o meio, seus usos, mitos, sentimentos de inferioridade ou incapacidade, definindo traços culturais que se estabelecem no âmbito do imaginário. Tais elementos apresentam-se naturalizados. Por sua permanência e repetição em longos períodos, exercem uma pressão constituindo-se como realidade ou verdade, direcionando os sentimentos e percepções do mundo, o próprio fluxo do pensamento.

Bahiano Tietê por mais que procurasse fazer-se alheio à vida comum do barco, era envolvido por ela a todo instante. Ali era como um ser estranho, inadaptado, voltando a viver os dramas da identificação que em si produziam emoções balizantes. Grandes problemas do povoamento da terra, esta aí. Era como um coito realizando-se num aproveitamento de acontecimentos dados como impossíveis para criar a nacionalidade.⁶⁰⁴

Segundo Axel Honneth, o procedimento metodológico de Hegel, na primeira parte de sua análise filosófica na *Realphilosophie*

consiste em reconstruir o processo de formação do espírito subjetivo, ampliando-o passo a passo de modo (HONNETH, 2003, p.72) que abarque

⁶⁰⁴ B.T., p. 32.

as condições necessárias da auto-experiência da consciência individual; [...] Quanto ao aspecto cognitivo desse processo de formação, Hegel começa recorrendo a uma seqüência de etapas que vai da intuição à capacidade de representação lingüística das coisas, passando pela imaginação; nas operações que a consciência individual vai efetuando pelo caminho assim traçado, ela já aprende a entender-se como a força “negativa” que gera de forma independente a ordem da realidade e, por isso, torna-se ela própria “objeto” nesta realidade.⁶⁰⁵

A consciência individual de Bahiano Tietê tenta impor-se como essa força “negativa” de que nos fala Hegel, ponto de dispersão da realidade autoritária, tentando concatenar a diferença como tópico de interação, transgressão e autonomia do ser. Ele sofre a compressão do meio cultural, que exerce a violência normativa das relações. Sofre “os dramas da identificação que em si produzem emoções balizantes”. São os usos, sedimentados através do tempo, estabelecendo formas de reconhecimento atreladas a modos esperados de comportamento que impõem uma consciência distorcida no mundo da vida.

Por seu turno, Ortega y Gasset fala das implicações dos usos e costumes no horizonte vivencial do homem:

Ora, o usual, o costumeiro, nós o fazemos porque se faz. Mas: quem faz o que se faz? Ora, a gente. ... mas: quem é a gente? *Todos* e ao mesmo tempo *ninguém determinado*. *Ninguém*, esse ninguém indeterminado, decide em nós, resolve-o e propriamente o faz sendo, pois, um ato inumano. Que gênero de heteróclita: formalmente contraditória, – que é, ao mesmo tempo, humana e não-humana, isto é, inumana? Mas, ocorre que, se fizermos o balanço das idéias, ou opiniões com as quais e das quais vivemos, acharemos com surpresa que a sua maior parte nunca foi pensada por nós com plena e responsável evidência; ao contrário: pensamos-las porque as ouvimos e dizemo-las porque se dizem.⁶⁰⁶

O uso me aparece, pois, como a ameaça presente em meu espírito de uma eventual violência, coação ou sanção que os demais vão executar contra mim. E o curioso do caso é que o mesmo sucede aos demais, porque também cada um deles encontra, diante de si, o uso como uma ameaça dos demais,

⁶⁰⁵ HONNETH, 2003, p. 73.

⁶⁰⁶ ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 217.

sendo que agora, para ele, entre os demais estou eu que, sem o saber, me converti em um dos demais.

Eis aqui, portanto, outro atributo do fato social: a violência ou a ameaça de violência, que não procede de nenhum sujeito determinado; que, melhor, todo sujeito indeterminado encontra diante de si sob o aspecto de violência, atual ou presumível, dos demais em relação a ele.

Este é o caráter com que primeiro se apresenta em nossa vida “o social”. Nossa vontade percebe-o antes que a nossa inteligência o faça. Queremos fazer ou deixar de fazer algo e descobrimos que não podemos; que não podemos, porque diante de nós se levanta um poder mais forte do que o nosso, que força e domina o nosso querer. E esse poder, que geralmente se manifesta com os eufemismos de coações e de pressões morais, de nos causar danos morais, mas que sempre, – no final de contas, – ameaça com a eventualidade de uma violência física.⁶⁰⁷

A existência do migrante, no romance, vai ser marcada por essa tensão consubstanciada na internalização da violência como prática social, que abrange o conjunto da sociedade, a partir dos mais fortes em direção aos mais fracos, envolvendo pessoas e grupos, tendo como foco principal o dominador paulista e o dominado nordestino.

Observa-se a seguir o confronto entre o homem amparado em seu ser pelo discurso religioso, como estratégia de sobrevivência, e o Outro, cooptado na esfera do Mesmo detentor em última instância dos regulamentos que definem sintonias e intensidades como forma de manter o controle e submissão dos que formam a maioria acuada.

As mulheres continuavam um lamento rezado. Os homens nos protestos surdos, cochichados, engrossavam o rumor. Perdendo a calma, o Comandante explodiu. Voltava à sua impunidade de comandante de batalhões eleitoreiros no Norte de Minas, e bateu os pés no degrau da escada, furibundo:

– Parem com este choro suas cadelas! Admiro não ter aí um macho pra fazer este rebanho de loucas e este buxixo de sujeitos burros compreenderem.⁶⁰⁸

⁶⁰⁷ ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 231.

⁶⁰⁸ *B.T.*, p. 33.

Nesse contexto de submissão das camadas subalternas, a mulher ainda desce mais um degrau, submetida aos rigores de seus homens, que parecem nelas descontar as tensões e exigências, numa demonstração do aprendizado social da dominação. Sá Engrácia faz um resumo do que é ser mulher naqueles sertões, sempre cedendo ante o destino e aos homens, a quem se curvam no cumprimento de sua missão sagrada.

– Nós iremos para as águas: as mulheres não são donas nem das suas vontades, nem do seu medo, nem do seu corpo, mas devem obedecer porque têm a maldição de ser a Ave Maria! Voltando-se para as companheiras tornou a exultar: – Vamos Sá Andalécia, nós todas que parimos filhos e filhas para o mundo, perdendo as nossas almas e as nossas carnes.⁶⁰⁹

Há no discurso da personagem Sá Engrácia um tom de capitulação ante o destino de serem Marias, doando suas vidas para a consecução das gerações. Elas são totalmente entrega. Têm as veias abertas se fazendo sangue nos rincões do Brasil, para doar ao mundo a raça brasileira. Mas note-se no fio do discurso um tom de revolta que poderia levar à ultrapassagem daquela maldição. Constatam não serem santas, mas mulheres que perdem a alma, e nesse sentido vão além desses agenciamentos de ordem biológica, resguardados pela epifania cristã, para se colocarem como seres em falta, impedidos de realizar mundos interiores inimagináveis. Quem sabe poderiam tomar nas mãos o destino, para usufruírem de uma sexualidade liberada dos encargos da procriação e da submissão ao gênero masculino. Mas, por enquanto a personagem aceita essa submissão com um certo ar de dona da situação, sabendo que apesar de tudo, é aos pés da mulher que os homens acabam por se lançar. “– Não há de ser nada, minha gente. Os homens virão nos buscar. Somos as mulheres! Como a terra, temos o sal e o mel, e fazemos brotar as sementes dos mundos.”⁶¹⁰ A expressão “temos o sal e o mel” confirma a idéia do povoado do Araçá do Mel, no romance *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, como útero do São Francisco fecundando o Brasil. O mel, formado pelos fluidos femininos, adoça a vida dos homens e em nome dele estes se batem. Vão à guerra vertendo bravura numa estranha dedicação. Por isto elas se curvam. Apesar de mandadas, são na verdade quem manda, valendo um destino de lutas a elas dedicado. Sem elas a vida não teria nenhum sentido.

⁶⁰⁹ B.T., p. 36.

⁶¹⁰ B.T., p. 37.

A solidariedade é um estado presente no homem nordestino, estratégia culturalmente consagrada de ajuda mútua. A qualquer momento pode brotar despertando os corações amargurados. Sá Engrácia estava temerosa pelo sumiço do seu cãozinho Maiadim, prometendo vingança contra os cavalos de raça que jogaria no rio, mas:

Não aconteceu. O cozinheiro André tratou do cachorro, repartiu com ele a comida da dona doente que ia se tratar em Belo Horizonte e confessou solidário:

– Este bicho parece comigo, didivera.⁶¹¹

No momento das amarguras, o animal com sua força simbólica reata os fios perdidos de humanidade, maquinando aproximações, fazendo aflorar simpatias.

Enquanto têm lugar esses lampejos do narrador pela afirmação feminina, uma louvação que perpassa verticalmente toda a obra de Osório Alves de Castro, o personagem Orindo sofre o dilema de suas transformações, enquanto símbolo do homem brasileiro em estado de entorpecimento, levado de roldão pela história.

A “segunda”, de barriga cheia, chegou em Januária confiante. Somente Bahiano Tietê tornara-se mais fechado. Dormia durante todo o tempo. Vivia por dentro o aguçamento de seu próprio mistério, – o complexo do “bandeirante” onde se dava a luta de transformação do homem e da terra.⁶¹²

Bahiano Tietê personifica a luta do homem por desvendar seus mistérios. Sua epopéia diferencia-se daquela empreendida por seus ancestrais bandeirantes. Sua trajetória está imbuída de uma busca de significados que vão além da intermediação racional e pragmática do sujeito voltado para o cognitivo. Não age como o observador cartesiano, respaldado em conceitos que se pretendam universais. Ele comporta-se como um bandeirante no horizonte existencial do homem, buscando a idade do ouro para além do ser e das amarras redutoras que perpassam o ter. No ato de observar coloca-se na paisagem como objeto e fonte das apropriações. Ele viaja, mas é como se estivesse paralisado. Onde quer que vá, a paisagem natural não consegue se firmar no coração do

⁶¹¹ *B.T.*, p. 37.

⁶¹² *B.T.*, p. 38.

homem como exemplo de convivência e harmonia do diverso. E o que vê por toda parte é a mesma atitude do predador: compasso de espera e aguilhão.

Sem sono, Bahiano Tietê sentia a tentação do delírio. Desceu da rede e foi apalpando os corpos com os pés. Perdera o medo de enlouquecer, diante do caso consumado. Agora, era só um baiano, no curso de uma trajetória. Lembrava-se da mulher bêbada de Bom Jesus da Lapa lhe dizendo: “Bahiano não é nome de pessoa, é uma coisa lançada no mundo, sendo tudo não sendo nada, como tudo ali libertados na madorna”. Tudo dormia em Guaicuí: as águas do rio, as rochas das montanhas, até aquele clarão de luzes de Pirapora, como um ponto de esperas.

Na boca da caldeira, o foguista dormia nos olhos abertos do esgotamento.

Preso no desassossego da insônia, Bahiano Tietê foi-se indo pela escada até a “primeira”. Andou pelos corredores desertos: no salão, garçons imóveis derriavam-se nas poltronas. Nas cabinas, sussurrando respirações compassadas, a “primeira” dormia. Precisava fugir.⁶¹³

Bahiano Tietê vê um mundo adormecido em suas continuidades, como uma natureza morta. É a esse mundo que ele tenta escapulir. Anteriormente, em meio ao agito da navegação, ele era o único que dormia, como num ato de desdém pelo cotidiano em tratos de desigualdade e submissão. Agora surpreende o mundo congelado como num barco fantasma atravessando o mundo dos mortos, dos que foram paralisados em agenciamentos em que perdem a capacidade de uma ruptura rumo à reconquista de sua humanidade.

⁶¹³ *B.T.*, p. 40-1.

III Os caminhos da desumanização

As cenas que se seguem falam por si desse espaço de submissão da diferença em moldes humanamente inaceitáveis.

A farofa era uma mistura salgada de banha servida, ossos moídos, resto do último jantar da “primeira”, escura e intragável.

Somente comeram o professor, fazendo um discurso, e as crianças. Os outros provaram o café e, emudecidos, atiraram a comida no assoalho e no rio. [...] Dois dias sem refeições, só com café “mijo de égua”, exaltavam os ânimos e uma voz subiu no bojo do navio:

– Se não nos tirarem daqui, comeremos os cavalos! [...]

A ferocidade do sertanejo fez tremer a “primeira”. Era uma gente selvagem, mal-educada, incapaz de se deter nas ocasiões difíceis.

– Só a força é capaz de domar os brutos, disse o deputado Colé. Canudos é um exemplo, onde só a inflexibilidade da autoridade foi capaz de abater a sedição.⁶¹⁴

A imagem mais parece representar um barco de forçados a caminho do cativo, ou do inferno. A dominação do homem pelo homem adquire a forma da anulação das resistências, que entretanto progridem subterrâneas no molde mesmo da debilidade como discurso e nas promessas da redenção. Nota-se na passagem os efeitos do aparato ideológico que interfere no modo das populações de outras regiões, notadamente as que habitam as áreas compreendidas pelo que é hoje o sul e sudeste, verem o nordestino. A ótica que predomina é a do estereótipo que nivela seres e regiões heterogêneas de um vasto território sob a ótica da seca, do primitivismo e da brutalidade. Contra a insubmissão e a revolta, o receituário da dominação aponta para o uso da força. Aniquila-se a diferença em vez de procurar entendê-la.

O “Wenceslau” puxou o apito da chegada. O porto de Pirapora estava aglomerado de curiosos. Foram ver a baianada revoltosa e bárbara que queria comer os cavalos de corrida do Jôquei e a anta de estimação que Coronel Donato, de Tremendal, mandava para o governador de Minas Gerais.

⁶¹⁴ *B.T.*, p. 43.

– E que cavalos! Diziam admirados. Um só deles vale mais que duas turmas deste sujeirismo.⁶¹⁵

Saltam aos olhos contradições e fissuras da nacionalidade. Os compatriotas mais bem aquinhoados assumem o discurso do dominador, dos poderosos com seus animais preciosos, numa comparação mercadológica que avilta os humanos como seres depreciados pela grande oferta. O narrador deseja alertar para esse falso contrato social que divide o espaço imaginado da nação em categorias estratificadas. A base dessa pirâmide habita os vastos sertões e periferias, que se constituem como espaço de caça, celeiro de recursos humanos instrumentalizado num fora do centro agenciador, excluindo a possibilidade de uma negociação, com vistas a um pacto que funde verdadeiramente a nação. Para Deleuze e Guattari, o Estado pretende ser “imagem interiorizada de uma ordem do mundo e enraizar o homem.”⁶¹⁶ No Brasil, a República incipiente baseava-se numa cópia mal articulada e extemporânea dos modelos Francês e Norte Americano, que buscava imitar, sem entretanto possuir as condições sociais que conduziram aquelas nações ao desenvolvimento. Em vez de classes trabalhadoras organizadas, ao longo de um desenvolvimento capitalista que buscava na eficiência e aprimoramento técnico motivos mais do que plausíveis para promover a melhoria das condições de trabalho e o investimento em capital humano, vivíamos no regime de produção escravista. No rastro ideológico deste sistema, conseguíamos ter uma estrutura ainda mais desumana no regime de produção que se seguiu à abolição institucional da escravatura. Através da sucessão de imagens na narrativa, adentramos a atmosfera trágica desse período. A cena em que os migrantes desembarcam em Pirapora, onde serão apinhados em trens rumo a São Paulo, fala com grande expressividade desse mundo imerso na barbárie.

Para Campanari, aquela marcha pelas ruas da primeira cidade mineira no percurso, tinha algo de significativo.

Era um prazer para ele fazer desfilar e jogar na cara da mineirada aquele lixo humano. Viviam querendo passar na frente do São Paulo e agora? Os ponteiros estavam ajustando no seu entusiasmo de desforra naquela leva de baianos, que no fundo, para ele, era a mesma coisa: lama do rio para adubar as fazendas de café que, graças ao gênio dos italianos, estavam tendo

⁶¹⁵ *B.T.*, p. 44.

⁶¹⁶ DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 36, vl. I.

cabimento. Era-lhe indiferente aquele episódio vivo da integração de um povo onde ele mesmo era um desses mínimos detalhes, fundindo-se nos acontecimentos. Seu ódio regionalista, já fragmentado, vivia agora dentro da promessa de uma pequena propriedade só sua. [...] Ali estava o povo inferior que durante quatrocentos anos saneou com sua fertilidade de esterco o grande espaço para o homem europeu.⁶¹⁷

Podemos intuir a partir dessas imagens que a organização do Estado brasileiro caminha lado a lado com a exploração irracional e sem limites dos excedentes demográficos, significativamente ampliados com a abolição. Sem nenhuma garantia de sustento e pouso, essas populações vagavam pelo território em migrações, movimentos utópicos de busca de um Eldorado, onde poderiam ter seus direitos de cidadania reconhecidos. Assim, a exploração servil do Outro ao ponto da naturalização da desigualdade e do sentimento de dependência dos fracos em relação aos mais fortes parece se constituir na imagem-força com maior poder de agenciamento coletivo. Essa matriz foi interiorizada em ondas sucessivas nos diversos extratos sociais a partir do topo do aparelho institucional, se espalhando por todo o conjunto da sociedade. A narrativa aponta com muita expressividade essa maneira autoritária de ser que passa ao largo da verdadeira autoridade moral, companheira da ética.

Na última estação, antes de Lafaiete, o trem demorou um pouco e logo ouviu-se choro e lamentos vindos do carro vizinho.

Dois homens de bonés desembarcaram um cadáver enrolado em jornais e deixaram-no no cimento da plataforma. As duas filhas e o rapaz quiseram se precipitar para ficar com a mãe morta, mas foram detidos por Campanari que os advertiu, fingindo-se compadecido.

– Ninguém pode desembarcar, é uma lei da migração. Repito: é uma lei, e por isso ela terá uma sepultura cristã, que lhe será dada pelo nosso governo, pronto a ser justo para todos os brasileiros.

O trem soltou, abafando no rangido da ferragem o lamento das moças e o soluço do rapaz.⁶¹⁸

⁶¹⁷ *B.T.*, p. 46-7.

⁶¹⁸ *B.T.*, p. 49-50.

A cena flagra o movimento de desrespeito à dignidade humana, respaldado no cinismo institucional envolto em sentimento cristão, como a reforçar o pacto “humanitário” entre Estado e Igreja, para o conforto das almas.

O tempo suspirava a vida na vontade de chegarem! Era o objeto documentando emendas e imagens!

A tarde foi descendo fofada de vultos; o trem corria pesado na planície arejada. Moitas de bambus varrendo vãos de sombra, verdes, num bambeio mole de varas e palhame. Bandos de anus rumando para pousos distantes, encompridavam vãos numa visão de traçagens.

No ombro da dona, o papagaio falador esquecia-se dos homens. Abriu os olhos castanhos, redondos, e numa ira repentina gritou. Antes que o detivessem, precipitou-se pela janela. A selva o recambiava, para cobrar a Traição.⁶¹⁹

O narrador em sua lírica deixa por instantes aflorar outras modalidades de compreensão do mundo para além do paradigma hermenêutico do sujeito que observa e atribui conceitos. Ele desloca o foco de observação do sujeito para o objeto, em fontes de encantamento, como se adentrasse um tempo em que animais e objetos adiantassem uma compreensão dos fenômenos. Entra em cena indiretamente a entidade “tempo” compadecida dos homens enquanto pulsação. A natureza parece conspirar. O objeto observa o homem em atos de união e desenlace, um mundo de fantasmagorias no cair da tarde expondo o olhar à fronteira do inacreditável. As próprias moitas de bambu parecem tatear, como braços da natureza buscando um entendimento desse aniquilamento dos humanos em suas possibilidades. Os anus preferem a debandada em perspectiva nas linhas de fuga. O papagaio imitador do bicho homem alheia-se. Tudo é simbólico, arregimentando a potência do grito de liberdade. E a natureza abre-lhe os braços, acolhe seu vôo, desfazendo um terrível engano. A transfiguração poética estabelece pausas no horror para alento do homem submetido. O papagaio aqui rompe o ciclo da submissão. Na idéia do narrador a natureza selvagem lança um desagravo a todos os oprimidos, considerando a traição às leis naturais um desvio do homem.

⁶¹⁹ *B.T.*, p. 51.

Na gare de Barra do Pirai o comboio estacou como um refugio, e não tardou: os dois vagões dos baianos foram desatrelados, puxados para um desvio, e ficaram entre duas composições de trem de gado. Acordando pela madrugada, Sá Engrácia sentiu um cheiro diferente, mas reconheceu – São bois, irão também para São Paulo! Coitados...⁶²⁰

A imagem revela o destino trágico de homens e animais a caminho do abatedouro, em que serão sorvidos pela máquina mortal, humanamente infernal concebida para a alegria de poucos. Todos serão comidos, tolhidos em sua alegria de ser, uns no fio da faca, outros no imo onde a alma fia-se, projetando humanidades.

Só Conceição, a namorada, estava acordada e aflita.

– Onde foi o moço? Perguntou a velha.

– Doía meu dente, ele foi buscar remédio e não voltou.

A madrugada relaxou os corpos fatigados e todos dormiam.

Dois empregados da Estrada entraram no carro. Vinham buscar a criança morta. A mãe dormia e eles entreolharam-se. Algo os preocupava e o mais velho decidiu.

– Será melhor não despertarmos a coitada. Há por aí muitas histórias de anjos que foram arrebatados para o céu.⁶²¹

As artimanhas do poder ganham escala ao atingir as camadas subalternas em aprendizados de encenação dos mitos, conformação religiosa do destino que faz sangrar. E o lenitivo vem no fio da palavra que transforma desgraças em dádivas para a glória dos céus. Note-se que mesmo os humildes funcionários da estrada de ferro interiorizaram os direcionamentos vindos do centro de poder. Seguem o regime noturno de imaginação do mundo⁶²², ao trapacearem com a leitura dos fatos, induzindo a pobre mãe a acreditar num acontecimento numinoso. Lançam mão do eufemismo, ao introduzirem o mito como explicação da desgraça. A condução profilática do pequeno ser a uma vala comum, sem observância dos rituais religiosos, será tida como ascensão angelical.

⁶²⁰ *B.T.*, p. 51.

⁶²¹ *B.T.*, p. 51.

⁶²² Tal classificação baseia-se nos pressupostos estabelecidos por Gilbert Durand, nas palavras de Maria Zaira Turchi, 2003, p. 27-39.

Os vagões estremeceram com a ligação e continuaram a rodar na manobra. Conceição acordou, olhou ao redor e começou a chorar. O trem partiu e não tardou que um homem de boné acompanhado do Professor viesse avisar.

– Um tal – e vocês desobedecendo as ordens – foi apanhado pela manobra e perdeu as pernas. Não morre não, e há muita gente que pode ser feliz sem as pernas, posso provar...⁶²³

O poder não tem limites em seu processo de intermediação do mundo. Perpassa com desenvoltura um humor enviesado, mas não se entrega, agindo com a seriedade dos que apanham o mal pela dádiva em alucinações que nos falam com clareza até onde pode ir a degenerescência dando conta dos fenômenos da vida.

A parada foi tornando-se angustiosa. Ninguém tinha coragem de sair e afrontar as prevenções. [...] Na plataforma, parados num carro de mão, latões de leite vazavam no cimento. Uma mulher que tinha uma criança espirando desalentada pela desnutrição implorou ao preto que conduzia o veículo:

– Seu homem me dá um pouco de leite pra meu filho coitadinho. Olha, vai morrer!...

– Não posso senhora. A Estrada me manda embora se faço isto – e encostou o carro. Poças do leite, cobertas de moscas, aumentavam no cimento, escapando-se dos latões.

Munida de trapos a mulher desceu do trem, e embebendo um tecido no líquido, recolhia-o numa caneca. A velha Engrácia tentou a mesma operação para alimentar seu cachorro. O leite era um caldo de poeira lamoso dentro das vasilhas. Contentava.

Professor Ermelino, advertido por Campanari, deveria reagir contra aquele afrouxamento, e por estarem dentro do Estado, consentir liberalidade de fazerem o que desejam, não estava certo.⁶²⁴

O poder disciplinar está atento a todos os indícios de flexibilização dos códigos. A hierarquia é mantida com rigidez, impedindo manifestações que possam aumentar a temperatura emotiva. Pelas palavras do negro pode-se depreender a vigilância constante. Ele se compadece, mas declara-se impotente para atender aos apelos da pobre mãe. Fica

⁶²³ *B.T.*, p. 51.

⁶²⁴ *B.T.*, p. 52.

aí marcada a linha de sobrevivência, com que joga a hierarquia para se manter. As leis estão acima dos homens e podem até nivelá-los aos animais, cumprindo um mesmo destino: lamber as sobras da sociedade. Note-se que mesmo esse aproveitamento crítico do leite derramado constitui-se em motivo de alerta para o aparelho disciplinar.

Cumpra notar a passividade de todos diante da cena. O discurso repressivo que paira no horizonte de expectativas tem força suficiente para evitar o levante. No primeiro plano da cena, os vagões repletos de famintos e o leite a desperdiçar. Ao fundo, apenas o poder invisível implícito no aparato policial que sairia do nada para maltratar e prender. A linha a cruzar está a um passo e somente Sá Engrácia, a velha, esboça uma reação. “Encolerizado, o Professor avançou, mas a velha o deteve, jogando o conteúdo de leite na cara. Estourou uma gargalhada, ruidosa como uma vaia.”⁶²⁵ Uma tímida demonstração de dignidade, apenas confirmada na gargalhada de aprovação transgressiva que marca o regozijo da massa domesticada ante o rebaixamento do opressor. Mas pode-se dizer que a solidariedade é um marco entre os desvalidos, que sabem repartir as migalhas que sobram ao infortúnio.

O funcionário do carro de leite voltava com a esposa e atalhou com sua oferta:

– Dona já que não posso lhe servir com o leite dos latões, trago minha mulher para amamentar o pequeno. Conceição pegou o menino e rompendo entre os curiosos botou-o nos braços da preta. As conversas silenciaram enquanto a preta, sentando-se num caixote, tirou o peito, mas a criança já não pegava. Estava agonizando.⁶²⁶

Entre os pobres observam-se movimentos de origem comunitária. Para Martin Buber, os grupos assim considerados são aqueles que guardam o usufruto de bens, crenças e objetivos em comum, seguindo um destino coletivo. Para esse pensador o processo de individuação vai descambar na sociedade, estrutura que tem como ênfase a individualidade na posse dos bens e exercício do imaginário. Tais preceitos levam a uma concorrência entre seus membros no sentido de consolidar vantagens pessoais. No trecho acima presencia-se esse momento de humanidade, em que o carregador dos latões de leite, na impossibilidade de ceder um pouco do produto que transporta,

⁶²⁵ *B.T.*, p. 53

⁶²⁶ *B.T.*, p. 53.

disponibiliza a própria mulher como ama de leite. Isso se constitui numa trapaça com o código vigente. Ele transita numa zona de fronteira que lhe permite atender à migrante desesperada, sem sofrer aparentemente nenhuma punição. Enquanto as pessoas discutem, clamam seus direitos com o agenciador Campanari, Bahiano Tietê é como uma sombra, um fantasma. Estaria além do episódico? Teria suplantado em seu ser a transitoriedade de todos os apegos, o que o levaria a um afastamento para olhar em perspectiva?

Bahiano Tietê desceu silencioso com sua mala, e logo os carros se esvaziaram. A plataforma tomou um aspecto carregado: adubo humano entupindo a gare, sujos, fedendo – mulheres desgrenhadas, homens barbudos, crianças espantadas – numa fermentação decisiva onde a miséria tomava consciência, a feição impressionante da dignidade, bela e irredutível.

A baianada revoltou-se, e a justificativa valeu-se da velha mentira. Campanari, atemorizado, procurou a polícia.⁶²⁷

O narrador dá visibilidade à dignidade do povo nordestino, rebaixado à condição de esterco para as lavouras paulistas. Sujos e desgrenhados, mantém entretanto a altivez que gera constantemente reações despropositadas, fruto da falta de entendimento do ser em seus estertores, clamando justiça. O velho Professor Ermelino consegue contornar a situação de tensão que ele mesmo ajudara a causar em sua discussão com a velha Engrácia a respeito do seu cachorro.

Um silêncio pesou ante a resposta, até que o Professor Ermelino adiantou-se. Precisava competir com sua própria realidade. Tudo estava se transformando e antes que Campanari decidisse ele se jogou no problema, com uma naturalidade inesperada.⁶²⁸

O homem aqui apresenta-se como encruzilhada das diversas vozes que o habitam. O narrador mostra o dilema do homem lutando consigo mesmo, tentando barrar agenciamentos, processos de subjetivação excêntrica que roubam o mínimo de autonomia ao sujeito.

⁶²⁷ *B.T.*, p. 54.

⁶²⁸ *B.T.*, p. 54.

Campanari apertou a mão do velho.

– Dou meu braço a torcer, e, quando encontrar o Capitão Breno, vou lhe dizer. O velho vale mesmo, e nesta ciência de representar, que Servo Campestre, que nada! Você é um colosso baiano!

– Então! Acontece mesmo: a gente chega a representar, sem tirar nem pôr, o que somos de verdade. Campanari satisfeito não compreendeu.⁶²⁹

O personagem tangencia o processo de encenação de identidades em sua mobilidade exaustiva. O tirar e pôr das máscaras acaba por revelar algo que habita o fundo, além da superficialidade que poderia radicar o personagem numa identidade utópica ou servil. Esse “o que somos de verdade” talvez possa ser traduzido por um lapso na ciranda de representações que repentinamente nos expõe a nudez de um vazio, “sem tirar nem pôr” máscaras, mostrando a própria condição de ser agenciado na multiplicidade dos discursos. Essa expressão representa o momento paradoxal em que se congelam as possibilidades de fuga e apreensão identitária para deixar cair a face obscura que jamais nos aprofundara iluminar. A realidade do ser seria no máximo a própria condição de ator em scripts que valeriam uma verdade quando ancorados numa ética. A verdade seria a preservação da vida. A sensação que assalta o personagem, que no tirar e pôr das máscaras acaba por encenar a essência, advém do sentimento de solidariedade, ensaiando um retorno ancestral ao tempo da compreensão comunitária.

IV Na diáspora: encontros, comparações, estranhamento

E o novo mundo abre-se para o retirante em seus chamados rumo ao diferente.

Sá Engrácia perdia-se na contemplação estranha, convidativa.

– Maiadim, Maiadim não se atreve senão, senão... Até parece que tem o capeta no corpo... Deus nos livre: braço alheio não é travesseiro e toma jeito.

A relação já existia entre o cachorro e o ambiente, indo à frente em linha reta, enquanto a velha deixava-se levar pelo encanto do desconhecido. [...] A rua sem movimento atendia o encontro e Sá Engrácia foi despregando a língua.

⁶²⁹ *B.T.*, p. 55.

– Pois não e não – dizia para as crianças. Se na Bahia as coisas são diferentes, eu juro. Chupei aqui uma laranja e não é tão doce como as de lá. De crianças assim, de mudança não se vê. Sem pecado, vocês no mundo inteiro parecem com o menino Deus das lapinhas.⁶³⁰

Quem primeiro se integra ao novo ambiente é o cachorro, depois a velha precavida vai se soltando. O aporte do mundo se dá por comparação. Sá Engrácia compara a laranja de São Paulo com a do sertão, mais doce. Às crianças atribui uma inocência universal comparadas ao menino Deus, no que não apresentam diferença. Observamos na seqüência a visão estereotipada que se tem do nordestino como bárbaro. “As crianças faziam perguntas e entre elas um menino insistiu: – Será que baiano é valente, e gosta de beber sangue? [...] – Conta mais, conta mais... Lá não dão tiro, montados nos cavalos?”⁶³¹

A personagem Engrácia é marcada pela pureza que aporta do seu pequeno mundo, em que todos se conhecem e sabem contar a história da comunidade em suas tradições e acontecimentos marcantes, nos moldes do narrador sedentário, de que nos fala Walter Benjamin. Ela ainda não se deu conta de que agora habita o espaço do anônimo, em que as pessoas se diluem na multidão, para não ser ninguém.

Chegaram algumas mulheres curiosas e Sá Engrácia deixando as crianças deu começo às suas investigações.

– Será que as donas não me dão notícia de um moço que se chama Liberato Barroso? É meu filho. Faz doze anos que veio prau São Paulo e nunca mais.

As mulheres sacudiram as cabeças compadecidas.⁶³²

Outra forma mais positiva de identificação do nordestino dá-se agora pela associação da mulher baiana com as prendas domésticas e habilidades artesanais, o que produz grande interesse e curiosidade nas paulistanas.

⁶³⁰ *B.T.*, p. 56.

⁶³¹ *B.T.*, p. 56.

⁶³² *B.T.*, p. 56.

E como estava à vista de Sá Engrácia ser mesmo baiana de verdade, formou-se uma rodinha e lhe foram feitas perguntas sobre comidas, rendas, doenças e mortes; e a todas satisfazia com o colorido de sua linguagem diferente.

Estava satisfeita. Uma menina foi com ela até o portão. Ficara com uma expressão carinhosa das crianças e das mulheres. [...] Não poderia acreditar no que ouvira várias vezes dizerem que o povo de São Paulo era orgulhoso, pabulos e não fazia conta dos coitados... Que fazia pouco caso dos nortistas! Mentira só, no vaivém de singeleza é o que é.⁶³³

Sá Engrácia desfaz a má impressão que tinha dos paulistas, baseada em relatos pouco abonadores da hospitalidade daquela gente. Percebe que o coração aberto tem poder de ativar sintonias, superar as interpolações discursivas que induzem o estranhamento ante o diferente.

Enquanto isso, Bahiano Tietê parece despertar do sono, espécie de limbo em que estivera imerso durante a viagem. Foi um tempo de espera e gestação em que buscava encontrar-se, revirando os fios da memória. Reúne-os numa história que transcende o pessoal para abarcar o destino de todos, fazendo confluir o passado nas promessas e anseios do presente.

A incerteza tomava conta de Bahiano Tietê, naquele dia de decisão. A mudança não traz um objetivo, mas, sim uma exigência. Os choques com os imprevistos o levam a um estado de exaltação: negativa ou positiva, jamais foge às características do seu destino continental. É o mesmo complexo de bandeirante afeito à loucura e ao bom nome.⁶³⁴

Diante do desconhecido, o personagem tem a noção de que a mudança será iminente nos “choques com os imprevistos”. Percebe que não será o mesmo, como não o foram seus ancestrais esparramados no continente. Viajar é sair de si para não mais voltar ao ponto de partida. É estar aberto ao diferente em teias de subjetivação e deslocamento do ser. Sabe que a escolha tem o peso de uma exigência apontada no ato pelo que carrega em si a força de um destino. Assim cada pequena ação carrega nas instâncias de ser uma construção cuidadosa equivalendo a disfarces do espaço-tempo.

⁶³³ *B.T.*, p. 56.

⁶³⁴ *B.T.*, p. 58.

Barbeado, metido num terno azul-marinho, ali, diante do espelho do reservado para homens, media suas oportunidades. A cidade o atraía. Estava confiante. Conseguiu despejar-se do seu meio. Acidentalmente continuava perdendo tudo. Quando recebeu do governo da Bahia a missão de restabelecer a paz em Santa Maria da Vitória, aceitou a metamorfose idealista de ser ou não ser ele a mesma pessoa para satisfazer o equilíbrio entre o poder e a impunidade....⁶³⁵

Bahiano Tietê, diante do que conseguiu arregimentar dos fios que tecem a teia do aceitável no contexto social, aquilata as ofertas e possibilidades. Sente-se livre para uma nova vida, à revelia de seu passado que sente fugir-lhe. Aceitara a idéia de ser outro, para que se fizesse a paz em Santa Maria da Vitória, mas “... nem os Coronéis com seus jagunços, nem os políticos, nem o Ruy com sua sabedoria atenderam à realidade do homem e seu espaço pedindo.”⁶³⁶ Sente-se roubado pela história que lhe vai aos poucos minando a esperança de que um dia venha sua gente ser compreendida, valorizada em sua maneira de ser diferente. O ser-nordestino perpassa em toques de musicalidade esse estar atento, harmoniosamente articulado com o meio e o Outro. Mas no momento a sensação do “herói” é de liberdade no abismo, numa perda de si mesmo na estrada, para aventurar-se no diverso e imprevisível.

No portão o guarda breiou-lhe a saída. – Hoje é dia de despejo. Só sai que tem cartão.

Calmamente, Bahiano Tietê apresentou o cartão que o consignava à Secção de alistamento da Força Pública. Passou e logo acudiu-lhe que tinha esquecido algo atrás. Não era a mala, não era nada, e teve medo. Acontecia-lhe aquele trânsito do pensamento como se marcasse rumos nos troncos das árvores. “Neurose de aspectos”, lhe disse o Dr. Eunápio. Era o delírio – o seu delírio, – motivador de espetáculos. Seus ouvidos ativavam-se. A cidade era um chamado.⁶³⁷

Ao transpor o limiar da Migração, Bahiano Tietê percebe que algo de insondável havia ficado para trás. O seu eu tenta involuntariamente marcar território, como quem marca rumo nas árvores de uma floresta, talvez a “floresta de símbolos” de que fala Baudelaire

⁶³⁵ *B.T.*, p. 58.

⁶³⁶ *B.T.*, p. 58.

⁶³⁷ *B.T.*, p. 58.

no poema *Correspondências*. Tal disposição o narrador não perdoa, arregimentando vozes indiretas para o congresso da narrativa que aponta para o delírio, confluência da pluralidade que o personagem tenta bastar em seu ser na materialidade das demarcações. A posição aqui é crítica em relação ao estar-no-mundo do personagem, como se o narrador perdesse a paciência com tamanha volatilidade de caracteres, fazendo do ser um espetáculo em que se alternam figura e fundo, cores, sons, caleidoscópio de imagens e discursos em processo de agenciamento.⁶³⁸

O personagem dá-se conta mais uma vez do estigma de ser baiano, símbolo dos que não têm uma identidade bem estabelecida.

As lojas abriam as portas. Depois de examinar a vitrina, aparentando-se calmo entrou numa chapelaria e pediu uma palheta, e deu o número.

– Prontinho, baiano, 57, artigo italiano.

– Como você sabe que me chamo Bahiano?

– Né! Ta na cara... Não é calabrês, nem espanhol, nem turco! Paulista, sou eu!

– Sou brasileiro.⁶³⁹

Para o paulista, São Paulo é o centro do mundo e, tirando os estrangeiros, o resto é a baianada anônima, capital humano de baixa apreciação, instrumentalizada na produção de riqueza para uns poucos.

Parou diante da vitrina de um restaurante da rua Boa Vista. A fome já se tornava exigente. Comerei depois, tenho dinheiro. – E bateu no bolso. A arrogância sempre foi um disfarce do desespero. Procurou transformar o cheiro desafiante da porta do estabelecimento em presença avivada na sua imaginação. O aroma dos quitutes, dos acarajés quentinhos, do vatapá apimentado de Zé da Emília na Água dos Meninos; dos doces de sá...sá... não se lembrava do nome da dona; [...] e foi provando encontros e retratando para si especialidades culinárias.⁶⁴⁰

⁶³⁸ Segundo Deleuze e Guattari, o valor exemplar do discurso indireto, e *sobretudo do discurso indireto “livre”* reside no fato de que “não há contornos distintivos nítidos, não há, antes de tudo, inserção de enunciados diferentemente individuados, nem encaixe de sujeitos de enunciação diversos, mas um agenciamento coletivo que irá determinar como sua consequência os processos relativos de subjetivação, as atribuições de individualidade e suas distribuições moventes no discurso.”

⁶³⁹ *B.T.*, p. 59.

⁶⁴⁰ *B.T.*, p. 59.

O narrador lança mão aqui de uma nova forma de apropriação e entendimento do mundo. Pode-se notar uma evolução do paradigma conceitual de explicação do mundo e seus fenômenos para uma corporeidade dos enfoques, em que os aromas da culinária paulista e da baiana estabelecem diálogos. Ele transita do paradigma hermenêutico, de um sujeito tentando entender o mundo através de conceitos, para a compreensão baseada nas funções olfativa e gustativa. Ai o sujeito se submete aos aportes, fica como que magnetizado, subjugado pela máquina do corpo e suas funções como dominantes do estar-no-mundo. Note-se que os nomes fogem, para deixar o caminho livre à formação de presença em bases fisiológicas, num retorno à materialidade, à corporeidade prazerosa alicerçada nos sentidos. A crítica às aparências discursivas agenciando comportamentos vem na forma de uma frase lapidar: “A arrogância sempre foi um disfarce do desespero.” O homem submetido à sensação de fracasso, o corpo em pânico diante dos assédios que o fragilizam, busca uma saída oposta a esses sentimentos, articulando uma aparência que não se confirma na substancialidade. Eis aqui uma boa definição das fontes da arrogância: por trás do poder dos que buscam desesperadamente confirmação e segurança na posse de bens e direitos subsistiria um ser infantil, frágil como pinto molhado temendo o que está em devir.

Na seqüência, o personagem volta-se para uma análise textual, sempre na fronteira que permite comparações entre o seu mundo e aquele que agora se lhe desvela.

Bahiano Tietê comprou um jornal e pediu cerveja, um sanduíche e passou ligeiramente os olhos sobre os editoriais. Nada lhe interessou a não ser o estilo sutilmente didático, o que não se dava em Salvador, onde a imprensa era grave e textualista. Os fundamentos eram os mesmos em uso em todo país: a opinião a serviço dos grupos vitoriosos.⁶⁴¹

Podemos aqui lembrar o papel da imprensa que se delineia em atos performativos. Para Judith Butler, na esteira de Austin e Derrida, esse tipo de ato “faz nascer ou coloca em ação aquilo que nomeia, marcando, assim, o poder constitutivo ou produtivo do discurso...”⁶⁴² Essa concepção é contestada por Nikolas Rose, por achar que “nós *não somos* “constituídos pela linguagem””. Ele prefere compreender o processo de

⁶⁴¹ *B.T.*, p. 60.

⁶⁴² ROSE, 2001, p. 174, apud BUTLER, 1995, p. 134.

subjetivação como fruto de “complexas interconexões, técnicas e linhas de força que se estabelecem entre componentes heterogêneos, incitando, tornando possível e estabilizando relações particulares...”. Rose vê as “tecnologias da subjetivação” como maquinações, “operações pelas quais somos reunidos, em uma montagem, com instrumentos intelectuais e práticos...”⁶⁴³ Diferentemente, a posição do narrador aponta no sentido de uma afirmação do papel da imprensa na formação do imaginário. O personagem inspira uma posição dialética que vai do desdém à reverência com que se prepara para abrir o jornal. Se há um pacto de relaxamento no que concerne à cerveja, esta envolve também a importância da ação, o que requer um ritual. Não se trata de um ato qualquer. A bebida propicia o distanciamento, a calma necessária, assim como uma certa concentração; o sanduíche representa a nutrição do corpo, a certeza de que nada irá roubar a atenção. O olhar percorre as páginas de forma crítica. Na sentença final da passagem, fica clara a posição instrumental da imprensa na sustentação do poder. Mas, a tomar as idéias de Rose no que tange aos processos de maquinação, subjetivação, em que somos agenciados, a imprensa seria uma ilusão enquanto formador? Serviria apenas para tornar visível ou mascarar tendências comportamentais e de pensamento que afloram ao cabo de interações que resultariam numa montagem de nosso ser, ancorado em identificações que nos organizam socialmente?

Assim o “herói” é um ser laboratório, que se vira do avesso para que possamos ver através dele o que vai no coração de sua gente, em suas relações com a história.

Bahiano Tietê refletia. Tinha conhecimento das suas perturbações emocionais. E por que deixar-se vencer por elas? Sentiu-as pela primeira vez quando Clara Dendê, levando para cima do seu ventre a sua mão, lhe perguntou: “Está sentindo? É seu filho, tem três meses, já mexe!” E se repetem, tenha certeza: o ambiente é a mãe da história.⁶⁴⁴

Retomando a discussão acima sobre o ser ou não ser do discurso em sua capacidade de deslocamento do Ser, podemos tomar o cataclismo que as palavras de Clara Dendê causaram no espírito de Bahiano Tietê. Por certo elas serviram de antecipação dos efeitos de um ato: a gestação de um filho. Não fossem elas, permaneceria o fruto, identificável talvez por semelhanças com o pai. Também o pequeno ser ficaria pendente

⁶⁴³ ROSE, 2001, p. 175-6.

⁶⁴⁴ *B. T.*, p. 60.

em outros discursos: o da mãe mulher de todos, o dos filhos da pobreza como excedentes humanos esparramados pelo Brasil e destinados à miséria. Mas se não fossem tais discursos a miséria se saberia miséria e a expressão “filho da puta” teria essa ganga? Para Deleuze e Guattari existem dois eixos acerca da natureza dos agenciamentos. Num eixo horizontal:

Um agenciamento comporta dois segmentos: um de conteúdo, o outro de expressão. Por um lado, ele é *agenciamento maquínico de corpos*, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; por outro lado, *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos.⁶⁴⁵

Em outro sentido, no eixo vertical: “O agenciamento tem, de uma parte, *lados territoriais* ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte, *picos de desterritorialização* que o arrebatam.”⁶⁴⁶

Retomando a leitura da cena acima, podemos considerar o processo de desenraizamento sofrido pelo personagem Bahiano Tietê. Ele que estava sempre a pensar o drama dos anônimos – dos enjeitados, oriundos das classes subalternas e não raro frutos do estupro, a perambular pelo país, carentes do reconhecimento de seus direitos essenciais – deixara a condição de observador e crítico para fazer parte do processo. Gerara um ser-ninguém que iria engrossar as estatísticas da miséria nacional. O discurso crítico da história nacional, alicerçado na ética em que fora agenciado, faz em si uma vítima alvejando o animal, o ser biológico que se entregara ao prazer sem nenhuma culpa. Pode-se confirmar aí as chamadas “transformações incorpóreas” deslocando o ser de sua órbita natural. Primeiro, enquanto enteado do Santeiro João, fora agenciado pelo discurso cristão em pólos de sincretismo que num segundo momento, as leituras e sua tendência inata para a filosofia souberam deslocar. Caíra assim num materialismo que o habilitaria buscar a transformação do meio, superando o atraso e a alienação. Agora sente o peso da história, tocado pela tragédia nacional que é a produção de gerações sucessivas de capital humano de baixo valor agregado, aviltado no mercado de bens e serviços. O personagem comporta-se então como terra arrasada. O discurso em que se fundara como ser-no-mundo parece ter sido deslocado.

⁶⁴⁵ DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 29, vl. II.

⁶⁴⁶ DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 29, vl. II.

A cidade lhe oferecia a primeira oportunidade de lutar consigo mesmo. [...] O garção trouxe o pedido e Bahiano Tietê travou a grande batalha; fechou os olhos e meteu na boca o primeiro bocado. Engoliu, procurou sentir o efeito e, ah!, um sabor agradável irradiou-se pela cavidade palatal. Vencia. Bebeu um pouco de vinho. Chegou até o fim do prato e reconciliava-se. Pediu repetição e foi deglutindo-a em função do pensamento. O homem autotraía-se pelas exterioridades. A cidade tornava-se-lhe comunicativa. As luzes já estavam acesas e as ruas se desmovimentando davam-lhe uma ternura amistosa. Andou e a febre emocional foi novamente levar pelo aceno das coisas...E era o passado e o presente vivendo, no seu delírio, o destino comum da sua história.⁶⁴⁷

Bahiano Tietê torna-se palco de uma luta do homem biológico, do homem social e do homem em devir, tentando ser outro. Almeja uma espiritualidade na utopia do diferente, buscando a plenitude de sua humanidade. Nesse embate o bicho vence o homem espiritual, ambos suplantados pelo homem social, pretendendo civilidade. Há uma traição do espírito pela materialidade do mundo promovendo chamados, aliciando os sentidos. De outra sorte, a máquina-cidade, civilização, consumo, com suas lojas e mercadorias; e a máquina-educação, com sua polidez cosmopolita, trajes, ares de bem viver e cordialidade eram como armadilhas a capturar a presa fácil: o homem vindo do sertão em sua sensibilidade, disponibilidade para interconexões, testando as fronteiras do ser.

“Palácio do Governo”. Diante de si a Coluna monumental era uma interrogação. Contemplou-a e ela foi vivendo no seu delírio incontido. [...] “Cidade, dai-me os teus segredos.” [...] Andou mais. Procurou as estrelas no céu e elas sumiram dos seus olhos magoados. Voltou-se para seu interior, onde os diálogos dos “precisa-se” e dos “oferece-se”, turbulentavam pregões.⁶⁴⁸

O “herói” trava um embate tumultuoso com o discurso de pedra dos palácios, obeliscos, monumentalidade arrasadora de quaisquer certezas, que não as do discurso oficial

⁶⁴⁷ *B.T.*, p. 61.

⁶⁴⁸ *B.T.*, p. 61-2.

assistencialista e pedagógico. Sente a cidade ganhar vida, crescer numa desmedida que parece engolfá-lo e ele aceita o desafio, como numa barganha com as regiões infernais que a metrópole abarca. Simbolicamente as estrelas do céu fugiram. É noite completa, sem lume que lhe diga o Norte. Volta-se para si e o que divisa é o ambiente dos pregões de valores humanos, seguindo as leis de mercado.

Campanari, que poucas vezes estivera presente à distribuição das turmas, voltara inesperadamente. Tivera um encontro com o Major, na sede do Bom Retiro e como Conceição lhe parecia o tipo da mulata cem por cento, resolveria. Pretendiam a montagem de uma casa, onde poderiam reunir os amigos: comer bem e ter à mão certas particularidades, sem as quais as pessoas importantes não desfrutam todos os seus direitos.⁶⁴⁹

A personagem Conceição é agenciada pela máquina-sexual doméstica ou de prostíbulo, visando servir à realização maior dos homens bem situados, o que o narrador sutilmente coloca como “certas particularidades”.

– Voltei aqui para falar com você e já posso até lhe dizer... Menina, você vai estourar.

– Então desembuxe e fique logo com a resposta. A gente quando se larga pelo mundo, deve estar disposta a tudo – e este tudo não pode ter segredo.

– Você é virgem?

– Fui violada.

– Capiche! Quer dizer: não se entregou.

– Nunca...

– O Major vai gostar de você, estou vendo. Ele precisa de uma mulher moça, inteligente, baiana boa quituteira. E lhe digo mais: para ser a dona da casa, com todas as regalias, depende de seu jeito. O Major é um homem generoso, mas como todas as pessoas de cima, tem seus caprichos... Você já viu falar que existe um Senhor poderoso no dinheiro e na política que se contenta com uma só mulher? Lhe dou um conselho: seja a segunda...e!⁶⁵⁰

A jovem topa a barganha, negocia como gente grande. Aqui fica marcado como a mulher baiana é vista de forma reducionista, como objeto a satisfazer as dominantes de

⁶⁴⁹ *B.T.*, p. 63.

⁶⁵⁰ *B.T.*, p. 64.

nutrição e sexualidade que compõem o regime noturno do imaginário. Este tem entre suas características os ambientes escuros, que deprimem o homem e o captam numa concepção mesquinha da existência. Aí podemos incluir o conformismo, que negocia princípios por vantagens. Tal barganha de facilidades chocou Sá Engrácia, que reagiu à altura.

Em torno das duas aglomeravam-se seus companheiros de viagem e tudo indicava que aquela decisão de solidariedade em Cachoeira, enfraquecera. Dava-se a fragmentação. Cada destino era uma condenação: o indivíduo voltava a si mesmo, para o descompromisso com tudo e isso equivalia o objetivo do emigrante. Adquirir. Era dolorosa aquela autodestruição onde a obediência não seria a razão e sim a vontade de terceiros.⁶⁵¹

O narrador se torna mais incisivo. Impreca contra a derrocada dos valores comunitários de solidariedade. Estes foram substituídos pelo individualismo em que cada qual colhe um destino particular, entre a fortuna e a desdita, com o objetivo único de tornar-se proprietário, mesmo com a fatal perda de autonomia, completando o processo de alienação. E a discussão se estabelece, numa afirmação de princípios.

Conceição e Sá Engrácia, partindo do seu caso singular, eram diferentes, e a velha, dura, dizia para que todos a ouvissem:

– Por mim não, minha filha. Aceite. Já lhe tiraram tudo e agora tem que recomeçar partindo de tua própria desgraça, lhe peço. Levo meu bicho. Meu caráter são os meus sentimentos. Vamos: se meu rapaz tenha sucumbido, Maiadim é o passarinho que Deus deixou nas minhas mãos.⁶⁵²

A velha não abre mão dessa brisa sentimental que aproxima o nordestino de seu meio: natureza, animais, os companheiros de jornada. Se faltar o filho, fica o animal nos escaninhos do coração fazendo festa. Quanto à moça, vai seguir seu destino, simbolicamente o destino das jovens nordestinas assaltadas em sua dignidade e doando braços para a construção do país. “... a velha apertando a mão de Conceição insistia. – Ninguém perde aquilo que é seu: a mudança não tira a sina nem a feição das

⁶⁵¹ *B.T.*, p. 64.

⁶⁵² *B.T.*, p. 64.

sementes.”⁶⁵³ Conceição, como ser jovem, deverá seguir o instinto mulher de se entregar no cio, como artífice da eternidade no ato da procriação.

E tem início o pregão, no comércio de humanos, constituindo-se numa alegoria ao capitalismo, que a todos devora com mais ou menos eloquência, no mercado aberto em leilão ou nas apropriações sutis das profissões mais bem pagas. Todos haverão de dar seu sangue.

O almoço foi apressado, e cada um, retirando seus trastes, caminhou para o pátio central onde fazendeiros, administradores e empreiteiros antecipavam a inspeção às peças. Três funcionários, no alto da escadaria, com os bonés enterrados até as orelhas, simulando a bisonhice agrária, dali abriam as negociações.

O aspecto paciente de feira de animais cansados era indisfarçável. [...] A raça, como nos mercados de gado, tinha sua importância particular.⁶⁵⁴

A cena reporta um rol de porteira, próprio da cultura curraleira, em que os melhores animais vão sendo vendidos, restando o refugio.

– Não senhor. Saíram os escolhidos para a Força Pública. O governo também é freguês e não prejudicou: o restante é um âmagô e lhe garanto.

– Olhem bem para eles, não seja mascarado, e ponha a mão na consciência. Refugio de esqueletos...Quanto é que vamos pagar mesmo por cabeça deste sobejo?⁶⁵⁵

A boa notícia, nas raias do “sublime”, é a declaração de que o Estado também participa do arremate, condescendendo com seu papel de protetor de todos os cidadãos na universalidade das leis. Os argumentos são os mais dóceis, assemelhando-se à compra de material para fabrico de sabão. Todos foram arrematados, exceto um grupo de alemães – exigiam terras e assistência, estampando assim a desigualdade entre os desiguais, – e Sá Engrácia, com seu cachorro.

⁶⁵³ *B.T.*, p. 65.

⁶⁵⁴ *B.T.*, p. 65.

⁶⁵⁵ *B.T.*, p. 67.

– E eu? – perguntou a velha parada no meio do pátio como um círio de romaria.

– A senhora vá ficando no infuso, e, como na roleta, seu dia será seu. A “Casa da Migração” opera sem cessar. A velha ouviu, rodou e como um espectro no meio do pátio, num protesto surdo e doloroso, não disse nada. Quando ia pegar seus trastes, Professor Ermelino, que já vinha com o passe na mão, atalhou-a.

– Sá Engrácia levo a senhora, e ajudarei a procurar seu filho.⁶⁵⁶

A cena tem a magia de um conto maravilhoso, acendendo uma fogueira de solidariedade que reata laços de humanidade num convite à utopia. A oferta do Professor Ermelino caminha pela via das ilusões que entrelaçam a vida e a ficção, colorindo a existência. Afinal seria imprevisível achar um “anônimo” na multidão da metrópole, ou sabe-se onde no vasto interior das fazendas café, o nome de batismo provavelmente reduzido a uma alcunha e não tendo as autoridades um controle eficiente das populações. Até nossos dias muitos trabalhadores são assassinados devido a desavenças e disputas comuns nas fronteiras agrícolas, seguindo-se a ocultação de cadáver. Assim, essas pessoas desaparecem sem deixar rastro, como se nunca tivessem existido. Mas deixemos os velhos viver o seu sonho.

...A banda do Exército da Salvação executava a Sinfonia do Guarani. Uma moça alemã, distante e sonâmbula, tocava um trombone de vara. Era interessante naquela fuga frustrada. Terminado o número, o homem do bombo começou a prédica.[...]

Bahiano Tietê impressionou-se e foi depositar uma ajuda na salva da moça do trombone, que lhe agradeceu com toda ternura dos seus olhos azuis angustiados.

– Deus lhe pague baiano -, disse em bom brasileiro. Bahiano Tietê procurou atenuar aquela imprevisão que ultimamente vinha tendo com as mulheres e respondeu no seu íntimo: – Por que não vem comigo? O mesmo que pensou dizer à moça de Carinhonha, a Conceição e até à mulher dos papagaios, mas, apressou-se à “Casa da Migração”.⁶⁵⁷

⁶⁵⁶ B.T., p. 68.

⁶⁵⁷ B.T., p. 68.

Bahiano Tietê foge à assunção dos papéis socialmente estabelecidos. Ligar-se a uma mulher seria fincar raízes, seria abortar seu projeto de homem de lugar nenhum, o que lhe permite habitar sempre um fora, exterioridade ao mundo das coisas e fenômenos. Esta posição propicia-lhe uma visão descomprometida, em estado crítico, no sentido de esmiuçar, buscar o entendimento das origens do desastre que se abate sobre sua gente. Talvez, e esse seria o sentido do herói, precisasse primeiro mudar o ritmo do mundo, aplainar o caminho das futuras gerações. A sua negação a uma territorialidade poderia ser também atribuída ao complexo do homem entregue à sorte, desprovido de direitos, enfrentando a própria fragilidade, o ser constantemente escancarado, assaltado no que lhe resta de intimidade quando identificado como baiano, a escória do mundo. São hipóteses que tentam traduzir o pasmo do homem simples ante o nada. Mas esse dilema acompanha todos os seres do seu universo. Note-se a moça alemã, “os olhos azuis angustiados”, assim como Conceição, cujo namorado tivera as pernas amputadas pelo trem e que agora se entregava como objeto sexual sem condições, na fronteira entre ser amante ou prostituta; também a moça que vira no barco e que desabara ao vê-lo portador do estigma dos remeiros, todas essas mulheres transitam no espaço dúbio, portadoras do dilema de ser ou não ser, de poderem ou não se realizar em profundidade. A primeira delas é uma interrogação, a segunda não se faz esperar, tem o pragmatismo dos homens de negócio, como reação a todos os desenganos e traições; a última é o próprio calvário, a cruz e a promessa do homem deus desmoronando junto com seu sonho. Todas estão em crise, vivendo numa letargia, à espera de um chamado do macho para a construção do ninho, território da eternidade.

Bahiano Tietê procura saber do paradeiro de seus companheiros de viagem que já tinham seguido para o interior do estado. Quando pergunta pela velha e seu cachorro, a resposta surpreende pela fusão entre o infortúnio e a beleza, criando um *moto perpetuo*, espécie de eco reverberando eternidades, como nas histórias de final feliz.

O homem da limpeza tomou a conversa com uma ironia amarga e rematou recolhendo o lixo.

– Encontrei os dois, ele com as malas em cada mão e a velha levando o cachorrinho nos braços perguntava às mulheres: A senhora por acaso não conhece por aqui um moço moreno bonito, que responde por Liberato Barroso? E como não tinha resposta, o velho paciente e satisfeito a conduzia

e se iam avenida a fora, como duas crianças em busca de um paco que sabiam estar em lugar seguro.⁶⁵⁸

O narrador está constantemente a surpreender o seu leitor. Quando a entonação fascista toma corpo, pondo a razão em xeque, surgem esses momentos de humanidade, em que a tragédia vira brincadeira de criança e as pessoas perdem a noção do destino fatal.

V Bahiano Tietê, um solitário testando fronteiras

Bahiano Tietê é um ser enfrentando o descompasso entre o mundo interiormente idealizado e a máquina de subjetivação em todas as suas formas, nos diferentes sistemas sociais. O conflito estabelece-se na medida em que rejeita alinhar-se aos sistemas de dominação, a participar como engrenagem dos processos de submissão e instrumentalização das populações desprovidas dos meios materiais e intelectuais necessários a fazer valer os seus direitos. Bahiano Tietê é o intelectual. Tem o espírito forte, forjado em meio à crise de reconhecimento que enfrentara na infância, contrabalançada pela lucidez do olhar aguçado pelas leituras que fizera na adolescência. Assim se tornara um homem talhado a não aceitar o aviltamento do ser a cargo dos aparatos de dominação.

Mais uma vez o personagem foge a uma identificação balizadora, a uma ancoragem do ser no que agora seria uma instituição disciplinar, promovendo enquadramentos dos que se revoltam, seja lá como for, contra a exclusão, o apagamento dos ímpetos de subjetividade e seu competente nivelamento no possível e aceitável. Não estaria disposto a ser um fiscal do receituário de escolhas com força de lei, estabelecidas por aqueles que regem o convívio social em proveito próprio. “Partira precipitadamente. Rasgara o cartão que o recomendava a inscrever-se na Força Pública e chegou a Bauru....”⁶⁵⁹

Um olhar atento sobre essa cidade vai oferecer a Bahiano Tietê um retrato bastante elucidativo da vida em seus ímpetos selvagens, fragmentando e recodificando comportamentos e tendências. São muitos os encontros e descompassos nessa encruzilhada do diverso em que se chocam o passado e o presente, as tradições e a sua

⁶⁵⁸ *B.T.*, p. 69.

⁶⁵⁹ *B.T.*, p. 69.

transformação brutal, o ideário paternalista do migrante nordestino e o capitalismo de configuração autoritária e centralizadora, na contracorrente dos pressupostos desse sistema.

A cidade esquadrejava uma nova dimensão da vida nacional. Agasalhada em casas de madeira, taipa e poucas de alvenaria, atolada no areião cortada pelos paralelos de três Companhias de Estrada de Ferro.

Formigava em suas ruas uma população volante, de todas as raças. Entre elas o mestiço nortista, a maior, e o português que, deixando de ser uma nacionalidade, tornava-se simplesmente o comércio. Eram os flancos ativos da transição. Se o sonho não tinha limites para o nativo, inconseqüente e perdulário, o circunspecto era ainda uma mentalidade colonial da devassa. Defendendo uma paternidade ocasional, a posse deixava de ser um direito para tornar-se um encontro com a sorte. O resto seria o indivíduo. A perspectiva deste contorno era formalmente transitória. Calibrava-se na simbiose das adaptações onde uma planta era o filtro de todas as suposições humanas, em vivência na região. E nada tinha de estável. A venda era o grande objetivo circunscrito num deboche, com curso definido – um ladrão ou falido – preenchia todas as qualidades mercantis. No enfoque desta mentalidade, Bauru se tornava o centro polarizador das contradições jurídicas, econômicas e sociais na surpreendente região da Noroeste.⁶⁶⁰

Tem-se uma pintura eloqüente dessa zona de fronteira a que aportam toda sorte de aventureiros, que acima de quaisquer princípios objetivam enriquecer. Para esse fim o padrão ideal de mentalidade não vai além do que podem proporcionar o ladrão e o falido, em tratos com o que de mais expressivo se pode cultivar na entidade mercado: o arrivismo. Um mundo que se torna o modelo de transformação da economia voltada para o mercado interno, de subsistência, para a economia de escala voltada para a exportação do café. É nesse contexto de transição e encontro de línguas, etnias, usos e costumes afrouxando as fronteiras que Bahiano Tietê vai se fazer presente, ele próprio um ser transitivo, fugindo a qualquer assenhoreamento.

⁶⁶⁰ *B.T.*, p. 69.

Bahiano Tietê, vencido pelo cansaço, adormeceu. Acordou com um soldado lhe puxando pela perna e gritando: “Levantem, seus vagabundos, ladrões!... Depressa... Vamos...” [...]

Em poucos instantes a sala do Hotel Bahia se comprimia com os detidos debaixo das mais infamantes suposições. [...] Bahiano Tietê notou que na Noroeste nada existia de significativo na palavra ordem.⁶⁶¹

Bahiano Tietê sente na pele a dificuldade do ser em devir, flutuando sem as garantias e franquias concedidas pelo pertencimento a uma esfera de proteção. O país está longe de viver no estado de direito. A cena mostra o regime de exceção. O poder que estaria incumbido de manter a ordem pública, garantido as liberdade individuais, é quem se apressa em desfazê-la. Está certamente a serviço dos proprietários de terra, carentes de mão de obra para suas lavouras. É visível a relação promíscua entre o Estado e os interesses particulares. Os serviços de segurança atuam no sentido de garantir a exploração da mão-de-obra em bases semi-escravistas. Levados para a cadeia pública, os hóspedes do Hotel Bahia foram postos em fila ao longo do muro, enquanto o sargento Elói desfiava suas ofensas.

Bahiano Tietê não se conteve e tentou apelar para seus direitos.

– O Comandante vai me desculpar: trago aqui meus documentos.

Grande e pesado, o sargento Elói o mirou de baixo para cima com seus olhos imóveis de cobra. Na boca escaldada de cachaça, parava um riso curto e cruel. Antigo volante dos pelotões das Capturas sabia como liquidar qualquer justificação. Pôs as mãos nos quadris e como se encontrasse na memória uma prova, sacudiu a cabeça pausadamente.

– Ah! Não é a primeira vez que lhe vejo. Recordo! – e enfurecendo-se deu um passo atrás, pondo-se em guarda e acusou.

– Já lhe pus a mão em Avaré, seu ladrão de cavalo. Sim? Agora me lembro. Você se evadiu... não? Contesteste.

Bahiano estremeceu e corou, mas, antes de reagir, sargento Elói avançou, deu-lhe um soco violento na cara e evitou o diálogo.⁶⁶²

⁶⁶¹ *B.T.*, p. 70-1.

⁶⁶² *B.T.*, p. 71.

A acusação é a forma de contrato em que a pessoa estaria empenhada, devendo seguir à risca as normas de exploração servil, sem poder aventar quaisquer direitos que não o de estar vivo e fora da prisão. Assim o personagem vai iniciar uma nova vida, incorporado como trabalhador de uma fazenda de café.

O trabalho não era difícil e o aprendizado foi rápido. Alguns machadeiros jogavam pilhérias, às vezes duras, mas o que seriam em vista da bofetada que recebeu? “Na cara de um homem não se bate”. [...] Bahiano Tietê engolia a saliva azedada e o sargento Elói lhe apareceu na mira do ódio. [...] “Matarei, ficarão sabendo, e ainda tenho de lhe dizer. Nunca fui ladrão de cavalo.”⁶⁶³

O personagem passa por sua maior provação. Ser chamado de ladrão provocou enfim sua ira. Demonstrou haver um ponto de territorialização do qual não poderia prescindir, uma auto-imagem consagradora de uma ética e de uma moral que lhe sustentam o ser. A acusação e, mais grave, a bofetada, testaram sua última fronteira. O ser volátil, diluído no outro, refluí para a muralha de sua auto-estima e do auto-respeito. Daí não pode arredar sem perder-se como dejetos. “Bahiano se acabrunhava. Agora já não era somente ódio vingativo que o dominava. A fragmentação do seu drama dia-a-dia ia lhe esclarecendo novas perspectivas.”⁶⁶⁴ Esse estado abalado abre-lhe entretanto outras formas de figuração insuspeitadas. Vive e essa é a senha do aprendizado, estar colado na experiência. Habitar o diferente propiciar-lhe-á o reconhecimento de seus pares.

A situação do Bahiano ficara definida entre os companheiros de trabalho. Era sem dúvida um moço diferente e, se veio parar na empreitada do Rogaciano, cabia: a sorte parece com os ventos. Se quando os outros sapeavam ou se enfincavam no jogo, ele ficava lendo os jornais que vinham embrulhando as mercadorias.⁶⁶⁵

O cotidiano não lhe basta, vive atinando com o diverso, com a complexidade do viver humano em suas infinitas possibilidades. Não busca um destino individual. Seu país com suas gerações projetadas do passado em direção a um futuro, que tenta entrever, é o

⁶⁶³ *B.T.*, p. 73.

⁶⁶⁴ *B.T.*, p. 74.

⁶⁶⁵ *B.T.*, p. 74

alvo de suas preocupações. Coloca questões cruciais: “Por que entre os remeiros e os vaqueiros do São Francisco quase animalizados pelo isolamento e pela miséria existia ainda uma reação criadora?”⁶⁶⁶ Seu dilema abrange o homem subalterno, diminuído em suas possibilidades por conta de uma cultura de dominação que lhe rouba o brilho e a possibilidade de vivenciar entonações inovadoras do imaginário. Tem sede de saber o que se passa além das fronteiras da fazenda. As folhas de jornal que lhe caem nas mãos servem de elo com o exterior alimentando seu apetite intelectual, dando um pouco de ar a seu espírito crítico.

O empreiteiro Rogaciano aconselhava seus homens naquela tarde de domingo em véspera de pagamento, dois agonizavam. Briga de jogo.

– É melhor se enterrar os dois sem levar ciência à justiça. Se a captura desce aqui antes do remate, Deus do céu!... Nem nós, nem a planta. Dificultará novos contratos e não teremos ganhos, nem o “manso” nascerá. Os dois se feriram mortalmente. O remédio é jogá-los na mesma cova.

Dias atrás houvera outro assassinato. Briga por causa de jogo. Matar por prevenção tinha exemplo: vinha de cima e a selva era sempre terrível, dando e tirando. Pelo menos era o que Bahiano Tietê começava a compreender. Da sua relação com ela, já desistira de matar o sargento Elói.⁶⁶⁷

O estado de natureza, a guerra de todos contra todos, de que nos fala Hobbes, assusta o “herói”. Ele desiste de entrar nesse ciclo de selvageria. Por certo, almeja uma exemplaridade lavrada em monumento ou lápide, atestando sua existência e história. Ser apagado no ermo, atirado a uma vala comum ou no anonimato de uma sepultura escondida não atenderia ao pacto de eternidade daqueles que transcendem o animal para se constituírem em exemplo de humanidade. Seu destino parece conduzi-lo a outros destinos, onde habitaria o sublime. E este pode estar reservado num simples ato de aproximar pessoas distantes, dar-lhes um sentido ante o vazio e a solidão.

Bem antes do jantar, o fiscal Ermínio Cabeça de Touro lhe falou à parte.

– Bahiano, você vai me fazer um grande favor: me escrever uma carta, e disse humildemente, como se dirigisse a uma pessoa de respeito. [...]

⁶⁶⁶ *B.T.*, p. 74.

⁶⁶⁷ *B.T.*, p. 75.

Era um pedido de casamento e procurou revelar um sentimentalismo comovente. Leu a carta para o amigo e este, pela primeira vez, entre a surpresa e a alegria exclamou:

– Bahiano, você diz as coisas como um doutor. A carta seguiu. Foram oito dias de sérias preocupações para o remetente.⁶⁶⁸

Bahiano Tietê desempenha o papel de Cupido, no manuseio eloqüente da palavra, plantando alvíssaras no coração.

– Seu Erminio, uma carta.

As mãos grossas do fiscal tremiam. Colocou-a no bolso e recuperando a calma foi recebendo as encomendas.[...]

– Lê pra mim.

Logo que passou a vista na carta, o rapaz levantou a mão e gritou: Viva!...

– Lê Bahiano pelo amor de Deus!... O *sim* do velho curvou-lhe a cabeça por um momento. Levantou-a e seus olhos estavam molhados. Aquele homem duro e perigoso voltava a ter a ternura de uma criança e pegando a mão do patrício, cochichou:

– Foi Deus quem te mandou aqui. Agora vou ser outro homem, ter minha casa, minha mulher, meus filhos e voltar ao meu nome: Pedro.⁶⁶⁹

A mulher redime o homem perdido em si e no mundo. Tem em si o atributo do pássaro que convida o parceiro para a construção do ninho. Engaja-o mesmo no território chamado família, reprodução, eternidade da espécie, imortalidade possível, de acordo com pensamento de Hannah Arendt. Se, para Ortega Y Gasset, a mulher é o único ser capaz de perder-se no Outro, o homem, em contrapartida, tem nela a possibilidade de um reencontro com seu destino. No que acabamos de presenciar, o malvado Ermínio Cabeça de Touro pode agora retomar sua identidade original, voltar a ser Pedro, saindo do estado indiferenciado da selva em que devora e pode ser devorado sem deixar rastro, para retornar ao tempo civilizatório da pedra que irá alicerçar uma nova geração. E o personagem conta sua história a Bahiano Tietê:

⁶⁶⁸ *B.T.*, p. 75.

⁶⁶⁹ *B.T.*, p. 76.

Vim para São Paulo porque um agenciador me perguntou em Bom Jardim: “Baiano, você quer ficar rico em casar com uma gringa bonita em São Paulo? O diabo se esquentava em dinheiro e mulher diferente” – e vim. Fui enganado e vendido para a conserva da Noroeste nos pantanais de Mato Grosso. Lá vivi quatro anos, quatro anos sem roupa, descalço, recebendo sempre com atraso o que mal dava para pagar os fornecedores de sal, gordura, açúcar e carne charqueada. Amigui com uma índia, tivemos filhos que morreram à míngua e ela um dia enlouqueceu e sumiu para sempre. [...] Com o pouco que sobrou fugi para Bauru e a polícia me tomou na carceragem. Era tempo de eleição e aproveitei. Fui de jagunço a bandido para os ricos e, como merecia, deixei de ser o baiano para chamar Erminio Cabeça de Touro. Fiz desgraças mas vivia em boas sombras e esperei. [...]

Depois de uma pausa, continuou:

– É ou não é uma coisa maravilhosa a derrubada tomada pelo luar?

Como Bahiano Tietê perdia-se em suas introspecções, bateu-lhe no ombro.

670

A história do fiscal deixa Bahiano Tietê introspectivo. Por certo, deveria estar a cismar sobre o processo de agenciamento do homem, deslocado de seu meio e de seu próprio eixo em fundo de sensibilidades. O homem assim se enreda nas teias de perdição face aos desígnios do Mesmo em moldes de exploração do Outro. Esse processo envolve um aprendizado da dominação que contamina a partir do topo todos os extratos sociais, formando uma grande máquina de apreensão e redução dos estados de ser-no-mundo. Ermínio reconhece em Bahiano Tietê qualidades que podem lhe valer um destino bem mais alvissareiro e decide ajudá-lo com uma recomendação a um amigo.

A carta que o fiscal Erminio trouxera para o hoteleiro lhes foi proveitosa. Este o atendeu e pessoalmente tomou providências a respeito. Foi ao Coronel Barbosão, e deixou explicada ao administrador da Fonte Azul a importância da colocação para o amigo do seu amigo e indagou: Qual a sua profissão?

– Sou contador...

– Ah! Um contador, meu caro, nesta rica terra é um navio vindo do oriente!

⁶⁷⁰ *B.T.*, p. 78-9.

Deliberado e ansioso para começar vida nova, Bahiano Tietê foi falar com o coronel. A casa era simples e sem luxo. Bateu à porta e foi atendido pelo Coronel João Barbosa. [...] E, já que o senhor está ciente, apresento-me: Bahiano Tietê, às suas ordens. Sou contador e faço serviços de escritório.⁶⁷¹

Bahiano Tietê assume a identidade de contador, o que equivale a narrar, deitar em registro os atos mercantis e financeiros, numa barganha de existências. Esse ofício tem muito a ver com seu pacto de observação do mundo, uns devorando outros. E ele, poeta ou filósofo e agora contabilista, tem nessa profissão a dimensão do preço que se paga pela vida. E essa nova profissão será a tábua de salvação a um novo chamado da barbárie.

– Eu sou mineiro e serviço sobra comigo, num alcance rendoso. Tenho uma grande gleba em litígio com uma das importantes famílias de São Paulo, zanzando no puxa-puxa da juizada boa vida! Tenho sessenta anos e dou testemunho das três felicidades: uma já tenho e basta. Nunca tive um filho, nem cantei uma modinha, mas me glorio. Já plantei uns dez milhões de cafeeiros e plantarei mais.

Tomando o ar confidencial, Coronel Barbosão prosseguiu:

– Negócio de futuro. Conto com o governador, com o Tribunal e garanto. Muita gente do alto está metida comigo. Basta dizer o secretário da Segurança me mandou cinqüenta mil tiros de fuzil, portanto, está aí, o que posso lhe fazer e desde hoje pode ir se juntar a meus homens.⁶⁷²

É constante nas narrativas de Osório Alves de Castro a tendência à punição que se abate sobre os usurpadores, os que se apropriam do sangue alheio, como uma maldição. É comum vermos os poderosos se lamentarem por não terem conseguido gerar descendência. A seqüência da cena mostra as relações incestuosas entre poder público e econômico, tentando levar tudo de roldão em suas teias de comprometimento, em que todos devem estar de mãos sujas, num pacto de fidelidade e silêncio.

Bahiano Tietê enrubescia, enquanto o coronel lhe falava e interrompeu enojado:

⁶⁷¹ *B.T.*, p. 79.

⁶⁷² *B.T.*, p. 79-80.

– Desculpe-me, coronel, sou contador!

– Me desculpe o senhor – e saiu puxando a porta rudemente. Uma náusea súbita se antepôs a qualquer pensamento e Bahiano Tietê abrigou-se em si mesmo: não era possível. Voltou ao hotel e teve uma compensação. Encontrou o administrador da fazenda, um homem amável. Expôs as condições e não esqueceu de aceitar as boas recomendações que ele trazia. Era também amigo de Cabeça de Touro...⁶⁷³

O “herói” abriga-se em sua interioridade, dobras de um mundo que sobra em seus pensamentos como ideal, baseado em princípios éticos, tendo por baliza a dignidade humana e, como práxis, a busca incansável de sua realização.

O hoteleiro veio felicitar o hóspede e este lhe falou do desentendimento com o Coronel Barbosão. Apavorado e apoplético, o homem avançou como se intencionasse estrangular o hóspede.

– Isto é verdade? É verdade?...

– Sim. Acha que vim para São Paulo para ser jagunço?⁶⁷⁴

Bahiano Tietê é incisivo. Chega aos limites da eloquência ao proferir uma frase que tenta reverter processos históricos de alienação do homem, como que dando um basta à selvageria. Ele aponta para uma transformação nos modos de idealização da existência, superando o atraso. Caminha no sentido da modernidade. E o português Chibante Sampaio, que presenciara a discussão se apresenta a Bahiano Tietê.

Ouvi o que disse ao “supra” aí, também do teu compromisso de trabalhar com o administrador Antero Fraga. Confio na tua boa estrela. [...] Tenho experiência e lhe digo. Livraste-te do polvo, mas caíste nas tenazes de uma aranha do mar, porém tua categoria não me engana.[...]

– Por que este tipo chegou a ser amigo do Cabeça de Touro?⁶⁷⁵

O português resume os perigos que rondam o personagem. Para onde quer que este se volte aí está o homem investido de peçonha espreitando suas vítimas. Mas o que não entrevê é que em sua pureza Bahiano Tietê consegue ser amigo de um assassino,

⁶⁷³ *B.T.*, p. 80.

⁶⁷⁴ *B.T.*, p. 80.

⁶⁷⁵ *B.T.*, p. 80.

captando neste lampejos de humanidade em tênues fios que sirvam de guiada para recompor o homem extraviado de seu destino, rumo a uma realização em que supere o lodaçal.

As janelas do escritório na casa da administração abriam-se para o vale raso, onde lado a lado, numa curva barroca do terreno, enfileirava-se a grande colônia da Fazenda Fonte Azul. No primeiro plano ficavam as casas dos lituanos. Cortinas coloridas, latas com ramagens penduradas no alpendre e, a frente, um pequeno jardim, com margaridas brancas e amor-perfeito. Entre os espanhóis e italianos, apesar da limpeza observada, o desejo ornamental já era um cansaço na rotina da adaptação. Os japoneses ocupavam o desnível do lado direito e iam até à beira do mangueirão, como um mundo à parte. Desuniversalizados pela auto-suficiência do império, ser estranho era uma ordem para obedecer aos contratos. Pareciam uma dor silenciosa, egoísta do seu mundo distante, onde era negada até a aproximação entre as crianças.

Do outro lado, ficavam os brasileiros e duas famílias de italianos acaboclados e os camaradas: carreiros, carroceiros, o marceneiro, os fiscais e os volantes no extremo, vis-à-vis com os japoneses.

À tarde, quando as mulheres iam buscar água nas torneiras da fonte de cimento, Bahiano Tietê sentia-se compensado.

Diferentes dos homens que se encontravam para contar vantagens, elas se confraternizavam, e sentiam a necessidade de conjugar o mesmo destino que o eito dos cafezais lhes proporcionava. Movimentavam-se numa trama de afinidades. O escrivão satisfazia-se: labutava.⁶⁷⁶

Bahiano Tietê sente o alívio de todas as tensões ao olhar as mulheres, com sua graça e espontaneidade, dádivas da natureza para colorir a existência. Aí ele parece encontrar o seu elemento e fonte de inspiração. De resto observam-se as estruturas operacionais e de segregação tentando dar eficiência ao sistema de produção. Os japoneses ensimesmados seriam o padrão maquinal de rendimento estabelecido como contraponto aos demais, os brasileiros com especialidade. Os lituanos com seus jardins mostram-se como ponto de equilíbrio e adaptação bem realizada. Seu Segismundo, o carreiro, fala das diferenças culturais e dos estereótipos que marcam o discurso das identidades.

⁶⁷⁶ *B.T.*, p. 81.

– Vê... Apontou o velho carreiro. A diferença entre as casas e a vida dos colonos estrangeiros e dos nossos parece dizer da nossa capacidade, mas não é. Seu Antero, o administrador, diz sempre: desgraçado seria o café se não fossem os estrangeiros, e isto é o mesmo que renegar o leite que nos amamentou. Duzentos anos atrás, o açúcar era a riqueza, e quem perdeu o açúcar? Os que o produziam ou os que até hoje vivem o resultado daquela vantagem? Antes dos navios despejarem nos portos os imigrantes italianos, o café já mantinha e fortalecia grupos exploradores que tinham a mesma palavra de hoje para o nosso povo: de sermos sujos, preguiçosos e vagabundos. Ouvi o comerciante Adamastor, o português, blasonar no seu negócio sem que um dedo lhe apontasse “se não fossem os japoneses, estaríamos morrendo de fome, não teríamos arroz, nem hortaliças, nem nada”. O administrador Antero me disse o mesmo, mas eu joguei-lhe na cara. – Será que duzentos anos de fome não foram capazes de dar fim a nossa caboclada e ressequir o ventre de nossas mães?... E ele respondeu cinicamente

– O tempo não tem medida para medir gente, sem isto... – e bateu na cabeça.⁶⁷⁷

Observa-se aqui um cruzamento de vozes que dão conta do “*agenciamento maquímico* de corpos reagindo uns sobre os outros” e com o meio, seja nos canaviais ou cafezais que precederam a imigração de japoneses e europeus. Concomitantemente, constata-se as “transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos” por atos e enunciados que compõem o chamado “*agenciamento coletivo de enunciação*”⁶⁷⁸. Na pluralidade de vozes da narrativa podemos notar esse jogo entre o vivenciado na base dos processos e aquilo que é enunciado, criando realidades além e aquém da realidade. O narrador defende o estatuto do povo brasileiro, que com sua luta conseguiu produção volumosa de açúcar e café. As causas da decadência canavieira estariam ligadas a práticas perversas de dominação e exploração do homem e não à sua inabilidade e preguiça. Nesse sentido a luta dos corpos em interação aponta para uma produtividade do nativo. De outra sorte, a máquina discursiva caminha no sentido de criar, em oposição e à revelia da máquina formada pelos corpos, da máquina dos processos de produção, das

⁶⁷⁷ *B.T.*, p. 81-2.

⁶⁷⁸ DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 29, vl. 2.

ferramentas, da máquina fundiária, uma virtualidade que se impõe como realidade última e consegue tributar a prosperidade à vinda dos estrangeiros, estigmatizando o brasileiro como ineficiente e a causa do atraso econômico e social. Jamais a explicação dos problemas tende para a problemática da concentração dos meios de produção, com reflexos também na distribuição de poder político, que permanece refém das elites que tolhem quaisquer iniciativas que não deságüem em seus cofres e aumento de influência.

As palavras do administrador Antero provocam uma resposta de Bahiano Tietê, que reage compreensivo, com uma de suas tiradas filosóficas: “ – Não está certo, mas justifica.⁶⁷⁹” A máquina discursiva faz a intermediação entre o ser das coisas e a conceituação que nelas buscamos. Ela alinha o ideal ao possível ou vice e versa. Mediante eufemismos e sofismas transforma o horizonte induzindo o incorpóreo ao estado de realização, em que ganha estatuto de ser. Num outro direcionamento, toma a pretensa realidade entre outros possíveis e a erige num discurso consagrador, atribuindo-lhe univocidade. Ambos os direcionamentos operam segundo parâmetros estabelecidos pela cultura ou grupo dominante. E o “herói” completa:

Coube a nós uma terra árida e, se nossa luta não é a poupança, temos explicação. Estamos enchendo nosso espaço de braços e o pensamento é um produto de condições. Isto em parte desagrada tanto aos fazendeiros quanto aos comerciantes e políticos, porque induz indisciplina a seu modo. Concorda?... Continuar somente é bobagem.⁶⁸⁰

O personagem atribui ao meio o condicionamento dos modos de produção e do próprio pensamento. E argumenta que a luta do homem nordestino não é a acumulação, mas o fornecimento de mão de obra para a construção do país. A proximidade de São Paulo com o litoral, estabelecendo-se como porta de entrada de influências européias e de diversas partes do mundo acaba por criar um parâmetro para a avaliação do homem nordestino. Este é bem vindo por se constituir numa força operacional de baixo custo. Mas seu modo particular de ser acaba agenciado num discurso redutor que abala seu estatuto de ser, induzindo um estranhamento de parte a parte. É visto de forma preconceituosa e segregacionista, no que passa a existir no limiar da agressividade e do primitivismo que assim o recria para esse existir na fronteira entre o que foi e o novo

⁶⁷⁹ *B.T.*, p. 82.

⁶⁸⁰ *B.T.*, p. 82.

espaço que se insinua problemático e desterritorializante. E Bahiano Tietê, então, fulmina: “– É um desafio de quem tem três séculos produzindo esta coisa perigosa que se chama o homem.”⁶⁸¹ Não é uma tarefa fácil. Trata-se de uma mercadoria e ao mesmo tempo de uma força que se arvora em existencialidade, buscando um equilíbrio que atenda às maquinações e agenciamentos da cultura formadora e aos da cultura do exílio. E o que não é fácil explicar por meios racionais, torna-se um maravilhar nos límpidos ares da lírica osoriana.

Bahiano Tietê revivia suas afeições generosas e voltava à poesia. A Fazenda Fonte Azul tinha uma encruzilhada, trançando causas para os seus chamados. [...] A poesia sempre foi uma coexistência da liberdade com a realidade. [...] Bahiano Tietê variava naquela promessa de dias pacíficos, e tudo para ele ia tornando a boca dum arco-íris bebendo um rio!...⁶⁸²

A fazenda apresenta-se como encruzilhada entre o passado e o presente. Aquele se instaura como espaço idealizado, povoado de pássaros, uma natureza recuperada em cores vivas pela memória afetiva e que tenta se salvar no confronto com a realidade adversa. O narrador define em poucas palavras o viver de fronteira no coração dos poetas, equilibrando como acrobata entre o sonho e o abismo, entre a exaltação e o tombo na vida consumida pelas palavras de ordem e exigências da sobrevivência. E assim, vive o personagem-poeta, nessa encruzilhada de tantos mundos possíveis, no contato dos corpos, culturas, vida interior, objetividade.

Bahiano cruzava a história, com seu monólogo:

– Taí: O artifício secular das civilizações não suportava uma hora de intimidade. A diferença que encontrava em Matilde, em relação às outras namoradas que tivera, era a de não se julgar inferior ao homem.

– Mas nada lhe demoveria de suas intenções para com a moça. Nas suas divagações sobre o amor entre muitas estava aquela de se casar com uma mulher estrangeira. Pensava naqueles dias que entre eles, não existindo história, os filhos nasceriam libertos de certas malícias. Era um acerto. Só há

⁶⁸¹ *B.T.*, p. 82.

⁶⁸² *B.T.*, p. 84.

uma maneira de amar: o resto é um equívoco no tempo de viver ou não viver. Agora já iam distanciando os passeios.⁶⁸³

Bahiano Tietê pensa que só a relação com uma mulher de outra cultura poderia livrar os seus futuros rebentos do peso discursivo, impedimento decisivo para o usufruto da liberdade. Sua proposta aponta para o agenciamento coletivo de enunciação que acaba por assegurar virtualidades enquanto presença, direcionando vidas pelo sussurro de fantasmas com pretensão à materialidade dos construtos. Admira a namorada por colocar-se em pé de igualdade, livrando-o de antemão do contencioso que oprime sua gente. O narrador desconstrói a História no que ela se apresenta como ilusão, mito que não suporta “uma hora de intimidade” numa convivência aberta, promovendo paz entre os homens. Quantas guerras e desavenças não se resolveriam nesse deixar ser das intensidades, em pacto de aceitação da igualdade de direitos entre as pessoas?

Bahiano Tietê vive momentos de encontro e felicidade que conjuga a proximidade da amada com o que de melhor pode reviver de seu passado, a exuberante natureza de sua terra natal.

Aquele domingo estava mais longe. Subiam o carreador e no topo divisor do espigão a ondagem verde do cafezal gingava balanços sombreados pelos tufos de nuvens escondendo o sol. Soprando caricioso, o vento Sul franjava os cabelos louros de Matilde, como moldura de relampeações douradas, onde os olhos mansos e joviais atiravam felicidade.

Bahiano Tietê buscava ilustrar num fundo de retratações o seu chamado.

– O Corrente, lhe digo: não existe outro rio tão bonito no mundo. Suas águas são tão claras que se vê tanto a areia branca como uma angélica, como o cascalho verde de limo... Os peixes são coloridos e nadando parecem flores açotadas pela ventania, e sente: Ah! Os peixes também se amam. E os passarinhos? Nem queira saber, nem queira!... são tantos e tantos! Brancos, azuis... As casacas de couro gralhentas e cáqui, até parece um menino escoteiro!... e o caga-sebo pequinininho nem te conto! Do tamanho de uma unha do polegar, mas piando, da tão alto e fino, é como se metessem uma agulha nos nossos ouvidos... Você vai ver, um dia iremos até lá.⁶⁸⁴

⁶⁸³ *B.T.*, p. 85.

⁶⁸⁴ *B.T.*, p. 85.

O personagem cria a ambiência para o momento sublime, que irá encher de felicidade o coração dos amantes. A natureza que encantou seus breves anos do sertão compõe com Matilde em seus braços o que pode ser da vida a moldura da eternidade.

Bahiano Tietê lançou-se sobre a moça, beijou-a e a sentiu solta nos seus braços. (O tempo, no seu curso, não é uma invenção. É o tamanho da eternidade dos homens). Por cima de suas cabeças passou um casal de sanhaços curixiando, disparados no céu; mas eles não viram os pássaros, nem a tarde arroxando-se no pôr-do-sol. Bahiano acordava do seu grande sonho e os olhos de Matilde Kalinsk parados nas primeiras estrelas ainda tinham a mesma fosforescência.⁶⁸⁵

Ao dizer: “O tempo [...] É o tamanho da eternidade dos homens.”, o narrador embarca na idéia da eternidade enquanto sucessão das gerações com que o homem projeta-se para o indefinido. Haverá o tempo enquanto houver o homem. Fora ele, não teríamos senão a sucessão inconsciente, os seres imersos em cada ato de ser. Matilde gostaria de congelar o momento, mas Bahiano Tietê é um aceno para o indefinido, se deixando levar pelos chamados. Ele aponta para uma estrela a dizer são horas. E caminham para o depois, que será inexoravelmente tragado pela impermanência.

– Ah! E levantou-se cantando aquela canção lituana que ele gostava e foram correndo e saltando. [...]

Na porta do velho Eduardo, o carpinteiro, havia um ajuntamento desusado! A febre matou sua filha de dezessete anos. Dava dó: ia se casar logo que fizessem as colheitas.

O estado sanitário da Fazenda Fonte Azul se tornou alarmante com a primeira morte: havia muitas pessoas atacadas de febre e o médico disse que já viera duas vezes atendê-las, não conseguia dominar o “andaço”.⁶⁸⁶

Os jovens enamorados fazem a transição brusca do idílico paraíso às regiões infernais como se na passagem de um limiar o mundo desse voltas. E o que fora o amor com aptidões para o eterno se finda no fio da canção que termina para deixar sangrar a desdita, bem mais constante no caminho dos pobres mortais. Amor e morte não deixam

⁶⁸⁵ *B.T.*, p. 86.

⁶⁸⁶ *B.T.*, p. 86.

de ser o contraponto da vida. Se Bahiano Tietê conheceu o amor como deveras sonhara, agora o encanto está quebrado. O tempo é de morte, traições. A besta humana se faz presente ao arrepio dos amantes.

À noite morreram duas crianças, e o chofer disse para seu Segismundo, o encarregado do transporte

– Talvez estes *sejem* os últimos que levo: minha cabeça é uma brasa, e a boca mostra. É a febre que vem chegando.

Os serviços relaxavam e o administrador convocou uma reunião entre os fiscais, seu Segismundo dos transportes e o escrivão. [...] – Doença está com quem gosta da cama. [...] – Apoiado! Sou pela dureza. [...]

Logo que saíram, Bahiano Tietê chamou o administrador em particular.

– O certo é mandarmos um litro de água que se usa para o laboratório de análises em São Paulo. Escreveremos avisando ao Dr. Pilares para apressar o exame. Enquanto não chegar a resposta, vamos dar ordem para que só bebam água fervida.

– Ah! Isto não. É fazer crescer o alarma. Já pensou num estouro na colônia? Fugindo por causa da peste?... Depois onde iremos buscar gente para fazer a colheita, num lugar marcado pela morte?...⁶⁸⁷

As mortes se sucediam, a fazenda estava em alvoroço. O resultado dos exames apontaram para tifo, o que o administrador deu ordens cabais para ocultar.

– Escrivão, sou seu amigo, mas lhe previno: o segredo é a alma do negócio. Defendo os interesses do patrão, e aqui está!

Botou o revólver em cima da mesa. O segredo está entre nós dois.

Bahiano tentou ainda convencê-lo de que deveriam recomendar a água fervida, mas Antero Fraga foi irreplicável. [...]

“Não é somente um ladrão: também, assassino e covarde” – disse de si para si. Já tinha visto ele ferver a água escondido e encher a moringa.⁶⁸⁸

Bahiano Tietê caminha no sentido da revolta. A indignação vai num crescendo.

⁶⁸⁷ *B.T.*, p. 87.

⁶⁸⁸ *B.T.*, p. 88.

Olguinha morreu e ainda estava acesa a barra arroxeadada do crepúsculo na lombada do poente. A morte da menina sacudiu a colônia desesperada. Matilde foi falar com Bahiano Tietê no escritório. Encontrou-o chorando. Depois de meditar um pouco, lhe disse:

– Vou ter um filho. Ereta e calma cravou-lhe os mansos olhos azuis. Como um sonâmbulo, cambaleando, chegou até ela. Sentiu o hálito e o calor do seu corpo.⁶⁸⁹

O “herói” chora pelo destino dos desgraçados, sujeitos a um tanto de injustiças que fariam escapar a alma, não fossem a fé e uma vontade mesmo de continuar, cristalizando utopias. Matilde, uma mulher forte e decidida, tem o fio do destino. Carrega um filho que vem se somar a todos os sobressaltos de Bahiano Tietê. A notícia traz um abalo, nesse mundo de impossibilidades. Seria mais um a seguir a sina dos desgraçados, apanhando dos donos do mundo. Enquanto ele claudica, sucumbindo às dúvidas, a namorada decide o destino dos dois.

Adiantando Matilde Kalinsk decidia:

– Vou tocar o sino e você explicará tudo. As batidas soaram apavorantes. Toda a colônia abalou-se e um a um vieram se aglomerando diante da sede iluminada. Fora de hora, o sino só tocava desgraças. Vieram os fiscais com suas armas, mulheres com os filhos e até alguns doentes, carregados ou arrastando-se como espectros fugindo das sombras.

Do alpendre o escrivão Bahiano Tietê começou a falar: ...⁶⁹⁰

Ele, então, fala da febre tifóide que se alastra e conclama todos a fugirem. Ficaria para assumir as responsabilidades, o que não é aceito pela comunidade que o institui como guia. Já próximos da estação, são detidos. Bahiano Tietê, acusado pelo administrador de mentor da revolta é condenado ao exílio no Mato Grosso. Antes de embarcar é espancado exemplarmente. Falta-lhe novamente o chão em que aprouvera lançar raízes ao lado da amada. O “herói” é impelido para além de seus próprios limites. O princípio diabólico, no sentido da ultrapassagem de limites, nega-lhe a ancoragem: ter uma mulher, filhos a quem pudesse se dedicar, criar raízes. “O senhor das metamorfoses”, conforme argumentam Deleuze e Guattari, “se opõe ao rei hierático invariante.”

⁶⁸⁹ *B.T.*, p. 90.

⁶⁹⁰ *B.T.*, p. 90

Assiste-se a uma transformação de substâncias e uma dissolução das formas, passagem ao limite ou fuga dos contornos, em benefício das forças fluidas, dos fluxos, do ar, da luz, da matéria, que fazem com que um corpo ou uma palavra não se detenham em qualquer ponto preciso.⁶⁹¹

Está aí o princípio da impermanência, tudo em permanente fluxo, desterritorializando-se. Um ímpeto que os poderosos tentam deter, preservando posições, enquanto os deserdados, os manipulados em lógica de estagnação do ser, serão em sentido inverso levados a um expediente alucinatório, para que lhes falte o solo propulsor de vida e da tomada de posição em direção ao ter e ao ser. Bahiano Tietê pecara contra essa lógica ao tentar a afirmação do diverso em táticas de fuga e apropriação do direito à vida, efetuando movimentos de desterritorialização, reterritorialização. Movimento e fixidez tornam-se assim portadores de sentidos contrários, a depender da origem e destino dos fluxos.

Houve um silêncio. Bahiano Tietê tentava procurar com os olhos irrigados alguém nos caminhões. E viu, ligeiramente, Matilde que não lhe enganaria.

O fiscal Bolão, soltando uma gargalhada, berrou zombeteiro:

– Ele está procurando ver a pobre menina que desonrou... Vejam que bandido!... e cochichou: – Ouviu, escrivão filho de uma puta? Hoje vou dormir com sua fêmea. Deu um passo atrás e desferiu um bofetão no rosto do rapaz.⁶⁹²

Presencia-se aqui o assédio à última fronteira do ser. O Bahiano é usurpado naquilo que seria o ponto de afirmação de sua condição de homem, pai de família e cidadão com direitos e deveres. Vai tudo de roldão nesse assalto à dignidade e à inocência do cantador do sertão, escrevinhador dos negócios e das efusões de encantamento. Ele, o homem de lugar nenhum, é mais uma vez lançado para além de si, justamente no momento em que o amor, na figura amorável e determinada de Matilde, capturava-o numa atmosfera. Isso o deixaria fatalmente mais dono de si, ancorado numa identidade.

⁶⁹¹ DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 57, vl. II.

⁶⁹² *B.T.*, p. 93.

Sol alto. Um homem sem encontrar a própria sombra: era um jovem, mas parecia trazer a idade do mundo. A paisagem ia minguando no seu desajuste de vagante, solto nas precipitações dos rebates... Andou mais e não tardou a sentir. Era o cheiro do rio lá embaixo deslizando silencioso.⁶⁹³

A vida de Bahiano Tietê se faz em constantes saltos para o abismo, vertigem. Como se tivesse sido privado de sua sombra, parece condenado ao eterno devir. O trauma parece usurpar-lhe o passado e negar-lhe a possibilidade de um futuro. Tudo parece murchar à sua passagem. O mundo apresenta-se em permanente prospecção, testando fronteiras e formas de se construir que de um momento para outro vêm abaixo. Assim não lhe resta senão a possibilidade do recomeço tendo como elementos a voz de sua existência em contraponto com as vozes que trazem os ecos da história de sua raça, lhe dando a impressão de carregar o mundo.

A fadiga tomava conta do corpo estropiado e nem por isso ele se detinha. Continuou andando, procurando encontrar suas coisas perdidas... – Mato Grosso era uma liberdade e todas elas vieram chegando uma a uma, na seqüência de sua memória apaziguada. Lembrava-se. Recebera um golpe na cabeça e o sangue escorrendo turvou-lhe a vista que ainda prendia a imagem de Matilde Kalinsk! Ah!... e ficou no seu vulto a força da dignidade humana.⁶⁹⁴

É como se a figura da amada tivesse ficado impressa na retina sob a cortina de sangue que a impedia de se dissipar. O narrador aqui recorre mais uma vez à figura da mulher como símbolo da dignidade. Foi ela, com sua força moral, que colocou a própria felicidade numa roleta. Para se perder ou mudar a sorte de sua gente, levou o namorado a uma tomada de posição em que colocaria em xeque a segurança e bem-estar pessoais, legando à posteridade um exemplo de ética e solidariedade. Mais uma vez o “herói” se vê diante do seu nada, tentando juntar seus fragmentos, os destroços das lembranças que o compõem, como ídolo esfacelado.

Por que Mato Grosso era uma liberdade? Para morrer ou esperar? [...] Um trabalhador da conserva viu quando ele saltava, mas baixou os olhos e

⁶⁹³ *B.T.*, p. 93.

⁶⁹⁴ *B.T.*, p. 93.

continuou indiferente a fazer o serviço. Agora estava livre e a suposição de que se afastando do passado tornava-se mais livre ia deixando de existir. Andava. Precisava procurar as suas coisas perdidas e foi coordenando. Primeiro o banho. O rio estava lá embaixo; podia ver, entre o claro da ramagem, uma nesga das águas se indo.⁶⁹⁵

O trabalhador da estrada de ferro faz aqui o mesmo papel da Mãe-d'Água, “–Larguem o Bahiano para que ele cumpra sua sina.” Ele deixa, simbolicamente, que o fado faça das suas artes, para ver o que vinga nessa tônica de suspeições e arremates de destinos, que é a vida enigma ou loteria, consumação de todos os imponderáveis brincando de azar com os pobres mortais, homens na fronteira do não ser. O narrador-filósofo coloca aqui mais um de seus problemas ao duvidar que o afastamento do passado tornaria o homem mais livre. Seguindo a linha de pensamento de Jean-Yves e Marc Tadié, poderíamos afirmar que um homem sem passado, que tivesse apagado sua memória, deixaria de existir enquanto ser social, e passaria então a viver sua “liberdade” biológica, marcada pelos instintos. Ele deixaria de ser, ausentando-se de qualquer identidade. Para os irmãos Tadié “É nossa memória que unifica nossa personalidade”. Sem ela seríamos um grande vazio. Para esses autores a memória é uma sinfonia em quatro movimentos: aquisição, conservação, transformação e expressão. O ato da lembrança vai da aquisição à transformação, e depois à reatualização imaginária.⁶⁹⁶ E a memória humana é antes de tudo afetiva e imaginativa, longe de ser um reservatório de lembranças.⁶⁹⁷ O sentimento de liberdade que se apossa do personagem Bahiano Tietê, perpassa vários sentidos. Ele tem a sensação do homem ante a imensidão pouco povoada, que aporta uma outra existencialidade. Seria aí o homem desenraizado começando do nada, atendendo sua falta de expectativas e propensão ao emaranhado vertiginoso de conexões que impede uma fixação. Poderíamos aventar também um sentimento de plenitude pelo o salto mortal que dera, atrelado a uma ética. Arriscou a própria pele para além da felicidade que se lhe apresentava. Tal passo deixou seu espírito em situação confortável, na qualidade de instrumento agenciado pelo desenrolar dos fatos e preponderantemente pela atitude firme de Matilde que lhe subtraíra ao torpor. O personagem chega ao delírio de supor poder passar o apagador no passado, para ser apenas devir. Imagina que poderia viver no eterno presente, um *carpe diem* que apagaria a história para se fazer

⁶⁹⁵ B.T., p. 95.

⁶⁹⁶ TADIÉ, 1999, p. 11.

⁶⁹⁷ TADIÉ, 1999, p. 15.

historicidade traçada pelas sensibilidades que se voltam para o momento, numa abertura vertiginosa para a vida. Podemos considerar que a história dos deserdados no país aponta para essa superficialidade, dada a dificuldade de fundamentação do ser, pela falta de reconhecimento do indivíduo enquanto portador de direitos. Isso passaria eloqüentemente por sua participação nos meios de produção. O personagem sente, entretanto, a impossibilidade de se livrar de seu passado. Melhor seria reinventá-lo, rearticulando as lembranças, o que lhe proporcionaria uma identidade provisória, fruto da sua imaginação.

Num giro lento, Bahiano Tietê esbarrou num pasmo: era um homem.

– Ah! – Desperto, lavou os olhos com o dedos e aproximou-se. – O senhor pode me ensinar o caminho para Três Lagoas? – Como não! Vou para lá e podemos ir juntos. O amigo é baiano? – e antes de ter a resposta o velho pescador começou a conversa. – Chamo-me Paulo Pereira, pedreiro e mestre de obras em Três Lagoas.

De primeira vista, o velho desmerecia suspeita. Era um homem de média estatura, olhos vivos, branco com traços inconfundíveis na cara, onde o sangue índio de São Paulo ainda resistia à invasão européia.

– Você vai gostar da cidade e, sem perder sua habitual ironia, acrescentou: É um purgatório onde os nambus podem readquirir suas asas.⁶⁹⁸

Os vastos espaços do interior do Brasil apresentam-se como o reino das oportunidades abertas ao recomeço. Na natureza selvagem o homem desgarrado pode buscar uma nova fusão dos estados de ser atropelados pela vida. Nesse remanso das grandes correntes de subjetivação o personagem poderá ancorar-se em uma nova subjetividade, como aponta a metáfora do narrador, criar novamente asas. “ Bahiano Tietê não encontrou dificuldade para se colocar. Dois meses depois era o chefe de contabilidade de uma importante organização comercial do Estado.”⁶⁹⁹

O personagem Paulo Pereira fala dos caprichos da história.

– Quando o Conselheiro levantou esta sobra humana abandonada pelo Estado, pela Religião e injuriada pelos letrados, calculem... Que profundidade e conseqüências terríveis não tomaria Canudos?... Se antes o

⁶⁹⁸ *B.T.*, p. 95.

⁶⁹⁹ *B.T.*, p. 96.

advento do café como produto de relação humana não arrastasse para as fazendas de São Paulo milhares de homens infelizes e injustiçados já tocados pelos reflexos do mundo em transformação? Liquidariam a República pela vergonha de si mesmos.⁷⁰⁰

O café teria salvo a República, reduzindo tensões e, sobretudo, o contingente de miseráveis que perambulava pelo sertão do Nordeste, entre o messianismo e o cangaço. E a discussão tende para a idéia de São Paulo como locomotiva do Brasil, integrando diferentes etnias e levando o país a sair do atraso secular. “–Diante desta realidade quem poderá contestar que São Paulo não está sendo o centro da integração e da unidade nacional? Que o café, atendendo o advento da abolição, deu ao homem livre o segredo de si mesmo?”⁷⁰¹ A idéia enigmática de um segredo do homem faz-nos pensar nos currais coronelísticos dos sertões, cujas porteiras represando o imaginário foram escancaradas com as possibilidades abertas pela abolição e a cultura cafeeira. Na realidade, poucos puderam usufruir do movimento cartorial de liberação e da nova vida no exílio. Nas mais das vezes, a expectativa de maior liberdade e reconhecimento aberta pela abolição e movimentos migratórios se revelou enganosa. No exílio, o nordestino iria se defrontar com uma forma não menos desumana de dominação e negação dos direitos fundamentais do homem. Talvez esse “segredo” esteja na revelação da universalidade da exploração dos muitos pelos Mesmos.

Bahiano Tietê, diante de um rapaz que morara em Cafelândia, inventa uma história para colher notícias de Matilde. O relato que ouve o coloca como espectador impotente do próprio destino e o daqueles a quem amava.

– Eu tinha um primo-irmão em Cafelândia de quem nunca mais tive notícias. Você que trabalhava no comércio pode me dar um roteiro. Estive há dois anos com ele naquela cidade, e ele me disse que trabalhava no município como escrivão da fazenda Fonte Azul.

– Ah!... Vocês não souberam? Desembarquei em Cafelândia e o caso estava na boca do povo. Diziam do escrivão que comandou uma greve de colonos e volantes, e tentaram incendiar a propriedade. Acabaram sendo destinados para Mato Grosso. Pior foi para os lituanos. Revoltaram-se novamente, foram presos e botados barra a fora, felizmente! Gente ruim... A

⁷⁰⁰ *B.T.*, p. 100.

⁷⁰¹ *B.T.*, p. 100.

tal moça, o motivo de todo o embrulho – dizem: era um pedaço, – estava grávida do escrivão e foi soltar a criança por este mundo afora.

Bahiano procurou conter-se. Sentiu o olhar manso do velho Paulo participando.⁷⁰²

Bahiano Tietê torna-se coadjuvante da História. Ele reedita o que foi no Brasil a formação populacional: uma raça de proscritos, lançada no mundo, constituindo-se num povo estrangeiro em seu próprio país natal. Este já seria o segundo ou terceiro filho, todos largados no mundo para colher sua sorte no que mais pudesse a vida pesar. Ele procura ter notícias de Matilde, por carta ao Departamento de Emigração. A resposta aponta para uma quase impossibilidade de vir um dia a reencontrá-la.

– Desânimo?... Receio é me acostumar com os epílogos. Como será a história da minha vida?

– Ou a de nós todos? – ponderou o velho sentencioso. Da história do povoamento do Brasil, com os seus terríveis conflitos morais e sentimentais e deste destino que a imensidade nos impõe, não podemos fugir. O sertão ainda está presente e nos permite a imposição patriarcal de continuar. O que poderemos dar aos grandes espaços? A vida ou a expectativa do lucro imediato para restabelecer a volta do indivíduo feroz e absoluto?⁷⁰³

O velho Paulo aponta filosoficamente para o sertão como uma realidade presente, marcada pela permanência do atraso institucional e das relações dos gêneros, apesar do bafejo de idéias liberais e de mercado, vindas dos países centrais a criar um lustro de civilização e modernidade nas cidades do litoral. Além das aparências o que se observa é o mesmo centralismo das decisões na figura do macho e possuidor. O questionamento final impõe um repensar a vida em seus grandes direcionamentos. Pergunta esta que ainda se encontra no ar, a nos confrontar entre a opção mercantil que degenera em barbárie e a salvação pela busca de um modo alternativo à degradação da biosfera e extinção da vida.

E novos sobressaltos ocorrem, de modo a embaralhar vidas e destinos. Estoura uma revolução em São Paulo. Com a agitação política que tem lugar, seguida da queda do

⁷⁰² *B.T.*, p. 101.

⁷⁰³ *B.T.*, p. 102.

governo, Bahiano Tietê resolve retornar àquele estado. E decide-se por uma nova transformação. Quer voltar a sua identidade natural.

Bahiano Tietê decidiu. Teria de recomeçar sua vida lá onde sofrera o grau de revés e acreditava. Seria o melhor caminho para reencontrar-se consigo e com suas esperanças. [...]

– Fica assentado. Volto à minha velha identificação. Este nome de Bahiano Tietê vai acabar e responderei novamente por meu nome de família.

– Nunca, nunca. “O homem, já disseram: – só se comove com seu próprio destino. Mesmo que não queira, nunca afastará da terra a necessidade de confundir-se com o que lhe toca”.⁷⁰⁴

É marcante como o narrador trabalha ostensivamente a questão da identidade: saber quem somos, perante nós mesmos e como nos projetamos para o mundo. O “herói” pretende uma regressão, num gesto de resgate de seu ser a partir do momento em que, ainda jovem, sofreu o primeiro impacto desterritorializante do ser em unidade com o mundo. Trata-se de uma atitude de retomada do melhor de seus anos guardado no íntimo, a memória afetiva daquele tempo em que vivia a integralidade do ser em linha de percepção imanente com os fenômenos da vida. O personagem retoma suas linhas de força, um caminho inevitável que o leva a abortar a transcendência, a tendência ao estoicismo que o fazia esquecer os próprios males ao voltar-se para as dores do mundo. Agora, pretende retomar o homem em suas bases existenciais, colocando a pele ao sol para ser acariciada ou chamuscada, mas tendo em mente o próprio corpo, humanamente mortal, afetado pelo prazer e pela dor. O primeiro passo é retomar o nome de batismo, Orindo Brotas, a armadura do seu ser.

⁷⁰⁴ *B.T.*, p. 105

VI O sertão para além do humano, terra do mito e do bicho homem animal à espreita

Retorna à cena Joviano, envolvido nos trabalhos da fazenda Consulta ou do Lagamá-Jusan. O personagem habita um dentro e fora desse mundo selvagem, perdido no ermo. Sua existência é marcada pelo desconforto. Vive o tempo da memória, povoado pelas lembranças que construiu a partir dos acontecimentos que o vitimaram na infância e juventude. Pensa nos companheiros esparramados no mundo. Vive num tempo que não é o seu, mas o das narrativas que dominam sua imaginação.

Joviano José de Souza, trotando pelas campinas afastadas do seu imenso latifúndio do Consulta, não a esquecia.

– Onde estarão todos eles, meus irmãos de sina ajuntados e soltos no mundo pelas decisões da tia Gatona?... O que estariam fazendo? – Gostava do descampado, onde lhe era mais fácil encontrar-se consigo mesmo.⁷⁰⁵

A cena mostra o homem em busca de si, tendo no descampado o lugar de encontro consigo, um *topos* que se afirma simbólico. Assim como o altar, o silêncio dos campos a perder de vista representa o limiar. É necessário olhar para a amplitude, o infinito das campinas encontrando-se com o céu para poder se achar, juntamente com seus fantasmas. O homem aí reduzido a sua irrelevância pode finalmente se enxergar em sua fragilidade e fantasias. A grandiosidade da natureza o coloca em seu lugar, afrouxando agenciamentos da cultura nas afecções do imaginário, em zonas de disputar a sorte e marcar uma sobrevida. O bucólico agiria sobre seus nervos como uma liberação ao contencioso dos chamados cotidianos, promovendo uma abertura para o interior.

Os agenciamentos de enunciação dão margem a transformações incorpóreas, no riscado das atmosferas desviantes no mundo sertão, agindo sobre a materialidade dos corpos. “O Consulta, apesar de afastado e perdido naquele sertãozão, palpitava nas conversas cheias das coisas e da vida de Sansão Paulista, fechado nos mistérios.”⁷⁰⁶ Os mitos e histórias maravilhosas ganham poder de deslocamento, exercendo força de presença.

⁷⁰⁵ B.T., p. 109.

⁷⁰⁶ B.T., p. 109.

Aquela dos cavalos alarmeiros, como das araras vermelhas, a que ele, desertado por crime de amor, ensinou a falar como gente e repetir um nome de mulher, satisfazia. Um dia ele mesmo teve a curiosidade de ir até o segredo do velho e este explicou: não era não, mas precisava. Fiz correr nas vaquejadas o ensino que tinha dado aos cavalos e às araras para ajudar a defender o Consulta. E quando se deu o fogo na água da Ema Coxé, e vencemos o bando ladrão do Capa-Rosa, a nova se espalhou e foi repetindo-se e andando até chegar nas cantigas dos vaqueiros de Angical a Correntina. De que as araras vermelhas davam aviso do inimigo e repetiam um nome. E insisti: – Um nome de quem?... Mas ele, mudando de conversa começou a contar história de índios, dos jabotis e das treitas do veado suçuapara, o dos vis-a-vis dos bichos e das gentes.⁷⁰⁷

As histórias que o velho Sansão Paulista espalhava já haviam ascendido ao estrato mítico em que ganham status de verdade. Despertavam temores, ajudando a proteger a fazenda, dos invasores. Pode-se admitir que elas faziam deslizar palavras de ordem, agenciando atitudes e causando desdobramentos.

O Consulta despovoado, carente de braços para trabalhar serve de exemplo a um mundo que se esvazia pela migração, colocando em xeque o espaço coronelista de poder.

– Tudo vai bem. Dinheiro ta sobrando mas o problema está na falta de gente. Ninguém agüenta o Consulta e não escondem. A campina sem fim lá dizendo: o verde é amargo. Já não é mais um problema o rendimento, as benfeitorias. O certo é que estamos ficando sós. E fazer o que com cinco homens?

Os cavalos e os jegues voltarão à selvageria, continuarão rendendo e hoje ou amanhã, longe do mundo, o Consulta irá mesmo se empapar novamente de sangue. [...] A fortuna é como o mel; se atraí as abelhas e os beija-flores, também atraí as tataíras e as cobras venenosas. [...]

– O consulta, pelo que tenho prova, já foi destruído três vezes. Lutas de heranças, assaltos, traições, inveja e por todos os males que moram no pensamento das criaturas tomadas pela ambição e pelo medo... Demais o sertão continua a ser um chamado e um mistério perigoso.⁷⁰⁸

⁷⁰⁷ B.T., p. 109-10.

⁷⁰⁸ B.T., p. 110-11.

O Consulta aparece como uma terra de ninguém. Rica, desperta a cobiça de muitos. E parece encerrar uma maldição. Talvez por ser o espaço da usura e da injustiça: um vasto território que abrigaria centenas de famílias, entregue ao domínio de uma só pessoa. É uma espécie de paraíso perdido em que os animais falam com os homens e estabelecem com eles um pacto de sobrevivência. Um espaço por demais tentador para aqueles que buscam o absoluto em tentativas de seqüestro do Outro, nas potencialidades do Mesmo.

O país em sua totalidade é equiparado a esse espaço da aventura aberto ao homem destemido buscando realização: “...O Brasil, de ponta a ponta, é um sertão maciço. Como antigamente, o seu encanto faz trançar e pousar os homens pelas lonjuras sem fim...”⁷⁰⁹ E esse isolamento resulta num sentimento de vazio. Ao homem não se conforma com uma liberdade indefinida. A sociabilidade é sua marca.

– Aproveito hoje para comunicar todos novas deliberações para o Consulta. Somos dez pessoas livres, mas angustiadas com o isolamento. Temos a fartura e a paz, mas não é o bastante para sermos felizes. Precisamos de mais gente, homens, mulheres e crianças que virão. E nestas terras, poderá ser construído um povoado com melhores residências, igreja, escola, lojas, ofícios e divertimentos e farmácias. Até o fim da semana partirei para Angical, São Desidério, Barreiras; e Sansão Paulista para Correntina, Santa Ana dos Brejos e traremos moços e famílias para povoar as nossas terras e cabeceiras. Roque Preto e Sá das Dores, levando montarias adstras e recomendações a meu cunhado para serem supridos em maiores necessidades e trazer mulheres desembaraçadas, moças, donzelas e casadeiras.⁷¹⁰

Assim como as donzelas, Joviano sabe da necessidade das mulheres profissionais, para atender aos solteiros, aliviando tensões.

O Consulta reanimou-se. Seu Macedo, o carpinteiro, apressou as construções. [...] A última foi a casa das mulheres, um pouco afastada e de quem seu Macedo fazia juízo complacente: sempre existiram, é preciso e Deus já disse: Crescei e multiplicai – e tinha razão. A prostituição nos

⁷⁰⁹ *B.T.*, p. 111.

⁷¹⁰ *B.T.*, p. 114.

sertões desertos e pobres não era um lucro e sim uma troca e por tal tinha suas virtudes: vendia a vida. E entre o sonho e a solidão era uma assistência.⁷¹¹

A religiosidade nos sertões tem uma plasticidade, para além dos dogmas, tentando dar fôlego à vida em suas premências. O narrador aponta para o papel social relevante prestado pelas prostitutas, uma atividade que afinal de contas serviria de iniciação e livre curso a um dos preceitos divinos, a procriação.

O sertão dos tratos bravios com os elementos rebelados aporta beleza, nos modos de ser e dizer das gentes lançadas na vida, em horas de muito brilho do narrador.

Quinca Quixaba explicava:

– Fisquei um poldro preto retinto, da raça do azulão. Bicho azougado, tem o capeta no corpo e basta! Enquanto urra, morde, vira o cão didivera: escoiceia pra render São Jerônimo, Santa bárbara dando ingerência...Vai ser a prova e te juro. Desmanchador de porfia só o duro meu senhor, e topo. Temos de fazer a aposta e quem ganhar no desafio será o dono da menina mais bonita. [...]

– Tá valendo. Não sou vaqueiro de égua e mando – disse Henrique Bigodinho rodando o laço. Alinhou o trançado no pescoço do poldro, emborogodou o doido na poeira, e Joviano intrometeu-se num bote certo. Escorregou no couro, sujigou o danado, deu o golpe e o tombo mereceu.

– Bonito patrão... macho mesmo... – foi uma voz só.

Lupe, numa destreza assanhada, colocou o cabresto no queixo do sacudo, e cada qual apressando valia, chegou o tal no moirão. Veio a sela, a brida e seu Macedo, se fazendo mestre de obra feita, gritou invejando:

– Acocha a silha até tinir: quero ver! Na espora e na tala relaciona fazer uma equipardeira. [...]

Um urro de satisfação se esprou pelo raso da campina. Lucinha correu pra apreciar. Golpeavam a tristeza do Consulta naquela vivência de lidâncias e ah!... – Deus do céu!

– Nós as mulheres temos razão: os homens ficam variados não sei porquê. Mas... – felizmente os cavalos às vezes ajudam eles a esquecer este mundo ao redor que lhes faz perder a cabeça.

⁷¹¹ B.T., p. 114.

Joviano saltou nos arreios, com a rédea na mão. A alegria instintiva dos presentes confundiu-se nos arrancos e nos saltos do animal desesperado. Furioso, rodava, urrava, comido de esporas e retalhado de relhadas.

– Raça do Azulão, vejo, estoriada aí no valer da coragem macha.⁷¹²

A descendência de Azulão faz no coração dos homens ressentidos um momento de espanto, pura exaltação da força selvagem. Aquele cavalo, elevado à condição de mito, rendera histórias. Uma delas bem fala da vingança afiançada por Seu Necão Gomes em terras paulistas. Foi um acerto de contas com quem humilhara o animal simbólico em sua agonia, ao termo de uma vida feita de pura beleza, en-cantada por violeiros e contadores de causos nas lonjuras do sertão.

As mulheres pasmam com esses momentos de entrega, diálogo ancestral entre os homens e os cavalos, que faz com que os companheiros acalmem. E o vaqueiro consciente não permite maus tratos com os animais. “– Toma soberbo – gritou Luizinho novato. – Pára! Não se deve insultar um cavalo. Ele se afrouxa e não fica amigo do homem, protestou Lupe.”⁷¹³ Os homens assim como os cavalos são sensíveis aos maus tratos. Perdem a auto-confiança e a auto-estima, em virtude da imagem depreciada no olhar do Outro que o olha e em que se vê espelhado. A máxima bem reflete o espírito do ser nordestino em sintonia com o ser animal, percebendo os atributos necessários à sobrevivência nesse meio hostil. Essa atitude é marcada pelo respeito e reverência aos fortes e insubmissos. Estas são qualidades que se colam como ideologia do ser nordestino, marcando com precisão o que se espera de um homem.

Joviano busca um novo pacto de produtividade e convivência com seus trabalhadores, procurando redimir o homem à sua condição de proscrito, abandonado pela própria Mãe-Terra sertão do Brasil.

A ceia servida em uma mesa rústica de achas de buritizeiro quebrou as velhas tradições entre patrões e trabalhadores. Joviano jurou seguir a opinião do finado Necão Gomes e nunca consentir agregações em suas terras e por isto novas relações de trabalho passaram a ser a primeira experiência naquele mundo distante onde só a vontade do dono era a lei, sem negar respeito à condição humana dos seus auxiliares.⁷¹⁴

⁷¹² *B.T.*, p. 115.

⁷¹³ *B.T.*, p. 116.

⁷¹⁴ *B.T.*, p. 117.

Joviano faz um discurso, lembrando o respeito de seu falecido sogro, Necão Gomes, pelos cavalos, assim como do prazer que ele sentiria se pudesse estar ali presente, confraternizando com seus trabalhadores:

...homem generoso e às vezes, quando precisava, duro, mesmo contra certas maldades. Foi um vaqueiro leal e de sua paixão pelos cavalos resulta agora esta reunião no meio do sertão distante do mundo. Imagino como ele seria feliz se estivesse aqui entre nós falando da dignidade dos cavalos que sofrem e amam como as criaturas humanas, que brigam e se matam entre eles, mas, se selvagens ou não, gostam de ser livres e de viver a vida dura e difícil de companheiro dos homens [...]

– ... Estamos neste fim de mundo criando cavalos e os muares para ajudar a reunir as criaturas.⁷¹⁵

Um discurso carregado de sentimento e consciência do trabalho árduo que esses animais realizam, ajudando a promover encontros. Joviano, um homem sensível, tocado pelas saudades do sogro amigo e dos companheiros que se foram, conhece como ninguém o peso da separação. Por isto, sente-se orgulhoso em produzir os meios de reunir os que estão longe, levando felicidade aos que aguardam na solidão.

Aqui, também, como se dera em *Maria fecha a porta prau o boi não te pegar*, o narrador deixa transpirar a ideologia do autor implícito com ares socializantes. Assim como na Fundação do Araçá do Mel, aqui instaura-se um modelo de produção diferenciado, visando recuperar a auto-confiança, o auto-respeito e a auto-estima de um povo submetido por gerações incontáveis a toda sorte de rebaixamentos e negação de sua condição humana.

O trabalho dividido e organizado entre homens e mulheres ia fazendo desaparecer aos poucos os aspectos primitivos da devastação nas relações sentimentais e produtivas da comunidade em formação. A crueldade dos negros após séculos de domínio e escravatura era absorvida no empenho de uma nova vida ajudada pela natureza e pela consciência advinda das necessidades de sobreviver. A feição física e humana do Consulta demudava e estava ali até na intransigência do velho Sansão Paulista satisfeito,

⁷¹⁵ B.T., p. 117.

procurando dar aos recém-chegados os segredos da terra misteriosa: as suas “inclemências e seus amparos”.⁷¹⁶

O narrador passa um recado claro aos que assumem o ressentimento como configuração do ser num embate eterno com a história, em vez de buscar a ultrapassagem das limitações, no desenvolvimento obsessivo de habilidades e competências, afirmando a igualdade dos homens. Esse parece ser o caminho trilhado pelo “herói”. Sansão Paulista, voltando de uma viagem pelo São Francisco, traz uma carta de Orindo em que dizia estar estudando “para um dia poder aliviar seus ressentimentos”.

Joviano ficou confuso [...] – Ele tinha também um ressentimento e, como Orindo, estava certo. Cobraria um dia o seu quinhão... Naquele dia voltou a sentir a inquietação que sempre afligia quando via o amigo com os olhos enfiados no ar, como se estivesse vendo coisas para ele invisíveis. Lembrava-se da tia Gatona quando lhe dizia: “Deixa, ele é assim mesmo”. Que seria esse assim mesmo da velha?⁷¹⁷

Orindo, pensador, é uma grande interrogação para a gente simples. Aqui o narrador estabelece fronteiras entre ação e observação intelectual. Marca a diferença entre os que estão imersos no mundo, sem distanciamento crítico, aceitando com facilidade o que a sorte e os aparatos de dominação impõem, e os que se abstraem como o nosso “herói”, para poder olhar em perspectiva. Esses tentam desvendar a natureza das coisas, os modos de apreensão do ser que culminam na alienação.

Joviano também vive um dilema interior que o deixa alheio às coisas. Parece seguir os passos do amigo Orindo, em permanente expectativa, tentando achar respostas. Parece preso a sua enorme liberdade, ofertada pela vastidão do latifúndio e por sua condição de macho, possuidor, de acordo com a ética do mandonismo. Mas ele foge a esse figurino. Sua índole sensível o impele a pensar o mundo em suas relações.

Lucinha passou como os demais a assustar-se com a tristeza de Joviano e naquele dia abriu-se para a velha.

⁷¹⁶ *B.T.*, p. 118-9.

⁷¹⁷ *B.T.*, p. 120.

– Ele, sim e não, fica mais longe, parece que quer fugir, que tem medo de coisas invisíveis e fala do Orindo, dos outros, do papai... As duas mulheres ficaram como se estivessem à espera de uma resposta, até que Lucinha quase em desespero externou-se.

– Eu sei. É porque não temos filhos. Está cansado de esperar e diz: um homem sem descendência vive sua desfeita.

Velha Clara pressentia. Esperou, torcendo os dedos, que Lucinha encontrasse um caminho.

– Eu compreendo. Só ele não cresce no Consulta e por isto previno. Joviano precisa ter um filho...É duro e ninguém quer ver seu homem com outra mulher. Mas, será mesmo que não irão com outras mulheres? O Consulta ainda, como nos tempos antigos, é uma luta terrível pela necessidade de ficar. É a terra, e, por isto, Sansão Paulista dizia para o papai. É cruel, mas é a liberdade. Uma liberdade de criar e não se salvar. Antigamente era o mesmo e contam. Os que vinham do lado do mar de Pernambuco e Bahia procurar a riqueza e o sossego no São Francisco tinham muitas mulheres – brancas, índias, negras – e só assim puderam ficar.⁷¹⁸

Lucinha vê a tristeza de Joviano apenas pelo viés da sexualidade. Fica presa à sua incapacidade de gerar filhos para a realização de seu homem como reprodutor, atendendo de outra sorte à vontade divina. Sem isso ele fica desfeito, carente da autenticação de sua condição de macho. Permanece numa zona morta, em busca de sua própria sombra. Ele guarda entretanto um outro desejo que não lhe foge ao pensamento “ir até Carinhanha dar um fogo, incendiar a cidade.”⁷¹⁹ Atormenta-o a idéia de uma vingança. Mas ela acha, com seu instinto feminino, que um filho iria prendê-lo ao chão, enraizá-lo na terra e no seu coração.

– O papai não cansava de dizer. O sertão, como as abelhas, pode de tudo fazer o seu mel. As crenças, como os animais, podem e nascem no Consulta. [...] Um homem moço, como Joviano, que tem mulher, que é rico, que é virtuoso e não tem filhos é um homem fugindo dos seus olhos... Que posso fazer?⁷²⁰

⁷¹⁸ *B.T.*, p. 121.

⁷¹⁹ *B.T.*, p. 120.

⁷²⁰ *B.T.*, p. 121.

A imagem “um homem fugindo dos seus olhos” é mais uma dessas surpresas que nos reservam a narrativa. Figura as identidades móveis, em constante deslizamento. O homem sob o agenciamento dos signos transita nesse limiar entre o ser e o não ser. E pode passar por um fantasma de si mesmo. Toda tentativa de fixação de uma identidade constitui-se num revés. O meio que busca como apoio, o discurso, não lhe oferece nenhuma garantia, porque tendo o seu referencial no homem, é marcado pela mobilidade. Relendo a concepção heraclitiana do mundo, Octavio Paz⁷²¹ afirma que o homem nunca é igual a si mesmo. Já Deleuze e Guattari, tentando entender essa “floresta de símbolos” em que se movem os homens, partem do signo, que remete a outros, para formar a cadeia significante, o “*continuum* amorfo atmosférico” que desempenha o papel de significado. Para esses pensadores o significado não pára de deslizar sob o significante, a que “serve de meio ou de muro: todos os conteúdos vêm dissolver nele suas formas próprias.” Assim, o signo que remete a outro signo é marcado pela impotência, desterritorialização. Eles contam menos que a multiplicidade dos círculos ou cadeias. O regime significante, além de organizar os signos em cadeias, “deve assegurar incessantemente a expansão dos círculos ou da espiral, fornecer novamente ao centro o significante para vencer a entropia própria ao sistema, e para que novos círculos brotem ou para que os antigos sejam realimentados.” Para isto é necessário o mecanismo da interpretação, em que “o significado assume uma nova figura: deixa de ser esse *continuum* amorfo. O processo de significação em que um signo remete a outro infinitamente tem seu ponto de ancoragem no rosto, “a linguagem é sempre acompanhada por traços de rostidade”, assim como “o rosto cristaliza o conjunto das redundâncias, emite e recebe, libera e recaptura os signos significantes. [...] O significante se reterritorializa no rosto.”⁷²² O comportamento de Joviano vai servir como um bom exemplo desses fundamentos do discurso a partir do emissor e receptor. Se antes era inaceitável para ele fazer amor com outra mulher que não Lucinha, depois da posse de Maria, como veremos adiante, ele dará o salto para além do abismo e de si, passando a aceitar uma relação múltipla, tendo a esposa como a preferida e senhora do seu coração. Após Maria, Joviano não será o mesmo. Muda sua face na face do mundo, agenciado pelo novo discurso que incorpora. Também o signo do amor desterritorializado apresenta um novo sentido. A impossibilidade de gerar filhos no seio familiar ganha uma interpretação diferenciada a partir de sua condição de

⁷²¹ PAZ, 1982.

⁷²² DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 61-6.

homem rico e poderoso. Há uma apreensão generalizada, como se a desgraça dos poderosos fizesse calar o mundo, pelo risco que apresenta ao equilíbrio do sistema. Constitui-se numa falha trágica. Se o dono do Consulta não produzir uma descendência, tudo mais será inútil. Não haverá sucessão cósmica: catástrofe. A um pobre diabo que não pudesse gerar filhos, tudo soaria diferente. De outro modo, enquanto Joviano e Lucinha se debatem com a falta de continuidade da semente, para Orindo, a notícia da paternidade sempre foi motivo de sérios sobressaltos, de desestabilização do seu ser, lançando-o como alma penada a perambular pelo mundo dos vivos. Desse modo, o signo desliza sob os atributos da imagem social do emissor e do destinatário de uma mensagem. Na expressão “um homem fugindo dos seus olhos” o narrador captura a interseção do deslocamento físico com os signos em deslizamento sob a máscara montada pelos discursos. Aquilo que o homem vê entra em rota de estranhamento com os significados interiorizados na cultura.

E o narrador discute a ética dos possuidores e suas conseqüências frente à natureza. As leis ditadas pelo poder perdem seu valor diante da natureza. Essa é soberana e anula os desígnios humanos.

Velha Clara coçou a cabeça.[...] – Antigamente as mulheres matrimoniadas acolhiam e protegiam o sangue do marido. Seria uma virtude? Para o dono só é virtuoso o que lhe satisfaz. Mas quando as criaturas, o gado e as plantações têm o mesmo valor diante da natureza, os sentimentos inventados pelo poder são como plantas viciadas com o estrume do curral e vivem mais para suas folhas do que para suas sementes, e eu lhe peço perdão, comadre. O testamento antigo ensina e portanto lhe alívio. A mulher, na virtude ou no pecado, é a mãe e por isto rezamos a Salve Rainha.

Concentrando-se no seu pensamento, a velha embranquecida era a sua própria tragédia e falou.

– Esta menina Maria que cuida da horta é já mulher feita. Tem coxas fornidas, de ancas largas e deve ser parideira...

Lucinha saiu para o terreiro. Estava chorando. O sol meiava o céu limpo e a luz chocava-se no raso da campina tremendo como uma fervura de vidro. Era o vago na sua intransigência: multiplica ou morre.⁷²³

⁷²³ *B.T.*, p. 121-2.

Lucinha enfrenta o dilema de ir além de seu ser-mulher, enveredando por uma abertura que representaria um passo para lá de sua subjetividade, marcada pelo caráter possessivo agenciado por costumes, tradições, discursos que se firmaram ao longo dos séculos com arcabouço de verdade envolvendo a fidelidade dos casais. O passo que se divisa como inevitável pressiona-a a pisar um território desconhecido. Aceitaria uma prole gerada em outra mulher, para satisfazer a falta desestabilizadora da família e dos estados gerais que representam. Essa prática, como o narrador indica, muito comum no passado, parece ferir uma atualidade que se quer moderna e afirmadora dos direitos femininos, além de ser intimamente inaceitável, por ferir a auto-estima da mulher. Mas o amor ao marido fala mais alto.

– Velho, vou lhe fazer uma surpresa.

– Então diga logo.

– Sim, velho, mas não vá ficar zangado, sabe?... Deus não quer nos dar filhos. Eu te peço: pegue outra mulher e experimente... Lhe juro: sendo teu sangue é o meu também e amarei a criança como se ela saísse das minhas entranhas.

Joviano sentou-se na cama atordoado e rebateu. – Você está ficando louca? [...]

– Pensei. Amanhã vou mandar Maria levar o café... Ela já é mulher feita.

Joviano levantou-se e sacudiu furioso a esposa.

– Perdão, Joviano. É porque lhe quero muito e o papai sempre me dizia: trata dele, é um homem mesmo... Uma criança para mim e para você – e beijou o marido. Antigamente era assim.

– Nós não estamos mais neste antigamente terrível.

– Estamos, sim senhor. O Consulta está e só agora Joviano José de Souza vai mudar tudo. Não será mais gado e menos gente.⁷²⁴

Lucinha dá o passo inadiável para esse ser que ela ama. Cola-se no outro, não para aniquilar-se, mas para ser um Ser *mis en abîme*, fazendo-se na alegria e realização de outros seres em sucessão infinita e apropriação vicária da felicidade. Aqui fica marcado o salto qualitativo da humanidade se direcionando para além do ser, em comunhão com a totalidade. Parece afiançável que não há como Ser, espécie de mônada, auto-centrado e racionalista depois que duas guerras mundiais. Os princípios em que se sustentavam a

⁷²⁴ B.T., p. 122-3.

subjetividade e a razão foram pulverizados junto com os alvos da artilharia. O romance de Osório vale como bola que vai e vem entre o tempo da narrativa e o tempo do leitor. Provoca sobressaltos, desterritorialização, novas perspectivas. Incita uma abertura do ser para novas possibilidades.

E quando a natureza conspira, não serão os homens que irão se furtar a uma sintonia com os ganhões, garantindo a continuidade do mundo.

... sabia das afinidades que os animais podiam ter com os homens. E foi buscar a égua, logo coberta pelo macho com uma lascividade violenta. Separou-os, mas o animal não se continha. Estava insaciável e isto representava mais crias. Trouxe outra fêmea e de pronto o coito se realizou mais dramático e demorado.

A provocação do ato incendiou-lhe o sangue alvoroçado nas veias. Alguém estava atrás de suas costas. Maria, com o balaio na mão, pregava-se à contemplação da dança nervosa, espasmada nos músculos dos animais. [...] Dominava-o a vertigem da sublevação recriada na febre da oferta decidindo pela idade do mundo. Atirou-se sobre a moça, que procurou se defender instintivamente para acabar abandonando-se, e tudo se deu na medida da eternidade. Quando terminou, os animais pastavam calmamente. Joviano arrependia-se: desonrara a si mesmo, mas ficava olhando a moça que pegou a xícara, o bule e se foi.⁷²⁵

Aqui o narrador avança na concepção de que a reprodução humana garante a idade do mundo. Evidentemente, não havendo vida inteligente em outros sistemas estelares, que garantam a imagem do mundo enquanto totalidade, esse todo que se chama mundo só existiria na consciência do homem, portanto, o ato de Joviano garante a continuidade do homem, *axi mundi*, sustentando imageticamente o universo. Também, o poema *Correspondeces*, de Baudelaire passa essa idéia de homem, como um dos pilares da criação: *La Nature est un temple où des vivant piliers/ Laissent par fois sortir confuse paroles;/ L'homme y passe à travers de forêts de symboles / Qui l'observent avec des regard familiers.*⁷²⁶ Aqui, o homem, juntamente com os outros seres, sustenta o templo da criação. Mas a unidade primordial do ser foi perdida. Vive sob o regime de liberdade

⁷²⁵ B.T., p. 123.

⁷²⁶ BAUDELAIRE, *Les Fleurs du mal*, 1995, p. 10. A Natureza é um templo onde os vivos pilares/ Proferem por vezes palavras confusas;/ O homem aí passa através de florestas de símbolos/ Que o observam com olhares familiares.

vigiada pelos discursos que o agenciam. Também Joviano vive de saia justa. É o dono daquele pequeno mundo, mas está preso a uma ética, que lhe agencia no sentido da admiração e gratidão ao sogro, da fidelidade à mulher, enfim da contenção civilizatória, que o impede de se desmandar, trazer para si em nome de um sujeito egocêntrico tudo o que aquele mundo franqueia aos abastados. Em vez disso caminha no sentido de um novo modelo de produção, que reconheça os colaboradores da fazenda como seres humanos, portadores de direitos. Também tenta se furtar ao privilégio culturalmente admissível de possuir várias mulheres, num desrespeito inerente à condição de sua esposa, um ser mulher a ser reconhecido em paridade dos afetos. Agora sente-se desonrado. Traíra seus ideais.

– Será que concebeu? – tinha saltado um abismo e se o outro lado fosse satisfatório... E o futuro rodou na sua imaginação como um curruio de luzes e cores.

Chegou em casa sem procurar dar demonstração e achou uma saída. De qualquer forma, os homens são como os cavalos selvagens: têm muitas fêmeas, mas só brigam por uma. Foi para cama e encontrou Lucinha deitada. Sentiu pela segunda vez o cheiro da virgindade e amou-a como nunca antes. Dois meses depois foi ela que lhe dizia.

– Velho, vamos ter o nosso filho, a Maria pegou...

E o Consulto vivia seus últimos dias: condenado pelas conseqüências, liquidaria fatalmente inocentes e culpados.⁷²⁷

Em sua condição de macho, não deixa de se perguntar pelo salto que dera e que poderia fazer com que não retornasse a si mesmo. E imediatamente o vemos mudar o discurso, abrindo possibilidades de ter outros relacionamentos, mantendo, entretanto, o respeito por Lucinha e sua posição de eleita de seu coração. Teria sido este salto sobre o abismo a senha para a destruição daquele mundo? O narrador parece apontar para um castigo. Joviano e Lucinha teriam ultrapassado a medida, *hibris*, indo além dos desígnios divinos. Também teriam cometido a *hamartia*, a falha trágica. Na qualidade de senhores daquele mundo, tentaram driblar a infertilidade da mulher, contrariando um desejo divino. Buscaram a fertilização de uma outra mulher, simbolicamente Maria, que seria a mãe do filho que não poderiam ter. A punição anunciada viria para restabelecer a ordem

⁷²⁷ B.T., p. 123-4.

cósmica judaico-cristã de concepção monoteísta e monogâmica? A questão que permanece no ar é porque o narrador, que antes apontara para uma realização do homem para além das fronteiras do sujeito centrado numa mônada, se deixa trair nesse retrocesso à dualidade: crime/castigo, a culpa pelo desrespeito a uma interdição e sua conseqüente punição. Isto adviria de uma consciência inoculada pelo autor implícito em sintonia com o personagem Joviano, arrependido. Ele e Lucinha estavam fadados a uma reprodução outra, o nascimento de uma nova sociabilidade, levando seu mundo a transformações que pudessem resgatar o homem à apropriação predatória do Outro. O ato programado por Lucinha permite uma dupla interpretação. É simbólico de um mundo que elege a continuidade do subjetivo, da segregação entre os homens em detrimento de um pacto coletivo envolvendo os interesses da comunidade. Gerar o filho representa garantir a linha de sucessão na posse dos vastos domínios. De outra sorte podemos dizer que a personagem vai além de si e, pela felicidade do Outro-Eu, o ente amado, abre-se para a realização plena daquele a quem se entregou. Observamos uma ruptura da possessividade do Eu feminino, numa abertura para além de si, num outro formato de realização: seria a Mãe vicária, amando os filhos do marido como se fossem os seus. O narrador deixa esse mundo em suspenso, em processo de fermentação das temíveis forças de desagregação que o ameaçam. O latifúndio do Consulta, com suas iniciativas rumo a um novo pacto social, poderia se constituir num exemplo a ser extirpado. Também, suas preciosas terras tão desprotegidas são um convite à rapina, na esteira do banditismo e impunidade que tomam conta do interior do país. A índole pacífica de Joviano, buscando uma conformação mais ética das relações, não estaria apta a defender uma propriedade tão cobiçada.

VII O retorno ao centro, novas territorialidades

O narrador volta seu olhar para o interior de São Paulo, não sem antes adiantar os perigos que rondam o sertão, por conta da impunidade.

O estado de intranqüilidade pesava sobre o país abalado pelo nomadismo militar em espetacular andança pelo interior. Indiferente à crise e aos boatos, crescia o progresso, na cidade de Alins, centro de renovação cafeeira onde indiretamente se refletiam as vantagens econômicas do último conflito

mundial. O café, agravado pela especulação sofisticada, ampliando-se no velho tema da devastação, emprestava sua substância histórica e criadora de civilização aos manipuladores de apoteoses. Delirava um otimismo imediatista e a glória das bandeiras misturou-se nas falas oficiais indiferentes ao “rush” das migrações internas adubando espaços com o seu número e suas conseqüências.⁷²⁸

O Brasil é aqui apresentado de uma forma que nos é bem familiar. É o espaço assenhorado pelo imediatismo das elites voltadas para interesses e oportunidades vindas de fora, que as fazem pressionar e amoldar a configuração interna de regiões e da totalidade do país, no atendimento de tais fluxos. Desconsideram quaisquer princípios que caminhem em direção ao uso racional dos recursos naturais e humanos, se esses desatendem seus interesses. Esses procedimentos abalam a conformação do ser-brasileiro em molde de apropriação direcionado de fora para dentro. O ser é desta forma agenciado por modelos alienígenas, que nos colocam como seres alterados, como diz Ortega y Gasset, em relação aos símios. Nesse modo de apreensão simbólica, estamos permanentemente voltados para uma alteridade situada nos países formadores do imaginário moderno, de composição tecnicista. Este ser alterado, muitas vezes vira suas costas ao Outro periférico: o índio, o negro e mestiços espalhados pelo interior do país, para não falar das populações hispânicas do continente.

Bahiano Tietê e seu amigo Paulo Pereira retornam ao interior paulista, tendo em vista o turbilhão de acontecimentos que novamente embaralham os papéis, abrindo novas possibilidades.

Velho Paulo Pereira voltava à sua província ativada, mamando a sua idéia preferencial e repetia para o companheiro: “A importância do café na economia do Brasil torna-se fundamental nas futuras lutas contra as relações do trabalho feudal”.

Bahiano Tietê procurou rebater, com o sestro intelectual da boa terra. Era uma negação daquilo que já se generalizava mas, se as palavras deixavam de ter objetivo, contestou.

– Por favor largue a literatice senão acabarás ensaiando o Marquês de Maricá, como antídoto dos eleitos. Como é que você pretende destruir os nossos trezentos anos de escravidão atuante e feroz, por estas relações

⁷²⁸ B. T., p. 124.

feudais que só chegaram até nós, dentro das brochuras vindas da velha Europa, para as delícias de meia dúzia de sujeitos viciados pelas importações?⁷²⁹

As palavras de Bahiano Tietê tentam desarmar as concepções vindas de além mar, que não condizem com a realidade brasileira, ainda por ser entendida. A importação de modelos amadurecidos em outras realidades apresenta-se como uma prática danosa a nossa formação intelectual e cultural. Como afirma Roberto Schwarz⁷³⁰, os modelos são postos e repostos sem uma análise crítica de sua pertinência, sendo igualmente descartados, para serem imediatamente substituídos por outros, ao sabor do imaginário dos formadores de opinião sempre ávidos por novidade.

A cidade de Alins fervilha como uma encruzilhada, um ponto de encontro de diversas culturas.

Pagaram e foram ao cinema onde assistiram a uma fita americana de mortes, ouro e cavalos. Saíram para dar uma volta pelo bairro dos bordéis.

Um ajuntamento rumoroso gesticulava diante de um cabaré de segunda. Estendidos e identificáveis, estirados no chão, dois mortos a tiros esperavam as autoridades.

No salão à frente, um trombone solava um tango argentino e vinte mulheres rodavam embriagadas com seus pares sob a vista e a ira de centenas de homens prontos a disputar o amor com sangue e cerveja.

Paulo Pereira virou-se para o baiano e disse, desconsolado:

– É a tua civilização.⁷³¹

Note-se a influência da cultura norte-americana ajudando a modelar um imaginário de perfil notadamente violento. A este se somam influências francesas na concepção dos ambientes de perdição, embalados por ritmos que trazem a alma argentina. Tudo isso é apropriado pela cultura local numa explosão de sentimentos que não raro vai semeando cadáveres no contraponto da balburdia. A seqüência desperta a ironia do personagem Paulo Pereira, naturalmente engajado numa proposta de aculturação européia.

⁷²⁹ *B.T.*, p. 124.

⁷³⁰ SCHWARZ, 2000, p. 11-31.

⁷³¹ *B.T.*, p. 125.

Trata-se de uma época de grandes transformações na economia e de modernização das cidades, adotando como modelo a arquitetura parisiense. Chegou-se ao preciosismo de erigir teatros de ópera no interior paulista. A aparência cosmopolita procura encobrir práticas antigas de aliciamento de consciências e dominação dos muitos por uma pequena elite que lucra com o atraso. “Coronel Pedrão, em Alins, rebatia. Plantava café e como os novos coronéis do Brasil, metamorfoseava-se em homem de negócios.”⁷³² Com o desarmamento do sertão levado a efeito pelos militares em 1930, os coronéis deixam a jagunçagem pela liderança menos ostensiva dos cabos eleitorais. Tal movimento vai levar a maioria daqueles chefes a viverem nos centros de poder, trocando a vida rural pela urbana e se dedicando por vezes a atividades comerciais. É nessa roupagem que vamos encontrar o Coronel Pedrão, tentando comprar a consciência de Bahiano Tietê.

– Trabalho coronel e seu dinheiro não me compra!

– Ah! Você pensa que é só você que trabalha em Alins? Votar também é trabalho de ocasião, mas é, e se assim não pensa, lhe pergunto. Que veio fazer em São Paulo?

– Isto – e mostrou os livros.

– Então vota em mim.

– Votarei sim; dou minha palavra.

– Então toca, e estendeu a mão. – Fora pensou: Fui pego de surpresa – e meteu as unhas nos cabelos brancos. [...] O gesto do guarda-livros baiano foi comentado entre os fazendeiros ricos como uma tática de “explorador profissional para tirar o cobre do trouxa”, mas a cidade inteira ficou sabendo da sua recusa e isto era novidade numa terra onde um bom negócio era a grande virtude. [...]

Bahiano Tietê passou no meio da capangagem, e indiferente pegou a cédula do coronel Pedrão, que depositou na urna e saiu da mesma forma.

Foi um dos primeiros votantes e seu gesto causou profunda impressão, até nos que já se deixavam levar pelas ameaças dos Nerys, gente cruel e vingativa, com tradição e prestígio no meio governamental. [...] os indecisos encontraram no gesto do rapaz uma afirmativa de liberação. Os votos na

⁷³² *B.T.*, p. 126.

oposição foram crescendo. Coronel Pedrão, comovido, entregava a pessoas de quem jamais esperava receber solidariedade, que pegaram a sua cédula.⁷³³

O “herói” afirma-se em sua maneira despreziosa de ser, tomando uma atitude que vai além da subjetividade egocêntrica, contrariando o mercantilismo e a acumulação predatória como máquinas dominantes na comunidade. Os que a tudo atribuem um preço, moralmente enfraquecidos, cedem diante da menor ameaça. A vida colocada em barganha aquilata antes de tudo os lucros e perdas, e ninguém quer tomar prejuízo. Assim mais fácil seguir a lógica do favor, da vantagem, desdenhando da ética, descendo do pedestal de humanidade para servir-se entre os porcos. Eis como se faz o Brasil. No nome, tem-se a mercadoria pau-brasil. Nas práticas econômicas e sociais, observamos uma economia de base escravista. E assim não temos uma nação, mas uma casa de negócios. Schwarz, discutindo a formação da literatura brasileira a partir de Antonio Candido, fala da dimensão civilizatória do esforço por conceber uma literatura nacional, o que foi plenamente alcançado, sem entretanto ser acompanhado da integração de outros setores da vida brasileira, notadamente no que concerne ao econômico e social. Pondera que apesar de termos atingido um patamar literário elevado, uma unidade cultural integradora, em contraposição à economia dissociadora, a nação continua incompleta. Temos um “progresso à brasileira, com acumulação muito considerável no plano da elite, e sem maior transformação das iniquidades coloniais.”⁷³⁴

Vemos no romance a crítica às práticas culturais do aliciamento de consciências, apontando o caminho que se apresenta como uma zona em que se abrem as esperanças de dias melhores para o país.

Comemorando a vitória, lembrou-se do Bahiano e ponderou: alguma coisa extraordinária estava subindo à cabeça dos homens no mundo – até em mim. A Noroeste não escondia, estava à vista: o pulso de um homem de consciência foi o bastante e reconhecia. Foi a decisão.⁷³⁵

A atitude de Bahiano Tietê provoca primaveras, prometendo lapsos de realização para o homem seqüestrado. Em “alguma coisa extraordinária estava subindo à cabeça dos homens no mundo” tem-se resquícios de contaminação ética do predador contumaz. O

⁷³³ *B.T.*, p. 127.

⁷³⁴ SCHWARZ, 1999, p. 46-58.

⁷³⁵ *B.T.*, p. 128.

coronel Pedrão reconhece em si essa abertura para o Outro, ressaltando o papel fundamental da atitude do escrivão no encaminhamento de sua vitória. Foi um bafejo de consciência no castelo de cartas marcadas pela impunidade e corrupção. A atitude do baiano se estabeleceu como contra-discurso agenciando uma nova dizibilidade do mundo. A sua rostidade mudou a face do signo esclerosado, em uma nova interpretação do fazer “política”.

Quando lhe ofertei uma fácil oportunidade para ganhar dinheiro, recusou, e se naquele instante meu rosto não se queimou, hoje sinto vergonha... [...] Portanto, amigo, sou de pouca conversa e aceita: dê a esta cidade que é sua também o teu cabedal... Comovido o velho coronel, quase chorando, abraçou o novo amigo e seu afago tinha o zelo carinhoso dos patriarcas.⁷³⁶

A cena denota um sentimentalismo um tanto carregado e que aponta para uma fé inabalável do narrador, na esteira do autor implícito, na capacidade humana de se regenerar. Convenhamos, entretanto, que Bahiano Tietê havia ajudado decisivamente com seu gesto a eleição daquele coronel, a quem toca no coração. A pintura do caráter desse chefe político apresenta em suas sutilezas o ser coronelístico transitando na fronteira entre o déspota e a criança maravilhada, entre o assassino e o homem leal, capaz de excessos de ternura ou selvageria, sempre passional.

E entra em cena América, filha do velho Sebastião Bueno, empenhada em desatar o nó da discriminação que tenta banir os verdadeiros donos da terra, os índios, numa atitude bem marcada ideologicamente.

América dava o que podia à sua escola, especialmente sem demonstrar preferência pelos filhos dos índios; eram os mais desgraçados. [...]

América Bueno explicava ao velho:

– Não sei como poderei convencer esta gente. Venho observando a incompatibilidade entre eles, expressa nos conflitos entre as crianças. Vêm dos pais e a insistência cresce na discriminação injusta sofrida pelos filhos dos bugres. Tenho feito tudo para desaparecer este absurdo, mas os preconceitos avivados pela preferência oficial, dispensada aos índios, agrava os ressentimentos.⁷³⁷

⁷³⁶ *B.T.*, p. 128.

⁷³⁷ *B.T.*, p. 129-30.

O preconceito é visto em suas raízes culturais. Ele se realiza na forma de um aprendizado, já na infância, de um modelo que reproduz a injustiça. A questão assenta-se nas bases econômicas e culturais da sociedade agenciada por um discurso eurocêntrico que toma o homem branco como padrão referencial, numa apropriação esquizofrênica do mundo. Desta forma se perde o contato com uma aproximação mais realista. O fenótipo europeu adotado para representar o palestino Jesus, que se dá no rastro dos interesses geopolíticos, vai ser o motor dos enfrentamentos de inspiração racial. O filho de Deus entroniza o padrão e a fronteira entre os eleitos e os rejeitados, servindo de marco regulatório. Esse *agenciamento coletivo de enunciação* a formatar o imaginário das comunidades espalhadas pelo território brasileiro, articulando o mito, vai abrir caminho para o extermínio dos índios, a animalização do negro, calando consciências, mostrando, outrossim, o caminho da virtude e do paraíso. Vive-se aqui o regime das *palavras de ordem*, de que nos falam Deleuze e Guattari, efetuando uma transformação semiótica que toma as vastas florestas e seus povos harmonizados em uma outra civilidade, holística, como algo a ser eliminado da face da terra para a instauração do binômio culpa/salvação, bem mais produtivo para a economia dos países centrais.

O governo, por uma questão ética, atende o romantismo nacional de proteção ao índio, e como a Noroeste é o setor mais progressista do país, este magote de Coroados parece receber tratamento especial. No fundo é uma farsa. O extermínio criminoso prossegue, lento e cruel.⁷³⁸

O governo brinca de democracia, dando proteção testamental aos silvícolas e fechando os olhos para seu extermínio. Vive-se na região da Noroeste um regime de tensão entre colonos e os seus habitantes naturais, expropriados de suas terras e direitos essenciais.

Um bugre procurou o subdelegado Custódio e queixou-se: italianos e japoneses estavam invadindo sua represa e pescando. Foi o bastante para indignar – bradou o fazendeiro Rocco Capelini, de dentro do seu Ford, na porta da venda do Nicola, o turco. Privar gente honesta e diligente, para

⁷³⁸ B.T., p. 130.

sustentar vagabundos. Quem são os que aqui vivem engarupados nas costas do povo, senão esta professora despeitada e intrigante e o velho catarrento?...

Fazendeiros, sitiantes, as autoridades e o comércio do Distrito, indignados, ficaram ao lado dos invasores!

Sendo baixo o estado demográfico do índio e sua mão-de-obra prejudicada por cultura improdutiva, as relações imediatistas dos cafezais faziam recair sobre eles toda sorte de condenações.⁷³⁹

As relações sociais são definidas sob o estatuto de uma mercadoria: o café. Quem se dedica a outras culturas, roças de subsistência não merece o devido respeito. São artificios discursivos legitimando práticas de rebaixamento do nativo, tendo em vista a ambição que suas propriedades, já bastante reduzidas, despertam. Ocorre aqui o que Deleuze e Guattari chamam de *transformação incorpórea instantânea*⁷⁴⁰: as palavras de ordem transformam a propriedade invadida em local da preguiça e do descalabro, por alimentar gente inútil em vez da gente laboriosa. Constatamos a manipulação ideológica do discurso, invertendo num piscar de olhos, posições e direitos.

Bahiano Tietê, de um momento para outro foi convidado para gerente da Companhia de Automóveis, Máquinas, Suplementos Agrícolas e Combustíveis S/A, do Coronel Pedrão.

Enquanto o desenvolvimento econômico forçava o coronel, em São Paulo para a empresa, no São Francisco a decadência dos rebanhos levava os proprietários irredutíveis para a oligarquia municipal e tornavam-se homens do comércio, onde a barganha do voto pela impunidade entremeava o lucro e o poder.

Bahiano Tietê consertava de si para si, entre as complicações do seu novo posto. “Coronel Pedrão fora afastado de sua pretendida tradição agrícola para o desenvolvimento, como o Coronel Horácio de Matos dos resíduos abolicionistas da Bahia para o generalato da acomodação.”⁷⁴¹

O personagem traça um perfil dos movimentos de desterritorialização e reterritorialização dos coronéis, enfrentando situações desestabilizadoras de seu estado de ser e estar no mundo. Também ele sente-se atropelado pelos acontecimentos:

⁷³⁹ B.T., p. 132.

⁷⁴⁰ DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 19, vl. 2.

⁷⁴¹ B.T., p. 135.

capturado pelo *agenciamento maquínico dos corpos*, na fricção que se dera com o Coronel Pedrão, seus adversários e o contingente de eleitores, em resposta a seu comportamento. Bahiano Tietê percebe a difusão do ser entre o acontecimento, a *mistura dos corpos em uma sociedade* e o discurso.

– E eu?... cismou. Não atinando com o surto dos acontecimentos que vinham envolvendo sua vida, acabava sem menosprezar o acidente, aceitando o dito que de boca em boca corria por Alins inteira, repetindo: este baiano é o dono da bola.⁷⁴²

O personagem fala dos acidentes da história, mas parece sentir um peso maior nas *palavras de ordem* que acabam por capturá-lo. A opinião pública, com seu imaginário, em repetições ao infinito, põe à prova o chamado *agenciamento coletivo de enunciação*, que no eixo vertical⁷⁴³ vai desencadear o processo de desterritorialização levando a uma nova reterritorialização. Essas interpolações entre corpo e discurso provocam no personagem a sensação de ser contingente. Ele consegue se manter num fora crítico, sendo esta postura resultado de um outro nível de agenciamento que envolve uma memória dos atos e discursos arregimentados em ponto de definição do ser que se move num dentro, estando ao mesmo tempo fora. Seria isto a liberdade: a capacidade crítica para poder optar?

Seis meses depois, ante a capacidade do novo gerente e da segurança que este oferecia a seu capital, Coronel Pedrão propôs-lhe a venda da Companhia e Bahiano Tietê teve de assinar em São Paulo, pela segunda vez, o seu nome verdadeiro no documento de compra da empresa (a primeira foi quando levou seu voto à eleição que deu ao coronel Pedrão a presidência da comissão diretora do P.R.P. em Alins). Sem sofrer a retração nominal prevista por Paulo Pereira, toda cidade repetia: esse Bahiano Tietê é um sujeito largo.⁷⁴⁴

Assinar o nome verdadeiro constitui-se num ato material de uma compreensão imaterial transitando materialidade. O nome, âncora de um estado de ser, tem no ato da nomeação

⁷⁴² B.T., p. 135-6.

⁷⁴³ DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 26-33.

⁷⁴⁴ B.T., p. 136.

parcelas da construção do ser na auto-imagem de Orindo Brotas, o filho do Santeiro João Imaginário e neto da negra Marta, a feiticeira. Apresenta-se com um ser que habita alternadamente um dentro e um fora, pelos constantes abalos de sua vida, o que talvez não lhe permita gozar da festa, entregar-se à felicidade. Sempre haveria um porém. Encontra-se eternamente desterritorializado pelas forças desagregadoras. Dada sua posição de filósofo, mantém-se sempre num fora crítico, olhando atentamente para a vida, enquanto os outros se divertem, sofrem, são jogados daqui para ali, sem conhecimento de causa, entregues a deus.

Não seria demais ressaltar a impressão que a escrita de Osório Alves de Castro constantemente nos dá de que ele teria lido determinados pensadores como Heidegger, Foucault, Lévinas, Arendt, Deleuze e Guattari, entre outros. Acontece que muitos dos textos desses autores, importantes para pensar a condição humana, são posteriores à escrita de seus romances. Ele parece beber diretamente na fonte da vida, com suas antenas sensíveis de sertanejo olhando atento para o mundo, a perscrutar os descaminhos da raça.

Atarefado com o crescimento dos negócios, onde a propaganda indireta do escândalo influía diretamente, Bahiano Tietê, já homem da alta sociedade alinense, ia sentindo a falta dos encontros com Paulo Pereira, especialmente aos domingos, num reservado do bar do Armindo. Ali, como dizia o velho, só as coisas do espírito e da inteligência tinham curso.⁷⁴⁵

Mais uma vez jogado para diante de si, o personagem sente falta da vida descomprometida dos tempos em que era um anônimo, sem outra preocupação senão olhar para o mundo, buscando entender. Ele navega pelas águas tumultuosas do ter, em contato com corpos, palavras de ordem, que tentam levá-lo na enxurrada dos processos de subjetivação, em que se sentiria como um forçado, longe dos remansos da filosofia, da vida voltada para as sensibilidades, sempre lentidão.

A narrativa retoma no horizonte expectativas suscitadas em *Porto Calendário*, quando da fuga do grupo composto por Orindo e Joviano, a partir da casa de tia Gatona.

O ajujo foi se distinguindo no clarear do dia. Tia Gatona consolava-se na tristeza de ficar.

⁷⁴⁵ B.T., p. 136.

– São dezesseis neste outro, embora me levando também. – E ficou contando no seu choro sem voz: – Dezesseis: Reginaldo Cabo Selado, o condutor, e Anésia, que é sua mulher pelo juramento e pelo filho que levava gerado nas entranhas;...⁷⁴⁶

Entre a promessa e o consumado, pode o leitor imaginar o que se dera. Veremos no presente Reginaldo como um abastado comprador de café. Ele está irreconhecível, em sua luta por livrar-se das origens que parecem envergonhá-lo.

Reginaldo procurou dissimular o mal-estar sempre presente quando lhe aparecia um velho companheiro. E foi em frente.

– E como vai a nossa Santa Maria da Vitória?

– Transformando-se como os homens e o mundo. Melhor... Notava que algo contrariava Reginaldo, que se fingia distante e aguardava que o amigo continuasse a se revelar.

– E o que você me conta dos nossos companheiros, Cabo Selado?

A alcunha voltou a incomodá-lo e Reginaldo mandou que o empregado se retirasse. Decidiu evitar maior constrangimento e não esperou que o outro voltasse a chamá-lo daquele modo.⁷⁴⁷

Bahiano Tietê testa o antigo companheiro enredado em modos de apreensão do ser, transfigurando-se para negar o que fora: um simples sertanejo lançado no mundo para tentar a sorte. Encontra um Reginaldo alienado, vestindo uma máscara. Ele ensaia a mímica da cultura do colonizador, um comportamento que Homi Bhabha⁷⁴⁸ observara nos súditos britânicos na Índia. O personagem quer ser um homem do mundo. Na condição de representante de uma firma internacional, compradora de café, assimila rapidamente os trejeitos dessa classe de negociantes.

A casa e as insinuações de Reginaldo Estrela deram a Bahiano Tietê a resposta que ele há muito tempo procurava para compreender hábitos e procedimentos do amigo.

Não foi à toa que Sá das Dores lhe botara o apelido de Cabo Selado. Nasceu para ser comandante.

⁷⁴⁶ *P.C.*, p. 178.

⁷⁴⁷ *B.T.*, p. 138-9.

⁷⁴⁸ BHABHA, 2003, p. 129-138.

No primeiro dia que estivera com ele e a família notara como imaginava os recursos nesse afã: tudo do melhor para ele. Aliás, era uma particularidade que já havia percebido nos compradores de café. Representando a vanguarda dos intermediários, o caráter, em Reginaldo, teria se desenvolvido de modo surpreendente. Isto ficou patente quando ele se inscreveu como interessado no último tipo de automóvel que apareceu no país: um para ele e outro para a mulher. Seria mesmo que ele amava a esposa? Ela parecia ter tanto de encantadora quanto Reginaldo de egoísta. [...] E Bahiano Tietê pôde então medir até onde ele poderia chegar com a sua capacidade de simulação. [...] “Como foi que ele, em tão pouco tempo, se tornou apto a expressar-se com tanta rapidez e cinismo?”⁷⁴⁹

Bahiano Tietê olha em profundidade para o mundo tentando entender o homem agenciado pelo Mesmo, em seus chamados materiais e sensíveis. Estes envolvem o entrelaçamento dos corpos, meios de produção, cultura dominante, assim como os apelos discursivos, semióticos, que constituem a sintonia fina de chamados e transformações imateriais incidindo nos tópicos de relação, deslocando representações e introduzindo outras. Guardemos o pensamento do “herói” sendo capturado num relevo de simpatias por América, a esposa do amigo. O mundo é uma zona de aproximação que se não capta o vivente no trâmite das palavras de ordem, nos grandes fluxos de subjetivação, pode assenhorar-se do ser sensível na fricção usurpadora com o Outro feminino, perante quem todas as virtudes parecem desmoronar. Que falem os hormônios despertando os sentidos da paixão.

Reginaldo fala com o amigo do incômodo das alcunhas:

– Não gosto deste negócio de apelidos. [...] Acontece o mesmo com você e desde já posso lhe dar um conselho de amigo. Este nome de Bahiano Tietê deve desaparecer. [...] Onde arranjou este embrulho?

– Onde? Acho que podia lhe dizer: acidentalmente, mas não tem cabimento. Bahiano não é um nome e sim uma consequência histórica do homem vivendo uma sociedade móvel e instável. Uma das muitas matérias-primas de uma civilização. Ela se transforma e ganha categorias diferentes, em contraste com a moral dominante.⁷⁵⁰

⁷⁴⁹ *B.T.*, p. 139-40.

⁷⁵⁰ *B.T.*, p. 140-1.

E a resposta é um primor da dialética, debatendo as origens do ser contingente baiano, mão de obra para a construção do país. Um ser maleável, de fácil apropriação pelo diferente, assumindo identidades insuspeitadas, tais como reclamam os marcadores da sociabilidade nas efusões do meio.

– Bahiano é tudo porque é uma realidade. Não importa que a classificação seja condicional, o certo é que é atuante e participante: é uma expressão viva deste fenômeno que é a unidade nacional. Por exemplo, para um gaúcho ou um amazonense, qualquer homem sem identidade de sua fronteira para a extremidade é um baiano; para as colônias estrangeiras radicadas, acontece o mesmo. Em São Paulo, onde a integração do país está se fazendo, Deus nos acuda! O baiano perde toda sua simbiose geográfica para categorizar os indivíduos dentro da sua classe. Ta?... Um sujeito pernóstico e falante é um baiano; ouvi uma senhora paulista de Bauru explodir com um pedinte arranchado em sua porta. Era um calabrés, no entanto ela o classificou como baiano vagabundo. Todo tipo valente, exótico, suspeito, excedente, torna-se o oposto à mentalidade colonial que ainda prevalece em nossa sociedade: é um baiano.⁷⁵¹

A análise do narrador não poderia ser mais pertinente, digna de um estudioso das identidades móveis, diáspora, colonialismo, cultura hegemônica e subalterna, utilizando-se do referencial teórico dos Estudos Culturais que iriam surgir a partir dos anos de 1980. Como já foi acentuado, os narradores em Osório Alves de Castro estão na pele do mundo, sentindo o deslizar das tendências e aproximações do animal homem em sua existencialidade disponível aos aportes do meio, em sua diversidade. “Reginaldo regalava os olhos, parados no companheiro, procurando adivinhá-lo.”⁷⁵² O narrador coloca os personagens nesse fogo cruzado da busca do entendimento do Outro. Também Reginaldo tenta entrever este ser especial que se lhe defronta.

Bahiano Tietê estava só – ele e as coisas que nos momentos de recolhimento o homem junta às suas decisões: corporificam-se nas suas substâncias e as sentimos. É a nossa semelhança. Bahiano Tietê continuava:

⁷⁵¹ *B.T.*, p. 141.

⁷⁵² *B.T.*, p. 141.

era uma criatura em trânsito e chegava a sua condição. Tudo ia se mudando sem perder a feição do universo. [...] Ali, não era o delírio que o levava para variações abstratas dos acontecidos. Era um encontro com a realidade do seu próprio destino sacudido. Criava e todas as coisas foram se animando e a reencarnação deixava de ser uma dúvida. As relações vinham à prática e tanto as mercadorias [...] com suas lembranças, suas mulheres e filhos perdidos, a sua insubmissão, voltando viva a intimidade e o contentamento.⁷⁵³

O narrador considera os momentos de recolhimento como aqueles em que incorporamos substância ao ser. Esse posicionamento está de acordo com o que afirma Hélio Rebello Cardoso⁷⁵⁴, considerando a subjetividade como uma desaceleração do processo de subjetivação. Podemos aí tomar pé naquilo que trazemos de substancial, realizando escolhas. Mas esse estágio está inserido no bojo de acomodações anteriores. O próprio personagem reconhece que esses achados da subjetividade reportam a semelhanças com o que já trazemos. Assimilamos por afinidade e sentimento de prazer. A memória é recorrente ao que nos toca. Permanecemos nessa fronteira entre o que nos capta num regime de simpatias e aquilo que abala nossas possibilidades de realização.

O personagem vive seu mundo de multiplicidades em que seus mortos e desaparecidos parecem ganhar nova vida. Tudo se passa no imaginário de Bahiano Tietê, transfigurando os influxos em “variações abstratas”, harmonizando os encontros dos que povoaram o seu “destino sacudido”. Sente reencarnarem os espíritos das suas mulheres perdidas na voragem do mundo e dos filhos que gerou e não conheceu. Ele os reanima em sua mente, formando uma corte de proscritos com desejo de mundo.

Bahiano Tietê contempla um anjo no mural produzido por um artista famoso nas instalações de sua nova firma e o associa a América, mulher por quem está perdidamente apaixonado e a quem não pode se declarar, na qualidade de esposa de seu amigo de infância.

–... Sei que és a mulher do próximo, mas te digo: o amor e o pecado são criações de opostos. [...] Salva para deter e eu lhe digo: como nas águas, nos corações não ficam as marcas das fronteiras. O amor é uma criação do homem, para a seqüência da espécie. Sei que me será difícil obter tua

⁷⁵³ *B.T.*, p. 144-5.

⁷⁵⁴ Ver páginas 164-5 desta pesquisa.

expressão, mas confio: ela existe e existirá... E o Anjo deixou o mural e veio juntar-se a Bahiano Tietê.⁷⁵⁵

O narrador filósofo marca o coração do homem enquanto fluxo, assim como as águas, em que fica difícil estabelecer fronteiras. Amor e pecado são conceitos que não dão conta desse estado de ser voltado para o Outro feminino, em pacto pela reprodução ordenada.

Vamos, anjo, e ele acompanhou-me como se fosse a minha própria sombra... Preciso de juntar a ti, as minhas mulheres consumidas pelo tempo, e será a sublimação de todas elas. Ouvi de muitos velhos – do meu pai e de Paulo Pereira também dizerem, como se fosse um relógio batendo a hora da provação: “O grande amor é o último”... Tu és a mulher do próximo, reconheço: do meu amigo de infância, de Reginaldo Estrela!... Vamos, para que os nossos filhos se salvem; mesmo que não venha a se consumir meu desejo eu lhe digo: viverás comigo até a morte!...⁷⁵⁶

Bahiano Tietê é um cavaleiro andante pela modernidade insipiente de São Paulo, a reviver o amor cortês numa aproximação de interdições e amores perdidos. Faz viver numa mesma imagem idealizada a súplica de todos os amores. América é a mulher ideal e inatingível, condição que a entronizaria junto ao seu adorador como eterna, deixando-o de outro modo livre para ser essa consciência do mundo, tentando entender os movimentos da vida. Parece ser esta a opção do personagem: viver sempre a impossibilidade do amor que o faria criar raízes. Podemos ressaltar apenas o caso Matilde, de quem foi expropriado. Deleuze e Guattari admitem o amor cortês, não sob uma lei da falta ou da transcendência, mas como um “estado conquistado no qual ao desejo nada mais falta, ele preenche-se de si próprio e erige seu campo de imanência.” E acrescentam que: “O prazer é a afecção de uma pessoa ou de um sujeito, é o único meio para uma pessoa “se encontrar” no processo do desejo que a transborda; os prazeres, mesmo os mais artificiais, são reterritorializações.”⁷⁵⁷ Assim, por esse amor idealizado, o narrador posterga no “herói” o encontro fatal com a continuidade da vida. A ancoragem do ser no Outro feminino acabaria por criar um território em que o

⁷⁵⁵ *B.T.*, p. 145.

⁷⁵⁶ *B.T.*, p. 145.

⁷⁵⁷ DELEUZE E GUATTARI, 2004, vl. 3, p. 17-8.

personagem perderia a mobilidade e o descompromisso com que olha para o mundo, desprovido de amarras. E é isso que lhe permite enxergar em profundidade.

Bahiano Tietê chegava ao ponto alto de suas facilidades dramáticas. Era o autodidata na sua guerrilha pelo espetáculo. Autocomandava-se na imensidade de sua imaginação. Agora trazia a presença do auditório, enchendo a margem de quatrocentos anos de história. A seu lado estava o Anjo e as suas mulheres perdidas, com seus filhos: o de Clara, que era moreno; o de Zabelinha, que fora do seu ventre para a sepultura; o de Matilde Kalinsk, que tinha os olhos azuis e belos como os da mãe e o Anjo, vivendo ali no seu cálculo a eternidade da espécie... E Bahiano Tietê deixava de ser o raciocínio e perdia-se no delírio. Apressava-se. Giros de seres e coisas em torno de sua febre.⁷⁵⁸

Bahiano Tietê, com seus filhos perdidos, todos simbólicos, resume os quatrocentos anos de história brasileira. Um seria o filho da prostituta, jogado ao mundo como ninguém; o outro, o filho da heroína Zabelinha, morto ainda em gestação, na tentativa desta instaurar uma revolução de bases populares, jamais concretizada no Brasil; por último, o filho da imigrante européia, que branquearia a raça. Concluindo esse processo de formação do povo brasileiro temos América, espécie de deusa provavelmente morena a representar o resultado final da miscigenação e padrão de beleza da nossa gente. Seu delírio termina numa pilha de rolos de arame farpado, onde fere a mão. Esses rolos de arame também simbolizam a fronteira bem marcada onde esbarram os sonhos de transformação social do país, as cercas dos latifúndios. Simbolizam o atraso de nossa organização econômica e social. Ao vigia da empresa, que lhe pergunta sobre o ferimento, dá uma resposta que resume o trabalho de sua existência em crise, botar em ordem a casa, do ser brasileiro. “– Não é nada. Fui fazer uma arrumação e deu nisto...”⁷⁵⁹

Na festa de inauguração das novas instalações da firma, que agora passava a se chamar Bahiano Tietê – Importação, Comércio e Indústria, nome que o personagem ironiza, podemos ter um panorama de uma sociedade que tem seus fundamentos imaginários nas sociedades norte-americana e européia.

⁷⁵⁸ *B.T.*, p. 146.

⁷⁵⁹ *B.T.*, p. 146.

Diante do bufê improvisado no escritório, Reginaldo avisava:

– Aqui podemos repetir o que América disse na canção!... Liberdade! Liberdade! Batendo palmas no meio da sala, Dona Jesuína Silveira gritava; levantando o braço abalagandado de pulseiras:

– Queremos uma valsa, uma valsa da saudade...

Misturando-se com os homens de *smoking* e linho branco, as meninas e mulheres já queimadas pelas libações começaram o rebate!

– Não! O *charleston*! O *charleston*! E o tumulto alegre dos bustos decotados num frenesi arcatoteavam passos estilizados.

O acadêmico Altino Alvarez interveio cercado pelas moças levantando os copos de uísque.

– Somos uma nação democrática!... A maioria é a nossa razão de existir. Vamos fazer uma consulta. [...]

As mãos se levantaram e o coronel abreviou:

– Atención! Atención!... Quem for pela valsa levante o braço.

Mãos sardentas, já deformadas, cheias de jóias faiscando, braceletes, agitaram-se, num gesto de presa dos coronéis estonteados pelo cheiro feminino, levantaram-se e gritaram:

– A valsa! A valsa!⁷⁶⁰

A artificialidade de culturas e os modismos trazidos de países ditos civilizados não consegue esconder a animalidade presente nas relações. Os coronéis atormentados pelos hormônios femininos parecem prestes a saltar sobre suas presas, rompendo os protocolos e etiquetas, para mostrar o que são. “A dança recomeçava mais louca, retorcida nos saltos compassados da música, angustiada do sexo, na liberação estética de coito aflito: o coito da velhice, cansado e próximo.”⁷⁶¹ O narrador não perdoa a postura decadente dos velhos coronéis. Eles despem a cultura importada de sua simbologia e requinte, enquanto busca de deleite estético a antepor amenidades e encantamento ao que soa prelúdio aos folguedos amorosos inevitáveis aos jovens, para transformá-la numa caricatura de entonação libidinosa. Despida de sua magia, faz o salão de dança parecer a ante-sala da alcova, onde se dará o ato sexual defasado e sofrido.

É notório o descaso de Reginaldo por América, a quem parece instrumentalizar. E isso aguça os sentimentos de Bahiano Tietê, que tem muito trabalho em dissimular.

⁷⁶⁰ *B.T.*, p. 149.

⁷⁶¹ *B.T.*, p. 150.

Bahiano Tietê, a um canto, com o copo cheio na mão, não perdia de vista América, ali como autômato, até os olhos tinham o brilho de vidro dos olhos dos manequins das vitrinas, os lábios frios de cera jogando-se na fogueira. [...] Bahiano viu quando América, se desapegando do seu cavaleiro, foi para outra sala. Reginaldo, encostado ao piano, mamava lentamente o seu “Cavalo Branco”, medindo o seu *affaire* de comerciante. Bahiano Tietê não podia se trair e foi deixando que a menina Nanci se jogasse sobre seus músculos e entre o canto fosse abrindo-se na indecisão feminina, ali ativada pela força violenta das fortunas novas. E como a fortuna nova era aflita e comovente!⁷⁶²

O narrador não perde oportunidade para exercer sua crítica dos costumes, ao falar do afã dessa sociedade de novos-ricos em usufruir dos bens outrora nem sonhados ou apenas imaginados. Reginaldo é mostrado como uma mente voltada pra o pragmatismo, tentando tirar vantagens comerciais em todas as oportunidades, mesmo em se tratando da esposa, a quem parece ostentar como símbolo de seu sucesso e realizações.

La Cumparsita começou: era a música de Reginaldo. A música que ele tinha para seus escapes, para suas particularidades... O adultério também era um negócio rendoso, como o contrabando. Seus olhos cruzaram-se com os de Laurinha Esteves, que fazia a sua experiência com o velho coronel Adalberto Barros. Precisava conter-se: o perigo não era o contrabando e sim o lucro. Mas Laurinda não resistia: deixou o velho e veio agarrar Reginaldo. Suas carnes afrouxaram e o copo de uísque caiu sobre o piano e deixou que Laurinda o arrastasse. Teve medo do escândalo, conhecia Laurinda Esteves... Coronel Adalberto tinha seu caráter e reagiria. Foi pegar América que teve de suportar. Bahiano Tietê viu na troca a consequência resultante do caráter mercantil de Reginaldo e pela primeira vez o ciúme lhe foi um aviso preventivo. [...] Nanci Borges puxou-o para ela e quase o beijando falou: Dança...dança... Pensa que a gente não sabe que você dança com as mulheres na Chanteli? Bahiano assustou-se e convencia-se para atenuar. Apertou-a nos braços e Nanci Borges não podia conter a esperança, tomando de assalto

⁷⁶² B.T., p. 151-2.

as suas grandes reservas. O tango era um leite branco, morno, vertendo de seus sentidos de mulher.⁷⁶³

Eis aqui o cruzamento do que Deleuze e Guattari chamam de agenciamento maquínico de corpos em fricção, embalados pela dança em trocas hormonais inebriantes, com o agenciamento coletivo de enunciação, ao sabor dos discursos da macheza bem incorporado pelos coronéis, que o fazem valer num toma lá dá cá para não saírem rebaixados, como no que acabamos presenciar. América foi utilizada como contrapeso do que seria uma afronta, ela mesma ultrajada em sua dignidade, para seguir o curso das palavras de ordem que colocam a esposa como submissa aos desígnios e desvios dos maridos, que teriam a última palavra. O discurso da sedução acalenta o frenesi dos corpos. Nancy tenta agenciar Bahiano Tietê, inconsolável com o que se passara com a amada. Corpos e palavras, uns caindo sobre os outros delineando acomodações, desterritorialização ou repulsão. Onde estaria o homem e sua chamada liberdade de opção? Ou seria o homem esse gargalo entre os hormônios e as condicionantes sociais, que lhe deixariam estreita margem para o exercício do que seria a sua vontade, também agenciada por formas, cores, sons, odores e discursos interiorizados em situações igualmente condicionais, deliberantes de afetividades, decidindo por atração ou repulsão?

O narrador deixa Bahiano Tietê entregue a seu drama, conformado por uma ética cristã e de fidelidade ao amigo de infância, que lhe impede dar expressão aos seus impulsos mais íntimos. E retoma os acontecimentos do Consulta, em seus últimos momentos.

VIII Nos confins do sertão, os estertores de uma civilização

Os últimos movimentos da epopéia de Joviano no Consulta vão simbolizar os acordes finais de uma sinfonia sertaneja. Vemos o epílogo de uma cultura do isolamento que tem nos cavalos e vaqueiros o motor da sociedade. Grandes transformações estarão em curso com a abertura de estradas e a chegada do automóvel.

O narrador traça nos fios do discurso que envolvem o personagem Joviano o sentido de uma punição da felicidade, que parece proibida aos pobres. Trata-se de uma opção

⁷⁶³ *B.T.*, p. 152.

pelo Eu deprimido, arregimentado pelo discurso da tradição estoica que olha o bem estar terreno como um delito passível de punição pelos céus. Na narrativa de *Porto Calendário*, o personagem Ciriaco já fulminara: “Nós negros, não podemos ser felizes”.⁷⁶⁴ Podemos notar que o perfil psicológico de Joviano era o do homem deprimido por suas culpas, complexo, um ser fragilizado, fragmentado. Enriquecera, mas em seu íntimo permanecia um homem vindo da base social. Não assumira em sua essência as prerrogativas dos possuidores, vertendo arrogância. Seguiu a trilha do intelectual Orindo, que não age sem antes pesar as possibilidades, tendo na ética o preceito fundamental de qualquer ação. Isso, naquele mundo selvagem em que vivia podia soar indecisão e fragilidade.

Tudo na fazenda era prosperidade. Iriam ter uma safra de uvas que lhes permitiria fabricar o vinho, simbólico do sangue e da embriaguês dionisíaca, como num ritual preparatório do que seria a punição do estado paradisíaco.

– Este ano teremos vinho para beber. As parreiras estão carregadas e dizer que as uvas não vingam por aqui dá vontade de rir! É: as plantas, como os homens, nascem em qualquer lugar, e como são... Até neste Consulta!... Tá?...⁷⁶⁵

O narrador fala dessa potencia para ser que governa os seres: animais e plantas, permitindo-lhes uma constante adaptação ao meio, explodindo em vitalidade onde menos se espera.

A ética dos vencedores constitui-se no padrão universalizado dos grupos envolvidos, o que joga a problemática do indivíduo para a comunidade, salvando-o dos percalços da consciência.

Ninguém no Consulta, a não ser aproveitando a ausência, poderia censurar a vida particular de Joviano. Era um direito dos senhores. “E quem poderá dizer, entre os homens, o que não deseja fazer o mesmo?” Se este pensamento é privado, sabe-se: a moral vem sendo a vontade do vitorioso. A bigamia tem por si as leis econômicas, mas como no Consulta estas viviam o

⁷⁶⁴ P. C., p. 56.

⁷⁶⁵ B. T., p. 153.

absoluto do meio e do proprietário, tornava-se uma liberdade, tanto para Joviano quanto para os outros.⁷⁶⁶

E a prática da bigamia é generalizada, como padrão de referência, que tem em Joviano um espelho emancipatório de toda a má consciência, aliviando penas e sentimentos de culpa. Em resumo, essa comunidade teria alcançado um alto grau de realização, tomando-se a ótica do macho dominante e provedor dos encaminhamentos econômicos e simbólicos.

– Velho, graças a Deus vamos ser felizes com o nosso filho. Seus direitos de consorte estavam acima de qualquer dúvida. Se a menina Maria lhe lavava a roupa, ajudava na cozinha e na limpeza da casa, podia, como lhe entregava os braços, ceder-lhe o útero que conceberia o filho do seu marido e que seria seu também. Ela guardava uma vaga lembrança da história de quando o doutor Antoninho Mariano trouxe para casa a tia Madá, filha natural que se tornou o anjo bom da família. [...] Foi ela mesmo que, naquele dia, reuniu todas as mulheres do Consulta na Casa Grande para avisar:

– Vai nascer o nosso filho, e todas as presentes aceitaram e as que não tiverem inveja da menina Maria poderiam desfrutar aquele mesmo direito. Era uma demonstração da unidade da mulher em relação à sua condição de propriedade e, por isto, cantavam no terço: “Salve Rainha, Mãe de Misericórdia!”⁷⁶⁷

Vale tudo pela perpetuação da espécie e das relações da comunidade. Se Maria emprestava seus braços, poderia fazer o mesmo com o útero e daí nasceria o filho que seria um dom coletivo, preservando o latifúndio da desestabilização. Materializa-se parcialmente no Consulta o ideal da dessubjetivação, que para ser total teria que envolver a liberdade feminina para usufruir relações mais flexíveis, não mais como uma propriedade, como aponta o narrador. Elas aqui são colocadas contra o muro, unidas como objeto e não como sujeito, o que as leva a um apelo divino à mãe de todas no céu. Rendem glórias ao papel sublime da mulher, mas a oração também pode ser um desabafo contra a sua condição subalterna, a que se resignam.

E os revoltosos da Coluna Prestes fazem sua aparição no Consulta.

⁷⁶⁶ *B.T.*, p. 153-4.

⁷⁶⁷ *B.T.*, p. 154.

– Somos do sul, um corpo do exército contra o governo. Gaúchos e paulista e aqui estamos fraternais.

Joviano lembrou-se da notícia que lera no pedaço de jornal da Bahia, antes de nascer o menino. Estava em desigualdade de armas, mas adiantou.

– Que venham em paz... Tivemos notícias, apesar deste fim de mundo.

– Talvez, um pouco alterada. Eu sou Capitão Siqueira. [...]

– Estamos percorrendo o Brasil, de sul a norte. Somos um protesto contra as injustiças praticadas pelos poderosos, pelos políticos corruptos, indiferentes à desgraça dos abandonados e dos fracos. Estamos acordando o Brasil e seus filhos.⁷⁶⁸

O Capitão Siqueira expõe sua luta pelas mudanças sociais, tentando despertar o Brasil, para ser uma outra instância de realização do homem. Joviano aproveita para falar de seu desejo de vingança, de marchar sobre Carinhanha, para se vingar do assassinato de seu pai e da desonra de sua mãe.

– Estamos encontrando por todo o Brasil casos idênticos ao seu e lhe digo: esta maneira não resolverá o nosso caso. Seria uma barganha de ódios e como será impossível resolver um problema de ordem geral isoladamente? Somente unidos poderemos encontrar a forma mais justa de salvar nosso povo. Libertá-lo da ignorância, da doença, da miséria e dos desmandos dos poderosos! Defendendo o futuro e a paz para nossos filhos!

Joviano baixou a cabeça. As últimas palavras trançaram rápidas como um raio entre seu coração e seu pensamento atinou.

– Se é assim disponha de nós.⁷⁶⁹

O Capitão desarma o espírito de Joviano, afirmando que a vingança seria uma barganha de ódios, que não libertaria o homem brasileiro da máquina de submissão e exploração. O narrador aponta movimentos mais amplos de desmonte de uma estrutura secular de dominação fortemente difundida no tecido social, que faz de cada ser um pequeno ditador em seu mundo.

⁷⁶⁸ *B.T.*, p. 156.

⁷⁶⁹ *B.T.*, p. 157.

Joviano depois do encontro encasquetou-se com a idéia de levantar o rancho para tia Gatona, no limite do Corrente, e desviava-se do intento. Matar é muito velho e ele tinha gravidade. A velha sim: abeirava muitas juventudes e nisto fazia juramento.⁷⁷⁰

O personagem conclui filosoficamente que ajudando Tia Gatona a abrir novos horizontes para os jovens, estaria engajando-se numa luta contra as injustiças e contribuindo para desarmar a estrutura coronelística de opressão dos desvalidos.

Na ausência de Joviano e seus homens, que haviam viajado para entregar uma tropa, o Consulta é invadido pelo bando de Neco Vitor, um assassino cruel acobertado pelas oligarquias municipais que lhe garantiam a impunidade. Mulheres e crianças são trancadas na casa grande que é incendiada. Seu Macedo e o velho Pedro são amarrados num carro de boi, onde serão encontrados decapitados, cobertos de moscas. O velho Sansão Paulista é amarrado a uma garupa de cavalo e levado. Foi uma ação muito rápida, as araras arengueiras, temidas como guardiãs do latifúndio, segundo as histórias que corriam na região, apareceram dando avisos e afugentaram os bandidos.

– As araras arengueiras! As araras arengueiras! Joviano vem chegando.
[...]

Voando mais baixo para alcançar um marimbu do nascente, as araras acompanhavam o fugitivos galhando. Neco Vitor começou a atirar para o ar e a voz de seu Macedo ainda estava dentro dos seus ouvidos gritando:

– Joviano vem vindo, vem vindo!...⁷⁷¹

O mito das araras arengueiras, treinadas para a proteção da fazenda, prevaleceu sobre a valentia dos jagunços, colocando-os em fuga. Fica aqui marcado o espírito do ser nordestino, um ser confluência de multiplicidades muitas vezes incompatíveis ou convivendo em seus contrários aparentes. Estas por vezes resultam de uma mesma vertente de agenciamento: o homem a mercê do seu momento, capturado em suas crenças e disposições corpóreas envolvendo o homem macho, forte, protetor, em contraposição aos elementos femininos de fraqueza, insegurança, vistos na alçada mitificante.

⁷⁷⁰ *B.T.*, p. 157.

⁷⁷¹ *B.T.*, p. 160.

E o narrador faz parar o mundo para assistir o delírio de Sá das Dores, mostrando a falta de sentido da vida e a transitoriedade das ações do homem. A grandeza que pensam construir num momento se transforma em cinzas. A personagem chegara à fazenda quando os bandidos já fugiam em disparada. Chegou a alvejar um deles com um tiro. A cena da casa em chamas, os cadáveres pelo terreiro tomados pelas moscas a comovem. Sai pelas campinas chamando por socorro. A cena é comovente.

Tudo fora rápido e terrível. O sol subia e Sá das Dores, enfraquecida pela sede, via na espiral da fumaça um prenúncio de chuva e o zumbido do vento nas palmas dos buritizeiros do marimbu-merim da conã branca era como um trovão das primeiras águas, a quem ela respondia: – Acode, Joviano!

O galhar das mexeriqueiras na rasura dos refrescos era a voz de Ana Constantino, dentro do seu delírio de paz, empoleirando as galinhas. E Sá das Dores corria em círculo, sem atinar o rumo, como uma presa da desgraça. Agora, eram os magotes de cavalos, aqui, ali, acolá trotando no saibro do chão engramado. Já não tinha o tino do rumo do tempo de ser presente, ali na sua sombra correndo na sua frente, ficando para trás apressada naquela angústia da lonjura maior na sua ardência de sol, de mágoa encarnada de sangue e de verdes. E tudo ia se repetindo, vindo pra dentro dos olhos da cansada. A campina sem fim era uma dor só para ela, sumida na tragédia: dos gerais pontiados de nascentes, cortados do arrasto das águas finas pregadas na grama, entranhada nos rasos, com os mesmo cavalos, as mesmas suçuaparas, as emas campanadas, os galheiros, as araras no ar, as jias nas poças, os guarás famintos, tudo igual ao vexame “de mim” Joviano.

O sol foi descendo. Sá das Dores abria o círculo no deserto verde crescendo para a noite e seu grito afinava no comprido e ia sem o ter de chegar findando sem esbarro. Todas as estrelas piscavam presente naquela corrida, pés sangrando, boca bebendo reflexos da noite, amolecendo suas forças, até que deu o último grito confundindo com o dos guarás famintos farejando mortos. Ela fez o seu último chamado: Joviano! Joviano! E ficou ardendo como um outro esteio das sinas ao longe dos silêncios.⁷⁷²

O delírio da personagem faz convergir tragédia e lirismo numa convivência do homem no limite de suas possibilidades. E a vida esvai-se na chegada da noite num encontro

⁷⁷² *B.T.*, p. 161.

fatal da sobrevivente com os carneiros a purificar a terra de seus despojos. E tudo retorna ao estado natural.

Neco Vitor vinha da amizade dos coronéis turbulentos que se tornavam homens de negócios e davam aos seus amigos as sobras da impunidade. Sempre agiram contra os fracos e abandonados. A indústria do crime aproveitava a situação anormal e ia à frente: assassinava e assaltava. A imensidão e o abandono davam-lhes a cobertura das oligarquias municipais.

Neco Vitor serviu a diversos coronéis, que viviam a solidariedade dos grandes políticos. Agora encarnava uma conseqüência e jogava-se na aventura. Trabalhava para si. Era um jagunço cruel e ardiloso e sua audácia levou-o até a envolver o próprio governo nas suas iniciativas. Matar era uma tradição para o marginalismo da imensidão.⁷⁷³

O narrador esclarece a transição do coronelismo armado para um momento posterior em que os chefes envolvem-se na política e nos negócios, deixando o banditismo para aqueles que se formaram em suas hostes. O crime deixa de ser um negócio de poder regional, conduzido “ordenadamente” por um chefe político ampliando seu poder, para se tornar uma indústria do crime, sem objetivo maior do que se apossar do alheio, acobertados numa rede de troca de favores que lhes garante a impunidade.

Joviano enterrou os mortos, reuniu os vaqueiros e jurou.

– Repartam o Consulta com vocês. Arreou a mula e partiu, não queria ser como aqueles. Desceu o São Francisco e se juntou ao Capitão. Bateu-se, tratou das montarias e foi um dos últimos a atravessar a fronteira. Não tinha ódios e nem dúvidas. Os cavalos tinham fechado o seu ciclo. Não seriam mais o bastante para unir, educar e vencer as distâncias e desenvolver o país: companheiros dos homens, findavam-se numa compulsiva épica.⁷⁷⁴

Joviano dá o salto para ser uma outra possibilidade existencial, tentando ir além de si. Se permanecesse no Consulta não teria alternativa senão tornar-se um chefe e ir atrás da vingança, seguindo um destino individual que seria uma continuidade do mundo de injustiças em que fora criado. Poderia também matar inocentes, fazendo vítimas a sua

⁷⁷³ *B.T.*, p. 162.

⁷⁷⁴ *B.T.*, p. 162.

semelhança. Prefere a revolução: distribui as terras do latifúndio entre seus homens e parte na consecução do ideal de transformação do país, incorporando-se à Coluna Prestes. Ele agora é um ser apaziguado, sem ódios nem dúvidas. Sente que com o fim do Consulta, fecha-se o ciclo do cavalo como meio de transporte e espírito de uma cultura que o tinha como emblema, ajudando a formar o homem ao tempo em que aproximava destinos, alavancando o desenvolvimento nacional.

IX Bahiano Tietê e as últimas fronteiras

O narrador retoma a trajetória de Orindo Brotas, um ser complexo dando o que pensar. Ele capta essa apreensão do ser do “herói” na polaridade bem e mal, resultante de uma sociedade estática, que estabelece com rigidez seus princípios. Ela estabelece dualidades maniqueístas ao tomar a ambivalência do ser em características opostas, mutuamente excludentes. Nessa máquina restritiva que encarna todas as culpas são colocados limites à realização do ser. Orindo, antes um livre pensador que pairava muito além do pequeno eu, expandindo-se num modelo de homem para lá da subjetividade, está agora momentaneamente paralisado entre os dois pólos da moral burguesa. O fato de amar a mulher do amigo acaba como armadilha que o captura numa subjetividade redutora, estreitando o campo de visão. O impulso que o haveria de libertar de todos os fracassos, traduzindo-se na integralidade do ser torna-se o aguilhão, a tolher-lhe a realização plena. Esses acontecimentos vão levá-lo a uma nova ruptura, mais um salto para o abismo, como forma de preservar seu caráter ético. Mas por enquanto iremos vê-lo no auge da respeitabilidade e reconhecimento por aqueles com quem convive.

Bahiano Tietê já não merecia dos seus íntimos e amigos a preocupação da instabilidade a respeito da introspecção enigmática do seu caráter. Era o seu jeito: voltava à vezes para um mutismo contemplativo e logo restabelecia o bom humor, comunicativo e cativante. Inteligente, tinha uma facilidade admirável de penetrar e discorrer sobre todos os assuntos, com clareza desembaraçada e didática. Reginaldo chamava a isso, “o de nós”. O que vinha a ser o poder de deter todas as dificuldades. Não era uma dupla personalidade e sim um complexo de objetivos. Cada um com sua

insegurança e sua dúvida, dependendo de uma sociedade estática e indefinida. Apesar dessa inconstância, tinha o seu caráter e este, impressionando ou comovendo, tornava-se dependente do bem ou do mal. E por isto ele dispunha dos recursos da sua imaginação e do seu juízo.⁷⁷⁵

O personagem Reginaldo fala da sensibilidade do “herói” para captar as possibilidades e dilemas que afligem sua gente. Seria uma espécie de antena de sua raça. Como filósofo, ele é aquele que vê com clareza os fatos e fenômenos, dando explicações convincentes. A expressão “o de nós” consagra-o como um ente querido, portador de conselhos valiosos. Isso se deve a sua maneira despretensiosa e distanciada dos acontecimentos, evitando as armadilhas de uma subjetividade auto-centrada. Daí resulta sua autoridade. Ele é o que se coloca para além de si, com o sacrifício do ego para mostrar que é possível essa construção chamada homem. Mas o seu envolvimento sentimental com América pode estar a abalar esse estado de distanciamento.

E novos comprometimentos tem lugar a cargo dos usos e costumes.

A sociedade alinense não podia ser tomada como um equívoco e tinha sua admirável variação de imprevistos, que somente os grupos sem tradição e cultura recebem por reflexo. É um apressamento humano das elites valorizadas pela facilidade de consumir. O novo rico de nada se diferencia das outras pessoas da sua comunidade, a não ser pela voracidade – e esta é sempre contagiosa, por importar todas as vantagens capazes de satisfazer o espírito e os instintos dos homens. Mesmo as pessoas disciplinadas pelas regras dos conhecimentos, do bom senso ou da introversão, deixavam-se prender pelos atrativos ou não da contemplação. Bahiano Tietê tornava-se uma peça desfrutável no bojo daquela articulação promocional.⁷⁷⁶

O narrador faz uma análise do espírito consumista que se apropriou daquela sociedade emergente, e por isso mesmo ávida, em que o próprio Bahiano Tietê é capturado, como objeto de consumo bastante atraente. Rico, jovem, inteligente, parece se deixar levar pelo desfrute das ofertas femininas. Alins se torna um foco de agenciamentos para além do previsível.

⁷⁷⁵ *B.T.*, p. 163.

⁷⁷⁶ *B.T.*, p. 163-4.

O sertão se encaixava no mundo e por isso Reginaldo Estrela não se detinha. Era muito duro resistir, e com o jeito estava nas ofertas, viver era um prazer e eles gozavam. Reginaldo chegava e desfrutava o tumulto da paisagem.⁷⁷⁷

A vida se faz como na atribulação dos jogos de azar em que o homem se submete ao poder da mercadoria. Ter, numa sociedade de possuidores, apresenta-se como a chave para ser diferente de si. Reginaldo era um egresso da miséria, expatriado de um Nordeste que dificilmente faria brilhar sua estrela. Nessas aproximações culturais, o mundo vinha a Alins e ele se deixava levar, mas negando qualquer passividade. Sente-se artífice do próprio destino.

Reginaldo se considerava em termos de um homem realizado, saindo deste fenômeno indecifrável para eles ali, que era o café – “Graças a Deus” – Reginaldo não podia se livrar desta interjeição que julgava “chimfrim” quando tinha as duas dúvidas, e soltava entre seus resmungos: invocando a graça de não ser mais um baiano. Esta obsessão tinha algo de comum com seus pressentimentos. Orindo, que ele considerava em seu apêndice, ultrapassava as previsões e já era mais do que um concorrente... Tenho culpa, tenho culpa...). Nesta autocondenação, por ignorância a vaidade, afastava sua própria realidade. Não aceitava a força dos acontecimentos no aproveitamento compulsivo do indivíduo. Ele era o indivíduo absoluto.⁷⁷⁸

O seu envolvimento no emaranhado de corpos, mercadorias, ações, novas dizibilidades do mundo, suas diferentes culturas, idéias, crenças, causam um deslocamento tão substancial que chega acreditar não ser mais um baiano. Acredita ter passado a fronteira da vergonha e não se aceita como ser agenciado, mas em sua auto-suficiência e centramento, atribui-se o papel de senhor do seu destino.

O Coronel Pedrão fala do ser bandeirante sonhando com o futuro e desbravando o mundo.

– ... Que será do Brasil quando o sertão acabar? A Sabedoria, ninguém se engane, tem pernas para andar e boca para comer. O sertão é uma cabeça e

⁷⁷⁷ B.T., p. 164.

⁷⁷⁸ B.T., p. 164.

se nela cabem o bem e o mal, boto minha mão nas escrituras. Os homens não vivem para salvar, nem aproveitar, e sim para criar as coisas. Dormir precisamos com a mulher na cama e a paz na cabeça e eu sustento. Que será de São Paulo se não vivesse a lida do sonhar antigo de ir adiante?⁷⁷⁹

O sertão é aqui apropriado como o espaço da imaginação e de realização do ser paulista em expansão, sonhando grandeza. O personagem teme pelo fim desse espaço do desconhecido, como uma ameaça ao homem assim configurado na solidão e na busca de riquezas infinitas.

Bahiano Tietê é um desses seres voltado à amplitude, indo além de si para mostrar o infinito do ser, surpreendendo. O Coronel Pedrão fala do amigo em sua expansividade agônica, encarnado o destino de sua pátria sertaneja:

– Joguei o baiano Orindo no comércio e ele foi muito adiante do que esperávamos. Um homem assim não se desperdiça. Agora, levá-lo para dentro de uma fazenda é motivo de encher a boca e dizer: São Paulo não é uma locomotiva. É um homem com os pés nas suas botas, caminhando para frente. Este rapaz é o sertão. Tem os mesmos sonhos, a mesma loucura, o mesmo tutano e, desconfio, a mesma tragédia.⁷⁸⁰

E Bahiano Tietê é confundido pelo Coronel Pedrão com esse espaço do sonho e da loucura, em molde de realização trágica e insustentável do seu ser. Ele estaria imerso no seio de sua gente e dos elementos, como haveria de ser o papel do herói na medida clássica. E do ímpeto dessa fusão haveria de redundar uma reordenação cósmica. Assim se cumpriria o seu fado. Podemos ressaltar que o narrador ambivalente lavra o fio da sua escrita numa zona de fronteira, afirmando e negando a ação de Orindo enquanto herói. Também é digno de nota a sua persistência em tratar dos movimentos de territorialização e desterritorialização. Vê-se a facilidade com que o ser é deslocado pelas vivências a cargo de novas concepções existenciais e dos meios técnicos originando novos produtos, cuja posse e consumo promovem deslocamentos e apreensões da identidade.

Os ricos e poderosos de Alins vivem a loucura, uma modernidade tumultuada pelo dinheiro fácil, irrigando a insanidade de homens bárbaros que se julgam detentores do

⁷⁷⁹ *B.T.*, p. 167.

⁷⁸⁰ *B.T.*, p. 167.

destino do seu mundo. São normalmente homens sem cultura, que não seja a da violência. Saltaram num piscar de olhos de um primitivismo embrutecido pela luta contra os elementos naturais e pela posse das terras, para uma fase de usufruto desmedido e igualmente selvagem de todos os bens e serviços propiciados pela sociedade industrial. Nesse contexto tudo podem. As autoridades são como lacaios de seus desígnios. Seu poder é sacramentado pelo dinheiro e pelo gatilho, que dão última forma a qualquer pendência.

Coronel Ferrazinho puxou o Omega, subiu numa cadeira e mostrou:

– Coronelada broxa. Não se esqueçam que o tempo é a herança de quem tem a cabeça caiada de janeiros e, sendo, ordeno: Já é meia-noite e isto de ficar aqui, como nos dias de baile, acocorando as mulheres e alcovitando as netas, não é que fazer de um jequitibá. Já li nos Doze Pares como antigamente, quando alguém lutava e vencida era armado cavaleiro de armas e brasão. E como um “bicho” decidido... – pegou o fone e ligou... “Pensão Chanteli?” Chame madame Rosita... Olá beleza... Aqui é o Coronel Ferrazinho... Sim... Trate de evacuar a casa já e já... De macho só os músicos e os garçons... Sim... Sim... Não quero ver a cara de um gígolô, nem o seu... Ah! ... Tá dormindo?... A turma está aqui furiosa e carnívora e já vamos tocando para aí... Até já, belezona... Olha! Se já tem alguma francesa no ninho ponha prau salão, ta?

Não tardou e o ronco dos Buicks e Hudsons pararam em frente à Chanteli.

As luzes estavam apagadas. Era um uso de quando os fazendeiros chegavam. Ferrazinho pegou a alabarda e bateu forte. As luzes se acenderam, a porta se abriu. Enfileiradas, as mulheres receberam os “grandes” com o canto protocolar de Chanteli, para eles.⁷⁸¹

É notório o desrespeito a que esses donos do mundo submetem o Outro. Não querem saber de quem já estivesse na intimidade, em meio aos enlaces amorosos. Teriam de interromper o ato, mesmo sendo também fregueses no dispêndio de seus recursos. As ordens eram expressas e indiscutíveis. Têm afinal poder de vida e morte sobre os demais. Promovem a felicidade aos que se curvam e a desgraça aos que se negam à submissão.

⁷⁸¹ B.T., p. 168.

Madame Rosita curvava-se reverentemente. Era uma mulher inteligente. Oxigenara os cabelos, aprendera o francês com um gigolô provençal, e entre o amor e a docilidade fizera de sua casa o centro dos grandes negócios, e onde resolviam os intrincados problemas políticos das sucessões e empregos.⁷⁸²

E assim a vida era promissora para os que soubessem usar o impulso primário desses homens agenciados pelos hormônios e enunciações consagradas como discursos fundadores da coletividade.

Chegam ao esmero de se constituírem como numa sociedade secreta, cujo acesso é restrito aos portadores de atributos como dinheiro, macheza ou àqueles que inesperadamente tenham caído nas boas graças de algum dos chefes.

Doutor Câmara, exercendo o papel de arauto, bebendo champanha na sapatina de uma rapariga, anunciou a promoção:

– Considerando que o capricho é uma virtude dos deuses e dos fortes, proclamo a elevação de Bahiano Tietê a “Cavaleiro da Rubiácea”, que, juntamente com seus pares, jura pelejar por seu Rei e por sua Dama – a Fortuna.

Coronel Pedrão trouxe Bahiano Tietê para o centro do salão e fez o seu pronunciamento.

– Se cerimônia existe, está na autoridade e repito: Reginaldo Estrela, feche a compra da Santa Anésia para ele, e declaro Orindo Brotas, cafelista, fazendeiro de São Paulo.⁷⁸³

Assim Bahiano Tietê vai sendo aparentemente envolvido pelo ter e pelo ser na esfera dos possuidores. A máquina dinheiro, lastreada pela máquina café, adoçada pela máquina da sexualidade vai abrindo fronteiras inimagináveis neste ser aberto para o mundo. Cumpre perguntar se as principais janelas desse ser para a essência das coisas estariam sendo bloqueadas.

⁷⁸² *B.T.*, p. 169.

⁷⁸³ *B.T.*, p. 169.

Coronel Ferrazinho, berrando irreplicavelmente contra o infiel, estimulava:

– Champanha! – As taças foram sendo distribuídas aos fazendeiros, enquanto, subindo diante do grane espelho, deu a primeira ordem.

– Todas as mulheres nuas... Todas!... Não estão presentindo que estou falando da Torre do Castelo e as baterias já estouram?

A nudez das mulheres alvoroçou os velhos. Somente Reginaldo fingia alguma reserva. Os gestos obscenos e o palavreado sujo foram abafados pela orquestra tocando Rato-Rato. Os fazendeiros se jogaram sobre as “damas” e começaram as danças e a depravação.⁷⁸⁴

Os coronéis fanfarrões se julgam reis coroados pelo dinheiro e poder que conquistaram. Sua corte imaginária padece do mesmo vício do mundo real: conseguem devassar toda dignidade na realização de seus excessos.

O narrador, além de mostrar a cena, que por si só é reveladora, ainda acrescenta ironicamente: “– O café a duzentos dá nisto. Todo mundo é coronel e gastar é uma maneira de ser nobre.”⁷⁸⁵ Estamos numa sociedade de consumidores, em que a pertença ou não pertença ao estrito grupo dos ricos vai depender da cesta de consumo, como nos fala Beatriz Sarlo⁷⁸⁶, analisando a sociedade pós-moderna. É pelo consumo de bens de última geração que faz com que esses novos ricos da fronteira cafeeira se igualem imaginariamente aos nobres do mundo, alcançando padrão de consumo digno de cabeças coroadas.

Enquanto o sucesso material vai tentando lançar suas pontes, artimanhas que buscam enredar o ser, o coração de Bahiano Tietê é uma cidade invisível assediada por fantasmas, o que torna a territorialização impraticável. Vive o amor ideal impossível, como uma reserva ou anteparo do ser para a realidade. Nesse sentido, não possuir América é não possuir o mundo. A América pode ser aqui assimilada como desejo de mundo. Mas este lhe é interdito por suas concepções éticas, em que respeita inapelavelmente os direitos do Outro. Não ultrapassa o limiar, mesmo considerando no presente caso o mal-caráter Reginaldo, que mereceria a traição por viver uma vida de prazeres e amantes, insensível ao Outro, com especificidade para o Outro feminino.

⁷⁸⁴ *B.T.*, p. 169.

⁷⁸⁵ *B.T.*, p. 171.

⁷⁸⁶ SARLO, 2000.

Para o Bahiano Tietê Orindo Brotas (a prosperidade acontece a transformar o substantivo em adjetivo) aquelas reuniões semanais iam se tornando o pêndulo da sua tragédia íntima. Deixava-as amargurado para desejá-las que viessem como um lenitivo: viver com América. Procurava acreditar na satisfação privativa a seu espírito de contemplar e não levar a realidade à mulher amada; de sublimar aquele incesto de convenção moral e viver a flagelação do segredo. Aos poucos ia se habituando, sentindo saudade dessa osmose equilibrante. Não conseguia dominar as crises que o assaltavam quando deixava a casa de Reginaldo.⁷⁸⁷

Bahiano Tietê não dá o salto que lhe abriria o pleno gozo do mundo material, assediando América. Ela seria a chave para a queda do “herói” na torrente de subjetivação em agenciamento de corpos, objetos e discursos. Contrariamente, o “herói” parece ser capturado nessa fronteira entre o desejo e a sublimação, que lhe parece render uma nova existencialidade, saboreando suas amarguras. A fusão dos nomes Bahiano Tietê com Orindo Brotas caminha no sentido de uma síntese de sua trajetória, com todos os desencontros e desencantos.

A temática da mulher submissa ao homem, impedida de realizar-se ganha corpo na desconstrução da imagem angelical sempre atribuída às mulheres, como entonação dos grandes sentimentos.

– Bem... Lembra-se do dia em que falamos sobre o Anjo pintado no mural de sua loja? E que tu me perguntou por que na interpretação dos grandes sentimentos humanos a mulher só aparece como o Anjo? O Anjo é uma introdução: depois lhe aparam as asas e para isto dispõem de todas as leis morais, as da força bruta, as das tradições e a do dinheiro. Não existe o homem do próximo, mas a mulher do próximo, que vive agrilhoadada e com suas asas desplumadas dentro do velho mandamento.⁷⁸⁸

O narrador não poupa críticas a esses artifícios discursivos que captam a mulher numa promessa de eternidades. A redução de seus múltiplos atributos e potencialidades a uma imagem unívoca, para adoração e afirmação masculina, a fariam se sentir cativa, despojada das asas com que antes se apresentava tão bela. Era justamente a

⁷⁸⁷ *B.T.*, p. 171.

⁷⁸⁸ *B.T.*, p. 180.

possibilidade de voar, levar o preferido em seus sonhos, que a tornava irresistível. Feito o pacto de acasalamento, textual ou implícito, tudo se volta para garantir o homem, em sua liberdade de ser desejado.

Orindo comerciante permanece um observador do mundo e das relações. Entretanto, em sua fazenda de café, percebe esses movimentos de retorno a um outro paradigma das relações.

Confirmava. O cavalo do colono baiano da Santa Anésia Pedro Aleixo da Conceição assegurava o seu destino! Domingo, quando depois do almoço as famílias e seus chefes e suas crianças se aglomeravam em frente às casas ou à sombra das árvores; quando as relações se avivavam e a fazenda voltava à comunidade, trocando notícias singulares de coisas e ressentimentos, Pedro Aleixo da Conceição, montado em seu cavalo, passava em frente de todos, e todos gostavam de ouvir suas conversas. Era ele quem conhecia os mistérios da terra, as doenças, a variação das chuvas e dos ventos. Quem sabia quando a lua podia ajudar as plantas e apressa os partos; tinha na cabeça os segredos das sementes e a intimidade sombria das lutas com a morte e a miséria; conhecia todas as cantigas, os dias das festas, a preferência dos Santos e o folclore dos anjos do romãozinho e do valor das orações, num sincretismo tão variado como o seu sangue...⁷⁸⁹

Observa-se no trecho o retorno ao espírito de comunidade. O narrador capta esse afrouxamento da guarda, das barreiras que se erguem entre as pessoas, impedindo o entendimento. Aos domingos, o vaqueiro Pedro Aleixo consegue trazer de volta, através das histórias, lendas, ensinamentos sobre a natureza, esse mundo pretérito, num tempo em que as pessoas podiam desfrutar de relações mais solidárias.

E sobrevém a quebra da Bolsa de Nova York, acarretando uma crise sem precedentes para a economia cafeeira e do país em seu todo. Com isto, Orindo sente brotar uma esperança em seu coração, seja pela emergência de uma nova cultura, com o fim da era consumista, seja pelo lado sentimental, numa troca de papéis conjugais. Também o Velho Sebastião se regozija, não gosta do tipo arrogante e falso que é o genro. Interessante notar o valor da metáfora, na figura de América. Reginaldo treme em suas bases: “O que lhe atemorizava era o futuro de América.”⁷⁹⁰ Mas os seus

⁷⁸⁹ *B.T.*, p. 182.

⁷⁹⁰ *B.T.*, p. 185.

temores não dizem respeito à sua esposa, a quem desrespeita e trai. O que de fato o sobressalta é o futuro da civilização americana, à qual empenhou sua visão superficial do existir.

Com a derrocada dos negócios, rasgam-se os contratos de exploração de seres humanos. Os que antes eram disputados de forma mais inescrupulosa, arregimentados em batalhões de forçados, sob o canos das armas de capatazes facínoras, agora são lançados ao mundo, numa reedição do que fora anteriormente a abertura das senzalas, para o abandono do homem sem quaisquer direitos, que não o de viver ou morrer, entregue à própria sorte.

Recusando-se a dar os recursos que a terra oferecia, os fazendeiros tocavam os colonos das fazendas. O café descia de duzentos a oito por saca e o desastre tornava-se total. A fuga desordenada tomava aspectos angustiosos. Não eram somente os trabalhadores das fazendas que se deslocavam de um lugar para outro; com eles iam os artesãos, pequenos negociantes, sitiante e fazendeiros, fugindo da vergonha.⁷⁹¹

A desvalorização do homem atesta o estelionato que se constitui a nossa modernidade, com fachada de civilidade. Ela esconde por trás da rica e cosmopolita aparência dos solares, jardins e avenidas que ornamentam as principais cidades do país, as relações trabalhistas de base escravista. O narrador toca num problema crônico da sociedade brasileira, que é a instalação por decreto de modelos, tendências, modismos amadurecidos em outros sistemas. “A prosperidade por decreto, que reabilitara o café, devastando ruidosamente a terra e o homem com a voracidade colonial e escravagista, debandava-se apavorada.”⁷⁹² Torna-se uma prática constante ao longo da nossa história a importação de idéias, tecnologias, estruturas, à revelia das tendências, conhecimentos e possibilidades aqui amadurecidos. O país é dominado pelas elites vorazes que se sucedem, alheias aos interesses nacionais. Estas priorizam o próprio enriquecimento e poder, mantendo a nação sua refém, como negócio de família.

Nesse contexto de fragilidade institucional, é notório o apelo à figura do salvador da pátria, que irá redimir o país a seus percalços.

⁷⁹¹ *B.T.*, p. 186.

⁷⁹² *B.T.*, p. 187.

– Conhece este doutor Saraiva? Perguntou o velho.

– Já ouvi falar: tem o apelido de “Reforma Agrária”.

A crise, pouco a pouco, tomava aspectos diferentes e entre eles o inconformismo dos fazendeiros os tornava indiferentes às conseqüências diretas que o fenômeno robustecia. A palavra de ordem, no começo cuidadosa, crescia na preferência de uma solução em voga. “Precisamos de um homem” já não era um slogan: ia-se corporificando em uma consciência.

Agindo por conta própria, os fazendeiros que puderam se livrar da penhora dos bancos voltavam sombrios a velhas relações de trabalho escravagista e procuravam:

– Damos comida e recebemos serviços.⁷⁹³

Observa-se um entrelaçamento de discursos que perpassam a narrativa, em que se divisa por um lado uma pressão pela reforma agrária, tentando resolver as desigualdades sociais, e por outro o movimento retrógrado em direção a um tipo de escravidão acentuadamente corrosivo da dignidade humana, e do próprio ideal de nação. No horizonte da crise o narrador ressalta o aparecimento das chamadas palavras de ordem que, pela repetição ostensiva, acabam por afetar a consciência. A expressão “Precisamos de um homem” configura-se numa tendência, que se poderia dizer latente no imaginário da América Latina. O inconsciente coletivo das populações desse vasto continente parece esperar pelo messias, o chamado homem forte salvador da pátria, na contra-mão do fortalecimento das instituições. Nas mais das vezes essas figuras revelam-se déspotas que acabam por dar continuidade aos privilégios contra qualquer anseio de justiça social. Essa esperança atinge tanto as classes privilegiadas, como vemos agora nesse apelo ao “homem” para que seja mantida a ordem, como as classes da base social, que esperam um tipo de herói que irá desfazer as injustiças. Os relatos históricos mostram que as classes inferiores são sempre instrumentalizadas com promessas que indefinidamente são postergadas em proveito da continuidade dos sistemas de dominação.

Joviano ensaia mais uma de suas ultrapassagens dos modelos estabelecidos e das palavras de ordem, atestando nossa incapacidade para grandes realizações. Após os eventos que culminaram no seu engajamento na Coluna Prestes, chegara a Alins. Com o aprendizado que fizera de mecânica, acabou por produzir um carro. Este carregava um

⁷⁹³ *B.T.*, p. 190-1.

tritador que transformava quaisquer sementes oleaginosas em óleo combustível. Sua invenção abre a discussão sobre os estereótipos que estigmatizam o nosso povo em proveito dos países agenciadores do imaginário e produtores das diretrizes básicas para as interações do homem com o mundo.

– Porque não podemos fazer o mesmo? Você se lembra quando nos trouxe aquela litografia com a oficina mecânica do velho Ford? E que pôs nas nuvens as virtudes daquela pobreza decisiva e genial? (América beliscou a perna do velho, mas este insistiu). Tinha ele naqueles dias uma única vantagem: um pouco de material a mais e alguém a seu lado incapaz de desmerecer e negar ao homem o seu destino criador. Podia ser uma pessoa ou uma sociedade, mas o certo, o que aconteceu não foi um acidente.⁷⁹⁴

O narrador toca num ponto decisivo para a permanência do atraso no país: o olhar depreciado com que nos vemos, contribuindo para a auto-estima e auto-confiança rebaixadas, o que é um fator de manutenção da colonização do imaginário nacional por outras culturas. “– Nem a agricultura, nem a indústria são privilégios de uma nação. Fazer é uma liberdade...” e completa questionando se poderíamos construir uma nação “Plantando cana e comprando enxadas?...⁷⁹⁵ O narrador usa da imagem para alertar-nos do risco de permanecermos uma nação agrícola, dependente da importação dos insumos essenciais à produção e sujeitos aos humores dos mercados compradores dos produtos primários que produzimos. Lembra-nos também que os homens são todos iguais, cabendo a cada grupo decidir pelo caminho do desenvolvimento ou da estagnação. O homem ao criar dá asas ao seu ser-no-mundo.

As tensões políticas e sociais sobem ao insustentável, gerando abalos e contestação em todos os quadrantes da sociedade. Chega-se ao ponto de ruptura. América decide afirmar sua identidade de mulher com uma profissão e um destino a cumprir, dando um basta à submissão e à tutela do marido.

América pegou o fio da conversa e foi como se botasse sal e limão numa ferida.

⁷⁹⁴ *B.T.*, p. 194.

⁷⁹⁵ *B.T.*, p. 194.

– Todos nós temos certas tradições culturais, ou melhor: se satisfaz plenamente aquele que se prende à sua vocação – Levantando-se deixou escapar o seu pensamento protegido pelo olhar metálico do velho.

– Sou professora e pretendo retomar a minha cadeira.⁷⁹⁶

A reação do marido é bem representativa da condição feminina naquela sociedade.

Reginaldo deu um salto e bateu forte na mesa.

– Nunca! Não permitirei. Você é minha mulher!... [...] Seu Sebastião me compreende... Como permitirei que por sentimentalismo eu venha ser desmoralizado? [...]

Joviano olhou para os olhos de América e viu como eram parecidos com os de tia Gatona.

Orindo compensava-se, mas auto-retratou-se: o Anjo se valeria de suas asas – e reprimiu-se.⁷⁹⁷

Reginaldo reage. Acha que seria um rebaixamento da sua posição de macho, provedor e homem de posses, sua mulher exercer uma profissão. Interessante o jogo de cena e silêncios que muito falam. Joviano sente no olhar de América a mesma determinação de Tia Gatona. Orindo conteve o regozijo, pelo prazer superior de ver sua amada imortal criar asas, ir além do ser obscuro que lhe tolhe os movimentos e impede-lhe a realização.

Joviano planeja uma viagem carregada de simbolismos. Deseja ir ao sertão do São Francisco dirigindo sua invenção, para firmar o início de uma nova era de união nacional, mostrando, outrossim, que o sertanejo é capaz de despejar-se do estereótipo, que o olha como selvagem e primitivo. Pretende comprovar a liberdade do homem para ir além do destino em que as maquinas de subjetivação tentam lhe enredar.

Enquanto Joviano prepara sua partida, os acontecimentos políticos precipitam-se. São Paulo levanta-se em prol da Constituinte.

Joviano pressentira, quando da destruição do Consulta, que os cavalos já não dariam conta do processo de aproximar as pessoas. Novos instrumentos seriam necessários. O cavalo ficaria como símbolo de um passado em que fora importante elo nas comunicações e transportes entre lugares distantes, ajudando na coesão nacional. Agora,

⁷⁹⁶ *B.T.*, p. 194.

⁷⁹⁷ *B.T.*, p. 194-5.

Joviano punha a prova seu invento, com potência de muitos cavalos, para ajudar a acelerar a integração e o desenvolvimento do vasto interior.

O narrador não cessa de afirmar a autonomia do homem na consecução do seu destino, principalmente quando as pessoas se unem, para fazer valer sua vontade.

Aquele homem sofreu a mais horrível tragédia, sem ódio, perdia-se na felicidade do encontro: sua consciência estava ali na sua máquina miraculosa, como se fosse uma etapa de tranqüilidade. O vaqueiro Joviano, com a razão, libertava os cavalos, – pensou América meio ressabiada.⁷⁹⁸

Joviano representa o homem capaz de ir além de sua tragédia pessoal, para encarar novos sonhos. O personagem encarna um ideal coletivo de união e paz entre as pessoas, o que o faz transcender o próprio desastre. Trata-se de um homem de caráter, em contraposição a Reginaldo, olhado com ironia pela esposa. Orindo não se contém diante da hipocrisia de certos personagens desprovidos de caráter, querendo se passar por baluartes da honradez e do patriotismo, buscando vantagens da situação caótica.

Orindo deu um salto e caiu sobre o aparelho para espanto de todos. Fechou-o e com as mãos crispadas, olhos esbugalhados, gritou:

– Mentiroso, assassino e infame. Eu o conheço e pergunto: Por acaso aqui não existe uma pessoa honesta que desconheça a história da Fazenda Fonte Azul, onde este ladrão hipócrita e cruel vem demonstrando o seu caráter? Por que ele fala em nome da Lei e de São Paulo? Por que me olha assim, Dr. Gilson, e você também Dr. Márcio, com seu fingimento canalha de um mistificador repugnante? Não será com tais tipos que se desofende uma Nação tripudiada e desonrada, aproveitando a adesão dos corruptos para medir forças com um grupo integrado pelos mesmos tipos insensíveis e desonestos.⁷⁹⁹

Ele denuncia os artificios dos oportunistas pegando o bonde das situações desestabilizadoras dos sistemas para ganhar terreno. São os que desde sempre se aproveitam do ímpeto renovador para de um só golpe se livrarem de todos os entraves ao poder a que se agarram, inescrupulosamente. Infiltram-se nas forças transformadoras

⁷⁹⁸ *B.T.*, p. 197.

⁷⁹⁹ *B.T.*, p. 200.

para, uma vez vencida a parada, darem o golpe em cima do golpe. Muda-se as marionetes e mantêm-se os papéis, ficando tudo como estava.

E Orindo volta-se para Reginaldo e exorta o amigo a despir a máscara, sob pena de ver-se esfacelado.

– Perdoe-me Cabo. Você me conhece e sabe de tudo. Eu não podia calar-me diante de uma injúria. Um dia você também terá que falar a verdade e falará ou será esmagado por sua própria consciência. Nascemos na mesma terra e nos dias da adversidade uma mulher nos passou uma lição de dignidade endurecida na vida leal e rude de Sinfrônio de Almeida, homem justo e incorruptível... Desculpe-me dona América e seu Sebastião, a quem reconheço prezar o seu velho e intransigente caráter paulista, incapaz de ceder-se à conveniências; e ao senhor Coronel Pedrão, meu amigo, e a todos os que assim me consideram.⁸⁰⁰

A sinceridade de Orindo, um ser lançando-se no abismo em que compromete a máscara do comerciante polido e cordial que ostentava, para nascer outro, desperta reações que querem incluí-lo no rol dos loucos. “– Ele ficou doido? – Não, a dignidade tem destas e quando o perigo é iminente e irreprimível ela parece com a loucura.”⁸⁰¹ Palavras sábias do Coronel Pedrão, um verdadeiro guardião desse ser para além de si, Orindo “rio indo” eternamente em crise, arrematando reduções simplificadoras.

As surpresas se sucedem na narrativa pela interpretação perspicaz dos problemas que nos assistem. O narrador explica o porquê da falta de disposição dos combatentes e a deserção.

A realidade exigia uma interpretação do fenômeno. A falta da participação do povo no conhecimento de sua história e dos seus destinos resultava naquele impasse doloroso entre a superstição e os sentimentos. Pediam-lhe a vida e o sangue em nome, uns da Legalidade, outros da Constituição, sem antes facilitar-lhe as franquias e o conhecimento destes direitos. Para uns, esta ordem seria um negócio, para outros uma desilusão e para todos uma pergunta.⁸⁰²

⁸⁰⁰ *B.T.*, p. 201.

⁸⁰¹ *B.T.*, p. 201.

⁸⁰² *B.T.*, p. 201-2.

As bandeiras levantadas versam sobre temas alheios à realidade da população. Fala-se em Legalidade e Constituição, palavras distantes para os proscritos de quaisquer direitos. Seria antes necessário franquear-lhes a condição de cidadãos, com direito a participar dos meios de produção e seus frutos, para que sentissem na pele o que é ter direito, e daí brotasse visceralmente o desejo de lutar. O narrador em *Bahiano Tietê* enfatiza a condição de oprimidos, em regime de semi-escavidão, dos homens arregimentados nos batalhões paulistas. Ele sugere o fortalecimento do homem, a sua territorialização na sociedade como parceiro do sistema, o que equivaleria a transformá-lo em proprietário. Esta seria a condição para que lhe subissem os brios, indo à luta para assegurar os seus direitos. Ao contrário, o que os recrutas vislumbram é sua condição subalterna, sendo manipulados pelos grupos em litígio, que tentam tirar vantagens pessoais, em detrimento dos interesses nacionais.

Nas trincheiras, frente à frente, os combatentes acusavam uns aos outros do mesmo crime, como se fosse a decisão entre crianças que resolvem riscar no chão dos traços e dizer: “Este é seu pai, esta é sua mãe!”. Aquele que ousasse pisar o traço era a guerra ou a submissão total.⁸⁰³

O narrador compara a atitude dos combatentes a crianças em seus jogos de guerra, tendo como *leitmotiv* situações pessoais, articuladas de forma passional. Mas a vida é assim mesmo, os homens se matam e às vezes esquecem porque se matam. Depois vão embora, deixando para trás o brinquedo porque lutaram. É que surgem outros brinquedos mais interessantes, acarretando outras pendências.

E as forças que Orindo desafiara parecem bastante atuantes:

No “Continência à Lei” decidiam diferente: primeiro, deveriam fazer a limpeza total, liquidar os traidores sem desprezarem a discriminação regionalista como ponto de partida para a mesma. Depois partiriam para a luta. O primeiro acusado foi Orindo Brotas, nortista rico e inimigo dos paulistas. [...] Orindo cedeu aos pedidos de dona Jesuína e América. Seria preso e remetido para São Paulo sob escolta e sem esclarecimentos. [...]

Quando foi comunicada a ordem de prisão para Orindo Brotas a resposta inesperada abalou o Comitê.

⁸⁰³ *B.T.*, p. 201-2.

– Fomos traídos! Estão traindo São Paulo.⁸⁰⁴

São forças do atraso, tentando o estelionato, com que sobrepujam todas as consciências, deixando um recado para a posteridade: a besta humana é intocável. Não ousem despertar a sua ira.

Enquanto esses acontecimentos têm lugar, o ex-vaqueiro Joviano persegue seu sonho. Podemos chamá-lo um louco egrégio, um ser que se consagra buscando a paz, a união, tentando dizer ao mundo que o sonho Brasil nação de todos é possível.

Joviano atravessou a divisa Minas/São Paulo no dia 7 de julho. Fizera uma pequena pausa para moer um pouco de mamona e abastecer o tanque. [...] Tomara o rumo de Oliveira e já se desviava para o Norte para conseguir um paralelo com o São Francisco, um pouco abaixo das nascentes. Por todos os lugares onde passava era cercado por uma população pobre e supersticiosa, um pouco mais suprida de bens do que as populações do sertão baiano. Havia, no entanto, maior número de negros e a mentalidade do povo era mais retardada e distante.⁸⁰⁵

Viajar é sair de si para o inesperado, é ficar num ponto de transição. Abalou-se o que se era, mas ainda não nos encontramos numa nova face. Opera-se a *hecceidade* (individualização sem sujeito), que segundo Deleuze e Guattari são acontecimentos das multiplicidades, cujos elementos são *singularidades*, as relações são *devires*, seus espaços-tempos são *livres*, realizadas no *rizoma*, tendo como plano de composição os *platôs*.⁸⁰⁶ A trajetória de Joviano foi sempre marcada por esse devir outro, gozando a liberdade com o desconhecido, de forma singular, a depender das intensidades dos aportes, ele mesmo sempre espanto e disponibilidade como quem ocupa um plano superior, um platô, em que não se deixa intimidar pela vertigem das alturas frente aos abismos. A sorte sempre o arranca de si para flutuar em devir aguardando as interações. Primeiro assassinaram seu pai e lhe desonraram a mãe, depois assassinaram suas mulheres e o filho. Então sonhou com cavalos de aço, para além dos cavalos amigos. Queria provar a sua gente que um sertanejo que sonha pode traduzir uma outra realidade, como um europeu ou um norte-americano. A cada momento é um outro

⁸⁰⁴ B.T., p. 202.

⁸⁰⁵ B.T., p. 203.

⁸⁰⁶ DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 8, vl. I.

homem, renovado, aflorando diante do desconhecido em si e além. Por isso observa e contenta-se com tudo que vê, se vê inocência. “Joviano perdia-se na contemplação da paisagem e sentiu o cheiro do rio. Olhou para o céu: o sol e ele se juntavam no espicho das sombras. Joviano já era a compensação do seu pensar satisfeito.”⁸⁰⁷ Até que a besta humana novamente intervém:

– Admiro. São Paulo quer se separar. Os gringos e os comunistas do Matarazzo querem escravizar o Brasil e tomar nossos filhos, mas Deus é maior e o senhor esteja preso. [...]

– Só uma espingarda 16 e um facão jacaré. Que tenho com a guerra? Sou mecânico e vejam. Este carro eu fiz com minhas mãos para provar que já é tempo de se libertar os cavalos. Eu mesmo faço o combustível e um dia todos os homens da roça terão um carro assim e a vida será mais fácil e melhor... [...]

Joviano começou a explicar como fez o carro e as suas particularidades.

– Tudo isto é bom, moço, mas vou lhe recolher! O que posso lhe fazer, prometo: é lhe arranjar a comida.⁸⁰⁸

A cena instaura-se simbolicamente como crítica das situações burlescas em que muitas vezes são enredados os que têm propostas inovadoras para a transformação do país. O narrador não nos ilude. O autor implícito parece saber muito bem o destino dos pacifistas, sonhadores de uma realização do homem comum para além das injustiças que rebaixam sua condição humana. A ironia está no fato de Joviano sonhador, carregando uma pureza de ser que o faz extasiar-se tanto com a paisagem natural assim como com a viagem transcendental visando redimir o homem ofendido, esbarrar numa cela fedorenta com a promessa de uma ração humanitária cedida pelo seu captor. O destino de Joviano aponta essa irônica articulação de forças retrógradas tentando parar a roda do mundo em que permanecem donos da história.

Enquanto isso, em Alins, as mulheres estão atentas ao desenrolar dos fatos. Articulam-se rumo à emancipação.

– Companheiras da Liga Feminina da Defesa. Antes de se repetir: “Tudo pela Constituinte” devemos perguntar a nós mesmas, projetos da nova

⁸⁰⁷ *B.T.*, p. 204.

⁸⁰⁸ *B.T.*, p. 205.

constituente que virão garantir a liberdade de direitos iguais para as mulheres?

– Que os homens tratam dos seus negócios, das suas terras e até das suas amantes em separado, mas, diante de uma situação como a que enfrentamos, temos o direito de levantar a cabeça e de ir muito além da obrigação de costurar camisolas para soldados e ter que oferecer as nossas jóias pra a compra de armamentos, para que venham reforçar o despotismo dos homens sobre as mulheres.

– Até pegar no pau furado... Na escola nos repetiam as virtudes de Maria Quitéria.

– Apoiado, apoiado, – aparteu dona Eunice, seguida de outras vozes.

– Sustento. O perigo e o coito une todas as vontades. Para que estamos fazendo a guerra? Respondam-me?...⁸⁰⁹

Elas aproveitam o período de efervescência política e de quebra dos protocolos e normas, por conta da guerra, para fazer uma reflexão mais cuidadosa do desenrolar dos acontecimentos. As mulheres organizam-se para que não sejam mais uma vez instrumentalizadas como figurantes sem direito a opinião. Atinam com o que seria melhor para a sua realização como seres autônomos, companheiras dispostas à luta, mas não escravas dos desígnios de seus maridos.

A personagem Clementina Nery, mulher casada e liberal, tendo feito estudos em Paris, desempenha um papel importante nas lutas pela emancipação feminina. Assim como seu marido, mantinha relações amorosas fora do casamento, fato que era do conhecimento de todos. Ela exorta as mulheres a uma definição de princípios visando a assegurar uma reviravolta nas bases sociais de configuração machista.

Algumas delas, mais liberais, encetam uma luta pela igualdade de direitos perante os homens. Querem a promulgação da lei do divórcio que lhes permitiria, em caso de fracasso do casamento, constituir uma outra família, de forma institucional e não à revelia das leis e da ética, como fazem os homens, criando relações paralelas ao matrimônio.

E uma consulta à platéia serve de medida para o grau de submissão de muitas mulheres a toda sorte de preconceitos. “... quem for pelo divórcio, se levante. E quem não for conserve-se sentada. Algumas mulheres que estavam de pé sentaram-se

⁸⁰⁹ *B.T.*, p. 208.

precipitadamente, apavoradas.⁸¹⁰ Em poucas pinceladas o narrador esboça um perfil daquela sociedade, o agenciamento aterrorizante do ser-mulher sob os desígnios do homem, detentor do destino das desafortunadas.

Diante de argumentos conservadores, envolvendo religiosidade e submissão, Clementina torna-se mais incisiva:

... Mas acontece: os homens, mesmo velhos, dão-se ao luxo de possuir as suas amantes, isto é, quando são donos de fazenda de café, proprietários, capitalistas etc. etc. Iguais às mulheres velhas que podem pagar generosamente quem durma uma noite com elas. Isto eu chamo de privilégio de classe...Por acaso a religião tem algo com isto, se aceita a doação para comprar um vitrô para as ogivas das nossas catedrais?⁸¹¹

O narrador costura sua trama, golpeando os alicerces corroídos da religião e da família, que têm suas consciências amortecidas pelo tilintar das doações ou pelo bálsamo dos favores.

Depois de uma pequena pausa sondou o auditório com os olhos. Clementina Nery continuou como uma onça acuada e bela – sou uma mulher paulista. O dinheiro dos Nery sobrou para que me mandassem fazer um curso na Sorbonne e me impusessem um marido. Isto é muito moral vindo mesmo desde os horrores da escravidão, até a exploração que você, dona Ana Esteves, conhece como esposa de um homem que começou como administrador de fazenda.

Uma gargalhada instintiva reforçou a suposição da velha história da mulher bonita do administrador enriquecido.

– Ninguém me insulta, sou uma mulher honrada! Você é uma galinha...

812

A história dos casamentos de conveniência, realizados à revelia do desejo, recebe toda a ironia do narrador. Ele também sugere relações outras, escabrosas, em que homens ambiciosos fecham os olhos para o que se passa sob suas barbas, com o fito de

⁸¹⁰ *B.T.*, p. 209.

⁸¹¹ *B.T.*, p. 210.

⁸¹² *B.T.*, p. 210.

enriquecerem. As mulheres servem sempre de instrumento, envoltas no que se pode chamar de máquina sexual articulada pelo discurso machista.

Gritos e protestos violentos encheram a sala até que América Bueno, levantando-se, exclamou de braços abertos:

– Será que o destino de São Paulo vale menos do que os seus casos pessoais? Somos uma assembléia e me consta sermos pessoas educadas. Peço silêncio. A companheira Clementina está com a palavra e pelo bem de São Paulo devemos mantê-la, a ela e a todas aqui que desejarem fazer o mesmo.⁸¹³

A personagem América está a se revelar. Cresce bela em sua dignidade de mulher tomando conta de si: além da sombra de um marido inescrupuloso que a tinha como mais um de seus luxos, maquinando vaidades. E Clementina prossegue:

– Você, prima Antonieta, respondo ao seu protesto. A mulher como você, desquitada e com renda, pode camuflar-se honestamente até de mártir do seu organismo. Noventa e oito por cento das nossas mulheres casadas vivem praticamente desquitadas. Quando o marido vive em estado de adultério com amantes e biscates e se a esposa ciente o tolera, quer dizer que ela passa a ser uma escrava privilegiada. Isso não acontece com as desamparadas pela lei e pela tradição. Agindo em legítima defesa dão uma resposta à altura da sociedade e às suas prerrogativas de falsa moralidade.⁸¹⁴

O narrador ataca a hipocrisia ou submissão que envolve as mulheres das classes possuidoras. Umam realizam seus desejos sob disfarces, outras se acomodam ante a traição dos maridos, vivendo uma vida nas sombras. Diferentemente, as que não tem nada a perder reagem à altura, colocando-se acima do conformismo moralista.

E mais um embate tem lugar:

– Ninguém sai daqui. – Fechou a porta e subiu numa cadeira. – Agora vou falar outra vez. Estamos em guerra e o inimigo não se popa. Aqui na minha bolsa trago o espelho, o pente, o batom e as... Olhem. Conhecem sim.

⁸¹³ *B.T.*, p. 210-11.

⁸¹⁴ *B.T.*, p. 211.

É imoral mas são preventivas. Trago também um revólver. Tenho um marido e, como já lhes disse, vivemos por conveniência e ele sabe disso. [...] Agora, diga-me Laura Esteves, você poderá dizer a mesma coisa? [...] Eu faço por consciência, para não esconder debaixo do nome dos Nery o sangue de outro homem. [...] Ponha o orgulho e a burrice de sua mãe adiante da verdade e diga quem de nós duas é a galinha?⁸¹⁵

E a guerra dos paulistas se torna o horizonte de luta pela emancipação da mulher. Clementina Nery é a encarnação da mulher do futuro, com sua autonomia financeira e sexual, consciente dos seus atos, sem nada a esconder. Mas guerra é guerra, todos acabam por sair chamuscados.

A sala foi se esvaziando como se uma força a evacuasse. América, de pé, assistia emocionada. Dona Eunice aproximou-se e com sua franqueza de camponesa adiantou:

– Isto é guerra, minha filha, e na guerra tudo é possível. Você sabe de quem é o filho de Laura Esteves?... É do seu marido.

América Bueno caiu de bruços sobre a mesa. Dona Eunice compreendia a sua precipitação, mas era tarde. A guerra era uma desgraça. [...]

– Perdoe-me, América, foi sem querer. A guerra está aí e por isso nós as mulheres e as mães devemos fazer tudo pela paz, justo mesmo é só a paz. – E saiu também como uma sonâmbula.⁸¹⁶

O ser na narrativa é uma instância laboriosa em sua tragicidade, envolvendo o movimento constante de morte e ressurreição. Morre um sonho, o choro lava a face descolorida. E da água mesma que é vida, ida, fluxo para além, nasce outro ser renovado. Talvez ganhe mais leveza, perdendo as raízes que o territorializam, tolhendo os movimentos da planície campeadora das multiplicidades que proporcionam um entendimento aberto para a vida. Dona Eunice demole América, esposa dedicada, agenciada no sonho de ser fiel e esperar fidelidade, mas também é envolta no turbilhão que acionara. Tudo é transformação. O narrador flagra esse momento de dispersão do ser em que a mulher sai como sonâmbula. A poesia é mesmo a forma sutil, presencial, de incorporar nas imagens a passagem do ser humano nas trilhas embaralhadas da vida.

⁸¹⁵ *B.T.*, p. 212.

⁸¹⁶ *B.T.*, p. 212-3.

O narrador define a guerra como fruto da vitalidade do mundo em transformação, para além das acomodações, e que mais tardar vão gerar outros movimentos sobre novas acomodações. Então seria a guerra o estertor de um mundo querendo parar a história, para restabelecê-la em sua plenitude?

Reginaldo não recebera mais cartas de América e o incidente da Liga lhe convencia. A guerra tinha penetrado com seus imprevistos temerários em sua vida privada. [...] Continuou escrevendo e não tinha resposta. E uma notícia chegou-lhe da esposa. Sinézio Pulpo, que estivera em Alins, lhe assegurou: ela retomou a cadeira do II Grupo e está lecionando.⁸¹⁷

América já era outra. Assumira sua dignidade de mulher, vivendo do seu trabalho, não como apêndice de um marido cheio de subterfúgios. A guerra familiar fora a coroação de um processo de ancoragem numa subjetividade que buscava remansos a se dobrarem interiores aos grandes fluxos de subjetivação, em que se perdem as possibilidades de ser.⁸¹⁸ Aqui vemos a mulher, num golpe de ousadia, alijar-se da máquina casamento que prometia anulá-la.

América Estrela repudiara o marido. [...]

Reginaldo procurava uma saída honrosa para seu caso familiar. Poderia revelar a América a sua incapacidade reprodutora, mas criaria uma contradição irreparável e a calúnia premeditada tornar-se-ia uma evidência culposa de sua infâmia. Deixou-se ficar nas trincheiras sem dar notícias. Chegou um dia a avançar com a patrulha e ser citado na Ordem do Dia. Mas isto era a guerra, ali se esvaziando nos recursos e nas almas.

Esperaria. Lembrava-se do que lhe dissera Orindo: – “Cabo, um dia terás de falar tudo, senão sucumbirás”. Era um dizer de Sinfrônio de Almeida – um fantasma no seu pensamento.⁸¹⁹

Enquanto América cresce em dignidade, na simplicidade da vida como professora, Reginaldo segue como um ser perdido em suas mentiras. Envolve a todos em suas

⁸¹⁷ *B.T.*, p. 214.

⁸¹⁸ Seguimos aqui o pensamento de Hélio Rebello Cardoso Jr., em sua interpretação do processo de subjetivação tendo em vista a subjetividade, conceitos trabalhados por Deleuze e Guattari. CARDOSO JR., 2005, p. 185-192; In, *Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzschianas*. (Rago, Orlandi, Veiga-Neto, orgs.).

⁸¹⁹ *B.T.*, p. 214.

manobras. Mesmo os chefes da causa paulista parecem sensíveis a sua teatralidade. “Chegou um dia a avançar com a patrulha e ser citado na Ordem do Dia.” Assim, os pobres diabos vão para a frente de batalha, enquanto ele se refrigera e é citado como um herói. Mas, apesar dos engodos, traz bem guardado em seu íntimo o que lhe dissera Orindo, a respeito de um encontro fatal com a realidade.

E o “herói” aprisionado tem o tempo do mundo para fazer o que mais gosta: pensar na condição humana. Debruça-se sobre os fios do existir que entram em rota de colisão e se esgarçam.

A “Casa da Migração” transformada em presídio político oferecia à imaginação de Orindo Brotas motivos que se partiam nos empates precipitados na articulação do dia-a-dia.

A não ser o trânsito funcional e o sol empurrando a sombra da laje úmida do calçamento, somente o convite à divagação instava ressurreições de confrontos. Os acontecimentos precipitados asseguravam-lhe novamente a participação numa farsa política. De quando aceitara entregar-se física e intelectualmente à sua realidade histórica para manter e alcançar para si a paz entre grupos irreconciliáveis. Agora repetia-se o mesmo jogo. Convertido num instrumento, aceitava o delito para antepor, à ferocidade das competições, o sentimento casual de uma frustração amorosa. Ambos se concretizaram à margem de movimentos insurreccionais onde a condição humana das causas e dos efeitos era sua tragédia à parte.⁸²⁰

Sente-se mais uma vez envolvido numa farsa, como a dos episódios de Santa Maria da Vitória, quando de sua estadia como emissário do governo estadual, para costurar a paz. Agora, na prisão, representava a paz nos encaminhamentos competitivos entre os homens do poder. Sua dignidade era um empecilho ao funcionamento do mundo. Está no seu ninho interior de amor ferido, ao qual se recolhe por uma ética que chega às raias da morbidez, impedindo-o de agir. Porta-se como o intelectual, que pesa muito cuidadosamente todas as opções e acaba por ficar no meio do caminho, secundado pelas dúvidas. Chega ao ponto de conjecturar qual seria a morte mais adequada, morrer no campo de batalha? Assim guardaria seu segredo e seria pranteado pela amiga como herói. Mas duvida de tudo: “Orindo já não acreditava na morte.”⁸²¹

⁸²⁰ *B.T.*, p. 214-5.

⁸²¹ *B.T.*, p. 216.

Orindo oferece-se para lutar e é libertado. Mas a guerra chega ao fim deixando por toda parte as suas marcas e deslocamentos. Provoca uma dispersão do mundo, sempre fluxo da imaginação no que se afigura mais volátil.

A cidade de Alins vivia as conseqüências da guerra. Esta ficara na comunidade como fator de emoções e surpresas. Entre elas foi a recepção ao Tenente Domingos Bonfim, que desfilou pela cidade numa maca suspensa nos braços do povo; a outra era o desentendimento entre o casal Estrela, do qual já se falava em rompimento definitivo pela permanência inexplicável de Reginaldo em Santos: a última era o desaparecimento de Orindo Brotas, o derradeiro Voluntário do Batalhão Agrícola, que entrara em ação na frente Norte.⁸²²

O conflito, em seu rastro de destruição, varreu do mapa aquela *Belle Époque* interiorana, produzida pela vitalidade do café e tendo seu ponto alto na casa do casal Estrela, com suas permanentes festas e aparência de felicidade. Entretanto, este ninho de felicidade escondia sob suas luzes a farsa de Reginaldo como marido e o drama do amigo Orindo apaixonado por América. Agora os personagens dessa comédia humana parecem buscar suas origens existenciais, o argumento de suas vidas. América, com sua pureza e ideal, permaneceu em Alins, mas foi além do eu agenciado em mundaneidade. Voltou ao sacerdócio professoral. Reginaldo ficou em Santos, jogando a sorte nessa encruzilhada do mundo, sempre sedutor. Orindo tem o paradeiro ignorado. Parece deslocar-se de si mesmo em permanente busca.

Joviano voltava para Alins no primeiro trem de baiano que a Central fez transitar para aliviar as cidades mineiras. Dera ao Coronel Alípio a troca da simulação que o livrara da prisão e do “fuzilamento” o seu carro que o maneiroso queimou em praça pública para comemorar a vitória do governo e fazer desaparecer a atitude que tomara contra ele.⁸²³

A narrativa transita nesse limiar de possibilidades de leitura, carreando signos de um estranhamento com o mundo das continuidades no espaço do Mesmo chamado Brasil. Assim, o carro de Joviano que parece simbolizar a desobediência civil é queimado

⁸²² *B.T.*, p. 218.

⁸²³ *B.T.*, p. 218.

publicamente como recado do poder disciplinar, para que sirva de exemplo aos que querem reinventar o Brasil. O Coronel Alípio faz o jogo do colonizador oportunista em apropriações escusas dos talentos que se apresentam nas margens. Livrara Joviano da prisão, conduzindo-o a sua fazenda, onde soube bem aproveitar-se de sua inteligência para a solução de problemas técnicos. O inventor é punido exemplarmente, ao tempo em que se afasta o perigo de seus ímpetos de criatividade desbancarem oligarquias e estragar o jogo das potências hegemônicas. Assim, o “delinqüente” pôde voltar ao convívio dos homens. “Em Barra do Pirai, encontra Orindo, que procurava entre os vagões entupidos algo que o satisfizesse.”⁸²⁴ Esta é a consagração de seu ser em expectativas, de não saber-se para quê no mundo, a cata de surpresas, tentando desvendar-se.

Joviano arrojou-se para fora do vagão e o deteve no meio da plataforma repleta.

Orindo o foi arrastando entre o povo como uma onça levando a sua presa. Chegaram até um bar.

– Você, mano – disse-lhe Joviano como se nada tivesse acontecido – o dia de amanhã está nos esperando. Vamos para casa.

– Para Santa Maria da Vitória?

– Não, para Alins.

– Por que não para Santa Maria, onde poderei criar cabras e tu recuperar a tua propriedade!

– Por que criar cabras? Somente porque o velho Paulo Pereira descobriu que foram elas o segredo da resistência de Canudos? Em Alins poderei recomençar e provar que o tempo dos cavalos já passou.

– Não posso, Joviano, voltar e não me perguntes porquê. Me mataria se tivesse de revelar o meu segredo, mas vou te dar uma procuração. Se eu tiver precisão de dinheiro escreverei a você de onde estiver... Bem? Serás melhor comerciante que vaqueiro.⁸²⁵

Orindo dá mais um salto para o nada, um ser suicida. Entrega os negócios ao amigo, sem saber que em Alins encontraria aquela a quem amava, a caminho da liberdade de poder ser o seu amor, sem sentimentos de culpa. Mas o narrador prefere fugir a finais

⁸²⁴ *B.T.*, p. 218.

⁸²⁵ *B.T.*, p. 218-9.

felizes, colocando as relações na fronteira periclitante, para mostrar a dificuldade de se chegar ao Outro no rastro das idealizações. Somos afinal seres ilhados em nossas ilusões de subjetividade. A ilusão de Orindo é ser a consciência do mundo, investido numa ética que o faz relativizar a si, para preservar o Outro. Transforma-se em órfão de si mesmo, constantemente abandonado, tentando agarrar a tábua do ser.

O que ele não advinha é a queda fatal, a desconstrução da imagem pública de Reginaldo.

... Agora, desmascarava-se!... Alins sabia deste embuste através do qual Reginaldo vaidoso e vil empregara como justificativa. Foi para a frente de batalha não porque sentisse a negação das leis ao povo, como pensava Orindo, e sim porque antepunha seu egoísmo à honra e à vida dos que chamava de amigos e companheiros. Reginaldo, apesar da origem quatrocentona, ainda era um estrangeiro voltado para si: vendia e ganhava para suprir a incapacidade de integrar-se no seu próprio destino.⁸²⁶

O narrador traça um breve perfil psicológico do homem de caráter acumulativo, que faz do ter a suplência de uma falta.

E aqui se chega ao ponto dos achados e desencontros do romance que não se concretizou. Orindo ausente perde para a sua história de homem em permanente deslocamento. Mas se tivesse presente, acaso daria ele o salto para o Outro feminino, na figura da que fora a ex-mulher do amigo? Ou permaneceria ele refém da eterna falta, contrapeso da ética que se arvora a uma perfeita harmonia entre os homens? E América faz a correção de rumo.

– ... Vou romper com esta impostura amoral entre o amor e a realidade. Encontrarei um homem que possa me compreender e teremos filhos e filhas.

– América?

– Sim papai, a guerra tem muitas faces mas uma delas ri aos desgraçados e não é ela que faz correr o sangue, mas retifica para os dias futuros o desejo de uma paz verdadeira?...

– Para a vida, minha filha.⁸²⁷

⁸²⁶ *B.T.*, p. 220.

⁸²⁷ *B.T.*, p. 220.

América fala da face da guerra que bane as imposturas, para afirmar valores mais duradouros na consecução da paz. Desvencilha-se no seu ser do peso que lhe fora o marido, declarando ao pai, surpreso, estar aberta à estação de caça a um verdadeiro homem. Seu Sebastião Bueno não se faz por esperar:

– ... Antigamente os patriarcas levavam a terras distantes suas filhas para que elas se cassassem. Vocês dois foram marcados pela fatalidade da interrupção. Não é um caso de quem o participa, e sim uma consequência inevitável que merece uma regularização.

O silêncio apertou seu pulso nas gargantas até que o velho recomeçou.

– América é uma mulher caluniada. Reginaldo enganou-a e chegou até a aceitar uma paternidade criminosa para qualificar no seu meio a incapacidade orgânica da esposa.

– Por que papai não me avisou sobre esta resolução?

Quando são grandes os obstáculos que nos forçam a viver contra nós mesmos, como nas pedreiras, emprega-se a dinamite.⁸²⁸

O velho sábio sabe que a luta contra os agenciamentos do eu seriam inglórias, tal o peso que a sociedade aporta a essas rupturas do que a moral consagra como regras eternas, regidas por um deus ou pela natureza. Em verdade são apenas regras que promovem a naturalização de um construto maquinando a produtividade social com objetivos de fundo econômico e político. E assim toma a iniciativa, implodindo obstáculos.

Joviano, abatido, levantou-se e deu a mão ao velho.

– Até logo dona América. Esbarrou num vaso que tombou e se foi como um animal atirado.

– Por que fez isto papai?

– Só a morte é invencível minha filha e por isto ajudar a vida é a grande virtude.⁸²⁹

As narrativas de Osório constantemente assumem essa dimensão dramática, teatral, fazendo uso de uma tensão forte, para flagrar esses momentos explosivos de coroação e destronamento de subjetividades nos movimentos da fortuna. O Joviano abandonado no

⁸²⁸ *B.T.*, p. 222.

⁸²⁹ *B.T.*, p. 222.

mundo, desterritorializado, acaba de achar um ninho, o que será fatal para sua identidade solitária e errante. O narrador usa de uma metáfora que é a síntese do momento. Morre a ave de arribação, alvejada pela relação territorializante entronizada pela entrega em núpcias da bela e amável América. Há de ser doravante outro.

Orindo perambulava pela Europa. Escrevera de Milão avisando que em dois meses estaria de volta à França, estabelecendo residência.

Orindo resolvera restabelecer as suas relações com o Brasil, mandando o endereço para Joviano. Durante aqueles dois anos de autopesquisa emocional esperava encontrar no imprevisto um resultado para continuar. Apesar de tudo, o homem é um animal que tem medo e ama a vida. Impressionara-se com o seu destino: ele era como a sua terra, imensa, bárbara e misteriosa. O sertão indetido palpitava nas suas reações entre os delírios e as decisões.⁸³⁰

Orindo é a imagem do ser em devir, aportado nas diversidades cambiantes, o que significa não ter um endereço e permanecer em liberdade. Um ser vasto e insondável, caminhando entre a vida e sua história. Ele confunde-se com o país, carente de uma identidade, por enfeixar uma diversidade de identidades, simultaneamente. Agora, em sua viagem pelo velho continente, retoma essa identificação de si, representando o mundo do sertão.

A única informação que tivera do Brasil recebeu-a através dos jornais que não escondiam: “É um grande país sul-americano sinetado por uma caricaturada expressão darwiniana que vinha desde o seu Imperador sábio e seus bacharéis enfunados de repetições”.⁸³¹

Essa viagem não é gratuita. O narrador busca criticamente sacudir a cultura dos bacharéis que estudam na Europa e de lá trazem idéias de última geração, que tentam incorporar à realidade brasileira de uma forma impositiva, desrespeitando as diferenças e seus processos naturais de desenvolvimento e amadurecimento.

E Orindo recebe notícias de Joviano em resposta a sua carta. Notícias que vão tirá-lo do chão, lançando-o em um abismo.

⁸³⁰ *B.T.*, p. 223.

⁸³¹ *B.T.*, p. 223.

Entre as muitas notícias que trazia a carta de Joviano, com a letra de América, uma atuou no seu cérebro como um terremoto... “e tivemos um casal de gêmeos que se chamam Orindo e Lúcia”. E ficou olhando as barcaças que passavam pelo rio. Lerdas e pesadas ajojavam-lhe a indecisão do vago e dos homens em espera.⁸³²

Note-se que os nomes dos gêmeos é a síntese dos desejos de Orindo e Joviano. Orindo está em América através do filho. Quem sabe se não era uma homenagem dela ao amigo? E Lucinha, a falecida esposa com quem Joviano queria um filho, poderá reviver na imagem da menina. Orindo observa o rio, fluxo, impermanência. Os homens são somente espera, tocados pelo sentimento da pedra, aparentemente imóvel e eterna, buscando a permanência.

Enquanto isso, as mulheres se superam, desarmando expectativas redutoras de suas possibilidades. Clementina enviuvou e ao contrário do que se esperava, arregaçou as mangas, vestindo calça e se lançou ao trabalho na fazenda. Dirigia o trator, renovou a lavoura. Deixou tudo um jardim: “quem fica velho gagá é o fazendeiro e não a Terra”.⁸³³ Ela usa o trabalho para preencher seu tempo de espera.

Desde que vocês me deram o conhecimento das cartas de Orindo e em uma delas falava do Anjo, nunca mais pude esquecer o seu mistério. Talvez tu compreendesses a angústia daquela revelação se já não fosses uma mulher integrada na realidade. Eu não. A virgindade volta à mulher como a relva na terra, depois do flagelo do sol ou das águas. Tu a sentistes quando se entregou a seu segundo marido, tão pura e comovida [...], há outras que sentem em cada amante e outras, ainda mais: as prostitutas que se usam para sobreviver sentem-na em cada encontro em que se vendem... Muitas não, como eu, ainda guardando a minha virgindade!⁸³⁴

A personagem fala desse estado de ser que faz a natureza reviver na terra seca ao receber a chuva, ou após a inundação, sob o sol vivificante. Um estado de ser-para, que revela a virgindade, uma potência para fazer a vida continuar, mesmo que seja uma

⁸³² *B.T.*, p. 223-4.

⁸³³ *B.T.*, p. 224.

⁸³⁴ *B.T.*, p. 225-6.

prostituta que entrega o corpo, mas pode guardar seus tesouros para depois da tempestade recomeçar.

E Clementina confessa seus sentimentos pelo “herói.

– Sempre tive por Orindo uma debilidade extrema. [...] uma vez que dancei com ele no clube fui tomada por uma crise de enxaqueca. Temia-o como uma camponesa simples e inocente temia o jovem cavaleiro fardado por quem desejava ser violada... Mas isto passou. Como tu fazes música para teus filhos, para teu companheiro e para as confabulações históricas do seu velho pai, eu contento-me com a minha causa: a virgindade renasce para quem vive a lembrança do herói ou do bem-amado.⁸³⁵

Clementina foi deslocada de forma fulminante na mistura de corpos, enquanto dançava com Orindo. A partir daí parece ter recobrado a virgindade, enquanto ser que afiança a alma à imagem e memória do amado.

Estou tentando fazer uma versão paralela da cidade sitiada, onde o herói morto continuando o símbolo da resistência é a ressurreição do futuro e não o passado. Seja o Cid campeador, montando em seu cavalo branco, ou Antônio Conselheiro, místico e salvador, numa imitação rústica do Cristo, carregando a expressão daquele sertão abandonado e traído, indo até ao sacrifício que a República lhe impôs. Acompanhado por suas beatas e crentes purificadas, chegou até onde a renúncia equivale em nós à vigilância pela vida.⁸³⁶

E esse empenho do ser agenciado pelo Outro transformado em objeto do amor tem a força de um destino, na esfera do mito que se cultua com vistas à ressurreição da vida projetando-se para além de si. Clementina faz da memória de Orindo um caminho de purificação, fugindo à mundaneidade que fora sua ênfase para tornar-se um ser mais centrado, tentando encontros menos dispersivos.

Em seu retorno ao país, Orindo ouve a voz do companheiro Reginaldo numa conversa de bar. A postura do “herói” é a de uma entidade onipresente que a tudo vê e ouve sem ser notado. E o que ouve é suficiente para perceber um ser perdido na

⁸³⁵ *B.T.*, p. 226.

⁸³⁶ *B.T.*, p. 226.

obscuridade dos negócios, eterna sedução e engano, dos outros e de si, fazendo do Ser um entreposto.

Orindo esperava a hora de seguir para São Paulo. Tinha desembarcado de um cargueiro misto às cinco da tarde. [...] Passando diante de um bar do centro, reconheceu a voz. Era Reginaldo. Falava em negócios entre corretores e, pelo conhecimento que tinha, não foi difícil fazer um juízo dos seus companheiros. Otimista como sempre, dominava a companhia e com sua objetividade convencia. Devia tratar de faturamentos, o que levou Orindo a evitar um encontro. Reginaldo ainda continuava como um estrangeiro antepondo tudo à sua particularidade.⁸³⁷

Orindo bem percebe esse ser esquizofrênico, julgando-se cidadão do mundo a olhar como estrangeiro para o seu berço. É a chamada mímica de que nos fala Homi Bhabha. Traduzida para a nossa realidade, ela equivaleria ao afro-descendente brasileiro adquirir sotaque e hábitos de gringo e, sobretudo julgar-se gringo, numa atitude de menosprezo pelo Outro periférico, considerado sem classe e sem cultura. Podemos também lembrar o que fala Frantz Fanon em seu “*Pele negra, máscaras brancas*”. Para esse autor:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual originou-se um complexo de inferioridade, devido ao extermínio da originalidade da cultura local – tem como parâmetro a linguagem da nação civilizadora, ou seja a cultura da metrópole.⁸³⁸

O caso de Reginaldo é peculiar, pois sua cultura de origem, a nordestina, tem grande expressividade. Devido ao isolamento que a preservou durante séculos, irriga a cultura nacional, sendo fonte de “abrasileiramento” de influências externas, como argumenta Darcy Ribeiro. No caso do personagem, o enfraquecimento e perda da cultura nativa se dá pelo fato dele ter se radicado em Santos, uma encruzilhada de culturas onde aprende a falar inglês e a pensar como cidadão do mundo.

Orindo hospeda-se num hotel de segunda, usando uma identidade falsa, “Para garantir e antecipar o destino de fugitivo...”⁸³⁹ Foi quando leu no jornal a notícia de um

⁸³⁷ B.T., p. 226.-7.

⁸³⁸ FANON, 1983, p. 18.

⁸³⁹ B.T., p. 227.

morto não identificado, trazendo apenas uma marca no peito, própria dos remeiros do São Francisco. Planejou e tentou então encenar sua morte civil. “– Ah! Mas eu o conheço, infelizmente, posso me certificar e mostrou o documento falso (mentia pela primeira vez)... Ele se chamara, em vida, Orindo Brotas, vulgo Bahiano Tietê!”⁸⁴⁰ O personagem ensaia o ato final de sua existência, o salto para definitivamente não ser, apagando seu nome no esquecimento da vala comum a que certamente destinariam o indigente morto. E a partir daí, seria apenas um fantasma no anonimato percorrendo o vazio que instaurou como melhor representação de si e de seu povo. Ele testa a fronteira para definitivamente instaurar-se além do ser, para além de qualquer essência, de qualquer identidade.⁸⁴¹ No entanto, essa anulação da subjetividade faz com que encene o destino do pobre-diabo, homem brasileiro jogado no mundo. Esse lance do narrador carrega um sentido ético, apresentando o “herói” como o caminho do homem que se despe de suas ilusões para estar colado no Outro, anônimo. Mas ocorre o inesperado:

– Ouvi o que ele disse, mas não concordo.

Orindo voltou-se... O inesperado sempre lhe fora a interrupção do delírio... E lembrou-se de Paulo Pereira lhe dizendo que “o imprevisto era sempre o sertão reduzindo o homem a uma simples liberdade de igualar-se com ele”.

– Este não é Orindo Brotas, o Bahiano Tietê, pessoa que conheço e de quem ando em busca. Mas como o senhor se enganou lhe serei grata se me ajudar a procurá-lo para que ele encontre as suas mulheres e os seus filhos perdidos!⁸⁴²

O “herói” é capturado na esfera do Outro feminino. Clementina, a mulher forte e centrada em seus atributos, aparece para redimi-lo à total anulação e fazer dele um homem pleno, unindo seus opostos. Poderia agora reunir do passado os fios da existência, remendando os enganos e promovendo encontros com os seus fantasmas, as sementes e corações que largou pelo mundo.

Numa das cenas finais do romance, eles encontram-se no apartamento de Clementina, localizado no topo de um arranha-céu de onde descortinam a vista sobre

⁸⁴⁰ *B.T.*, p. 228.

⁸⁴¹ LEVINAS (1978, p. 25-30) fala dessa ruptura da essência, da subjetividade construída pela memória, para nos colocar em face do Outro, assumindo responsabilidades de uma forma ética.

⁸⁴² *B.T.*, p. 228.

São Paulo. Mas não enxergam nada além dos mútuos chamados, deixando a natureza agir.

O apartamento de Clementina no topo de um arranha-céu, vigilante como um ninho de ave pernalta, retificava miragens. Dali os dois trocando monossílabos jogavam a cabra-cega do pensamento sem perceber a beleza da paisagem ao longe [...]

Orindo procurava ajustar-se numa temeridade de surpresas, e o aviso inevitável já não era somente aquele calor dos primeiros momentos mornando-lhe o sangue, nem dos nervos atropelando idéias. O caso consumado dizia presente nas conversas de Clementina e fazia-se participante da espera.⁸⁴³

Ele agora encontra a mulher de verdade, capaz de afrontar o mundo para a consecução dos seus propósitos. Não é a mulher idealizada e impossível como América, nem a jovem estrangeira Matilde, que algum incidente pudesse expulsar de sua vida. Clementina vem de uma extirpe de coronéis desbravadores, mas traz no próprio nome o sentido da bondade, clemência para essa alma perdida na multiplicidade. Ele finalmente achou a estaca onde há de se aprumar, exorcizando o Orindo nômade, ser desarvorado.

Fitando-a assustado como um púbere que desfazia o grande enigma, confuso e indomável, Orindo foi reencontrando seus tesouros perdidos. Arrancou dos conflitos distantes um ganho de ofertas. Agasalhou o tempo e o desespero naquele sumo que nutria os seus sentidos e tudo se deu.

– Foi sempre assim... assim: tão simples, como nas frutas que se partem ao sol e jogam as sementes na terra.[...]

Revivido na juventude satisfeita como se estivesse diante do mar ou do sertão, voltava-se à primitividade delirante dos namorados da imensidade. Clementina tornara-se o Anjo de sua introspecção poética e insubmissa, liberto da injunção estética dos símbolos, para com ele ver e sentir em conjunto as condições de vidas ganhas em todas as relações entre o homem e a natureza. Participaria com ela do seu mundo genésico, e apontou.

⁸⁴³ *B. T.*, p. 228

– Vê Clementina! É o Quilombo vivo e vitorioso!... Um ponto igual aos outros na terra sem fim do Brasil onde se sonha, se pensa e desejamos viver em paz.⁸⁴⁴

Orindo saúda esse encontro que celebra a igualdade dos seres independentemente da origem étnica. Clementina Nery, uma mulher branca, une-se ao negro Orindo numa relação fraterna, de respeito e mútua admiração. Ele, um ser muito especial, olha para o mundo atentamente, buscando o sentido poético do existir além das limitações de um eu, ancorado numa subjetividade que reduziria qualquer relação a um conflito de vaidades. Orindo consegue enxergar além de si olhando para a eternidade da gente brasileira, liberto da significância viciada dos símbolos e signos que acobertam o poder e a injustiça, para instaurar uma nova dizibilidade do homem, ocupando o espaço Brasil harmonicamente.

E o narrador encerra sua história retomando a alegoria de Joviano, o vaqueiro inventor de um carro autônomo, movido a óleo vegetal extraído de sementes oleaginosas, por ele mesmo trituradas e que por motivos escusos, foi incendiado exemplarmente. O homem aparece ao desamparo das leis e direitos fundamentais que caberia ao Estado prover igualmente. Assim se chegaria à chamada democracia. Esta por enquanto não passa de um agenciamento coletivo de enunciação que uns poucos apregoam, muitos fingem acreditar e a maioria desconhece na pele o seu significado. Joviano consegue heroicamente, por força da inteligência desenvolvida na observação do meio natural, social, e técnico, produzir um invento que seria uma revolução, em diversos sentidos. Reataria a auto-estima, a auto-confiança e o auto-respeito, como nos fala Axel Honneth, dos excluídos. Livraria também o país de sua dependência tecnológica e dominação.

Nosso mundo é muito grande e o vaqueiro Joviano José de Souza aprendeu como se faz um motor. Pena sinto, mas não importa que eles tivessem destruído e ateadado fogo no meu carro. Ele andou. Nossos filhos estão nascendo e, se o dia de amanhã é um mistério, aposto e ganharei: o tempo é redondo, sem fim e não tem dono.⁸⁴⁵

⁸⁴⁴ *B.T.*, p. 229.

⁸⁴⁵ *B.T.*, p. 231.

A imagem do vaqueiro inventor soa como um alerta para o que seria possível construir, as transformações que ocorreriam se educássemos e déssemos uma formação adequada à totalidade do povo brasileiro, indiscriminadamente. O personagem olha para os filhos e vê o futuro. Dali poderá nascer outro país. O narrador afirma a imprevisibilidade da história, que não pertence a ninguém senão às crianças.

QUINTA PARTE

O além do ser na composição da obra osoriana

I. Osório Alves de Castro e as imagens do sertão na literatura

Osório Alves de Castro, conforme afirmamos em muitos momentos, é um lírico da arte de narrar o homem-sertão. As imagens acorrem com desenvoltura instaurando a novidade do mundo. O verbo flui com naturalidade, manifestando a alma sertaneja construída na espessura das saudades do nordestino no exílio. Sua escrita repovoa assim as sombras do passado fazendo do enredo o espaço-tempo da beleza articulando a tragédia humana.

Podemos dizer que a forma prevalece sobre o que é contado, dando-lhe outra dimensão. Os ritmos e coloridos articulam imagens com forte expressividade, que ajudam a tornar mais vivas as cenas em que o sertanejo se vê podado de quaisquer direitos, até mesmo o direito fundamental à vida. A escrita de Osório apresenta-se como instrumento de crítica das relações de opressão nas sociedades arcaicas do Nordeste brasileiro. Esse é um traço predominante do romance a partir dos anos de 1930. A literatura vai tratar com agudeza as desigualdades sociais, fruto da concentração do poder político e dos meios de produção nas mãos de poucos. Em *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego, vemos o sertanejo comprimido entre a miséria e os desmandos da polícia e dos cangaceiros. Estão sempre a apanhar, sob a acusação de estarem coniventes com uns ou com outros. As pressões acabam muitas vezes por colocá-los na encruzilhada entre o banditismo e o messianismo. Em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o homem vai estar na fronteira da animalização, subjugado por uma estrutura que parece sonegar-lhe a própria condição humana. A incapacidade de se expressar claramente constituir-se-á no grande nó existencial.

A obra de Osório seguindo essa tradição dá, entretanto, ênfase à condição subalterna da mulher. Ela aqui desempenha um papel de subversão da ordem patriarcal, visando à igualdade de direitos. De forma subterrânea ou abertamente a mulher afirma seu modo de ser, agindo com mais sensibilidade e objetividade do que os homens no

enfrentamento dos desafios. Sendo uma tendência não muito usual no romance ambientado no semi-árido, podemos, no entanto, apontar alguns precedentes nessa linha de reversão das expectativas e redefinição dos papéis sociais entre os gêneros. *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, aponta para a superioridade intelectual da mulher, sua sensibilidade, em comparação ao comportamento do homem na fronteira da desumanização. Enquanto Madalena enxerga o mundo em suas potencialidades intrínsecas, seguindo uma ética, Paulo Honório atribui a tudo um valor de troca. As relações são baseadas no lucro que se possa obter de cada ato. Também, *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, põe em xeque a figura do cabra-macho e guerreiro como atributos meramente masculinos.

Buscamos aqui avaliar o procedimento, ou seja, a forma dos narradores contarem suas histórias. Tomamos como parâmetro a classificação adotada por Roland Barthes⁸⁴⁶, estabelecendo as características da escrita poética clássica e da escrita moderna. Na primeira delas observa-se a seqüência horizontal das palavras sem nenhuma espessura, a se sucederem em busca de um sentido sempre projetado para diante e que só vai ser alcançado ao término da história. A segunda é marcada pela verticalidade do signo. Há nela uma densidade em que se multiplicam os sentidos introduzidos a cada novo elemento em combinações explosivas, que podem ser a negação, o desvio ou trapaça com tudo o que fora dito anteriormente.

Vidas Secas segue um padrão que se poderia dizer clássico. A linguagem é seqüencial. Não existe peso individual nos signos sucessivos. O valor metafórico apresenta-se no conjunto. A própria *secura* da linguagem é sintomática desse mundo de homens e natureza ressequidos, ajudando na composição. A espessura se dá nos grandes blocos de palavras e na totalidade da obra que dialoga criticamente com a estrutura concentrada de poder e o regime de produção excludente que acaba por relegar o homem a uma existência subumana. Também em *São Bernardo* a escrita chega quase ao tilintar frio do metal, como fruto do processo de reificação em que o homem é transformado em mercadoria. Graciliano faz aqui o uso da linguagem pragmática dos homens de negócio para daí conseguir o efeito poético: a emoção na densidade opressiva que não nos deixa esperanças.

Fogo Morto também apresenta uma escrita linear que consegue criar uma atmosfera densa, em tons sombrios, constituindo-se no espaço das ruínas que se sucederam ao

⁸⁴⁶ BARTHES, 2000.

passado de prosperidade no apogeu dos engenhos. A força reside nas personagens e no modo como o narrador vai dosando tudo o que tem a dizer. Os cortes são precisos, deixando destinos em suspenso para serem retomados adiante, mantendo a tensão. José Lins é um mestre da linguagem oral, atributo imprescindível aos bons contadores de história. E aqui podemos lembrar o Jorge Amado de *Tocaia Grande* e de *Terras do Sem Fim*, duas boas histórias sobre os conflitos de ocupação das florestas na fronteira agrícola da região cacauceira no sul da Bahia.

A linguagem em profundidade, prevalência do procedimento sobre o conteúdo, aparece com força na prosa de Guimarães Rosa. *Sagarana*, publicado em 1946, traz um vento de renovação da literatura brasileira. No conto O Burrinho Pedrês, que abre o livro, o autor mostra o que há de ser a poesia envolvendo redemoinhos de dizibilidades, algo de muito encantamento.

Para ser um dia de chuva, só faltava mesmo que caísse água. Manhã noiteira, sem sol, com uma umidade de melar por dentro as roupas da gente. A serra neblinava, açucarada, e lá pelas cabeceiras o tempo ainda devia de estar pior.

Sete-de-Ouros, uma das patas meio flectida, riscava o chão com o rebordo do casco desferrado, que lhe rematava o pezinho de Borrallheira. E abria os olhos, de vez em quando, para os currais, de todos os tamanhos, em frente ao casarão da fazenda.⁸⁴⁷

Vemos aqui a escrita assumindo ares do maravilhoso. O Burrinho entra na esfera dos contos de fadas para fazer falar o mundo em sua simplicidade. Os atos e acontecimentos os mais corriqueiros ganham força para arrebatam a vida levando-a a alturas inesperadas. O narrador começa pela descrição do tempo, com sua forma brincalhona de subverter as expectativas. As condições se apresentam propícias para chover, só falta mesmo a água. Assim, a obra de arte alarga o horizonte da vida cotidiana, vista com muita expressividade. E, como aproveitando a indicação do olhar do burrinho, o narrador surpreende com sua descrição dos bois.

Alta, sobre a cordilheira de cacundas sinuosas, oscilava a mastreação de chifres. E comprimiam-se os flancos dos mestiços de todas as meias-raças

⁸⁴⁷ ROSA, 1984, p. 19.

plebéias dos campos-gerais, do Urucuia, dos tombadores do Rio Verde, das reservas baianas, das pradarias de Goiás, das estepes do Jequitinhonha, dos pastos soltos do sertão sem fim. Sós e seus de pelagem, com as cores mais achadas e impossíveis: pretos, fuscos, retintos, gateados, baios, vermelhos, rosilhos, barrocos, alaranjados; castanhos tirando a rubros, pitangas com longes pretos; betados, listados, versicolores; turinos, marchetados com polinésias bizarras; tartarugas variegados, araçás estranhos, com estrias concêntricas no pelame – curvas e zebruras pardo-sujas em fundo verdacento, como cortes de ágata acebolada, grandes nós de madeira lavrada, ou faces talhadas em granito impuro.⁸⁴⁸

Apesar da forma livre a escrita reverbera em versos num crescendo que chega às últimas linhas da passagem com acentuada marcação a lembrar poetas como Camões, Gregório de Matos ou Castro Alves. O ritmo em Guimarães Rosa acalenta poesia no melhor dizer do que soa estranheza e intraduzibilidade. O que dizer de “betados, listados, versicolores; turinos, marchetados com polinésias bizarras” ou “como cortes de ágata acebolada”? Dir-se-ia que o narrador sorteou na roleta da sorte lírica em que vai ambientando sonoridades para compor esse universo encantado que soa verdades inacreditáveis acetinando poesia. Ele vai contar sua história, mas não tem pressa, nem pede atribuição. O que se há de passar não seria sombra do que exulta no espaço do dizer esparramado em ritmos e tonalidades, deslindando sabedoria. A língua aqui está à solta, correndo boba, arquitetando diabruras, malabarismos. O leitor terá de ter cuidado e sumo para ouvir o que urdem as diversas línguas entrelaçadas em polifonia, doideira. E no dizer mais simples, o ritmo obsessivo envolve o leitor em sua musicalidade.

As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado Junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão....⁸⁴⁹

Falta apenas separar os versos. O poema já está pronto, lavrado em redondilhas menores, os acentos caindo invariavelmente nas segundas e quintas sílabas. E o narrador

⁸⁴⁸ ROSA, 1984, p. 19.

⁸⁴⁹ ROSA, 1984,p.37.

segue espreado lirismo. Na impossibilidade de comentar tudo, fazemos apenas uma amostragem de algumas passagens que prontamente saltam aos olhos sem muito buscar. “Mudo e mouco vai Sete-de-Ouros, no seu passo curto de introvertido, pondo, com precisão milimétrica, no rasto das patas da frente as mimosas patas de trás.” O burrinho como que baila, no seu passo estudado. E nesse domínio do corpo encontra a sabedoria do mundo, “Bem que Sete-de-Ouros se inventa, sempre no seu.”⁸⁵⁰ O narrador apreende o estado de ser do animal atento, articulando seu destino. Nesse compasso, esclarece o estatuto do homem, enquanto humano, uma invenção de si mesmo.

Em toda a prosa de Guimarães Rosa encontraremos o mesmo deslumbramento, o mundo maravilhoso de todos os possíveis. Em *Grande Sertão: veredas*, o narrador segue a mesma profusão de sentidos, transitando entre a filosofia e a lírica, em dizeres como “Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar concertado.”⁸⁵¹ A escrita perde o ímpeto das narrativas clássicas. Aqui, tudo aponta para sentidos outros que travam o desenrolar da narração. O leitor constantemente sente a falta de chão, subversão inesperada dos sentidos. Na passagem que acabamos de ver, quando é anunciado “Viver” tem-se uma expectativa positiva. Não se haveria de imaginar tão subitamente o seu contrário, a possibilidade do perigo e da morte. No entanto esta é apontada como a única alternativa segura. A vida é o regime do transitório, daquilo que está para não ser, em estado condicional. Na seqüência, mais sabedoria, observação acurada da vida fazendo um retrato dos homens, crianças voluntariosas querendo o domínio do mundo. E justamente esse querer desproporcionado, cada qual a sua maneira, vai ser o início do mal.

A escrita de Guimarães Rosa instaura uma nova dizibilidade do sertanejo, homem brasileiro. E para isso utiliza-se da palavra enquanto música, como forma de abstrair uma compreensão mais aguda do ser e estar no mundo. Transforma-se assim num instrumento de conhecimento da nossa realidade, e da própria essência humana.

A literatura brasileira vive seu momento de maior expressão. A escritura rosiana vai além das narrativas de atmosfera⁸⁵², que se colocam como metáfora e alerta de um mundo fora da órbita. A escrita agora coloca mais do que nunca o homem em disponibilidade para a observação filosófica, meditando a cada passo sobre sua sorte e o

⁸⁵⁰ ROSA, 1984, p. 46.

⁸⁵¹ ROSA, 1986, p. 9.

⁸⁵² Consideramos narrativa de atmosfera aquelas que seguem o padrão linear, a obter o efeito artístico no conjunto, nos grandes blocos de palavras.

sentido de sua missão no mundo, modos possíveis de se tornar outro. Ela foge ao estatuto do ornamental, retórico, próprio das Belas Letras. Foge também à superficialidade e leveza da palavra ritmada das narrativas que seguem os preceitos da oralidade, com o intuito da fácil memorização. Aqui a palavra ganha densidade só apreciável na profundidade do olhar de quem se abstrai ao mundo, no retiro das bibliotecas ou na solidão da casa, para poder imergir na floresta de símbolos, signos que burlam expectativas e atribuições. Para Roland Barthes, a palavra poética na modernidade é

Um ato sem passado imediato, um ato sem entornos, e que não propõe senão a sombra espessa dos reflexos de todas as origens que lhe estão vinculadas. Assim, por trás de cada Palavra da poesia moderna subjaz uma espécie de geologia existencial, onde se reúne o conteúdo total do Nome [...]. A Palavra não é mais dirigida de *antemão* pela intenção geral de um discurso socializado; o consumidor de poesia, privado do guia das relações seletivas, desemboca na Palavra, [...] acompanhada de todos os seus possíveis.⁸⁵³

A palavra nas narrativas de Guimarães Rosa eleva-se a esse patamar. Ela recupera seu frescor original, como se deveras o mundo nascesse novamente. Nada é superficial, gratuito ou repetitivo. Os atos mais corriqueiros recebem uma alta voltagem lírica. Veja com que graciosidade e trejeitos ele apresenta os personagens do romance.

... Seu Joãozinho Bem-Bem, o mais bravo de todos ninguém nunca pôde decifrar como ele por dentro consistia. Joca Ramiro – grande homem príncipe! – era político. Zé-Bebelo quis ser político, mas teve e não teve sorte: raposa que demorou. Sô Candelário se endiabrou, por pensar que estava com doença má. Titão Passos era o pelo preço de amigos: só por via deles, de suas mesmas amizades, foi que tão alto se ajagunçou. Antonio Dó – severo bandido. Mas por metade; grande maior metade que seja. Andalécio, no fundo, um bom homem-de-bem, estouvado raivoso em sua toda justiça. Ricardão, mesmo, queria era ser rico em paz: para isso guerreava. Só o Hermógenes foi que nasceu formado tigre, e assassim. E o Urutu-Branco?

⁸⁵³ BARTHES, 2000, p. 44.

Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino....⁸⁵⁴

O lirismo do narrador humaniza o jagunço, homem lançando num destino de guerras e imprevisibilidade, tentando equilibrar esse lado com a outra face, santuário de pureza, humanidade e sonho. Além de elementos-surpresa como “raposa que demorou” ou “severo bandido. Mas por metade;” e ainda “Urutu-Branco?[...] Ah, esse...tristonho levado, [...] pobre menino do destino...” que jogam com as expectativas do leitor, podemos notar o cuidado com a construção que acaba por resultar num versejar bem marcado melodicamente. Há uma ondulação de sonoridades, sílabas, vogais e consoantes, que vão e vem agraciando o ouvido do leitor, colocando-o em sintonia com o universo, em disponibilidade para transcender o mundo cotidiano previsível, demarcado nas linhas estritas da palavra-objeto de confirmação das continuidades.

E o narrador na pele do ex-jagunço assume o espaço da dúvida, entre ser e não ser, ou ter sido o que se imaginava. Essa atitude titubeante parece uma provocação ao leitor para que repense suas certezas. “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja!”⁸⁵⁵. O mundo aí está para ser repensado, relativizado, redescoberto. O narrador assume a dúvida como norte, sempre a se questionar, “Quem sabe direito o que uma pessoa é? Antes sendo: julgamento é sempre defeituoso, porque o que a gente julga é o passado. [...] Lei é lei? Loas! Quem julga, já morreu.”⁸⁵⁶. Ele insurge-se contra o tempo da fixidez, das idéias que se recusam a morrer. Também sua relação com Diadorim vai estar nesse dentro e fora das sociabilidades admissíveis. “Diadorim e eu, a sombra da gente uma só uma formava. Amizade, na lei dela.”⁸⁵⁷. A idéia da transgressão confirma-se na pressa do desmentido, “Amizade”. Adiante dá para sentir arrepio na proximidade dos corpos dos dois jagunços, “Diadorim no meu ouvido falou”⁸⁵⁸. E o olhar do amigo incontrolável denuncia ciúmes quando Riobaldo se engraça pela neta do velho Ornelas. “Os olhos de Diadorim não me reprovavam – os olhos de Diadorim me pediam muito socorro.”⁸⁵⁹. E Riobaldo desiste do estupro, prometendo proteção à jovem, se algum dia viesse a precisar e, como de seu feitio, questiona-se. “Ela se assustou, outra vez, sem capacidade

⁸⁵⁴ ROSA, 1986, p. 9-10.

⁸⁵⁵ ROSA, 1986, p. 187.

⁸⁵⁶ ROSA, 1986, p. 234.

⁸⁵⁷ ROSA, 1986, p. 215.

⁸⁵⁸ ROSA, 1986, p. 235.

⁸⁵⁹ ROSA, 1986, p. 402.

nenhuma, ainda mais ao avermelhar. E eu também mercês colhi – da alegria veraz, nos meus olhos de Diadorim. Será que será, que por contentar profundo Diadorim eu tinha feito aquilo resoluto?”⁸⁶⁰. O personagem declara essa fronteira batida, fusão do eu e do outro, ao olhar pelo olhar que o olha, relação de insofismável união, loucura dos amantes.

A idéia de tudo relativizar determina a forma da escritura rosiana tornando-a deslizante, repleta de dobras e fissuras. Ela ganha uma espécie de ginga que afirma a transitoriedade e contingência das obras e conceitos humanos. Esse vai e vem, afirmação e negação, afeta o próprio enredo que culmina na desconstrução dos papéis sociais distribuídos entre os sexos. É afinal a mulher-jagunço, Diadorim, que mata o diabólico Hermógenes. De outra sorte o jagunço Riobaldo, cabra muito macho, vive o dilema de sentir uma forte atração por Diadorim, o que conduziria a uma ruptura de paradigmas. A máscara do amigo enquanto jagunço burla seus sentimentos mais profundos, levando-o ao dilaceramento do eu nas cenas finais. *Grande Sertão: veredas* representa o epílogo do mundo sertão, uma civilização arcaica baseada no homem forte, em armas, estabelecendo leis segundo a própria vontade. A modernização do país, com abertura de estradas e maior presença do Estado, iria alterar esse figurino. Os coronéis trocaram a vida no ermo pelo conforto das cidades. Viraram chefes políticos. Seus lugares-tenentes transformaram-se em cabos eleitorais. Entretanto, mudaram apenas as aparências. Sob o manto do progresso, as velhas práticas vão continuar a dar o tom nas relações sociais, permanecendo as mesmas injustiças e privilégios. A maioria continua a pagar com seu sangue a prosperidade de uns poucos.

As narrativas de Osório Alves de Castro apresentam também esse epílogo do mundo-sertão. Trata-se de uma cultura de bases primitivas, diferente das comunidades tradicionais que evoluíram para o individualismo das sociedades modernas. A sociedade local vai representar metonimicamente a sociedade brasileira com suas bases lançadas no sistema de privilégios, no assassinato institucionalizado dos povos autóctones, na escravidão, na concentração dos meios de produção. Os narradores vão mostrar as transformações desse mundo arcaico que se nega à verdadeira modernização. Muda-se os figurantes e figurinos, mas mantém-se no espírito das pessoas a mesma mentalidade de senhor e escravos. Afinal, quatro séculos de mandonismo, centralismo dos meios de produção, escravidão, submissão, compadrismo e a ideologia do favor parecem ter sido

⁸⁶⁰ ROSA, 1986, p. 403.

tempo suficiente para arraigar uma mentalidade em que cada pessoa, à revelia da lei, procura estabelecer suas próprias regras, tentando obter vantagens que contrariam não raro o bom senso e a civilidade.

A escrita de Osório busca a espessura do mundo através de ritmos, coloridos, imagens predominantemente líricas. O personagem Pedro Voluntário da Pátria, no romance *Porto Calendário*, conversa com a barca que irá incendiar. Pode-se observar o tônus do fraseado. Há uma personalidade no texto envolvendo o leitor, abrindo-lhe horizontes para a re-apresentação do mundo sertão.

– Barca, temos a mesma sina. Tu, rio acima e abaixo transportando as serventias; eu, contando lenha e ajudando a vingar Santa Maria da Vitória. Barca, você me perdoe; hoje estamos entendidos e vou lhe contar um segredo.

Vem do tempo em que cheguei lhe odiar. Aurélia meu segundo matrimônio, era tapuia e sentia conforto. Fiava, tecia e cuidava das hortas e criações. Gostava de cantar, e isto me fazia suposição, no dizer do canto chamando novo amor. Ciuramação sem atinar, rebeldia no fugir voando das cantigas era que era a coitada! ... Morreu e me deixou Salu e Mariona. Continuei família com Bezinha, hoje minha mulher, e Salu se fez outro braço direito, ajudando criar os irmãos. Um dia Cipriano Acendedor-de-Lampião avisou: ele anda perdido na ilusão do rio. O vexame valeu por cima de mim, mas era tarde. Salu, meu filho, se foi alugado na barca de Josué Meneses e não tardou. O piloto Gonçalo espalhou notícia: Salu morreu arreventado na zinga, botando sangue pela boca na água do Quebra Botão. Barca, lhe dou minha palavra de honra. Minha compreensão era curta. A noite estava seca e ardente. Deonízio Santo-Sé, calafetava a Sempreviva no porto do Vitorino e Santa Maria da Vitória acordou alarmada: a barca do Deonízio Santo-Sé era uma tocha ardendo sem remissão... perdoe, Barca: o desvio é um pedido renitente... Fui eu, sim...⁸⁶¹

Em frases como “Ele anda perdido na ilusão do rio”, temos verdadeiros achados de alta tensão poético-filosófica. O narrador desfaz da idéia do rio mitológico fertilizador das terras ribeirinhas e aquele que leva as pessoas para o mundo, caminho de fuga,

⁸⁶¹ P.C., p. 18-9.

alternativa ao sistema de dominação e à caatinga esturricada. O rio é máquina mortífera que destrói, afasta. Contrapõe o seu espelho para que os homens se olhem, desfazendo qualquer ilusão. Também em “Barca: o desvio é um pedido renitente” o leitor é convidado a esmiuçar sentidos outros, pensar a condição humana em sua luta contra as forças não civilizadas do inconsciente. Essa é a característica da escrita osoriana. O leitor não deve esperar por facilidades.

Santa Maria da Vitória é o local onde o trágico é a outra face de uma História mal contada, escrita pelos que eternizam o absurdo, agenciando um sistema perverso de dominação das populações. A atmosfera é densa. Apesar de estarmos no sertão agreste, o sol parece não brilhar. O que vemos é um mundo imerso em sombras. Emanam do rio de palavras conexões com estruturas muito antigas do imaginário coletivo, negando-se a uma visão depurada de emoções. E é essa máscara que o personagem Pedro Voluntário vai rasgar.

– Uma desgraça, gente!...

No rastro da barca pedaços de corpos estrangulados empapavam a terra de sangue. Desesperado, o Major Conrado Sessenta atirara-se abraçado com o neto, debaixo da quilha em marcha, da grande embarcação... As mulheres começaram, lamentosas, entoar a ladainha dos mortos, e Pedro Voluntário-da-Pátria foi amontoar os pedaços sobre um pranchão. Benzeu-se, e foi falando, pasmado de certezas:[...] Conrado Sessenta morreu como um homem na sua briga, digo eu com conhecimento. Ninguém neste mundo mede o erro. Criamos com o nosso medo a sua força, e aí das criaturas no dia da investida. É assim, o resto, padre nosso que está no céu. Estão vendo? Olhem bem, é um braço e uma mão. Estão quentes e seu sangue ainda não é pus. É isto que faz o mundo; a mão e o braço. Aqui é a cabeça de Conrado Sessenta. Olhem bem, pelo amor de Deus! Quem poderá adivinhar tudo o que se passou neste pedaço de carne e osso? Todos dizem: a terra é redonda como a cabeça das criaturas.⁸⁶²

Na frase “Ninguém neste mundo mede o erro. Criamos com o nosso medo a sua força...” cumpre notar o ritmo em suaves ondulações melódicas, que dela fazem um verso muito bem urdido. Em termos de pensamento sociológico, temos uma síntese das origens das desigualdades e distorções sociais. As pessoas deixam-se levar pelos mitos e

⁸⁶² P.C., p. 99.

idealizações sem perscrutar o que de fato lhes afeta. A narrativa coloca-se como crítica da comodidade que paralisa o coração dos humanos, impedindo-os de pensar. O personagem Pedro Voluntário faz uma dissecação com toques shakespearianos da essência humana, desconstruindo qualquer pretensão a ser o homem mais do carne, osso, e de repente repasto para o alvoroço dos vermes.

Os narradores em Osório Alves de Castro transitam constantemente na fronteira tênue entre poesia e filosofia, o que dá um toque diferencial em suas histórias. Existe linearidade, como de resto em qualquer narrativa, para dar fôlego à história. Mas, assim como em Guimarães Rosa, em Osório é constante o advento de imagens verticalizando sentidos, o que põem o leitor a pensar, a tentar decifrar as intenções autorais. No autor baiano, fica momentaneamente mais explícito o impulso filosófico e a tendência a discutir mais abertamente as questões nacionais. Há diversas gradações no modo da História permear a história que está sendo contada. Há trechos em que predominam imagens mais densas, a revelar a insustentabilidade do meio social:

O pai ia longe. Estava mudado, penitente, zanzando, os olhos soltos no ar. Velho Pedro miudava os passos, conversava alto embrenhando no carreiro acipoadado. Fervilhava recordações debatendo firmeza. Coisas passadas aglomerando assuntos, persistindo como um calo de serviço. “Que pode me restar da vida? Obrigação. Venhamos. Gosto de falar consigo, machado, olho a olho. Veja só; velho como eu. O esmeril é como a fome; nos rói e prostra. Você é meu amigo. Lustra no seu aço luz da olhada dos meus...”⁸⁶³

O personagem Pedro Voluntário da Pátria está sempre imerso em suas recordações que remetem à problemática dos ex-combatentes da Guerra do Paraguai, abandonados pela pátria que defenderam. A sua trajetória marca o descaso a que foram relegados os heróis, diferentemente de muitos que não lutaram e que receberam honras e promoções. A sua presença humilde de lenhador falastrão a criar numerosa prole já é suficiente para falar do seu drama e dos vícios que rondam o poder. Somos seqüestrados por um lirismo a cargo de um fraseado bem marcado por ritmos e tonalidades variadas produzindo espantos como “Lustra no seu aço luz da olhada dos meus...”. A História aqui aparece como horizonte sobre o qual se desenrola o primeiro plano da narrativa. Em outros momentos, as referências históricas são mais explícitas. Nada é gratuito. Há

⁸⁶³ P.C., p. 156.

uma perfeita harmonia entre o estético e o pensamento crítico. O belo se torna mais vibrante quando une forma e conteúdo instigante, descortinando sabedoria a cargo da ética. O personagem Cipriano Acendedor-de-Lampião, por exemplo, vai proporcionar ao leitor momentos de exaltação sem perder o fio da denúncia de um sistema que sonega possibilidades de ser à maioria da população, empurrando muitos para o exílio.

Um ano depois a cidade alvoroçou-se com um espetáculo inesperado; a mangueira de Cipriano Acendedor-de-Lampião estava carregada de frutos maduros; uma chita de ouro enfeitando o cocuruto do Tomba Surrão. Cantarolando, velho Cipriano desceu até o cais com um saco cheio às costa e como se fizesse uma oferenda, jogava as mangas no rio e gritava um nome.

– Velho Cipriano enlouqueceu de todo – e assistiam penalizados enquanto ele ia chamando:

– Atanázio de seu Faustino, Zé Preto, Pedro neves de seu Maurício Banda Vermelha, Pedro Castro, Quinca Caxeiro, e para cada nome atirava uma manga nas águas e voltava contente para voltar com nova carga. E ia repetindo:

– Ovídio Galo Cego, Antônio Couro Cru, Maximino Botão Crispim, Nelson de Sá Maria Eugênia, Medrado Voluntário, Pedro Afonso... e a safra da mangueira do velho Cipriano era pouca para todos os moços que se foram para sempre de Santa Maria da Vitória. Enquanto este sentia-se feliz desfrutando a curiosidade das crianças, os fazedores de carrancas para as barcas do São Francisco o exploravam.⁸⁶⁴

As narrativas osorianas são feitas dessas surpresas, quando não escândalos. O rastro de ouro da mangueira parece um cometa à luz do dia trazendo um recado. Jamais acontecera assim. Os meninos famintos de Cipriano devoravam as mangas antes de amadurecerem. Agora todos se foram e o personagem escrevendo a lírica do mundo lança os frutos que hão de chegar ao destino dos que tomaram outros rumos pelas águas do rio.

No romance *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, constata-se a mesma valorização do procedimento. O uso subversivo da linguagem produz imagens que elevam a tensão lírica do texto, desvelando sentidos filosóficos que deleitam e elevam a dizibilidade dos fenômenos da vida. E é dessa forma outra, não habitual, de re-

⁸⁶⁴ P.C., 94-5.

apresentação que fala o narrador nas palavras da personagem Maria, “Tenciono realizar o busto de Hans e dar ao mesmo uma expressão que não transcenda para refletir a vida em medida emocional do canto e da forma que assessoramos as coisas eternas.”⁸⁶⁵ Aqui a personagem procura transcender o ato da transcendência para se ater à essência, onde reina a beleza depurada, como no que se segue: “– Sim, os homens só morrem por que deixam de ser amados.”⁸⁶⁶

Tal escrita não promete facilidades ao leitor. Este deve manter sempre a guarda alta à espera do choque das imagens que a todo momento saltam aos olhos. “– A raça é uma captação visual de aspectos que a imaginação personaliza e a literatura empresta aos iluminados para recriar os mitos que o poder sestra repetir e os fracos desejar.”⁸⁶⁷ São imagens condensadas que exigiriam muitas páginas para explicar essa articulação do imaginário enquanto força de deslocamento e formatação do ser. Em poucas palavras, numa amostra de economia textual, o narrador apresenta o processo de alienação e entrega do ser, articulado pelos mitos.

A força das narrativas osorianas reside numa postura notadamente filosófica de seus narradores sem perder, entretanto, o tônus e a tensão poética. O homem em suas obras é incitado a superar os entraves, verdadeiros complexos que o tentam manter em inferioridades insustentáveis diante da lógica e do livre pensamento.

Guimarães Rosa e Osório Alves de Castro se colocam como dois grandes líricos a recriar o mundo do sertão. São autores que tomaram a palavra em sua liberdade angariando multiplicidades, tentando escapar ao “contínuo persuasivo”, com tendência à oralidade, “regulamentado segundo as contingências mundanas”, conforme assinala Barthes⁸⁶⁸. Optaram pelas constantes fugas e rupturas com a seqüencialidade que atrela toda prosa para intercalar repentinamente a palavra enquanto verticalidade, instituindo o que Barthes⁸⁶⁹ chama de “Natureza interrompida”, em que a palavra poética, de forma explosiva, “institui um objeto absoluto [...] repleto de todos os seus possíveis...”. Podemos dizer que os dois romancistas dão o salto para a modernidade, alçando a prosa brasileira ao patamar de prosa poética de matiz filosófico, um dos atributos da poesia em seu mais alto patamar.

⁸⁶⁵ *Mfp.*, p. 188.

⁸⁶⁶ *Mfp.*, p. 188.

⁸⁶⁷ *Mfp.*, p. 203.

⁸⁶⁸ BARTHES, 2000, p. 45.

⁸⁶⁹ BARTHES, 2000, p. 46.

II. O ser e a forma no discurso literário

A literatura do sertão, seja em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, ou na totalidade da obra de José Lins do Rego e de Jorge Amado, capta estados de ser. Os personagens afirmam-se, com mais ou menos autonomia, capturados em territorialidades bem definidas. Em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, o personagem Paulo Honório inaugura um patamar de criticidade, desconstruindo a figura do possuidor que a tudo atribuía um valor pecuniário. Em Guimarães Rosa nos deparamos com uma instabilidade no processo de afirmação da identidade, que vai afinal caminhar para uma territorialidade mais definida.

Em *Vidas Secas*, Fabiano vislumbra as raízes do seu padecimento.

Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as vendas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de sinha Vitória, deitar-se na cama de varas. Porque vinham bulir com um homem que só queria descansar?⁸⁷⁰

Ele está preso e não consegue se expressar. Somente seu Tomás poderia explicar às autoridades a injustiça que sofrera. Aqui o narrador marca bem os territórios de realização do ser, estabelecendo a capacidade de ler e expressar como o divisor de águas na existência das pessoas. Para Fabiano está reservado um viver em estado primitivo, bem próximo da animalidade. Já o homem letrado estaria instrumentalizado para a vida em sociedade, podendo enfrentar mais facilmente as dificuldades.

O autor implícito segue aqui um percurso ideológico bem determinado visando marcar posições que nitidamente se contrapõem. O governo é confrontado em sua capacidade de manter a ordem e fazer cumprir as leis. Fabiano é apresentado como um ser ao desamparo. Aqueles que o deveriam proteger são os que o agridem e violam em sua simplicidade e inocência. A ideologia apresenta-se numa visão, marxista de luta pela afirmação das identidades e do reconhecimento das individualidades. Assim sendo, a mensagem segue uma composição clara e inequívoca. O fraseado é curto e objetivo.

⁸⁷⁰ RAMOS, 1996, p. 34.

Não há floreios, entonações expressivas no trato com as palavras. O narrador controla com firmeza o fluxo do discurso, não se permite devaneios ou elucubrações.

No romance *São Bernardo*, o autor segue uma linha ainda mais radical de contraposição a um modelo de dominação. Neste caso o contraponto à realização do homem é o sistema capitalista que a tudo transforma em mercadoria. Paulo Honório enxerga o mundo e as pessoas pela ótica do valor pecuniário.

No fim do pátio um moleque passou, com um bodoque na mão. Estava ali para que servia a escola. Vadiando, matando passarinhos, num dia de descanso, bom para soletrar a cartilha e riscar papel.

Seis contos de tábuas, mapas, quadros e outros enfeites de parede. Seis contos! [...]

A prefeitura não queria mais comprar pedras, as construções na fazenda estavam terminadas. E mestre Caetano, gemendo no catre, recebia todas as semanas um dinheirão de Madalena. Sim senhor, uma panqueca. Visitas, remédios de farmácia, galinhas.

– Não há nada como ser entrevado. [...]

Além de tudo vestido de seda para a Rosa, sapatos e lençóis para Margarida. Sem me consultar. Já viram descaramento assim? Um abuso, um roubo, positivamente um roubo. [...]

Porque era que eu não punha o Padilha fora de casa, aquele parasita que me levava cento e cinqüenta mil-réis por mês com a tapeação da escola e estava fuxicando, visivelmente fuxicando?⁸⁷¹

Vemos aqui o retorno a um dos pontos mais candentes na obra de Graciliano Ramos, que é a preocupação com a educação do povo brasileiro. Na passagem acima vemos primeiramente uma crítica à qualidade do ensino, à deficiência da escola em proporcionar uma verdadeira formação. Em seguida o personagem Paulo Honório encarna o pensamento de uma elite que vê a educação como uma perda de tempo e dinheiro.

Aqui o narrador apresenta com toda a crueza o processo de reificação, que a tudo atribui um valor quantitativo. A força de afirmação do ideário marxista de desqualificação das elites endinheiradas e dos governantes que perpassam a narrativa define o modo da escrita. As frases de Paulo Honório são frias e cortantes. Levam a

⁸⁷¹ RAMOS, 2005, p. 142-3.

frieza do metal e a fixidez da pedra. Verifica-se a afirmação de uma subjetividade de forma acentuada, a aparência monolítica, em que o personagem vai se erigir como estátua solitária, destituído de sua humanidade. Um caminho que vai levá-lo fatalmente a um processo de auto-destruição. Aqui o ser-para da escrita vai confluir na afirmação de identidades em estado de dilaceramento, aliando a rigidez da forma do discurso à das posições que os personagens buscam ocupar.

Enquanto em Graciliano Ramos os personagens se constroem de dentro para fora, emergindo de forma visceral, em Jorge Amado eles apresentam-se dentro de uma tipologia bem estabelecida. Prostitutas, malandros, jagunços ou coronéis são naturalizados em seu modo de falar e nos trejeitos, traduzindo uma regra que os inviabiliza como seres autônomos. Os narradores trabalham em linhas bem definidas, não deixando aos personagens a liberdade para afirmarem sua individualidade, descolando-se da instância autoral que os padroniza. Em *Terras do Sem Fim* podemos facilmente constatar esse impulso do discurso marcando uma tendência pouco crítica e de certa forma ingênua na definição dos territórios existenciais.

Margot saiu de um camarote e atravessou o navio de ponta a ponta, rodando a sombrinha de muito pano, arrastando a cauda do vestido de muita roda, se deixando admirar pelos caixeiros-viajantes, que diziam piadas; pelos fazendeiros, que arregalavam os olhos; até pelo pessoal que ia na terceira, em busca de trabalho nas terras do sul da Bahia. Margot atravessou os grupos, pedindo licença com sua voz quase sussurrada, e em cada grupo se fazia silêncio para melhor a verem e a desejarem.⁸⁷²

O perfil dos personagens é estabelecido de antemão, segundo estereótipos. Em poucas palavras tem-se o espírito dos vendedores, do fazendeiro, da massa anônima e da prostituta. Também a caracterização de um jagunço segue esse regime de facilidades. “O negro Damião, que era seu homem de confiança, certo na pontaria, devotado como um cão de caça...”⁸⁷³ A apresentação do capanga respinga na própria afirmação do ser coronel. Tanto o jagunço como o seu patrão são aqui consagrados. Um apresenta-se como símbolo da subserviência, enquanto o outro desponta em seu espírito autoritário que não governa senão aos cães em sua docilidade.

⁸⁷² AMADO, 2002, p. 21.

⁸⁷³ AMADO, 2002, p. 69.

O autor se apropria da matriz popular da cultura brasileira para compor suas narrativas. Mas a forma como trabalha esses elementos segue um perfil monológico, impedindo que os personagens saltem para a vida e enfrentem a contingência em suas contradições e situações em que as identidades são constantemente esgarçadas e rearticuladas. A idealização dos tipos populares sonega-lhes a amplitude de ser em possibilidades inesperadas. Observa-se sua trajetória de seres de papel, em que falta o sangue nas veias. Os mecanismos do fazer literário não são liberados para que se consubstancie o ser da linguagem em sua eterna novidade, guardando surpresas e criando seres pulsantes.

Em *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, observa-se a realização conflitante do personagem José Amaro. Inicialmente ele aparece rasgando os horizontes do anonimato para afirmar-se. “O mestre José Amaro não respeita lição de ninguém. [...] Falo o que quero, Seu Laurentino. Isto aqui não é casa de Vitorino Papa-Rabo. Isto é casa de homem.”⁸⁷⁴ A afirmação da personalidade se dá com toda a ênfase. Mas, ele parece desconhecer a abrangência de suas possibilidades.

Não pode dormir. Tudo ouvia, tudo sentia como uma agonia de morte. Por que aquelas mulheres correram dele? [...]

Apagou a luz e mergulhou num pavor que nunca tivera. Estaria, de fato, em ponto de atemorizar o povo? Não era possível. Ele, o mestre José Amaro, homem de sua casa, de respeito, com fama na boca da canalha.⁸⁷⁵

O narrador desloca o ser colocando-o em estado de estupefação. O personagem fora agenciado por discursos e atitudes que o deslocam de sua auto-referencialidade. Nesse sentido, a prosa de José Lins do Rego aponta para a volatilidade das identidades. Essa perspectiva vai ser explorada por Guimarães Rosa e colocada em seus limites por Osório Alves de Castro.

Guimarães Rosa apresenta-se como o mago da subjetivação transfigurada que faz até bicho encantar. Podemos observar essa ótica de humanização dos animais no conto *Burrinho Pedrês*. Também em *Conversa de Bois* e em muitos outros momentos vamos ter esse efeito de presença do animal se fazendo da forma mais expressiva.

⁸⁷⁴ LINS DO REGO, 1989, p. 6-7

⁸⁷⁵ LINS DO REGO, 1989, p. 54-5.

Os processos de subjetivação nas narrativas rosianas assumem ares inesperados, moldando a escrita no veludo da lírica, ao sabor de ritmos bem acentuados nas ondulações melódicas. A mobilidade do imaginário conflui em soluções inovadoras no dizer e expressar.

Em *A Hora e Vez* de Augusto Matraga, vemos o homem agenciado pelo mito cristão que o lança para além de sua subjetividade de homem valente, formado nas lutas e desmandos do sertão. Ele inicia um processo de purificação e investida rumo ao paraíso. O ideário cristão vai estar presente na maneira de dizer articulada por trejeitos, posturas, entonações, assim como nos símbolos, a exemplo do ferro com que o personagem foi marcado, composto por um triângulo inscrito na circunferência. O posicionamento mítico influi também na estrutura do enredo.

Em *Grande Sertão: Veredas*, as identidades se apresentam num jogo entre mobilidade e territorialidade. Um bom momento para ilustrar esse processo acontece quando Riobaldo assume a chefia do bando. Ele assusta-se com as transformações em seu comportamento. Fizera o pacto com o desconhecido para ir além de si. “Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carecia.”⁸⁷⁶ Agora o vemos tomar posições, afirmando-se ante o olhar atônito de todos.

Como por um rasgo, para soléncias, dei o cabresto ao Fafafa. Disse: – “Tu desarreia, amilha e escova, tu trata dele...” –; e isso fiz, porque o Fafafa, que tanto gostava simples de cavalos, era o prestante para cuidar dum animal, em mesmo que dele não sendo. Mas eu tinha dado uma ordem. Assim me refiz. [...]

Saí, uns passos. Eu estava dando as costas a Zé Bebelo. Ele podia, num relance, me agredir de morte, me atirar por detrás... – atentei. Esbarrei em meu caminhar, fiquei assim parado, assim mesmo. O medo nenhum: eu estava forro, glorial, assegurado; quem ia conseguir audácias para atirar em mim? [...] eu podia dar as costas para todos.⁸⁷⁷

O narrador toma o acontecimento revelador, o pacto com o demônio, como ponto de insurgência das energias vitais necessárias ao enfrentamento do antagonista Hermógenes. O processo de subjetivação se dá por conta de forças sobrenaturais. Através delas, o tímido Riobaldo transforma-se. Assume uma territorialidade para além

⁸⁷⁶ GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 370.

⁸⁷⁷ GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 380-1.

de si, tornando-se o chefe. Ele passa por uma transformação substancial em que transita da posição de homem no entre-lugar, portador de todas as dúvidas, para o ser auto-centrado assumindo suas credenciais de chefe. Ele territorializa o ser volátil no estado de dispersão do ser brasileiro para conseguir enfrentar o mal. Mas esses meandros das identidades móveis, em interação tumultuada das diversas linhas de força envolvendo gêneros, papéis sociais, expectativas, vão mostrar todo seu potencial desestabilizador.

A narrativa de *Grande Sertão: Veredas* aponta para territórios movediços que estão constantemente negando o solo das afirmações em que o homem possa se estabelecer como sujeito de um destino. Podemos dizer que há um apelo para ser. Riobaldo endiabrado assume a chefia do grupo. No desenrolar dos acontecimentos, uma vez cumprida a missão de derrotar o vilão, ele se torna um fazendeiro. Mas todo esse esforço se revela insuficiente na doação de um lugar verdadeiramente ao sol, banindo todas as sombras do desconhecimento de si e dos fenômenos. “A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação – porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.”⁸⁷⁸

A escritura rosiana flagra a insustentabilidade do ser em constantes elucubrações. Esse filosofar sobre a vida vai ser o tempero formal que detém o narrador sob o impulso das ações, aprofundando o conhecimento da condição humana. O pensamento articulado por uma escrita que se afigura de alta tensão lírica cria arcabouços de afirmação do ser que tenta a duras penas ensaiar uma territorialidade, constantemente frustrada pela impermanência e pelas dúvidas quanto à possibilidade de ser. Assim o valor formal de tal obra se constitui em apresentar esses territórios de neutralidade, uma zona morta, em que o homem tenta ser e é seguidamente deslocado.

III. O além do ser como estratégia de figuração

As narrativas de Osório Alves de Castro nos apresentam vezes sem conta os estágios de diluição da identidade de seus personagens, por conta dos acontecimentos desestabilizadores. O ser flutuante coloca-se em eterna protensão, ao sabor dos golpes de desterritorialização que conduzem constantemente a novas territorialidades. Diferentemente de outras obras que marcam territórios de afirmação, de enraizamento

⁸⁷⁸ GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 406.

do ser em pólos de subjetivação ou suas tentativas malfadadas, os romances *Porto Calendário* e *Bahiano Tietê* colocam-se, através da personalidade do “herói”, como indícios desse homem mais fluido que a humanidade está por dever a si mesma no processo de afirmação de sua condição, distanciando-se do primata que em cada ser ameaça a sua realização. A composição dessas obras a que chamamos de bamboleante deve-se à leveza do espírito que as enforma. O ideário contamina a composição do enredo que aponta sempre para uma dissolução do ser no nada.

Os personagens são flagrados em seus embates muitas vezes interiores contra as forças que os oprimem, já no ponto da dissolução de sua presença no mundo. Em *Porto Calendário* podemos notar a trajetória de Pedro Voluntário, suas denúncias contra as forças retrógradas que governam o país. Ele luta pela vida até o ponto em que é definitivamente vencido. A liberdade, representada por sua filha Aninha, fora estuprada por jovens que representam o sistema de poder centralizado e autoritário. O suicídio, em retrospectiva de sua desgraça, conduz a escrita para uma atmosfera de devaneio.

O tam, tam, do machado começou bater seco, compassado e só o rangido dos serra-paus misturava-se no compasso dos golpes. Na cabeça de Pedro Voluntário-da-Pátria o tumulto dos diálogos perdia-se nos abismos. A história era-lhe como a cachoeira grande do Rio das Éguas, despejando-se na terra negra polvilhada de ouro e húmus. Lascas voando como pequenas moscas douradas e o cheiro balsâmico da madeira ferida, aliviando o delírio. O velho tronco bambeava. Ritmando saltos batidos no vaivém do corpo suado, cabeça branca, o tórax nu, osso e pele na sua briga agitada vencida na morte.

– Depressa, eles poderão fugir.⁸⁷⁹

A escrita envolve o leitor num turbilhão de sensações: odores, sons, ritmos, confluindo imagens que causam um balanço desestabilizador. Assim também se dera no suicídio do Major Conrado Sessenta. Apesar de uma escrita territorializante, quando Pedro Voluntário faz uma análise fisiológica dos membros despedaçados, os sentidos vão em direção oposta. Podemos abstrair uma filosofia desconstrutora de todas as ilusões humanas. E a negação da idéia de ser humano com que nos referenciamos causa um efeito de torpor.

⁸⁷⁹ *P.C.*, p. 159.

Em expressões como “– Os Alfonsos estão com medo do futuro”⁸⁸⁰, observa-se também esse ponto de fuga dos estados de ser, a partir do próprio movimento da escrita acelerando o ritmo do fraseado. O medo passa a ser o arauto das desgraças que estão por vir. Foge o lastro psicológico de auto-afirmação, para depois fugirem os bens. E é o medo em seus estertores de teatralidade que parece reger as atmosferas criadas pelos narradores das histórias osorianas.

Doquinha repetia rasgando os trapos do corpo:

– Piedade para esta nossa terra! A bruxa feiticeira não poderá permanecer nem mais um dia, nem mais uma hora. Sua maldição cairá sobre nós todos.⁸⁸¹

Observa-se o ímpeto da escrita em sentenças curtas e precipitadas, por conta da atitude escandalosa do personagem. A propensão para o não ser cria uma aura de abandono das territorialidades. Tudo se liquefaz nesse mundo entregue a forças devoradoras de todas as possibilidades de realização humana.

Os narradores em Osório exercem uma negatividade destronadora de qualquer pretensão dos homens habitarem um território.

A lírica de Osório tira peso à matéria, dotando-a do atributo da leveza. “No baixio da Sambaíba, dimpanada aberta, uma barca tocada de refregas era uma grande borboleta branca riscando o rio.”⁸⁸² O narrador toca o mundo com seu pincel diluidor dos contornos, dotando as coisas de um ar evanescente, traduzindo imaterialidade. A imagem da barca transita no etéreo, apontando para esse além do ser que em asas de borboleta recende energia pura.

Os Alfonsos agora são flagrados no estado de diluição de seu estatuto coronelístico, destino já adiantado anteriormente, em seus receios, por essa espécie de corifeu que é o personagem Doquinha Peste-Bubônica. “Os Alfonsos, arruinados, entravam num estado desolador de decadência: vendiam tudo, rezavam, bebiam cachaça”⁸⁸³ A seqüência mostra os três estados da perda do mundo. Primeiro os membros do clã perdem os bens materiais. Depois ficam emparedados entre a religiosidade e as infusões alcoólicas, numa tríplice aliança pela imaterialidade.

⁸⁸⁰ P. C., p. 77.

⁸⁸¹ P. C., p. 75-6.

⁸⁸² P. C., p. 103.

⁸⁸³ P. C., p. 105.

A desconstrução da figura do Cristo bem nutrido, vistoso e saudável, dos possuidores, causa espanto e tropelias. “– Vi com estes olhos! É uma blasfêmia. Nunca se viu Jesus Cristo daquele, tão magro, tão doído, feito a propósito.”⁸⁸⁴ Não há descanso no pasmo que atribula a narrativa. As palavras ganham sempre essa premência, causada pelos deslocamentos em um mundo em que ricos e pobres não têm sossego.

O fenômeno da migração revela o molde do homem além de si, esgarçando as fronteiras do espaço-tempo. Esse movimento dos personagens dos romances em estudo serve de ponto de articulação do enredo. As atribulações por que passam os personagens são desestabilizadoras de subjetividades ao ponto de lançá-los numa atmosfera em que passam por figuras emocionalmente frágeis, além de si, sustentadas nos mitos. E é nesse espírito que se dão os movimentos de entrega do jagunço, um ser além de si, ancorado no mito da bravura e da realização vicária através da dedicação a um chefe. “O jagunço, é consequência de serviço num sonho de ser gente.”⁸⁸⁵

Esse além de si permite e aclimata um tipo de escrita apaixonada, de embriaguês dionisíaca em aportes transcendentais. Assim vimos na cena em que Mariona encontra o pai esmagado sob o pau-d’arco, “Pai, vancê morreu mesmo de morte tão triste? Pai acabado assim por que, Deus do céu? Morto sem Luz.”⁸⁸⁶ E tudo que se segue, conforme presenciemos anteriormente⁸⁸⁷, corrobora uma escrita acelerada, flagrando o ser em ponto de diluição, rumo ao apagamento no nada. Esta parece ser a marca filosófica que o autor implícito tenta afirmar em seu alerta sobre a brevidade e insustentabilidade da existência, quando não conduzida em moldes que tomem a espécie como objetivo e destino das ações.

Podemos lembrar a personagem Aninha Voluntário, no dia seguinte ao estupro, em que as lembranças do momento fulgurante que vivera desfilando no papel de Liberdade se sobrepujavam ao desastre: “...debatia-se num espaço sentimental, uma vontade de repetir tudo naquela mocidade assediada de chamados. Corria atrás dos sonhos como corria atrás dos passarinhos na várzea.”⁸⁸⁸ O ímpeto agonizante de territorialização se dá em torno de uma idéia de mundo, de um sonho propiciado por uma farsa oriunda dos centros de poder produzindo miragens como pátria, liberdade, reconhecimento dos excluídos. Note-se que a menina-moça desconhece a própria miséria. Vai além de si

⁸⁸⁴ *P.C.*, p. 125.

⁸⁸⁵ *P.C.*, p. 143.

⁸⁸⁶ *P.C.*, p. 159.

⁸⁸⁷ Ver páginas 219 e 220 do presente trabalho.

⁸⁸⁸ *P.C.*, p. 154.

num salto para o nada das ilusões. Nesse contexto, a opção do narrador pela escrita poética trai um impulso de desmaterialização, já apontado no destino dos personagens. Esse tipo de escrita tem como característica a leveza, um dos pontos de sustentação do trágico, fardo que os humanos carregam existência a fora. Assim o lírico se torna o modo por excelência dessas narrativas de diluição do ser atropelado pela vida. Observamos essa efervescência nas passagens meteóricas do personagem Cipriano Acendedor de Lampião, em que o peso do mundo é diluído nas entonações líricas.

Os escândalos que avassalam Santa Maria da Vitória dão ímpeto à escrita nos transportes do horror secundado pelos mitos.

Desesperada começou a rasgar a roupa e ficou nua diante dos homens. Sá Né benzeu-se e bateu a mão nas faces e recompôs desalentada. Dizem que a visão do corpo nu de Susu Flores ficou nos olhos dos soldados e dos jagunços como uma cegueira escondendo Alfredinho da vingança do Coronel... Não! Dona Né desdizia-se. Foi alguma mãe como ela que ali estava ali na sua vigília, no seu pendor para salvar o filho de Pedro Voluntário-da-Pátria.⁸⁸⁹

Podemos notar aqui a transição na fala de Dona Né que transcorre de um modo acelerado, impulsivo, quando explica os fatos pelo viés mito-poético, para uma entonação pragmática. Observa-se então uma queda no ritmo do fraseado. A explicação lógica do desaparecimento de Alfredinho conduz a narrativa para um momento de calma, em que a fala da personagem se vai arrastando. Efetua-se um movimento de territorialização do que através do mito era forte deslocamento.⁸⁹⁰ O calundu de Susu Flores é de molde a esgarçar as identidades sertanejas, seja quanto ao papel e postura da mulher de um coronel, seja em relação ao sentimento de dever do jagunço para com o chefe, a quem deve obediência cega. Há uma dupla transgressão e conseqüente destituição dos estados de ser. Num primeiro momento, a imagem da esposa anula-se publicamente. No rastro dessa presença para além dos papéis configurados, bloqueia-se a própria capacidade do jagunço como ser além de si sacralizando a figura da mulher do chefe. Dona Susu territorializa o jagunço na imagem do seu corpo nu clamando pelo macho para concluir suas bodas de sangue. Nota-se, entretanto, por força do dialogismo

⁸⁸⁹ P.C., p. 171.

⁸⁹⁰ Antonio Candido (2002, p. 21) atribui um peso especial aos valores e ideologias na forma e conteúdo das obras.

presente na narrativa, que a segunda parte da fala de Sá Né desfaz do mito e confirma o estatuto do jagunço.

O perfil psicológico do anti-herói Orindo esclarece bem esse fazer literário que afiança na matéria da escrita o espírito do que vai representado.

– É a leitura. Gente aprendido é assim. Não larga o encasquetamento de viver querendo pegar passarinho no ar

– É o gênio dele. Cada um com o seu na atribulação de sentir, como no sono um sonho misturado.⁸⁹¹

Aqui a figura de Orindo se delinea na fronteira de um lirismo, inflexão do pensamento tentando capturar os mistérios do mundo. Observamos na passagem o melhor do estilo Osório, abarcando na caracterização do personagem a economia de muito dizer com o mínimo de palavras. Podemos lembrar o que Paul Ricoeur chama de *aumento icônico*, fruto da “contração e miniaturização” que “produz mais manuseando menos”⁸⁹² Essa conformação poética do personagem em seu estado de ser fluido, desbordando para além de si mantém relação estreita entre conteúdo e forma.⁸⁹³ A atmosfera nebulosa que se cria, misturando o meio físico e o virtual, o sono e o sonho, confere à figura do personagem esse estado de prostração em que vai encarnar o destino do povo brasileiro, igualmente anestesiado, perdido entre o céu e a terra, misturando mito e realidade. Mas cumpre notar, que diferentemente do seu povo, o personagem aporta a característica marcante de estar sempre filosofando sobre o sentido da vida e a origem dos seus males. Assim ele vai estar dentro e fora do seu destino.

Nos momentos em que os desassistidos buscam confirmação de uma identidade, levantam a bandeira dos seus direitos, tentando marcar seu território, a besta da segregação acobertada nos conchavos do Mesmo e do Outro cooptado se faz sentir. O episódio da morte do pai de Joviano bem ilustra esse movimento em que os excluídos são envolvidos na esfera do poder. O pai fora reclamar do Capitão Sertório, vendeiro de Carinhanha, por estar roubando no peso do açúcar. O comerciante, amigo dos coronéis, insulta a vítima que ao reagir: “Capitão Sertório tirou o revólver da gaveta. Vi quando pai caminhou na fumaça até cair morto com seus tiros dentro do negócio. As

⁸⁹¹ P.C., p. 182.

⁸⁹² RICOEUR, 1976, p. 52.

⁸⁹³ Para Boris Schnaiderman (DOSTOIEVSKI, A ficção como pensamento. In *Artepensamento*, 2006, p. 242, Aduato Novaes org.), a concretude das personagens de Dostoiévski tem muito a ver com as discussões filosóficas entabuladas em suas diferentes obras.

testemunhas disseram que foi pai o culpado.”⁸⁹⁴ A cena simboliza o caminho entre a materialidade do protesto e o ato de se evanescer na fumaça. O querer dos fracos em busca de autonomia aporta um destino trágico e a diluição do ser. As expressões que enfocam os meandros do poder aportam uma certa concretude do discurso, com marcas bem estabelecidas. Já aquelas que falam da diluição do Ser no nada carregam uma tensão poética e um apelo à leveza, a exemplo de “caminhou na fumaça”.

O alheamento do “herói” traduz o pensamento na continuidade do enredo. Essa constante rejeição dos chamados da vida cria a atmosfera do ser deslocado, se mantendo num fora de onde olha o mundo criticamente.

O sertão continuava com suas sobras humanas morrendo e matando na luta pela sobrevivência: “Jagunciar era um serviço dos mais desvalidos, mas quando a sorte ampara, ele é como um pé”. Orindo refletia, ficava longe, mas teve que repetir:

– Viva!...⁸⁹⁵

Como o personagem bem explica, assumir a ordem vigente poderia lhe render, além do perigo, frutos de notoriedade, reconhecimento e, quem sabe, acumulação de bens. Por esse caminho de territorialidades definidas, o narrador tomaria um rumo diferente. Entretanto, a opção pelo olhar crítico, dentro de uma proposta filosófica de pensar o homem brasileiro nos processos de apreensão do seu ser em subjetividades mínimas, conduz a história para essas zonas de contato que a todo momento expõem o interior das cenas ao olhar do “herói” a devassar os meandros da alienação. Orindo representa metonimicamente o homem brasileiro perdido em seus mitos, complexos, inferioridades culturalmente apreensíveis que alimentam um quadro de indecisões e postergam a sua realização. Ele vai justamente encarnar esse ser em superação da negatividade. Coloca sob a luz da razão e de sua sensibilidade os mecanismos sócio-políticos e econômicos que sobrepujam o homem em sua luta por um reconhecimento e afirmação da identidade. Mas o caminho vai reservar-lhe muitas armadilhas e dificuldades ao somar as indecisões históricas com a postura do intelectual que por enxergar demais fica dividido entre as possibilidades. Mas acaba por prevalecer uma ética que vai ao extremo do sacrifício de sua subjetividade, em prol dos direitos e prerrogativas do Outro.

⁸⁹⁴ P.C., p. 193.

⁸⁹⁵ P.C., p. 250.

Nesses percursos de superação das iniquidades sob a prevalência da ética em sua conformação estritamente humanista, os narradores de Osório Alves de Castro vão seguir percursos oscilantes em que o próprio texto perpassa essa sintonia fina, encarnando o espírito da obra.

No romance *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, a narrativa vai oscilar entre a territorialização de determinados princípios e idéias e esses momentos de puro maravilhamento em que o ser se expande nos caminhos da leveza, buscando outras instâncias de realização. A saga de Maria e suas companheiras rumo a Canudos, entre outras passagens, vai nos proporcionar esses momentos de encantamento.

Agora, era, ela, Domitília, ali no meio do rio, indo para a guerra, juntar-se aos seus maridos, que gostaria de falar com as estrelas. Elas que guardam os segredos das criaturas e as andanças da saudade. Naquele dia em que me casei com Calixto São José do Egito, elas e a lua estavam nos valendo naquilo que só fiquei sabendo nove meses depois, no choro de minha primeira menina nascendo. Das lembranças ficadas, somente o grito das gaivotas das noites riscando aflitas o liso da correnteza, buscando de-cumer para as ninhadas ou os gralhos das saracuras nos sonhos dos poleiramentos fartados. Por isto o velho Tiano – o cego – não se cansava de dizer, que as crianças que morriam do mal-de-sete-dias nestes confins de águas do São Francisco fogem para o céu, levando a vista dos que ficaram velhos na terra e viram as estrelas acendidas no céu...⁸⁹⁶

Aqui a escrita consegue escapar à materialidade das desgraças, para fazer o espírito levitar na harmonização dos opostos. O narrador consegue a transmutação imagética dos infortúnios através de imagens que carregam o atributo da leveza. Diríamos que elas têm um acréscimo de tensão poética justamente por se equilibrarem sobre o trágico da condição humana. O fraseado segue o espírito do que representa, ganhando ritmo e entonações melódicas suaves.

Em diversos momentos da narrativa, a beleza do dizer retira peso às palavras, garantindo a atmosfera de sonho, traduzindo uma nova maneira de falar das coisas e fenômenos. “O Trem de Ferro, também, que corre mais do que qualquer vapor, no fiapo do rio e como esses, tocado pelo fogo, desembesta terras afora, que nem podemos

⁸⁹⁶ *Mfp.*, p. 28.

duvidar dos até de encantamento.⁸⁹⁷ Note-se a transfiguração da imagem do trem ganhando ares do maravilhoso, perdendo em materialidade para adentrar uma substância mais etérea, feita de sonho. Também os coronéis são flagrados em seus excessos, para além do lado funesto de suas ações. O narrador consegue também envolvê-los numa atmosfera em que se transformam em vítimas de um processo turbulento de agenciamento na ordem biológica e sócio-cultural. A temática da opressão, que haveria de ser tratada, na tradição do romance sobre o Nordeste, pela via dos embates entre as classes, seguindo uma sociologia marxista, ganha em volatilidade, para permitir o desfile alegórico de ricos e pobres, passageiros da agonia.

Ápio fontes, também, era um coronel e, sendo, exceder-se supriria sua motivação para quem o amor próprio era a característica reativa dos que confiam em si, antes de tudo, e ativam deslumbramentos aos deslumbrados. Passou a articular outra saída e a encontrou, sem preconceitos. O escândalo, articulado como espetáculo público, diante dos grandes e dos pequenos, importa uma calibragem de emoções que a autonomia dos recalques dá o merecido a seu dono.⁸⁹⁸

Podemos notar que a vida é observada pelo viés do espetáculo. O personagem está consciente dessa necessidade dos pobres e ricos, capturados em modelos vivenciais, vibrarem com esses extremos de realização a que podem chegar alguns desse últimos, pairando acima do bem e do mal. Aqui, como em muitos momentos das narrativas osorianas, se perde todo o discurso sociológico de tradição marxista. As fronteiras e tensões entre as classes entram em suspensão para fazer falar um outro paradigma de compreensão dos fenômenos. O procedimento artístico promove a suspensão das expectativas, subverte a tradição, colocando-se como articuladora de uma visão mais ampla em que se possa surpreender a vida como propulsora das multiplicidades existenciais olhadas sem acanhamento.

Às últimas cenas do romance vemos o coronel Caio enfrentando o seu destino.

Caio, montado em seu cavalo alazão, era um sintagma associado naquele alvorecer, valendo o seu próprio destino, ali junto ao velho para exceder-se e viverem o desajuste do mundo que os criou. [...] Laura chorava e o velho que

⁸⁹⁷ *M.f.p.*, p. 35.

⁸⁹⁸ *M.f.p.*, p. 98.

desejava explicar-se, quando Caio, frente à presença dos desavisados, antecedia, a mitificação da imensidade a qual a realidade do seu destino de se exceder já estava empenhada. Seus olhos pareciam lentes duplas de uma câmara fotográfica focalizando os vazios da memória assaltada.⁸⁹⁹

O homem é apresentado como um brinquedo ante as forças poderosas que o levam de roldão marcando toda a sorte de intensidades, ao ponto de fazer falar o mundo ante o vazio interior. Os apelos do São Francisco e suas grandes corredeiras vão fazer calar esse homem sem limites. E a escrita vai fornecer o clima em que se desenrola o turbilhão, ajudando a diluir as subjetividades. Vemos constantemente faltar o chão. Os territórios de subjetivação são transmutados em forças que comovem e subvertem a aparência estática que adensa o cotidiano. A vida e os seus mandões são condensados em forças que movem e são igualmente deslocadas. Nesse ímpeto renovador das dizibilidades a escrita é a matéria que vibra nos sentidos do discurso, articulando e sendo articulada nas atmosferas que os narradores buscam consagrar.

Em *Bahiano Tietê* observamos também muitos momentos de transfiguração da materialidade existencial, numa ambientação que recende uma espécie de devaneio. O personagem Bahiano Tietê, nova identidade com que se reveste Orindo, permanece num dentro que se revela um fora crítico com que olha para a estrutura de animalização de sua gente. Ele mesmo vai sofrer sérios maus tratos e a usurpação de direitos por conta daqueles que acima de tudo estariam no papel de preservá-los.

O personagem principal vai estar num além de si, testando as fronteiras entre o ser e sua diluição numa trans-subjetividade, que pode representar um avanço para além da destrutividade e possessividade de um sujeito estabelecido. Paradoxalmente, as mulheres, que segundo Ortega y Gasset são os únicos seres capazes de se diluírem num Outro, e portanto historicamente seres habitantes de uma alteridade, vão se empenhar numa luta de trincheiras bem estabelecidas buscando o reconhecimento de seu *status* de seres portadores de direitos em pé de igualdade com os homens.

Nesse sentido teríamos uma inversão dos papéis ou diríamos uma gradação em que as mulheres atingiriam um patamar de afirmação de sua identidade, enquanto esse homem especial, articulado no “herói”, estaria para além do ser abrindo novas possibilidades, movido de certo modo pelo princípio da *anima*.

⁸⁹⁹ *Mfp.*, p. 219.

Dois movimentos podem ser flagrados como pontos de articulação da escrita. Num momento vemos Bahiano Tietê mergulhado num torpor. “Sol alto. Um homem sem encontrar a própria sombra: era um jovem, mas parecia trazer a idade do mundo. A paisagem ia mingando no seu desajuste de vagante, solto nas precipitações dos rebates...”⁹⁰⁰ A escrita acompanha o espírito do personagem transmitindo uma sensação de deslocamento e não pertença. Adiante, numa outra configuração da escrita pertinente a uma tomada de posição perante a realidade, as mulheres mostram as unhas e afiam o discurso. Levantam bandeiras e a prosa se afirma em territórios bem definidos.

Dizem uns: “O direito da mulher é ser pura, ter filhos e cuidar do lar”. Bela tapeação para os profissionais fazedores de papel pega-moscas. Convoco e conclamo as companheiras desta Lida de Defesa constitucional a exigir: Queremos com a lei que sairá do sangue dos nossos entes queridos e da dignidade de São Paulo livre, que se ponha, entre as reivindicações da Revolução, o divórcio.

– Não! Somos católicas e protestamos!

– Queremos também o direito de votar se temos o de parir, - aparteou Sônia Rocha.⁹⁰¹

Aqui a escrita segue uma linha pragmática, em que a mensagem é apresentada de forma inequívoca. Podemos falar de um discurso que busca afirmar territórios como salvaguardas do ser mulher em processo de afirmação de sua identidade e defesa de seus direitos em paridade com os homens.

Assim ficam definidas as estratégias de figuração, marcando o tônus e a própria forma da escrita de acordo com o espírito do que está sendo encenado. A projeção dos personagens para além de uma existência mesquinha cria a atmosfera que permite aos narradores sonharem e empreenderem sua escrita transgressora da ordem pragmática do discurso.

Como pudemos observar em Osório Alves de Castro, e em outras narrativas que aqui compareceram, o modo afirmativo de determinadas posições confere ao texto um ar territorializante de concepções sócio-filosóficas e por vezes políticas.

O que entretanto prevalece nas narrativas de Osório é esse mundo tocado pelo permanente devir e suas transformações inexoráveis em que nada permanece. Além e

⁹⁰⁰ *B.T.*, p. 93.

⁹⁰¹ *B.T.*, p. 208.

além de posicionamentos redutores, a vida é elevada à dimensão de arte. E os homens lançados ao mundo em permanente projeção para um além de si são muitas vezes colocados na posição de forçados, tripulantes da “barca do inferno” a caminho de um Hades que se avoluma a cada nova encruzilhada.

Conclusão

A obra de Osório Alves de Castro alcança um patamar de expressão crítica da vida brasileira em seus modos de interação ao longo da história. Essa abertura para o entendimento dos processos formadores da “nação” atesta o *status* da obra de arte como produtora de conhecimento. Paralelamente ao pensar em profundidade os modos de apreensão do ser em identidades mais ou menos estabelecidas ou diluídas, assim como os impasses que tolhem nosso desenvolvimento social, podemos evocar a forma poética do dizer. Sucessivas leituras não são capazes de esgotar o potencial imagético e as possibilidades de interpretação.

A poética de Osório é uma exortação à vida que se coloca no mundo em estado de pensamento, atenta a seus mistérios e beleza secundada pelo trágico. O “herói” Orindo, Bahiano Tietê, coloca-se como homem laboratório a reverter as medidas do entardecer. Torna-se a centelha de um novo caminho para um sol que vai se abrir. Ele assume o estar no mundo em presença, sempre atento, sacudindo acomodações que nos possam roubar momentos de eternidade no fluxo da criação. Numa atitude despreziosa, coloca-se num fora de si, para além do corpo que rasteja no ser obscuro da subjetividade enquanto máscara ou arapuca, a impedir que o pássaro de arribação do pensamento “puro” alce a liberdade que tem por bem encantar e fazer as pessoas mais leves.

A escrita de Osório Alves de Castro segue a tendência daquelas narrativas que vêm o nordeste como espaço míticamente configurado. Esse universo, assimilado como o lugar da fome e das desigualdades, é paradoxalmente o espaço do mito e do maravilhoso. O autor ainda jovem emigrou para São Paulo. A existência na diáspora caminha no sentido da idealização das lembranças que guardara. E nesse tempo nebuloso da memória seus narradores vão criando seres de papel. Mas podemos observar que aos poucos estes vão afirmando sua personalidade e parecem impor seus ímpetos e teatralidade a seus criadores. A estrutura narrativa que daí nasce aponta para um mundo em que a vida está em aberto, voltada para a multiplicidade articulada polifonicamente. Assim o fraseado muitas vezes perfaz um tipo de alucinação que faz com que o leitor vislumbre em simultaneidade diversos focos de enunciação, abrangendo desde os enigmas da história romanesca aos meandros da história nacional, ou desde a problemática do homem sertanejo à busca de um sentido para a existência do

homem em seus aspectos universais. Desta forma o leitor defronta-se com um arcabouço em que pode se colocar como artífice de interpretações inusitadas, procurando unir os fios narrativos desse universo concebido como rizoma. A ele são deixadas miríades de *lugares vazios* como desafio, atestando a configuração lúdica da obra de arte. Isso o transforma em parceiro, naquele que em última análise vai materializar as virtualidades sugeridas pelas obras, na medida em que estas podem levá-lo a deslocamentos e conseqüentes reterritorializações do estado de ser-no-mundo.

Procurando situar a obra de Osório Alves de Castro no contexto da Literatura Brasileira, pode-se afirmar que ela representa um avanço conceitual em relação às obras que tomavam o embate ideológico e de classes como direcionamento. Nesse sentido o autor aponta, ainda em plena Guerra Fria, para a superação e o esgotamento de um modelo baseado nas tensões sociais aguçadas pelas ideologias. Na obra de Osório os limites sócio-ideológicos são ultrapassados e o primata em processo de hominização é apresentado como um ser tumultuário. As narrativas partem dos elementos sócio-históricos, marcados pelas injustiças que atingem o homem comum, mas que são antes de tudo fruto de uma falsa consciência, uma *imago mundi* distorcida nessa infância do homem em gestação. Em vez de condenar diretamente aquele que ultrapassa o limiar de respeito ao Outro, os narradores osorianos estampam a fragilidade dessas pessoas e mostram, fazendo uma crítica velada, o exemplo daqueles personagens que se projetam magnânimos para além do pequeno Eu.

Osório Alves de Castro filia-se à tendência inaugurada por Guimarães Rosa, no que tange ao trato com a palavra, o que enquadra suas produções como prosa poética e filosófica. Mas enquanto a escrita de Rosa segue o caminho da tensão transfigurada, em que os elementos mágicos têm papel preponderante no curso das ações, a escrita de Osório vai justamente trabalhar para o desmonte do mundo mítico do sertão. Em *Grande Sertão: Veredas*, assim como em *Porto Calendário* e *Bahiano Tietê*, aqueles que conduzem a ação visando restaurar a ordem cósmica têm em comum o atributo do homem pós-moderno, eternamente secundado pela dúvida. Também a heroína de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* vai estar em determinado momento movida pela dúvida. Mas esta é bem pontual, atendo-se à contestação da validade dos conhecimentos articulados num processo de aculturação. Ao longo da história a ação desenvolvida pelas mulheres é predominantemente firme e bem conduzida, em contraposição às atitudes masculinas.

As diferenças entre os dois escritores vão se dar no trato com o enredo. Enquanto nesse romance de Rosa a faina dos “heróis” e adjuvantes vai representar um enfrentamento entre o bem e o mal, civilização *versus* barbárie, no Osório de *Porto Calendário* e *Bahiano Tietê* os personagens usarão de expedientes para suplantar suas limitações. Vão muitas vezes além da subjetividade esgarçada pelas maquinações do sistema de poder, procurando marcar uma presença mais completa do seu ser-no-mundo ou ainda diluindo-se em disponibilidade para o Outro.

A obra *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* se aproxima da tradição do romance de tensão crítica, mostrando o embate das mulheres contra a opressão masculina. A luta capitaneada por aquelas acaba por abranger o conjunto da sociedade, ensejando transformações importantes. Essa narrativa segue, no que tange à filosofia, o conjunto da obra osoriana, que olha o ser humano em sua frágil condição.

Duas linhas temáticas podem ser identificadas nas narrativas de Osório. A primeira aponta para a identidade feminina. A mulher nas narrativas osorianas empenha-se numa luta pela afirmação de seus direitos, em paridade com o dos homens. As personagens femininas desenvolvem ações coerentes, dentro de uma racionalidade em que focam com objetividade a resolução dos problemas. Enfrentam duplamente os desmandos inscritos na órbita do Mesmo, assim como aqueles que emanam da configuração machista da sociedade. A outra vertente das narrativas flagra o gênero masculino ultrapassando a medida. Essa desmedida é atributo dos dominadores e seus agregados como seres perdidos em seus excessos, fruto de uma masculinidade conturbada que a tudo tentam apreender, em sua entonação fálica do existir. Como anteparo e destino dessa desmedida vemos a comunidade dos pobre-diabos: homens e mulheres perdidos entre o céu e a terra, em busca do entendimento e da ultrapassagem dos entraves existenciais. Esses tentam muitas vezes ir além de si. Entretanto esses papéis podem ser intercambiados entre os gêneros e classes sociais. Pudemos flagrar algumas mulheres tentando o domínio fálico dos acontecimentos, em movimentos de afirmação peremptória de suas posições. Vimos outras, em determinados momentos, dando o salto agônico para além de sua configuração identitária, numa abertura radical para o Outro ou para o indefinido das possibilidades da existência. Também observamos personagens do centro de poder como vítimas do emaranhado de maldades em que se enredaram, acoados pelo sentimento de perda do mundo em que acabam por acreditar nos mitos que ajudaram a propalar.

Os narradores souberam caracterizar o nordestino em sua maneira de se posicionar perante o mundo, com seus trejeitos, que traduzem de forma expressiva sua religiosidade e imaginário. Aqueles atributos dão um tom performático a este ser em sua dedicação apaixonada às causas e crenças que o motivam. Mas, da mesma forma que se entregam no limite da anulação, são capazes de ímpetos de superação e busca de outros horizontes, quando perdem a fé e a esperança.

Dar o salto para além de si é de qualquer sorte uma marca que os narradores em Osório atribuem a muitos dos personagens. Eles agem buscando suplantar os seus limites, pondo não raro à prova a validade de conceitos, normas ou mesmo os mitos que sedimentam a convivência social e sua visão de mundo. Nesses casos acabam por substituir as utopias, culminando um processo em que novos agenciamentos tomam o lugar daqueles que perderam força.

Nesse sentido o personagem Ápio Fontes rasga a ética dos poderosos do sertão. Rompe com os princípios de classe ao desonrar a filha do mais poderoso chefe regional. Todos os vícios e luxúria seriam permitidos com os despossuídos, mas não com a herdeira de um clã. Também ao se negar a uma reação quando atacado pelos irmãos da mesma, desdenha do código de honra sertanejo. Ele propõe um além de tudo que é aceitável como nobre e virtuoso, numa síntese de todos os excessos ao ponto de provocar o nojo, que lhe traria a imunidade ao castigo.

Cipriano Acendedor-de-Lampião se encantou. Passou a habitar o espaço do maravilhoso em que apenas as crianças e os escultores de carrancas lhe dão ouvidos. Igualmente uma saída escandalosa e desestabilizadora dos discursos fundadores daquele universo. Pedro Voluntário-da-Pátria buscou a fusão com os elementos que lhe proveram o sustento, para além das iniquidades que colocaram sua existência permanentemente à beira do nada. Coronel Joãozito subverteu o estatuto da macheza e do coronelismo ao franquear ao amigo Orindo a posse de sua amante Zabelinha, com quem o rapaz se envolvera. A moça, por seu turno, embarca num caminho sem volta, ao entrar em rota de colisão com o poder do Estado e dos coronéis, visando fazer uma revolução em bases populares. Desconstrói também o discurso fundador das sociabilidades arquitetadas sobre a idéia de gênero, ao pegar em armas e enfrentar a ordem estabelecida.

Lucinha igualmente esgarça os padrões de sustentabilidade da mulher na sociedade, ancorada na idéia da esposa e mãe. Abre para o amanhã de seu grupo a possibilidade da maternidade vicária. Seria a mãe afetiva dos filhos que seu homem acaso tivesse com

outras mulheres, dada sua impossibilidade de gerar. O diferencial que sua atitude guarda em relação a tal prática, já costumeira nos sertões, é a iniciativa partir dela, ante a relutância do marido. Também América, por princípios éticos, abdica da riqueza e posição social do marido para seguir o sacerdócio em que se constitui o ofício de professor.

Joviano é por sua vez tocado pelo sonho de redimir o homem brasileiro ao minimalismo das subjetividades subalternas, que o enredam com o argumento da incapacidade para realizar feitos importantes. O posicionamento desse personagem representa a superação do ser *alterado*, voltado permanentemente para o outro civilizado. Sua atitude é crítica da atitude de inferioridade adotada pelo brasileiro em relação aos povos que habitam os países ditos centrais. É destes em última instância que emanam os direcionamentos basilares da sociedade e a visão de mundo. O personagem propõe a elevação da auto-confiança, do auto-respeito e da auto-estima do povo brasileiro, que deveria se voltar para si, acreditando em sua capacidade de realizar grandes feitos. Assim ele propõe um salto para além do ser subalterno, fugindo às articulações discursivas do dominador que o mantém deprimido. Nesse estado de fragilidade, o nosso povo percorre como um sonâmbulo o lindo espaço Brasil que propiciaria fantásticas realizações, se pudesse acordar.

Orindo Brotas ou Bahiano Tietê transcende todas as possibilidades de subjetivação buscando um fora quase absoluto em que olhasse para os seus, para a existência e sua problemática, livre de qualquer ganga que pudesse comprometer a objetividade do olhar. Essa transcendência é no entanto acompanhada de um contato imanente com os fluxos vitais tentando entrever uma nova história para o homem.

Tendo como foco o procedimento ficcional, demos atenção especial nesta pesquisa à maneira do autor narrar. Enfrentamos para isso o desafio de ir seguindo as passagens mais expressivas, verdadeiros achados poético-filosóficos que não mereceriam ficar por mais tempo no desconhecimento do público. Este foi o nosso objetivo, conforme anunciado anteriormente. Servimo-nos de pressupostos da teoria literária, da psicologia, filosofia e sociologia, entre outros saberes, na tentativa de alcançarmos os princípios teóricos e filosóficos subjacentes às obras de arte em estudo.

No campo teórico, observamos que o posicionamento crítico, não sectário, dos narradores se alargando para uma compreensão mais ampla do comportamento humano, aponta para uma insuficiência da crítica sociológica em dar conta das obras analisadas. O seu entendimento ultrapassa os limites estreitos da luta de classes, mostrando os

dilemas humanos além de qualquer ideologia. Essas obras incitam a uma multiplicidade de enfoques que perpassam a crítica do imaginário e apontam importantes conexões com a sociologia, a antropologia, a filosofia e os estudos culturais. Conseguimos acentuar a sintonia entre pensamento e forma da escrita. Entretanto, demos apenas os primeiros passos no sentido de averiguarmos essas conexões. Por sua importância o assunto merece um estudo mais atento e específico.

Quanto à filosofia, verificamos que as narrativas apontam através de seus personagens, em maior ou menor grau, para a tentativa de suplantar os limites existenciais, para além das maquinações que tentam reduzir as possibilidades do Ser. Pudemos vislumbrar um ímpeto para romper a casca do ser auto-centrado. O autor implícito sugere essa abertura como a superação dos entraves do homem rumo a sua realização plena e ao nascimento de uma nova sociabilidade.

A busca da imanência do ser no mundo, a cargo de muitos dos personagens, trai o posicionamento do autor implícito que tenta anular ou minimizar as entonações de cunho racial, de classe ou ideológicas no enfrentamento dos problemas que afligem a nossa gente. Ele desconsidera qualquer posicionamento que não trilhe a idéia da igualdade e da fraternidade entre as pessoas. E coloca a educação, o saber e principalmente o caráter e a ética como os diferenciais nos processos de realização humana.

Por fim, a proposta basilar das narrativas aqui analisadas aponta no sentido de uma ética que em sua máxima realização levaria a espécie humana a um avanço para além da idéia de sujeito, em sua configuração destrutiva. Pelo que pudemos observar muitos dos seus personagens, notadamente os femininos, foram tocados por esse anseio. O autor implícito parece imbuído da certeza de que nas mãos das mulheres o mundo estaria bem melhor. Também o personagem Orindo Brotas, Bahiano Tietê, é atravessado pelo princípio da *anima* que o leva ao sacrifício material e afetivo para não ferir ou prejudicar o Outro. Nesse sentido, a humanidade está a dever um passo para além de si, como forma de salvar a vida no planeta e a própria idéia de que sejamos humanos.

Os diferentes pensadores que nos acompanharam nessa jornada serviram para aferir a sensibilidade e agudeza com que os narradores dessas histórias souberam se construir. O fato do autor, em última instância, permitir uma abertura filosófica nos encaminhamentos narrativos, figurando de forma poética os processos de constituição e superação, senão diluição das identidades do sertanejo, acabou por dar o tom dessa pesquisa.

ANEXOS

Anexo I

Biografia do Autor

Osório Alves de Castro nasceu em 1901, em Santa Maria da Vitória, cidade localizada à margem esquerda do Rio Corrente, afluente da margem esquerda do Rio São Francisco. Na qualidade de assessor da intendência, nega-se a assinar decretos de um coronel golpista, atitude que o obriga a fugir da cidade, com destino ao Rio de Janeiro, onde incorpora-se à Marinha. Deserta e passa a viver uma vida clandestina. Torna-se amigo de alguns anarquistas ligados ao professor Oiticica. Aprende a profissão de alfaiate. Com a prisão desse líder, muda-se para São Paulo, estabelecendo-se definitivamente na cidade de Marília, no interior do estado. Funda a Alfaiataria Rex que aos poucos se transforma em um ponto de encontro da intelectualidade local. Costurava roupas durante o dia e à noite tecia suas narrativas. A militância no Partido Comunista lhe rende perseguições e encarceramentos. Em tais ocasiões tinha seus escritos confiscados e não devolvidos. O romance *Porto Calendário*, redigido entre 1942 e 1945, foi publicado somente em 1961 e lhe mereceu o Prêmio Jabuti no ano seguinte. Constata-se que aquele texto teve de ser reescrito várias vezes. O autor morre em 1978, às vésperas da edição de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, seu segundo romance, ficar pronta. Em 1990, um grupo de intelectuais baianos consegue a publicação de *Bahiano Tietê*. Consta de seus inéditos um outro romance, *Nhonô Pedreira*, cujos originais, se acham repletos de correções, cortes, imagens imprecisas. Em outras palavras, é um texto que exige um cuidadoso trabalho de decifração e complementação antes de ser editado.

Anexo II

Sinopse das obras

Porto Calendário

Em *Porto Calendário*, Osório Alves de Castro nos apresenta um universo em que não há lugar para heróis. A ação vai se dar no contexto da cidade de Santa Maria da Vitória, cidade às margens do Rio Corrente, afluente da margem esquerda do Rio São Francisco, como um universo perdido no tempo, só situável por alguns indícios no primeiro plano que colocam a narrativa entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. No mais, um tempo nebuloso, de uma idade arcaica, em cujas sombras os seres se debatem, buscando numa réstia de luz, possibilidades de ser, no pouco espaço que lhes deixam os poderosos. A primeira parte do romance é marcada pela sucessão de personagens que aparecem e desaparecem da cena sem deixar rastro, como a representar a humanidade perdida entre os excessos de uns poucos, os donos do poder, e o restante da população que chega às raias da animalidade, vivendo de seus mitos e migalhas. Aos deserdados resta a sobrevivência no limite do aniquilamento, premidos pelas lutas que entre si travam os coronéis pelo domínio da terra, o principal meio de produção e através do qual alcançam o poder econômico e político. Essa luta vai estar presente nas mínimas esferas do tecido social, misturando ambição e capricho, a que nada consegue escapar. A opressão aí se tornou um dado cultural. Nada pode abalar a certeza dos coronéis, de que são os donos do mundo. Nada, exceto o próprio curso da tragédia que, como uma reação da própria natureza, vem colocar limites, seja através da seca, das pragas e mazelas, os animais que não procriam, entre eles o homem. Coronéis que dominam aquele mundo, e que, entretanto, não conseguem gerar uma descendência, que lhes desse o atributo da eternidade do poder, em que estariam completos, como senhores do mundo e do tempo. Nesse contexto, o anti-herói Orindo Brotas – neto da negra Marta, considerada feiticeira, por ensinar às escravas as técnicas de aborto, a fim de que não gerassem uma descendência escrava – vai estabelecer-se como contraponto aos desmandos dos poderosos. É um homem a procura de si. Ainda criança, é expulso da escola por surrar o filho de um coronel, invertendo o fluxo do poder, falta deveras inadmissível. Na seqüência, provoca um turbilhão, de ordem

religiosa, ao tentar produzir, como seu falecido pai, imagens de santos, que resultam num choque às concepções imaginais, rendendo a acusação de arte demoníaca, tendo de fugir da cidade. Assim, inicia sua existência nômade. Está sempre a fugir, foge do próprio filho que está por nascer. Vaga pelo Rio São Francisco, como um homem perdido, sem verdade ou objetivo que o possam articular na consecução de uma ação determinada. Orindo representa o homem de lugar nenhum, sempre deslocado, buscando-se. O Rio São Francisco é apresentado como o próprio destino de sua gente, daí a inutilidade de toda busca. Vaga como um sonâmbulo, no limite do apagamento da memória, o que corresponderia a deixar de existir, enquanto subjetividade, tornando-se um vegetal. E é uma barganha com a memória o artifício de que se vale, num pacto com a cidade de Santa Maria da Vitória, quando de seu retorno, adulto, na qualidade de emissário do governo da Bahia, visando promover a paz entre os coronéis, em permanentes conflitos. A história regional é recontada através do sofrimento da gente ribeirinha em suas relações com os poderosos locais, em uma sociedade marcada pela cultura da truculência e a lei do gatilho. A escrita vem lavrada em linguagem poética, que realça, através de ritmos, coloridos, imagens, a dimensão mítica e, diria, trágica da existência daquele povo. A saga de Orindo tem seguimento no terceiro romance, *Bahiano Tietê*.

Maria fecha a porta prau boi não te pegar

Maria fecha a porta prau boi não te pegar vai ser um tipo de interlúdio entre *Porto Calendário* e *Bahiano Tietê*. Esse texto é marcado por um tempo de espera. Observa-se a gestação simbólica de um novo paradigma existencial como fruto da transformação do modelo de produção e organização social. A narrativa transcorre num tempo nebuloso, ou devaneio, em que a mulher sanfranciscana vai ser elevada a uma estatura mitológica, encarnando a mulher brasileira, heroína da nacionalidade, que apesar dos estupros, como prática generalizada do intercuro sexual, conseguiu gerar a raça brasileira em seus espasmos e busca de afirmação. Trata-se de uma escritura carregada de símbolos, metáforas que vão contar uma história, marcada por forte tensão lírica, num diálogo constante com a História Nacional, olhada criticamente.

O amor vai estar presente na narrativa em diferentes formas. O narrador, porém, foca a visão na valorização da mulher enquanto mãe da nacionalidade, uma espécie de

Marianne cabocla, centrada não nos seios, como a personagem símbolo da Revolução Francesa, mas no útero, na fecundação da raça. Maria faz um longo percurso, ao sair de seu povoado, o Araçá do Mel, em companhia de outras três jovens em busca de seus homens, que haviam partido para fazer a ‘guerra santa’ pelo Conselheiro em Canudos. A missão fracassa, pois vestidas de homens, são atacadas por uma força policial nas proximidades de Juazeiro. São tidas como revoltosos travestidos, e da emboscada apenas Maria consegue escapar. O imaginário popular vai passar a ver as quatro mulheres como santas. Maria vai encarnar as diferentes faces do amor. Primeiro se entrega a um pescador, indeciso, com quem tem de tomar a iniciativa para concretizar o ato. Num segundo momento ele começa a vê-la como uma santa intocável, o que o leva à loucura e à morte. Na seqüência, já na cidade de Juazeiro, Maria vai ser estuprada, por um coronel libertino. Depois vai conhecer o amor conjugal com Hans, um descendente de alemães. Viverá como senhora respeitável e educada, desenvolvendo talentos artísticos. Mas ela sempre está às voltas com o destino trágico de seus homens, como sugeriu um mito a seu respeito, fruto da interdição de sua “condição de santa”. Conhece, por último, o amor romântico. Quer ser a namorada recatada, que só se entrega ao amado após o casamento. Assim como ela, as mulheres do romance são fortes e obstinadas. Enfrentam a ordem patriarcal, a exemplo de Laura Emerenciano, que ama um homem casado e sedutor, Ápio Fontes de quem engravida, e à revelia dos seus e da opinião pública, se nega ao aborto como forma de encobrir o escândalo. Ela vai afirmar sua identidade feminina, criar seu filho, denunciando a truculência do assassinato de seu amado pelos seus irmãos. Também as mulheres do Araçá do Mel, lugar onde a história começa e termina, vão se insurgir contra o dominador, Félix Quarto, destruindo-o.

Bahiano Tietê

Este romance mostra a saga dos migrantes do São Francisco rumo a São Paulo, onde muitos vão ser conduzidos à fronteira agrícola para serem usados como mão de obra semi-escrava nas lavouras de café. Logo às primeiras páginas vemos o personagem Orindo, “herói” do romance *Porto Calendário*, incorporar o destino do migrante, desterritorializado, assumindo uma nova identidade. Passa então a se chamar Bahiano Tietê, negando a quem parece reconhecê-lo qualquer ligação ou conhecimento do ex-representante do governo em Santa Maria da Vitória. Apresenta-se como o homem do

entrelugar, aquele que não é ninguém, sem origem, nem um porquê. A luta do herói é uma luta pelo reconhecimento de sua humanidade. Não trava embates, não resgata os desmandos que sofre com a moeda da agressão. Vai além, apontando novas possibilidades de existir. Pensa o mundo filosoficamente, abrindo novas fronteiras para a conquista pelo “homem” da verdadeira dimensão que justifique sua humanidade. É uma narrativa, como de resto todas as narrativas de Osório, que induz o leitor a repensar o mundo e as relações interpessoais, mas sobretudo o seu país. O narrador deste romance, seguindo o viés das obras anteriores, aponta criticamente a condição feminina, conduzindo suas “heroínas” a uma luta por emancipação, como portadoras de direitos iguais perante a sociedade, sejam de ordem jurídica, social ou sexual. É bastante eloqüente a afirmação do povo brasileiro como capaz de grandes feitos, banindo idéias colonialistas que buscam agenciá-lo em inferioridades de origem genética.

FORTUNA CRÍTICA

I Produção Acadêmica

CASTRO, Osório A.. Uma nova dimensão no romance brasileiro. Marília, Revista Alfa, do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - UNESP, p. 93-101, 1963.

CASTRO, Osório A.. Porto Calendário, o romance regionalista do alfaiate Osório. São Paulo, Revista Escrita, nº 5, ano I, 1976.

COELHO, Nelly N.. Porto Calendário. In *O Ensino da Literatura*. P. 332-8. São Paulo, Editora F.T.D., 1966.

DIMAS, Antonio. E o alfaiate pegou a caneta e costurou sua obra-prima. À moda de Guimarães Rosa. O Estado de São Paulo, 28/05/1977.

MARTINS, Wilson. Estilo e assunto. In *Pontos de Vista*. P. 553-63. São Paulo, T.A. Queiroz, Editor, 1992.

MINDLIN, José. Um Dedo de Prosa. A ficção, de Guimarães rosa a João Ubaldo Ribeiro, em 18 preciosos trechos iniciais que honram a língua portuguesa. Revista Época, nº 100, abril de 2000.

PASTANA, Eliana N.L.. Osório Alves de Castro (1901 – 1978): Biografia e Fortuna Crítica. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Assis, 2004.

SALES, Fernando. O rio São Francisco na literatura brasileira. São Paulo, Revista Leitura, fevereiro de 1986.

SILVEIRA, Alcântara. A Renovação da “Francisco Alves”, In Excitantes & Relaxantes. S/ref..

SIMÕES, Roberto. A Ficção das Gerais. Revista brasileira, setembro-outubro de 1962, nº 49, p.60-65.

II Notas em Jornais

Autor de “Porto Calendário” na TV de São Paulo falando sobre o romance Paulista. Jornal do Comércio, de Marília, 1961. Fala da entrevista de Osório no programa “Brasil 61” de Bibi Ferreira na Televisão Paulista, canal 5.

Estilo e Assunto – II. Wilson Martins. São Paulo, O Estado de São Paulo – Suplemento Literário, 1961.

O homem que costurava palavras. Paulo Moreira Leite, São Paulo, Folha Ilustrada, 27/10/1977.

Uma lição de resistência. Nildo Carlos Oliveira. São Paulo, Folha de São Paulo, 3/09/1978.

Morreu Osório Alves de Castro, Na morte, o último protesto do escritor. São Paulo, Folha da Tarde, 11/12/1978

O autor morre: um novo romance na rua. São Paulo, Folha de São Paulo, 13/12/1978.

Nosso Osório. Lourenço Diaféria. São Paulo, Folha de São Paulo, 13/12/1978.

Osório, injustiçado pela vida. E traído pela morte. São Paulo, Jornal da Tarde, 14/12/1978.

Tesouro de Osório para o Museu. São Paulo, Folha da Tarde, 21/12/1978.

Prêmio Literário “Jabuti” poderá vir para Marília. Marília, Jornal do Comércio, 22/12/1978.

O autor morre: um novo romance na rua. Santa Maria da Vitória, O posseiro, 1979.

Homenagem para um escritor morto. São Paulo, Folha de São Paulo, 21/02/1979.

O místico e o folclórico em defesa de uma terra ameaçada. Beth Brait, São Paulo, Jornal da Tarde, 3/12/1979.

Homenagem a dois democratas de Marília. Jurandir Barroso, Marília, Voz da Unidade, 12 a 18/06/1980.

O homem que sonhou com o Estado do São Francisco. Nildo Carlos Oliveira, São Paulo, Folha da Tarde, 23/12/1981.

O romance histórico que Guimarães Rosa não viu. Salvador, A Tarde, 7/03/1991.

Um romancista da integração nacional. Gey Espinheira. Salvador, A Tarde Cultural, 9/03/1991

E o alfaiate pegou a caneta e costurou sua obra-prima. À moda de Guimarães Rosa. Contém um trecho do artigo de Antonio Dimas, publicado em 1977, assim como uma das cartas de Guimarães Rosa a Osório. Traz comentários sobre os livros *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* e *Bahiano Tietê*. Jornal da Manhã, Marília, 21/06/1991.

Centenário de Osório. Mylton Severiano, Revista Caros Amigos, junho de 2001.

Osório Alves de Castro é homenageado na Universidade Católica de Goiás. Jornal Corrente Cultural, Boletim da Casa de Cultura Antonio Lisboa de Moraes, Santa Maria da Vitória, maio de 2003. Contém diversas notícias sobre o autor e obra, inclusive uma cópia da carta de Guimarães Rosa a Osório, datada de 21/10/1963.

III Eventos Acadêmicos

O Velho Osório: vida e obra. Mesas redondas: 29 e 30 de junho de 1989. Exposição de fotografias e material bibliográfico. Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Campus de Marília/SP.

O escritor do Vale do São Francisco. Nildo Carlos Oliveira. Conferência proferida na Faculdade de Letras da Unesp, Marília, SP, 30/06/1989.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.. Discurso sobre lírica e sociedade. In *Teoria da literatura e suas fontes*. Luiz Costa Lima (org.) Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História. Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

ALBUQUERQUE, Durval M. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo, Cortez Editora, 2001.

ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo, Editora 34, 2000.

AMADO, Jorge. *Terras do Sem Fim*. Rio de Janeiro, Record, 2002.

AMADO, Jorge. *Tocaia Grande*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo, Ática, coleção Temas, v. 9, 1989.

ANDERSON, Benedict. Memória e esquecimento. In *Nacionalidade em questão*. Maria Helena Rouanet (org.). Cadernos da Pós/Letras. Rio de Janeiro, Gráfica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. New York, Verso, 2006.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007.
- AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo, Ática, 1997.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- BACHELARD, Gaston. *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos*. São Paulo, Martins Fontes, 2001a.
- BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade*. São Paulo, Martins Fontes, 2001b.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BADIOU, Alain. *Para uma Nova Teoria do Sujeito*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro, Editora Forense-Universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *The Dialogic Imagination*. Austin, University of Texas Press, 2006.
- BARRENTO, João. “Figuras da modernidade na poesia urbana: de Baudelaire a Pessoa”. In: *O Espinho de Sócrates*. Lisboa: Presença, 1987.
- BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris, Éditions du Seuil, 1973.

- BARTHES, Roland. *A Aventura Semiológica*. Lisboa, Edições 70, 1985.
- BARTHES, Roland. *Racine*. Porto Alegre, LP&M Editores, 1987.
- BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.
- BAUDELAIRE. *Les Fleurs du mal*. Paris, Librairie Générale Française, 1972.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Editora Brasiliense, v.1, 1996.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, Pontes, 2006.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- BHABHA, Homi. Narrando a nação. *Nacionalidade em questão*. Maria Helena Rouanet (org.). Cadernos da Pós/Letras. Rio de Janeiro, Gráfica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003
- BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- BOLLE, Willi. *grandesertão.br*. São Paulo, Editora 34, 2004.
- BOOTH, Wayne C.. *The Rhetoric of Fiction*. Chicago University Press, 1983.
- BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo, Ática, Coleção Escritores Brasileiros, 1982.

- BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno, ensaios de crítica literária e ideologia*. São Paulo, Ática, 1988.
- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo, Ática, 1991.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- BOUCHARD, Gérard. Identité collective et sentiment national dans le nouveau monde. Pour une histoire comparée des collectivités neuves et cultures fondatrices. *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques*. Org. Andrés Bernard e Zila Bernd. Montréal : Éditions Nota Bene, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2005.
- BRADBURY, Malcolm e MACFARLANE, James. *Modernismo*. Guia Geral (1890-1930). Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2005.
- BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- BURITY, Joanildo A.. *cultura e Identidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.
- CALLIGARIS, Contardo. Elogio da Cidade, In Pechman, Robert (org.). *Olhares sobre a Cidade*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem & Outras Metas*. São Paulo, Perspectiva, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Editora Nacional, 1976.

- CANDIDO, Antonio. *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo, Unesp, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte, Itatiaia, v. 1 e 2, 1997.
- CAPELÃO, André. *Tratado de amor cortes*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- CARDOSO, Fernando H... [et al.]. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. *O Brasil Republicano*. Boris Fausto (dir.). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, vl. 8, 2006.
- CARDOSO JR., Hélio Rebello. In RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGANETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- CARONE, Edgar. *A Primeira República*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.
- CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das Formas Simbólicas. I – A Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das Formas Simbólicas. II – O Pensamento Mítico*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- CASTRO, O. A.. *Porto Calendário*. São Paulo, Símbolo, 1961.
- CASTRO, Osório Alves. *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*. São Paulo, Símbolo, 1978.
- CASTRO, O. A.. *Bahiano Tiete*. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. Merleau-Ponty Obra de arte e filosofia. In *Artepensamento*. Aduato Novaes (org.). São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

- CHELEBOURG, Christian. *L'imaginaire littéraire. Des archétypes à la poétique du sujet*. Paris, Éditions Nathan, 2000.
- CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2000.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria, literatura e senso comum*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
- CORTÁZAR, Julio. *Válise de Cronópio*. São Paulo, Perspectiva, 2006.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- CROCE, Benedetto. *Breviário de Estética. Aesthetica in nuce*. São Paulo, Ática, 1997.
- DACANAL, José H. *Nova narrativa épica no Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34, vol. 1, 1995; vol. 2, 1997; vol. 3, 1996; vol. 4, 1997; vol. 5, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. São Paulo, Editora Unesp, 2002.
- DOMENECH, Miguel et all. A dobra: psicologia e subjetivação. In *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Tradução e org. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- DURANT, Will. *A História da Filosofia*. São Paulo, Nova Cultural, 2000.

ECO, Umberto e SEBEOK, Thomas A.. *O Signo de Três*. São Paulo, Perspectiva, 2004.

ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*. São Paulo, Companhia da Letras, 2006.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano. A essência das religiões*. Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, s/d.

EPSTEIN, Isaac. *Gramática do Poder*. São Paulo, Ática, 1993.

FARIAS, Sônia L. Ramalho. *O Sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna*. Recife, Editora Universitária-UFPE, 2006.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro, Livraria Fator, 1983.

FELÍCIO, Vera Lucia G.. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo, Edusp, 1994.

FEARN, Nicholas. *Novas respostas para antigas questões*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

FISCHER, Ernst. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A Mulher/ Os rapazes. Da História da Sexualidade*. São Paulo, Paz e Terra, 2002a.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo, Martins Fontes, 2002b.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Editora Vozes, 2005a.

- FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura*. São Paulo, Perspectiva, 2005b.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Record, 1998.
- FREYRE, Gilberto. *Além do Apenas Moderno*. Rio de Janeiro, Universidade Editora, 2001.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*. In *Obras completas psicológicas*. VI 7.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo, Cultrix, 1957.
- FRYE, Northrop. *O Caminho Crítico*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- GALVÃO, Walnice. *Mitológica Rosiana*. São Paulo, Ática, 1978.
- GALVÃO, Walnice. *As Formas do Falso*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1986.
- GALVÃO, Walnice N.. *No Calor da Hora*. São Paulo, Ática, 1994.
- GIL, José. *A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções. Estética e Metafenomenologia*. Lisboa, Relógio-D'Água Editores, 1996.
- GIL, José. *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo, Ed. 34; Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GOLDMANN, Lucien. *A Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- GORELIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In, *Narrativas da Modernidade*. Wander Melo Miranda (org.). Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

- GRANGER, G.G.. *Filosofia do Estilo*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Production of Presence*. Stanford, Stanford University Press, 2004.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo, Cia das Letras, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.
- HAMILTON, Edith. *The Greek Way to Western Civilization*. New York, New American Library, 1963.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis, Editora Vozes, 2005, Parte I e II.
- HOLANDA, Sérgio B.. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- HOMERO. *L'Iliade*. Paris, Brodard et Taupin, 1988.
- HOMERO. *Odisséia*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.
- HONNETH, A.. *Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo, Editora 34, 2003.
- ISER, Wolfgang. *The Act of Reading. A Theory of Aesthetic Response*. Baltimore, USA, The Johns Hopkins University Press. 1980.

- ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In *Teoria da Literatura e suas Fontes*. Luiz Costa Lima (org.) Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.
- JAEGER, Werner. *Paidéia – A Formação do Homem Grego*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*. São Paulo, Hucitec, 1985.
- JOSGRILBERG, Fabiao B.. *Cotidiano e invenção. Os espaços de Michel de Certeau*. São Paulo, Escrituras, 2005.
- JUNG, Carl G.. *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1987.
- JUNG, Carl G.. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.
- JUNIOR, Caio P.. *Organização do Estado Nacional*. In *Coleção Grandes Cientistas Sociais. História*. Francis Iglésias (org.), Florestan Fernandes (coord.). São Paulo, Ática, 1982.
- KRISTEVA, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Sarthe, Brodard et Taupin, 1988.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo, Perspectiva, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Editora Unicamp, 2003.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo enxada e voto*. São Paulo, Alfa-Omega, 1975.
- LEVINAS, Emmanuel. *Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa, Instituto Piaget, 1967.
- LEVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Barcelona, Liberduplex, 1978.

- LEVINAS, Emmanuel. *Entre Nós. Ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2005.
- LINS DO REGO, José. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.
- LINS DO REGO, José. *Pedra Bonita*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1999.
- LINS, Wilson. *Os Cabras do Coronel*. Rio de Janeiro, Edições GRD, 1964.
- LINS, Wilson. *O Médio São Francisco, uma sociedade de pastores e guerreiros*. Salvador, Livraria Progresso Editora, 1951.
- LINS, Wilson. *O Reduto*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1965.
- LINS, Wilson. *Remanso da Valentia*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1967.
- LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo, uma casa após a outra*. Salvador, EGB, 1997.
- LUCAS, Fábio. *O Caráter Social da Literatura Brasileira*. São Paulo, Quíron, 1976.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. São Paulo, Duas Cidades Editora 34, 2000.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- MELLO, Maria A. M.. O coronelismo numa perspectiva historiográfica. In *Coronéis e Oligarquias*. Salvador, UFBA-IANAMÁ, 1988.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- MEZAN, Renato. *Interfâces da Psicanálise*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

- MEZAN, Renato. *Freud: A trama dos conceitos*. São Paulo, Perspectiva, 2006.
- MORAES, Walfrido. *Jagunços e Heróis*. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia, 1997.
- MORRIS, Desmond. *O macaco nu. Um estudo do animal humano*. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- NAPOLI, R B.. 2000 *Ética e compreensão do outro. A Ética de Wilhelm Dilthey sob a perspectiva do encontro interétnico*. Porto Alegre, Edipucrs.
- NIETZSCHE, Friedrich. *La naissance de La tragédie*. Paris, Éditions Gallimard, 1977.
- NOVAES, Adauto (org.). *Artepensamento*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- ORTEGA Y GASSET, José. *O homem e a gente*. Rio de Janeiro, Livro Ibero-Americano, 1973.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. São Paulo, Livro Ibero-Americano, 1967.
- OVIDÍO. *A arte de amar*. Porto Alegre, LP&M, 2001.
- PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias 1889-1943*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- PANOFSKY, Erwin. *Estudos de Iconologia: temas humanísticos na arte do renascimento*. Lisboa, Editorial Estampa, 1995.
- PANOFSKY, Erwin. *Idea: A Evolução do Conceito de Belo*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- PAZ, Octavio. *A Dupla Chama. Amor e Erotismo*. São Paulo, Siciliano, 1994.
- PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1996.
- PEIRCE, Charles S.. *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 2005.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Pedra e o Sonho. Os Caminhos do Imaginário Urbano*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1999.
- PETERSON, Janet. “Pour une poétique du personnage de l’Autre”. – *Figures de l’Autre dans le Roman Québécois*. Montreal, Éditions Nota Bene, 2004.
- PIERSON, Donald. *O homem no Vale do São Francisco*. Rio de Janeiro, Ministério do Interior, Superintendência do Vale do São Francisco. Tomos I e III, 1972.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio... [et al]. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. *O Brasil Republicano*. Boris Fausto (dir.). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, vl. 9, 2006.
- POULET, Georges. *O Espaço Proustiano*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- QUEIROZ, Maria Isaura P.. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 2003.
- RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro, Record, 1996.

- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro, Record, 2005.
- RENAN, Ernest *et al.* *Nacionalidade em questão*. Maria Helena Rouanet (org.).
Cadernos da Pós/Letras. Rio de Janeiro, Gráfica da Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa, Edições 70, 1976.
- RIDER, Jacques; PLON, Michel; RAULET, Gérard; REY-FLAUD, Henry. *En torno de
O mal-estar na cultura, de Freud*. São Paulo, Estuta, 2002.
- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- ROSA, João Guimarães. *Estas estórias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira,
1986.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In *Nunca fomos humanos: nos rastros do
sujeito*. Tradução e org. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Autêntica,
2001.
- ROUANET, Sergio P.. *Mal-estar na Modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras,
2003.
- ROUGEMONT, Denis de. *História do Amor no Ocidente*. Rio de Janeiro, Ediouro,
2003.
- RUIZ, Castor Bartolomé. *Os Paradoxos do Imaginário*. São Leopoldo, Editora
Unisinos, 2004.

- SANT'ANNA, Affonso R.. *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*. São Paulo, Ática, 1990.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2000.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Parte III. São Paulo, Nova Cultural, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Seqüências Brasileiras*. São Paulo, Cia da Letras, 1999.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo, Duas Cidades, Ed. 34, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo, Machado de Assis*. São Paulo, Duas Cidades, Ed. 34, 2000.
- SEGRES, Cesare. *Os signos e a crítica*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- SERRES, Michel. *Hominescências. O começo de uma outra Humanidade?*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- SOUZA, Alírio F. B.. *O Coronelismo no Médio São Francisco, um estudo de poder local*. Salvador, Microtextos Edições Gráficas, 1998.
- SPERBER, Suzi F.. *Guimarães Rosa. Signo e Sentimento*. São Paulo, Ática, 1982.
- STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993.
- TADIÉ, Jean-Yves & Marc. *Le sens de la mémoire*. Paris, Éditions Gallimard, 1999.
- TEIXEIRA, Cid. As Oligarquias na Política Baiana. In *Coronéis e Oligarquias*. Salvador, UFBA/IANAMÁ, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo, Perspectiva, 2006.

- TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e a Mãe-Terra. Uma História Narrativa do Mundo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.
- TRONCA, Ítalo. Foucault, a doença e a linguagem delirante da memória. In *MEMÓRIA E (RES) SENTIMENTO. Indagações sobre uma questão sensível*. Bresciani e Naxara (orgs.). Campinas, Editora Unicamp, 2004.
- TURCHI, Maria Zaira. *Literatura e antropologia do imaginário*. Brasília, Editora UNB, 2003.
- VIANNA, Lúcia H. P.. *Cenas de amor e morte na ficção brasileira*. Niterói, EdUFF, 1999.
- VILAÇA, Marcos V.; ALBUQUERQUE, Roberto C.. *Coronel Coronéis*. Rio de Janeiro, UFF/EdUFF, 1988.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo, Edusp, 1994.
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade, na História e na Literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- WOORTMANN, Ellen. F.. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo, Hucitec/Edunb, 1994.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)